

Jornada de Pedagogia (JORPED) e Encontro Integrador do Estágio
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí

ANAIIS

Jornada de Pedagogia (JORPED) e Encontro Integrador do Estágio

V. 16, n. 1, 2024.

CURSO DE PEDAGOGIA

UNESPAR - CAMPUS DE PARANAVAÍ

APRESENTAÇÃO

O evento Jornada da Pedagogia (JORPED) e Encontro Integrador do Estágio, v. 17, n. 1, organizado pelo curso de Pedagogia da Unespar – Campus de Paranavaí, ocorreu em dois momentos durante o ano de 2024. No mês de agosto, especificamente nos dias 22 e 27 e no dia 9 de setembro, deu-se a primeira parte da JORPED com atividades específicas de formação tendo por tema “Alfabetização inclusiva e humanizadora: os dilemas da era digital”. A segunda parte do evento uniu-se com o IV Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de Pedagogia que ocorreu entre os dias 25 e 29 de novembro de 2024.

Tratou-se de uma atividade específica do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR, do Campus de Paranavaí. A JORPED teve início em 1998, porém teve suas edições interrompidas em 2020 devido à pandemia. Este evento reunia os trabalhos de todas as áreas do curso de Pedagogia, especialmente os resultados do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Tínhamos uma semana específica de defesa de bancas de TCC externa à JORPED, no qual, este evento era para os acadêmicos uma prévia da apresentação da banca, em que publicavam também resumos expandidos do trabalho em finalização.

Durante a pandemia, o curso de Pedagogia não suspendeu suas atividades, realizando aulas e projetos por meio remoto. Neste sentido, foi possível organizar um evento reunindo debates e apresentações de trabalhos sobre os estágios desenvolvidos nas disciplinas do curso. Este evento, denominado *Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de Pedagogia* teve duas edições em 2021 (19 de novembro a 4 de dezembro de 2021) e em 2023 (13,14 e 15 de fevereiro de 2023). Após a retomada do ensino presencial, no ano de 2023, a JORPED também teve sua edição retomada (XV JORPED, realizada entre os dias 28 de novembro a 2

de dezembro de 2023). Neste, os professores decidiram aglutinar os dois eventos do curso na mesma data, a fim de que os trabalhos de TCC também fossem apresentados durante o evento, não apenas como uma prévia, mas com todo o ritual das defesas de bancas públicas. Neste evento, optamos por manter dois anais distintos, um para a JORPED e outro para o evento de estágio. Os artigos completos dos trabalhos de TCC foram publicados como capítulos de livros em um ebook específico, por este motivo, na JORPED foram requisitados apenas resumos simples.

No ano de 2024, no evento, além das palestras, foram apresentados os trabalhos frutos das ações realizadas pelos estudantes no estágio supervisionado durante o ano de 2024, sendo um momento profícuo para a formação acadêmica e profissional. Foi decidido realizar os dois eventos em datas distintas, porém, manter todos os trabalhos em um único documento de anais, sendo que, para os trabalhos de TCC foi requisitado apenas o resumo simples, como na edição anterior.

Seguindo o que prescreve o Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado em Pedagogia, as ações foram realizadas considerando o estágio como um ato educativo, desenvolvido no ambiente de trabalho, sob a orientação e supervisão de docentes da universidade. Considera-se que é um momento importante e rico em aprendizagem e desenvolvimento para todos os que acreditam e se dedicam na construção de uma escola viva, ativa, construtora e disseminadora de conhecimentos científicos e, acima de tudo, humanizadora. Todas as ações realizadas objetivaram a formação profissional e humana, voltadas para qualidade do ensino na qual os estudantes são instigados a usar e desenvolver plenamente os conhecimentos apropriados para um futuro exercício profissional e desenvolver o compromisso com a realidade sócio-histórica, política e econômica no país.

Nessa direção, essa edição reúne trabalhos dos acadêmicos que realizaram Estágio Curricular Supervisionado no ano de 2024 e resumos de algumas das pesquisas de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Como disciplina, o estágio supervisionado é oferecido nos respectivos anos: Ensino e Estágio em Educação Infantil (2º ano); Estágio e Metodologia do Ensino da Alfabetização (3º ano); Ensino e Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (3º ano); Ensino e Estágio em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Educacional (4º ano).

Jornada de Pedagogia (JORPED) e Encontro Integrador do Estágio
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí

Assim, por meio desse documento, socializa-se as experiências de práticas vivenciadas e estudos realizados que foram significativos para a formação de nossos/as estudantes e condensa, em certa medida, o que foi a JORPED 2024 e o IV Encontro Integrador do Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Unespar – Campus de Paranavaí.

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO GERAL

Dra. Edinéia Fátima Navarro Chilante

Dra. Fátima Aparecida De Souza Francioli

Dra. Lucinéia Maria Lazaretti

EDITORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS

Dra. Christina Aparecida dos Santos

Dra. Rita de Cassia Alves

COMISSÃO ORGANIZADORA

Dr. Adão A. Molina

Dra. Adriana Aparecida Rodrigues

Me. Adriana Silva Oliveira

Dra. Aline Roberta Tacon Dambros

Dra. Cássia Regina Dias Pereira

Dra. Christina Aparecida dos Santos

Dra. Dorcely Isabel Bellanda Garcia

Dra. Edinéia Fátima Navarro Chilante

Dr. Elias Canuto Brandão

Dra. Fabiana Silva Botta Demizu

Dra. Fátima Souza Francioli

Me. Karla Cristina Prudente Pereira

Me. Luara Alexandre dos Santos

Dra. Lucineia Maria Lazaretti

Dra. Lussuede Luciana de Sousa Ferro

Jornada de Pedagogia (JORPED) e Encontro Integrador do Estágio
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí

Dra. Márcia Marlene Stentzler

Dra. Maria Luisa da Silva Borniotto

Dra. Nájela Tavares Ujiie

Dra. Rita de Cássia Alves

Dra. Rita de Cássia Pizoli Oliveira

Dra. Rosângela Trabuço Malvestio da Silva

Dra. Taís Renata Maziero Girdelli

Dra. Viviane da Silva Batista

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dra. Adriana Aparecida Rodrigues

Me. Adriana Oliveira Silva

Dra. Cássia Regina Dias Pereira

Dra. Christina Aparecida dos Santos

Dra. Fabiana Silva Botta Demizu

Dra. Fátima Aparecida De Souza Francioli

Me. Luara Alexandre dos Santos

Dra. Lucinéia Maria Lazaretti

Dra. Lussuede Luciana Souza Ferro

Dra. Márcia Marlene Stentzler

Dra. Maria Luisa da Silva Borniotto

Dra. Rita de Cassia Alves

Dra. Rita de Cássia Pizoli

Dra. Rosângela Trabuço Malvestio da Silva

Dra. Viviane Silva Batista

Dra. Taís Renata Maziero Girdelli

Ficha elaborada pela Biblioteca da UNESPAR, Campus de Paranaíba
Bibliotecária Responsável: Vânia Jacó da Silva, CRB 1544-9

J82 Jornada da Pedagogia (16.:2025: Paranaíba) e do Encontro Integrador do
Estágio do Curso de Pedagogia da Unespar (4.: 2025: Paranaíba, PR).
Anais. 16. Jornada da Pedagogia (JORPED) e 4. Encontro Integrador do Estágio
Curricular Supervisionado do Curso de Pedagogia da Unespar / coordenado por
Edinéia Fátima Navarro Chilante. – Paranaíba: Unespar, 2024.
528 p.

Caderno digital; pdf: 8.79 mb

Inclui bibliografia

Disponível em:

<https://paranaiba.unespar.edu.br/graduacao/cursos/pedagogia/eventos-2>

ISBN: 978-65-01-43952-5

1. Educação. 2. Estágio Supervisionado Curricular. I. Chilante, Edinéia
Fátima Navarro. II. Francioli, Fátima Aparecida De Souza. III. Lazaretti, Lucinéia
Maria. IV. Título.

CDD 20. ed. 370.71

SUMÁRIO

RESUMO

A ATIVIDADE DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL	16
ABUSO E VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: O PAPEL DO PROFESSOR.	18
A COZINHA DE BARRO: APRENDIZADO E CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO NOVO ENSINO MÉDIO NA EJA: NOVO TELECURSO?.....	21
A ESCRITA ORTOGRÁFICA DOS ALUNOS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	22
A GESTÃO EMPRESARIAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO PARANÁ: IMPLICAÇÕES A GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA.	24
A IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS PARA O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A BUSCA PELA INCLUSÃO.....	26
A INTEGRAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO EDUCACIONAL A PARTIR DOS GÊNEROS TEXTUAIS.....	28
ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: COMPREENDENDO E DESENVOLVENDO POTENCIAIS.....	29
A MÚSICA E A ALFABETIZAÇÃO: INTER-RELAÇÕES POSSÍVEIS	31
ANÁLISE E AVALIAÇÃO DA APLICAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERDISCIPLINAR: “COMO EU CHEGUEI AQUI?”.....	33
A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO DESEMPENHO ESCOLAR DOS FILHOS	34

A PEDAGOGIA HOSPITALAR E O FUNCIONAMENTO DA CLASSE HOSPITALAR.....	35
AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POTENCIALIDADES	37
CONSIDERAÇÕES DO MÉTODO CONSTRUTIVISTA NA ALFABETIZAÇÃO	38
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE	40
CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES - UM OLHAR PARA OS PROFESSORES DO CAMPO.....	42
DESENHO NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	44
ESPAÇO EDUCATIVO E NATUREZA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	45
HOMENS NO CURSO DE PEDAGOGIA: TENSÕES E DEBATES SOBRE SUA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL	47
IMPACTOS DA COVID-19 NO ENSINO E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO PÓS-PANDEMIA.....	48
INTERAÇÃO DOS BEBÊS COM OS LIVROS: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA	50
NOVO ENSINO MÉDIO: O QUE MUDA NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E NA GESTÃO ESCOLAR NA EJA?	51
O JOGOS ENQUANTO UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE E DA ESCRITA.....	53
O LETRAMENTO DAS CRIANÇAS SURDAS NO AMBIENTE ESCOLAR.....	54
O LIVRO COMO POTENCIALIZADOR DAS APRENDIZAGENS INFANTIS: IMPLICAÇÕES PARA A AÇÃO DOCENTE	55

O PAPEL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO E INCLUSÃO DE SURDOS	56
O PAPEL DO ESTADO NA FORMULAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A ALFABETIZAÇÃO: UM ESTUDO DA PNA.	58
O PAPEL DO PLANEJAMENTO NA GESTÃO PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS ESTADUAIS	60
O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NA INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO AUTISTA	62
ORGANIZAÇÃO DO ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E INCLUSÃO: DIÁLOGOS COM A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	63
ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA E DE GESTÃO ESCOLAR: A ESCOLA PÚBLICA CÍVICO-MILITAR.	65
O DESENHO NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL	67
PRÁTICAS ROTINEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO	68
PROGRAMA MAIS APRENDIZAGEM	69
RAMIFICAÇÕES ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	71
REFLEXÃO DAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO SOB OS PRINCÍPIOS DO MÉTODO FÔNICO	73
REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS DO USO DE GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	75
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: A APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03 NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	77
SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL: EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS A PARTIR DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO.	78

TECENDO SABERES: ZILDA ARNS E A EDUCAÇÃO POR MEIO DA SAÚDE.....	80
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	82

ARTIGO COMPLETO

SEGUNDO ANO

A ARTE COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	86
A COZINHA DE BARRO: APRENDIZADO E CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	102
A HORTA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	108
A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EDUCATIVO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	114
CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DE APRESENTAR OS ELEMENTOS NATURAIS PARA AS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	123
DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE: RELATOS DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	132
ESPAÇO EDUCATIVO E NATUREZA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	140
EXPLORANDO A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS COM O MINHOCÁRIO	151
MANIPULAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO NATURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	165
O PLANEJAMENTO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM: RELATANDO DESAFIOS E POSSIBILIDADES	174
ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VIVÊNCIAS COM A NATUREZA.	185

OS BEBÊS E A INTERAÇÃO COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	198
PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	209
PRÁTICA DE ESTÁGIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	216
REFLEXÕES SOBRE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NO INFANTIL ...	224
REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL.....	233
VIVÊNCIAS COM A NATUREZA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL	241
VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONHECENDO E APRENDENDO SOBRE OS ELEMENTOS NATURAIS	247

TERCEIRO ANO

A IMPORTÂNCIA DE UTILIZAR RECURSOS LÚDICOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.	256
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	270
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO PROCESSO DA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL	285
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	294
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE UM ESTUDO DE CAMPO.....	305
A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA DISCIPLINA DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS	316

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	329
A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	342
ALFABETIZAÇÃO LÚDICA: O IMPACTO DA BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA	353
APRENDER BRINCANDO: O PAPEL DOS MATERIAS CONCRETOS NA EDUCAÇÃO	361
ESTÁGIO EM ALFABETIZAÇÃO: UM MOVIMENTO TEÓRICO E PRÁTICO A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL	375
ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS: INTERVENÇÃO E APRENDIZAGEM DOS ADVÉRBIOS.....	385
ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ALFABETIZAÇÃO: A FORMAÇÃO DOCENTE NA PRÁTICA.....	394
EXPLORANDO GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: DESENVOLVENDO HABILIDADES ORTOGRÁFICAS	403
IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE DE ESTUDO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS, A PARTIR DA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.	416
IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	426
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS: REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA EM DUAS TURMAS.....	437
JOGOS EM SALA DE AULA: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE E DA ESCRITA	449
LEITURA E A ESCRITA: O MOVIMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ALFABETIZAÇÃO	460
O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL, COM JORNADA AMPLIADA.....	469

O DESENVOLVIMENTO DOS CONCEITOS CIENTÍFICOS ATRAVÉS DO ENSINO DO CICLO DA ÁGUA NO 5º ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	483
O LÚDICO COMO ALIADO NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO	489
REFLEXÕES E APRENDIZADOS: VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO NA PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO	500
REFLEXÕES E DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.	509
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA MULTIPLICAÇÃO NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	519

RESUMO

A ATIVIDADE DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

GARCIA, Maria Eduarda¹

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí)

LAZARETTI, Lucineia Maria²

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí)

RESUMO: Este resumo tem como objeto de estudo a atividade do desenho na Educação Infantil. O desenho é um fenômeno histórico-social, visto que essa atividade está diariamente presente no nosso cotidiano, considerado, a partir da teoria histórico-cultural como uma linguagem e uma atividade produtiva, na qual as crianças se expressam, e se comunicam com o mundo ao seu redor contribuindo, conseqüentemente, para ampliação do sistema simbólico, imaginação, criatividade, memória e sua coordenação motora, organizando seu pensamento e construindo por meio das suas representações gráficas um espaço imaginário, inventivo e criador. E, nesse processo, o desenho se torna uma atividade produtiva, onde a criança idealiza um resultado. No entanto, esse estudo se configura como uma pesquisa qualitativa de caráter teórico-bibliográfico ancorado nos pressupostos teóricos da Teoria Histórico-Cultural, com base nos autores que contribuíram para o entendimento deste tema como, Mukhina (1995), Solovieva (2016), Tshako, (2015), Vygotsky (2018), Printes (2018), Boriollo (2022), Lazaretti (2013) e Martins (2013). Estes autores, apontam o desenho como uma linguagem, referindo-se a um sistema de signos que, a partir de suas relações externas, provoca um desenvolvimento interno psíquico. Diante disso, podemos afirmar que essa mediação entre a atividade psíquica interior e a prática exterior é fundamental para o desenvolvimento da consciência, e se origina e se aperfeiçoa a depender da qualidade das experiências acumuladas pela criança, em contato com fenômenos e objetos da natureza físico-social, proporcionando, assim, a internalização dos conhecimentos historicamente constituídos. Em um processo de transformação, ocorre um salto qualitativo que transforma a atividade vital humana em atividade produtora. Isso implica que as crianças se apropriam de conhecimentos e significados a partir das objetivações humanas que lhes são oferecidas por meio da mediação de outras pessoas. Portanto, ao analisar o papel do desenho no desenvolvimento infantil, é essencial considerá-lo não apenas como uma atividade lúdica, mas como um conteúdo significativo de ensino, conceituando como uma das atividades produtivas. Dessa forma, os resultados apontam que o desenho direcionado é um potencializador para o desenvolvimento infantil, que se origina e se

¹ Acadêmica do 4º ano do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí). E-mail: mariaeduardagarcia552@gmail.com.

² Professor Orientador. Doutora em Educação. Professora Adjunta do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí). E-mail: lucineia.lazaretti@ies.unespar.edu.br.

aperfeiçoa a depender da qualidade das experiências acumuladas pelas crianças, em contato com fenômenos e objetos que os cercam.

Palavras-chave: Educação Infantil. Ensino-aprendizagem. Desenho. Teoria Histórico-Cultural

ABUSO E VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: O PAPEL DO PROFESSOR

PALMA, Angélica Conceição, ³

SILVA, Rosangela Trabuco Malvestio da ⁴

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo estudar sobre a violência sexual e outros tipos de abusos contra criança e adolescente. Este tema é de extrema importância pois discutir sobre educação sexual tanto no espaço familiar como no espaço escolar pode prevenir e/ou informar a criança e o adolescente da existência do abuso sexual, proporcionando-os conhecimento para que os mesmos possam denunciar e buscar proteção. A metodologia utilizada recorre a um levantamento bibliográfico de caráter qualitativo, pautado em pesquisa bibliográfica a partir da revisão de capítulos de livros, artigos de revistas, teses e dissertações sobre a temática. Em um primeiro momento apresenta o histórico sobre a violência infantil em alguns períodos da história brasileira, buscando entender os tipos de violência contra criança e adolescente. Discorre sobre as leis existentes para a proteção da criança e do adolescente para que estes tenham seus direitos assegurados. Por fim pontua alguns sinais que a criança, vítima de violência apresenta, e que o professor (a) ao ter conhecimento poderá agir rapidamente, contribuindo para a proteção do seu aluno (a). Ao final espera-se contribuir para o melhor conhecimento sobre a temática, para que os professores da Educação Básica saibam atuar com segurança quando acontecer casos de crianças que tenham seu direito violado.

Palavras-chave: Estatuto da Criança e do Adolescente. Violência. Professor. Criança.

³ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), contato.angelicapalma@gmail.com.

⁴ Professora do Colegiado de Pedagogia, professora do PROFEI; Doutora em Educação da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rosetms2000@yahoo.com.br.

A COZINHA DE BARRO: APRENDIZADO E CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ELIAS, Luana secco ⁵

SILVA, Lais Andrade ⁶

SANTOS, Christina Aparecida dos ⁷

RESUMO: Este resumo aborda o estágio supervisionado no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, com o foco na educação infantil, enfatizando a importância do brincar e como ajuda no desenvolvimento. O objetivo foi proporcionar às crianças do maternal I A vivências significativas por meio do tema "Cozinha de Barro", um ambiente de brincadeiras projetadas para estimular a criatividade, a imaginação e o trabalho manual das crianças. Inserido no contexto do estágio curricular supervisionado, o projeto busca avigorar a relevância do brincar como uma ferramenta pedagógica fundamental na infância, evidenciando o papel do educador na mediação e no apoio ao processo educativo. No estágio, inicialmente foi realizada a observação do ambiente escolar, da rotina da turma e das práticas das professoras responsáveis. O jeito de cada criança, o encantamento e a participação para cada atividade realizada foram aspectos que chamaram a atenção. Para as atividades desenvolvidas, dividimos as crianças em grupos de 5 e 6, o que possibilitou momentos mais aproveitados e organizados. A experiência foi enriquecedora, pois nos mostrou a importância de adaptar a atividade para cada grupo e respeitar o ritmo individual de cada criança, construindo um ambiente acolhedor que valorize a expressividade e incentive o brincar. Essa vivência mostrou o quanto é essencial organizar atividades de ensino que incentivem a curiosidade e o envolvimento das crianças nas propostas feitas. Elas exploraram diversos objetos, como panelas, formas, colheres, copos e travessas, aproveitando ao máximo o espaço da "Cozinha de Barro". Essa experiência trouxe diversas contribuições para a trajetória acadêmica, aprofundando a compreensão sobre a educação infantil e o processo de ensino-aprendizagem na prática, o que justifica, em certa medida o presente artigo e as reflexões aqui propostas. A partir das discussões feitas, temos por resultados que, participar ativamente das atividades e planejar estratégias pedagógicas, especialmente no desenvolvimento de metodologias que despertem o interesse e o engajamento das crianças, foi fundamental para enriquecer essa vivência. Além disso, a experiência contribuiu significativamente para a formação pedagógica, ampliando a compreensão sobre a relevância das práticas lúdicas e da

⁵ Graduando(a) do Curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luanasecco62@gmail.com

⁶ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí),

⁷ Doutora em Educação/UEM; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), christinaas20@gmail.com

liberdade criativa na aprendizagem infantil. A “Cozinha de Barro” se revelou uma ferramenta eficiente para estimular o desenvolvimento integral da criança e para consolidar habilidades fundamentais para o pedagogo

Palavras-chave: Brincar. Educação Infantil. Aprendizagem Lúdica. Cozinha de Barro.

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO NOVO ENSINO MÉDIO NA EJA: NOVO TELECURSO?

OLIVEIRA, Adrieli Carolini Aparecida De⁸

CHILANTE, Edinéia Fatima Navarro⁹

RESUMO: Este projeto investiga a implementação da Educação a Distância (EaD) no Novo Ensino Médio para a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no estado do Paraná, conforme a Deliberação 004/2021. A pesquisa foca nas implicações dessa abordagem para o acesso, permanência e conclusão da educação básica pelos jovens e adultos. A análise parte da premissa de que a integração da EJA com a Lei Federal 13.415/2017, que introduziu mudanças significativas no Ensino Médio, tem levado a uma padronização da modalidade, com uma crescente ênfase na EaD. Desde a sua criação pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, oferece uma segunda chance para aqueles que não completaram os estudos na idade apropriada. A modalidade visou inicialmente combater o analfabetismo e promover a inclusão social, com um foco na alfabetização funcional. No entanto, a Emenda Constitucional 14/96 e alterações subsequentes reduziram a responsabilidade estatal para com a EJA, limitando sua obrigatoriedade e mantendo apenas a gratuidade. Com a introdução da Lei 13.415/2017, o Novo Ensino Médio trouxe uma nova configuração curricular, que inclui itinerários formativos e uma reorganização do currículo, impactando a EJA. A Deliberação 004/2021 permitiu que até 80% da carga horária da EJA fosse oferecida a distância, o que representou uma adaptação necessária frente à pandemia de COVID-19 e às necessidades de distanciamento social. Esta mudança reflete um retorno aos modelos históricos de educação a distância, como o telecurso, que buscava rapidamente inserir alunos no mercado de trabalho. Contudo, a transição para uma oferta predominantemente a distância pode estar comprometendo a qualidade da EJA. A padronização e a ênfase na EaD podem desviar a modalidade de suas origens, que visavam uma educação mais contextualizada e acessível. O desafio é garantir que a EaD na EJA não se torne um novo telecurso, onde a formação rápida e mercantilizada possa substituir a educação de qualidade e crítica. A pesquisa conclui que, embora a EaD possa aumentar o acesso à educação, é essencial que as políticas e práticas assegurem a efetiva inclusão e formação crítica dos estudantes adultos.

Palavras Chave: Educação de Jovens e Adultos. Novo Ensino Médio. Educação a Distância.

⁸ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), caroliniadrieli@gmail.com.

⁹ Titulação; Professor orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), edineia.chilante@unespar.edu.br

A ESCRITA ORTOGRÁFICA DOS ALUNOS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

SOUZA, Vanessa de Souza da Silva (a)¹⁰
FRANCIOLI, Fátima Aparecida de Souza (a)¹¹

RESUMO: o trabalho de Conclusão de Curso tem como o objetivo geral da pesquisa é compreender as dificuldades que os alunos do 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental apresentam no processo da escrita ortográfica. A pesquisa também terá por base a análise crítica fundamentada na Teoria Histórico-Cultural. Diante disso, o estudo será realizado por meio de pesquisa bibliográfica, documental e de campo em uma escola municipal no distrito de Nova Esperança, no Estado do Paraná. Para isso, a pesquisa compreenderá um experimento realizado com os alunos em processo de alfabetização, com intuito de analisar a escrita e classificar as alterações ortográficas expostas. Assim, o projeto se complementará com análises da última Avaliação Nacional de Alfabetização comparando-as com os dados coletados na pesquisa de campo. Para fundamentar os estudos tomaremos como referência autores como Zorzi (1998), Brasil (2017, 2023), Dangiό e Martins (2015). A leitura e a escrita vão além, o indivíduo cria a necessidade de compreender textos, interpretar e interagir criticamente diante do que lhe é proposto, e assim conseguir se expressar de forma coerente. Dessa forma, a alfabetização pode ser compreendida como conhecimento específico, indissociável do letramento fazendo com que o aluno saiba utilizar as regras de conversão fonema e grafema. Zorzi (2017) aponta que a alfabetização é um elemento importante para que o indivíduo se torne letrado. Desse modo, alfabetizar vai além de aquisição da leitura e escrita, alfabetizar o aluno é crucial para suas interações com a sociedade. Discutir os índices de proficiência no Brasil é importante para conseguir acompanhar os atributos de ensino referentes ao desenvolvimento pleno dos alunos, além disso buscar compreender como a alfabetização se encontra diante das políticas sociais. O ensino da ortografia para o aluno consiga assimilar e adquirir o desenvolvimento cultural do psiquismo, é necessário relacionar a linguagem oral juntamente com a escrita. Essa relação entre a linguagem e a capacidade abstrata, está relacionada a compreensão das concepções imediata e do concreto, essa junção capacita a melhor interpretação de ideias complexas entre a fala e a escrita. Esse projeto busca como resultados compreender o estágio de desenvolvimento da escrita, investigar prováveis dificuldades nas alterações ortográficas e classificá-las

¹⁰ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), vasouzaa97@gmail.com.

¹¹ Professora orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), fas.francioli@gmail.com.

relacionando com o procedimento do ensino e aprendizagem diante a formação da escrita de forma pertinente baseando-se por meio de estudos bibliográficos.

Palavras-chave: Avaliação Nacional de Alfabetização. Proficiência. Escrita Ortográfica. Histórico-Cultural.

A GESTÃO EMPRESARIAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO PARANÁ: Implicações a gestão escolar democrática

MATOS, Beatriz Barbosa¹²

CHILANTE, Edinéia Navarro¹³

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo investigar as implicações da gestão empresarial nos processos de ensino e aprendizagem, com especial enfoque na promoção da gestão democrática nas escolas públicas do estado do Paraná. A escolha deste tema se justifica pela crescente relevância da questão, especialmente em um contexto marcado por práticas de padronização e centralização que buscam maximizar a eficiência e a eficácia da educação. Essa busca está em consonância com a função do Estado em relação à educação, conforme os preceitos estabelecidos na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996. A pesquisa foi conduzida por meio de um estudo investigativo, utilizando uma abordagem que combina análise documental e revisão bibliográfica fundamentada em teóricos como Libanê, Toschi (2012), Hypolito (2019), Saviani (1999) e entre outros, além de documentos normativos orientadores produzidos pela Seed-Pr como o Decreto 7.943, de 22 de junho de 2021, que regulamenta a Lei nº 18.590, de 15 de outubro de 2015, sobre a escolha de diretores e diretores auxiliares no estado. O estudo analisa como as orientações da Seed-Pr têm sido empregadas como ferramentas de controle sobre o trabalho docente e a gestão escolar, bem como os efeitos resultantes dessa abordagem sobre o princípio da gestão democrática nas instituições de ensino. Na primeira parte do trabalho, são apresentados os princípios que regem a gestão democrática, conforme expressos em documentos normativos, discutindo-se sua relevância para o direito à educação. Em seguida, a pesquisa aborda a organização da educação no Paraná, com ênfase no uso de plataformas digitais como estratégias para alcançar e elevar índices educacionais. Por fim, são analisadas as possíveis consequências desse modelo de organização na efetivação da gestão democrática nas escolas públicas, refletindo sobre os impactos dessa estrutura no ambiente educacional. Os resultados indicam que as práticas de gestão empresarial, ao serem implementadas no contexto escolar, podem comprometer a autonomia docente e os princípios democráticos que deveriam orientar a educação. Isso levanta questões pertinentes sobre a eficácia das políticas educacionais atualmente implementadas. Diante disso, a análise crítica das políticas de gestão democrática na educação pública deve considerar não apenas as diretrizes legais, mas também as realidades e desafios impostos por um sistema que, em muitos casos, prioriza interesses

¹² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), beatrizbarbosamatos05@email.com.

¹³ Doutora em Educação, Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), edineia.chilante@unespar.edu.br

econômicos sobre as necessidades educativas dos alunos. Assim, a promoção de uma educação verdadeiramente democrática requer um comprometimento com a diversidade cultural e uma reflexão profunda sobre as práticas de gestão, garantindo que a voz da comunidade escolar seja respeitada e valorizada. As expectativas e principais conclusões da pesquisa visam enriquecer os debates e discussões em torno de uma temática atual e alarmante, que se apresenta como uma prioridade no campo educacional. Conclui-se que este estudo oferece uma contribuição significativa para a compreensão das dinâmicas que envolvem os interesses governamentais na implementação de ideais mercantis na educação, revelando um cenário que demanda atenção crítica e reflexão aprofundada.

Palavras-chave: Gestão escolar. Gestão empresarial. Educação pública do Paraná. Organização do trabalho pedagógico.

A IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS PARA O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A BUSCA PELA INCLUSÃO

BRANDÃO, Ana Júlia Bonomi¹⁴

GIRALDELLI, Taís Renata Maziero¹⁵

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar o papel das políticas públicas educacionais na promoção da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar; Esse transtorno é uma condição neuropsiquiátrica caracterizada por dificuldades persistentes na comunicação e interação social, além de padrões de comportamento repetitivos e interesses restritos. Com uma abordagem qualitativa, bibliográfica e documental, o estudo busca compreender como as políticas públicas influenciam a participação plena desses alunos na educação, considerando sua importância teórica e prática. No contexto brasileiro, políticas específicas têm sido implementadas para atender às necessidades do TEA, como a Lei do Autismo (Lei nº 12.764/2012) e a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA (Lei nº 19.584/2018). A partir da revisão de literatura, foram identificados marcos legais relevantes, como a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96 (Brasil, 1988, 1996), além de políticas estaduais paranaenses, como a Lei Estadual nº 17.555, sancionada em 2013, com o objetivo de formular e implementar diretrizes para a política no estado do Paraná, assegurando os direitos e a proteção das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No entanto, apesar dos avanços proporcionados por essas políticas, ainda persistem desafios na efetivação da inclusão escolar. A análise do impacto das políticas públicas revela avanços significativos, como o aumento do acesso à educação regular e a conscientização sobre o TEA, mas também ressalta a necessidade de aprimoramentos para garantir uma inclusão efetiva. Assim, a pesquisa visa contribuir para conhecer sobre as políticas públicas e os direitos dos alunos com TEA para a inclusão escolar, sendo esse um compromisso contínuo com a igualdade de oportunidades educacionais. O tema é de grande importância na atualidade, pois a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no ambiente escolar é fundamental para garantir igualdade de oportunidades e promover uma sociedade mais justa e inclusiva. As políticas públicas são essenciais para a construção de um sistema educacional que atenda às necessidades específicas desses alunos e contribua para seu desenvolvimento integral.

¹⁴ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), anajuliabonomibrandao@gmail.com.

¹⁵ Doutora, Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), taisgiraldelli@gmail.com

Palavras-chave: Autismo. Políticas Públicas. Inclusão.

A INTEGRAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO EDUCACIONAL A PARTIR DOS GÊNEROS TEXTUAIS

BORDIN, Vitoria Maria Marucci¹⁶
OLIVEIRA, Adrieli Carolini Aparecida de¹⁷
FRANCIOLI, Fatima Aparecida de Souza¹⁸

RESUMO: Este presente resumo tem como objetivo apresentar uma breve discussão sobre Alfabetização e Letramento teoria de Magda Soares (2004) na disciplina de Estágio em alfabetização, realizado com a turma do 1º ano da Instituição Cecília Meireles. Em um primeiro momentos fizemos observações da turma, como era trabalhado os gêneros textuais em sala, e o desenvolvimento e nível de alfabetização dos alunos em seguida, analisamos o livro didático que utilizamos como recurso base para a elaboração das atividades, a partir da fundamentação teórica na teoria de Alfabetização e Letramento desenvolvemos uma prática em que utilizamos o livro didático do primeiro ano para apresentar o gênero textual fábula, através da contação de história “O rato da cidade e o rato do campo” com fantoches e outros recursos didáticos, seguindo a teoria apresentamos aos alunos todas as características presente na estrutura da fábula, seus personagens o tipo de narrador. Pois como vemos a alfabetização só faz sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e escrita, enquanto o Letramento depende da aprendizagem do sistema de escrita. Então não basta ensinar aos alunos as regras gramaticais se elas não estão inseridas em um contexto social e cultural. Essa abordagem integrada é vista como caminho para garantir que as crianças tenham acesso efetivo e competente ao mundo da escrita. A relação do estágio com a docência, particularmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, destaca-se pela necessidade de uma abordagem que reconheça a alfabetização como um processo contextualizado. experiência adquirida durante o estágio reforçou a importância de unir teoria e prática, mostrando que a alfabetização e o letramento são processos que devem ocorrer de forma integrada e contextualizada, assegurando que as crianças tenham acesso efetivo ao mundo da escrita. O estágio é fundamental para a prática pedagógica porque permite ao futuro professor vivenciar de forma concreta os desafios e as dinâmicas do ambiente escolar. Ele possibilita a aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia, permitindo uma ponte entre teoria e prática. Durante o estágio, o estudante tem a oportunidade de observar e interagir diretamente com alunos, compreender diferentes metodologias de ensino e adaptar estratégias pedagógicas às necessidades reais de cada turma.

Palavras-chave: Estágio. Alfabetização e Letramento. Fábulas. Ensino

¹⁶ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), vitoriamariambordin@gmail.com

¹⁷ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), caroliniadrieli@gmail.com

¹⁸ Titulação; Professor orientador e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí). fatima.francioli@unespar.edu.br

ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: COMPREENDENDO E DESENVOLVENDO POTENCIAIS

OLIVEIRA, Adrieli Carolini Aparecida De¹⁹

BORDIN, Vitória Maria Marucci²⁰

DOTTO, Flávia Perin Da Costa²¹

GARCIA, Dorcely Isabel Bellanda²²

RESUMO: O objetivo desta pesquisa teórica e qualitativa foi estudar sobre altas habilidades e superdotação, realizada na disciplina Fundamentos da Educação Especial. Trata-se de um tema relevante no contexto educacional, pois envolvem indivíduos que apresentam desempenho significativamente superior à média em diversas áreas do conhecimento, como habilidades intelectuais, artísticas, sociais ou psicomotoras. A compreensão desses conceitos é essencial para garantir que esses alunos recebam o suporte necessário para desenvolver todo o seu potencial, evitando que fiquem desmotivados ou desinteressados. Tradicionalmente, a superdotação estava associada apenas ao QI elevado e à capacidade intelectual geral, focando no raciocínio lógico e no aprendizado rápido. No entanto, modelos mais contemporâneos, como o proposto por Joseph Renzulli em 1986, a Teoria dos Três Anéis, ampliaram essa visão para incluir, além da capacidade intelectual, aspectos como a criatividade e a motivação. Sugere que o desenvolvimento de altas habilidades pressupõe aprendizado rápido, pensamento criativo e habilidades excepcionais para resolver problemas complexos. Além dessas características é comum que esses indivíduos apresentem sensibilidade emocional acentuada, com uma maior capacidade de empatia e intensidade emocional. Com o avanço no entendimento desses conceitos, as práticas pedagógicas também passaram por adaptações. Já se sabe que alunos com altas habilidades ou superdotação podem precisar de uma abordagem diferenciada, seja por meio de enriquecimento curricular, aceleração do aprendizado ou projetos especiais, para que suas necessidades cognitivas e emocionais sejam adequadamente atendidas. Nesse sentido, as escolas têm o desafio de reconhecer

¹⁹ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), caroliniadrieli@gmail.com.

²⁰ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), vitoriamariambordim@gmail.com.

²¹ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), flaviaperindotto2@gmail.com.

²² Doutora; Professora do Colegiado de Pedagogia e do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva/PROFEI da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), dorcely.garcia@ies.unespar.edu.br

esses talentos de forma abrangente e implementar estratégias educacionais que favoreçam o desenvolvimento pleno de seus alunos. A evolução histórica do conceito de superdotação reflete a transição de um foco restrito ao desempenho intelectual para uma visão mais abrangente, que valoriza diferentes formas de talento. Isso permite que a educação contemple não apenas as habilidades cognitivas tradicionais, mas também outras áreas nas quais o potencial desses indivíduos pode se manifestar, criando um ambiente propício para estimular suas habilidades que depende da interação de três fatores: capacidade acima da média, que envolve habilidades intelectuais e práticas superiores; criatividade, referindo-se à originalidade e inovação na resolução de problemas; e envolvimento com a tarefa, que reflete a motivação e dedicação ao realizar atividades. Renzulli destaca que o ambiente social também influencia o desenvolvimento dessas habilidades. A sobreposição desses três elementos cria condições ideais para o surgimento do talento. O termo "altas habilidades" é mais abrangente e refere-se ao talento em áreas específicas, como linguística, música, esportes ou matemática, o que não significa necessariamente que o indivíduo apresente um desempenho elevado em todas as áreas. Por outro lado, "superdotação" está mais frequentemente vinculada à capacidade intelectual global, embora, atualmente, o conceito tenha se expandido. Isso inclui, por exemplo, o reconhecimento de que pessoas superdotadas podem demonstrar um conjunto diversificado de características, como curiosidade intensa, capacidades em diferentes contextos.

Palavras-chave: Altas Habilidades. Superdotação. Desenvolvimento de Potencial.

A MÚSICA E A ALFABETIZAÇÃO: INTER-RELAÇÕES POSSÍVEIS

SANTOS, Hellen Simões dos²³

SILVA, Rosângela Trabuco Malvestio da²⁴

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo compreender como a música pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita dos alunos do 1º ano do ensino fundamental a partir de uma análise dos pressupostos teóricos da concepção da teoria Histórico-Cultural. Para tanto destaca a importância e as possibilidades didáticas do uso da música no processo de aquisição do sistema de linguagem escrita da criança em sua fase de alfabetização na escola básica. A metodologia utilizada recorre a um levantamento bibliográfico de caráter qualitativo, orientada por estudos de autores que enfatizam o uso da musicalização e o processo de ensino-aprendizagem. Num primeiro momento os estudos realizados buscaram investigar o processo de formação e aquisição da linguagem oral e escrita da criança. A fim de fundamentar a temática da aquisição da oralidade, leitura e escrita explicou-se como esses processos são desenvolvidos mediante interações sociocognitivas e consequentemente a manifestação de transformações psíquicas decorrentes das relações e interações sociais estabelecidas no meio de convivência social da criança, conforme explicam os estudos investigados da teoria histórico-cultural dentre eles: Vygotsky, Luria e Leontiev (2010). Em um segundo momento discorreu-se a respeito da função da escola e sua proposta de exercício do trabalho docente no que tange ao ensino e a aprendizagem da oralidade, leitura e escrita. Realizou-se uma breve síntese acerca do desenvolvimento do processo educativo no ambiente escolar esclarecendo que o principal objetivo da escola é o ensino dos conhecimentos e saberes científicos. É importante ressaltar que o professor deve organizar de maneira sistematizada o processo de ensino e aprendizagem, a partir do uso de métodos específicos para leitura e escrita para que assim ocorra de maneira plena e eficaz. No terceiro e último momento, discorreu sobre a importância da música para se ensinar a leitura e a escrita, apresentando algumas propostas educacionais que utilizam os clássicos musicais infantis como recurso para o ensino alfabetizador de qualidade. Conclui-se, que por meio da prática musicalizadora na docência dos anos iniciais, o professor pode trabalhar conteúdos curriculares de maneira inovadora. A música permite que a criança não somente desenvolva suas funções cognitivas, mas o aprendizado do código alfabético e a capacidade de leitura do mundo, contribuindo para promover uma experiência estética e lúdica indo além dos modelos tradicionais vivenciados dentro das escolas.

²³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), helensimoesdossantos@hotmail.com.

²⁴ Professora do Colegiado de Pedagogia, professora do PROFEI; Doutora em Educação da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rosetms2000@yahoo.com.br.

Palavras-chave: Música. Alfabetização e letramento. Metodologia. Teoria Histórico-Cultural.

ANÁLISE E AVALIAÇÃO DA APLICAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERDISCIPLINAR: “COMO EU CHEGUEI AQUI?”

VICENTE, Andressa Bono¹

UJIIE, Nájela Tavares²

RESUMO: Este trabalho busca analisar a aplicação de uma sequência didática interdisciplinar mediatizada a partir dos Três Momentos Pedagógicos (TMP) de Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002), estruturada a partir do livro “Como eu Cheguei Aqui?”, do autor Philip Bunting. Essa temática se mostra relevante, pela afeição nutrida desde o Ensino Fundamental e Médio pelas Ciências, que foi aprofundada ao longo da graduação, com o desenvolvimento de três ciclos de iniciação científica. Outrossim se evidencia por compreender os impactos de uma sequência didática interdisciplinar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos envolvidos e da professora/pesquisadora/acadêmica responsável pela investigação. A pesquisa, de abordagem qualitativa, caracterizou-se como um relato de experiência em função da sua natureza teórico-reflexiva e desenvolveu-se em uma escola da rede municipal de ensino de Terra Rica-PR, com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental. Como base teórica, a pesquisa tem fundamentos em Fazenda (1994), Freire (1996), Zabala (1998), Lorenzetti e Delizoicov (2001), Pozo e Crespo (2009) e Ujiie (2019, 2020), considerando conceitos caros à pesquisa, dentre eles, interdisciplinaridade, ensino de ciências, práxis educativa, alfabetização científica, sequência didática e abordagem CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade). Como resultado, podemos destacar os contributivos formativos da sequência didática para a turma, ao considerar a mudança de concepção por parte dos alunos com relação ao ensino de ciências, bem como, a construção profissional vivenciada pela professora nesse processo.

Palavras-chave: Ensino de Ciências. Anos Iniciais. Sequência Didática. Evolução das Espécies.

[¹] Graduanda de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus Paranavaí. Professora Concursada da Rede Pública Municipal de Terra Rica-PR. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação: teoria e prática (GEPE/UNESPAR), E-mail: andressabono244@gmail.com

[²] Orientadora. Doutora em Ensino de Ciência e Tecnologia (UTFPR). Docente do Colegiado de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR), da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavaí (UNESPAR/Pvaí). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação: teoria e prática (GEPE/UNESPAR) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Práxis Educativa Infantil (GEPPEI/UNICENTRO). E-mail: najelaujiie@yahoo.com.br.

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO DESEMPENHO ESCOLAR DOS FILHOS

SILVA, Tatiane Fernanda dos Santos da²⁵

OLIVEIRA, Adriana Silva²

IWASSE, Lilian Fávaro Alegrância³

RESUMO: Estudos apontam que a relação família e escola é fundamental para o processo de formação dos estudantes, de modo a sugerir que quanto melhor for a relação entre as duas instituições, mais positivo será o desenvolvimento do estudante, por isso a pesquisa justifica-se à medida que analisamos as contribuições da relação escola e família no desenvolvimento escolar dos estudantes. Desse modo, a presente pesquisa apresenta como objeto a participação da família e sua influência no desempenho/desenvolvimento escolar de seus filhos. A questão problematizadora que envolve a pesquisa é: A participação da família na escola pode contribuir com desempenho/desenvolvimento escolar dos estudantes? Assim a pesquisa objetiva realizar um estudo a partir de pesquisas que apresentam a existência da relação entre a participação da família tendo influência no desenvolvimento dos filhos. Recorre-se a metodologia de pesquisa bibliográfica com base nos estudos bibliográficos. Utilizando pesquisas de autores que tratam da temática como: Polonia e Dessen (2007), Santos e Toniosso (2014), Danda Prado (1981), Vitor Paro (2007), entre outros que discutem a importância e relação de família e escola. Essa pesquisa evidencia que a cooperação entre as duas instituições oferece um espaço onde os estudantes podem se desenvolver plenamente, reforçando a importância de ações conjuntas que promovam o engajamento familiar na escola. Os resultados sugerem que, ao compartilhar o compromisso com a educação, família e escola desempenham papéis complementares, fundamentais para a construção de uma educação integral e de cidadãos preparados para enfrentar os desafios da sociedade.

Palavras-chave: Escola e Família. Desenvolvimento. Desempenho Escolar.

²⁵ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), tatifernandasilva15@gmail.com.

² Professora orientadora Mestre em Educação e professora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná UNESPAR – Campus de Paranavaí. E-mail: adriana.oliveira@ies.unespar.edu.br

³ Professora coorientadora, Doutora em Ensino para Educação e Matemática e pedagoga na rede municipal e SEED/Paraná. E-mail: coordlilianfavaro@gmail.com.

A PEDAGOGIA HOSPITALAR E O FUNCIONAMENTO DA CLASSE HOSPITALAR

GONÇALVES, Jênnifer da Silva²⁶

PEREIRA, Cássia Regina Dias²⁷

RESUMO: A pesquisa objetiva analisar de que maneira a classe hospitalar pode favorecer as interações sócio educacionais das crianças hospitalizadas. Desse modo ela coopera com o debate a respeito da pedagogia hospitalar e a importância da formação docente que possa atuar qualitativamente na classe hospitalar. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e descritivo, encaminhada a partir da leitura e análise qualitativa de materiais publicados no formato físico e digital selecionados por discorrerem sobre o tema, foram utilizadas obras publicadas por autores como Fonseca (1999), Esteves (2008), Santana (2011), além da legislação brasileira que delibera sobre os aspectos que envolvem o tema. O atendimento pedagógico-educacional é um direito de todas as crianças, inclusive as que estão hospitalizadas, que em decorrência do seu tratamento perdem parte da interação que o processo de aprendizagem proporciona na escola. O período de internamento hospitalar varia de acordo com a patologia diagnosticada em cada paciente, dessa maneira ocorre uma suspensão na frequência escolar que incidirá no seu desenvolvimento não só educacional, como também emocional da criança. A legislação brasileira reconhece o direito das crianças e adolescentes hospitalizados ao acompanhamento pedagógico-educacional. A Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 1994) propõe que a educação em hospitais seja realizada através da organização de classes hospitalares, devendo-se assegurar oferta educacional não só aos pequenos pacientes com transtornos do desenvolvimento, mas, também, às crianças e adolescentes em situações de risco, como é o caso da internação hospitalar. O pedagogo pode atuar também no planejamento, implantação e desenvolvimento da classe hospitalar. O atendimento pedagógico no ambiente hospitalar proporciona uma melhora no quadro do paciente, pois tendo um professor ao seu lado, que conforme podemos examinar historicamente, é uma figura muito importante para o indivíduo em desenvolvimento, se faz positiva, pois ajuda na redução da ansiedade, a qual surge no momento da internação. Durante esse processo observa-se que o professor pedagogo deve adaptar o planejamento escolar para as necessidades dos pacientes de acordo com as suas condições físicas e/ou mentais, assim fazendo com a criança se sinta inserida no meio escolar mesmo não estando fisicamente na escola. Os resultados obtidos

²⁶ Acadêmica do 4º ano do Curso de Pedagogia da UNESPAR. 2024.

²⁷ Professora orientadora Dra. em Educação e Membro do Colegiado do Curso de Pedagogia da UNESPAR campus de Paranavaí. cassiadiaspereira@yahoo.com.br

contribuem para o conhecimento e informação sobre a pedagogia hospitalar, destacando as práticas relativas ao funcionamento da classe hospitalar, denominação dada ao espaço físico em são desenvolvidas atividades pedagógicas com as crianças hospitalizadas.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia hospitalar. Classe hospitalar.

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POTENCIALIDADES

SANTOS, Poliana Silva²⁸

ALVES, Rita de Cássia²⁹

RESUMO: A avaliação na educação infantil é um tema de grande relevância, fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, pois vai além da simples aferição de conhecimentos, buscando compreender o progresso e as necessidades individuais de cada aluno. Este estudo tem como objetivo analisar os processos avaliativos na Educação Infantil, com foco específico nas turmas de Infantil 5, para identificar os principais desafios e as potencialidades que podem subsidiar futuras pesquisas e práticas pedagógicas. A pesquisa se fundamenta em uma abordagem qualitativa, utilizando o método de pesquisa bibliográfica para permitir uma compreensão aprofundada dos diversos aspectos envolvidos na avaliação nessa etapa educacional. A análise será realizada a partir de fontes teóricas e documentais, incluindo a legislação educacional vigente, obras acadêmicas e diretrizes curriculares nacionais. Esse conjunto de dados possibilitará um panorama abrangente de como os processos avaliativos são conduzidos, quais estratégias são utilizadas pelos educadores e quais são as implicações desses processos para o desenvolvimento das crianças. Além disso, a triangulação das informações obtidas será essencial para garantir a confiabilidade dos resultados, já que a combinação de diferentes fontes e perspectivas favorece uma análise mais rica e detalhada. Entre os principais desafios e potencialidades identificados estão a diversidade de metodologias de avaliação, que pode tanto enriquecer quanto dificultar a padronização e consistência das práticas avaliativas, o impacto desses processos no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, e a busca por possíveis melhorias nos métodos avaliativos empregados. Este estudo aponta para a importância de metodologias que integrem aspectos lúdicos e observacionais, adequados à faixa etária, respeitando as particularidades e o ritmo de aprendizagem de cada criança. Ao final, espera-se que esta pesquisa possa contribuir significativamente para o aprimoramento das práticas avaliativas na educação infantil, fortalecendo o compromisso com uma educação de qualidade e inclusiva desde os primeiros anos de vida, reconhecendo o papel da avaliação como ferramenta para promover o desenvolvimento integral dos pequenos.

Palavras-chave: Educação Infantil. Avaliação. Desenvolvimento Integral.

²⁸ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), polianasantos2412@gmail.com

²⁹ Doutora, Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rita.cassia.aalves@gmail.com

CONSIDERAÇÕES DO MÉTODO CONSTRUTIVISTA NA ALFABETIZAÇÃO

MENDONÇA, Beatriz Maira³⁰

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí)

NASCIMENTO, Aline Rocha³¹

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí)

FRANCIOLI, Fátima Aparecida de Souza³²

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí)

ALVES, Rita de Cássia³³

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise do ensino da linguagem escrita no processo de alfabetização, sob a perspectiva do método construtivista estudado na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, que faz parte do currículo do 3º ano do curso de Pedagogia. A alfabetização é um aspecto fundamental no desenvolvimento educacional e social, sendo uma base para a aquisição de conhecimentos e habilidades sociais. Esta disciplina abordou vários conteúdos a respeito dos métodos de alfabetização, iniciando pelo estudo da história da escrita em que detalha as transformações que ocorreram desde as formas primitivas até os sistemas mais complexos para atender as necessidades sociais. Em seguida estudou-se os métodos de alfabetização explorando as abordagens pedagógicas adotadas ao longo dos anos e os desafios enfrentados nesse processo. Para verificar como o método construtivista avalia os níveis de escrita dos alunos em processo de alfabetização, aplicou-se uma sondagem em uma turma do primeiro de uma escola pública municipal tendo como foco o campo semântico "partes do corpo" constituído por quatro palavras na ordem crescente polissílaba, trissílaba, dissílaba e monossílaba e uma frase. As palavras foram: mão, dedo, cabeça e cotovelo e a frase "estou com dor de cabeça". Os resultados mostraram uma diversidade nas estratégias de escrita. Dos três alunos que foram avaliados um demonstrou estar no nível pré-silábico, utilizou letras, revelando um nível inicial de consciência fonológica. Um outro apresentou uma boa escrita em palavras,

³⁰ Acadêmica do 3º ano do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí). E-mail: beatrizmaira2015@gmail.com

³¹ Acadêmica do 3º ano do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí). E-mail: alinerdn33@gmail.com

³² Dra. Profª do curso de Pedagogia e da Pós-graduação Mestrado em Ensino – Formação Docente Interdisciplinar na Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. E-mail: fatima.francioli@unespar.edu.br.

³³ Dra. Profª do curso de Pedagogia e da Pós-graduação Mestrado em Ensino – Formação Docente Interdisciplinar na Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. E-mail: rita.cassia.alves@gmail.com.

mas dificuldades na frase, por isso, considerou-se que está no nível alfabético não ortográfico, evidenciando a necessidade de um maior desenvolvimento na estruturação de ideias escritas. O terceiro aluno escreveu as palavras e a frase com poucos erros ortográficos, sendo considerado como alfabético ortográfica. Essa experiência prática não apenas reforçou a importância de compreender as particularidades de cada aluno no processo de alfabetização, mas também destacou a necessidade de adaptar as abordagens pedagógicas às diferentes necessidades e contextos de aprendizagem. O estágio obrigatório é essencial para a formação do acadêmico, ele é importante por proporcionar a vivência na prática de tudo que aprendemos e vemos em teoria na sala de aula. Essa experiência é fundamental para poder concretizar os aprendizados que tivemos ao longo do curso. O estágio permite desenvolver habilidades que irão nos ajudar para exercer a profissão. Durante o estágio, planejamos, aplicamos e avaliamos, entendendo a necessidade dos alunos e enriquecendo a nossa formação. Observando, validamos as teorias que foram vistas e aprendemos como aplicá-las na prática pedagógica, nos preparando para lidar com os desafios encontrados na sala de aula.

Palavras-chave: Alfabetização. Estágio Supervisionado. Método Construtivista.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

FELTRIN, Maísa Alves da Silva Feltrin³⁴

FERRO, Lussuede Luciana de Sousa³⁵

RESUMO: Durante os estudos realizados no curso de Pedagogia, constatamos que a literatura tem papel fundamental na formação integral da criança, promovendo o desenvolvimento das funções psíquicas, como sensação, percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem, imaginação, emoção e sentimento. Diante disso, a literatura desde a educação infantil não apenas introduz a criança no mundo das narrativas, mas também ampliam sua relação com os diferentes fenômenos. No entanto, observamos no campo de estágio que, em muitas instituições, a literatura é usada de forma pragmática, com ênfase no ensino de conteúdos, como os que envolvem a alfabetização, o que limita seu potencial transformador. Por isso, essa temática é relevante, pois contribui significativamente para pensarmos o desenvolvimento integral da criança desde a primeira infância, como instrumento para ampliar o seu repertório cultural e potencializar as suas aprendizagens. Frente a essas reflexões, levantamos a seguinte questão: como organizar a contação de histórias na Educação Infantil, considerando-a como conteúdo da cultura humana, para promover o desenvolvimento das funções psíquicas superiores da criança? Em busca de respostas que pudesse elucidar essa problemática, objetivamos com este estudo investigar as contribuições das contações de histórias nas práticas pedagógicas da educação infantil, como conteúdo da cultura humana, e suas implicações no desenvolvimento das funções psíquicas, em especial as crianças em idade pré-escolar. Fundamentada nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, a investigação é qualitativa, com estudo teórico baseado em autores clássicos como Vigotski (2000, 2004) e Elkonin (1987) e contemporâneos como Pasqualini (20213), Ferro (2016, 2023), entre outros. Os dados serão coletados e analisados por meio de experimento didático-formativo, a partir das proposições didática da pesquisa de Cunha e Ferro (2022). Participaram da pesquisa, 17 crianças do Infantil 5, de um Centro Municipal de Educação Infantil, localizado em um município na região noroeste do estado do Paraná. Nesse percurso de estudos, primeiro identificamos o uso da literatura nas práticas pedagógicas como conteúdo da história humana, que tem em si incorporada a arte e o encantamento que possibilitam o engajamento da criança no processo de apropriação da cultura, ou seja, da sua humanização. Nessa direção, o professor deve organizar as práticas de contação de histórias, mobilizando as crianças nos enredos, nas relações com os personagens, nas expressões faciais e corporais, no

³⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí). E-mail: maisaalvesdasilvafeltrin@gmail.com

³⁵ Doutora em Educação. Professora-Orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí). E-mail: luciana.sferro@gmail.com

compartilhamento de ideias e opiniões etc., sem exigir delas um produto final como desenhos, registros escritos, colagens e modelagens. Com base nessas premissas e apoiadas na pesquisa de Cunha e Ferro (2022), em que as autoras propõem práticas de contação de histórias, considerando a criança e suas especificidades de aprendizagem e de desenvolvimento, a obra literária, os elementos da atividade lúdica, os recursos e os espaços, desenvolvemos um experimento didático-formativo para pensarmos em possibilidades de contação de história humanizadoras, ou seja, que contribuam para a formação humano-genérica da criança. Para isso, consideramos a atividade principal, as possibilidades de aprendizagem e de desenvolvimento e as manifestações da criança nas apropriações vivenciadas na contação de histórias sistematizadas pelo professor. Como resultado desse trabalho, revelamos o papel social e o impacto potencializador da literatura nas práticas pedagógicas, especialmente nas contações de histórias e, conseqüentemente, no interesse das crianças pela leitura, na ampliação de suas manifestações orais, no enriquecimento do vocabulário e dos registros escritos, bem como no fortalecimento das relações sociais, direcionando-se para o desenvolvimento das funções psíquicas delas. Assim, esperamos que este estudo contribua para a compreensão do papel da literatura na educação infantil, ampliando o olhar sobre seu potencial para o desenvolvimento das funções psíquicas e a formação humano-genérica da criança.

Palavras-chave: Contação de história. Organização do Ensino. Educação Infantil. Teoria Histórico-Cultural.

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES - UM OLHAR PARA OS PROFESSORES DO CAMPO

LANZIANI, Andressa Constantino de Carvalho³⁶

BRANDÃO, Elias Canuto³⁷

RESUMO: O trabalho discute as contribuições da obra de Paulo Freire no livro Pedagogia do Oprimido, observando a formação do professor na preparação ao ensino nas escolas do campo, considerando as demandas sociais, culturais, ambientais, políticas e econômicas da população rural. Por que Pedagogia do oprimido? Pela riqueza do conteúdo trabalhado por Freire, frisando uma educação consciente e reflexiva para a libertação social e econômica, onde somente o oprimido, identificando suas dificuldades e “amarras”, à qual o aprisionam, poderá conquistar sua emancipação e autonomia dentro da sociedade. O estudo se justifica em uma base teórica bibliográfica, voltada à formação do professor educador do campo, que ao adotar uma abordagem crítica e dialógica, poderá contribuir para a transformação da educação. A metodologia da pesquisa é qualitativa, discutindo-se as relações dos fenômenos por meio das produções teóricas, refletindo as práticas pedagógicas que favorecem a inclusão e o desenvolvimento de uma educação contextualizada e de qualidade para as comunidades rurais. Na primeira parte do artigo é abordado as contribuições da Pedagogia do Oprimido, onde a obra fala sobre uma pedagogia da liberdade, ou seja, o caminho para que os oprimidos se conscientizem de sua situação e reconheçam a desumanização causada pela opressão. Em seguida, pontua-se a formação de professores com um olhar para os povos do campo e a importância da formação ser um processo contínuo, reflexivo e crítico. Tratando-se de uma formação para atender os povos do campo, a mesma deve ultrapassar a propagação de conteúdo, alcançando a consciência crítica, pois é através desta que será possível construir uma educação verdadeiramente libertadora e transformadora. Avançando no estudo, discute-se as concepções bancária e problematizadora. A concepção ou educação bancária, trata a educação manipulando os que aprendem, é um modelo ou concepção dominadora do ensino e dos educadores, sendo uma educação morta, pois não promove a transformação. Oposto à concepção bancária está a concepção libertadora, popular, onde suas práticas visam emancipar os indivíduos, tornando-os autônomos e críticos. Essa educação é uma possibilidade concreta de transformação à medida que discute

³⁶ Graduando(a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), andressacarvalho1234cg@gmail.com

³⁷ Docente do Curso de Pedagogia. Doutor em Sociologia. elias.brandao@unespar.edu.br

como se libertar e possibilita a consciência crítica por parte dos oprimidos. Nesse processo é ressaltado a necessidade de identificar as práticas opressoras e repudiá-las, práticas essas que só é alcançada com um professor que faça uso de atividades educativas ricas em apontamentos e reflexões críticas e transformadoras. Conclui-se que a formação contínua dos professores é um elemento essencial para garantir uma educação que respeite as especificidades do campo e contribua para a transformação social como é apontada por Pedagogia do oprimido.

Palavras-chave: Pedagogia do oprimido. Formação de professores. Educação do campo.

DESENHO NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO- CULTURAL

MELO, Bruna Lorena dos Santos,³⁸

ALVES, Rita de Cássia³⁹

RESUMO: O presente projeto tem como objetivo analisar a prática do desenho na educação infantil, bem como seu papel fundamental no desenvolvimento das crianças, sistematizando estudos iniciais sobre o tema. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica fundamentada na Teoria Histórico-Cultural, especialmente nos escritos do renomado intelectual russo Lev Semyonovich Vygotsky (2009), que destaca a importância do desenho como uma forma de expressão simbólica crucial para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como o pensamento abstrato, a memória e a linguagem. A pesquisa evidencia que, por meio do desenho, a criança não apenas representa o mundo ao seu redor, mas também transforma suas percepções em conceitos, promovendo assim o desenvolvimento cognitivo e socioemocional. Vygotsky enfatiza que essa atividade não se limita à representação visual, mas envolve um processo de significação que contribui para a construção do conhecimento. O desenho serve como um meio de comunicação e expressão, permitindo que as crianças expressem suas emoções, pensamentos e compreensões sobre a realidade. A análise realizada mostra que a prática do desenho é uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, pois estimula a criatividade, a imaginação e a capacidade de resolução de problemas. Além disso, o desenho proporciona um espaço seguro para que as crianças explorem suas identidades e construam relacionamentos sociais, contribuindo para a formação de sua personalidade. A pesquisa também sugere que, ao incentivar a prática do desenho nas atividades educativas, os educadores podem promover um ambiente de aprendizagem mais rico e inclusivo, onde cada criança tem a oportunidade de se expressar e se desenvolver integralmente. Conclui-se que o desenho é uma ferramenta pedagógica poderosa que deve ser valorizada na educação infantil, tendo um impacto significativo no desenvolvimento das crianças, tanto no âmbito cognitivo quanto socioemocional, reforçando a importância da Teoria Histórico-Cultural como um referencial teórico para compreender esses processos.

Palavras-chave: Desenho. Educação Infantil. Teoria Histórico-Cultural. Desenvolvimento Cognitivo. Vygotsky.

³⁸ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), brunalorenamello@gmail.com.

³⁹ Rita de Cássia Alves, professora na universidade estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) rita.cassia.aalves@gmail.com

ESPAÇO EDUCATIVO E NATUREZA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ARAGÃO, Cíntia Aragão de Souza⁴⁰

SANTI, Eloisa Santi de Souza Ribeiro ⁴¹

SANTOS, Christina Aparecida dos⁴²

RESUMO: O presente artigo trata-se do relato da experiência do estágio curricular supervisionado em Educação Infantil, obrigatório no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR/Paranavaí. Foi realizado com o intuito de aproximar teoria e prática e explorar a importância da organização do espaço e do contato com a natureza no ambiente escolar. Os estudos realizados apontam que, a prática pedagógica em ambientes naturais e bem organizados contribui para o desenvolvimento integral das crianças, estimulando a autonomia, a criatividade e o senso de pertencimento. Nesse contexto, o estágio supervisionado permitiu uma ampla análise nas dinâmicas do espaço e na relação das crianças com o meio ambiente, refletindo sobre o papel do professor na criação de um espaço educador. O objetivo deste artigo é discutir a relevância de um ambiente de aprendizagem bem estruturado e que promova a interação com elementos naturais, buscando entender de que modo esses aspectos influenciam o comportamento e o desenvolvimento infantil. A metodologia adotada envolveu uma abordagem de estudos de textos bibliográficos, de autores como Pasqualini (2013), Lazaretti (2022), Broering (2008) entre outros. Já na observação e prática, foi dividida em etapas: inicialmente, a observação da estrutura e do uso do espaço; depois, o desenvolvimento de atividades que valorizassem o contato com a natureza e com os elementos naturais e também a exploração de recursos como a horta; e, por fim, uma análise reflexiva sobre os resultados dessas práticas, que contou com o apoio e as relações estabelecidas com as bibliografias estudadas. Os principais resultados revelaram que a organização do espaço, quando pensada de forma inclusiva e integrada com a natureza, potencializa o aprendizado das crianças. Foi possível observar que a disposição dos materiais e a oferta de espaços abertos ou com elementos naturais incentivaram a curiosidade e o interesse dos alunos, promovendo interações mais colaborativas e criativas. Notou-se que essas práticas também favoreceram a socialização e a compreensão de responsabilidades coletivas, como o cuidado e respeito com plantas e animais. Destaque podemos dar para a importância de um planejamento intencional do ambiente de aprendizagem na Educação Infantil, com

⁴⁰ Cíntia Aragão de Souza do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), cintia.unespar@gmail.com

⁴¹ Eloisa Santi de Souza Ribeiro do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), elolosinhaelo@gmail.com

⁴² Doutora em Educação; Professora orientadora e/ou supervisora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), christinaas20@gmail.com

espaços que inspirem a curiosidade e o desejo de explorar a natureza. Assim, conclui-se que o estágio contribuiu para a nossa formação pedagógica ao colocar em destaque a relevância de um ambiente educativo que valorize o contato com a natureza e que se torna essencial para o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: Natureza. Estágio. Educação Infantil. Espaço Educativo.

HOMENS NO CURSO DE PEDAGOGIA: TENSÕES E DEBATES SOBRE SUA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

BOVIS, Carlos Lucas Bovis⁴³

RODRIGUES, Adriana Aparecida⁴⁴

RESUMO: O estudo tem como temática o homem na graduação em Pedagogia. É notória a baixa inserção masculina na graduação em Pedagogia, que possui praticamente uma predominância feminina em seus discentes. Nesse cenário, e por um anseio pessoal, partimos da problemática: Quais os fatores que ocasionam a ausência e/ou a baixa procura masculina no curso de Pedagogia? Para tanto, o desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de um estudo bibliográfico, com abordagem qualitativa, embasada no materialismo histórico-dialético, com objetivo de apontar os fatores que acarretam na ausência e/ou na baixa procura masculina na graduação em Pedagogia, bem como os desdobramentos desses fatores na sua formação e atuação profissional. A pesquisa se encontra subdivida em três momentos, a saber: inicialmente identificamos brevemente a historicidade do curso de Pedagogia no Brasil; depois compreendemos o processo de feminização no magistério brasileiro; e por último, entendemos os encaminhamentos da masculinização da docência no Brasil. O estudo mostrou que a formação docente no Brasil é profundamente influenciada por contextos históricos, socioeconômicos e políticos, ressaltando a necessidade de compreender essas influências para enfrentar os desafios e promover avanços na educação contemporânea, em específico no que diz respeito a formação e atuação profissional do homem no curso de Pedagogia.

Palavras-chave: Graduação em Pedagogia. Homem na docência. Feminização docente.

⁴³ Carlos Lucas Bovis do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lucas_bovis@hotmail.com.

⁴⁴ Graduada em História e Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR); Mestrado em Ensino pela UNESPAR, Doutorado e Pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), e-mail: drikarodrigues66@hotmail.com.

IMPACTOS DA COVID-19 NO ENSINO E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO PÓS-PANDEMIA

NEPOMUCENO, Maria Eduarda⁴⁵

BOTTA, Fabiana Silva Botta⁴⁶

RESUMO: Durante a pandemia da COVID-19, a implementação das aulas remotas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF) revelou profundas desigualdades no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Enquanto alguns alunos conseguiram acompanhar o ensino remoto com o apoio das redes de ensino e suas famílias, muitos outros não tiveram acesso aos recursos necessários, o que criou uma disparidade significativa no desempenho escolar. Essa situação levanta uma questão central: de que forma o ensino remoto influenciou o desempenho das crianças em seu processo de aprendizagem? Para responder a essa pergunta, o objetivo desta pesquisa é analisar os impactos da pandemia sobre o ensino e a aprendizagem, com especial foco nas implicações para a alfabetização no período pós-pandêmico. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos dois objetivos específicos: (a) examinar as medidas educacionais adotadas no Brasil durante o período pandêmico, e (b) avaliar as consequências do ensino remoto com base nas experiências observadas durante o estágio supervisionado nos AIEF. A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, fundamentada nos princípios de Creswell (2014), além de uma revisão bibliográfica com base em Gil (2008), e incluiu observações e relatos obtidos no estágio supervisionado. O estudo foi organizado em duas etapas principais. A primeira analisou as diretrizes e adaptações educacionais implementadas no Brasil durante a pandemia, incluindo políticas de ensino remoto, ações governamentais e estratégias pedagógicas adotadas por escolas e redes de ensino. Essas diretrizes foram essenciais para a continuidade do ensino, mas enfrentaram limitações, especialmente para alunos com acesso restrito à internet e a dispositivos tecnológicos. A segunda etapa examinou os impactos diretos do ensino remoto, observando-se que a falta de interação presencial prejudicou a socialização e o desenvolvimento interpessoal dos alunos, além de comprometer habilidades fundamentais de leitura e escrita. Os resultados indicam que a pandemia gerou impactos negativos profundos no processo de aprendizagem das crianças, particularmente na alfabetização. Apesar dos esforços dos professores, que buscaram desenvolver metodologias alternativas e criativas para engajar os alunos, as limitações do ensino remoto foram evidentes, especialmente no que diz respeito à alfabetização. A falta de contato diário com os

⁴⁵ Graduando(a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mariaeduarda.nepomuceno1234@gmail.com

⁴⁶ Mestre; Professora orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), fabiana.demizu@unespar.edu.br

colegas e com os professores afetou o desenvolvimento social e emocional das crianças, dificultando o aprendizado colaborativo e a troca de experiências, essenciais nessa etapa educacional. Em conclusão, este estudo reforça a necessidade de políticas educacionais inclusivas e que priorizem a recuperação de aprendizagens fundamentais, visando minimizar as lacunas deixadas pelo ensino remoto. Assim, para além dos esforços de professores e escolas, é necessário um comprometimento contínuo do sistema educacional para assegurar que todos os alunos, independentemente das condições de acesso, possam superar os desafios educacionais exacerbados pela pandemia.

Palavras-chave: Desigualdade educacional. Alfabetização. Ensino remoto.

INTERAÇÃO DOS BEBÊS COM OS LIVROS: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

DOMINGOS, Milena de Freitas ⁴⁷

LAZARETTI, Lucinéia Maria ⁴⁸

RESUMO: Os bebês leem desde o momento de seu nascimento por meio de sua comunicação direta com o adulto e os vínculos afetivos que eles estabelecem com o mesmo. A partir dessa comunicação, os bebês vivenciam experiências que ampliam sua relação com a realidade que reverbera em novos interesses e aprendizagens. Desta forma, desde cedo, é preciso introduzir as práticas de leitura qualitativas que inserem os bebês em um mundo cultural mais amplo repleto de significados para serem apropriados. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a interação dos bebês com o objeto-livro e quais as potencialidades de exploração do objeto, suas prioridades e escolhas. A metodologia de pesquisa, de caráter qualitativo, está organizada em dois momentos, primeiro: estudo bibliográfico baseado nos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, entre os autores dos quais destacamos: Girotto (2018); Ramos (2018); Martins (1986). Segundo: pesquisa de campo, com instrumento de observação, registro e coleta de que resultou em cenas, como acervo de análise cujo foco foi as interações dos bebês com os livros, buscando reconhecer como os bebês manipulam o objeto-livro, e quais suas ações a partir do mesmo. Esta foi realizada em um Centro de Educação Infantil - CEI, localizado em um município na região noroeste do estado do Paraná. A pesquisa foi realizada em uma turma de com dez bebês de 1 ano a 1 ano e 11 meses de idade. A partir desta pesquisa, foi possível compreender as possibilidades para as práticas de inserção dos livros e da leitura na Educação Infantil com os bebês, que permite a apropriação dos signos que estes representam em seu contexto histórico, cultural e social, potencializando seu processo de desenvolvimento desde a tenra idade. Desta forma, os momentos qualitativos de interação dos bebês com o objeto livro contribui para o desenvolvimento e formação de leitores desde a Educação Infantil.

Palavras-chave: Livro. Educação Infantil. Desenvolvimento do bebê.

⁴⁷ Graduando(a) do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), milla.fdomingos@gmail.com. .

⁴⁸ Doutora em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lucylazaretti@gmail.com.

NOVO ENSINO MÉDIO: O QUE MUDA NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E NA GESTÃO ESCOLAR NA EJA?

VITORINO, Gabrieli Martins⁴⁹

CHILANTE, Edinéia Navarro⁵⁰

RESUMO: O presente texto, resultados dos estudos no âmbito do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC-AF), tem como objeto de estudo a Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade da Educação Básica, cuja finalidade é oferecer oportunidades de estudo para aqueles que não tiveram acesso à educação na idade considerada pela Legislação como adequada. O objetivo é analisar as mudanças na Proposta Pedagógica da EJA e as implicações para a organização do trabalho pedagógico e a gestão escolar nas escolas de EJA do Paraná, com a implantação do Novo Ensino Médio. Este estudo caracteriza-se por ter uma abordagem qualitativa e investigativa exploratória, realizada por meio de documentos oficiais, sendo estes, a Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) e documentos oficiais da Secretaria de Educação do Paraná (SEED) e do Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos (CEEBJA) de Paranavaí. As ações voltadas para a educação dos jovens, adultos e idosos no Brasil buscam reverter uma história de exclusão educacional dessa população e possibilitar o sucesso e a permanência desses estudantes, sejam eles jovens, adultos ou idosos, em qualquer etapa da escolarização básica, que é um direito fundamental, no qual descreve no Artigo 205 da Constituição Federal de 1988. O direito à educação, conforme estabelecido no artigo 205 da Constituição Federal, é um princípio fundamental que assegura a todos os cidadãos o acesso à educação de qualidade. Este direito é essencial para o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Além disso, a Constituição estabelece a educação como um dever do Estado e da família, garantindo a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Portanto, este cenário reforça a toda comunidade, exclusivamente acadêmica, para um olhar mais atento das mudanças que ligam diretamente a nossa educação. Gestores, educadores e a sociedade no geral devem ter um olhar atento e crítico para tais circunstâncias. Para garantir assim o atendimento às necessidades específicas dos jovens, adultos e idosos que buscam na EJA uma oportunidade de inserção, onde eles poderão recuperar o que se perdeu ao longo de sua história, garantindo o seu direito como cidadão.

⁴⁹ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), gabimarvit123@gmail.com

⁵⁰ Doutora em Educação; Professor orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), Edineia.Chilante@unespar.edu.br

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Novo ensino médio. Organização pedagógica.

OS JOGOS ENQUANTO UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE E DA ESCRITA

ALMEIDA, Grazielle M. de Arcanjo¹
SANTOS, Luara Alexandre dos²

RESUMO: O presente trabalho aborda as experiências no/do campo de estágio curricular supervisionado, desenvolvido na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR). Apresentando reflexões referentes a alfabetização, com destaque ao jogo, enquanto uma ferramenta pedagógica potente para o desenvolvimento da oralidade e escrita pelas crianças, um estudo baseado nas vivências realizadas em uma turma de 1º ano, do município de Paranavaí, onde ocorreram desde observações até intervenções pedagógicas, pensando o processo de alfabetização. Portanto, o desenvolvimento dessa pesquisa ocorreu por meio de um estudo bibliográfico, documental e de campo, por um viés qualitativo, com o intuito de perceber na instituição escolar, os jogos, nesse contexto, como uma oportunidade para provocar o uso da linguagem, de maneira lúdica, mas especialmente, significativa para alunos e professores. Diante dessas afirmativas, o estudo tem como objetivo observar a influência do jogo, enquanto uma ferramenta pedagógica, no desenvolvimento da oralidade e escrita de crianças do 1º ano do ensino fundamental. Para isso, o trabalho foi organizado em dois momentos. Primeiramente explicaremos a importância da oralidade e da escrita por meio de autores contemporâneos e clássicos, estudados durante este ano. E, o segundo momento se caracteriza na discussão especificamente sobre o uso dos jogos durante o período de alfabetização. O estudo teórico, atrelado à prática desenvolvida no campo de estágio mostraram que os jogos podem ser uma ferramenta pedagógica eficaz para alfabetização, promovendo o desenvolvimento da oralidade e escrita de maneira mais prazerosa e significativa. Propostas pedagógicas com a presença da ludicidade desenvolvem não só a oralidade e escrita, mas também o raciocínio lógico e diferentes relações interpessoais. Com isso, é possível afirmar que os jogos são um importante recurso didático para o processo de ensino e aprendizagem de crianças em processo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização; Jogos; Escrita e Oralidade.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (Campus de Paranavaí). E-mail: graziellyalmeida@outlook.com

² Mestre em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná. E-mail: luara.santos@unespar.edu.br

O LETRAMENTO DAS CRIANÇAS SURDAS NO AMBIENTE ESCOLAR

HILÁRIO, Caciane Andrade
FRANCIOLI, Fátima Aparecida de Souza

RESUMO: A finalidade deste estudo é entender o processo de aprendizado de uma criança surda no ambiente ESCOLAR. Busca entender o processo de desenvolvimento de crianças surdas em escolas regulares, com o apoio da família no aprendizado da LIBRAS e o respaldo de leis que garantem seus direitos sociais, econômicos, de saúde e, principalmente, educacionais. Fundamenta-se em autores como Soares (2016) e Ferreira (1999), que realizam um estudo relevante para o progresso dessas crianças na alfabetização através dos métodos sintetizados e no letramento, com ênfase na comunicação, garantindo acessibilidade e principalmente atendimento. Entende-se a relevância da alfabetização para crianças surdas, que acontece por meio do domínio da escrita. Isso trará um impacto significativo com atividades pedagógicas, incentivando a parte cognitiva e linguística das crianças com deficiência. Concluímos reconhecendo os obstáculos que os profissionais da educação e os professores intérpretes enfrentam nas escolas regulares, trabalhando em conjunto com o professor regente em sala de aula, ao lutarem para a implementação da educação bilíngue. Para que ocorra o aprendizado são necessárias atividades direcionadas, aliadas a métodos válidos como o método sintético, o que permitirá a essa criança avançar mais rapidamente no processo de alfabetização.

Palavras-chave: Educação bilíngue. Letramento. Educação Inclusiva.

O LIVRO COMO POTENCIALIZADOR DAS APRENDIZAGENS INFANTIS: IMPLICAÇÕES PARA A AÇÃO DOCENTE

HENRIQUE, Emily⁵¹

LAZARETTI, Lucinéia Maria⁵²

RESUMO: O presente resumo refere-se às ações desenvolvidas no Trabalho de Conclusão de Curso, com reflexões realizadas durante o percurso de pesquisa. O objeto de estudo foi sobre o processo imersivo dos bebês com os livros e a mediação docente, com o objetivo de analisar quais as implicações das ações de ensino com os livros nas aprendizagens dos bebês, a partir da teoria histórico-cultural. Esta pesquisa parte de um estudo teórico-bibliográfico associado a uma pesquisa de campo, numa turma de educação infantil com crianças de 6 meses a 1 ano e 11 meses de idade, realizada numa instituição de ensino na região noroeste do Paraná. Para subsidiar reflexões desta pesquisa de campo, fundamentamo-nos em autores da perspectiva histórico-cultural tais como: Pasqualini (2013); Lazaretti e Magalhães, (2019) e outros. A pesquisa de campo envolveu ações de observação e intervenção com os bebês, por meio de práticas de ensino com os livros e a mediação docente. Os resultados indicam que as práticas de leitura precisam ser introduzidas desde bebês e quando inseridos num mundo cultural repleto de significados, promovem diferentes modos de ler e participar das práticas sociais. Envolver a criança desde muito pequena com o universo da leitura é valioso para que ela queira cada vez mais compreender este mundo e o que sabemos sobre ele. A pesquisa resultou em possibilidades didáticas para as práticas de ensino que envolvem a interação com o objeto livro numa perspectiva histórico-cultural. Essas práticas devem inserir os bebês com a leitura por meio do contato imersivo com o objeto-livro, visto que dessa forma é possível o encontro instigante e intencional dos bebês com o mesmo, com os momentos de interação com o livro e a sua história. Com isso, esperamos que o presente trabalho contribua com as possibilidades educativas para o trabalho pedagógico na educação infantil.

Palavras-chave: Educação infantil. Desenvolvimento da criança. Ações didáticas com o Livro.

⁵¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), eh2600491@gmail.com.

⁵² Professora Doutora; Professora orientadora do Estágio em Educação Infantil do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lucineia.lazaretti@unespar.edu.br.

O PAPEL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO E INCLUSÃO DE SURDOS

HEREDIA, Amanda Carvalho⁵³

BORGES, Denise Santos⁵⁴

GARCIA, Dorcely Isabel Bellanda⁵⁵

RESUMO: O presente resumo tem por objetivo apresentar as conclusões obtidas a partir do estudo da deficiência auditiva e da surdez na disciplina de Fundamentos da Educação Especial. Trata-se de uma pesquisa teórica de cunho qualitativo, que se deu através da análise de teorias, pesquisas e discussões em sala. A deficiência auditiva e a surdez são conceituadas como a perda parcial ou total da audição, causada por má-formação ou lesão nas estruturas que compõem o aparelho auditivo, assim a pessoa compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais e manifesta sua cultura principalmente por meio da Língua Brasileira de Sinais. A Libras é reconhecida em nosso país como a língua oficial utilizada pela comunidade surda, que possui uma estrutura gramatical complexa e única, com suas próprias regras de sintaxe e morfologia, diferente dos sistemas de comunicação gestual que replicam o português. Algo que deve ser muito observado na comunicação por libras com pessoas surdas são as expressões faciais e movimentos corporais, essenciais para a comunicação. Alguns marcos importantes da legislação brasileira que deram maior amparo a comunidade surda foram a Lei 10.436/2002 e o decreto 5626/05, que reconheceram e regulamentaram a libras como língua e como meio de comunicação e expressão no Brasil e a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, que permitiu a recente inserção do ensino bilíngue para pessoas surdas como modalidade educacional. Percebe-se que a Língua Brasileira de Sinais desempenha um papel fundamental no processo de inclusão de alunos surdos, na vida escolar e na sociedade em geral. Ela permite que esses alunos se comuniquem de forma eficiente e natural, facilitando a interação com professores, colegas e demais integrantes do ambiente educacional. A LIBRAS também promove a valorização da diversidade linguística e cultural, quebrando barreiras de comunicação que podem dificultar o aprendizado e a integração social. Ao garantir que alunos surdos tenham acesso à educação em sua língua materna, a escola contribui para a construção de uma sociedade mais

⁵³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), amanda.heredia@hotmail.com.

⁵⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), dehtaa@hotmail.com.

⁵⁵ Prof^a Dr^a em Educação do Colegiado de Pedagogia e do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva/PROFEI da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), dorcely.garcia@ies.unespar.edu.br.

inclusiva e equitativa, onde todos possam exercer seus direitos de forma plena e participar ativamente dos processos de aprendizagem e convivência. O estudo evidenciou a importância da Língua Brasileira de Sinais no processo de inclusão das pessoas surdas, sendo essencial que a sociedade e as instituições educacionais continuem a investir em políticas e ações que garantam a inclusão das pessoas surdas, respeitando suas especificidades e assegurando-lhes o pleno exercício de seus direitos.

Palavras-chave: Deficiência auditiva. Libras. Educação. Inclusão.

O PAPEL DO ESTADO NA REFORMULAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A ALFABETIZAÇÃO: UM ESTUDO DA PNA

CAVALHEIRO, Rute Onofre da Silva Cavaleiro⁵⁶

OLIVEIRA, Rita de Cássia Pizoli⁵⁷

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo analisar os motivos do retrocesso da Política Nacional de Alfabetização. Para isso se faz necessário compreender os objetivos das políticas educacionais junto ao papel do Estado, tendo como documento norteador a Política Nacional de Alfabetização vigente através do Decreto nº 9765 de 11 de abril de 2019, bem como relacionar os objetivos da Política Nacional de Alfabetização com os objetivos dos últimos documentos das Organismos Internacionais, ressaltando a opção do Estado pela privatização do ensino no Brasil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com levantamento bibliográfico e documental. Aponta-se que as ações do Estado ao cuidar dos encaminhamentos educativos por meio das políticas têm a intenção de proteger o capital, por meio da inserção de empresas e abertura de nichos de mercado dentro da educação. A composição do documento da Política Nacional de Alfabetização traz um olhar de descaso sobre os estudos existentes sobre a alfabetização. Enfatiza-se o foco no ensinar a fazer e não na aprendizagem, baseando sempre em evidências científicas e em métodos de decorar. Ligado ao modelo econômico espera por resultados e habilidades que sejam desenvolvidas, sendo assim, nas mãos do Banco Mundial a escola precisará apresentar resultados satisfatórios aos organismos internacionais. Considerando isso, por meio do documento de Incheon (2015), enfatiza-se que a educação necessita ser de qualidade e equitativa até 2030. Diante disso, a Política Nacional de Alfabetização e seus encaminhamentos estão ligados diretamente a interesses de base privada e neoconservadora que permite alinhamentos direcionados ao mercado, fonte de retorno e lucro. Dessa forma, compreende-se a Política Nacional de Alfabetização na mesma linha de outros documentos que privilegiam a privatização da educação, haja vista que o mercado não poupa esforços para que a formação contribua com a perpetuação do capital na sociedade mantendo a desigualdade de classes. Contudo, é necessário a mudança de perspectiva sobre os encaminhamentos relacionados à atual política, visando a defesa por princípios defendidos pela equidade, igualdade e reflexão sobre a formação na importante fase da alfabetização.

⁵⁶ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), ruhonofre2442@gmail.com.

⁵⁷ Professor Dr. orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rita.pizoli@ies.unespar.edu.br.

Palavras-chave: Políticas educacionais. Estado. Política Nacional de Alfabetização.

O PAPEL DO PLANEJAMENTO NA GESTÃO PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS ESTADUAIS

NEPOMUCENO, Maria Eduarda⁵⁸

BOTTA, Fabiana Silva Botta⁵⁹

RESUMO: A partir da realização das atividades da disciplina “Ensino e Estágio em Organização do Trabalho Pedagógico”, foi observado o quanto o planejamento desempenha um papel fundamental na gestão educacional das escolas estaduais, funcionando como uma ferramenta indispensável para o resultado do processo de ensino-aprendizagem. No dia 23 de julho de 2024, foi realizado um encontro de Estudo e Planejamento no Colégio Estadual Curitiba, em Paranavaí-PR, reunindo a equipe pedagógica da instituição com o objetivo de alinhar estratégias para o segundo semestre. Durante o evento, a diretora Ana Betina destacou o papel fundamental do comprometimento com as metas educacionais e os desafios de aprimorar o desempenho acadêmico e a qualidade do ensino, como o aumento da frequência escolar e a melhoria nos índices de avaliações estaduais, como a Prova Paraná. De acordo com Libâneo (2008), o planejamento escolar é uma tarefa que vai além da simples organização das atividades didáticas, envolvendo a reflexão e a revisão contínua do processo pedagógico. como o aumento da frequência escolar e a melhoria nos índices de avaliações estaduais, como a Prova Paraná. O planejamento escolar não é apenas uma ferramenta organizacional; ele representa um momento de pesquisa e reflexão para os educadores, como aponta Vasconcellos (2006). Por meio do planejamento, os professores podem avaliar e ajustar suas práticas pedagógicas, sempre alinhando suas ações aos objetivos educacionais e às necessidades específicas dos alunos. No período da tarde, juntamente com as outras parceiras de classe, fomos envolvidas em uma atividade criativa, confeccionando enfeites para as portas das salas de aula, com o tema do filme “Divertidamente 2”, que explora as emoções humanas. Essa abordagem, além de integrar a equipe, buscava trazer reflexões sobre a importância de sentir e entender as emoções, tanto para os alunos quanto para os educadores. Essa atividade prática, simboliza a preocupação do colégio com o bem-estar emocional dos estudantes, que atualmente é uma pauta que está sendo bastante levantada, principalmente dentro das escolas com as crianças e jovens do nosso país. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)⁶⁰, divulgou

⁵⁸ Graduando(a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mariaeduarda.nepomuceno1234@gmail.com

⁵⁹ Mestre; Professora orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), fabiana.demizu@unespar.edu.br

⁶⁰ A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), criada em 1960, reúne cerca de 30 países de diversos continentes e colabora com mais de 70 nações. Atua principalmente nas áreas social e econômica, promovendo governança, desenvolvimento social e crescimento econômico por meio de acordos, pesquisas, revisões por pares e intercâmbio de boas práticas.

um relatório do Pisa⁶¹, que “escolas não são apenas lugares onde alunos adquirem habilidades acadêmicas; são também ambientes sociais onde eles podem desenvolver competências sociais e emocionais de que necessitam para serem bem-sucedidos na vida”. A relevância do planejamento pedagógico é reforçada ao longo do relato, mostrando que ele não apenas orienta as atividades cotidianas, mas também se conecta com as metas maiores da gestão escolar. Em suma, o planejamento na gestão pedagógica é um processo contínuo de organização e reflexão, que visa melhorar o ambiente educacional nas escolas. Ele possibilita que os professores e a equipe gestora alinhem suas práticas, identifiquem áreas de melhoria e garantam que os objetivos educacionais sejam atingidos de forma eficaz e inovadora.

Palavras-chave: Planejamento pedagógico. Gestão escolar. Reflexão educativa.

⁶¹ O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) é conduzido pela OCDE a cada três anos, avaliando o desempenho de jovens de 15 anos, idade próxima ao fim da educação básica na maioria dos países. O estudo analisa conhecimentos, atitudes e fatores que influenciam a aprendizagem dentro e fora da escola, permitindo que cada país compare suas políticas educacionais e desenvolva iniciativas para melhorar a qualidade e equidade da educação.

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NA INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO AUTISTA

SILVA, Talita Aparecida Francisco da Silva⁶²

RESUMO: O presente trabalho irá relatar sobre a importância do profissional de Psicopedagogia na inclusão dos alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista), na sala de aula. O autismo, ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. Os sintomas e sua gravidade podem variar amplamente entre os indivíduos. O objetivo deste trabalho é fomentar discussões sobre a importância do psicopedagogo no contexto escolar do aluno com TEA. Temos o Projeto de Lei 7.646/2014 sobre a assistência psicopedagógica nas escolas, onde busca evidenciar o atendimento nas escolas da rede pública de ensino. O psicopedagogo auxilia no processo de aprendizagem junto à criança, estimulando e respeitando as suas limitações. Com uma abordagem qualitativa, bibliográfica e documental, o estudo busca compreender como o psicopedagogo influencia na vida do aluno com autismo, considerando sua importância teórica e prática, na vida do aluno. O psicopedagogo compreende e conhece as características da criança com TEA, promovendo condições de aprendizagem com um planejamento que busque atingir as necessidades, os aspectos afetivos, comportamentais e cognitivos da criança. Os planejamentos têm que haver atividades diversificadas e individuais. Para permitir uma maior inclusão no ambiente escolar, a instituição deve criar oportunidades e condições para que as crianças com autismo, observando as suas limitações, consigam uma qualidade na aprendizagem. Esse trabalho pode contribuir para uma maior conscientização sobre a inclusão de alunos com autismo, oferecendo um guia prático para educadores e psicopedagogos que desejam aprimorar suas práticas e garantir uma educação de qualidade para todos. O psicopedagogo desempenha um papel fundamental no suporte a crianças autistas, ajudando-as a desenvolver habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Sua importância se destaca em várias áreas: avaliação, intervenção, apoio emocional, integração social e orientação familiar. Em resumo, o psicopedagogo é essencial para promover um aprendizado eficaz e uma melhor qualidade de vida para crianças autistas.

Palavras-chave: Psicopedagogo. Autismo. Aprendizagem.

⁶² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí),

talitafranciscodasilva2018@gmail.com

ORGANIZAÇÃO DO ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E INCLUSÃO: DIÁLOGOS COM A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

PEREIRA, Érica Cristina de Oliveira ⁶³

PIZOLI, Rita de Cássia ⁶⁴

RESUMO: Este estudo qualitativo explora as possibilidades para uma organização didática inclusiva na Educação Infantil, com base na Teoria Histórico-Cultural. Fundamentada em revisão bibliográfica, a pesquisa busca analisar os elementos teóricos dessa abordagem e sua aplicabilidade no contexto da educação infantil inclusiva, com foco no público-alvo da educação especial (PAEE). O tema é especialmente relevante no cenário atual, em que há um aumento significativo de matrículas de crianças com necessidades especiais em instituições de Educação Infantil, representando um avanço na garantia do acesso à educação e uma conquista dos direitos desse público, que historicamente enfrentou exclusão e segregação. Na perspectiva histórico-cultural, desenvolvida por Vygotsky, o processo de humanização ocorre por meio da interação entre a criança e os elementos culturais e sociais de seu ambiente. Esse contato permite que ela se aproprie dos conhecimentos, valores e práticas acumulados historicamente pela sociedade, transformando-se em produtora e reprodutora de cultura. Nesse contexto, a Estimulação Precoce torna-se uma estratégia pedagógica fundamental, pois possibilita que as crianças com necessidades especiais sejam inseridas em experiências educativas desde os primeiros anos, facilitando a interação com a cultura e promovendo seu desenvolvimento integral. A Estimulação Precoce, segundo a Teoria Histórico-Cultural, não se restringe a atividades mecanizadas, mas sim à mediação ativa, intencional e significativa, em que a criança é incentivada a explorar e participar de práticas culturais. O ensino inclusivo exige, portanto, uma organização que vá além do acesso, oferecendo uma estrutura que permita a todas as crianças, independentemente de suas necessidades específicas, participar de atividades enriquecedoras que contribuam para seu desenvolvimento. A mediação cultural, no caso da Educação Infantil inclusiva, desempenha um papel crucial ao introduzir elementos da cultura que ampliam a compreensão da criança sobre o mundo. Dessa forma, a organização didática deve ser planejada para que as crianças com necessidades especiais não apenas estejam presentes, mas sejam participantes ativas, interagindo com outras crianças e aprendendo em conjunto, como preconiza a Teoria Histórico-Cultural. No contexto brasileiro, a Educação Infantil ainda se encontra em um processo de estruturação e adaptação para responder às demandas específicas do PAEE. No entanto, é justamente nessa etapa

⁶³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), ericacristinapereira37@gmail.com.

⁶⁴ Professora do colegiado do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rita.pizoli@ies.unespar.edu.br.

inicial que se estabelecem as bases para o desenvolvimento integral, sendo a inclusão e a estimulação precoce elementos fundamentais para a formação plena da criança. O presente estudo contribui ao propor práticas pedagógicas que, fundamentadas na Teoria Histórico-Cultural, consideram a diversidade e as necessidades específicas das crianças, valorizando a interação social e a mediação como formas de desenvolvimento. Assim, a inclusão na Educação Infantil, sob a perspectiva histórico-cultural, busca promover o desenvolvimento humano por meio da imersão em práticas culturais e sociais. Dessa forma, o ensino inclusivo transforma-se em um processo de humanização, onde cada criança, ao participar ativamente do ambiente escolar, se desenvolve e se integra, fortalecendo o ideal de uma educação justa e inclusiva.

Palavras-chave: Educação Infantil. Inclusão. Teoria Histórico-Cultural. Didática.

ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA E DE GESTÃO ESCOLAR: A ESCOLA PÚBLICA CÍVICO-MILITAR

SANTOS, Bianca Maria Mendonça⁶⁵

PEREIRA, Cássia Regina Dias⁶⁶

RESUMO: A pesquisa objetivou ampliar os estudos sobre as instituições escolares que foram transformadas em escolas cívico-militares no âmbito nacional, destacando a implantação do programa no Estado do Paraná. Trata-se de um estudo bibliográfico, com procedimentos de análise qualitativa dos dados selecionados e classificados, a partir Decreto Nacional nº 10.004 de 05/09/2019 que instituiu o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM), da legislação que referendou a implantação do programa no Estado do Paraná, a Lei n.º 20338/2020 e da Lei n.º 21327/2022, ambas versam sobre a implantação do Programa Colégios Cívico-Militares (CCM/PR), vale ressaltar que o programa CCM no Estado do Paraná conta com uma legislação complementar. A indagação que gerou o desenvolvimento desse estudo foi a necessidade de entender se a proposta elaborada pelo Programa Nacional de Escolas Cívico Militares (PECIM), pode significar uma forma de inspeção autoritária ou não, ao trabalho do gestor, da coordenação pedagógica e do professor dentro da sala de aula. O estudo do embasamento teórico que subsidiou a elaboração do Projeto Programa Nacional de Escolas Cívico Militares (PECIM), na esfera federal, possibilitou verificar como foi a sistematização dele colocada em prática pelo governo do Estado do Paraná via secretarias estaduais da educação SEED e de Segurança Pública SESP/PR. A linha de pesquisa Instituições Escolares contribui para o campo da História da Educação, na medida em que possibilita o aprofundamento de investigações sobre os aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais de um contexto histórico em que se encontram inseridas as instituições escolares. Nesse sentido, a identidade da escola, em parte, é resultado de um contexto maior de uma dada realidade social, política, econômica e educacional. Os resultados obtidos voltam-se ao incremento das pesquisas em história da educação da educação brasileira, com recorte específico para o Estado do Paraná, e a implantação do Programa Colégios Cívico-Militares no Estado do Paraná, que resultam da parceria entre a Secretaria Estadual de Educação e Esporte e a Secretaria Estadual da Segurança Pública do Estado do Paraná. A militarização das escolas públicas, é uma prática baseada em escolas de modelos militares, nesse sentido a educação escolar

⁶⁵ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), 2024.
bmmaria555@gmail.com

⁶⁶ Doutora em educação. Docente do colegiado do curso de pedagogia da UNESPAR- campus de Paranavaí,
cassia.regina@unespar.edu.br.

é inserida no modelo militar com uma pedagogia de abordagem disciplinar e autoritária, atendendo somente dos membros envolvidos. Esse meio de ensino oculta a liberdade pedagógica dos professores, e retira a autonomia dos alunos, contrariando os princípios educacionais democráticos de participação ativa baseada em liberdade de expressão e formação de senso crítico.

Palavras-chave: Organização Pedagógica. Gestão Escolar. Programa de Escola Cívico-Militar. Colégio Cívico-Militar no Estado do Paraná.

O DESENHO NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO- CULTURAL

MELO, Bruna Lorena dos Santos¹

ALVES, Rita de Cassia²

Resumo: A pesquisa analisa a relevância do desenho no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, evidenciando a importância do papel do professor nesse processo e as contribuições da Teoria Histórico-Cultural, baseada nos estudos de Lev Vygotsky. O estudo se fundamenta na indagação sobre como o desenho influencia o desenvolvimento infantil e de que maneira o docente pode potencializar essa prática. Nesse sentido, o objetivo geral consiste em analisar a relevância do desenho no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, evidenciando o papel do professor nessa prática pedagógica, e as contribuições da Teoria Histórico-Cultural. Diante disso, os objetivos específicos são: a) compreender os principais conceitos da Teoria Histórica Cultural no desenvolvimento infantil; b) analisar a importância do desenho na Educação Infantil e os impactos no desenvolvimento das crianças; c) compreender o papel do professor no incentivo à prática do desenho. Assim, esta pesquisa busca responder às seguintes questões: Como o desenho impacta o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil? E quais são as contribuições da Teoria Histórico-Cultural para pensar essa problemática. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa e bibliográfica, com análise de livros, artigos científicos e teses que abordam a importância do desenho na Educação Infantil. Os resultados apontam que o desenho é uma atividade essencial para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como o pensamento abstrato, a memória e a linguagem. Essa prática permite que as crianças expressem suas percepções e emoções, transformando-as em conceitos e simbolizações, o que promove o desenvolvimento intelectual e socioemocional. A pesquisa também ressalta que, ao desenhar as crianças internalizam experiências culturais e sociais, construindo novos conhecimentos e interagindo com o mundo ao seu redor. Conclui-se que o desenho deve ser valorizado como uma linguagem fundamental na educação infantil, pois ele contribui para o desenvolvimento integral das crianças ao possibilitar a representação simbólica de suas experiências e interações sociais.

Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural. Desenho. Educação Infantil.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Unespar, brunalorenamello@gmail.com.

² Professora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), rita.cassia.aalves@gmail.com.

PRÁTICAS ROTINEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO

AVANÇO, Stella Maria⁶⁷

ALVES, Rita De Cássia⁶⁸

RESUMO: A rotina é uma das ferramentas do desenvolvimento na educação infantil, um modo de organização que traz conforto e segurança aos estudantes na sala de aula, mediante planejamento sistemático de atividades que promovam interações e práticas pedagógicas significativas, complementado com estratégias possíveis que promovam a incrementação da cultura, linguagens, em suma, o conhecimento sistematizado. Nesse sentido, a pesquisa investigou como a rotina escolar, por meio das ações planejadas e rotineiras dos docentes, impacta no desenvolvimento das crianças. Discute-se, assim, como a organização adequada das atividades escolares pode fomentar interações ricas e significativas, essenciais para o processo de aprendizagem. Complementando essa perspectiva, o estudo oferece uma visão social e cultural das práticas pedagógicas contextualizadas, ressaltando a importância de se considerar o meio em que os alunos estão inseridos. Essa abordagem é crucial, uma vez que reconhece que o aprendizado não ocorre de maneira isolada, mas é profundamente influenciado pelas interações sociais e culturais vivenciadas pelas crianças no dia a dia. Assim, trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em análise bibliográfica utilizando teses, monografias, revistas e artigos científicos que resultaram no entendimento de como os professores ao planejarem ações intencionais, espaços e atividades que levem em consideração o conhecimento prévio, podem influenciar no aprendizado da criança da educação infantil, tendo a rotina e a repetição como meio de atingirem o repertório cultural, científico e a linguagem como poder de expressão.

Palavras-chave: Práticas Rotineiras, ações planejadas, desenvolvimento integral, interação social.

⁶⁷ Discente de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), stellamariaavanco@gmail.com

⁶⁸ Professora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rita.cassia.alves@gmail.com.

PROGRAMA MAIS APRENDIZAGEM

SILVA, Talita Aparecida Francisco da Silva⁶⁹

DEMIZU, Fabiana Silva Botta⁷⁰

RESUMO: O presente trabalho irá relatar a experiência vivenciada na observação do dia do 'Programa mais Aprendizagem' por meio do estágio obrigatório da disciplina Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar da UNESPAR campus de Paranavaí. A observação foi realizada em uma escola de Ensino Fundamental 2, e se refere às horas de estágio de Organização do Trabalho Pedagógico. O objetivo deste trabalho é fomentar discussões da observação e estudos em sala de aula sobre o Programa mais Aprendizagem e entender a função do mesmo para a formação humana. O trabalho é dividido em três partes, sendo elas: introdução, resultados e discussões e considerações finais. Na introdução apresenta-se os objetivos do estágio obrigatório e a descrição dos dias observados do Programa Mais Aprendizagem. Em resultados e discussões, destacamos as principais argumentações decorridas no dia a dia das observações realizadas na escola. Em conclusão, nas considerações finais ressaltamos o conhecimento obtido por meio da observação do estágio obrigatório. Por meio das leituras dos materiais teóricos e das observações, foi possível compreender que o Programa Mais Aprendizagem tem como objetivo principal promover a inclusão e a melhoria da qualidade educacional para estudantes do ensino fundamental. Ele busca oferecer apoio pedagógico e acompanhamento aos alunos que residem na área urbana, promovendo o desenvolvimento de habilidades essenciais e a redução da evasão escolar. Além disso, promove a formação de professores e a articulação entre a escola e a comunidade, fortalecendo o processo de ensino-aprendizagem e contribuindo para a formação integral dos alunos. Sendo assim, relatamos a importância do vínculo entre as universidades e instituições escolares, pois oportunizam ações mais conscientes e democráticas em meio a educação. As universidades desempenham um papel crucial na formação inicial e continuada de professores, fornecendo conhecimentos teóricos e práticos que são essenciais para a prática pedagógica nas escolas. A colaboração entre esses dois tipos de instituições pode impulsionar a pesquisa educacional, permitindo que as escolas tenham acesso a novas metodologias e práticas inovadoras, melhorando a qualidade do ensino.

⁶⁹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí),

talitafranciscodasilva2018@gmail.com

⁷⁰ Mestre; Professora orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), fabiana.demizu@unespar.edu.br

Palavras-chave: Estágio. Programa Mais Aprendizagem. Ensino. Observação.

RAMIFICAÇÕES ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

SILVA, Larissa Rodrigues da⁷¹

UJIIE, Najela Tavares⁷²

RESUMO: A arte é um elemento essencial a formação humana e a formação integral na Educação Infantil. O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (Brasil, 1998) orienta a ação educativa com artes em três eixos norteadores: artes visuais, música e movimento, sendo que este último eixo contempla a ramificação artística tanto da dança, quanto do teatro, considerando a performance do corpo da criança. Desse modo, o interesse em pesquisar sobre o tema surgiu de uma motivação pessoal, considerando uma certa proximidade com as artes, principalmente a música e a experiência de estagiária na Educação Infantil. No escopo do projeto de extensão *Formação Continuada de Professores da Educação Infantil: diálogos e demandas*, a temática da arte foi abordada na segunda edição (2022), em dois encontros: 1) Música na Educação Infantil, e, 2) Expressão Artística e Prática Pedagógica na Educação Infantil, e dissidente da atividade formativa os profissionais planejaram ações artísticas, efetivaram e relataram. Em decorrência, o presente trabalho visa analisar os relatos produzidos acerca das ramificações artísticas e seus contributivos a formação da criança da Educação Infantil. A pesquisa tem enquadramento metodológico bibliográfico e documental e fia-se em uma análise qualitativa dos relatos produzidos pelos docentes da formação. O trabalho possui respaldo nos aportes de Ujiie (2016), Vianna e Strazzacappa (2009), Brito (2003), entre outros autores. Dos 50 participantes da formação 29 encaminharam os relatos que foram distribuídos e analisados em três categorias, sendo 21 relatos de artes visuais, 3 de música e 5 de movimento (dança e teatro). Podemos afirmar que a arte está presente na vida do homem desde o início da humanidade, sendo utilizada pelos povos e gerações anteriores como forma de se comunicar e expressar sentimentos, e vem sendo constantemente inserida no nosso cotidiano desde então. Em coaduno com Ujiie (2016), a arte pode ser considerada como representação de mundo, expressão de sentimentos e energia interna, porém, ao mesmo tempo, pode-se considerar que a arte é um conhecimento historicamente elaborado, que atrai uma concepção do mundo através de um olhar crítico, sensível, político, social, cultural e econômico de

⁷¹ Graduanda de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí). Pesquisadora bolsista da Iniciação Científica pela Fundação Araucária. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação: teoria e prática (GEPE). E-mail larissilva0@gmail.com

⁷² Orientadora. Doutora em Ensino de Ciências e Tecnologia (UTFPR). Docente do Colegiado de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR), da Universidade Estadual do Paraná, Campus Paranavaí. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação: teoria e prática (GEPE/UNESPAR) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Práxis Educativa: estudos da infância e prática pedagógica (GEPPEI/UNICENTRO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1242945275956878>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3405-4894>. E-mail: najelaujiie@yahoo.com.br.

cada época. Para Brito (2003, p. 94), “[...] pelo canto, pela dança, pela representação estaremos ampliando o universo cultural e musical e estabelecendo desde a primeira infância uma consciência efetiva com relação aos valores próprios da nossa formação e identidade cultural.” Ou seja, a arte pode influenciar diretamente nas questões culturais, cognitivas, sociais e sentimentais da criança, no agenciamento de educação e formação integral. Partindo desse pressuposto, os participantes da formação continuada realizaram uma prática onde os participantes deveriam elaborar uma atividade de expressão artística, considerando as discussões e exposições dos encontros que versaram sobre o tema, aplicar essas atividades em suas respectivas turmas, elaborar um relato de experiência e postar na plataforma Google Classroom. Essas práticas consistiram em atividades de pinturas, mosaicos com corte e colagem, fotografias, releituras, teatros com contos infantis, danças e musicalização. Assim, foi possível articular as práticas com o que está proposto nos documentos norteadores para a Educação Infantil, e com os teóricos estudiosos da temática. Em decorrência, os professores devem reconhecer a arte e as ramificações artísticas como contributivos para a formação dos bebês e das crianças, incluindo-as cotidianamente nas práticas e atividades realizadas na Educação Infantil como ferramenta pedagógica e facilitadora de ensino, e não somente como forma de distração e recreação. Com isso, a partir das análises foi possível reiterar que as ramificações artísticas na Educação Infantil são essenciais à formação integral e consideradas elementos fundamentais para educar a sensibilidade estética da criança para apreciar, fazer e contextualizar arte.

Palavras-chave: Educação Infantil. Arte. Educação Estética. Prática Pedagógica. Ramificações Artísticas.

REFLEXÃO DAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO SOB OS PRINCÍPIOS DO MÉTODO FÔNICO

LIMA, Lorena Azevedo de ⁷³

DOTTO, Flavia Perin da Costa ⁷⁴

FRANCIOLI, Fatima Aparecida de Souza ⁷⁵

ALVES, Rita de Cassia

RESUMO: O presente trabalho propõe-se a relatar práticas pedagógicas desenvolvidas durante o estágio supervisionado na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, que faz parte do currículo do 3º ano do curso de Pedagogia. Os estudos realizados nesta disciplina versaram sobre os métodos de alfabetização e dentre eles decidiu-se apresentar o método fônico, no qual a criança é alfabetizada por meio dos sons das letras, se apropriando do conceito de grafemas e fonemas, símbolos gráficos e unidades sonoras utilizadas para formar e distinguir palavras (Capovilla, 2002). O método consiste em alfabetizar ensinando os sons de cada letra até que os alunos alcancem a pronúncia completa da palavra, de forma que consiga ler todas as palavras. Para avaliar o desenvolvimento da leitura e da escrita o método fônico apresenta três estágios, sendo eles: estágio logográfico, estágio alfabético, estágio ortográfico. A fim de observar estes estágios aplicou-se uma sondagem com três alunos do primeiro ano do ensino fundamental, em uma escola pública municipal, a qual foi constituída por palavras da família silábica da letra N, iniciamos com palavras de letras monogâmicas, depois palavras com letras que apresentam dificuldades ortográficas. A partir da sondagem realizada conseguimos observar a relação entre teoria e prática. A sondagem demonstrou que um aluno estava no estágio logográfico (reconhece as letras que vê com mais frequência) transição para o alfabético, outro no estágio alfabético (entende a correspondência entre letras e sons) e o terceiro no estágio em transição do alfabético para ortográfico (escreve e lê associando letras e sons). Consideramos, diante do exposto, que o estágio supervisionado é um componente de extrema importância para formação acadêmica, pois nos possibilita relacionar a teoria com a prática concretizando nossos estudos e discussões sobre a alfabetização, onde podemos compreender os fundamentos do método fônico, seus estágios dos níveis de leitura e escrita e sua relevância para direcionar as práticas pedagógicas para alfabetização.

⁷³ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lorenaazevedopedagogia@gmail.com.

⁷⁴ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), Flaviaperindotto2@email.com.

⁷⁵ Titulação; Professor orientador e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), orientadorousupervisor@email.com.

Palavras-chave: Alfabetização. Estágio Supervisionado. Método Fônico.

REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS DO USO DE GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

HEREDIA, Amanda Carvalho⁷⁶

BORGES, Denise Santos⁷⁷

SILVA, Mariana Zanelato da⁷⁸

FRANCIOLI, Fátima Aparecida de Souza⁷⁹

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo apresentar a importância do uso do gênero textual no processo de alfabetização e letramento. Para isso, estudou-se a teoria, tendo como referência os textos de Soares (2004), a qual esclarece que alfabetização refere-se à aquisição do sistema convencional de escrita, enquanto o letramento envolve o desenvolvimento de habilidades e comportamentos relacionados ao uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Embora distintos, esses conceitos são interdependentes, pois a alfabetização só ganha significado em práticas sociais de leitura e escrita (letramento), e o letramento se desenvolve a partir da aprendizagem do sistema de escrita. Este estudo foi realizado na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, que faz parte do currículo do 3º ano do curso de Pedagogia. Para constatar como esta proposta se efetiva na prática pedagógica, foi realizada uma intervenção com alunos do 1º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal, utilizando o texto epistolar convite, que permite a eles conectarem-se com o aprendizado da leitura e da escrita em suas práticas sociais reais, tornando o processo mais significativo e integral. O trabalho inicial partiu das explicações da estrutura formal e informal do convite, com foco em seus principais elementos (local, data, hora, destinatário, mensagem e remetente). Com essa finalidade, foram entregues para cada aluno um modelo de convite impresso, que possibilitou a leitura conjunta e a explicação de todos seus principais elementos. Em seguida, solicitamos que cada um identificasse no convite os elementos que foram explicados, pintando-os com lápis colorido, identificando os conceitos apresentados. Por fim, depois das discussões e do tempo dado para assimilação e realização das tarefas, solicitamos que a turma realizasse, em conjunto, a escrita de um convite para um recital fictício que aconteceria na escola. Dessa forma, à luz do que foi apresentado, o estágio supervisionado se revela um componente essencial para a formação acadêmica, pois nos possibilita estabelecer uma conexão significativa entre a teoria e a prática, concretizando nossos estudos de maneira mais produtiva. A intervenção no 1º ano nos proporcionou uma compreensão mais abrangente dos conceitos de alfabetização e letramento, evidenciando que, embora sejam processos distintos, eles caminham juntos e se complementam de maneira fundamental no desenvolvimento dos alunos.

⁷⁶ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), amanda.heredia@hotmail.com

⁷⁷ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), dehtaa@hotmail.com

⁷⁸ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mariana.zanelat@gmail.com

⁷⁹ Profa. Dra. do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), fatima.francioli@unespar.edu.br

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Estágio Supervisionado. Gênero textual.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: A APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03 NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

SILVA, Ana Paula Pinheiro da⁷⁹

BORNIOTTO, Maria Luisa da Silva⁸⁰

RESUMO: A temática deste estudo tem por motivação a necessidade de investigar como a lei 10.639/03 está sendo destacada nos livros didáticos após a promulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Tendo em vista que após mais de vinte anos da efetivação da lei 10.639/03 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em todas as redes de ensino do país, o livro didático surge nas escolas como um norteador em sala de aula sendo um importante aliado para a para a efetivação de uma educação mais equitativa, no entanto, podemos observar que esses livros apresentam um conteúdo estereotipado e superficial que contribuem para a perpetuação das desigualdades sociais e raciais. Diante disso, esse trabalho tem como objetivo averiguar os documentos das políticas educacionais como a lei 10.639/03 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional número 9.394, de 1996, na qual regulamenta a inserção das relações raciais nas instituições de ensino básico. Com o intuito de investigar como a lei está sendo destacada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), considerando um documento norteador da política curricular brasileira. O livro didático do terceiro ano do ensino fundamental anos iniciais aprovados no Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) publicados entre o período de 2019 à 2022 sendo um dos principais documentos analisados. Esse estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa por meio da análise documental e bibliográfica. A análise construída ao longo da pesquisa, verificou-se que a aplicação da história e a cultura africana e afro-brasileira nos livros didáticos entre o período de 2019 à 2022, embora haja um grande esforço por parte dos autores para a inserção do conteúdo conforme imposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) nos livros didáticos, entretanto, os conteúdos permanecem limitados e superficiais, ambos os livros apresentam conteúdos relacionados a diversidade mais ainda estão bem longe da efetivação plena da Lei 10.639/2003, mesmo após a promulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) houve alguns avanços, porém não significativos.

Palavras-chave: Lei 10.639/03. Livro Didático. BNCC. PNLD.

⁷⁹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), anapaulapinheiro4719@gmail.com.

⁸⁰ Professora Dr.^a do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mariaborniotto@gmail.com.

SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL: EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS A PARTIR DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

BRANDÃO, Ana Júlia Bonomi ⁸¹

DEMIZU, Fabiana Silva Botta ⁸²

RESUMO: O presente resumo tem como objetivo compartilhar as observações realizadas na sala de recurso multifuncional do Colégio Estadual de Paranavaí, no dia 21 de agosto de 2024, juntamente com a professora Kátia Ceron. É importante frisar que as salas de recursos foram criadas com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96). No colégio estagiado possuem duas salas de recursos, que ocorrem na parte da manhã (contraturno), ambas atendem 20 alunos de 6º a 9º ano, divididos em 4 grupos de 5 alunos. Assim como pede a legislação, todos os indivíduos atendidos possuem laudos, que variam entre TA (transtorno de aprendizagem), DI (deficiência intelectual), TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade), TEA (transtorno do espectro autista), Disgrafia, Dislexia, TOD (transtorno opositor desafiador). Foi observado a forma como a sala foi organizada, no centro ficam 6 mesas juntas (uma para cada aluno e uma para a professora que senta o tempo todo junto aos alunos), nas paredes foi possível observar diversos banners, calendário, tabuadas e silabários, a sala também possui dois armários que guardam lápis grafite, lápis de cor, cadernos, borrachas, tesouras, colas, jogos, notebooks e as atividades, tudo fica ao alcance dos alunos, a fim de estimular os mesmos a terem maior autonomia. Na sala de recursos multifuncional a maioria das atividades são de português e matemática, as de língua portuguesa geralmente são voltadas para interpretação, ortografia, concordância nominal, separação silábica, tempo verbal e escrita de frases, já as de matemática, são voltadas para a chamada “matemática básica”, adição, subtração, divisão, multiplicação, antecessor, sucessor e decomposição, são aplicadas de acordo com a necessidade de cada aluno. No primeiro momento do dia estagiado (07h:30min às 9h:10min) compareceram a aula 4 alunos, um de cada ano do ensino fundamental II, um com TA (transtorno de aprendizagem), outro com DI (deficiência intelectual) e dois com TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade), já no segundo horário (9h:10min às 11h:10min) apenas dois alunos compareceram, ambos cursando o 6º ano do ensino fundamental II, um possui TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade) e o outro TEA (transtorno do espectro autista). Os alunos iniciaram realizando os quizzes deixados pelos professores, após a realização dos mesmos iniciam as atividades, é interessante pontuar que durante todo o desenrolar da aula a professora está sempre

⁸¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), anajuliabonomibrandao@gmail.com.

⁸² Mestre; Professora orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), fabiana.demizu@unespar.edu.br

valorizando cada acerto dos alunos, por menor que seja, ato fundamental para desenvolver autoconfiança e motivar os alunos, além de melhorar relação professor aluno. Diante dessas informações, conclui-se que neste encontro, teve grande valia pois a sala de recurso multifuncional é um pilar extremamente importante para a construção de uma educação inclusiva e de qualidade.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Sala de Recurso Multifuncional. Educação Inclusiva.

TECENDO SABERES: ZILDA ARNS E A EDUCAÇÃO POR MEIO DA SAÚDE

SILVA, Sabrina Soares da⁸³
STENTZLER, Marcia Marlene⁸⁴

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar os aspectos do trabalho da Dra. Zilda Arns (1934-2010) sob a perspectiva educativa, entrelaçada aos cuidados com a saúde da criança. A pesquisa busca não apenas preencher uma lacuna historiográfica, mas também destacar o papel e o protagonismo das mulheres na construção de saberes em diversas áreas do conhecimento relacionadas à educação. Zilda Arns é reconhecida por seu impacto social, especialmente através da Pastoral da Criança, onde promoveu iniciativas que uniram saúde e educação, contribuindo para a valorização da infância. Os objetivos específicos deste estudo incluem a análise de registros que documentam o engajamento e as realizações de Zilda Arns no âmbito social. A pesquisa foca no trabalho sócio-educacional desenvolvido por meio da Pastoral da Criança, que se dedicou a melhorar as condições de vida das crianças e suas famílias, enfatizando a importância da educação para a saúde e o bem-estar infantil. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa básica de cunho descritivo e qualitativo. A abordagem será bibliográfica, envolvendo a consulta a documentos, livros, artigos, periódicos e dissertações que abordem a trajetória e as contribuições de Zilda Arns. A análise dos dados será realizada de forma qualitativa, utilizando a análise de conteúdos para compreender as interações entre o trabalho de Zilda Arns e o processo educativo. Os resultados esperados incluem uma compreensão mais aprofundada sobre a atuação da Dra. Zilda Arns e suas contribuições para a educação e saúde infantil. A pesquisa pretende evidenciar como suas iniciativas que promoveram a valorização da infância e influenciaram políticas sociais e educacionais no Brasil. Além disso, busca-se destacar a importância de uma abordagem integrada entre saúde e educação, demonstrando como o trabalho de Zilda Arns se tornou um modelo de atuação social que pode ser replicado em outras comunidades. Em suma, este estudo não apenas ilumina a trajetória de uma mulher pioneira, mas também contribui para um entendimento mais amplo da intersecção entre educação e saúde, reforçando a relevância de abordagens integradas para o desenvolvimento infantil. A valorização da infância e a atuação de figuras como Zilda Arns são fundamentais

⁸³Graduanda Sabrina Soares da Silva do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), sabrinasoares19@hotmail.com

⁸⁴Professora orientadora Dr^a Marcia Marlene Stentzler do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), marcia.stentzler@unespar.edu.br

para a construção de saberes que permeiam o campo educacional e social.

Palavras-chave: Zilda Arns. Educação. Saúde.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

LIMA, Lorena Azevedo de ⁸⁵

SILVA, Mariana Zanelato da ⁸⁶

GARCIA, Dorcely Izabel Bellanda ⁸⁷

RESUMO: Pesquisa teórica e documental, de cunho qualitativo, realizada na disciplina Fundamentos da Educação Especial sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Trata-se de uma condição afeta ao neurodesenvolvimento caracterizada por déficits na interação social, comunicação e padrões de comportamento restritos e repetitivos. O TEA é um espectro, o que significa que apresenta uma ampla gama de manifestações e severidades, variando de leve a severo. As principais características associadas ao TEA incluem dificuldades na comunicação verbal e não verbal, desafios na compreensão de normas sociais e comportamentos repetitivos, como movimentos estereotipados ou interesses intensos em tópicos específicos. Historicamente, a categorização do autismo passou por diversas revisões, refletindo uma evolução no entendimento da condição. O DSM-5, publicado em 2013, unificou os diagnósticos anteriores sob a designação de TEA, subdividindo-o em três níveis de gravidade: nível 1 (leve), nível 2 (moderado) e nível 3 (severo). Essa mudança visou proporcionar uma compreensão mais abrangente e precisa do transtorno, reconhecendo a variabilidade nas apresentações clínicas. A inclusão de educandos com TEA no ensino regular representa um desafio significativo para o corpo docente. A falta de formação continuada e conhecimento específico sobre o transtorno contribui para a perpetuação de estereótipos e atitudes discriminatórias. A educação é vista como um meio crucial para transformar a percepção sobre as diferenças, promovendo a inclusão e o entendimento das deficiências. Os professores enfrentam dificuldades ao lidar com a diversidade de características dos alunos com TEA, o que pode gerar insegurança e temor. A formação adequada e o suporte pedagógico são essenciais para que os educadores possam atender às necessidades específicas desses alunos, garantindo não apenas o acesso, mas também a permanência e o desenvolvimento de suas habilidades. Além disso, a pesquisa destaca que a responsabilidade pela inclusão não recai apenas sobre os docentes, mas deve ser compartilhada por toda a comunidade escolar. A colaboração entre educadores, famílias e profissionais de saúde é fundamental para criar um ambiente inclusivo que favoreça o aprendizado e a socialização dos alunos com TEA. Em suma, o TEA é uma condição complexa que requer uma abordagem multidisciplinar e inclusiva,

⁸⁵ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lorenaazevedopedagogia@email.com

⁸⁶ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mariana.zanelat@gmail.com

⁸⁷ Doutora em Educação; Professora do Colegiado de Pedagogia e do Mestrado em Educação Inclusiva/PROFEI da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), dorcely.garcia@ies.unespar.edu.br

visando promover o desenvolvimento integral dos educandos e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A Lei Berenice Piana, oficialmente Lei nº 12.764/2012, foi sancionada em 27 de dezembro de 2012 no Brasil e estabelece os direitos das pessoas com transtorno do espectro autista (TEA). Esta lei foi um marco importante na inclusão e proteção dos direitos das pessoas com autismo, garantindo apoio e condições específicas para que possam exercer plenamente sua cidadania. Seu nome é uma homenagem a Berenice Piana, uma ativista e mãe de uma pessoa com autismo que lutou intensamente pelos direitos das pessoas com TEA. Daí a importância de a educação inclusiva ser no ambiente regular de ensino, pois somente na relação com o outro compreende-se o sentido de alteridade e da diferença e que isso faz parte da diversidade humana. Conclui-se que a conscientização sobre o autismo desempenha um papel vital em várias frentes.

Palavras-chave: Autismo. Educadores. Inclusão.

ARTIGOS

SEGUNDO ANO

A ARTE COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

SILVA, Carolaine Rodrigues⁸⁸

SANTOS, Bruna Eduarda Martins⁸⁹

PEREIRA, Isallara Patrício⁹⁰

RAMOS, Mariane dos Santos⁹¹

FERRO, Lussuede Luciana de Sousa⁹²

RESUMO: Este resumo tem como objeto de estudo a organização do ensino da arte na educação infantil, desenvolvida nas ações de estágio supervisionado, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí). Com isso, objetivamos refletir a arte na prática pedagógica na idade pré-escolar, analisando as implicações do seu ensino na formação para a docência e no desenvolvimento das funções psíquicas das crianças. Diante disso, questionamos: quais as implicações do ensino da arte, desenvolvida na prática de estágio curricular supervisionado em educação infantil, no processo de formação docente e das funções psíquicas das crianças? Fundamentadas nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, sistematizamos os estudos e as ações de ensino e de aprendizagem que desenvolvemos com trinta e cinco crianças do Infantil 4 e 5, em uma escola localizada no interior do estado do Paraná. Dessa forma, organizamos os estudos em três momentos: a) discutimos os princípios da Teoria Histórico-Cultural como base para o desenvolvimento humano; b) identificamos a arte como conteúdo da cultura humana e ressignificado no espaço escolar; c) destacamos a organização do espaço como condição para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, quando planejado intencionalmente pelos professores. Como resultado, constatamos que estudar sobre os conceitos de arte e sistematizar o seu

⁸⁸ Bruna Eduarda Martins dos Santos do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), bruna.eduardamart@gmail.com.

⁸⁹ Isallara Patrício Pereira do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), isallarapp@gmail.com

⁹⁰ Carolaine Rodrigues da Silva do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rodriguescarolaine809@gmail.com

⁹¹ Mariane Ramos dos Santos do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), marianedossantos550@gmail.com

⁹² Doutora, Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lussuede.ferro@unespar.edu.br

ensino, foi uma experiência de estágio que possibilitou vivências significativas tanto para nós, ao nos debruçarmos na organização intencional do espaço, quanto para as crianças, que puderam se expressar e se aproximar de conceitos que envolveram os conhecimentos da arte.

Palavras-chave: Arte. Cultural humana. Estágio Curricular Supervisionado. Educação Infantil. Teoria Histórico-Cultural.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da organização do ensino da arte na educação infantil, desenvolvida nas ações de estágio supervisionado, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus de Paranavaí). Com isso, objetivamos refletir a arte na prática pedagógica na idade pré-escolar, analisando as implicações do seu ensino na formação para a docência e no desenvolvimento das funções psíquicas das crianças de atenção, memória, linguagem, imaginação, emoção, sentimento, sensação, percepção e pensamento (Vigotski, 2000; Martins, 2013).

Isso porque, professoras-estagiárias e crianças devem ser colocadas em atividade nos processos de ensino, de aprendizagem e de desenvolvimento dos diferentes conceitos, como a arte e o fazer artístico, no movimento teórico-prático do estágio. Diante disso, questionamos: quais as implicações do ensino da arte, desenvolvida na prática de estágio curricular supervisionado em educação infantil, no processo de formação docente e das funções psíquicas das crianças?

Em busca de respostas para esta questão, fundamentamos nossos estudos nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, especialmente, nas pesquisas de Vigotski (2000), Leontiev (1972), Luria (2006), Elkonin (1987), Pasqualini (2013), Barroco (2014), Lazaretti e Magalhães (2019), Ferro (2016, 2023) para sistematizar as ações de ensino e de aprendizagem que desenvolvemos com trinta e cinco crianças do Infantil 4 e 5, em uma escola localizada no interior do estado do Paraná. Neste trabalho, focamos a arte como conteúdo da cultura humana, ressignificado na escola como conteúdo escolar.

Dessa forma, organizamos os estudos em três momentos: a) discutimos os princípios da Teoria Histórico-Cultural como base para o desenvolvimento humano, em especial a periodização elkoniana; b) identificamos a arte como conteúdo da cultura humana e ressignificado no espaço escolar; c) destacamos a organização do espaço como condição para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, quando planejado intencionalmente pelos professores, logo, também pelos(as) professores(as)-estagiários(as).

Como resultado, constatamos que estudar sobre os conceitos de arte e sistematizar o seu ensino, foi uma experiência de estágio que possibilitou vivências significativas tanto para nós, ao nos debruçarmos na organização intencional do espaço e no planejamento das ações de ensino nele desenvolvidas, quanto para as crianças, que puderam se expressar e se aproximar de conceitos que envolveram os conhecimentos da arte. Assim, aprender e ensinar no encontro dialético entre a universidade e a escola permite avanços qualitativos: para a formação docente, constituída por ações de ensino e de aprendizagem que envolvem estudos teórico-práticos (leitura, discussões, reflexões, observações participativas, planejamento e o desenvolvimento da prática pedagógica), considerando a criança, o que ela precisa aprender e a forma de ensiná-la; e para as crianças que vivenciaram experiências enriquecedoras e significativas. Portanto, esperamos que este estudo amplie a visão de todos os envolvidos com a formação docente e a educação escolar para a infância, na direção da humanização da criança e dos professores-estagiários.

1 OS PRINCÍPIOS DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

O estágio supervisionado possui grande importância para o desenvolvimento qualitativo da formação docente. Diante disso, discorreremos a seguir sobre o fundamento presente em nossa ação pedagógica e também a perspectiva teórica que contribuiu para a compreensão do desenvolvimento da criança nesse processo. A teoria Histórico-Cultural (THC) foi desenvolvida por Lev Semionovich Vigotski (2000), após as lutas na antiga União da República Social Soviética (URSS). Esse importante teórico, buscou em Marx aporte para desenvolver uma teoria psicológica que

compreendesse o desenvolvimento humano por suas bases culturais e sociais, além de propiciar às novas gerações acesso a essa cultura humana produzida socialmente.

Assim, a partir do materialismo histórico-dialético defende que o desenvolvimento do psiquismo somente ocorre na relação com o outro. Diante disso, compreendemos que, em relação ao contexto escolar, o professor deve mediar esse conhecimento a partir do conteúdo científico, ou seja, o conhecimento que foi produzido pela humanidade e sistematizado pela escola em conteúdo escolar. Nesse sentido, corroboramos Vigotski (2000) de que a criança, desde o nascimento, é um ser constituído socialmente e que participa ativamente das experiências que lhes são proporcionadas no mundo que a cerca, humanizando-a. Dessa forma, garantir-lhe acesso a instrumentos e signos é condição para que ela aprenda e se desenvolva integralmente.

Vigotski (2000) analisa que a apropriação dos conceitos e também do conhecimento produzido historicamente pela humanidade ocorre por meio dos signos e dos instrumentos. Signos são o meio pelo qual a humanidade propõe uma função ao objeto e, instrumentos, são o objeto imaterial ou material pelo qual o homem pode se apropriar desse signo. Assim, para ocorrer a aprendizagem as crianças precisam de mediação do outro para acessarem os instrumentos e os signos incorporados nos instrumentos, ficando evidente que estão ligados intrinsecamente.

Com a apropriação dos instrumentos e dos signos, mediadas pelo outro par mais desenvolvido, a criança desenvolve novas formações neurais que possibilitam o desenvolvimento de suas faculdades mentais em sua máxima potencialidade. Essas novas formações são denominadas por Vigotski (2000) de funções psicológicas superiores: imaginação, pensamento, linguagem, sensação, emoção, sentimento, atenção e memória, as quais são responsáveis pelos saltos qualitativos no desenvolvimento do psiquismo humano e além disso, estão articuladas com a característica que é própria do ser humano, como os reflexos incondicionados.

A partir dessas constatações, o processo de ensino e de aprendizagem ganharam outras significações para nós enquanto futuros docentes. E a análise que fizemos sobre o desenvolvimento do psiquismo atrelada à teoria histórico cultural, tornou-se mais rica e significativa. Diante desse fundamento, a seguir discorreremos

sobre os impactos dessas perspectivas na educação, especialmente, a Educação Infantil.

1.1 EDUCAÇÃO INFANTIL E A PERIODIZAÇÃO

A Educação Infantil, na perspectiva teórica histórico-cultural, é vista como o processo mais significativo para o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser humano. Pois compreendemos que, nesse período de desenvolvimento, a qualidade das formações neurais das crianças pode ser ampliada a partir da organização do intencional do ensino pelos professores, possibilitando experiências enriquecedoras que contribuam para a formação e desenvolvimento das funções psicológicas superiores das crianças.

Segundo Kramer (1984), a educação infantil sofreu e ainda sofre mudanças a depender da organização da sociedade. Ou seja, no início da formação da sociedade brasileira as escolas foram construídas para que as mães trabalhadoras pudessem ter onde deixar seus filhos, essa função assistencialista permeou grande parte do desenvolvimento das escolas. Entretanto hoje sabemos a partir de estudos tais como de Vigotski (2000), Leontiev (1972), Luria (2006), Lazaretti e Magalhães (2019), Ferro (2016, 2023), que a Educação Infantil, é palco de diversas formações psicológicas e que também contribuem com o desenvolvimento do ser humano e ainda com a criticidade do indivíduo. Portanto, o ensino está para além da sala de aula dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), uma vez que promove o processo de humanização (Moura, Araújo, Serrão, 2019).

Assim, para compreender o desenvolvimento do psiquismo infantil, Leontiev (1988) apresenta o conceito de atividade. Para o autor a atividade é aquela que possibilita que através das operações e ações realizadas em sala ou no contexto escolar, pode desenvolver o psiquismo de forma valorosa.

O princípio orientador é compreender essa criança como um sujeito ativo, ou seja, no processo de aprendizagem, na execução de qualquer operação, ela coloca em movimento todas as capacidades em ação, movimenta suas funções psíquicas e, dessa forma, é em

atividade que a criança pode aprender e se desenvolver. (Magalhães; Lazaretti, p. 150, 2019)

Pensando nisso, Elkonin (1987), organizou esse conceito e o denominou de periodização, objetivando compreender como ocorre o desenvolvimento infantil e qual é a atividade predominante das crianças em cada período da vida. Abrantes (2012), constitui a periodização infantil da seguinte forma, conforme quadro que segue:

Figura 1: Periodização do psiquismo



Fonte: Abrantes (2012).

As crianças na Educação Infantil perpassam esses períodos, à medida que sentem novas necessidades na relação com o espaço e com o outro, apropriando-se dos diferentes instrumentos e signos. Desse modo, o professor precisa organizar o ensino de maneira que possibilite uma aquisição do conhecimento acumulado historicamente, de maneira significativa para ele e para a criança. Segundo Moura (2010), é fundamental compreender a criança por meio da sua atividade principal, nesse viés, a atividade orientadora de ensino propõe indicar uma necessidade, um

motivo real, ensinar e aprender e propor ações que considerem as condições reais da criança.

Sistematizando as contribuições da Teoria Histórico-Cultural acerca do desenvolvimento do psiquismo, compreendemos que o desenvolvimento da criança é um processo de transformação que depende da mediação dos instrumentos e dos signos, oferecidos intencionalmente por um sujeito mais experiente. Isto é, a criança logo nos seus primeiros dias de vida, participa ativamente da cultura, por meio da sua inserção social. “[...] os resultados da cultura humana, em forma de signos e instrumentos, não são decifrados de forma independente e espontânea pela criança, e sim por meio da direção e mediação constante dos adultos no processo de ensino e aprendizagem.” (Lazaretti, p. 33, 2013)

Nessa direção, a criança, ao participar ativamente da sociedade na qual está inserida, apropria-se da cultura histórica humana. “No processo de apropriação das formas da cultura, a criança, por meio de sua atividade, concretiza a experiência humana historicamente objetivada e encarnada nela, com isso, humaniza-se [...]” (Lazaretti, p. 34, 2013). Nessa perspectiva, a apropriação da cultura pela criança ocorre por intermédio de sua atividade, é necessário portanto, a mediação dos adultos em promoverem ações que direcionam o domínio e a compreensão das funções dos objetos e instrumentos de sua cultura, possibilitando a promoção do desenvolvimento psíquico infantil.

Estabelecendo esses conceitos, ao tratarmos da arte como um conteúdo cultural, organizamos os espaços pautados nesses princípios. Mas para que possamos compreender a importância da arte para o desenvolvimento do psiquismo, na sessão seguinte discutimos como esse conceito contribui para a qualificação e a humanização dos indivíduos.

2 A ARTE COMO CONTEÚDO DA CULTURA HUMANA: RESSIGNIFICAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR

A arte é uma das expressões mais representativas da cultura humana, desempenhando um papel fundamental na construção e na transformação das sociedades. Ela transcende o papel de simples reprodução da realidade, sendo um

instrumento de criação que reelabora experiências vividas e projeta novas possibilidades. Vigotski (2018, p. 15) aponta:

[..] toda atividade do homem que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência, pertence a esse segundo gênero de comportamento criador ou combinatório.

Essa perspectiva destaca como a arte vai além da mera representação, conectando-se às aspirações e ao imaginário coletivo. Desse modo, compreendemos a cultura, como um conjunto de práticas, valores e manifestações simbólicas, encontrando na arte um meio poderoso de expressão. A imaginação, nesse contexto, atua como uma ferramenta central. Segundo Vigotski (p. 22, 2018), a imaginação humana “constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa”. É por meio dessa capacidade de combinar e organizar elementos do cotidiano que a arte transforma a realidade, criando formas de interpretar o mundo. Ela conecta diferentes gerações, preservando tradições e, ao mesmo tempo, abrindo espaço para inovações. Esse movimento dialoga com o papel da imaginação como fonte de criação e adaptação, permitindo que indivíduos e sociedades se reinventem, Barroco (2014, p. 23) afirma:

A arte não altera apenas o humor imediato dos indivíduos, mas objetiva sentimentos e outras potencialidades humanas. Ela é capaz de provocar alterações no psiquismo do sujeito. Ela propicia-lhes nova organização psíquica, o que possibilita a cada um a elevação à condição do indivíduo particular, organismo até certo ponto simplista e fruto da evolução natural a de gênero humano universal.

Assim, a relação entre cultura humana e arte é essencialmente dinâmica. Enquanto a cultura fornece a matéria-prima para a criação artística, a arte, por sua vez, alimenta e transforma a cultura, reafirmando sua relevância no desenvolvimento humano. Por meio da arte, a humanidade encontra formas de preservar sua identidade, questionar normas e imaginar futuros possíveis, reforçando seu papel como um dos pilares fundamentais da vida social e cultural.

Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando igualmente possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia. (Vigotski, 2018, p. 14)

Ao utilizarmos esse conceito e o resinificarmos para a Educação Infantil, especificamente para as turmas de infantil 4 e 5, estamos ampliando o acesso dessas crianças a cultura elaborada desenvolvida historicamente pela humanidade. Dessa forma possibilitaremos que elas entrem em atividade e desenvolvam suas funções psíquicas superiores. A arte nesse ambiente possui função muito além do que a aparência, mas colabora para a formação omnilateral dessas crianças e, portanto, humanizando-as. Ao reelaborar elementos da realidade por meio da imaginação, o ser humano não só compreende o mundo, mas também transforma a si mesmo. Dessa forma, a arte transcende o papel de um mero produto cultural para se tornar uma prática que nutre a essência criativa da humanidade, contribuindo para sua constante evolução.

2.1 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Diante desse viés de que devemos proporcionar vivências culturais às crianças, observamos que os espaços organizados para a realização de atividades, é essencial para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores das crianças, portanto escolhemos este tema trazendo uma reflexão mais aprofundada sobre, embasado na Teoria Histórico-Cultural. Durante nossas observações supervisionadas, visualizamos que a escola na qual estávamos estagiando, possuía salas em sua maioria, pequenas, com muitos alunos, sem muita iluminação e, além disso, com muitos elementos expostos ao redor da sala, o que acaba por prejudicar a concentração das crianças.

De acordo com os estudos realizados em sala de aula, constatamos que o ambiente deve ser atrativo para as crianças, fazendo com que esse espaço atrativo

passa a ser um espaço de aprendizagem. Por esse motivo, os espaços são organizados de acordo com o período de desenvolvimento das crianças, para que eles possam se apropriar das propostas nas quais essa organização disponibiliza.

Crianças de quatro e cinco anos tem como atividade principal o jogo de papéis que, de acordo com Magalhães e Lazaretti (2019), tem relação com o interesse da criança em compreender qual o sentido social dos objetos utilizados pelos adultos e como isso está interligado com as relações sociais estabelecidas pelos seres humanos. Cada período de desenvolvimento é caracterizado por uma atividade guia, a qual é responsável pelas principais mudanças no psiquismo e, também, no desenvolvimento da personalidade da criança. Sendo assim, a atividade principal jogo de papéis é aquela que marca a etapa de desenvolvimento das crianças entre quatro a cinco anos de idade.

Buscando proporcionar às crianças um ambiente no qual eles possam se desenvolver guiadas pela atividade principal jogo de papéis, organizamos um espaço que explorando com elas os conhecimentos relacionados à **arte**. Para isso, propomos vivências de forma ampla, com pinturas, artes africanas e indígenas, uma vez que, o intuito de nossa proposta era que as crianças não somente visualizassem a arte como um processo de pintura, mas vissem que arte é algo para além das lindas telas pintadas por artistas famosos e renomados. Seguindo disso, as crianças passariam de observadoras à artistas, tendo autonomia para criarem suas próprias impressões artísticas, utilizando não somente elementos produzidos pelos homens, mas também naturais.

É notório que durante a organização do espaço, as crianças desenvolveram suas funções psíquicas superiores, mas, muitas vezes, as escolas por possuírem muitas demandas, evitam proporcionar esse tipo de atividade às crianças. Essa organização exige tempo dos professores, pois precisam selecionar todo o material desde o início, realizando um plano de aula sistemático e expondo cada detalhe do que pretende ser feito. Por isso, o trabalho do professor nesse processo é fundamental, uma vez que ele precisa organizar intencionalmente um espaço no qual possibilite às crianças a aprendizagem necessária, de acordo com o período no qual estão em desenvolvimento (Lazaretti, 2013; Ferro, 2023).

Essas atividades proporcionam às crianças um contato direto com a natureza e contribui para suas relações sociais, já que durante sua participação na atividade, compartilham com os colegas suas ideias, os objetos expostos na organizam, observando a importância das ações colaborativas. Ao organizarmos o espaço de forma atrativa, a sala de aula se torna um lugar onde as crianças se sentem seguras e motivadas para aprender e se desenvolver. Isso é essencial para que elas possam explorar, interagir e se envolverem melhor nas atividades propostas. Esses ambientes quando organizados de forma intencional pelo professor, com materiais bem dispostos e áreas específicas para cada atividade, contribui para os avanços qualitativos nas aprendizagens das crianças (Ferro, 2023).

Portanto, a organização do espaço na sala de aula vai muito além de estética ou funcionalidade, é uma ferramenta que apoia o desenvolvimento integral das crianças, promovendo aprendizado significativo e experiências enriquecedoras dentro do ambiente escolar. A seguir tratamos dos resultados obtidos durante nossa intervenção didática.

3 RESULTADO DA INTERVENÇÃO

A intervenção teve início com a apresentação de uma imagem que retratava pessoas circulando em uma exposição de arte. Pedimos às crianças que compartilhassem suas observações e interpretações sobre a cena, destacando elementos como as pessoas, as cores, os quadros e suas hipóteses sobre o que estava acontecendo. Esse momento inicial teve como objetivo incentivar a expressão e a reflexão, orientando as crianças a se envolverem ativamente na observação e na formulação de hipóteses sobre a imagem. Após ouvirmos suas ideias, revelamos que elas também seriam participantes de uma exposição, similar à da imagem, o que gerou entusiasmo e curiosidade.

A partir dessa troca, buscamos direcionar o olhar artístico nas crianças, incentivando-as a perceberem a arte não apenas como uma forma de expressão humana, mas também como uma maneira de se conectar com a natureza e com a própria vivência delas. Apresentamos elementos naturais, como flores, folhas e

pedras, e questionamos se acreditavam que poderiam ser usados na criação artística. Durante a conversa, intermediamos as discussões, orientando as crianças a perceberem a natureza como uma fonte rica de inspiração, além de um recurso para o aprendizado.

À medida que as crianças foram compreendendo as propostas, aprofundamos as questões. Perguntamos: *Quais sentimentos o artista está expressando na sua obra? O que é arte para você? Você encontra elementos artísticos em sua casa? Quais formas de arte você conhece?* Essa dinâmica visou ampliar a compreensão das crianças sobre a arte e a cultura humana. Explicamos que todos os elementos e sentimentos discutidos fazem parte da vida humana e da cultura, promovendo uma reflexão sobre as conexões entre arte e o cotidiano.

Após a exploração compartilhada, mediamos uma discussão mais aprofundada sobre os conceitos de arte e cultura. O objetivo foi expandir o repertório cultural das crianças por meio da interação com as obras de arte e os elementos naturais. Durante esse momento, questionamos as crianças sobre o que elas entendiam por elementos da natureza. Uma das crianças disse: *Os elementos da natureza são fogo, terra, ar e água.* Respondemos que ela estava certa, mas que naquele momento estávamos nos referindo a elementos naturais que poderiam ser manipulados para a criação artística. Em seguida, as crianças tiveram a oportunidade de tocar e explorar as obras (imitações ou materiais adaptados) para compreender texturas e materiais utilizados na produção artística.

Na exposição das imagens de diferentes obras de arte, realizamos uma análise coletiva, questionando as crianças sobre o que acharam da experiência de participar de uma exposição de arte, quais obras mais chamaram sua atenção e se acreditavam ter representações artísticas em suas casas. Esse momento de troca foi fundamental para reforçar a conexão entre a arte, a natureza e a ciência, demonstrando como esses elementos podem se entrelaçar no processo criativo.

A etapa final da intervenção consistiu nas produções artísticas autorais pelas crianças. Elas colheram elementos naturais ao redor do ambiente, como folhas, gravetos, flores e grama, e os utilizaram para compor suas criações. Foram também disponibilizados diversos materiais artísticos, como tintas, pincéis, cola, lantejoulas, giz de cera, além dos elementos naturais já coletados. Durante o processo criativo,

acompanhamos as crianças, orientando-as quando necessário, mas sempre respeitando a autonomia delas na escolha dos materiais e ideias impressas. A mediação teve como objetivo observar o desenvolvimento das funções psíquicas das crianças e encorajá-las a expressar suas ideias e emoções por meio da arte.

Durante a produção das obras, mediamos constantemente a criatividade e a experimentação livre. Ao final, realizamos uma socialização, em que cada criança teve a oportunidade de apresentar sua obra e compartilhar os elementos que utilizou e o significado que atribuiu à sua criação. Um dos relatos emocionantes foi o de uma criança que disse: *Tia, estou fazendo uma praia e essa folha representa o guarda-sol da praia*. Esse momento foi tocante, pois evidenciou como um simples elemento da natureza pode adquirir significados profundos e pessoais para cada criança e o seu sonho de conhecer o mar.

As crianças também comentaram sobre o significado de suas obras para o grupo, e cada uma teve a oportunidade de levar sua criação para casa, com o intuito de compartilhar a experiência vivenciada com seus familiares. Esse processo não só possibilitou o desenvolvimento da expressão artística, como também fortaleceu o vínculo com a família e a comunidade, ampliando o entendimento sobre a importância da arte na formação da identidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica e a Teoria Histórico-Cultural se entrelaçam de maneira profunda e significativa no processo de ensino e de aprendizagem, especialmente na Educação Infantil. A análise do desenvolvimento do psiquismo infantil, mediado pela interação com signos e instrumentos culturais, nos mostra que a criança não é apenas um receptáculo passivo de conhecimento, mas sim um sujeito ativo, capaz de se apropriar e transformar a realidade à medida que se envolve com o mundo ao seu redor. Nesse contexto, a escola tem o papel fundamental de proporcionar condições para que essa apropriação seja feita de forma significativa e enriquecedora, especialmente por meio da mediação do professor.

O estágio supervisionado, ao se alinhar à perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, permitiu vivenciar a teoria de forma prática, especialmente no que se refere à organização do espaço e à promoção de atividades que favorecem o desenvolvimento das funções psicológicas superiores da criança. A experiência com a arte, como conteúdo da cultura humana, revelou-se uma ferramenta poderosa para desenvolver a imaginação, a criatividade e as emoções das crianças. Ao introduzirmos elementos artísticos e naturais, buscamos não apenas desenvolver as capacidades cognitivas das crianças, mas também proporcionar um espaço de reflexão e ressignificação, onde elas pudessem entender o papel da arte como forma de expressão cultural e de transformação social.

A intervenção realizada com as crianças mostrou como a arte pode ser um instrumento de aprendizagem significativa. A autonomia das crianças na criação de suas obras, acompanhada pela nossa intervenção, destacou a importância do papel do professor na organização do ambiente e na facilitação do processo criativo. Ao promover um espaço de aprendizagem intencional e enriquecedor, conseguimos observar o desenvolvimento das funções psíquicas superiores das crianças, como a atenção, a memória, a emoção e a linguagem, além de fortalecer a sua capacidade de expressão e interação social.

Por fim, é possível afirmar que a Teoria Histórico-Cultural, ao considerar a criança como um ser social e ativo, proporciona uma compreensão mais rica e abrangente do processo educativo. A mediação do professor, ao oferecer instrumentos e signos culturais adequados, é essencial para o pleno desenvolvimento do potencial humano das crianças, em uma forma adequada de ensinar, que considera a criança, o que ela precisa aprender e as formas mais desenvolvidoras de ensinar.

A arte, enquanto expressão cultural, se mostra um recurso valioso nesse processo, ampliando os horizontes de aprendizagem e possibilitando que as crianças, desde tenra idade, se conectem de forma mais profunda com a cultura humana e sua capacidade criativa. Essa experiência, vivida durante o estágio supervisionado, reforça a importância de práticas pedagógicas que estimulem a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico, preparando as crianças para uma atuação transformadora no mundo.

REFERÊNCIAS

BARROCO, S. M. S. SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, 26(1), 22-31. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/vr5bbMpFznNZRsVTMJFvVqN/>. Acesso em: 10 out 2024.

ELKONIN, D. Sobre el problema de la periodizacion del desarrollo psíquico en la infancia. In: SHUARE, M. (Org.). **La Psicología evolutiva y pedagógica en la URSS**. Moscú: Editorial Progreso, 1987, p. 104-124.

FERRO, Lussuede Luciana de Sousa. **A criança da educação infantil e a linguagem matemática**: relações interdependentes no processo de ensino e aprendizagem. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2016.

FERRO, Lussuede Luciana de Sousa. **A organização do ensino na educação infantil como atividade**: um estudo a partir dos conceitos matemáticos. 255 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2023.

LAZARETTI, L. M. **A organização didática do ensino na educação infantil: implicações da teoria histórico cultural**. 204 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2013.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1972.

LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2006. p. 143-190.

MAGALHÃES, C, LAZARETTI, L. M. **ACOLHER, EXPLORAR, BRINCAR E CONHECER**: reflexão sobre o espaço como potencializador das aprendizagens de bebês e crianças na educação infantil. In: MAGALHÃES, C.; EIDT, N. M. **Apropriações teóricas e suas implicações na educação infantil**. Curitiba: CRV, 2019. p. 149-162.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2013.

MOURA, M. O. (org.). **A atividade pedagógica na Teoria Histórico-Cultural**. Brasília: Liber Livros, 2010.

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a Teoria Histórico-Cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. *In*: MARSIGLIA, A. C. G. **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2013. p. 71-96.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de Emília G. R. Almeida. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

VIGOTSKI, L. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão popular, 2018.

A COZINHA DE BARRO: APRENDIZADO E CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ELIAS, Luana Secco⁹³

SILVA, Lais Andrade ⁹⁴

SANTOS, Christina Aparecida dos⁹⁵

RESUMO: O presente artigo aborda o estágio supervisionado no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, com foco na educação infantil, enfatizando a importância do brincar para o desenvolvimento infantil. Tem por objetivo relatar e refletir sobre a oportunidade de proporcionar às crianças do maternal I vivências significativas por meio do tema "Cozinha de Barro", onde foi possível organizar um ambiente de brincadeiras projetadas para estimular a criatividade, a imaginação e o trabalho manual das crianças. Inserido no contexto do estágio curricular supervisionado, o artigo aborda a relevância do brincar como uma ferramenta pedagógica fundamental na infância, evidenciando o papel do educador na mediação e no apoio ao processo educativo. No estágio, inicialmente foi realizada a observação do ambiente escolar, da rotina da turma e das práticas das professoras responsáveis. Observamos o jeito de cada criança, o encantamento e a participação para cada atividade realizada. Para as atividades desenvolvidas, dividimos as crianças em grupos de 5 e 6, o que possibilitou momentos mais aproveitados e organizados. A experiência foi enriquecedora, pois nos mostrou a importância de adaptar a atividade para cada grupo e respeitar o ritmo individual de cada criança, construindo um ambiente acolhedor que valorizasse a expressividade e incentivasse o brincar. Essa vivência mostrou o quanto é essencial organizar atividades de ensino que incentivem a curiosidade e o envolvimento das crianças nas propostas feitas. O artigo se fundamenta em referencial teórico de autores que se dedicam à discussão da temática e que foram a base para as elaborações e conclusões aqui apresentadas. Nas ações desenvolvidas com a “Cozinha de barro”, as crianças exploraram diversos objetos, como panelas, formas, colheres, copos e travessas, aproveitando ao máximo o espaço e os materiais disponibilizados. Essa experiência trouxe diversas contribuições para a trajetória acadêmica, aprofundando a compreensão sobre a educação infantil e o processo de ensino-aprendizagem na

⁹³ Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí),

luanasecco62@gmail.com

⁹⁴ Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí),

⁹⁵ Doutora em Educação; Professora orientadora e/ou supervisora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), christinaas20@gmail.com

prática, o que justifica, em certa medida o presente artigo e as reflexões aqui propostas. A partir das discussões feitas, temos por resultados que, participar ativamente das atividades e planejar estratégias pedagógicas, especialmente no desenvolvimento de metodologias que despertem o interesse e o engajamento das crianças, foi fundamental para enriquecer essa vivência. Além disso, a experiência contribuiu significativamente para a formação pedagógica, ampliando a compreensão sobre a relevância das práticas lúdicas e da liberdade criativa na aprendizagem infantil. A “Cozinha de Barro” se revelou uma ferramenta eficiente para estimular o desenvolvimento integral da criança e para consolidar habilidades fundamentais para o pedagogo.

Palavras-chave: Brincar. Educação Infantil. Aprendizagem Lúdica. Cozinha de Barro.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo discute e relata a experiência sobre o estágio supervisionado realizado no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, com crianças de 2 a 3 anos na turma do Maternal I A, no período vespertino, no CMEI Cecília Vecchiati Giovinne. Integrado à disciplina de Ensino e Estágio em Educação Infantil, o estágio teve como objetivo proporcionar vivências significativas, fortalecendo o brincar como uma prática pedagógica fundamental no desenvolvimento infantil.

A prática do brincar é amplamente reconhecida como uma das principais atividades da infância, sendo uma ferramenta essencial para a construção do conhecimento, do desenvolvimento psicossocial e da inserção cultural das crianças. Segundo Lazaretti e Schmitt (2024, p. 15), “as práticas pedagógicas na educação infantil devem criar situações em que a criança, ao brincar, se relacione com os outros e com os objetos, ampliando sua experiência cultural e consolidando novas aprendizagens”.

Partindo dessas considerações, a intervenção “Cozinha de Barro” foi planejada para oferecer uma aprendizagem significativa, como um espaço propício ao brincar, estimulando a criatividade, a imaginação e o trabalho manual das crianças. Pensamos em uma atividade relacionada ao cotidiano e tão comum na nossa infância, como

panelas, formas e colheres, proporcionando às crianças experiências ricas e diversificadas. Como enfatizado por Lazaretti e Schmitt, “ao explorar objetos cotidianos, as crianças reconfiguram suas percepções e atribuem novos significados a esses materiais, criando uma ponte entre o real e o imaginário” (LAZARETTI; SCHMITT, 2024, p. 22).

O estudo envolveu diferentes etapas, como a observação do ambiente escolar, a análise das práticas pedagógicas existentes e o planejamento de intervenções que dialogassem com os interesses e o desenvolvimento das crianças. Durante as atividades realizadas, foi notável a importância de organizar espaços e propostas que respeitassem o ritmo individual de cada criança. Essa abordagem é consistente com a ideia de que: “o único bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento, criando condições para que a criança atinja níveis superiores de aprendizagem” (Vigotski, 1988, p. 114, *apud* Lazaretti; Schmitt, 2024).

As atividades foram organizadas em pequenos grupos, o que favoreceu interações mais aprofundadas e a observação individualizada das crianças. O tema “Cozinha de Barro” possibilitou momentos ricos de exploração, utilizando utensílios como panelas, colheres, formas e travessas. Essas experiências não só incentivaram o brincar, mas também desenvolveram habilidades motoras e sociais importantes, além de consolidar práticas pedagógicas centradas na ludicidade e na intencionalidade do educador.

Ao longo do estágio, foi possível refletir sobre o papel do professor na mediação e organização do ambiente educativo, destacando a importância de práticas intencionais que promovam a curiosidade das crianças. Conforme enfatiza: “o professor deve atuar intencionalmente em todos os momentos, selecionando, organizando e direcionando a prática pedagógica para formar e desenvolver as crianças em suas máximas capacidades” (Lazaretti; Schmitt, 2024, p. 18).

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A vivência reafirmou o valor das práticas lúdicas na educação infantil e contribuiu significativamente para a nossa formação pedagógica, ampliando a compreensão sobre a relação entre o brincar e o processo de ensino-aprendizagem.

A "Cozinha de Barro" revelou uma estratégia eficaz para integrar aspectos teóricos e práticos, consolidando habilidades essenciais.

Além disso, o trabalho com elementos naturais mostrou-se um eixo central para enriquecer ainda mais a prática pedagógica. Incorporar materiais como terra, água, folhas e pedras não só favorecem a conexão das crianças com o meio ambiente, mas também amplia suas possibilidades de aprendizado. Segundo Lazaretti e Schmitt (2024, p. 24), “a utilização de elementos naturais cria oportunidades para que as crianças vivenciem o mundo em sua forma mais autêntica, explorando texturas, cores e transformações que despertam a curiosidade e a capacidade de fazer perguntas”

Essas práticas, ao integrar elementos do cotidiano e do ambiente natural, proporcionam um cenário rico para o desenvolvimento de habilidades motoras, sensoriais e cognitivas. Promovem um cuidado à natureza, incentivando a construção de valores e o cuidado com o mundo. A experiência prática vivenciada mostra que, ao criar um ambiente que integre o brincar, os elementos naturais e a mediação do professor, é possível oferecer às crianças uma formação mais viva e significativa.

Assim, o estudo sobre a "Cozinha de Barro", foi fundamentado em uma perspectiva lúdica e no uso de materiais naturais e reafirma que a intencionalidade e o planejamento são essenciais para promover aprendizagens significativas e consolidar a formação integral das crianças na educação infantil. Essa vivência também reforça a importância do professor como mediador e organizador das experiências, ampliando horizontes e despertando nas crianças a capacidade de criar, imaginar e se relacionar com o mundo de forma crítica e transformadora.

Durante o estágio com a turma do Maternal I, no CMEI, a proposta da “Cozinha de Barro” nos trouxe várias surpresas e aprendizados. Percebemos na prática o quanto o brincar é essencial para o desenvolvimento das crianças, não só como uma forma de diversão, mas como um momento de explorar, criar e aprender.

O brincar na prática, foi muito mais do que imaginávamos. As crianças mergulharam no faz de conta, usando panelas, colheres, formas, e até elementos naturais, como terra e água. Foi incrível observar como cada uma, no seu ritmo, conseguiu se envolver, criar histórias e transformar aquele momento em algo único.

Algumas fizeram uma festa de aniversário, outras sopa e saiu até mesmo uma salada bem temperada com galhos secos.

Além disso, como aponta Bauru (2016), é fundamental que o educador compreenda que o brincar está diretamente ligado ao aprendizado. A “Cozinha de Barro” foi uma forma de unir o lúdico ao pedagógico, e isso nos ensinou que planejar com esse olhar faz toda a diferença.

De acordo com Pasqualini (2013), é exatamente nesse tipo de interação que o desenvolvimento acontece, pois a criança brinca, mas também aprende a lidar com desafios, compartilhar ideias e se expressar. Ver como cada um, no seu ritmo, encontrava uma forma de participar foi gratificante.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou como o brincar pode ser uma prática pedagógica essencial para o desenvolvimento das crianças na educação infantil. A proposta mostrou uma abordagem eficaz para estimular não apenas a criatividade e a imaginação, mas também a curiosidade, a interação social e o interesse das crianças. Por meio dos elementos naturais e objetos cotidianos, as crianças tiveram a oportunidade de criar significados e histórias, demonstrando o quanto o brincar pode ser importante para aprendizagem.

A experiência revelou que o contato direto com os materiais favoreceu a aquisição de habilidades motoras, a organização do pensamento e a expressão emocional. As crianças não apenas manipulavam, mas também transformavam o espaço em uma extensão do seu mundo imaginário, recriando situações vivida em casa com os pais, com um novo olhar. Segundo Lazaretti e Schmitt (2024, p. 15), ao explorar materiais e contextos variados, “as crianças ampliam sua experiência cultural e consolidam aprendizagens por meio da interação com os outros e com o ambiente”.

Durante as atividades, observamos a positividade do trabalho em pequenos grupos. Essa estratégia permitiu maior interação entre as crianças, fortalecendo

habilidades sociais como compartilhar, negociar e colaborar. Também foi visível o desenvolvimento da capacidade de resolver problemas e experimentar novas formas de pensar, como improvisar a colher por gravetos ou criar novas funções, como o uso da terra, imaginando que fosse chocolate.

A experiência mostrou a importância da mediação pedagógica intencional, onde o educador organiza o ambiente e conduz as interações de uma forma mais ativa para o aprendizado.

A prática reforçou a relevância de oferecer atividades que respeitem o ritmo individual de cada criança, mas que também as desafiem a avançar em seus níveis de desenvolvimento, conforme Vigotski sugere ao destacar que o ensino deve criar condições para alcançar níveis superiores de aprendizagem (Lazaretti; Schmitt, 2024, p. 114).

A vivência proporcionada mostrou a importância de integrar elementos lúdicos e naturais na rotina escolar. Recomendamos ampliar estudos que explorem o impacto de práticas pedagógicas semelhantes, investigando como o brincar pode continuar a ser um motor para aprendizagens significativas, tanto na educação infantil quanto em outros níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, Ana C. G. (org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2013. p. 71-97.

LAZARETTI, L. M.; MAGALHAES, C. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: Reflexões sobre o Espaço Como Potencializador das Aprendizagens de Bebês e Crianças na Educação Infantil. In: Cassiana Magalhães; Nadia Mara Eidt. (Org.). **Apropriações Teóricas e suas Implicações na Educação Infantil**. 1ed. Curitiba: Edirota CRV, 2019, v. 1, p. 1-247.

LAZARETTI, Lucinéia Maria; SCHMITT, Silvana Lazzarotto (Orgs.). **Didática na Educação Infantil: possibilidades educativas com bebês e crianças pequenas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 183p. ISBN: 978-65-265-0991-3 (Impresso), 978-65-265-0115-5 (Digital).

A HORTA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Schulz, Eduarda⁹⁶
Rozendo, Marcela Rech⁹⁷
Santos, Christina Aparecida dos⁹⁸

RESUMO: O presente artigo tem por referência as experiências vivenciadas no estágio obrigatório do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR/Paranavaí, de observação e participação na Educação Infantil, que foi realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil, CMEI, no noroeste do Paraná. O objetivo desse artigo é analisar as experiências no estágio na educação infantil, especialmente as ações realizadas no espaço externo, como a horta. Durante as observações no CMEI, percebemos pouco incentivo para as experiências fora da sala de aula, por esse motivo, incluímos nas nossas ações de estágio levar as crianças até o ambiente externo, permitindo vivenciar momentos de novos aprendizados. Para além do objetivo proposto, será um relato de experiências das ações pedagógicas no estágio durante a ação investigativa proposta, especialmente aquelas que foram desenvolvidas na horta do CMEI. A metodologia utilizada foi a bibliográfica que contou com autores como: Lazaretti (2019) Magalhães e (2019) e Pasqualini (2009). A partir das leituras e da prática do estágio, foi possível fazer as reflexões pertinentes e chegar às conclusões, sobretudo, sobre a importância dos espaços de aprendizagem, em especial, o espaço da horta. Justificamos que esse artigo é importante para a conclusão de uma etapa na formação docente e através de estudos e aprimoramentos nos autores citados, foi possível compreender que a criança necessita vivenciar situações onde possa explorar os modos de ação. Entende-se que o espaço da horta na educação infantil oferece uma oportunidade prática e lúdica de aprendizagem. Por meio do plantio e cuidado com as plantas, as crianças desenvolvem habilidades motoras, noções de responsabilidade e aprendem sobre conceitos como paciência e cuidado com o meio ambiente. Além disso, a horta possibilita a integração de conteúdos de diversas áreas, como ciências, matemática e linguagem, promovendo o aprendizado interdisciplinar. Esse ambiente também incentiva a alimentação saudável, despertando o interesse das crianças por alimentos naturais e contribuindo para a formação de hábitos mais conscientes. O presente artigo também se justifica pelos resultados positivos nas propostas que levamos para as crianças, pois eles interagiram e entenderam o sentido do que estávamos propondo. Portanto concluímos que o estágio nos proporciona momentos de aprendizado enquanto acadêmicos, de repensar

⁹⁶ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), eduardaschulz@gmail.com

⁹⁷ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), marcelarozendo47@gmail.com

⁹⁸ Doutora em Educação; Professora orientadora e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí), christinaas20@gmail.com

práticas diferenciadas com os alunos e de utilizar diferentes tipos de materiais para a exploração da natureza.

Palavras-chave: Educação Infantil. Experiências. Horta. Estágio supervisionado obrigatório.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo se trata de um relato de experiência no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Cecília Giovinne, que foi realizado entre os meses de julho e agosto de 2024. Escolhemos a horta como meio de contato e cuidado com a natureza, assim fazendo com que os alunos do Infantil IV, vivenciassem momentos de ludicidade e aprendizado.

De acordo com Ostetto (2000, p.177), planejar é uma atitude de projetar, elaborar um roteiro para uma viagem de interação, experiências significativas para um grupo de crianças, por isso é preciso que o educador pense e repense as ações, buscando sempre significados para a sua prática.

Os espaços externos precisam apresentar características dos alunos, montar espaços que possibilitem descobertas e façam relação com o conteúdo iniciado em sala de aula.

A horta como espaço de aprendizagem na educação infantil tem como princípio desenvolver as habilidades motoras, noções de responsabilidade para aprenderem o cuidado das plantas. As crianças precisam de ambientes diversificados para uma aprendizagem significativa.

No decorrer dos nossos momentos de estudo, planejamos três sequências de ações que seriam trabalhadas com as crianças em relação à horta. No primeiro momento as levamos para conhecer o espaço e explorarem, notaram que havia alfaces mexidas e então surgiu a questão problematizadora que foi: “Quem comeu as alfaces da nossa horta?” Levantamos essa questão pois os alunos ficaram curiosos e queriam investigar o que aconteceu com as alfaces que foram plantadas na horta na semana anterior. No segundo momento levamos uma história “A formiga e a semente”, que fala sobre o cuidado que devemos ter com as plantas. Exploramos a história explicando sobre o trabalho que devemos ter em geral com a natureza e não

somente com a horta. No último momento relembramos o cuidado com a natureza trabalhado na história e decidimos praticar plantando um girassol, onde as crianças puderam levar para casa e cuidar.

Durante a ação investigativa, os alunos investigaram uma grande questão, “*quem comeu as alfaces da nossa horta?*” Diante de práticas e explicações, os alunos chegaram à conclusão de que poderiam ser as formigas, pois estavam sempre presentes na horta.

Nosso objetivo enquanto acadêmicas, foi proporcionar o estudo e aprendizado para as crianças através de momentos lúdicos fora da sala de aula, baseados nas autoras que foram estudados em sala de aula como: Lazarretti (2019) Magalhães (2013), Ostteto (2000), entre outros, que nos falam sobre a importância de uma aprendizagem lúdica e fora de sala de aula, explorando os espaços que o CMEI ou escola oferecem.

A horta escolar tem se destacado como uma poderosa ferramenta pedagógica na educação infantil, mais do que um espaço para o cultivo de plantas ela é um ambiente vivo, onde as crianças podem explorar conhecimentos científicos, desenvolver habilidades socioemocionais e fortalecer a relação com o meio ambiente.

Permite que as crianças usem seus sentidos ao tocar, cheirar e observar as plantas. O contato com a terra, as sementes, as folhas e as flores, estimula a percepção sensorial e a coordenação motora fina e grossa ao envolver atividades como cavar, regar e colher.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o estágio estivemos em uma turma de infantil IV no CMEI Cecilia Giovinne e optamos por realizar uma sequência de ações com as crianças, onde elas puderam ter contato com a horta, mexendo na terra, observando e encontrando os insetos ali presentes, resquícios de plantas, e explorando os espaços externos, além da horta. De acordo com Lazaretti e Magalhães:

[...] O espaço é um componente na organização do ensino, pensando não apenas como um lugar de passagem e/ou decoração, mas como um ambiente em sua totalidade e, assim, é preciso considerar as relações estabelecidas naquele lugar, considerando; espaço para que? espaço para quem e com quem? espaço com o que e como? (Magalhães; Lazaretti, 2019, p.150).

Pasquallini (2019) destaca a importância e a particularidade da atividade objetual manipulatória e que, por meio dela, a criança se apropria da função social do objeto, do seu significado. É, portanto, essencial ensinar e sempre reforçar o cuidado, a exploração e o manuseio correto da horta e os cuidados com a natureza.

A atividade objetual manipulatória é aquela fase em que a criança se apropria da função social do objeto, levando em consideração que saiba os seus significados.

Lazaretti (2019) diz que a atividade objetual manipulatória vai se esgotando como fonte de desenvolvimento; só conhecer, nomear e explorar os objetos não é mais suficiente. A criança, agora, tem necessidade de vivenciar situações, de explorar os modos de ação; com isso, a atividade dominante do período pré-escolar (as crianças de quatro a cinco anos de idade aproximadamente) é brincadeira de papeis. A criança quer apropriar-se do mundo humano, das relações humanas, já que ela faz parte dele e move-se no sentido de cada vez mais, conhecer e integrar-se nesse mundo.

No entanto, a atividade objetual manipulatória é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, preparando a criança para habilidades mais abstratas, como a escrita e a leitura.

Nesta perspectiva, o espaço da horta escolar oferece uma rica oportunidade de aprendizado para as crianças, permitindo que explorem conhecimentos de forma prática e interativa. A horta não é apenas um lugar para plantar hortaliças, mas um laboratório vivo onde os pequenos desenvolvem habilidades cognitivas, emocionais e sociais.

A aprendizagem ativa na horta fortalece a assimilação de conhecimento por meio do contato com a terra e o crescimento das plantas. Esse ambiente integra diversas áreas do conhecimento como ciências, matemática, linguagem e educação ambiental. Além disso, a horta promove o desenvolvimento socioemocional, ensinando valores como responsabilidade e empatia. O contato com os elementos naturais também estimula os sentidos e favorece o desenvolvimento motor. Cuidar da horta incentiva hábitos alimentares saudáveis. A horta escolar é, portanto, um espaço educativo que conecta aprendizado e vida cotidiana. De acordo com Pasquallini (2019):

Na educação infantil, o professor, por meio da sua atividade de ensino, ao organizar e orientar a atividade da criança, gradativamente permite que nela se reconstitua a atividade historicamente elaborada

[...] por isso uma das ações do professor, por meio da atividade de ensino, é desafiar o psiquismo infantil, mobilizando interesses, necessidades e motivos que coloquem a criança para agir ativamente e adequadamente, frente as objetivações culturais, conquistando, nesse processo, neoformação psíquica que transformam sua relação com o mundo, agregando novas capacidades e novas necessidades.

Portanto, é fundamental que o professor oriente as ações, crie um ambiente de aprendizagem onde os alunos possam construir o conhecimento de forma ativa e significativa. Assim como fizemos durante o nosso estágio, pensamos em ações onde as crianças pudessem participar da aula, envolver eles na situação criada, explorar suas habilidades.

Levar as crianças para conhecer os espaços externos do CMEI, explorar cada espaço, mexer na terra, plantar, enfim diversas ações que contribuem para a aprendizagem das crianças. Essas ações nos proporcionaram diversas conversas, aprendizados e desafios para a sua elaboração, notamos a participação ativa das crianças e professores do CMEI em todo o movimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A horta na educação infantil ultrapassa o fato do plantar e colher, é um espaço de aprendizagem com o mundo natural, além de despertar a curiosidade e promover atitudes essenciais para o seu desenvolvimento.

Ao cuidar da horta, os alunos aprendem sobre a natureza, os ciclos de vida das plantas e a importância da alimentação saudável. Além disso, esse ambiente favorece o trabalho em equipe, a paciência, a responsabilidade, pois as crianças acompanham o crescimento dos vegetais e compreendem a necessidade de cuidados contínuos.

Introduzir situações que saiam do espaço da sala de aula, cria nos alunos o interesse pelo conteúdo, proporcionando diferentes possibilidades de ações explorando os espaços externos do CMEI. Assim, o nosso papel no estágio foi mostrar essas ações diversificadas para que os profissionais utilizem o espaço que está disponibilizado a eles e isso se torne algo cotidiano.

A atividade objetual manipulatória que se apropria das funções dos significados dos objetos, dando assim retorno na atividade da brincadeira de papéis.

O estágio também foi importante por propiciar um momento significativo e sendo um principal aliado para contribuir nessa aprendizagem, ligando o CMEI e a universidade, unindo a prática e a teoria.

Por fim a horta escolar se consolida como um ambiente educativo essencial, promovendo desenvolvimento integral das crianças e criando uma relação mais próxima e respeitosa com a natureza e os processos da vida.

REFERÊNCIAS

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, Ana C. G. (org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2013. p. 71-97.

LAZARETTI, L. M.; MAGALHAES, C. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: reflexões sobre o Espaço Como Potencializador das Aprendizagens de Bebês e Crianças na Educação Infantil. In: Cassiana Magalhães; Nadia Mara Eidt. (Org.). **Apropriações Teóricas e suas Implicações na Educação Infantil**. 1ed. Curitiba: Edirota CRV, 2019, v. 1, p. 1-247.

LAZARETTI, L. M.; MAGALHAES, C. Organização do espaço na educação infantil, **Apropriações Teóricas e suas Implicações na Educação Infantil**. 1ed. Curitiba: Edirota CRV, 2019.

OSTETTO, L. **Planejamento na educação infantil a criança em foco; encontros e encatamentos na educação infantil**. Campinas, SP: Papirus, 2000. (Papirus Educação).

A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EDUCATIVO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

MAIA, Julia Santiago⁹⁹

LEONARDO, Talita Aparecida¹⁰⁰

SANTOS, Christina Aparecida dos¹⁰¹

RESUMO: Este artigo visa a investigação da organização dos espaços educativos na Educação Infantil. Entende-se que a organização do ambiente nos primeiros anos de ensino formal é essencial para o desenvolvimento infantil, pois permite o crescimento integral da criança em seus aspectos motores, intelectuais, físicos, psicológicos e sociais por meio de interações geradas, especialmente, nestes espaços educativos. O educador tem o papel fundamental de ser o mediador de conhecimentos, tornando a aprendizagem prazerosa e incentivando a curiosidade dos alunos. O ambiente em que a criança está inserida, precisa ser pensado como aconchegante acolhedor e com intenções que aguçam propositalmente para serem desafiadas. Para além do objetivo exposto, o presente artigo justifica-se pela importância de reflexões e relatos de experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Paranavaí, dando ênfase na organização dos espaços educativos, sobretudo, por possibilitarem aprendizagens significativas nas crianças. Para isso, realizamos estudos bibliográficos referentes à prática proposta, especialmente de autores como: Magalhães e Lazaretti (2019) e Broering (2012), posteriormente, elaboramos recursos utilizando elementos naturais como beterraba, amora, colorau, café, cenoura, couve e demais para que desenvolvessemos tintas naturais durante a intervenção realizada. No desenvolver do estágio, as crianças de 3 a 5 anos exploraram e manipularam os elementos apresentados conhecendo suas texturas, gostos, cheiros e cores, relacionaram com o cotidiano, o que ajudou a organizar suas ideias valorizando seu pensamento crítico, o que enriquece ainda mais suas experiências. Além de promoverem descobertas, essas atividades desenvolveram a capacidade de observar o ambiente ao redor, levando as crianças a perceberem a riqueza do mundo que existe em sua volta. Assim, foi possível perceber que as experiências que são propostas possibilitaram a compreensão mais ampla sobre o uso do espaço na prática pedagógica, o que contribuiu grandiosamente para o aprimoramento da teoria que o estágio é fundamental na formação do novo educador.

⁹⁹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), jmaia8896@gmail.com

¹⁰⁰ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), talitaleonardo15@gmail.com

¹⁰¹ Doutora em Educação; Professora orientadora e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), christina.santos@unespar.edu.br

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado. Organização do Espaço. Educação Infantil. Experiências. Prática Pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

A organização dos espaços educativos desempenha um papel crucial na Educação Infantil, constituindo um alicerce para o desenvolvimento integral das crianças em aspectos motores, intelectuais, físicos, psicológicos e sociais. Nos primeiros anos de ensino formal, esses ambientes configuram-se como espaços de interação e aprendizagem significativa, promovendo a curiosidade, o prazer em aprender e o pensamento crítico. O educador, nesse contexto, assume o papel de mediador, planejando intencionalmente um ambiente acolhedor e desafiador, que estimule as crianças a explorarem e interagirem com o mundo ao seu redor. Nesse processo de aprendizagem, a intencionalidade pedagógica busca equilibrar os fundamentos teóricos adquiridos na formação acadêmica com as demandas práticas do contexto escolar. Essa articulação é essencial para garantir que a prática docente seja reflexiva e fundamentada, possibilitando a aplicação do conhecimento teórico de forma eficaz e alinhada às necessidades dos alunos.

Este artigo busca investigar as práticas relacionadas à organização dos espaços educativos na Educação Infantil, com base em reflexões e experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Supervisionado no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Paranavaí. Utilizando uma abordagem teórica fundamentada em autores como Magalhães e Lazaretti (2019) e Broering (2012), e práticas pedagógicas que incorporam elementos naturais para a produção de tintas artesanais, o estudo explora como atividades criativas e sensoriais enriquecem o processo de aprendizagem. Ao manipular elementos como beterraba, amora, colorau e cenoura, crianças de 3 a 5 anos puderam experimentar texturas, sabores, aromas e cores, relacionando esses estímulos ao cotidiano e ampliando suas percepções sobre o ambiente.

As experiências relatadas evidenciam a importância de um espaço educativo cuidadosamente planejado, capaz de potencializar o desenvolvimento crítico e

criativo das crianças, bem como de valorizar suas vivências e interações. O estágio, nesse sentido, revela-se uma etapa essencial para a formação do educador, proporcionando a articulação entre teoria e prática e contribuindo para o aprimoramento das estratégias pedagógicas.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Conforme apresentado na obra *Didática na Educação Infantil: possibilidades Educativas com Bebês e Crianças*, organizada por Lazaretti e Lazzarotto (2022), o livro proporciona reflexões e diretrizes acerca da organização do ensino na educação infantil, ressaltando a importância dos profissionais da educação e das crianças como sujeitos ativos no processo de aprendizagem. Essas reflexões contribuem para o aprimoramento das práticas pedagógicas na educação infantil, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos que auxiliam os profissionais da área na construção de uma educação de qualidade, fundamentados em princípios que respeitam a infância como uma etapa singular do desenvolvimento humano.

Durante as intervenções realizadas no Estágio Curricular Supervisionado, observou-se que as práticas planejadas e conduzidas intencionalmente favoreceram não apenas aprendizagens significativas, mas também a curiosidade. Segundo as autoras:

O professor, ao trabalhar sobre os elementos da natureza - água, solo e ar, relacionando a importância destes elementos para os seres vivos e em especial para os seres humanos, possibilitarão no processo de ensino a formação da imaginação, do pensamento investigativo e o início do processo de compreensão científica dos fenômenos e processos naturais (Buss, Silva e Roch, 2024 p. 75).

Assim, desenvolve-se a criatividade e a valorização do pensamento crítico das crianças. Abordando a importância dos elementos naturais, o professor contribui para a formação de uma consciência ecológica e científica desde cedo, incentivando os alunos a questionar, observar e refletir sobre o meio ambiente e suas interações.

Esse processo vai além do aprendizado teórico, pois promove habilidades cognitivas essenciais, como a capacidade de investigar e interpretar fenômenos naturais, preparando os estudantes para um pensamento crítico e uma postura mais

ativa na sociedade. Incorporando os elementos naturais no cotidiano da Educação Infantil, o docente possibilita um aprendizado mais significativo, incentivando a interação com o ambiente desenvolvendo sensorialmente as texturas, temperaturas e os sentidos de tato, olfato, visão, explorando a investigação, criatividade e a imaginação, conectando as crianças com a natureza, promovendo autonomia e a coordenação motora.

Além disso, a integração dos elementos naturais no cotidiano escolar favorece o desenvolvimento socioemocional das crianças, uma vez que o contato com a natureza proporciona momentos de relaxamento, bem-estar e descoberta. A vivência em ambientes ao ar livre e o manuseio de materiais naturais, como areia, folhas, água e pedras, estimulam a curiosidade e a experimentação, permitindo que os pequenos aprendam de forma espontânea e prazerosa. Dessa maneira, o aprendizado se torna mais envolvente e alinhado às necessidades da infância, fortalecendo o vínculo das crianças com o meio ambiente.

Outro aspecto relevante dessa abordagem é a ampliação das oportunidades de aprendizagem interdisciplinar. A observação dos ciclos naturais, a exploração de fenômenos físicos e biológicos e a interação com diferentes materiais possibilitam a construção de conhecimentos em diversas áreas, como ciências, matemática e linguagem. Além disso, ao estimular o respeito e a valorização da natureza desde a infância, a educação ambiental se torna um componente essencial para a formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis em relação à sustentabilidade e à preservação do meio ambiente.

Partindo dessas e outras discussões que foram realizadas, iniciamos as atividades práticas do estágio supervisionado que foram realizadas no Centro de Educação Infantil (CMEI) Cecília Vechiatti Giovine, em uma turma de maternal 2. Os alunos tinham entre 3 e 4 anos e as ações foram voltadas para as crianças produzirem tintas naturais, utilizando elementos da natureza e alimentos, como terra vermelha, beterraba, colorau, borra de café, carvão sendo necessário esmagar, triturar e misturar. As crianças realizaram a atividade com curiosidade, procurando sempre descobrir como eram feitas as misturas naturais para aplicarem em suas brincadeiras. Os resultados estudados indicam que a exploração de elementos naturais, como beterraba, colorau, café e cenoura para a confecção de tintas naturais, contribuiu para o desenvolvimento sensorial das crianças de 3 a 5 anos. A interação com diferentes texturas, cheiros e cores, despertou a curiosidade e estimulou as conexões entre

essas experiências e o cotidiano das crianças, tornando o aprendizado mais significativo. Esses resultados reforçam a importância de práticas pedagógicas que integrem a vivência e o contato com materiais do mundo real.

Portanto, ao propor conteúdos das Ciências da Natureza, oportunizar a criança a observação e levantamento de hipóteses, a exploração de elementos da natureza por meio de atividade significativas, intervindo com mediações que favoreçam seu pleno desenvolvimento. Desse modo, a partir dos conteúdos selecionados propomos encaminhamentos pedagógicos envolvendo música, histórias infantis, dramatizações, representações, experimentações, brincadeiras e atividades lúdicas que colocam a criança em movimento para perceber e conhecer os elementos naturais (Buss, Silva, Roch, 2024, p. 79).

Além disso, o ambiente organizado de forma acolhedora e intencional proporcionou momentos de interação e descoberta, fundamentais para o desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional das crianças. Essa abordagem permitiu às crianças observarem e valorizarem os aspectos naturais e culturais ao seu redor, ampliando sua capacidade de percepção e reflexão sobre o ambiente em que estão inseridas.

Em vista disso, concordamos com a exposição das crianças desde bem pequenas a ações de ensino relacionadas com as Ciências da Natureza, expressas por conteúdos que darão suporte para a formação de conhecimentos que, pouco a pouco, vão se transformando em conceitos científicos. Isso só ocorrerá com a condução do professor, que deve sempre utilizar uma linguagem formal e acessível à criança, realizando intervenções para além do concreto observável e perceptível, a fim de possibilitar uma revolução no desenvolvimento da atenção, memória, fala percepção, imaginação e criação (Buss, Silva, Roch, 2024, p. 75).

Brincar ao ar livre, explorar ambientes naturais e interagir com elementos como terra, água, folhas e pedras proporciona uma vivência única para a criança se desenvolver com criatividade e autonomia. A inserção das Ciências da Natureza na Educação Infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo das crianças, uma vez que a construção do conhecimento científico ocorre de maneira gradativa e mediada pelo professor. Para que esse processo seja significativo, é necessário que o docente vá além da simples exposição de conteúdos, promovendo experiências que estimulem a curiosidade e incentivem a investigação. A utilização de uma linguagem clara e acessível possibilita às crianças a formulação de hipóteses, a observação detalhada dos fenômenos naturais e a construção de conceitos científicos

de forma progressiva e contextualizada. Assim, o ensino das Ciências da Natureza torna-se um instrumento essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade analítica desde os primeiros anos escolares.

Além disso, ao estruturar práticas pedagógicas que incentivem a experimentação e a exploração do meio ambiente, o professor contribui para o desenvolvimento integral das crianças. O contato com elementos naturais amplia a percepção sensorial e estimula habilidades essenciais, como atenção, memória, imaginação e criatividade. Essas experiências tornam o processo educativo mais dinâmico e alinhado à realidade infantil, promovendo um aprendizado significativo. Dessa forma, a abordagem das Ciências da Natureza na Educação Infantil não apenas favorece a alfabetização científica, mas também fortalece a autonomia e a consciência ambiental, formando sujeitos mais críticos, reflexivos e preparados para interagir de maneira responsável com o mundo ao seu redor. Os dados empíricos corroboram os pressupostos teóricos de autores como Magalhães e Lazaretti (2019) e Broering (2012), que destacam a relevância de um ambiente educativo planejado e mediado para promover o desenvolvimento infantil.

Durante o planejamento da atividade, buscamos estruturar um ambiente propício para a exploração sensorial e científica das crianças, garantindo que a proposta estivesse alinhada às necessidades do grupo e aos princípios da Educação Infantil. Inicialmente, definimos os objetivos pedagógicos da ação, centrados no desenvolvimento da curiosidade, da investigação e da criatividade por meio do contato com elementos naturais. Em seguida, organizamos o espaço de maneira acessível e segura, dispondo os materiais em mesas baixas e recipientes individuais para facilitar o manuseio. Os materiais utilizados incluíram elementos naturais como beterraba, colorau, borra de café e carvão, que foram previamente selecionados e preparados para a atividade. Disponibilizamos colheres e pequenos recipientes para que as crianças pudessem explorar as texturas e realizar misturas de forma autônoma. Durante a realização da atividade, adotamos uma postura mediadora, incentivando as crianças a expressarem suas percepções e descobertas, estimulando o pensamento investigativo e a experimentação livre.

A prática demonstrou que o papel do educador como mediador é crucial para transformar experiências em aprendizado prazeroso, incentivando a autonomia e o pensamento crítico desde os primeiros anos de vida, formando a criança um ser crítico e atuante na sociedade e no meio ambiente.

Durante as atividades as crianças tinham perguntas frequentes como “O que acontece se a gente misturar as tintas?”, “Se misturar terra com água, vira tinta?”, “Se eu pintar com a beterraba, meu desenho vai cheirar a salada?”, ou reações que os deixavam encantados com a formação das cores.

Essas práticas vão ao encontro das observações de Buss, Silva e Roch (2022), que enfatizam a necessidade de uma mediação docente intencional para que o ensino das Ciências da Natureza possibilite o desenvolvimento de habilidades cognitivas essenciais. Segundo as autoras, o professor deve conduzir a aprendizagem com uma linguagem acessível e intervenções que transcendam o concreto observável, promovendo avanços no desenvolvimento da atenção, memória, imaginação e criação. Assim, ao proporcionar experiências que valorizem a investigação e a interação com o meio natural, reafirmamos a importância de práticas pedagógicas que respeitem a infância como uma etapa singular do desenvolvimento humano.

Destaca-se a importância dos espaços naturais na educação infantil, promovendo experiências sensoriais, motoras e cognitivas essenciais para o desenvolvimento das crianças. Mostrando o contato com a natureza como um estímulo à exploração sensorial, aprimorando a coordenação motora, proporcionando aprendizados contextualizados, incentivando a interação social e fortalecendo a autonomia. Promovendo a integração dos ambientes naturais ao currículo, reconhecendo seu papel central na formação integral das crianças.

A reflexão sobre o uso do espaço educativo como recurso pedagógico evidencia que ele não é apenas um suporte físico, mas também um elemento que comunica intencionalidades e estimula aprendizagens diversas. O planejamento realizado de atividades desafiadoras, como a confecção de tintas naturais, não apenas integrou os aspectos teóricos e práticos, mas também contribuiu para o fortalecimento da formação dos educadores, que vivenciam a importância de adaptar suas práticas ao contexto infantil.

O estágio supervisionado foi identificado como um espaço enriquecedor para a formação docente, pois possibilitou que os estagiários experimentassem práticas pedagógicas que promovem a integração entre teoria e prática. O contato direto com as crianças e a organização do espaço educativo permitiu aos futuros educadores compreenderem a complexidade e a importância de criar ambientes de aprendizagem que sejam ao mesmo tempo acolhedores e desafiadores. Assim, o estudo reforça que a reflexão crítica e a vivência prática durante a formação inicial do educador são

fundamentais para o aprimoramento profissional. A experiência destacou a relevância de práticas pedagógicas intencionais, que potencializam não apenas o desenvolvimento infantil, mas também o papel do educador como mediador do conhecimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, conclui-se que a organização dos espaços educativos na Educação Infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral das crianças, proporcionando um ambiente que incentiva a aprendizagem significativa, o pensamento crítico e a interação com o meio. A prática pedagógica desenvolvida durante o Estágio Curricular Supervisionado na UNESPAR/Paranavaí destacou-se ao integrar a teoria à prática, promovendo atividades criativas e interativas, como a utilização de elementos naturais para produzir tintas, que estimularam os sentidos e a curiosidade das crianças.

Essas experiências reforçam a importância de ambientes acolhedores e desafiadores, que propiciem não apenas o aprendizado formal, mas também a valorização da criatividade e da conexão com o cotidiano. As tintas feitas com elementos naturais mostram como a criatividade e a curiosidade podem transformar ingredientes simples da natureza em arte. Desde plantas e terras coloridas até carvão e frutas, esses materiais já eram usados por povos antigos para se expressarem. Além de serem uma alternativa mais sustentável, elas também conectam as crianças ao ambiente que está ao redor, incentivando a experimentação e o aprendizado sobre cores e pigmentos naturais.

O estágio revelou-se indispensável na formação do educador, permitindo a reflexão sobre práticas pedagógicas e a ampliação do repertório de estratégias para mediar e enriquecer a aprendizagem das crianças. Assim, o artigo reafirma que o planejamento intencional e sensível dos espaços educativos é essencial para a formação de sujeitos críticos e ativos, evidenciando a relevância do estágio como ferramenta de transformação teórica e prática no campo educacional.

4. REFERÊNCIAS

BROERING, Adriana de Souza. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. 2018. Campinas, SP: Papirus, 2012. – (Coleção Ágere)

MAGALHÃES, Cassiana; LAZARETTI, Lucinéia Maria. Acolher, explorar, brincar e conhecer: reflexões sobre o espaço como potencializador das aprendizagens de bebês e crianças na educação infantil. In: **Apropriações teóricas e suas implicações na educação infantil**. 2019. Curitiba, PR: CRV, 2019.

BUSS, Ana Cristina Gottardo; SILVA, Eliane Theinel Araújo; ROCHA, Elizane Severino Cordeiro da. “Quem abriu a torneira do céu?” O ensino de ciências e o encanto pelos fenômenos da natureza na educação infantil. In: **Didática na Educação infantil: possibilidades educativas com bebês e crianças pequenas**. São Carlos, PR: Pedro & João Editores, 2024.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DE APRESENTAR OS ELEMENTOS NATURAIS PARA AS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CARMO, Danielle Cardoso¹⁰¹

PERES, Eline Caroline da Cruz Soares¹⁰²

SANTOS, Christina Aparecida dos¹⁰³

RESUMO: Este artigo refere-se a um relato de experiência do estágio supervisionado realizado no Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI Cecília Vechiatti Giovinne, na disciplina de Ensino e Estágio na Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Paranavaí, desenvolvido com a turma do maternal II. O estágio proporciona experiências e a oportunidades de relacionarmos a teoria e a prática, conhecendo, observando e participando da realidade da Educação Infantil. Este artigo justifica-se pela importância de refletir sobre as práticas pedagógicas a fim de avaliar a eficiência das principais abordagens e ajustar os métodos de ensino em prol de uma Educação Infantil efetiva e relevante. Tem por objetivo analisar a importância de integrar elementos naturais no ambiente da Educação Infantil, como forma de contribuir para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Como metodologia, foram realizados estudos bibliográficos sobre a temática e, a partir das observações na turma e dos conhecimentos científicos discutidos na Universidade, especialmente Pasqualini (2013), Ostetto (2000), Lazaretti (2019), Magalhães (2019) e Marsiglia (2013), que ressaltam a importância de a criança ter o contato com novos elementos e com a natureza, nas práticas de estágio, abordamos sobre o conteúdo: elementos que compõem a natureza, a fim de desenvolver os objetivos de aprendizagem desse período de desenvolvimento utilizando o ambiente externo da Instituição de ensino. Segundo Vigotski (1996, apud Lazaretti, 2022), em cada período do desenvolvimento, a relação que a criança desenvolve com o meio é peculiar, específica e irrepetível, por isso é necessário que as crianças tenham o contato com novos elementos e desenvolvam suas capacidades. Nesse sentido, levamos para a turma, o urucum, fruto da árvore urucuzeiro, conhecido como Colorau, suas flores são alaranjadas e seus frutos têm textura espinhosa, também levamos bolachas de madeiras de árvores. Em um dos dias do estágio, levamos os alunos para o espaço externo que estava preparado e disposto com os elementos em cima de uma toalha colorida no chão, explicamos o que eram os elementos e deixamos que eles manipulassem as texturas, os objetos e brincassem. Segundo Lazaretti e Magalhães (2019), ao se trabalhar com o conteúdo plantas, é possível

¹⁰¹ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), cardosodanielle185@gmail.com

¹⁰² Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), carolinesoaresgmail.com

¹⁰³ Doutora em Educação; Professora orientadora e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), christina.santos@unespar.edu.br.

enriquecer a forma de ensinar com o manuseio do fruto, das sementes, seja com as mãos ou com instrumentos próprios. Assim foi muito interessante a atividade, eles brincaram de fazer comidinha (ovos, macarrão, sucos), manipularam a tinta que saía do fruto e experimentaram. Diante disso, foi possível observar a criatividade das crianças ao relacionarem os objetos com outras funções do cotidiano. Essas ações e brincadeiras realizadas pelas crianças exprimem a forma como elas interpretam e relacionam as ações do cotidiano com os objetos e elementos. Segundo Pasqualini (2013), a criança experimenta a necessidade de fazer o que o adulto faz, de agir com os objetos como o adulto age, isto é, por meio das brincadeiras e do contato com os elementos eles retratam as ações observadas nos adultos, recriam de acordo com a imaginação e interações sociais. Desempenhar esse papel exige que a criança consiga controlar sua conduta e seus impulsos imediatos. Dessa maneira, a experiência com o fruto e o espaço organizado de formas diferenciadas foi algo novo, visto que não possuíam tanto contato com a natureza. Como resultado, foi possível refletir e compreender a importância dessas ações para que as crianças conhecessem novos elementos da nossa rica natureza e pudessem desenvolver suas capacidades psíquicas e motoras a partir dessa mediação com o meio. Para nós, acadêmicas, foi uma experiência essencial com a abertura de novas possibilidades que podem ser aplicadas na Educação Infantil e que entendem a criança como ser pensante e ativo, isto é, são formas de aprendizagem a partir do contato com elementos da natureza, que proporcionam a criança a interação, a manipulação e a própria reflexão sobre os conteúdos ensinados com a mediação da professora.

Palavras-chave: Estágio. Educação Infantil. Criança. Elementos da Natureza.

1. INTRODUÇÃO

A infância é um período essencial para a formação integral do ser humano e é marcada por grandes descobertas e aprendizagens que moldam sua personalidade e sua capacidade cognitiva. É comum que as crianças tenham um desejo insaciável de explorar o mundo ao seu redor, por meio de experimentações e observações que vão render conhecimentos e histórias para contar. Nesse sentido, o ambiente escolar em que a criança está inserida irá desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento das suas capacidades. Dessa forma, a justificativa desse artigo se dá na importância da atenção ao aprendizado da criança no início da educação formal e na influência do uso de materiais ligados à natureza na prática escolar, ou seja, como a apresentação de elementos naturais pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Trata-se de um relato de experiência e reflexões a partir do estágio supervisionado realizado no Centro Municipal de

Educação Infantil - CMEI Cecília Vechiatti Giovinne, na disciplina de Ensino e Estágio na Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Paranavaí, desenvolvido com a turma do maternal II.

Como base teórica nos estudos de Pasqualini (2013) a respeito da temática, é explicitada a importância do contato da criança com os elementos naturais e ligados à natureza, pois esse contato favorece a interação sensorial e amplia a compreensão de mundo da criança, promovendo tanto o desenvolvimento motor quanto o desenvolvimento de vínculos afetivos e culturais com os colegas e com o meio ambiente.

Marsiglia (2013) também aponta que a interação da criança com elementos naturais é capaz de desenvolver ações que despertem não apenas curiosidade e criatividade, mas também incentivem a autonomia e independência da criança, permitindo que ela desenvolva sua capacidade de resolução de problemas. Deste modo, integrar elementos naturais ao ambiente da Educação Infantil se torna uma ação de extrema importância, uma vez que essa ação contribuirá para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças.

Como metodologia, foram realizados estudos bibliográficos sobre a temática e, a partir das observações na turma e dos conhecimentos científicos discutidos na Universidade, em especial os autores citados acima, Pasqualini (2013), Ostetto (2000), Lazaretti (2019), Magalhães (2019) e Marsiglia (2013), que ressaltam a importância de a criança ter o contato com novos elementos e com a natureza, nas práticas de estágio, abordamos sobre o conteúdo: elementos que compõem a natureza, a fim de desenvolver os objetivos de aprendizagem desse período de desenvolvimento utilizando o ambiente externo da Instituição de ensino.

Nas ações do estágio realizadas na área externa à sala de aula, ao ar livre, utilizamos o Urucum como nosso elemento natural principal, o fruto da árvore urucuzeiro, conhecido popularmente como Colorau. O Urucum é utilizado principalmente como tempero e corante natural, tem flores alaranjadas e frutos de textura espinhosa. Analisamos a interação das crianças com o Urucum, observando suas reações ao manipular as texturas e aromas do elemento. Também foi utilizado bolachas de madeira de árvores junto ao experimento, proporcionando mais um objeto para as crianças brincarem.

Como resultado, foi possível refletir e compreender a importância dessas ações para que as crianças conhecessem novos elementos da nossa rica natureza e pudessem desenvolver suas capacidades psíquicas e motoras a partir dessa mediação com o meio. Para nós, acadêmicas, foi uma experiência essencial, com a abertura de novas possibilidades que podem ser aplicadas na Educação Infantil e que entendem a criança como ser pensante e ativo, isto é, são formas de aprendizagem a partir do contato com elementos da natureza, que proporcionam à criança a interação, a manipulação e a própria reflexão sobre os conteúdos ensinados com a mediação da professora.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Buss, Silva e Rocha (2024), para que o ensino de Ciências da Natureza na Educação Infantil seja significativo, é fundamental compreender a educação e o ensino como elementos essenciais ao desenvolvimento humano. Nesse contexto, o professor desempenha um papel crucial ao apresentar às crianças uma perspectiva científica, introduzindo conceitos e explicações das ciências sobre os fenômenos naturais, seus processos de transformação e permanência, bem como a relação entre os seres humanos e esses fenômenos. Dessa forma, busca-se envolver ativamente as crianças nesse processo de aprendizado.

Nesse sentido, nas práticas de estágio, abordamos sobre o conteúdo: elementos que compõem a natureza, a fim de desenvolver os objetivos de aprendizagem desse período de desenvolvimento utilizando o ambiente externo da Instituição de ensino. Segundo Vygotsky (1996, *apud* Lazaretti, 2022, p. 724), em cada período do desenvolvimento, a relação que a criança desenvolve com o meio é peculiar, específica e irrepetível, por isso é necessário que as crianças tenham o contato com novos elementos e desenvolvam suas capacidades. Dessa maneira, foi possível compreender como a relação da teoria e da prática são essenciais para a formação inicial do professor e refletir sobre as implicações da organização do ensino no desenvolvimento das crianças.

Realizamos nossa primeira observação na sala do Maternal II. A sala era grande composta por algumas carteiras, brinquedos, uma televisão em que os alunos

costumavam assistir desenhos e um espaço onde se movimentavam pelo chão. As professoras nos receberam com muito carinho e atenção. A rotina deles acontecia da seguinte forma: de manhã chegavam na sala e ficavam livres para brincar, após tomavam o café da manhã no refeitório onde se alimentam todos os dias, em seguida voltavam para a sala de aula e realizavam as atividades propostas, o almoço era oferecido sempre às 10 horas e encerravam o período da manhã dormindo. Observamos que eles adoram conversar, brincar, se movimentar, questionar de diferentes formas e com diferentes objetos.

As crianças gostam de desafios, descobrir suas capacidades, gostam de música, cantar, dançar, gostam de helicópteros e aviões, gostam de ouvir histórias, gostam do lobo, da massinha de modelar, de riscar, desenhar, gostam do boi-de-mamão, de pipa, não gostam de arroz-doce e acima de tudo são crianças curiosas, prontas a qualquer momento a descobrir e vivenciar coisas novas. (Seemann; Silva, 2004, p.9 *apud* Broering, 2012, p.113)

Nesse sentido, por meio da brincadeira e da curiosidade, as crianças conseguem interagir com novas possibilidades, com novos conhecimentos e assim demonstram suas capacidades adquiridas pelo contato com os objetos e com as pessoas. No primeiro dia, observando e interagindo com a turma no chão, vimos que eles imaginam papéis sociais dentro das brincadeiras. Uma aluna começou a mexer nos nossos cabelos com brinquedos e disse que estava escovando os cabelos, dizendo que tinha um salão de beleza. Achamos muito interessante essa relação que eles criaram com os objetos. A partir disso e das propostas orientadas pela professora do estágio, propomos levá-los para o ambiente externo e, com autorização das professoras, preparamos o espaço do lado de fora da sala de aula. Lazaretti e Magalhães (2019) citam a importância de utilizar os espaços externos e de que eles devem ser cada vez mais explorados, é uma alternativa rica que contém ações envolvendo elementos naturais, possibilitando que a criança experimente texturas, medidas e realize novas experiências.

Seguindo com a proposta, levamos uma toalha grande e colocamos os materiais que seriam utilizados diante dela. Levamos o urucum, conhecido como Colorau, também levamos bolachas de madeiras de árvores. Em seguida, divididos em dois grupos, trouxemos os alunos para o espaço preparado, explicamos o que

eram os elementos e deixamos que eles manipulassem as texturas, os objetos e brincassem. Segundo Lazaretti e Magalhães (2019), ao se trabalhar com o conteúdo plantas, é possível enriquecer a forma de ensinar com o manuseio do fruto, das sementes, seja com as mãos ou com instrumentos próprios. Assim foi muito interessante a atividade, eles brincaram de fazer comidinha (ovos, macarrão, sucos), manipularam a tinta que saía do fruto e experimentaram.

Diante disso, foi possível observar a criatividade das crianças ao relacionarem os objetos com outras funções do cotidiano. Segundo Vygotsky (1996 apud Pasqualini, 2013, p.82), nesse período dos 3 anos, a criança ainda é refém da estimulação do meio, isto é, através da mediação do professor e do contato com novas experiências e objetos ela se desenvolve e descobre novas funções sociais, ressaltando que, nesse processo, eles estão em transição, saindo da fase objetal manipulatória e passando para a brincadeira de papéis, em que interpretam as situações do cotidiano ou da imaginação durante as experiências do dia a dia.

Essas ações e brincadeiras realizadas pelas crianças exprimem a forma como elas interpretam e relacionam as ações do cotidiano com os objetos e elementos. Segundo Pasqualini (2013), a criança experimenta a necessidade de fazer que o adulto faz, de agir com os objetos como o adulto age, isto é, por meio das brincadeiras e do contato com os elementos, ela retrata as ações observadas nos adultos, recriam de acordo com a imaginação e interações sociais. Desempenhar esse papel exige que a criança consiga controlar sua conduta e seus impulsos imediatos.

Dessa maneira, a experiência com o fruto e o espaço organizado de formas diferenciadas foi algo novo, visto que eles não possuíam tanto contato com a natureza. Segundo Magalhães e Lazaretti (2019), o princípio orientador é compreender a criança como sujeito ativo, ou seja, incentivá-la a praticar as ações propostas com novos elementos da natureza, colocá-la em movimento para realização das atividades, propor um ambiente diferenciado são pontos que contribuem para que possa desenvolver suas funções psíquicas. Foram muitas informações que eles acharam interessantes e até contaram para os pais, segundo relato das professoras da turma. É tão gratificante saber que esse trabalho faz a diferença na vida das crianças. Além disso, tendo o contato com algo maravilhoso que se chama natureza.

A dinâmica foi interessante e pudemos perceber a relação que eles fazem com

a fruta e com outras comidas existentes no cotidiano. Ademais, retomando a brincadeira de papéis, imaginaram um restaurante, serviram os colegas e as professoras de estágio.

A substituição do objeto pode ocorrer quando a criança transfere a ação aprendida em uma situação determinada para outra ou quando sente necessidade de completar a ação com algum objeto que esteja ausente, elegendo então um substituto (Elkonin, 1998, p. 99).

Dessa forma, com a interação entre as crianças, com os objetos e a mediação do professor, foi possível ampliar o conhecimento de mundo das crianças e contribuir com a imaginação. Ademais, segundo Lazaretti (2022), o ensino é uma atividade fundamental para o desenvolvimento de aprendizagens das crianças, por isso é necessário organizá-lo de forma que impulse e desenvolva as potencialidades das crianças. Assim, trabalhando o ensino de maneira adequada e utilizando os ambientes externos como meio de práticas educativas, incentivando o contato da criança com os elementos naturais é possível estimular e desenvolver as funções psíquicas e as habilidades das crianças.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo destaca a importância do contato das crianças com elementos naturais no ambiente escolar como uma ferramenta significativa para o desenvolvimento integral na educação infantil. A interação com materiais naturais, como o urucum e as bolachas de madeira, revelou-se um instrumento rico para estimular a criatividade, autonomia, e habilidades sociais das crianças. Conforme analisado, a prática pedagógica envolvendo o ambiente externo possibilita a exploração sensorial e amplia o repertório cognitivo, emocional e social das crianças, alinhando-se às teorias de autores como Vygotsky (1996 apud Pasqualini, 2013), que enfatizam a relevância da mediação pedagógica e do contato com novos estímulos no processo de desenvolvimento.

Observou-se que as crianças, ao manipular os elementos naturais,

reinterpretaram ações do cotidiano em suas brincadeiras, demonstrando um significativo avanço no uso da imaginação e no entendimento de papéis sociais. Esse resultado reforça a importância de criar oportunidades para que os alunos vivenciem experiências diferenciadas, que promovam tanto o aprendizado prático quanto o fortalecimento dos vínculos com a natureza.

Portanto, conclui-se que o uso de elementos naturais e o aproveitamento de espaços externos nas práticas pedagógicas são essenciais para uma educação mais dinâmica e eficaz, promovendo o desenvolvimento de funções psíquicas e habilidades motoras. Assim, reafirma-se o papel transformador da educação infantil como um espaço de experimentação, descobertas e construção de vínculos com o mundo que cerca a criança. Dessa forma, as práticas desenvolvidas no estágio representam grande importância para a formação de professores, visto que proporciona a oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos na Universidade. Ele permite o desenvolvimento de habilidades pedagógicas, a compreensão da dinâmica escolar e a interação com crianças e profissionais da educação. Além de apresentar elementos novos e experiências metodológicas que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem, valorizando o protagonismo das crianças e suas interações com os elementos da natureza.

REFERÊNCIAS

- BROERING, A. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 107-126.
- BUSS, A. C. G.; SILVA, E. T. A.; ROCHA, E. C. S. “Quem abriu a torneira do céu?” O ensino de Ciências e o encanto pelos fenômenos da natureza na Educação Infantil. In: LAZARETTI, L. M.; SCHMITT, L. S. (Orgs.). **Didática na Educação Infantil: Possibilidades educativas com bebês e crianças pequenas**. São Carlos, SP. 2024, p. 69-88.
- LAZARETTI, L. M.; MAGALHAES, C. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: Reflexões sobre o Espaço Como Potencializador das Aprendizagens de Bebês e Crianças na Educação Infantil. In: Cassiana Magalhães; Nadia Mara Eidt. (Org.). **Apropriações Teóricas e suas Implicações na Educação Infantil**. 1ed. Curitiba: Edirota CRV, 2019, v. 1, p. 1-247.

LAZARETTI, L. M. Didática e Educação Infantil: princípios para o ensino desenvolvnte. **Obutchénie**. Revista De Didática E Psicologia Pedagógica, 6(3), 2022.721–734. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/67175/34713> Acesso em: 08/12/2024

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, Ana C. G. (org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2013. p. 71-97.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE: RELATOS DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BELORDI, Kauane Silva¹
AGUIAR, Priscila dos Santos²
FERRO, Lussuede Luciana de Sousa³

RESUMO: Este estudo tem como objeto de estudo o relato das experiências vivenciadas na prática de Estágio Curricular Supervisionado no segundo ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus Paranavaí), como contribuinte para a formação em docência. Consideramos o estágio uma etapa essencial na nossa formação como futura professoras, pois nos permitiu articular os conhecimentos teóricos, adquiridos ao longo dos primeiros anos do curso, com as situações experienciadas no espaço escolar, por meio das práticas de estágio desenvolvidas na educação infantil, como: entrevista com a equipe pedagógica, reconhecimento dos sujeitos e do campo de estágio, observação participativa, planejamento e desenvolvimento das ações de ensino e de aprendizagem. Frente a essas considerações, objetivamos neste estudo relatar os desafios que vivenciamos na prática de estágio, apontando algumas possibilidades de como superá-los, o que nos levou à seguinte problemática: como superar os desafios enfrentados na prática de Estágio Curricular Supervisionado, com foco na educação infantil, de modo que contribua para a formação dos acadêmicos como futuro professor? Para elucidar essa questão, optamos pela pesquisa qualitativa, com estudo bibliográfico, baseado nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, fundada por Vygotsky (2000) e seus colaboradores Leontiev (1978) e Luria (2006). Sustentadas por esses fundamentos, no primeiro momento, discutimos sobre o encontro entre a universidade e a escola, destacando algumas experiências que vivenciamos na prática de estágio na educação infantil. No segundo momento, discorremos os desafios que foram enfrentados no percurso de estágio e suas implicações na formação para a docência. Já, no terceiro momento, apontamos algumas possibilidades que podem superar os desafios futuros e fortalecer o desenvolvimento de práticas de estágio que contribuam para o desenvolvimento integral dos estudantes das licenciaturas, especialmente de Pedagogia, foco deste resumo. Por fim, apresentamos as nossas considerações finais, evidenciando propostas de mudanças e resinificações, na expectativa de contribuirmos com novos estudos para pensarmos os processos de formação de modo significativo para o nosso desenvolvimento profissional e pessoal.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado; Educação Infantil; Desafios e possibilidades.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objeto de estudo o relato das experiências vivenciadas na prática de Estágio Curricular Supervisionado no segundo ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus Paranavaí), como contribuinte para a formação em docência.

Consideramos o estágio uma etapa essencial na nossa formação como futura professoras, pois nos permitiu articular os conhecimentos teóricos, adquiridos ao longo dos primeiros anos do curso, com as situações experienciadas no espaço escolar, por meio das práticas de estágio desenvolvidas na educação infantil, como: entrevista com a equipe pedagógica, reconhecimento dos sujeitos e do campo de estágio, observação participativa, planejamento e desenvolvimento das ações de ensino e de aprendizagem.

Frente a essas considerações, objetivamos neste estudo relatar os desafios que vivenciamos na prática de estágio, apontando algumas possibilidades de como superá-los, o que nos levou à seguinte problemática: como superar os desafios enfrentados na prática de Estágio Curricular Supervisionado, com foco na educação infantil, de modo que contribua para a formação dos acadêmicos como futuro professor?

Para elucidar essa questão, optamos pela pesquisa qualitativa, com estudo bibliográfico, baseado nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, fundada por Vygotsky (2000) e seus colaboradores Leontiev (1978) e Luria (2006). Sustentadas por esses fundamentos, no primeiro momento, discutimos sobre o encontro entre a universidade e a escola, destacando algumas experiências que vivenciamos na prática de estágio na educação infantil.

No segundo momento, discorremos os desafios que foram enfrentados no percurso de estágio e suas implicações na formação para a docência. Já, no terceiro momento, apontamos algumas possibilidades que podem superar os desafios futuros e fortalecer o desenvolvimento de práticas de estágio que contribuam para o desenvolvimento integral dos estudantes das licenciaturas, especialmente de Pedagogia, foco deste resumo.

Por fim, apresentamos as nossas considerações finais, evidenciando propostas de mudanças e ressignificações, na expectativa de contribuirmos com novos estudos para pensarmos os processos de formação de modo significativo para o nosso desenvolvimento profissional e pessoal.

2 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Teoria Histórico-Cultural é uma teoria que busca entender a formação do ser humano na atividade social. De acordo com os seus princípios, os seres humanos agem coletivamente, ou seja, aprendem na relação com o outro, agindo com o meio e se comunicam por meio de suas ações.

A partir dessa ideia, para organizar o trabalho pedagógico é necessário considerar as possibilidades de ensino intencional e sistematizado em uma perspectiva de humanização na educação infantil, em que as crianças estabeleçam relações de comunicação e compartilhamento de ideias com o outro. Isso porque o desenvolvimento humano implica considerar as particularidades de como as crianças aprendem nas diferentes idades, sem perder de vista a importância do acesso à cultura em suas formas mais elaboradas.

Os estudos de Vigotski (2000) discorrem a importância da brincadeira para o desenvolvimento humano, sobre os processos de desenvolvimento do pensamento e sua relação com a fala, que fornecem elementos para se afirmar os elementos da brincadeira de papéis (enredos, objetos manipuláveis, comunicação, situações imaginárias, representação de papéis sociais etc.) e as interações como eixos norteadores das propostas pedagógicas destinada a crianças de zero a seis anos.

Nos primeiros anos de vida, a criança tem uma forma muito peculiar de se relacionar com o mundo e de conhecer, diferentemente ao que ocorre em idades posteriores (Vasconcellos; Valsiner, 1995). Na perspectiva da teoria histórico-cultural, encontramos estudos que afirmam a importância da brincadeira para o desenvolvimento do ser humano, para constituição da subjetividade, especialmente nos seus primeiros anos de vida.

Outra contribuição dessa corrente teórica se refere aos estudos sobre os processos de desenvolvimento do pensamento e sua relação com a fala. Vigotski (2000) analisou as especificidades do pensamento da criança e de sua expressão,

evidenciando que a diferença entre o modo de pensar e de se expressar entre adultos e crianças, especialmente nos primeiros anos de vida, é de ordem qualitativa, não se trata de uma versão reduzida ou incompleta.

3 ENCONTRO UNIVERSIDADE E ESCOLA: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO

É de extrema importância, a relação da universidade com a escola, que é o campo de estágio, pois é o encontro da teoria e da prática, visto que os acadêmicos ao entrarem no curso de pedagogia pouco conhecem sobre a concepção da Educação Infantil, porém, ao começar adentrar nos estudos das teorias a visão do senso que tinha sobre o assunto começa a ganhar conhecimento do meio científico. Dessa forma, para ter essa análise mais aprofundada, a disciplina de Ensino e Estágio na Educação Infantil, articula a relação teoria e prática, permitindo

[...] aos educadores estabelecer um contato direto com o conhecimento produzido e sistematizado nas universidades [...] na formação do novo educador, e quanto mais sistematizado, mais resultados positivos e aprendizagens significativas haverá (Ostetto, 2012, p. 109).

Os estudos realizados na disciplina mostraram a riqueza dessa relação que, conforme afirma Ostetto (2012, p. 110), na relação de ensinar e aprender com diferentes pensamentos e concepções, ocorre o

[...] encontro entre educadores em formação e educadores que já estão atuando na educação infantil e que, no processo, experimentam uma verdadeira formação em serviço.

Outra questão, foi a importância dos registros e observações da turma que realizamos no primeiro momento. Ao longo dessas observações realizamos anotações, das quais destacaremos os desafios enfrentados no estágio e as possibilidades de superação.

3.1 DESAFIOS ENFRENTADOS NO ESTÁGIO E IMPLICAÇÕES NA DOCÊNCIA

Pensando no campo de estágio e na teoria histórico cultural observamos dificuldades em relação aos processos de inclusão das crianças no espaço escolar. Ao chegarmos, na sala de aula, constatamos tanto no berçário I com no infantil V, crianças com necessidades de atendimento educacional especializado, as quais precisavam de mais atenção. No berçário, observamos que uma das crianças não interagia com as outras, chorava ou ficava dispersa.

Já no infantil V, algumas crianças tinham laudos e não pois “[...] muitas crianças que chegam na Educação Infantil e apresentam alguma necessidade especial não possuem diagnóstico (Santos; Almeida, 2017, p. 1429).

Então obtivemos, bastante dificuldade ao planejar a intervenção, visto que a nossa preocupação era de incluirmos essas crianças na proposta, de modo que pudessem aprender. Nosso maior desafio enfrentado, então, foi envolver os bebês nas ações propostas. Pois no planejamento deveria ter outras soluções, outras ações caso eles não se envolvessem.

Isso porque idealizamos um momento, mas não nos preparamos para outras ações diante dos imprevistos que tivemos, já que muitos bebês estavam doentes, deixando-os indispostos e chorosos. Em nossa sala encontrava-se duas professoras efetivas e uma estagiária, para 16 crianças. No dia da intervenção, apenas delas estava em sala em decorrência de faltas por motivo de doença. Além disso, no intervalo do café, a professora se retirou e ficamos sozinhas. Nesse momento, estávamos precisamos fazer a troca de fraldas, ao mesmo tempo em que algumas choravam e outras entraram em atrito batendo ou mordendo.

Por causa disso que foi um dos maiores desafios, pois não conseguimos desempenhar fazer do momento de troca, também de aprendizagem para as crianças, exigindo de nós mais estudo sobre o desenvolvimento dos bebês para criarmos enredos, dialogar e interagir com eles; conhecer melhor suas demandas e se envolver mais com os bebês.

3.2 POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO

Os primeiros dias das crianças na escola são fundamentais e cruciais no processo educativo, esse processo é um tanto difícil para a criança e a escola deve estar instrumentalizada para auxiliá-la nesse novo momento. Diante dos resultados

encontrados, pudemos perceber que conhecer o aluno favorece a prática do professor, o qual poderá planejar e preparar as aulas de acordo com as necessidades específicas deles, fazendo da prática pedagógica um instrumento para a construção do ser, do aprender, do fazer e do conviver.

Através das ações pedagógicas na educação infantil, observamos possibilidades que poderiam superar como:

A relação que tivemos com as crianças, observamos a importância de conhecer mais as crianças, socializarmos mais com elas, envolver e se dedicar mais nos estudos teóricos. Por isso é fundamental conhecer seu aluno.

Observamos também a falta de domínio de conteúdo, pois devemos dominar o conteúdo para repassar um aprendizado significativo para as crianças. É fundamental aprofundar os estudos daquilo que se ensina às crianças, colocado em prática de forma significativa para nós e para elas complexos de fazer, exigindo de nós mais tempo de preparação.

Ao chegar na escola o estagiário deve ser acolhido como alguém que vem para somar, cabendo aos professores não vê-los como ameaça, mas como acadêmicos que buscam conhecimento compartilhado. A comunidade escolar, que aceita estagiários na escola devem dar abertura/apoio necessário para os mesmos, não impondo barreiras e restrições em seus planejamentos.

É importante que os professores e gestores da escola compreendam que os estagiários vão à escola para aprender e transmitir conhecimentos, com o intuito de contribuir com a educação, com as propostas de ensino, com os recursos didáticos, etc.

Dominar a teoria que embasa a prática, planejar com intencionalidade, saber o conteúdo proposto, conhecer as crianças e o que elas precisam aprender são fatores importantes conseguimos dialogar, interagir, conhecer, e se envolver com os bebês de forma mais significativa.

Quanto ao processo de inclusão, devemos estar em constante processo de aprendizado, para sabermos lidar com certas situações que vão aparecendo em sala de aula, pois:

[...] o educador precisa buscar através de estudiosos, associado a suas práticas pedagógicas, maneiras de promover a inclusão, com a certeza de que é através dos questionamentos, erros e acertos que se poderá promover uma educação inclusiva [...] (Santos; Almeida 2017, p. 1430).

Vemos que através dos estudos e das experiências compartilhadas é que vamos promovendo uma educação mais inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com nosso artigo, fundamentado na Teoria Histórico-cultural, concluímos que o estágio na educação infantil foi uma experiência transformadora e enriquecedora para nós futuras professoras, pois aprendemos muito nesse período de estudos que articulou teoria e prática, contribuindo significativamente para nossa formação para a docência.

Os desafios enfrentados e as soluções encontradas, transmitiu para nós acadêmicas que devemos observar, conhecer e interagir com as crianças, sabendo quem elas são, o que precisam aprender e como organizar o ensino para que de fato aprendam e se desenvolvam. Assim, estarmos melhor preparadas para lidar com as demandas e responsabilidades de uma sala de aula.

Assim, entendemos a importância do estágio, no processo de aprendizado na vida acadêmica, reconhecendo-o como um momento enriquecedor de aprendizado e de conhecimentos, na direção da construção de uma educação de qualidade, humanizadora e significativa para as crianças e os acadêmicos.

REFERÊNCIAS

OSTETTO, L. E. (org.) **Educação Infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus, 2012.

PEREIRA, R. M. A teoria da atividade histórico-cultural e suas implicações para a prática pedagógica. In: **ENPEC** - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 10, 2015, São Paulo. Anais... São Paulo: ABRAPEC, 2015. Disponível em: <https://www.abrapec.com/enpec/x-enpec/anais2015/resumos/R0917-1.PDF>. Acesso em: 19 dez. 2024.

SANTOS, C. S.; ALMEIDA, Y. de S. Inclusão na educação infantil: desafios e possibilidades através das práticas pedagógicas. **Revista online de Política e**

Gestão Educacional, Araraquara, v.21, n.3, p. 1423-1432, set./dez. 2017.

SANTOS, L. A. S.; PINHEIRO, C. P. A. A teoria da atividade histórico-cultural: conceitos, abordagens e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], v. 29, p. 159-176, 2024.

VASCONCELOS, F. C.; LEITE, M. F. A contribuição da teoria da atividade para a educação escolar: implicações para a prática pedagógica. **Educação e Pesquisa**, [S.l.], v. 33, n. 2, p. 251-265, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESPAÇO EDUCATIVO E NATUREZA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ARAGÃO, Cíntia Aragão de Souza¹⁰⁴

SANTI, Eloisa Santi de Souza Ribeiro ¹⁰⁵

SANTOS, Christina Aparecida dos¹⁰⁶

RESUMO: O presente artigo trata-se do relato da experiência do estágio curricular supervisionado em Educação Infantil, obrigatório no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR/Paranavaí. Foi realizado com o intuito de aproximar teoria e prática e explorar a importância da organização do espaço e do contato com a natureza no ambiente escolar. Os estudos realizados apontam que, a prática pedagógica em ambientes naturais e bemorganizados contribui para o desenvolvimento integral das crianças, estimulando a autonomia, a criatividade e o senso de pertencimento. Nesse contexto, o estágio supervisionado permitiu uma ampla análise nas dinâmicas do espaço e também na relação das crianças com o meio ambiente, refletindo sobre o papel do professor na criação de um espaço educador. O objetivo deste artigo é discutir a relevância de um ambiente de aprendizagem bem estruturado e que promova a interação com elementos naturais, buscando entender de que modo esses aspectos influenciam o comportamento e o desenvolvimento infantil. A metodologia adotada envolveu uma abordagem de estudos de textos bibliográficos, de autores como Pasqualini (2013), Lazaretti (2022), Broering (2008) entre outros. Já na observação e prática, foi dividida em etapas: inicialmente, a observação da estrutura e do uso do espaço; depois, o desenvolvimento de atividades que valorizassem o contato com a natureza e com os elementos naturais e também a exploração de recursos como a horta; e, por fim, uma análise reflexiva sobre os resultados dessas práticas, que contou com o apoio e as relações estabelecidas com as bibliografias estudadas. Os principais resultados revelaram que a organização do espaço, quando pensada de forma inclusiva e integrada com a natureza, potencializa o aprendizado das crianças. Foi possível observar que a disposição dos materiais e a oferta de espaços abertos ou com elementos naturais incentivaram a curiosidade e o interesse dos alunos, promovendo interações mais colaborativas e criativas. Notou-se que essas práticas

¹⁰⁴ Cíntia Aragão de Souza do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), cintia.unespar@gmail.com

¹⁰⁵ Eloisa Santi de Souza Ribeiro do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), elolosinhaelo@gmail.com

¹⁰⁶ Doutora em Educação; Professora orientadora e/ou supervisora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), christinaas20@gmail.com

também favoreceram a socialização e a compreensão de responsabilidades coletivas, como o cuidado e respeito com plantas e animais. Destaque podemos dar para a importância de um planejamento intencional do ambiente de aprendizagem na Educação Infantil, com espaços que inspirem a curiosidade e o desejo de explorar a natureza. Assim, conclui-se que o estágio contribuiu para a nossa formação pedagógica ao colocar em destaque a relevância de um ambiente educativo que valorize o contato com a natureza e que se torna essencial para o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: Natureza. Estágio. Educação Infantil. Espaço Educativo.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se do relato da experiência do estágio curricular supervisionado em Educação Infantil, obrigatório no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR/Paranavaí. Foi realizado com o intuito de aproximar teoria e prática e explorar a importância da organização do espaço e do contato com a natureza no ambiente escolar.

Os estudos realizados apontam que a prática pedagógica em ambientes naturais e bem organizados, contribui para o desenvolvimento integral das crianças, estimulando a autonomia, a criatividade e o senso de pertencimento. Nesse contexto, o estágio supervisionado permitiu uma ampla análise nas dinâmicas do espaço, bem como na relação das crianças com o meio ambiente, refletindo sobre o papel do professor na criação de um espaço educador.

O processo de cultivar a horta contribui para além de saber manusear os utensílios e plantar, mas também para o desenvolvimento da consciência ambiental das crianças desde pequenas. Isso tudo é possível através da inquietação das crianças ao buscar mais, querer saber mais. Visto que de acordo com Arce (2011, p. 9) “é a curiosidade e a fascinação das crianças, que levam à investigação e à descoberta dos fenômenos naturais”.

Os estudos realizados apontam que, a prática pedagógica em ambientes naturais e bem organizados, contribui para o desenvolvimento integral das crianças, estimulando a autonomia, a criatividade e o senso de pertencimento. Nesse contexto, o estágio supervisionado permitiu uma ampla análise nas dinâmicas do espaço e também na relação das crianças com o meio ambiente, refletindo sobre o papel do professor na criação de um espaço educador.

O objetivo deste artigo é discutir a relevância de um ambiente de aprendizagem bem estruturado e que promova a interação com elementos naturais, buscando entender de que modo esses aspectos influenciam o comportamento e o desenvolvimento infantil.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudos realizados a partir de Broering (2008) e Lazaretti (2024) revelam que a organização do espaço educativo tem impacto direto no desenvolvimento infantil, assim o ambiente desempenha um papel mediador no processo de desenvolvimento psíquico, oferecendo estímulos que possibilitam a superação de desafios e a ampliação das potencialidades da criança, sendo possível observar que a oferta de vários materiais e de espaços externos ou com elementos naturais incentivam a curiosidade e o interesse dos alunos, promovendo interações mais colaborativas e criativas.

Também foi possível observar que essas práticas também favoreceram a socialização e a compreensão de responsabilidades coletivas, como o cuidado e respeito com plantas e animais. Dessa forma, espaços que incorporam elementos naturais, como hortas, jardins e materiais sensoriais, favorecem a exploração, a curiosidade e o desenvolvimento da autonomia. De acordo com Lazaretti (2024), o contato com a natureza se faz indispensável:

Contudo, é necessário superar práticas pedagógicas mecânicas e descontextualizadas, uma vez que o ensino de ciências da natureza é rico em possibilidades, pois a criança, em um contexto social, demonstra, desde pequena, curiosidade e interesse peculiares sobre os fenômenos da natureza, sobre as diferentes espécies que habitam o nosso planeta e sobre esse vasto universo que a cerca. O professor, ao trabalhar sobre os elementos da natureza - água, solo e ar, relacionando a importância destes elementos para os seres vivos e em especial para os seres humanos, possibilitará no processo de ensino a formação da imaginação, do pensamento investigativo e o início do processo de compreensão científica dos fenômenos e processos naturais. (Lazaretti, 2024, p.71)

A partir dessas observações iniciais, percebemos a importância de desenvolver práticas pedagógicas voltadas para a interação com o ambiente, o que conduziu ao segundo momento: elaboração de intervenções que incluíram o uso de espaços

externos, como a horta da escola, ações de exploração do ambiente natural aliada à brincadeira de papéis. Essas práticas foram fundamentais para promover o envolvimento das crianças e favorecer seu desenvolvimento cognitivo e social.

Dessa forma quando exploramos a horta, as crianças fizeram perguntas sobre a terra como: por que as plantas têm raízes? Todas elas têm? As formigas têm casas iguais as nossas? Como elas conseguem carregar essas folhas enormes? Assim, percebemos que não é qualquer atividade que causa mudanças nas crianças, que as leva a reflexão, certas atividades não têm um objetivo claro sendo propostas apenas para cumprir uma meta, com isso o planejamento e o estudo se fazem essenciais. Sendo assim, as atividades propostas buscaram não só serem divertidas ou algo fora da rotina, mas sim, algo que causasse uma reflexão nas crianças.



Imagem 1: As crianças brincando de exploradores com a medição de uma das autoras.

Fonte: Arquivo das autoras, 2024.

A exploração do espaço foi feita totalmente mediada por nós sempre focando em respeitar e cuidar do ambiente. No primeiro encontro as crias se dispersaram com uma frequência maior e o interesse estava em jogar galhos no chão e chutar a terra, porém com o passar dos encontros, mesmo com “problemas” como roupas e chão sujos de lama, notamos como foi significativo para as crianças e também para nós, pois aprendemos juntos e ganhamos uma nova visão sobre o espaço externo e o contato com a natureza e como o estudo modificou nossa prática. Dessa forma, ao analisarmos nossa prática e relacionar com o que foi aprendido, foi possível perceber como um espaço educativo deve ser pensado, não apenas como um local de transmissão de conteúdo, mas como um facilitador da interação entre os alunos e o meio. Ao trazermos novos meios para adquirirmos cultura, vamos de encontro com Lazaretti (2022)

Portanto, o bom ensino é dependente de meios e condições adequadas e essa cultura, como síntese das objetivações humanas, cujos meios podem ser expressos em instrumentos e signos, demanda de seleção e organização dos docentes, para que se converta em conteúdos escolares. Essa cultura é traduzida nos diferentes tipos de conteúdo que se estabelecem de acordo com o critério assumido no currículo escolar. (Lazaretti, 2022 p. 728)

A presente experiência revelou tanto pontos positivos quanto áreas a serem melhoradas. Embora a utilização do ambiente externo e a brincadeira de faz-de-conta tenham sido eficazes em engajar as crianças, seriam necessárias algumas modificações, como por exemplo, proporcionar mais momentos de pausa durante a atividade para que as crianças pudessem refletir e compartilhar suas descobertas, integrando mais momentos de diálogo com elas.

Dentre os aspectos positivos em relação à ação docente, foi visível o bom desempenho, destacamos a capacidade de adaptação às situações imprevistas, como a curiosidade das crianças diante da pomba encontrada no ambiente externo. Acreditamos que a forma como lidamos com essa situação transformando-a em um

momento de reflexão e diálogo, demonstrou sensibilidade às necessidades e interesses das crianças.



Aluno regando as plantas e brincando de ser jardineiro. Fonte: Arquivo das autoras, 2024

Nas práticas de estágio que se sucederam, as crianças realizavam o que pedíamos e estavam menos agitadas do que no primeiro encontro, os alunos que possuíam alguma neuro divergência exploraram o ambiente com a nossa mediação, tocaram na água que estava dentro de um balde ao lado da horta e foram gentis com uma minhoca que foi encontrada na terra, o que nos surpreendeu, pois ficamos com receio de machucarem os seres que vivem na horta, porém foram atenciosos aos comandos dados por nós. Diante disso, relacionamos com Lazaretti (2024)

Em vista disso, concordamos com a exposição das crianças desde bem pequenas a ações de ensino relacionadas com as Ciências da Natureza, expressas por conteúdos que darão suporte para a formação de conhecimentos que, pouco a pouco, vão se transformando em conceitos científicos. Isso só ocorrerá com a

condução do professor, que deve sempre utilizar uma linguagem formal e acessível à criança, realizando intervenções para além do concreto observável e perceptível, a fim de possibilitar uma revolução no desenvolvimento da atenção, memória, fala, percepção, imaginação e criação. (Lazaretti, 2024 p. 75)

Após os estudos propostos, preparamos uma intervenção onde alguns grupos de crianças iriam ajudar na coleta de materiais naturais presentes nas áreas externas, como gravetos, folhas, flores, sementes para a realização de um varal para colocarmos para enfeitar a horta. Durante a caminhada com um dos grupos ao redor da instituição que conta com um espaço natural amplo, encontramos uma pomba morta e as crianças ficaram curiosas e fizeram perguntas sobre, se a pombinha estava dormindo, se a mãe dela ia procurá-la e se ela estava velhinha e por isso morreu. Após respondermos algumas perguntas, enterramos a pomba e continuamos a jornada de coleta de matérias, e então uma das alunas disse que estávamos coletando para o acampamento.

Com o restante dos grupos exploramos a horta e procuramos minhocas, usamos gravetos para arar a terra e molhamos a terra para as plantas que lá crescem. Após a brincadeira de fazendeiro, um dos alunos disse que poderíamos fazer uma loja de doces, fizemos bolos, brigadeiros e pães feitos de barro.



Os alunos usando as mãos para fazer bolos, pães e tortas de barro na terra da horta umedecida por eles. Fonte: Arquivo das autoras, 2024

Essas vivências ao ar livre trouxeram novas perspectivas sobre a importância de diversificar os espaços de ensino, ampliando as oportunidades de interação e descoberta para além das quatro paredes da sala de aula. Ao fazermos essa reflexão sobre o estágio, entendemos que a educação infantil vai muito além da simples transmissão de conhecimento formal, ela envolve, de maneira essencial, o desenvolvimento de uma sensibilidade por parte do educador, que deve saber ver e ouvir a criança em suas múltiplas expressões e necessidades, e esse processo de escuta atenta é fundamental para a criação de propostas pedagógicas que respeitem o ritmo de cada criança e que promovam interações sociais e culturais ricas, que vão além do conteúdo tradicional e abarcam o desenvolvimento integral do indivíduo.



Os alunos responsáveis pela busca e coleta de elementos naturais presentes na área externa. Fonte: Arquivo das autoras, 2024

Os estudos e as vivências realizadas no estágio evidenciaram a importância de criar situações em que as crianças possam interagir com os mais diversos tipos de conhecimento, tanto de forma individual quanto coletiva, com isso a educação infantil deve oferecer uma diversidade de experiências que envolvam o contato com diferentes linguagens, culturas e formas de expressão, promovendo o desenvolvimento social, emocional, cognitivo e físico das crianças. Isso pode ser feito por meio de jogos, brincadeiras, histórias, arte, ciência e diversas outras atividades que valorizem o protagonismo da criança e a sua capacidade de aprender através das interações sociais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio é, sem dúvida, uma etapa excepcional e necessária na formação dos futuros professores de educação infantil, ele se apresenta como um momento em que os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação ganham vida e se materializam no contexto da prática cotidiana.

É durante o estágio que se torna possível o desenvolvimento e a construção de competências e saberes práticos, fundamentados no amplo apoio teórico discutido e apropriado em sala de aula. Essa integração entre teoria e prática nos permite compreender, de maneira mais concreta, como os princípios pedagógicos e metodológicos se traduzem em ações no ambiente escolar.

Por meio deste, os futuros professores têm a oportunidade de refletir sobre a prática pedagógica, identificando desafios, acompanhando potencialidades e, principalmente, desenvolvendo habilidades fundamentais para atuar com eficiência e sensibilidade em uma etapa tão essencial para a educação básica.

Esse período é um convite para uma análise crítica do papel do educador, incentivando-nos a adotar práticas que valorizem o respeito à individualidade das crianças. No decorrer desse processo formativo, tivemos a oportunidade de participar ativamente do dia-a-dia da escola, observando, vivenciando e compreendendo a realidade escolar de maneira direta.

Essa compreensão nos permitiu compreender, de forma prática, a importância da organização do espaço educativo como um elemento central para o desenvolvimento das crianças. Assim, compreendemos que o espaço não é apenas um cenário para as atividades pedagógicas, mas um ambiente que deve ser pensado de maneira a proporcionar o seu aproveitamento.

Essa experiência formativa nos ajudou a compreender que a organização do espaço escolar deve estimular interações interpessoais, promover a autonomia, incentivar a criatividade e fortalecer as relações interpessoais, assim o estágio não se limita a ser apenas uma etapa de aprendizagem técnica, mas se configura como um momento transformador, em que nos conectamos profundamente com a essência do ato de educar.

Ao longo do estágio, houve um progresso visível no comportamento positivo dos alunos, especialmente no que se refere à capacidade de concentração e interação

com o meio ambiente, demonstrando a relevância de metodologias que integram a ludicidade e a natureza no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ARCE, A.; SILVA, D. A. S. M.; VAROTTO, M. **Ensinando ciências na Educação Infantil**. Campinas: Alínea, 2011. 133p.

BROERING, A. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 107-126.

[LAZARETTI, L. M.](#) Didática e Educação Infantil: princípios para o ensino desenvolvnte. **Obutchénie**. Revista De Didática E Psicologia Pedagógica, 6(3), 2022. 721–734. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/67175/34713> Acesso em: 10 de dez. 2024

LAZARETTI, L. M; SCHMITT, S. L (Orgs.) **Didática na Educação Infantil: possibilidades educativas com bebês e crianças pequenas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, Ana C. G. (org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2013. p. 71-97.

EXPLORANDO A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS COM O MINHOCÁRIO

ANDRADE, Gabriela Alves de¹⁰⁷

GARDIM, Lareska Severo Vidotto¹⁰⁸

LAZARETTI, Lucinéia Maria¹⁰⁹

RESUMO: Este resumo tem como objeto o relato das experiências vivenciadas no ano de 2024 durante o estágio curricular supervisionado no Centro de Educação Infantil da região noroeste do Paraná, em uma turma de Maternal I, com crianças de 2 a 3 anos de idade. A importância deste estágio se destaca no processo formativo do professor, já que proporciona a oportunidade de articular a teoria estudada ao cotidiano da prática docente e a reflexão sobre as interações das crianças, especialmente na Educação Infantil. Para este relato, entre as diferentes ações realizadas no decorrer das práticas de estágio, selecionamos as que envolveram a organização do espaço com a interação com a natureza, por meio de intervenções que envolveram a manipulação de elementos naturais, e aqui destacamos, o conteúdo sobre seres vivos, em especial, sobre as minhocas. O objetivo deste relato é compartilhar as práticas de ensino com o conteúdo sobre as minhocas, a partir das interações e aprendizagens das crianças com esse conhecimento. Este relato narra a experiência das ações desenvolvidas, evidenciando como a teoria e a prática se inter-relacionam no processo de ensino e de aprendizagem, evidenciando as experiências e as intervenções práticas como promotoras da interação das crianças com os elementos naturais, promovendo um ambiente de aprendizagem colaborativa. Assim, este relato está organizado nas seguintes ações: a) estudo e pesquisa sobre o conteúdo seres vivos, enfatizando, a construção do minhocário; b) proposição de ações ao ar livre, com ênfase na curiosidade e no interesse sobre o conteúdo, o cuidado com os seres vivos e a compreensão sobre a importância do meio ambiente; c) seleção de cenas, imagens e episódios sobre a intervenção realizada no espaço, a partir do conteúdo proposto; d) síntese da vivência realizada, por meio de um relato de experiência. Os resultados indicam que o espaço físico e a organização das ações influenciam diretamente no desenvolvimento infantil, destacando a necessidade de um ambiente acolhedor que favoreça a autonomia e a promoção de interesses sobre os fenômenos, por meio dos recursos e ações docentes mediadoras. Concluímos que o estágio curricular supervisionado é fundamental para a formação de professores, pois proporciona uma experiência prática que enriquece a formação teórica. As reflexões realizadas durante o estágio são essenciais para aprimorar a prática docente, destacando a

¹⁰⁷ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), gabrielayasminpaulo@gmail.com.

¹⁰⁸ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), vidottolaeska@gmail.com.

¹⁰⁹ Doutora em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lucylazaretti@gmail.com.

necessidade de um planejamento que considere as especificidades da educação infantil. As experiências adquiridas reforçam a importância de um ensino que valorize a exploração, a curiosidade e o desenvolvimento integral da criança.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado. Educação Infantil. Natureza. Organização do Espaço.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo narra as intervenções realizadas no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da região noroeste do Paraná, em uma turma de maternal I, com crianças de 2 a 3 anos de idade, referente a disciplina de Ensino e Estágio na Educação infantil, na Universidade Estadual do Paraná, durante o curso de Pedagogia, no ano de 2024.

O objetivo deste relato é compartilhar as práticas de ensino com o conteúdo sobre as minhocas, a partir das interações e aprendizagens das crianças com esse conhecimento. Consideramos que as análises obtidas neste período permitiram vincular a teoria e a prática, destacando a importância da teoria para um olhar criterioso diante das ações infantis, observando as crianças de forma minuciosa e potencializando as ações dos professores. Ao vincularmos a teoria e a prática, analisamos diferentes falas e imagens das interações entre as crianças com o conhecimento das ciências da natureza utilizando autores como Broering (2008), Lazaretti (2022), Lazaretti, Wajskop (2022) e Magalhães (2019) e Pasqualini (2013).

Enfatizamos que o estágio é uma possibilidade de ensinar e aprender, visto que em um ambiente profissional como o do CMEI, podemos encontrar diversas concepções de aprendizagem, de criança e de educação, que impacta na ação docente. Segundo Broering (2008, p. 109), “O estágio é fundamental na formação do novo educador e quanto mais sistematizado, mais resultados positivos e aprendizagens significativas haverá”. Desse modo, o estágio deve ser uma via de mão dupla, onde a instituição de Educação Infantil e de Ensino Superior estão em um processo de compartilhar aprendizagens, formando uma parceira. Nesse sentido, o estágio é uma etapa essencial para a formação do professor, pois estabelece uma articulação entre a teoria e a prática, permitindo que no ambiente escolar, os

conhecimentos apreendidos sejam mediadores das análises e intervenções na ação pedagógica.

Este artigo está organizado por meio do relato e análise das experiências, observação, intervenção com/no espaço e considerações finais.

2. AS RELAÇÕES ENTRE O CONTEÚDO DE ENSINO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

De acordo com Wajskop (2022, p. 9), percebemos que as crianças estão inseridas em diversos espaços e tempos e, por isso, interagem com os fenômenos naturais e socioculturais desde muito cedo e de maneiras diferentes. Portanto, o despertar da curiosidade ocorre a partir da interação sobre o mundo físico, incluindo seu corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, entre outros fenômenos. Deste modo, para provocar essa curiosidade e promover novos interesses, a Educação Infantil deve proporcionar experiências que permitam observações, manipulação de objetos e investigações sobre o entorno, além de incentivar o levantamento de hipóteses e a consulta a fontes de informação. Nesse sentido, a instituição escolar deve criar oportunidades para que as crianças expandam seus conhecimentos sobre o mundo e os experienciem em suas vivências diárias.

O estudo dos seres vivos é um conteúdo rico e instigante para Educação Infantil, especialmente se abordada de maneira investigativa, de modo a promover a curiosidade e a exploração. Neste processo de estudo e pesquisa, a observação atenta e a escuta das crianças são essenciais, a criação de hipóteses e questionamentos são fundamentais para pensar criticamente sobre as condições de vida dos seres vivos.

Segundo Wajskop (2022, p. 13):

As práticas educativas precisam promover ambientes de experiências nos quais as crianças possam construir conhecimentos sobre esse mundo em transformação. Isso é feito por meio da observação do entorno, da elaboração de perguntas e da investigação científica desses questionamentos.

Dito isso, a Educação Infantil deve ser um espaço no qual as crianças possam vivenciar o conhecimento de maneira interativa e lúdica. Desta forma, a construção do minhocário se insere neste contexto ao oferecer um ambiente de novas experiências, que englobam uma diversidade de aprendizagens, como a interação com a natureza, o cuidado com os animais e a importância de cada um.

Construir um minhocário na Educação Infantil é uma prática pedagógica rica e benéfica por diversas razões. Dentre elas, estão alguns aspectos citados anteriormente como a curiosidade e o interesse das crianças em explorar o mundo ao seu redor.

Em conformidade com Wajskop (2022, p. 14):

Assim, é fundamental que as crianças sejam expostas a experiências e oportunidades de aprendizagem de ciências em ambientes de cuidados e educação, e que seus professores possam construir os conhecimentos e as ferramentas para incorporar as ciências nas práticas e conversas cotidianas. Essas experiências possibilitam o encontro de explicações pelas crianças sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesmas, enquanto desenvolvem formas de sentir, pensar e solucionar problemas.

O minhocário oferece uma oportunidade prática para que elas observem e interajam com seres vivos, despertando questionamentos e incentivando a investigação. Logo, a construção de um minhocário permite que as crianças aprendam sobre o papel das minhocas no solo e no ecossistema. Esse recurso permite observar como esses organismos ajudam na decomposição de matéria orgânica, melhorando a qualidade do solo e contribuindo para o ciclo da vida encontrados em hortas, por exemplo. As crianças, ao participarem da construção e manutenção do minhocário, desenvolvem habilidades científicas essenciais, como observação, formulação de hipóteses, coleta de dados e análise de resultados. Além disso, é uma forma de conectar as crianças com a natureza e promover a consciência ambiental. Ao cuidar das minhocas, as crianças aprendem sobre a importância da preservação dos seres vivos e dos ecossistemas, desenvolvendo um senso de responsabilidade em relação ao meio ambiente.

Segundo Fazenda (2008, p. 13), “Um olhar interdisciplinarmente atento recupera a magia das práticas, a essência de seus movimentos, mas, sobretudo, induz-nos a outras superações, ou mesmo reformulações.” Sendo assim, destacamos que a atividade do minhocário pode ser integrada a diversas áreas do conhecimento, como ciências, matemática, linguagem e outras. As crianças podem contar e escrever sobre suas experiências, medir e registrar o crescimento das minhocas e discutir o que aprenderam, promovendo um aprendizado multidisciplinar. Essa experiência permite que as aprendizagens compartilhadas entre professor-conhecimento-crianças ampliem as experiências e aproximem-se de uma compreensão científica do mundo.

De acordo com Wajskop (2022, p.13):

A ciência não apenas fornece recursos para o desenvolvimento de pensamento crítico mais elaborado como, ao responder ao desejo e à curiosidade das crianças por conhecer, leva-as a compreender como funcionam as coisas e os fenômenos da natureza e a pensar de maneira autoral. A aprendizagem das ciências, desde muito cedo, permite a construção de ferramentas para a identificação e resolução de problemas por meio de interações mais complexas com os professores e com a realidade do entorno.

Neste cenário, podemos observar que a Educação Infantil também é um local de conhecimento científico, a capacidade de identificar, descrever e comparar os seres vivos são resultados desta prática científica. Desta maneira, ao proporcionar experiências práticas que envolvam o cotidiano e o conhecimento científico sobre ele, destaca-se a criação de um ambiente rico em aprendizagens, portanto, as crianças se tornam mais conscientes do mundo que as cerca, além de tornar o aprendizado mais significativo.

Figura 1 – Contação de história: A minhoca Milu.



Fonte: Arquivo das autoras (2024).

A partir dessa compreensão, narramos as ações desenvolvidas na prática de estágio, com as crianças, a partir do conteúdo seres vivos com o recurso minhocário. No entanto, convém apresentar as etapas que envolvem esse processo de observação e intervenção com as crianças da turma de maternal I.

O contexto para a proposição deste conteúdo envolveu algumas ações como: a) observação da prática docente com pouca exploração de conhecimentos científicos com as crianças; b) vivências com as crianças no espaço da instituição, proposta pelas acadêmicas-estagiárias, com exploração dos elementos naturais do ambiente externo e nestas ações, as crianças manifestaram curiosidades e interesses pelos animais e plantas encontrados durante as práticas de estágio. Diante desse cenário, planejamos a intervenção a partir de ampliar a experiência das crianças com os seres vivos, especialmente, animais e para isso, exploramos o conhecimento sobre as minhocas.

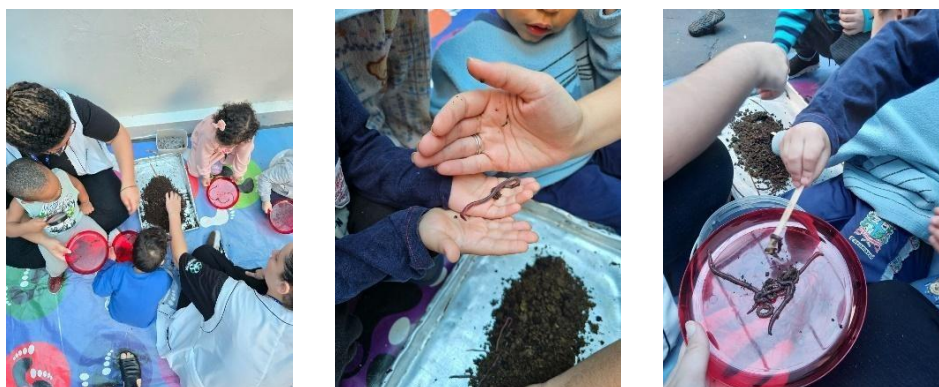
As ações consistiram nos seguintes momentos. Num primeiro momento, organizamos o espaço externo, com tapete e propomos uma contação de história sobre o livro “A minhoca Milu” (Fabiana da Conceição e Rosália Oliveira) para as crianças, em pequenos grupos. A narrativa aborda a vida de uma minhoca na natureza, como ela sobrevive, até encontrar um problema causado pelos humanos, que a obriga a se mudar de seu habitat para um minhocário. No minhocário, Milu explica o funcionamento de diferentes tipos de minhocários e o processo de compostagem. Na seguinte imagem podemos destacar que as crianças demonstraram interesse pela história, que foi contada de maneira interativa.

Após a história, permitimos que as crianças tivessem contato direto com as minhocas. Antes do primeiro contato visual e manipulativo, explicamos que as minhocas são sensíveis e têm uma textura fria e solicitamos que as manuseassem com muito cuidado. Disponibilizamos uma lupa e pratos descartáveis para que as crianças pudessem colocar as minhocas e observá-las com mais atenção. Muitas crianças inicialmente estranharam a minhoca, mas ao verem alguns colegas manuseá-las, sentiram-se encorajadas a fazer o mesmo. As crianças comentaram aspectos das minhocas como, por exemplo, que a minhoca era fria. Essas falas foram mediadas por explicações sobre as necessidades fisiológicas das minhocas e o *habitat* serem solos bem úmidos.

Nestas imagens, podemos observar que as crianças tiveram muito interesse em conhecer as minhocas, e manifestaram cuidado com a manipulação e no trato com esse ser vivo. Desta maneira, destacamos que na atividade principal objetiva manipulatória, é evidente que as crianças estão desenvolvendo suas funções psíquicas de sensação, percepção e linguagem. Segundo Lazaretti (2022, p. 724):

o desenvolvimento é marcado por mudanças qualitativas e é dependente do nível de exigências que se interpõem nessa relação da criança com a realidade circundante, por meio da atividade. No entanto, não é qualquer atividade que promove essas mudanças e transformações psíquicas, alguns tipos de atividade desempenham um papel principal no desenvolvimento, enquanto outras desempenham um papel secundário.

Figura 2 – Crianças manipulando e interagindo com minhocas.



Fonte: Arquivo das autoras (2024).

Portanto, ao conhecer as minhocas, podemos notar mudanças qualitativas nas ações das crianças, com o cuidado com os animais, ampliação das experiências sensoriais, aproximação do conhecimento científico, entre outros aspectos. Além disso, promover conhecimentos sobre diferentes conteúdos possibilitam o processo de desenvolvimento dos interesses, no qual a criança pergunta e expõe suas curiosidades, aproximando as crianças de conteúdos científicos. Sendo assim, as mediações intencionais se mostram essenciais para que essa mudança ocorra, o enriquecimento da aquisição da aprendizagem se torna claro neste momento.

Figura 3 – Criança utilizando lupa para observar as minhocas.



Fonte: Arquivo das autoras (2024).

Ressaltamos o uso da lupa como parte deste processo de mediação. De início, para as crianças, a lupa é um objeto sem sentido, eles até procuram maneiras de utilizá-la, isso porque não conheciam o uso social da mesma, sendo assim o papel da mediação se torna indispensável. De acordo com Lazaretti (2013. p. 151):

Os objetos dados às crianças portam significações sociais, por isso, não podem ser consideradas simples coisas de manipulação isoladas. Eles representam instrumentos com função e forma determinadas para uso e, pela simples exploração, não se descobre a riqueza e a complexidade de funções e significados que eles carregam.

Dito isso, a mediação e a imitação são essenciais para que a criança se aproprie das funções sociais dos objetos, com o exemplo da lupa, que passa de um objeto de livre exploração para um objeto de ampliação da visão, com uso social. Com a lupa, as crianças conseguiam observar detalhes das minhocas, assim compreendendo o cuidado com as minhocas ao observá-las e o uso da lupa como objeto para a observação.

Na sequência das ações, utilizando a área externa, debaixo de árvores, permitindo a manipulação de elementos naturais como terra, folhas, galhos e minhocas, propomos a construção de um minhocário. Explicamos para as crianças que as minhocas estavam precisando de uma nova casa, assim como a minhoca Milu da história contada na semana anterior. Logo pedimos a ajuda das crianças para realizarmos a construção de um minhocário.

Optamos por um local sob uma árvore, onde o solo seria mais úmido e o ambiente proporcionaria proteção adicional contra predadores. Para iniciar a construção do minhocário, cada grupo ficou responsável por uma etapa: o primeiro e o segundo grupo cuidaram de colocar a terra no recipiente que serviria de minhocário, utilizando utensílios de cozinha para recolher e transferir a terra.

Figura 4 – Crianças transferindo terra para produção de um minhocário.



Fonte: Arquivo das autoras (2024).

Analisando estas fotos, compreendemos que mesmo aparentando ser uma ação simples, o movimento de transferência entre a terra para baldes para colocar na

caixa é propício para o desenvolvimento da atividade principal e destacamos que em todos os processos a comunicação não deixou de fazer parte do processo de conhecimento. Segundo Lazaretti (2022, p. 724) “cada período do desenvolvimento, há uma situação social de desenvolvimento que regula todo o modo de vida da criança ou sua existência social.”

O terceiro grupo ficou encarregado de preparar o alimento para as minhocas, utilizando cascas de ovos e borras de café. Eles quebraram as cascas dos ovos e manusearam a borra de café, ambos destinados à alimentação das minhocas.

Este momento foi crucial para compreensão das crianças de que as minhocas devem

Figura 5 – Crianças conhecendo os alimentos necessários para alimentar as minhocas e transferindo-os para o minhocário.



Fonte: Arquivo das autoras (2024).

Figura 6 – Crianças coletando minhocas e colocando em seu novo habitat.



Fonte: Arquivo das autoras (2024).

se alimentar de maneira saudável e que seus alimentos podem ser encontrados facilmente em nossas cozinhas, proporcionando que as crianças conheçam a importância dos resíduos orgânicos como fonte de vida. Além disso, a manipulação da borra de café e a quebra das cascas de ovos fazem parte da manipulação de objetos.

O quarto grupo foi responsável por colocar as minhocas no recipiente. Cada criança procurava as minhocas escondidas na terra e as transferia para o minhocário usando um balde e completavam o minhocário com terra.

Logo o quinto e último grupo finalizou o processo, espalhando folhas secas recolhidas pelo CMEI e regando o minhocário para manter a terra úmida. Esse grupo também visitou a horta, onde introduziram algumas minhocas no solo para preparar o terreno para futuros cultivos.

Finalizando este processo de intervenção, reconhecemos uma mudança qualitativa nas crianças com a relação com o espaço e com a minhoca, o processo de pertencimento ao ambiente externo claramente ficou visível de forma positiva, as crianças entenderam que o lado de fora tem diversos recursos de exploração e conhecimento, passando a se adaptar a natureza.

3. INTERFACES ENTRE AS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO E A FORMAÇÃO DOCENTE

Essa experiência de estágio aprofundou nossa compreensão ao destacar como cada detalhe do espaço impacta diretamente o desenvolvimento infantil. O espaço não é apenas um lugar físico, mas um agente educativo que, se bem planejado, pode promover a autonomia, estimular a curiosidade e favorecer interações sociais.

Segundo Broering (2012, p. 117) “O estágio não é então um momento de aprendizagem com via de mão única, todos têm possibilidades de aprender e de ensinar. mas é preciso desejar. Podemos aprender com nossos pares, com autores. com pesquisas, e especialmente com as crianças.” Dito isso, compreendemos que o processo de ensino e de aprendizagem na educação infantil é dinâmico e interativo, refletindo diretamente o papel do professor na criação de um ambiente de aprendizagem intencional e flexível.

De acordo com Broering (2012, p. 109) “O estágio é fundamental na formação do novo educador, e quando mais sistematizado, mais resultados positivos e aprendizagens significativas haverá.” Portanto, um estágio sistematizado, com planejamento, reflexão e suporte, permite ao futuro educador não apenas realizar atividades que impactam positivamente as crianças, mas também reconhecer e trabalhar nas áreas que precisam de aprimoramento.

A docência na educação infantil exige uma abordagem intencional, flexível e focada nas necessidades individuais e coletivas das crianças. Mais do que ensinar conteúdos específicos, o papel do professor é criar um ambiente de aprendizagem que promova a curiosidade, a exploração e a autonomia. É necessário compreender que o desenvolvimento infantil acontece de forma global, e que o aprendizado não ocorre de maneira compartimentada, as crianças aprendem brincando, interagindo, explorando e se comunicando com o mundo ao seu redor.

As ações ao ar livre, a exploração de elementos naturais e momentos de livre expressão artística são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, motor e social das crianças. Essas práticas promovem o protagonismo infantil, permitindo que explorem o mundo de maneira ativa e significativa. Durante o processo desta experiência, fica claro que o espaço é essencial para promover um ambiente acolhedor e propício para o desenvolvimento infantil. Ao analisar a prática pedagógica observada na instituição de ensino, percebemos que há aspectos favoráveis, como a busca pela valorização da natureza. No entanto, aspectos pouco favoráveis, como a falta de interação e comunicação com as crianças, a rigidez nas regras e a falta de estímulo à criatividade, que devem ser repensados e dispensados da ação docente.

Segundo Broering (2012), o estágio é uma via de mão dupla, sendo assim durante as intervenções ficou importância deste vínculo para que haja melhor compreensão da teoria e da prática, podendo potencializar as experiências vividas, além de destacar a importância de um ambiente estimulante e favorável para as crianças, a escola passa a perceber como elas podem explorar, interagir e aprender em seu ambiente externo.

As intervenções com o espaço externo me possibilitaram ter um bom desempenho, a separação em grupos pequenos, a observação atenta das crianças e a intervenção com materiais e atividades significativas, foram essenciais neste

processo. De acordo com Lazaretti (2022), o ensino deve ser intencional e sistematizado, utilizar estratégias permitem um maior envolvimento e aprendizagem das crianças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos apresentados neste artigo, cujo objetivo foi é compartilhar as práticas de ensino com o conteúdo sobre as minhocas, a partir das interações e aprendizagens das crianças com esse conhecimento. Consideramos que ações realizadas destacaram a importância de um ambiente de aprendizagem que respeite e promova o desenvolvimento das crianças, permitindo que elas explorem e interajam de maneira significativa com o mundo ao seu redor.

Segundo o artigo de Broering (2008), observamos que a organização do espaço e a forma como os adultos interagem com as crianças têm um impacto direto na qualidade do aprendizado. Intervenções que consideram o desenvolvimento psíquico das crianças e respeitam seu tempo e suas necessidades resultam em um ambiente mais acolhedor e estimulante. A observação contínua revelou que o espaço deve ser adaptado para fomentar a autonomia e a exploração, enquanto as relações professor-aluno e aluno-aluno devem ser baseadas no respeito e na colaboração.

Segundo as formulações de Lazaretti (2022), a prática de dividir as crianças em grupos pequenos e realizar atividades ao ar livre mostrou-se altamente eficaz para o desenvolvimento das habilidades sociais e cognitivas. As intervenções, como a construção do minhocário e o contato com a natureza, permitiram que as crianças desenvolvessem uma compreensão mais profunda do ambiente e das responsabilidades associadas a ele.

Portanto, reafirmamos a importância de uma abordagem pedagógica que valorize a observação e a intervenção intencional, promovendo um ambiente educativo que sustente o crescimento e a aprendizagem das crianças. As experiências adquiridas e os desafios enfrentados neste período contribuem significativamente para aprimorar a prática docente e fortalecer a prática educativa na Educação Infantil.

5. REFERÊNCIAS

BROERING, A. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 107-126.

FAZENDA, I. C. A. A aquisição de uma formação interdisciplinar de professores. **Didática e interdisciplinariedade**, 2008. 13ed. Campinas, SP: Papirus, 1998, p. 11-20.

LAZARETTI, L. M. Didática e Educação Infantil: princípios para o ensino desenvolvnte. **Obutchénie. Revista De Didática E Psicologia Pedagógica**, 6(3), 2022. 721–734. Link de acesso:
<https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/67175/34713>

LAZARETTI, L. M.; MAGALHAES, C. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: Reflexões sobre o Espaço Como Potencializador das Aprendizagens de Bebês e Crianças na Educação Infantil. In: Cassiana Magalhães; Nadia Mara Eidt. (Org.). **Apropriações Teóricas e suas Implicações na Educação Infantil**. 1ed. Curitiba: Edirota CRV, 2019, v. 1, p. 1-247.

PASQUALINI, J.; LAZARETTI, L. Crianças pequenas na escola: contradições e potencialidades. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 112–129, 2021. DOI: 10.5216/rp.v32i2.70895. Disponível em:
<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/70895>. Acesso em: 30 mar. 2022.

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, Ana C. G. (org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2013. p. 71-97.

WAJSKOP, G. Ciências da natureza: práticas educativas na educação infantil. **Fundação Maria Cecília Souto Vidigal**. São Paulo, 2022. Link de acesso:
<https://biblioteca.fmcsv.org.br/biblioteca/ciencias-natureza-praticas-educativas-primeira-infancia/>

MANIPULAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO NATURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

RODRIGUES, Giovana¹¹⁰
SANTOS, Brenda¹¹¹
LAZARETTI, Lucinéia Maria¹¹²

RESUMO: Este relato emerge das atividades de Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, desenvolvido na turma de Berçário II no Centro Municipal de Educação Infantil na região Noroeste do Paraná, como parte das ações do curso de Pedagogia da UNESPAR. O estágio supervisionado possibilita uma vivência prática essencial na formação docente, articulando teoria e prática pedagógica para futuros professores de educação infantil. No contexto da Educação infantil, essa experiência é crucial para compreender as necessidades e características do desenvolvimento infantil, proporcionando o embasamento necessário para uma prática educativa que respeite a autonomia e as especificidades das crianças. O objetivo visa relatar as experiências adquiridas durante a intervenção prática realizada, destacando o desenvolvimento da atividade objetual manipulatória a partir das interações sensoriais com elementos da natureza. O espaço foi proposto para proporcionar um ambiente rico em vivências que contribuiu para o desenvolvimento das capacidades sensoriais e preceptivas das crianças. Este relato está organizado nas seguintes etapas: observação da rotina diária da turma; planejamento das práticas para oferecer novas formas de exploração sensorial e manipulativa do ambiente externo; intervenções por meio de ações em pequenos grupos de crianças nas áreas externas, utilizando elementos naturais para manipulação como pinhas, bucha vegetal e beterraba, explorando as possibilidades de interação com o ambiente. A experiência revelou que, ao interagir diretamente com a natureza e objetos concretos, as crianças puderam desenvolver sua curiosidade e habilidades manipulativas. A intervenção destacou a importância da mediação docente para enriquecer a compreensão das crianças sobre os objetos e suas funções sociais, evidenciando a riqueza de uma prática pedagógica ativa e contextualizada. O estágio também permitiu refletir sobre o papel do ambiente no desenvolvimento infantil, ressaltando a necessidade de um espaço acessível e interativo para incentivar a autonomia das crianças e suas possibilidades de interação com o ambiente. A prática do estágio proporcionou um aprendizado significativo para a formação docente, reforçando a necessidade de um planejamento pedagógico que valorize as especificidades da educação infantil e a organização do espaço.

Palavras-chave: Educação Infantil. Estágio Curricular. Organização do espaço. Desenvolvimento Infantil.

¹¹⁰ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí); brendakailaine.barbosa00@gmail.com

¹¹¹ Graduanda do Curso de Pedagogia Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí); giiabellanneda@gmail.com

¹¹² Doutora em Educação. Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí); lucineia.lazaretti@unespar.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este artigo compartilha as experiências vividas durante o estágio supervisionado em uma turma de Berçário II de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) no Noroeste do Paraná, no ano 2024. O foco principal é a organização do espaço e a exploração da natureza, demonstrando como esses elementos podem favorecer o desenvolvimento das crianças.

Na Educação Infantil, o espaço no qual as crianças brincam e aprendem é fundamental na prática pedagógica. Quando bem planejado, ele pode promover a curiosidade, a autonomia e as interações. Durante o estágio, buscamos aproximar as crianças no contato com a natureza, por meio de materiais naturais como pinhas, bucha vegetal e beterraba, promovendo momentos de descoberta e interação. Como aponta (Lazaretti, 2022, p. 731) “O espaço da instituição permite ampliar as possibilidades de exploração, deslocamento e atuação das crianças. O espaço comunica como as crianças ocupam ou não os ambientes, se participam ou não da sua composição e produção, expressa e revela como as crianças e seu grupo, junto com o professor, planejam e organizam, considerando que o espaço conta a história deste grupo.” Destacando então um ambiente que reflita as necessidades e o protagonismo infantil.

Assim, o objetivo visa relatar as experiências adquiridas durante a intervenção prática realizada, destacando o desenvolvimento da atividade objetual manipulatória a partir das sensoriais com elementos. A metodologia utilizada emerge de diferentes práticas pedagógicas articuladas ao Estágio Curricular Supervisionado: inicialmente, foi realizada a observação da rotina diária da turma, permitindo compreender as dinâmicas e necessidades específicas das crianças do Berçário II; a partir disso, procedeu-se o planejamento das práticas, com foco na exploração sensorial e manipulativa do ambiente externo.

Este texto reflete sobre como pequenas mudanças no ambiente e no jeito de conduzir as atividades podem tornar o aprendizado mais rico e divertido. A ideia é inspirar outras práticas que valorizem o contato das crianças com a natureza e a criação de espaços acessíveis, que incentivem a curiosidade e a liberdade para explorar.

2. AS INTERAÇÕES E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

A organização do espaço é essencial para o desenvolvimento infantil, pois influencia diretamente nas interações e na autonomia das crianças. Durante o estágio, foi observado que a sala utilizada apresentava uma organização fixa, com os brinquedos armazenados fora do alcance das crianças e uma televisão constantemente ligada. Essa configuração restringia as oportunidades de exploração autônoma e interações entre pares. Como apontam Magalhães e Lazaretti (2019),

importa também refletir sobre como deve ser o direcionamento para os momentos livres que ocorrem nos Centros de Educação Infantil. Eles são necessários e, por isso, devem ser organizados de uma forma que possibilite à criança optar por pares, por brinquedos e por objetos, movimentar-se em grupos e em espaços que possam ser explorados (p. 156).

A intervenção realizada buscou reorganizar o espaço, proporcionando maior acesso aos materiais pedagógicos e criando oportunidades para o brincar livre e mediado. Isso permitiu que as crianças desenvolvessem habilidades motoras e sociais de forma mais ativa. Durante essas mudanças, percebemos que a liberdade para acessar materiais ampliou significativamente a interação entre pares e estimulou a criatividade das crianças.

A Figura 1 ilustra a interação das crianças com objetos manipuláveis, como bolachas de madeira e sementes de urucum, destacando como a disponibilidade dos materiais estimula a criatividade e a colaboração.

Figura 1 crianças interagindo com bolachas de madeira e sementes de



Fonte: arquivo das autoras, 2024.

Além disso, é importante que o espaço reflita a história do grupo e promova a participação ativa das crianças na sua composição. Assim, a readequação do ambiente escolar é um passo essencial para criar condições favoráveis ao desenvolvimento integral das crianças.

Outro ponto relevante observado foi como a disposição dos materiais impacta diretamente no comportamento das crianças. Espaços que oferecem móveis baixos e brinquedos ao alcance incentivam a autonomia e a iniciativa. Essa prática também reforça a confiança e a autoestima das crianças ao permitir que escolham suas próprias atividades e brinquedos.

3. AS EXPERIÊNCIAS COM AS CRIANÇAS COM OS ELEMENTOS NATURAIS

O estágio supervisionado na Educação Infantil revelou-se uma experiência marcante, permitindo-nos vivenciar, pela primeira vez, uma prática pedagógica voltada para um ambiente educacional com intencionalidade. Apesar de experiências anteriores, essa vivência foi significativa por nos possibilitar analisar o ambiente escolar de forma aprofundada, compreender as ações pedagógicas realizadas e refletir sobre a docência. Assim, tivemos a oportunidade de repensar conceitos fundamentais, como o papel do professor, a importância da Educação Infantil e a concepção da criança como indivíduo ativo em seu processo de aprendizagem.

Entre os diversos aspectos observados, destacamos as interações infantis

como um processo fundamental para o desenvolvimento das crianças e no cotidiano das instituições de Educação Infantil. Como um ambiente social os CMEIs são espaços em que crianças e profissionais convivem intensamente, promovendo interações que enriquecem tanto o desenvolvimento das crianças quanto as práticas pedagógicas (Vygotsky, 2007).

Contudo, percebemos que a visão de criança como sujeito incapaz ainda persiste em algumas instituições, reflexo de um histórico assistencialista e preparatório que relegava a criança a um papel secundário nas práticas educativas. Essa concepção subestima as potencialidades infantis e limita o papel transformador da Educação Infantil. Contrapondo-se a essa visão, defendemos a Educação Infantil como etapa essencial para o desenvolvimento integral da criança, onde o professor atua como mediador ativo, promovendo interações qualificadas e experiências significativas. (Lazaretti, 2021, p.115)

Na intervenção no Berçário II, com crianças de dois anos, buscamos romper com práticas tradicionais, como a “hora da atividade”, propondo ações planejadas que ocupassem todo o tempo escolar com experiências enriquecedoras. Priorizamos a manipulação e exploração de elementos naturais, criando um ambiente que provocasse deslocamentos, comunicações e descobertas, sempre com mediação intencional e sensível por parte dos educadores.

Os resultados foram amplamente positivos: observamos que as crianças se engajaram ativamente na manipulação dos materiais, demonstrando curiosidade, criatividade e interações ricas com seus pares e com o ambiente. Essas experiências reforçam a importância de uma prática pedagógica planejada, que reconheça a criança como protagonista de seu processo de aprendizagem, promovendo ações que dialoguem com suas necessidades, interesses e capacidades. Acreditamos que a transformação da Educação Infantil passa por superar concepções ultrapassadas e adotar práticas que valorizem o potencial de cada criança, garantindo um desenvolvimento integral e significativo.

Figura 2 crianças interagindo com os elementos naturais



Fonte: arquivo das autoras, 2024.

A imagem acima registra o momento em que estávamos sentadas no chão com as crianças: algumas sentiam-se confiantes em sentar-se e explorar a grama, outras ainda demonstravam desconforto com as novas experiências. Nesse processo, importante respeitar o modo como elas agiam diante do novo, e progressivamente, promovendo segurança e conforto nesse ambiente, compartilhando dessa experiência de se sentar ao chão e ficamos o tempo todo fazendo mediação intensiva, mostrando as diferentes possibilidades de exploração dos elementos.

Em uma dessas intervenções, surgiu o interesse das crianças de saber a cor e textura da beterraba. Com uma beterraba e um graveto de árvore que estava disponível ao nosso lado, fizemos as crianças sentirem o gelado da beterraba, a textura lisa e a sua colocação avermelhada.

O contato com a natureza na educação infantil é essencial para o desenvolvimento integral das crianças, pois proporciona experiências ricas em descobertas, exploração e aprendizado sensorial. Ambientes naturais estimulam a criatividade, a curiosidade e a autonomia, permitindo que os pequenos experimentem texturas, cores, sons e cheiros de forma espontânea. Além disso, brincar ao ar livre favorece o bem-estar emocional, melhora a socialização e incentiva a construção de uma relação de respeito e cuidado com o meio ambiente. Quando a natureza é incorporada ao cotidiano escolar, ela se torna um elemento ativo no processo de aprendizagem, despertando o encantamento e promovendo um desenvolvimento

mais equilibrado e significativo.

Figura 3 criança interagindo com elementos naturais



Fonte: arquivo das autoras, 2025.

Conforme mostrávamos o legume avermelhado, realizamos questões acerca daquele “Qual é a cor da beterraba?”, “Quem gosta desse legume?”, “Você gostou da textura?”

Por isso, nesse período, não basta que o professor disponibilize os objetos para a criança explorá-los sem uma orientação e sem um critério; é necessário que o adulto apresente os modos sociais de ação com os instrumentos culturais e direcione os atos dela, agindo como um ‘modelo de ação’. (Lazaretti, 2019, p.155)

Contudo, há uma importância significativa do papel mediador do professor no processo de aprendizagem das crianças da Educação infantil, ao agir como um “modelo de ação”, o educador não apenas apresenta os instrumentos culturais e naturais, mas também demonstra como utilizá-los de forma significativa, contribuindo para que a criança compreenda o contexto e o propósito de suas ações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a organização do espaço desempenha uma função essencial no desenvolvimento das ações vivenciadas na Educação Infantil. Mediante

os estudos orientados e as práticas realizadas, observamos como o espaço contribui de forma qualitativa para o processo educativo e auxilia no desenvolvimento criativo das crianças, com cada período consistindo em atividades específicas de aprendizagem.

Analizamos que, para crianças menores de três anos, o brincar e a manipulação de objetos são predominantes, pois elas exploram suas características e descobrem suas funções sociais. Já as crianças de 4 a 5 anos ampliam essas experiências por meio da imaginação, por meio da brincadeira, do desenho, e outras atividades criativas, consolidando a criatividade por meio das vivências oferecidas.

Diante dessa experiência proporcionada pelo estágio, compreendemos que o espaço educativo deve ser planejado e organizado de acordo com a especificidade de cada faixa etária, promovendo ações que enriqueçam o processo de aprendizagem. Nesse contexto, o papel do professor, enquanto mediador, é fundamental: pensar e planejar ambientes e propostas pedagógicas que permitam mudanças significativas, oferecendo às crianças liberdade para brincar, explorar, manipular, imaginar e interagir.

O professor, assim, torna-se um agente que motiva as crianças a vivenciarem experiências ricas, potencializando o processo de humanização na Educação Infantil. Enfim, o estágio supervisionado assume um papel fundamental ao demonstrar como conduzir ações pedagógicas de qualidade na Educação Infantil. As vivências docentes não apenas enriquecem a formação inicial, mas também oferecem subsídios essenciais para uma atuação profissional comprometida e transformadora.

REFERÊNCIAS:

BROERING, A. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação infantil: saberes e fazeres** da formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 107-126.

PASQUALINI, J.; LAZARETTI, L. Crianças pequenas na escola: contradições e potencialidades. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 112–129, 2021

LAZARETTI, L. M. Didática e Educação Infantil: princípios para o ensino envolvente. **Obutchénie**. Revista De Didática E Psicologia Pedagógica, 6(3), 2022. 721–734. Link de acesso: <https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/67175/34713>

LAZARETTI, L. M.; MAGALHAES, C. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer:

Reflexões sobre o Espaço Como Potencializador das Aprendizagens de Bebês e Crianças na Educação Infantil. In: Cassiana Magalhães; Nadia Mara Eidt. (Org.). **Apropriações Teóricas e suas Implicações na Educação Infantil**. 1ed. Curitiba: Edirota CRV, 2019, v. 1, p. 1-247.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

O PLANEJAMENTO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM: RELATANDO DESAFIOS E POSSIBILIDADES

SILVA, Mariana Belo¹¹³

VIANA, Isa Rosa da Silva¹¹⁴

FERRO, Lussuede Luciana de Sousa Ferro¹¹⁵

RESUMO: Objetivamos neste estudo relatar a experiência que tivemos de sistematizar o planejamento das ações de ensino e de aprendizagem que desenvolvemos com crianças da Educação Infantil, destacando-o como um importante instrumento da atividade principal do professor que é ensinar. Por isso, ficamos pensando: como sistematizar o planejamento da prática pedagógica de modo que este seja instrumento de ensino para o professor e de aprendizagem para as crianças, em especial na educação infantil? Em busca de subsídios teórico, recorremos à Teoria Histórico-Cultural (Vigotski, 2000; Leontiev, 1972; Elkonin, 2009) para analisarmos e discutirmos: os processos de elaboração do planejamento de uma intervenção pedagógica, realizada com 20 crianças do infantil 4, de uma escola pública localizada na região noroeste do estado do Paraná; a articulação entre criança, conteúdo e forma; as contribuições dessa ação realizada no estágio para a formação docente. Os resultados deste estudo apontam que o planejamento se torna instrumento da atividade do professor, quando é sistematizado levando em consideração a criança e suas necessidades de aprendizagem, os elementos da atividade lúdica na organização dos espaços e na apropriação dos conhecimentos abordados. Esperamos que esta pesquisa inspire a elaboração de planejamentos da prática pedagógica que transforme desafios em possibilidades mais significativas e enriquecedoras para os professores-estagiários e para as crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Planejamento. Ensino e aprendizagem. Desenvolvimento.

¹¹³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí, mbeloflorescer@gmail.com

¹¹⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), isaviana@outlook.com.br

¹¹⁵ Doutora; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luciana.sferro@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A ação de planejar faz parte da prática de estágio supervisionado na educação infantil, que realizamos como acadêmicas no curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), em colaboração com a professora formadora. O planejamento pedagógico é um componente essencial da prática docente, especialmente na Educação Infantil, em que as interações e atividades educativas desempenham papel crucial no desenvolvimento das crianças.

Diante disso, objetivamos neste estudo relatar a experiência que tivemos de sistematizar o planejamento das ações de ensino e de aprendizagem que desenvolvemos com crianças da Educação Infantil, destacando-o como um importante instrumento da atividade principal do professor: ensinar.

Como professoras-estagiárias, consideramos que planejar a prática pedagógica é essencial para alcançarmos o principal objetivo da escola: a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Parafraseando Vigotski (2000), podemos dizer que um bom planejamento antecede à aprendizagem do futuro pedagogo-professor e das crianças. Isso significa que, quando nos processos de formação docente os acadêmicos são instrumentalizados com conteúdos teórico-práticos, tende a enriquecer o que a criança precisa aprender, contribuindo significativamente para o desenvolvimento dela e da qualidade do processo educacional na universidade e na escola.

Por isso, ficamos pensando: como sistematizar o planejamento da prática pedagógica de modo que este seja instrumento de ensino para o professor e de aprendizagem para as crianças, em especial na educação infantil? Em busca de subsídios teórico, recorremos à Teoria Histórico-Cultural (Vigotski, 2000; Leontiev, 1972; Elkonin, 2009) para analisarmos e discutirmos: a) os processos de elaboração do planejamento de uma intervenção pedagógica, realizada com 20 crianças do infantil 4, de uma escola pública localizada na região noroeste do estado do Paraná, apontando os desafios que encontramos como professoras-estagiárias para o desenvolvimento das ações planejadas, no espaço escolar, sem perder de vista a relação entre teoria e prática; b) a articulação entre criança, conteúdo e forma, ressaltando as possibilidades da sistematização de um planejamento que promove o

ensino e a aprendizagem dos acadêmicos e das crianças; e c) as contribuições dessa ação realizada no estágio para a formação docente.

Os resultados deste estudo apontam que o planejamento se torna instrumento da atividade do professor, quando é sistematizado levando em consideração: o período de desenvolvimento infantil a que se destina, as necessidades de aprendizagem da criança, os elementos da atividade lúdica como condição para a organização dos espaços e apropriação dos conhecimentos abordados.

Por fim, esperamos que esta pesquisa inspire a elaboração de planejamentos da prática pedagógica que transforme desafios em possibilidades mais significativas e enriquecedoras para os professores-estagiários e as crianças.

2 PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O planejamento na Educação Infantil é um instrumento essencial para organizar e orientar as práticas pedagógicas, garantindo que as atividades propostas considerem as especificidades de desenvolvimento das crianças e promovam aprendizagens significativas. Por meio dele, o professor articula objetivos, conteúdos e metodologias, criando experiências que potencializam a curiosidade, a criatividade e o brincar, elementos fundamentais dessa etapa educacional.

Além disso, o planejamento permite ao educador refletir sobre sua prática, antecipar desafios e ajustar estratégias para atender às necessidades individuais e coletivas. Com uma abordagem sistematizada, o professor potencializa o desenvolvimento integral das crianças, tornando o processo de ensino e de aprendizagem intencional, coerente e transformador.

Neste artigo buscamos demonstrar a importância do planejamento escolar como ferramenta estratégica para organizar ações, recursos e metodologias que garantam um processo educacional eficiente, alinhado aos objetivos pedagógicos. Baseado na Teoria Histórico-Cultural, destaca-se a tríade sujeito-forma-conteúdo, defendendo o papel do professor da Educação Infantil como aquele que articula teoria e prática, promovendo a formação de conceitos científicos e o desenvolvimento integral dos acadêmicos e das crianças, ao mesmo tempo em que fortalece a função

social da escola como espaço de constituição do humano e do acesso ao capital cultural.

O planejamento de ensino na Educação Infantil deve sistematizar atividades conjuntas e coletivas, considerando as mudanças nos interesses, interações e independência das crianças no ambiente escolar. Não se trata de uma tarefa simples, pois é necessário priorizar ações alinhadas aos objetivos pedagógicos e à tríade conteúdo-forma-destinatário (Martins, 2013, p. 355).

O planejamento na Educação Infantil deve incluir o que será ensinado, os objetivos a serem alcançados, as formas de ensinar, os materiais utilizados e como será feita a avaliação. Também é importante pensar no tempo, nos espaços e na organização do grupo. O tempo deve se atender às necessidades das crianças, considerando suas necessidades de aprender e se desenvolver. Os espaços, por sua vez, devem ser organizados para tornar as atividades mais ricas e interessantes. Quando organizado, o planejamento ajuda a variar as atividades e fortalece as relações entre as crianças na escola.

Ao organizar tarefas em grupo, o objetivo é promover a convivência, o aprendizado com os outros, que são essenciais para desenvolver as relações sociais. Essas tarefas devem estar de acordo com os objetivos do currículo, para que haja coerência entre o que se planeja e o que se ensina.

Planejar para a Educação Infantil é um desafio. É preciso articular as necessidades de aprendizagem das crianças com os conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade e, assim, alcançar as intenções educativas do professor. Esse processo exige sensibilidade e atenção, ajudando a articular as tarefas diárias com os objetivos de desenvolvimento integral e formação do psiquismo infantil.

[...] a escola infantil é um espaço que deve ser organizado por nós, professores, para que a criança seja ativa; é um espaço para o protagonismo da criança e também dos adultos que ali se encontram: nós adultos devemos ser sujeitos da atividade de organizar o espaço para que a criança seja sujeita da ação.

(Gamba, 2016, p. 588).

Receber as crianças diariamente e planejar a organização dos espaços e materiais reflete a concepção de educação e cuidado da equipe escolar. Na Educação Infantil, a avaliação é um elemento essencial do planejamento, permitindo ações educativas que promovam a formação do pensamento e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

Nesse processo, o professor desempenha um papel central ao identificar o nível de desenvolvimento infantil e organizar o ensino às necessidades das crianças, como destacado por Vigotski (2000), que ressalta a importância de ensinar conteúdos adequados ao período de desenvolvimento da criança. Assim, a avaliação deve ser contínua e sistemática, acompanhando o aprendizado ao longo das práticas pedagógicas (Luckesi, 2014).

Avaliar é um ato de investigar a qualidade da realidade, o que subsidia, se necessário, a decisão de uma intervenção tendo em vista obter um resultado mais satisfatório da nossa ação; mais satisfatório do que o já conquistado (Luckesi, 2014, p. 193).

A avaliação, segundo Luckesi (2014), não é um fim em si mesma, mas um processo investigativo que permite compreender a qualidade das práticas e resultados alcançados. Ela funciona como um instrumento reflexivo e dinâmico que orienta ações futuras, possibilitando intervenções mais eficazes e alinhadas aos objetivos desejados. Dessa forma, avaliar transcende a simples mensuração de dados ou desempenho, pois envolve um olhar crítico e propositivo para a melhoria contínua.

Esse entendimento reforça a importância de se valorizar a avaliação como um processo contínuo e transformador, essencial para o aperfeiçoamento das práticas em qualquer contexto. A partir dessa reflexão, é possível aprofundar as discussões sobre métodos e abordagens que tornam a avaliação mais efetiva e significativa.

3 ARTICULAÇÃO ENTRE CRIANÇA, CONTEÚDO E FORMA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS DE UM PLANEJAMENTO QUE PROMOVE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DOS ACADÊMICOS E DAS CRIANÇAS

A Educação Infantil enfrenta desafios significativos, mas também oferece inúmeras possibilidades de inovação e melhoria. Superar esses obstáculos exige estratégias desenvolvidoras, que transformem o ambiente escolar em um espaço acolhedor e mobilizador de aprendizagens, favorecendo o desenvolvimento integral das crianças (Pasqualini; Lazaretti, 2021).

Para alcançar uma educação infantil de qualidade, é fundamental investir na formação contínua dos educadores, incentivar a participação ativa das famílias e utilizar recursos e tecnologias de maneira que corrobore com o principal objetivo da escola: ensinar. Esses elementos fortalecem o vínculo entre escola e comunidade, promovendo práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes.

Com abordagens comprometidas com o desenvolvimento de cada criança, os desafios podem ser transformados em oportunidades de aprendizado significativo e envolvente. Dessa forma, a Educação Infantil se consolida como uma etapa essencial para a construção de bases sólidas no processo educativo.

De acordo com Martins (2013), a articulação entre criança, conteúdo e forma é essencial para o sucesso do processo educativo. Essa conexão permite integrar as necessidades e características das crianças com os objetivos educacionais e as ações de ensino e de aprendizagem propostas. A sistematização de um planejamento estratégico desempenha um papel central nesse contexto, pois organiza as ações de ensino de maneira intencional e alinhada às demandas de aprendizagem.

Por meio de um planejamento bem estruturado, é possível criar experiências que sejam significativas tanto para as crianças quanto para os acadêmicos, promovendo a construção do conhecimento de forma colaborativa e compartilhada. Tal abordagem favorece a interação dinâmica entre o conteúdo a ser ensinado e as formas de ensino, garantindo que as práticas adotadas considerem o desenvolvimento infantil e, ao mesmo tempo, ampliem as possibilidades pedagógicas (Libâneo, 1994).

Assim, ao considerar a articulação entre criança, conteúdo e forma, o planejamento torna-se uma ferramenta potente para mediar o processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento integral e para a formação de sujeitos críticos e transformadores da realidade.

O planejamento pedagógico se revela como um instrumento indispensável tanto para o ensino quanto para a aprendizagem, especialmente na Educação Infantil. Ao longo deste estudo, foi possível evidenciar que planejar vai além de organizar tarefas: é uma prática intencional que deve articular teoria e prática, promovendo a interação entre professor, conteúdo e criança, e garantindo um processo educativo mais significativo e inclusivo.

Apesar dos desafios enfrentados, como a necessidade de articular objetivos, metodologias e a diversidade de contextos escolares, as possibilidades que emergem do planejamento são vastas. Ele potencializa o papel do professor como mediador do conhecimento e cria condições para que as crianças se desenvolvam de forma integral (Libâneo, 1994).

Ao refletir sobre os desafios e possibilidades do planejamento, reafirmamos sua importância como ferramenta para a prática pedagógica eficaz e transformadora. É por meio de um planejamento bem estruturado, que considera as especificidades da infância e a função social da escola, que se pode garantir um ensino de qualidade e o pleno desenvolvimento das crianças, contribuindo para a construção de uma educação mais equitativa e enriquecedora.

4 AÇÕES PLANEJADAS NO ESPAÇO ESCOLAR: A RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA.

Os processos de elaboração do planejamento de uma intervenção pedagógica com 20 crianças do Infantil 4, em uma escola pública localizada na região noroeste do Paraná, demandaram uma reflexão cuidadosa sobre a integração entre teoria e prática. Como professoras-estagiárias, buscamos articular os princípios teóricos que embasam os processos de ensino e de aprendizagem na educação infantil às necessidades e características das crianças, considerando também as especificidades do contexto escolar.

Durante a construção do planejamento, enfrentamos desafios significativos. A adaptação das ações previstas para a realidade da sala de aula foi uma delas, exigindo flexibilidade e ressignificações para lidar com imprevistos e limitações estruturais. Além disso, conciliar o tempo destinado às atividades com o tempo de

execução das tarefas pelas crianças, revelou-se um processo complexo, demandando um olhar sensível e atento às particularidades de cada criança.

Outro desafio foi equilibrar as expectativas acadêmicas e as demandas práticas do ambiente escolar. A experiência prática trouxe à tona a importância de repensar e ajustar as propostas constantemente, de modo a garantir que as ações planejadas fossem significativas e engajadoras, sem perder de vista os objetivos pedagógicos.

Essa experiência nos mostrou que a relação entre teoria e prática é dinâmica e desafiadora, mas essencial para o desenvolvimento de intervenções pedagógicas efetivas. A vivência no espaço escolar reforçou a importância de uma postura reflexiva e colaborativa, que nos permite transformar os desafios encontrados em oportunidades de aprendizado e crescimento profissional.

5 AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

As contribuições dessa ação realizada no estágio para a formação docente foram amplas e significativas, representando um marco no processo de construção de nossa identidade profissional. Ao vivenciar as etapas de planejamento, execução e avaliação de uma intervenção pedagógica, pudemos compreender de forma prática os desafios e as responsabilidades que envolvem o trabalho docente na educação infantil.

Uma das principais contribuições foi o fortalecimento da nossa capacidade de articular teoria e prática. A experiência nos permitiu aplicar conceitos estudados ao longo do curso, observando como eles se materializam no cotidiano escolar e, ao mesmo tempo, refletir sobre a necessidade de adaptar estratégias para atender às demandas reais das crianças. Isso desenvolveu em nós um olhar mais crítico e uma abordagem mais flexível em relação às práticas pedagógicas.

Além disso, o estágio nos proporcionou oportunidades valiosas de aprimorar habilidades essenciais ao docente, como planejamento, mediação e avaliação. Também nos ajudou a entender a importância do trabalho colaborativo, tanto com

colegas quanto com os demais profissionais da escola, e da construção de vínculos respeitosos e significativos com as crianças.

Em seguida, apresentam nos nossos relatos vivenciados no processo de formação na prática de estágio:

Quadro 1: Relatos de estágio.

Durante o estágio na Educação Infantil, fomos desafiadas a planejar uma atividade de contação de história e organização do espaço de forma atrativa e interativa. Escolhemos o livro <i>"A Centopeia e seus Sapatinhos"</i> , que aborda temas como diversidade, colaboração e criatividade, temas relevantes para crianças.
O planejamento começou com a definição de um ambiente acolhedor e estimulante. Organizamos o espaço da sala em um círculo, utilizando TNT coloridos para acomodar as crianças, criando um clima de proximidade e conforto. Após a leitura, propomos uma atividade prática com as crianças, essa experiência mostrou a importância de um planejamento que envolva tanto a organização física quanto o envolvimento emocional das crianças.
A história, o espaço preparado e as atividades complementares criaram uma atmosfera lúdica que facilitou o aprendizado e promoveu a interação entre as crianças. Essa vivência reafirmou para nós o valor da contação de histórias como uma ferramenta poderosa para estimular a imaginação e o desenvolvimento social.

Fonte: Elaborado pelas acadêmicas (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do estágio curricular supervisionado nos mostrou como o papel do professor é muito mais amplo do que apenas ensinar conteúdo. Ele precisa ser um mediador, ou sejam os seus conhecimentos medeiam com a aprendizagem das crianças. O professor deve ser aquele que observa, planeja e, acima de tudo, faz a diferença na vida dos alunos. Essa experiência nos incentivou a buscar sempre

melhorar, tanto no lado pessoal quanto profissional, reforçando nosso compromisso com uma educação de qualidade e com o desenvolvimento integral das crianças.

Pensando sobre essa prática, entendemos melhor os desafios e as possibilidades do trabalho do professor. Percebemos como é importante usar estratégias diferentes e significativas para ensinar e criar uma relação próxima e respeitosa com as crianças, de modo que elas sejam afetadas de conhecimento.

Também destacamos a necessidade de continuar estudando sobre como a formação do professor pode melhorar sua atuação, além de pesquisar novas maneiras de apoiar o desenvolvimento das crianças em todos os aspectos. Apesar dos desafios, ficou ainda mais claro como o professor tem um papel fundamental para transformar a educação e a sociedade.

REFERÊNCIAS

BROERING, A. de S. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: OSTETTO, L. E. (org.). **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. 4 ed. Campinas: Papirus, 2008. p. 107-126.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do Jogo**. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2009.

GAMBA, L. M. F. Organização do Espaço na Educação Infantil. In: PASQUALINI, J. C; TSUHAKE, Y. N (Orgs.). **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP**. Bauru: Secretaria Municipal de Educação, 2016. p. 585-614.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1972.

LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, v. 3, n. 2, 2014.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar:** contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2013.

PASQUALINI, J.; LAZARETTI, L. Crianças pequenas na escola: contradições e potencialidades. **Revista Polyphonía**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 112–129, 2021. DOI: 10.5216/rp.v32i2.70895.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In*: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VIVÊNCIAS COM A NATUREZA

PEREIRA, Barbara Kiihl ¹¹⁶

PRADO, Larissa Castilho Soares¹¹⁷

LAZARETTI, Lucinéia Maria¹¹⁸

RESUMO: Este resumo tem como objeto a experiência de intervenção com o espaço realizada durante o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí). A organização do espaço permite compreender a relação da criança com o ambiente, com propostas e relações que envolvem professores e crianças. Com isso, é relatado as experiências e vivências no espaço natural, com crianças de faixa etária de 0 à 5 anos, realizada no Centro Municipal de Educação Infantil, na região noroeste do Paraná. Assim, o objetivo é relatar sobre a organização do espaço na natureza e suas implicações nas interações e no desenvolvimento das crianças. Para isso, elaboramos e propomos um espaço, com ênfase na exploração dos sentidos, sendo eles o tato, audição, olfato, paladar e visão. Para a organização do espaço, dividimos a proposta em duas partes: primeiro envolveu a exploração dos sentidos olfato, a partir de saquinhos pendurados na árvore com os elementos naturais como: café, hortelã, erva-doce, capim-limão, boldo, canela, cravo, gengibre, alho, camomila e alecrim; o paladar por meio da degustação de chás de gengibre, erva-doce, capim-limão e hortelã. Na segunda parte, permitimos que as crianças manuseassem todos os elementos, de modo que sentissem as texturas, no qual ocorreu também a oportunidade de manusear elementos como grãos de café, girassol, arroz e feijão dentro e fora de garrafinhas para promover a audição. Essa proposta com os elementos, permitiu incentivar brincadeiras, manipulação e exploração com objetos e interações entre as crianças e as acadêmicas. Os resultados indicam que a mesma proposta pode modificar a interação das crianças, dependendo do período de desenvolvimento, e o espaço pode potencializar o processo de aprendizagem. Essa experiência nos agregou uma oportunidade enriquecedora na docência, compreender teoria e prática e como o planejamento do espaço é fundamental para o desenvolvimento das crianças.

¹¹⁶ Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), barbarakiihl1@gmail.com.

¹¹⁷ Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), larissacastilhosp.2005@gmail.com.

¹¹⁸ Professora Doutora; Professora orientadora do Estágio em Educação Infantil do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lucineia.lazaretti@unespar.edu.br.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado. Organização do Espaço. Vivências com a Natureza. Educação Infantil.

1 INTRODUÇÃO

No presente artigo, abordamos a experiência de intervenção com o espaço realizada durante o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, no curso de Pedagogia em uma universidade pública da região noroeste do Paraná. Essa discussão parte de uma análise teórico-prática sobre o papel do professor e do ambiente na aprendizagem e desenvolvimento das crianças, como cita Broering (2008, p.109), “o estágio é fundamental na formação do novo educador, e quando mais sistematizado, mais resultados positivos e aprendizagens significativas haverá”.

O objetivo, portanto, é relatar sobre a organização do espaço na natureza e suas implicações nas interações e no desenvolvimento das crianças. Lazaretti e Magalhães (2019, p.150) abordam que “o espaço deve ser pensado considerando quem é a criança e com quem ela se relaciona nesse processo de aprendizado”. Neste contexto, a intervenção buscou não apenas o espaço físico para promover uma experiência educativa enriquecedora, mas também refletiu sobre a importância de um ambiente acolhedor e promotor do desenvolvimento infantil.

A proposta foi organizada para e com crianças de 0 a 5 anos, voltando-se para promover os cinco sentidos, sendo eles, o tato, audição, olfato, paladar e visão e contribuir com o desenvolvimento das sensações das crianças. Para alcançar o objetivo proposto, organizamos o espaço na área externa no CMEI, com a seguinte proposição: o olfato foi explorado com saquinhos aromáticos pendurados na árvore; o paladar foi promovido por meio da degustação de chás; o tato foi trabalhado com o manuseio de elementos variados; a audição foi promovida por meio do chocalho de garrafas com os elementos naturais; a visão foi contemplada com a observação detalhada dos elementos.

Destacamos que para que haja aprendizagem das crianças, o professor precisa intervir, oferecendo oportunidades de exploração do espaço e de seus elementos, significando a interação das crianças com as propostas. Conforme destaca Broering (2008, p.116) “Como educadores, nosso principal papel nas instituições de educação

infantil é proporcionar e pôr em cena ações intencionais de ampliação e diversificação das experiências das crianças”.

Ressaltamos que a experiência de intervenção com o espaço realizada durante o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil trouxe contribuições significativas tanto para a prática pedagógica quanto para o desenvolvimento das crianças. Ao organizar o ambiente de maneira intencional e direcionada, considerando as necessidades e características das crianças foi possível criar situações de aprendizagem sensorial e exploração que ampliassem o contato dos pequenos com o mundo ao seu redor.

2 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E O PLANEJAMENTO DOCENTE

A infância é um período marcado por descobertas e pela apropriação ativa de conhecimentos, a partir das interações com o meio. Nesse processo, é fundamental que as crianças sejam incentivadas a explorar o mundo ao seu redor, ampliando suas experiências e despertando o interesse pelos fenômenos e objetos, promovendo, assim, aprendizagem e desenvolvimento.

Os professores, no processo de planejamento, devem considerar momentos que promovam a interação com a natureza. O professor que atua com a criança na escola é uma pessoa mais desenvolvida, sendo dele que faz parte de toda a organização e planejamento do ensino (Bauru 2020). Nessa perspectiva planejamos um espaço que promovesse a exploração sensorial e a interação com o meio, considerando que essa elaboração é fundamental para potencializar o aprendizado significativo e promover nas crianças um pensamento investigativo e criativo

De acordo com o currículo de Cascavel (2020), para que o trabalho pedagógico se concretize, o professor precisa ter clareza e saber distinguir, dentre os elementos culturais presentes na prática social, os conteúdos principais dos secundários, fazendo com que entenda que no planejamento não “cabe qualquer coisa”.

A curiosidade presente nas crianças, portanto, precisa ser enriquecida e promovidas por experiências exploratórias e investigativas que possibilitem promover as bases para um pensamento científico, imaginativo e criativo ([WAJSKOP, 2022](#)).

Nesse contexto, a organização do espaço foi cuidadosamente planejada para oferecer uma experiência rica e significativa, utilizando a área externa do CMEI, que de acordo com Lazaretti e Magalhaes (2019) essa experiência, favorece o desenvolvimento da curiosidade, da exploração, das percepções, e compreendemos que as crianças têm a necessidade de conhecer e manipular, e principalmente, interagir com a natureza.

Na educação infantil, compreendemos que as crianças desenvolvem as sensações e as percepções a partir da interação com o mundo ao seu redor. Nesse contexto, a mediação pedagógica torna-se essencial para proporcionar experiências significativas que promovam o aprendizado e o desenvolvimento integral. De acordo com Pasqualini e Lazaretti (2022), o professor, ao organizar e orientar as ações das crianças por meio de seu ensino, possibilita, de forma gradual, que elas reconstituam e ampliem suas capacidades.

A organização do espaço, aliada à intencionalidade, permite que as crianças explorem, descubram e desenvolvam um entendimento no ambiente em que vivem. Esse processo não só enriquece suas percepções sensoriais, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, preparando-as para compreender e transformar o mundo à sua volta de forma criativa e reflexiva.

A criação do espaço, foi planejado para que houvesse a exploração dos cinco sentidos. Explorar os cinco sentidos é fundamental no desenvolvimento infantil, pois oferece às crianças uma experiência rica e integral do mundo ao seu redor. Cada sentido, desempenha um papel crucial na formação da percepção e compreensão que as crianças têm do ambiente.

Separados em três espaços, sendo um para o paladar com degustação de chás de gengibre, erva-doce, capim-limão e hortelã, outro espaço para o manuseio de elementos de modo que sentissem as texturas, no qual ocorreu a oportunidade de manusear elementos como grãos de café, girassol, arroz e feijão dentro e fora de garrafinhas para promover a audição, por último, olfato a partir de saquinhos pendurados na árvore com os elementos naturais como: café, hortelã, erva-doce, capim-limão, boldo, canela, cravo, gengibre, alho, camomila e alecrim.

Figura 1: Organização do espaço



Fonte: arquivo das autoras (2024)

A organização dos espaços e materiais, aliada à intencionalidade educativa, possibilitou que cada criança participasse ativamente das atividades, vivenciando experiências que contribuem para o seu desenvolvimento integral.

Essa abordagem de interação foi realizada em pequenos grupos, o que, segundo Broering (2008, p.118)

O trabalho em pequeno grupo realmente possibilita a ampliação e enriquecimento das experiências vividas pelas crianças. Podemos estar mais atentos a seus movimentos, a suas ações e toda a suas formas de “falar”. Podemos escutá-las e vê-las melhor. Prestar atenção enquanto criam e recriam, enquanto constroem e destroem[...].

Para enriquecer essa proposta, utilizamos a área externa do CMEI, buscamos favorecer o desenvolvimento da curiosidade, exploração e percepções das crianças, conforme sugerido por Lazaretti e Magalhães (2019). Entendemos que as crianças precisam conhecer, manipular e interagir com a natureza, o que amplia suas experiências sensoriais e motoras.

Portanto, a organização do espaço, aliada à proposta de interação sensorial e ao trabalho em pequenos grupos, fez com que as crianças se sintam valorizadas e ouvidas contribuindo para o desenvolvimento de sua autonomia e confiança. Ao promover a exploração em pequenos grupos, conseguimos criar um ambiente

acolhedor onde as crianças se sintam à vontade para explorar os elementos e expressar suas ideias.

Além disso, a proposta reafirma a importância de uma educação que valoriza as experiências vivenciadas, ao incluir atividades que envolvem os cinco sentidos, conseguimos potencializar o aprendizado significativo, incentivando a curiosidade e o desenvolvimento das crianças, permitindo que explorem e compreendam o mundo ao seu redor de forma prática e significativa.

Figura 2: Exploração dos elementos naturais



Fonte: arquivo das autoras (2024)

A imagem acima ilustra o movimento de aprendizagem das crianças, evidenciando como a interação com os elementos naturais estimula a curiosidade e a exploração ativa. As crianças demonstram interesse em manipular materiais variados, reforçando a conexão entre a prática sensorial e o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais, essa abordagem promove uma relação mais próxima com o ambiente e favorece a construção de conhecimentos de maneira inteligente e criativa.

3 O ESPAÇO POTENCIALIZANDO A PROMOÇÃO DA ATIVIDADE INFANTIL

Considerando a tríade criança-conteúdo-forma como orientadora do trabalho do professor, um dos problemas de maior relevância para a prática pedagógica é a

periodização do desenvolvimento, ou seja, o problema dos estágios ou períodos do desenvolvimento infantil, conforme apontam Pasqualini e Eidt (2020).

Em cada período, existe uma atividade dominante que contribui para a reorganização e formação psíquicas.

De acordo com a situação social de desenvolvimento, a relação da criança com o mundo é mediada por uma atividade dominante em cada idade. Neste sentido, a educação, desenvolvendo e humanizadora, sustenta-se na compreensão de quais sejam as atividades dominantes em um determinado período do desenvolvimento, governando e possibilitando a formação de novas capacidades humanas da criança (Elkonin, 2009; Leontiev, 1978 Apud Bauru, 2020).

Na organização da proposta, levamos em conta os diferentes períodos de desenvolvimento das crianças, a proposta englobava crianças de 0 a 5 anos, que tem como as atividades a comunicação emocional direta, a objetual manipulatória e a brincadeira de papéis.

Figura 3: crianças em ações de exploração



Fonte: arquivo das autoras (2024)

A imagem acima ilustra como cada espaço e ação foram organizados provocar ações de aprendizagem nas crianças, destacando as interações e os materiais utilizados para potencializar o aprendizado de forma lúdica e significativa.

Conforme demonstrado nas imagens acima fica evidente que a comunicação emocional direta que se refere em como o adulto instiga a comunicação com o bebê.

Nesse período do desenvolvimento, a base da consciência do bebê é centralmente perceptível e emocional [...]. O que tem centralidade nesse período do desenvolvimento, portanto, é a relação social entre o bebê e o adulto (mundo das pessoas): o adulto é o centro da situação psicológica para o bebê. (PASQUALINI, 2013, P.83).

Pensando nesse período, a nossa proposta utilizou elementos como a interação de gestos, conversas, expressões faciais e objetos que estimulasse a troca afetiva. Nesse momento, a interação do professor com as crianças desempenhou um papel de mediador construindo um espaço de relação social, contribuindo significativamente para o desenvolvimento emocional e social dessa faixa etária.

Na objetiva manipulatória, fica evidente que as crianças já tem uma independência da situação e começa a fazer uso da função social no objeto.

A particularidade da atividade objetiva manipulatória é, portanto, que por meio dela a criança se apropria da função social do objeto [...]. Num primeiro momento, ou numa primeira fase dessa apropriação, a criança faz um uso indiscriminado do objeto [...], num segundo momento, a criança busca apropriar-se da função específica do objeto. (PASQUALINI, 2013, P.83).

Para esse período, a proposta incluiu materiais variados que incentivam o manuseio e a experimentação, proporcionando experiências práticas que promovem ações objetivas e instrumentais, fundamentais para o desenvolvimento das sensações.

A brincadeira de papéis, é uma atividade na qual a criança reproduz a ação do adulto, utiliza o objeto e assume os papéis. Lazaretti (2022, p.726) “a brincadeira de papéis coloca a criança em exigência de agir como as pessoas nas relações com outras pessoas, de acordo com as normas e regras sociais.”

Nesse período, oferecemos um espaço que inclui objetos representativos, como utensílio de cozinha e outros itens que favorecem a brincadeira de papéis e a interação em grupo.

Portanto, a proposta buscou contemplar cada um desses períodos, utilizando elementos naturais que incentivam experiências sensoriais, interativas e motoras, essenciais para o desenvolvimento integral da criança. O espaço foi estruturado para permitir que as crianças explorassem, manipulassem e criassem a partir das ações de aprendizagem, enquanto o professor atuava de modo a provocar o processo de descoberta, promovendo uma troca afetiva e de interações qualificadas.

A intervenção reafirma a importância de uma abordagem pedagógica que respeite as etapas do desenvolvimento infantil, oferecendo um espaço planejado que oportunize para que cada criança se desenvolva.

Assim, reafirmamos o papel fundamental do professor em criar condições que respeitem os interesses das crianças, como cita Broering (2008, p.116) “Nosso principal papel nas instituições de educação infantil é proporcionar e pôr em cena ações intencionais de ampliação e diversificação das experiências das crianças”.

Como abordado anteriormente sabemos que em cada período, existe uma atividade dominante e que a mesma proposta pode modificar a interação das crianças, dependendo do período de desenvolvimento delas.

Com a nossa observação percebemos que as crianças que tem a atividade emocional direta e objetiva manipulatória como dominante, interessaram-se pelo espaço onde era direcionado para o manuseio de elementos, audição e o olfato.

Figura 4: Ações Manipulatórias



Fonte: arquivo das autoras (2024)

Nas imagens percebemos que esse tipo de proposta promoveu os sentidos das crianças de forma intensa e significativa, promovendo não apenas o desenvolvimento motor e sensorial, mas também a curiosidade e a exploração do ambiente ao seu redor.

A manipulação de objetos, como grãos e materiais de diferentes texturas, proporcionou experiências táteis que desenvolvemos para a progressão motora fina e o desenvolvimento da percepção sensorial. Além disso, a audição foi estimulada pela interação com sons diversos e a exploração de ritmos e sons naturais, enquanto o olfato foi trabalhado por meio do uso de aromas de elementos naturais, como ervas e especiarias. Essas experiências sensoriais ajudaram a aprofundar a compreensão do mundo e proporcionar.

A organização dos espaços e materiais, aliada à intencionalidade educativa, possibilitou que cada criança participasse ativamente das atividades, vivenciando experiências que contribuem para o seu desenvolvimento integral.

Por outro lado, as crianças que têm a atividade brincadeiras de papéis como principal, interessaram-se por todos os espaços proposto, pois nesse período as crianças não apenas manuseiam os objetos, elas brincam e trazem sentidos para eles. Um exemplo ocorrido na intervenção, pode ser ilustrado na figura 5, com as crianças fazendo a substituição da panela na brincadeira a partir da casca do coco, para o uso deste objeto no enredo da brincadeira de cozinheiro.

Figura 5: Panela de Coco



Fonte: arquivo das autoras (2024)

Essa observação nos mostra a importância de planejar ambientes que atendam os diferentes interesses e necessidades das crianças em seus respectivos períodos de desenvolvimento, proporcionando experiências diversificadas que favoreçam tanto a exploração sensorial quanto a brincadeira de papeis utilizando os materiais disponíveis.

Para que esse resultado fosse alcançado, foi necessário adotar uma abordagem intencional e planejada. Como enfatiza Pasqualini (2013), não é suficiente apenas disponibilizar os objetos para as crianças com o intuito de promover uma descoberta livre, é indispensável que o processo seja mediado pelo professor, garantindo que as interações com os materiais sejam significativas e contribuam para o desenvolvimento integral.

Concluimos, portanto, que compreender as atividades dominantes em cada período do desenvolvimento infantil é essencial para planejar ambientes e propostas pedagógicas eficazes. O espaço e materiais refletiram nas necessidades e interesses específicos das crianças, seja pela exploração sensorial ou pela atribuição de significados simbólicos aos objetos durante as brincadeiras de faz de conta.

Conforme apontado por Pasqualini (2013), a mediação pedagógica é fundamental para transformar os momentos de exploração em oportunidades de aprendizado significativo. Ao integrar intencionalidade, planejamento e sensibilidade ao contexto de cada criança, é possível promover um desenvolvimento integral, alinhado às características e às potencialidades de cada período de desenvolvimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a intervenção realizada durante o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, com base na exploração sensorial e no respeito aos diferentes períodos do desenvolvimento infantil, evidenciou a relevância de um ambiente educativo planejado e intencional como fator essencial para o aprendizado significativo.

A proposta, organizada em torno da exploração dos cinco sentidos (tato, audição, olfato, paladar e visão), apoiada na mediação pedagógica, demonstrou que o espaço externo e os elementos naturais podem ser instrumentos para promover a curiosidade o pensamento investigativo, a criatividade e as interações sociais das crianças. A reflexão sobre o ambiente educativo organizado evidencia sua importância como suporte para a prática pedagógica, reafirmando que, ao considerar as necessidades e potencialidades infantis, o espaço se torna um aliado essencial no processo de desenvolvimento infantil.

Ao oferecer atividades que contemplam tanto a comunicação emocional direta quanto as brincadeiras de papéis, a intervenção atendeu às necessidades e interesses das crianças em diferentes período de desenvolvimento. Por exemplo, crianças em período de atividade emocional direta e objetual manipulatória envolveram-se intensamente com os espaços voltados ao manuseio de elementos e à exploração sensorial, enquanto aquelas no período de brincadeira de papéis expandiram o uso dos materiais, atribuindo-lhes significados simbólicos e enriquecendo suas interações sociais.

A mediação pedagógica, conforme apontado por Pasqualini (2013), foi fundamental para garantir que as experiências fossem significativas, conectando os interesses das crianças aos objetivos pedagógicos. Além disso, a organização em pequenos grupos, como sugere Broering (2008), promoveu um ambiente acolhedor, onde as crianças se sentiram valorizadas, ouvidas e motivadas a explorar.

O uso da área externa do CMEI, aliado a materiais naturais e a organização do espaço, com estratégias pedagógicas intencionais, reafirmou o papel do educador em proporcionar vivências diversificadas, essas experiências não apenas ampliaram as percepções sensoriais das crianças, mas também contribuíram para a formação de habilidades cognitivas, sociais e motoras fundamentais.

Por fim, a intervenção reforça a importância de uma abordagem pedagógica que valorize as singularidades de cada período do desenvolvimento infantil. Planejando espaços que estimulem tanto a exploração prática quanto o imaginário das crianças. Assim, reafirmamos que a qualidade do ambiente educativo, associada à intencionalidade do educador, é indispensável para promover o desenvolvimento integral das crianças, ajudando-as a compreender e transformar o mundo de forma reflexiva, criativa e sensível.

O estágio, nesse sentido, não apenas possibilitou a intervenção prática de

conhecimentos teóricos, mas também promoveu uma reflexão crítica sobre o papel do professor e a organização do ambiente na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BAURU. Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP [recurso eletrônico]: Bauru; Secretaria Municipal de Educação, 2016.

BROERING, A. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 107-126.

CASCADEL (PR). Secretaria Municipal de Educação. Currículo para rede pública municipal de ensino de Cascavel: volume I: educação infantil. Cascavel, Pr, 2020.

LAZARETTI, L. M. Didática e Educação Infantil: princípios para o ensino desenvolvnte. **Obutchénie**. *Revista De Didática E Psicologia Pedagógica*, 6(3), 2022. 721–734. Link de acesso:
<https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/67175/34713>

LAZARETTI, L. M.; MAGALHAES, C. **Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: Reflexões sobre o Espaço Como Potencializador das Aprendizagens de Bebês e Crianças na Educação Infantil**. In: Cassiana Magalhães; Nadia Mara Eidt. (Org.). *Apropriações Teóricas e suas Implicações na Educação Infantil*. 1ed. Curitiba: Edirota CRV, 2019, v. 1, p. 1-247.

PASQUALINI, J. C. **Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas**. In: MARSIGLIA, Ana C. G. (org.). *Infância e pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP: Autores associados, 2013. p. 71-97.

PASQUALINI, Juliana Campregher; EIDT, Nadia Mara. Periodização do desenvolvimento infantil e ações educativas In: BAURU. Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP [recurso eletrônico]: Bauru; Secretaria Municipal de Educação, 2016

PASQUALINI, J.; LAZARETTI, L. Crianças pequenas na escola: contradições e potencialidades. **Revista Polyphonía**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 112–129, 2021. DOI: 10.5216/rp.v32i2.70895. Disponível em:
<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/70895>.

WAJSKOP, Gisela. *Ciência da natureza: práticas educativas na educação infantil*. São Paulo: fundação Maria Cecília Vígital, 2022.

OS BEBÊS E A INTERAÇÃO COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

SILVA, Jheniffer Rayane Alves da¹¹⁹

RABELO, Bárbara de Oliveira¹²⁰

LAZARETTI, Lucinéia Maria¹²¹

RESUMO: O presente resumo tem por objeto as experiências vivenciadas com a Educação Infantil durante o Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da UNESPAR. Dentre as diferentes experiências ocorridas no ano de 2024, destacamos as ações de estágio que envolveram a interação dos bebês com a natureza. As ações de estudo subsidiaram nossa compreensão sobre a prática pedagógica com os bebês que considera a organização intencional do espaço, a promoção de um ambiente acolhedor, seguro e desafiador para proporcionar aprendizagem e desenvolvimento. Além disso, a mediação de um adulto é fundamental neste período do primeiro ano de vida, já que o bebê é dependente do adulto, e este é responsável de apresentar o mundo aos bebês, aproximando-os de novas texturas e experiências sensoriais, como a manipulação de objetos naturais. O objetivo deste resumo é narrar a experiência de estágio supervisionado com os bebês e as interações com elementos da natureza e suas implicações para o desenvolvimento infantil. Assim, este relato está organizado em dois momentos: fundamentação sobre a especificidade da docência com os bebês; narrativa das vivências dos bebês com a natureza e as conquistas deste processo. Os resultados indicam que para ser professor de bebês é fundamental promover formas de comunicação que incentivem a interação com os fenômenos circundantes e a intervenção com o espaço foi fundamental para incentivar essa interação e desafiar os bebês a conhecer, manipular e explorar a natureza. Concluímos que esta experiência favoreceu nossa concepção de docência com os bebês e o estágio supervisionado contribuiu para ampliar nossa compreensão sobre a especificidade da educação infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; Estágio Supervisionado; Interações e Natureza.

¹¹⁹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná. (UNESPAR/Pvaí). Email: jhenifferalvessilva02@gmail.com

¹²⁰ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/ Pvaí). Email: barbararabelo256@gmail.com.

¹²¹ Doutora em Educação. Professora Orientadora do Estágio em Educação Infantil do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/ Pvaí), lucineia.lazaretti@unespar.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

A educação infantil é um período importante do desenvolvimento do indivíduo, e é nele que ocorre o primeiro contato com o mundo concreto e a formação dos primeiros conceitos da criança. Especificamente, durante essa primeira etapa do desenvolvimento, a aprendizagem do bebê acontece por meio da relação direta, emocional e afetiva com a pessoa mais próxima. Sendo assim, o papel do adulto na relação com o bebê ocupa um lugar de mediador por criar situações que permitam o desenvolvimento da criança em suas habilidades cognitivas, motoras e intelectuais.

Portanto, é objetivo deste artigo é narrar a experiência de estágio supervisionado com os bebês e as interações com elementos da natureza e suas implicações para o desenvolvimento infantil. Diante disso, este relato está organizado em dois momentos: fundamentação sobre a especificidade da docência com os bebês; narrativa das vivências dos bebês com a natureza e as conquistas deste processo.

2. A ESPECIFICIDADE DA DOCÊNCIA COM OS BEBÊS

Durante o primeiro ano de vida, o bebê tem dependência completa no adulto, visto que suas habilidades de locomoção e comunicação ainda estão em formação. Sendo assim, as ações do adulto é que norteiam o desenvolvimento da criança, como também sua forma de expressar necessidades e desejos, como afirma Pasqualini.

Ao nascer uma criança, coloca-se a necessidade objetiva de atenção e cuidados por parte dos adultos. Em função da insuficiência dos mecanismos de adaptação do organismo ao nascer, a satisfação das necessidades do bebê encontra-se na total dependência do adulto. A criança expressa seus estados emocionais e dessa forma tem suas necessidades atendidas pelo adulto (Pasqualini, 2013, p. 81).

Posto isso, a comunicação nesta etapa pode ser entendida como emocional e direta,

As ações do adulto vão introduzindo a criança em uma esfera de novas inter-relações, em que ela se converte em sujeito de uma

relação. O adulto atrai a criança à comunicação e engendra necessidade de comunicar-se, inexistente tal nas primeiras semanas de vida (Pasqualini, 2013, p.82).

Nesta direção, o bebê, ainda que não pela verbalização direta, irá aprender por meio das relações estabelecidas, ou seja, o adulto precisa manter uma fala direta com a criança, apresentar objetos, ações e conversar a apresentar esse mundo de significados sociais por meio de gestos e pronúncia de palavras. Ao mesmo tempo, esse adulto precisa aprender a compreender e satisfazer as necessidades dos bebês e, progressivamente, eles, por sua vez, tentarão reproduzir suas ações, com balbucios e tentativas de expressar suas emoções.

Além disso, como posto por Mello,

Essa comunicação emocional exige uma situação que a educadora ou o educador se relacionem apenas com o bebê: essa situação acontece nos momentos de cuidado. Quando o bebê é tratado como sujeito nessa relação de cuidado, ele vai formando uma imagem positiva de si mesmo e da educadora ou do educador. Por isso, educamos enquanto cuidamos. Essas duas atividades não estão separadas na vida do bebê. (Mello, 2015, p. 50).

Contudo, este apontamento nos traz a reflexão das práticas educativas e afetivas junto ao berçário. Salas lotadas e a grande demanda causada pela desigualdade do número de profissionais em comparação a quantidade de crianças são os principais fatores que levam à mecanização do ato de cuidado, o que implica uma prática pedagógica pouco favorável ao desenvolvimento infantil.

Outrossim, conforme apontado por Mello (2015), as práticas propostas para a organização do ensino neste período devem considerar que o adulto possa estar em contato individual com o bebê. Dada a importância do bebê como sujeito da relação, um expressivo número de crianças realizando as mesmas ações ao mesmo tempo pode influenciar diretamente na experimentação e eficiência da aprendizagem, uma vez que a atenção e comunicação com o professor é indispensável durante este processo. Portanto, uma alternativa para se trabalhar melhor as ações de ensino neste primeiro ano é a divisão da turma em pequenos grupos, de forma que possibilite a

aprendizagem em conjunto com indivíduos da mesma idade e também garante a atenção e direção do adulto com a criança.

Sendo assim, podemos relacionar a relação bebê-professor com a preparação intencional de um ambiente funcional, focado na descoberta e no desenvolvimento das capacidades da criança. Visto que é por meio da interação com outros indivíduos e com o seu meio circundante que o bebê apropria-se das práticas culturais humanas expressas nas ações de comunicação, manipulação de objetos e no mundo de significados que são apreendidos por meio do convívio social e para as demais etapas de desenvolvimento.

3. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E A INTERAÇÃO COM A NATUREZA: VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO

Essa experiência do estágio foi proposta em uma turma de berçário, com crianças de 6 meses à 1 ano de idade, numa instituição de educação infantil de um município da região noroeste do Paraná, no segundo semestre de 2024. Das diferentes ações realizadas no estágio, relatamos neste artigo a interação dos bebês com a natureza, por meio da exploração do espaço externo da instituição.

A organização do espaço, por sua vez, está relacionada ao papel do professor em criar situações que desencadeiam na criança a necessidade de desenvolver capacidades que possibilitem o suprimento de suas demandas, como o interesse em se locomover, rolar, arrastar-se e engatinhar para alcançar objetos, ou os gritos e balbucios para comunicar-se com adulto.

Magalhães e Lazaretti (2019) explicitam para a importância da organização do espaço:

Pensar o espaço para quem e com quem pressupõe que é o adulto que, ao comunicar-se com esse bebê, desenvolve vínculos afetivos, impulsiona os primeiros balbucios e sons, como premissas da linguagem, e, nessa comunicação emocional, origina-se a necessidade de deslocar-se, de mover-se, de rolar, de arrastar-se. Com isso, amplia-se o conjunto de objetos que pode alcançar, o qual, por isso, converte-se em objetos de seu conhecimento, revelando suas propriedades e nexos. (Magalhães; Lazaretti, 2019, p. 152).

Sendo assim, diferente do que acontece na maioria das instituições, a sala do berçário deve estar organizada de maneira a gerar no bebê a necessidade de comunicação, exploração e manipulação de objetos e de deslocamento. As autoras também exemplificam algumas possibilidades de organização para o espaço,

Uma das possibilidades de organização do espaço é permitir a ampla circulação com poucos móveis, materiais macios no chão, móveis ao alcance das mãos (que podem ser manipuláveis e também, substituídos, quando esgotadas as possibilidades de uso), materiais que apresentem desafios para subir, escalar (com segurança) e, se possível, berços que permitam mobilidade dos bebês. O importante é não poluir os espaços com enfeites e personagens. Ao contrário, as imagens, como fotografias das famílias, dos próprios bebês na escola, registros que a professora vai construindo das vivências da turma podem ser anexadas gradativamente. ((Magalhães; Lazaretti, 2019, p.153)

Para que o desenvolvimento da criança aconteça é necessário que a mesma seja exposta a diversas experiências de manipulação e experimentações sensoriais em diferentes contextos. A fim de garantir sua inserção no mundo real e concreto, uma das possíveis áreas a se explorar na educação infantil é a natureza, que contém elementos ricos em texturas, cheiros, toques e outras experiências sensoriais.

A natureza, fenômeno presente desde as primeiras civilizações, é um fenômeno que gerou interesses por parte do homem em descobrir suas leis, regularidades e formas de inserção que, progressivamente, geraram modos de interação, adaptação e transformação até o presente momento histórico. Assim, é fundamental agregar a natureza como ambiente de aprendizagem, visto que, como contribuiu no passado, continua a contribuir na hodiernidade principalmente para os bebês. Neste período, encontra-se o ápice do desenvolvimento infantil, no qual, em atividade, os bebês são sujeitos que estão descobrindo esse mundo natural e social.

As experiências viabilizadas na Educação Infantil, permitem que os conhecimentos e as percepções imediatas sobre a natureza promovam a curiosidade peculiar das crianças em relação aos animais e plantas, sobre o porquê ocorrem alguns fenômenos na natureza, com a chuva, o relâmpago, o arco-íris, e sobre o imenso Universo que a cerca, o Sol, a Lua, o Planeta.(Buss; Silva; Rocha, 2024, p.72)

Desse modo, a natureza apresenta conhecimentos mediadores para o desenvolvimento intelectual da criança, por meio de suas sinuosas cores, formas, texturas e cheiros, ela dispõe ao bebê maior retenção do que se é proposto ou passado intencionalmente. A curiosidade do bebê desafia-o a explorar esse ambiente rico em experiência, pois neste momento de seu processo de desenvolvimento, está procurando entender esses fenômenos a sua volta, entre eles, a natureza.

Assim, cabe ao professor proporcionar ações de ensino intencionais, que priorizem o conhecimento científico, disponibilizando experiências exploratórias que permitam manifestações do bebê para com a ação, tornando-o ativo da situação, “Ao manipular os objetos que o educador dispõe no ambiente a criança vai formando sua inteligência, personalidade e as funções que usamos para pensar” (Mello; 2015, p.51). No planejamento das nossas ações de ensino durante o estágio, foram disponibilizados aos bebês elementos naturais como folhas de diferentes cores e tamanhos, galhos, pedras, flores e o contato direto com o solo, areia e grama. Portanto, é fundamental esse planejamento e organização do espaço pelo professor, uma vez que, por meio da mediação direta emocional do adulto e uma exploração espacial rica em experiências sensoriais é que a criança conseguirá desenvolver suas habilidades cognitivas e sociais.

As práticas do estágio, realizadas com uma turma de berçário, nos possibilitaram a visualização prática da relação emocional direta entre bebê e adulto. Como posto por Lazaretti,

Durante os primeiros meses, esse mundo se abre para o bebê e nele se desenvolve a necessidade de se comunicar emocionalmente com o adulto mais próximo, que o motiva a agir, a desvendar o meio circulante e a se relacionar com ele, gestando, assim, as condições para a atividade de comunicação emocional direta. A partir dessa atividade e das condições adequadas de intervenção, formam-se as premissas da linguagem, ampliação da capacidade de deslocamento no espaço e ações primárias com objetos (LAZARETTI, 2022, p.721)

Portanto, realizamos as seguintes ações: conduzimos os bebês em pequenos grupos para a área externa da instituição, interagindo com os elementos da paisagem, grama, areia, folhas, gravetos etc. Nessa experiência, compreendemos o significado do professor como mediador da relação entre o bebê e o seu meio circundante,

principalmente com os que não tiveram contatos anteriores com a grama e areia, visto que nos exigiu maior cuidado em garantir segurança e incentivar a exploração.

Imagem 1: “Bebês explorando a natureza”



Fonte: Arquivo das autoras, 2024

Imagem 2: “Bebê manipulando elementos naturais”



Fonte: Arquivo das autoras 2024

As imagens acima ilustram esse processo de inserção dos bebês no ambiente externo, explorando os elementos naturais ali presentes. O manejo das crianças foi realizado inicialmente com duplas de bebês, onde cada bebê foi levado para o ambiente externo no colo ou caminhando, a depender de sua autonomia para deslocamento. Porém, tendo em vista a quantidade de crianças na sala, as professoras tomaram a iniciativa de levar mais bebês para a atividade e possibilitando esse deslocamento em pequenos grupos.

A medida que a troca de grupos era realizada, quando os bebês retornavam para a sala e um novo grupo era apresentado, buscamos novos elementos naturais, folhas, gravetos, areia etc. para que eles observassem e tivessem contato com as diferentes texturas e características dos itens.

Imagem 3: “Bebê no gramado”



Fonte: Arquivo das autoras. 2024

Imagem 4: “Bebê deslocando-se na areia”



Fonte: Arquivo das autoras. 2024

Na imagem 3 e 4 podemos observar uma dupla de bebês a realizar a exploração no ambiente externo. O primeiro Bebê demonstrou receio e maior necessidade de nossa atenção, preferindo o colo e dependendo de nossas ações mediadoras; já o bebê 2, provavelmente por não ser a principal vez em contato com a natureza, demonstrou menor necessidade do colo e não se importou muito em buscar aprovação de suas ações, visto que queria explorar ao máximo o ambiente.

Sendo assim, retomando as observações do trabalho pedagógico com os bebês, é possível compreender como a comunicação direta com a criança é indispensável neste período. Uma vez que nem os recursos como televisão, objetos e brinquedos para manipulação são relevantes para o bebê sem que um adulto mostre como utilizá-lo e sua importância. Logo, a principal função do professor é exclusivamente o de comunicação emocional e afetiva, focado em apresentar à criança o mundo natural e social, explorando suas texturas, cheiros, sensações e possibilidades de interação.

A prática de estágio realizada na turma do berçário permitiu abertura de novas concepções acerca da educação infantil e da importância da educação intencional, visto que, ao planejar as intervenções nos deparamos com o encontro entre diversos

dos conceitos e objetivos teóricos apropriados no processo formativo, em especial, em compreender e proporcionar o desenvolvimento emocional do bebê em situações do seu cotidiano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, consideramos que as práticas de ensino na educação infantil, tendo como especificidade o berçário, está atrelada a um relacionamento direto e afetivo com o professor e, diferente do que acontece com as crianças maiores, o ensino, afeto e cuidado são fundamentais no desenvolvimento do bebê.

Além disso, ainda relacionado ao papel do professor junto a formação da criança, está a organização do ensino. Dada a dependência da criança em ações dirigidas do adulto, ressaltamos a responsabilidade do professor em realizar a seleção de experiências e ações educativas que provoquem intencionalmente o desenvolvimento da criança.

Por fim, como visto em nossa experiência de estágio, a vivência dos bebês com a exploração da natureza e de seus elementos foi enriquecedora, considerando que, além de propiciar um conhecimento de seu principal meio circundante, também possibilitou ao bebê uma aprendizagem baseada na experimentação livre de diversas sensações e texturas como possibilidades de ampliar os repertórios dos bebês em seu contexto cotidiano.

REFERÊNCIAS

BUSS, A. C. G; SILVA, E. T. A; ROCHA, E. C. S. **“Quem abriu a torneira do céu?” O ensino de ciências e o encanto pelos fenômenos da natureza na educação infantil.** In: LAZARETTI, L. M; SCHMITT, Silvana L. (Org.). Didática na Educação Infantil: Possibilidades Educativas com Bebês e Crianças Pequenas. São Paulo, 2024, p. 69-88. Link de acesso: https://pedroejoaoeditores.com.br/wp-content/uploads/2024/07/EBOOK_Didatica-na-Educacao-Infantil.pdf

LAZARETTI, L. M. **Didática e Educação Infantil: princípios para o ensino desenvolvnte.** Obutchénie. Revista De Didática E Psicologia Pedagógica, 6(3),

2022. 721–734. Link de acesso:

<https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/67175/34713>

LAZARETTI, L. M.; MAGALHÃES, C. **Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: Reflexões sobre o Espaço Como Potencializador das Aprendizagens de Bebês e Crianças na Educação Infantil.** In: Cassiana Magalhães; Nádia Mara Eidt. (Org.). *Apropriações Teóricas e suas Implicações na Educação Infantil.* 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2019, v. 1.

MELLO, Suely Amaral. **Os bebês como sujeitos no cuidado e na educação na escola infantil.** In: Magistério, São Paulo, 2015 p. 46-53.

PASQUALINI, J. C. **Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas.** In: MARSIGLIA, Ana C. G. (org.). *Infância e pedagogia histórico-crítica.* Campinas, SP: Autores associados, 2013. P. 71-97.

PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SILVA, Gabriel Costa da¹²²

SANTOS, Christina Aparecida dos¹²³

RESUMO: O presente artigo foi realizado com o intuito de relatar experiências obtidas no Estágio Supervisionado na Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Paranavaí, e busca refletir sobre as vivências, atividades planejadas e desenvolvidas durante o período de um ano no Centro de Educação Infantil – CMEI Cecília Vecchiati Geovini. O objetivo do artigo é refletir sobre a importância do planejamento do professor para um bom trabalho na educação infantil. A metodologia segue um modelo que se divide entre teoria, prática, elaboração e discussão, onde primeiro foi realizada a discussão de idéias a partir de autores que discutem a temática, principalmente, Lazaretti (2013, 2024) e Pasqualini (2013) e posteriormente, foi organizado o estágio seguido do planejamento das ações, a efetivação das mesmas e as discussões pertinentes. Para que um planejamento possa ser elaborado de modo adequado, se faz necessário uma base firme para usar como bússola, ditando o rumo para o qual a linha do mesmo possa ir, há de ter dedicação para que tudo possa sair dentro dos conformes, entre outros. Após sua elaboração ele deixa de ser só um planejamento e vira uma intervenção aplicada em sala de aula e tem por base a interação das crianças e seu aprendizado que, comumente, corresponde ao que foi planejado, tal como sua própria ideia discutida pelas autoras. Sua execução, por mais que possa ter dificuldades, resulta em experiências únicas que desenvolvem o psicológico e a identidade do futuro professor para melhor lidar com as situações adversas que possa encontrar no seu futuro enquanto profissional da educação. O presente artigo justifica-se pela necessidade de refletirmos sobre o planejamento do/a professor/a na educação infantil como forma de avançar na qualidade da educação, sobretudo, na primeira fase na educação básica. Como resultado, entende-se que a experiência do estágio é um pouco cansativa, sobretudo, para o estudante trabalhador, porém, trata-se de um momento de grande importância para a formação do futuro profissional da educação, mostrando potencialidades e abrindo portas para o desenvolvimento profissional. Neste aspecto, o planejamento é entendido como um momento de grande importância para o desenvolvimento de uma intervenção satisfatória na Educação Infantil. Estágio, além de ser um dos momentos mais importantes onde o professor aprende com suas

¹²² Gabriel Costa da Silva graduando do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), gabrielmarilena2016@gmail.com

¹²³ Doutora em Educação; Professora orientadora e/ou supervisora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), christinaas20@gmail.com

vivências e se desenvolve como um profissional, é um divisor de águas que possibilita ao acadêmico perceber se está em condições de avançar enquanto estudante de licenciatura e ser um bom professor tendo o planejamento como tarefa essencial, ou não

Palavras-chave: Estágio. Profissional. Educação infantil. Planejamento.

1 INTRODUÇÃO

O estágio na educação infantil é uma parte fundamental para a formação de todo professor e isso é um fato inegável, pois o mesmo dá ao profissional uma direção a qual poderá buscar inspirações com o supervisor, antecipando o contato do docente com uma sala de aula ou sua área de atuação. Acima de tudo, o estágio ajuda para o processo de identificação profissional e de sua permanência no curso, fazendo com que os acadêmicos na área decidam se irão permanecer em seu curso ou se a área “não é para eles”.

Contudo, alunos como eu, com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) se dão bem na área, ao mesmo tempo que possuem algumas dificuldades por conta, como exemplos, da aversão ao contato físico, mentalidade muitas vezes “infantil”, “rejeição” à socialização, picos de temperamento e crises diversas. Na minha experiência própria, percebi que os alunos preferem, em alguns momentos, quando o professor os trata como iguais do que como sujeitos em aprendizagem.

O presente artigo tem por objetivo relatar experiências vividas no estágio supervisionado em Educação Infantil do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, campus de Paranavaí bem como reforçar a importância de o professor planejar e se preparar melhor para as suas aulas. Realizou-se o estágio no Centro de Educação Infantil (CMEI) Cecília Vecchiati Geovini e foi uma experiência bastante enriquecedora que pode ser refletida e discutida neste artigo a partir de autoras como Lazaretti (2024, 2013) e Pasqualini (2013).

No decorrer dos dias em sala de aula, sobretudo, na educação infantil, é comum que aconteça de os professores das escolas e CMEIS acabarem por não “trabalhar” todos os conteúdos propostos, priorizando alguns em detrimento a outros,

e em alguns casos, alguns desses conteúdos são deixados para serem trabalhados nos anos iniciais do ensino fundamental.

Em vista disso, é importante que todo/a professor/a tenha seu planejamento de aula sempre organizado, de modo que possa trabalhar todos os conteúdos que são propostos pelo currículo. Pois não há aproveitamento e aprendizagem se o conteúdo a ser trabalhado (como ideia) com a turma, não tiver sido sistematizado previamente em um planejamento adequado para os alunos. Por isso, todo professor deve se planejar para que todos os conteúdos sejam melhor trabalhados e mais organizados, pois isso é o que possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Isso foi um dos pontos principais que pude aprender na prática do estágio.

Os pontos de referência para as considerações aqui apresentadas foram uma mistura de reflexão interna, perguntas para a professora e os textos referenciados, sendo essa uma forma com a qual pude analisar meu comportamento e o comportamento dos outros ao meu redor. No estágio, foi possível observar o professor regente, compreender os seus pontos positivos para que eu pudesse aplicar num futuro próximo, mas também ver os pontos que eu julgo negativos, onde, para mim, seria possível que eu conseguisse corrigi-los ou tê-los em mente para evitar a sua reprodução no futuro.

Neste artigo, destacaremos algumas situações ocorridas no estágio e conhecimentos adquiridos. Destaco três situações que ocorreram com crianças de faixas etárias parecidas, sendo duas dessas com o infantil IV do CMEI Cecília Vechiatti Geovini e uma com o infantil V da escola Municipal Elza Graziotto Caselli.

A primeira de todas as situações foi na primeira atividade elaborada para estágio, na qual foi-se pensado em levar as crianças ao ambiente externo, com o intuito de que elas pudessem explorar o ambiente exterior. A segunda foi na atividade *Cozinha de Barro* e a última realizada antes da Jornada da Pedagogia (JORPED) na Universidade e ocorreu com a intervenção na turma do Infantil V da Escola Municipal Elza Graziotto Caselli, realizada antes da troca para o CMEI. A intervenção foi realizada com base no livro “Sete Camundongos Cegos”.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme foi discutido nas aulas de estágio, um bom planejamento é a base para uma boa aula, o que acaba por levar à formação de um bom professor. Isso foi o que eu aprendi depois de ter tido uma experiência meio desanimadora duas vezes em dois casos diferentes.

A primeira situação resultou em certa dificuldade, pois assim que as crianças foram para o lado de fora de suas salas, elas “debandaram”. Começaram a correr de um lado para o outro, não ouviam o que eu pedia, começaram a brincar com galhos como se fossem cavalos e espadas. Nesse momento, eu fiquei em crise, a sala só se controlou com intervenção da supervisora, a qual conseguiu entretê-los na explicação de maneira calma e tranquila. Eu, por outro lado, estava em crise, comecei a me questionar se aquele curso era pra mim, tive vergonha de relatar o acontecido, pensei em trocar de curso ou até mesmo de desistir. Porém, com as intervenções e reflexões posteriores, percebi que as crianças precisam desses espaços para estimular o seu desenvolvimento e que, ao saírem para a área externa, haveria de ter da parte de quem as conduz naquele momento, sendo o professor ou pessoa adulta, um acompanhamento planejando para realizar as mediações necessárias.

A segunda situação foi um desfecho da primeira, organizamos com as crianças maiores, também na área externa, a *Cozinha de Barro*, onde elas puderam brincar e criar situações com potes, colheres, folhas, terras, água e demais utensílios. Nesta intervenção, eu interagi melhor com as crianças, ajudei melhor, tinha mais noção do que eu estava fazendo. Para esse dia, estava planejada também uma troca com as turmas do maternal, nessa troca, fiquei um tempo dialogando com um pequeno menino com traços de “gênio”, pois perto de seus 5 anos, aproximadamente, ele era capaz de reconhecer todas as letras do alfabeto, mesmo de forma caricata e até mesmo de trás para a frente. Achei importante dar atenção especial e particular para cada criança, em especial essa que me chamou a atenção por sua capacidade cognitiva. Penso que enquanto professores, temos que ter esse olhar sempre atento para nossos alunos, entender a especificidade e necessidade humana de cada uma (Lazaretti, 2024).

A terceira situação, mesmo antes das intervenções, gostaria de destacar os planejamentos que elaboramos. Em grupo, fizemos os planejamentos para a intervenção, eu planejei contação da história “*Os sete camundongos cegos*”, pois eu

queria trabalhar algo relacionado com a literatura, porém, queria fugir do padrão de histórias clássicas, brincadeiras com vendas na cara, entre outras atividades. A contação da história foi ótima, a sala era bem participativa, eles demonstraram bastante entusiasmo e expressavam o quanto estavam gostando da história. Foi um momento bastante prazeroso para mim, e creio que para as crianças, pois puderam interagir e usar a imaginação ao participarem e ouvirem a história.

Em algumas das intervenções não saíram exatamente do jeito que havíamos planejado, pois algumas situações foram imprevistas, algo que a meu ver, pode acontecer em qualquer planejamento e em qualquer aula programada. Fiquei um pouco desapontado em algumas situações, um pouco sem energia, porém, compreendi que nem sempre o que se planeja para uma aula sai igual ao que foi planejado, mas é preciso entender que situações adversas acontecem e que o importante é sempre ter um bom planejamento.

Refletindo sobre essas situações, entendo que o ato de estagiar foi algo que acabou me desconcertando no começo, onde os conceitos me pareciam muito complexos para aplicar na prática. As práticas as quais eu escolhia elaborar acabavam por ser fora do que as crianças esperavam e precisavam, me deixando “*sem chão*” e com pouca criatividade para uma nova forma de atividade, parecendo que meus esforços estavam sendo inúteis e sem nexo algum. Conforme eu fui aprendendo, lendo as autoras e me baseando em dicas, tanto dos autores quanto das professoras e supervisoras, eu vi que o meu erro estava sendo em trazer conceitos da minha infância, brincadeiras as quais eu gostava, mas sem explicação ou apresentação, achando que elas iriam gostar como eu um dia gostei. Vendo esse erro, me deu uma base maior para corrigi-lo, ajudando minhas colegas e me propondo a observar e interagir melhor com as crianças para entendê-las.

Apreendi, com esse ano de estágio, que a subjetividade é algo a ser preservado e compreendido para que, enfim, possa ser trabalhada em conjunto. O papel de um professor não se trata só de ensinar um conteúdo, mas sim de estimular seu desenvolvimento, servir de referência para as crianças, em especial, para aquelas que não possuem bons exemplos em seus ciclos familiares. Isso possibilita um bom desenvolvimento não somente cognitivo, mas emocional da criança.

Importante destacar a necessidade de o professor oferecer para as crianças a oportunidade de conhecer e interagir com os espaços da natureza e neste caso, o professor ser o mediado dos objetos da natureza e seus significados para a criança. Assim, ela vai se apropriando desses objetos, recriando significados e se desenvolvendo, sobretudo, de uma forma dinâmica e divertida (Lazaretti, 2024).

Mas para que isso aconteça é necessário que os professores e professoras façam seus planejamentos de modo adequado, com dedicação e conhecimentos que os levem a criar as possibilidades que gerem aprendizagem e desenvolvimento. Com toda essa introspecção e com os estudos apresentados em sala, tal qual com o auxílio das autoras Lazaretti (2013), Paqualini (2013), pude aprender a não subestimar o tempo de se planejar as ações didáticas e antecipar problemas e dúvidas que venham a aparecer, além de sempre criar estratégias para o inesperado que pode acabar por exigir ações que sejam diferentes do planejamento inicial.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Estágio Supervisionado na Educação Infantil nos ensina sobre as crianças e sobre nós mesmos, aprendemos com nossos erros, extraímos sucessos das nossas falhas, buscamos rumos das nossas incertezas, tudo isso enquanto compreendemos nosso papel como profissionais da área e o que podemos e devemos fazer pra melhorar nossa atuação e o aprendizado das crianças a um nível diferente do que elas veem todo dia nas salas de aula.

Importante salientar que o estágio é um momento importante e enriquecedor para a formação no curso de Pedagogia, pois nos possibilita adentrar nos espaços escolares e viver um pouco da experiência do que é ser um professor. Entendo que, mesmo que tenhamos dificuldades como estudantes, é um momento importante e imprescindível para nossa formação, pois faz toda a diferença na vida profissional futura.

De um jeito diferente e memorável, o professor deve fazer o planejamento de suas aulas de modo que faça com que o conteúdo seja trabalhado e gere o aprendizado das crianças e seu desenvolvimento. Que sejam crianças que tenham no espaço da Educação Infantil o máximo de oportunidades para que esse aprendizado

e desenvolvimento ocorram, que seja uma fase de suas vidas que seja lembrada como algo prazeroso e agradável, uma lembrança guardada com carinho.

REFERÊNCIAS

LAZARETTI, L. M. **A organização didática do ensino na educação infantil: implicações da teoria histórico-cultural**. 2013. 204 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

LAZARETTI, L. M; SCHMITT, S. L (Orgs.) **Didática na Educação Infantil: possibilidades educativas com bebês e crianças pequenas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a Teoria Histórico-Cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, A. C. G. (Org.). **Infância e Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

PRÁTICA DE ESTÁGIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MIOTO, Livia Pazini ¹²⁴

QUIERATI, Maria Gabriela¹²⁵

FERRO, Lussuede Luciana de Sousa¹²⁶

RESUMO: Este estudo tem como objetivo relatar as experiências, aprendizados e desafios vividos na intervenção pedagógica, ressaltando as contribuições para o nosso processo de formação docente e de desenvolvimento das crianças que participaram das ações propostas. Diante disso, nos inquieta a saber: quais as contribuições das experiências vividas na intervenção pedagógica para a formação docente e o desenvolvimento das crianças? Tratando-se de uma pesquisa qualitativa com relato de experiência, baseada nos princípios da Teoria Histórico-Cultural (Vigotski, 2000) e da Atividade Orientadora de Ensino (Moura, 1992), sistematizamos uma intervenção didática com foco nos conceitos matemáticos, especificamente a relação biunívoca. Participaram da intervenção, 20 crianças de uma turma do infantil 5, de uma escola localizada na região noroeste do estado do Paraná. Por meio de uma Situação Desencadeadora da Aprendizagem, utilizamos o recurso metodológico história virtual do conceito, em que adaptamos a história Eleição na Mata (Hailler; Cócco, s/d). Nessa situação lúdica, sistematizamos o problema desencadeador da aprendizagem envolvendo uma situação imaginária de eleição e contagem de votos. O relato e a análise dessa experiência estão organizados em dois momentos em que, discutimos a elaboração do planejamento e discutimos e analisamos os desafios encontrados no desenvolvimento das ações de ensino e de aprendizagem propostas. Como resultado, constatamos que os desafios na prática de estágio são muitos, mas podem ser ressignificados quando o ensino é organizado intencionalmente no processo formativo e no seu desenvolvimento na escola com as crianças.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado. Educação Infantil. Intervenção pedagógica. Ensino e Aprendizagem. Teoria Histórico-Cultural.

¹²⁴ Graduanda Livia Pazini Mioto do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), liviapazinimioto123@gmail.com.

¹²⁵ Graduanda Maria Gabriela quierati do Curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mariaquierati@gmail.com

¹²⁶ Titulação; Professor orientador e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), orientadorousupervisor@email.com.

1 INTRODUCAO

Este estudo faz parte das ações desenvolvidas no Estágio Supervisionado Curricular do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - Campus de Paranavaí, e tem como objetivo relatar as experiências, aprendizados e desafios vividos na intervenção pedagógica, ressaltando as contribuições para o nosso processo de formação docente e de desenvolvimento das crianças que participaram das ações propostas.

Compreendemos que a intervenção pedagógica é válida nas práticas de estágio, quando possibilitam experiências enriquecedoras para os acadêmicos, instrumentalizando-os para o fazer docente, e para as crianças, promovendo a sua aprendizagem de forma mais significativa.

Isso porque o aprendizado se torna mais significativo quando adquirido por meio da experiência prática, sendo a intervenção pedagógica um importante instrumento para potencializar o processo formativo.

De acordo com Ostetto (2000), a relação entre escola e universidade vai além da vivência em sala de aula, envolvendo também o diálogo entre educadores em formação e profissionais atuantes, o que promove uma verdadeira formação em serviço. Nesse sentido, o estágio não se limita à aplicação de conhecimentos adquiridos, mas constitui um espaço para a produção de novos saberes.

Frente a essas considerações, nos inquieta a saber: quais as contribuições das experiências vividas na intervenção pedagógica para a formação docente e o desenvolvimento das crianças?

Diante disso, este estudo trata de uma pesquisa qualitativa com relato de experiência, baseada nos princípios da Teoria Histórico-Cultural (Vigotski, 2000) e da Atividade Orientadora de Ensino (Moura, 1992). Fundamentadas nesses princípios, sistematizamos uma intervenção didática com foco nos conceitos matemáticos, especificamente a relação biunívoca.

Participaram da intervenção, 20 crianças de uma turma do infantil 5, de uma escola localizada na região noroeste do estado do Paraná. Por meio de uma Situação Desencadeadora da Aprendizagem, utilizamos o recurso metodológico

história virtual do conceito, em que adaptamos a história Eleição na Mata (Hailler; Cócço, s/d).

Nessa situação lúdica, sistematizamos o problema desencadeador da aprendizagem envolvendo uma situação imaginária de eleição e contagem de votos. Para solucionar o problema, as crianças precisaram estabelecer a relação um a um para descobrir quem ganhou a eleição.

Organizamos o relato e a análise dessa experiência em dois momentos: primeiramente discutimos a elaboração do planejamento e, no segundo momento, discorremos os desafios encontrados no desenvolvimento das ações de ensino e de aprendizagem propostas, apontando, também, as possibilidades de organização dos processos formativos que potencializam o desenvolvimento dos acadêmicos e das crianças.

Como resultado, constatamos que a troca de experiências entre universidade e escola, trouxe aprendizado significativo para nossa jornada acadêmica e fortaleceu as ações compartilhadas entre nós e as crianças.

Portanto, os desafios na prática de estágio são muitos, mas podem ser ressignificados quando o ensino é organizado intencionalmente no processo formativo e no seu desenvolvimento na escola com as crianças.

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA PRÁTICA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Como base para o desenvolvimento da prática, seguimos fundamentadas nos princípios da Teoria Histórico-Cultural (Vigotski, 2000) e na Atividade Orientadora de Ensino (Moura, 1992), as quais foram fundamentais para dar suporte em nosso estudo e aprendizado. Calcadas nesses princípios, sistematizamos uma intervenção didática com foco nos conceitos matemáticos, especificamente a relação biunívoca.

Baseando-se nos estudos de Corso e Dorneles (2010), constatamos que explorar a relação entre o senso numérico e as dificuldades que alguns alunos enfrentam no aprendizado matemático, é um desafio.

De acordo com as autoras, a falta de uma compreensão adequada do senso numérico pode levar as crianças a ter dificuldades em realizar operações matemáticas básicas e em compreender conceitos mais complexos.

Dorso e Dorneles (2010) destacam a importância de intervenções pedagógicas para orientar as crianças na apropriação do senso numérico, visando promover um aprendizado que desenvolve as funções psíquicas em suas máximas potencialidades de forma eficaz e inclusiva.

Nessa enseara, Dorso e Dorneles (2010, p. 299) afirmam que "[...] senso numérico inclui consciência, intuição, reconhecimento, conhecimento, habilidade, desejo, sentimento, expectativa, processo, estrutura conceitual ou linha numérica mental".

Por isso, é fundamental compreender a relação entre o senso numérico e as dificuldades de aprendizagem, pois um senso numérico bem desenvolvido é refletido na habilidade da criança de estimar quantidade, reconhecer erros em julgamentos de magnitude ou de medida, fazer comparações quantitativas do tipo, maior do que, menor do que e equivalência. Crianças com senso numérico desenvolvido têm uma compreensão do que os números significam (Corso; Dorneles, 2010).

Possuir senso numérico, destacando que déficits nesse sentido podem impactar a compreensão de conceitos básicos, porém, intervenções específicas podem ajudar a diminuir essas dificuldades, promovendo um ambiente de aprendizado mais inclusivo.

O estudo ressalta a importância de estratégias pedagógicas adaptadas, enfatizando a necessidade de que "[...] o ensino da matemática dê ênfase maior ao desenvolvimento do senso numérico [...] favorecendo aos nossos alunos o desenvolvimento de conhecimentos conceituais necessários para a resolução aritmética [...]" (Corso; Dorneles, 2010, p. 307) e outros conceitos matemáticos, desde a educação infantil, por meio de brincadeiras e jogos, em especial o faz de conta.

A brincadeira, segundo Ostetto (2000), é planejada e reconhecida como uma das formas de a criança conhecer e interpretar o mundo, pois os registros escritos e fotográficos que utilizamos para captar e analisar os fenômenos, foram fundamentais

para ampliação dos saberes sobre as crianças e suas brincadeiras. Elas apontam, mostram e questionam.

Ademais, Ostetto (2000) critica o fato de que os professores frequentemente privilegiam a organização das atividades como o principal momento pedagógico, relegando a brincadeira em segundo plano. Dessa forma, a brincadeira ocorre de maneira desprovida de intencionalidade, sendo limitada aos intervalos entre uma atividade e outra, momentos em que o professor se afasta de suas funções pedagógicas.

Nesse contexto, organizamos a intervenção com 20 crianças de uma turma do infantil 5, de uma escola localizada na região noroeste do estado do Paraná. Por meio de uma Situação Desencadeadora da Aprendizagem, utilizamos o recurso metodológico história virtual do conceito, em que adaptamos a história Eleição na Mata (Hailler; Cocco, s/d).

Nessa situação lúdica, sistematizamos o problema desencadeador da aprendizagem envolvendo uma situação imaginária de eleição e contagem de votos que consistiu na questão desafiadora: *O elefante foi escolhido para contar os votos, mas ele não sabe contar nem os outros animais. Como podemos ajudar o elefante a saber quem ganhou as eleições?*

Na visão de Dallabona e Mendes (2004), “as técnicas lúdicas fazem com que a criança aprenda com prazer, alegria e entretenimento, sendo relevante ressaltar que a educação lúdica está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão superficial”, pois, além de constituir uma abordagem mais extrovertida e animada para as crianças, esta metodologia capta eficazmente a atenção delas, possibilitando o desenvolvimento de uma dinâmica educacional mais leve e diversificada.

O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino, quer na qualificação ou formação crítica do educando, quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade (Dallabona; Mendes, 2004, p. 107).

Para solucionar o problema, as crianças precisaram estabelecer a relação um a um para descobrir quem ganhou a eleição. Por isso, o planejamento tornou-se meio para programarmos nossas ações de ensino e de aprendizagem, como momento de pesquisa e reflexão, ou seja, as funções do planejamento são organizar a aula, evitar improvisações, garantir a clareza e direcionar a prática pedagógica.

Por ser visto como uma ferramenta de orientação é essencial que seja estruturado de maneira sequencial, seguindo uma lógica organizada. Para atingir os objetivos estabelecidos, é necessário que o planejamento seja claro, alinhado à realidade da escola e coerente em relação aos objetivos definidos, aos métodos, conteúdos e modos de avaliação usados. Além disso, deve ser adaptável, permitindo ajustes e mudanças durante sua criação.

Com base nessa organização, discorremos os desafios encontrados no desenvolvimento das ações de ensino e de aprendizagem propostas, apontando, também, as possibilidades de organização dos processos formativos que potencializam o desenvolvimento dos acadêmicos e das crianças.

Um dos principais desafios enfrentados foi a limitação de espaço, materiais e recursos diversificados que poderiam enriquecer a atividade proposta. Utilizamos a sala de aula e os espaços externos da instituição como recursos, aproveitando ao máximo os ambientes disponíveis.

No entanto, os espaços apresentavam condições precárias e eram bastante reduzidos. A diferença nos horários de intervalo, também dificultou o acesso às áreas externas, o que nos levou a realizar a maior parte das atividades dentro da sala de aula.

Na sala de aula alteramos a dinâmica habitual das crianças, modificando a disposição das carteiras em círculo e grupos que, normalmente, permanecem organizadas em filas, seguindo o modelo da escola tradicional.

Essa estratégia revelou-se significativa tanto para nós, que conseguimos captar a atenção das crianças assim que elas entraram no ambiente, quanto para as crianças, que demonstraram entusiasmo e curiosidade diante das mudanças, ansiosos para descobrir o que seria realizado.

Como argumenta a Ostetto (2000, p. 111), essa dinâmica se faz indispensável para as crianças da educação infantil, pois “amplia a possibilidade de observação das crianças e suas aprendizagens e reduz o tempo de espera, favorecendo o envolvimento, a autonomia e as interações entre as crianças”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do artigo, discutimos a importância da Teoria Histórico-Cultural (Vigotski, 2000) e da Atividade Orientadora de Ensino (Moura, 1992), caracterizando a prática de estágio supervisionado e suas vantagens significativas para a nossa formação docente, as experiências com as crianças e com o meio educacional.

Destacamos também o papel da matemática na formação das crianças, explorando a relação entre o senso numérico e as dificuldades enfrentadas pelas crianças no aprendizado dos conceitos matemáticos. Além disso, apontamos que a ausência do senso numérico nos processos de ensino e de aprendizagem pode comprometer tanto a realização de operações básicas quanto a compreensão de conceitos mais complexos.

Dessa forma, enfatizamos a importância de intervenções pedagógicas que promovam o desenvolvimento do senso numérico, por meio de estratégias como brincadeiras e jogos desde a educação infantil. Dessa forma, o ensino da matemática torna o aprendizado mais eficaz e inclusivo.

Com isso, ressaltamos o significado da brincadeira para a educação infantil e sua importância como meio de a criança conhecer e interpretar o mundo. Pontuamos o uso de registros escritos e fotográficos para compreender melhor as interações infantis e analisamos a prática comum de priorizar a organização de atividades pedagógicas, destacando que as brincadeiras não podem ser compreendidas como momentos secundários e sem intencionalidade, limitadas a intervalos em que o professor se ausenta de suas funções pedagógicas. As brincadeiras são o meio de a criança apreender o mundo e nele se manifestar.

Portanto, acreditamos que esse artigo auxiliou nosso desenvolvimento como acadêmicas, mostrando-nos como a prática se faz importante e transforma o

pensamento dos acadêmicos quando bem fundamentada. Dessa forma, percebemos os desafios na prática de estágio, mas que podem ser ressignificados quando o ensino é organizado intencionalmente no processo formativo e no seu desenvolvimento na escola com as crianças.

REFERÊNCIAS

CORSO, L. V.; DORNELES, B. V. Senso numérico e dificuldades de aprendizagem na matemática. **Rev. Psicopedagogia**, 2010; v. 27 (83), p. 298-309.

DALLABONA, S. R.; MENDES, S. M. S. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. **Revista de divulgação técnico- científica** do ICPG, v. 1, n. 4 – jan.-mar./2004. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/professor/arquivos_alunos/doc_1311627172.pdf. Acesso em: 10 maio de 2023.

HAILLER, M. A.; CÓCCO, M. F. Eleição na Mata. *In*: HAILLER, M. A.; CÓCCO, M. F. **ALP1: Análise Linguagem e Pensamentos**. São Paulo: FTD, s.d.

LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

OSTETTO, L. E. **Educação Infantil saberes e fazeres da formação de professores**.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

REFLEXÕES SOBRE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NO INFANTIL 3

SANTOS, Lídia Rodrigues dos Santos¹²⁷
FERRO, Lussuede Luciana de Sousa¹²⁸

RESUMO: Este estudo objetiva relatar a experiência de uma intervenção pedagógica realizada com crianças de três anos de idade, com destaque as contribuições dessa ação para a formação em docência. Desenvolvemos a intervenção na prática do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus Paranavaí. Fundamentadas na Teoria Histórico-Cultural, realizamos estudos teóricos para compreender os processos de formação humana e as formas mais adequadas de ensinar na primeira infância. Diante dessas reflexões, levantamos a seguinte questão: **quais as contribuições da intervenção didática, sistematizada na prática de estágio supervisionado, para o processo de formação docente?** Para responder a essa questão: a) discutimos a prática do estágio curricular supervisionado na educação infantil, desenvolvida em um Centro de Educação Infantil (CMEI), localizado na região noroeste do estado do Paraná, com uma turma de 25 crianças do Infantil 3; e b) revelamos que as interações das crianças com os objetos manipuláveis, mediadas pelos conhecimentos dos acadêmicos-estagiários, são ações pedagógicas que seguem na direção da promoção da aprendizagem e do desenvolvimento infantil, desde que intencionalmente planejadas e orientadas pelo professor formador, emitindo sentido e significado aos acadêmicos-estagiários e crianças. Os resultados apontam que é possível desenvolver intervenções pedagógicas significativas e eficazes nas práticas de estágio supervisionado, tanto para as crianças quanto para os estagiários e concluímos que é possível mobilizar formas mais adequadas de aprender a ser professor e, conseqüentemente, de ensinar as crianças de educação infantil.

Palavras-chave: Formação docente. Educação Infantil. Intervenção pedagógica. Teoria Histórico-Cultural.

1 INTRODUÇÃO

¹²⁷ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí), lidiaarodrigues316@gmail.com

¹²⁸ Doutora em Educação, Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí), luciana.sferro@gmail.com

Este estudo tem como objetivo relatar a experiência de uma intervenção pedagógica realizada com crianças de três anos de idade, identificando as contribuições dessa ação, desenvolvida na prática de Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, do curso de graduação em Pedagogia (Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí), para a formação docente. Discutir a intervenção didática se faz relevante para pensarmos a relação dialética entre teoria e prática no encontro da universidade com a escola.

Ao mesmo tempo em que os professores-estagiários aprendem e se desenvolvem, quando são colocados em atividade na ação intencional de planejar e desenvolver ações de ensino com as crianças, estas também movimentam as suas funções psíquicas ao realizarem, em colaboração com os professores-estagiários, as ações de aprendizagem.

Com base nos fundamentos da Teoria Histórico-Cultural, realizamos estudos teórico para compreendermos os processos de formação humana, as necessidades de aprendizagem e de desenvolvimento na etapa da primeira infância e as formas mais adequadas de ensinar. Nessa tríade sujeito, conteúdo e forma, desenvolvemos diversas ações na prática de estágio, como a intervenção didática, foco deste relato. Frente a essas considerações, levantamos a seguinte questão: quais as contribuições da intervenção didática, sistematizada na prática de estágio supervisionado, para o processo de formação docente?

Com isso, registramos nossas ideias, em que discutimos a prática do estágio curricular supervisionado na educação infantil, desenvolvida em um Centro de Educação Infantil (CMEI), localizado na região noroeste do estado do Paraná, com uma turma de 25 crianças do Infantil 3. Nessa esteira, revelamos que as interações das crianças com os objetos manipuláveis, mediadas pelos conhecimentos dos acadêmicos-estagiários, são ações pedagógicas que seguem na direção da promoção da aprendizagem e do desenvolvimento infantil, desde que intencionalmente planejadas e orientadas pelo professor formador, emitindo sentido e significado aos acadêmicos-estagiários e crianças.

Como resultado, evidenciamos que é possível desenvolvermos intervenções pedagógicas nas práticas de estágio supervisionado, com sentido e significado para as crianças e os professores-estagiários, se no processo de formação para a

docência, também for consideradas as necessidades de aprendizagem dos acadêmicos e as condições objetivas em que ocorre o ensino.

Assim, esperamos que os estudos apresentados neste relato de experiência, mobilize formas mais adequadas de aprender a ser professor e, conseqüentemente, de ensinar na educação infantil.

2 A PRÁTICA DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: A EDUCAÇÃO INFANTIL EM FOCO

Nos dias atuais, a educação infantil é analisada a partir de uma perspectiva que considera não apenas sua evolução histórica, mas também a complexidade das inter-relações sociais, culturais e econômicas que a constitui. Esse processo envolve a influência do assistencialismo e a dinâmica familiar, enquanto reflete sobre a origem pedagógica das instituições e seus fundamentos teóricos ao longo do tempo.

Nesse sentido, o estágio supervisionado emerge como um componente fundamental na formação docente. É nesse espaço que o conhecimento teórico adquirido na universidade, por conseguinte a experiência no campo do estágio, pode se encontrar com a prática real da sala de aula, permitindo vivenciar as demandas profissional. Como Pimenta (2005) destaca, o estágio deve ser mais do que uma exigência acadêmica: ele precisa promover uma interação genuína entre teoria e prática, ajudando os docentes na formação a construir reflexões críticas sobre o ato de ensinar.

Porém, na realidade, muitas vezes o estágio é tratado como uma formalidade, sem que haja uma integração profunda com o restante do currículo. Lima (2008), reforça que o estágio precisa ser um momento de reflexão ativa, conectando a universidade, a escola e a sociedade. Assim, ele se torna um campo fértil para unir aprendizado da teoria e da prática, desenvolvendo o conhecimento pedagógico.

A experiência vivenciada no estágio e o papel do espaço educacional como elemento central do trabalho pedagógico nas instituições de educação infantil tem gerado inquietação entre pesquisadores brasileiros, como Singulani (2009) e Gamba (2016). Esses autores destacam a atuação profissional nessas instituições, enfatizando a importância de organizar o espaço escolar para acolher as crianças de

maneira adequada. Baseados na Teoria Histórico-Cultural, proposta por Vygotsky, esses estudos ressaltam que o ambiente de ensino não é apenas um local físico, mas um espaço mediador que promove a interação e o aprendizado.

Essa organização revela a necessidade de interação e reforça o papel de um ambiente estruturado, pensado pelo professor e para o professor, como mediador do ensino e da aprendizagem. No entanto, surge um desafio crucial de analisarmos se as salas de aula devem ser organizadas de forma tradicional, com cadeiras dispostas em filas ou centralizadas, ou se é possível criar ambientes mais flexíveis e colaborativos, que promovam maior dinamismo no processo de ensino.

Portanto, essa análise refletiu sobre nossa experiência, a necessidade de planejar o espaço em que faríamos nossa intervenção pedagógica de estágio supervisionado no cotidiano das crianças nas instituições de educação infantil. Considerando dos estudos a partir das contribuições da Teoria Histórico-Cultural, vivenciados por nós nas práticas de estágio, consideramos que é preciso e analisar e refletir como podemos organizar os espaços e desenvolver as intervenções pedagógicas na educação infantil, em especial no infantil 3, de modo que as crianças aprendam e se desenvolvam.

Para isso, compreendemos que a intervenção didática deve ser sistematizada na prática de estágio supervisionado na direção de mobilizar as aprendizagens dos acadêmicos que ensinam e das crianças que aprendem. Nesse cenário, o professor formador assume o papel daquele que orienta com estudos teóricos e práticos todas as ações daquele que ensina (professor formador e acadêmico-estagiário) e daqueles que aprendem (acadêmico-estagiário e crianças).

É importante destacar o papel do professor, no aprendizado infantil, planejando, ampliando e fomentando o desenvolvimento das crianças, explorando de maneira intencional e planejada o objetivo e demais ações. Assim, a organização do espaço educacional deve promover a apropriação dos conhecimentos. Para Elkonin (1987), a criança analisa e explora o objeto, atribuindo significados simbólicos a eles e desenvolvendo o aprendizado social cultural, ou seja, adquire conhecimento através da observação, imitando os adultos e pares de mesma idade mais desenvolvidos.

Por isso, os objetos a serem oferecidos às crianças nas práticas de estágio, devem carregar significados sociais e não podem ser considerados simples itens de manipulação isolada. Eles representam os instrumentos com funções e formas determinadas pela humanidade, para uso específico, permitindo o desenvolvimento intelectual não apenas na exploração, mas nas relações que estabelecidas mediadas pelos conhecimentos dos outros, que transmite toda a riqueza e a complexidade das funções e significados que tais objetos possuem. Como Lazaretti (2013, p. 151) afirma:

Os objetos que são dados às crianças são sempre carregados de significados sociais, e isso implica que seu uso não é apenas uma manipulação física, mas também uma relação com a cultura e com o conhecimento social e imaginário que esses objetos representam.

Assim, a aprendizagem infantil vai além da simples manipulação dos objetos, como destaca Lazaretti (2013). Para potencializar o aprendizado e o desenvolvimento, é essencial que o acadêmico-estagiário aprenda, além de observar, também atuar como mediador do conhecimento. Nesse sentido, a prática de estágio supervisionado, deve ser vista como aquela que compartilha conhecimentos sistematizados, contribuindo para saltos qualitativos no processo de formação para a docência.

Além, disso, concordamos com Lazaretti (2013) que os espaços de ensino e de aprendizagem na educação infantil, devem ser organizados de modo que transmita valores culturais e sociais, já que esse ambiente influencia diretamente o desenvolvimento cognitivo das crianças, compartilhando experiências sociais e promovendo ações colaborativas entre estagiários, professores e crianças. Ao mesmo tempo, mobilizar a imaginação, as percepções e ações no mundo. "O ambiente escolar, na sua organização e decoração, é também um espaço de socialização que transmite valores culturais e estéticos, fundamentais para o desenvolvimento da criança" (Lazaretti, 2013, p. 153).

O espaço escolar deve ser cuidado como ambiente que proporciona (ou limita) possibilidades de desenvolvimento e, por isso, os adultos observam e registram as relações ali estabelecidas e intervêm intencionalmente para proporcionar a apropriação desses objetos de conhecimento - este é papel da escola é tarefa do professor infantil.

Nesse sentido evidenciamos o papel do adulto (professor) no processo, da intervenção intencional no espaço escolar para garantir que a criança tenha as melhores condições de aprendizado. Para Saviani (2009) as transformações no campo educacional, apresentou diferentes abordagens pedagógicas que emergem como possibilidades no exercício profissional. Entre elas, destacamos as propostas que se embasam na teoria crítica da educação como e Pedagogia Histórico-Crítica.

Durante nossa experiência de estágio na educação infantil, percebemos que as interações das crianças com o ambiente escolar e seus colegas estão alinhadas aos princípios da teoria de Vigotski (2000) e seus colaboradores como Leontiev (1988). De acordo com essa teoria, o processo de desenvolvimento das crianças envolve não apenas a manipulação de objetos, mas também a construção de relações sociais, que impactam diretamente no desenvolvimento psíquico.

Em diversas atividades lúdicas observadas no estágio, ficou evidente que as crianças não se limitam a brincar com materiais pedagógicos, mas também estão, por meio dessas brincadeiras, apropriando-se de conhecimentos sociais e culturais. Isso confirma o que Leontiev (1988) propõe: a aprendizagem não ocorre apenas pela interação com os objetos, mas também através das interações sociais que as crianças estabelecem com os adultos e com seus colegas. Esse processo permite que as crianças não apenas adquiram habilidades cognitivas, mas também desenvolvam sua identidade social e cultural.

O papel do professor, nesse contexto, não é apenas o de um observador, mas de um mediador, que organiza o ambiente para promover essas interações e garantir que a criança tenha a oportunidade de se apropriar dos objetos de conhecimento de forma significativa. Durante o estágio, percebemos como a organização do espaço e a estruturação das atividades influenciam diretamente no aprendizado, criando condições para que as crianças explorem e ressignifiquem os conhecimentos do mundo.

Essa vivência prática reforçou a ideia de que o processo de apropriação cultural e social, destacado por Leontiev (1988), é contínuo e começa desde os primeiros momentos da vida. Na educação infantil, esse processo é mediado pelas interações que acontecem no ambiente escolar, onde as crianças não só manipulam objetos, mas também constroem relações sociais e culturais, fundamentais para o seu desenvolvimento integral.

Esta atitude não está simplesmente cristalizada na própria consciência da criança, mas é projetada por ela, por assim dizer, e ligada por associação aos objetos do jogo e aos brinquedos. Este é também o processo de 'tirar o máximo' deles ou de 'explorá-los' (LEONTIEV, 1988, p.129).

Ao destacar que as crianças não apenas manipulam objetos, mas também projetam significados e associam funções a eles, Leontiev (1988), defende que são nas interações sociais que aprendemos e nos desenvolvemos.

A experiência vivenciada no estágio com as crianças do infantil 3, quando utilizamos instrumentos musicais, mostrou que, durante as brincadeiras que desenvolvemos e ações com esses objetos, as crianças não apenas interagiram fisicamente com os instrumentos, mas também reproduziram narrativas e representaram papéis sociais. Essa exploração não é apenas uma atividade física, mas um processo de apropriação simbólica, em que as crianças atribuem sentidos aos objetos e aos espaços, desenvolvendo suas funções psíquicas.

Assim, ao brincar de "faz de conta", as crianças não imitam apenas o que veem, mas constroem, por meio dessa interação, um entendimento do mundo social e cultural. Elas internalizam normas, valores e funções, refletindo sobre o papel de cada objeto dentro de sua própria vivência. Portanto, o ambiente de aprendizagem, repleto de brinquedos e objetos significativos, desempenha um papel crucial no processo de desenvolvimento, pois permite que as crianças não apenas explorem, mas também interpretem e criem conexões com o mundo ao seu redor.

A concepção de Leontiev (1988) revela que a criança evolui significativamente por meio dos jogos, pois esses momentos lúdicos não se limitam apenas ao entretenimento, mas são fundamentais para o seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Leontiev (1988) destaca que, por meio das brincadeiras, a criança interage com o mundo, internaliza normas e valores e se apropria de aspectos sociais e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da experiência da intervenção pedagógica realizada no Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, sob a ótica da Teoria Histórico-Cultural, possibilitou a compreensão da importância das interações mediadas no processo de desenvolvimento infantil. O uso de materiais manipuláveis e a organização do espaço educativo demonstraram ser estratégias eficazes na promoção de aprendizagens significativas, favorecendo a construção de novos sentidos pelas crianças.

A prática pedagógica, alinhada aos pressupostos da teoria vigotskiana, evidenciou que o desenvolvimento cognitivo e social das crianças está intrinsecamente ligado à mediação de adultos e à qualidade das interações no ambiente de aprendizagem. Além disso, o estágio permitiu refletir sobre a formação docente na educação infantil, destacando a necessidade de uma abordagem que articule teoria e prática de forma crítica e reflexiva.

A inserção de práticas pedagógicas baseadas no desenvolvimento integral das crianças, com ênfase na interação social e na construção de conhecimentos contextuais, reafirma a importância de uma formação docente contínua, capaz de proporcionar ambientes que favoreçam o desenvolvimento humano em sua totalidade.

Essa conclusão busca não apenas sintetizar os achados da pesquisa e da experiência de estágio, mas também estabeleceu uma ligação mais direta com os fundamentos teóricos que sustentam a prática pedagógica na educação infantil.

REFERÊNCIAS:

ELKONIN, D. B. **Psicologia e desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

GAMBA, D. **A organização do espaço educacional e seu impacto no desenvolvimento infantil**. São Paulo: Cortez, 2016.

LAZARETTI, L. M. **Ambientes de aprendizagem na educação infantil: perspectivas de organização e práticas pedagógicas**. Campinas: Papirus, 2013.

LEONTIEV, A. N. **A atividade, a consciência e a personalidade**. São Paulo: Hucitec, 1988.

LIMA, S. **Estágio supervisionado e prática pedagógica**: uma reflexão crítica. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PIMENTA, S. G. **Estágio supervisionado**: a teoria e a prática do ensino. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez, 2009.

SINGULANI, I. **A prática pedagógica na educação infantil**: a organização do espaço escolar. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VYGOTSKY, L. S. (2000). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

BOLETE, Aparecida de Jesus¹²⁹
FERRO, Lussuede Luciana de Sousa¹³⁰

RESUMO Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma intervenção pedagógica realizada com crianças de três anos de idade, destacando as contribuições dessa ação para a formação docente. A intervenção foi desenvolvida no âmbito do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus Paranavaí. Com base nos fundamentos da Teoria Histórico-Cultural, realizamos estudos teóricos para compreender os processos de formação humana, as necessidades de aprendizagem e desenvolvimento na primeira infância e as formas mais adequadas de ensinar. Diante dessas reflexões, levantamos a seguinte questão: **quais as contribuições da intervenção didática, sistematizada na prática de estágio supervisionado, para o processo de formação docente?** Para responder a essa questão, discutimos inicialmente os desafios enfrentados para planejar e executar a intervenção pedagógica em um Centro de Educação Infantil (CMEI), localizado na região noroeste do estado do Paraná, com uma turma de 25 crianças do Infantil 3. Em seguida, apontamos as possibilidades de ações voltadas à promoção da aprendizagem e do desenvolvimento infantil, desde que intencionalmente orientadas pelo professor formador e realizadas com sentido e significado pelos professores-estagiários. Os resultados evidenciam que é possível desenvolver intervenções pedagógicas significativas e eficazes nas práticas de estágio supervisionado, tanto para as crianças quanto para os estagiários. Concluimos que os estudos apresentados neste relato de experiência podem mobilizar formas mais adequadas de aprender a ser professor e, consequentemente, de ensinar na educação infantil.

Palavras-chave: Intervenção pedagógica; Educação Infantil; Formação docente; Teoria Histórico-Cultural.

1 INTRODUÇÃO

¹²⁹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí), cdejesusbolete@gmail.com

¹³⁰ Doutora em Educação, Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí), luciana.sferro@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma intervenção pedagógica realizada com crianças de três anos de idade, destacando as contribuições dessa ação para a formação docente. A intervenção foi desenvolvida no âmbito do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus Paranavaí. Discutir essa prática didática é relevante para refletir sobre a relação dialética entre teoria e prática no encontro da universidade com a escola.

Nesse processo, os professores-estagiários aprendem e se desenvolvem ao planejar e implementar ações de ensino intencionais, enquanto as crianças mobilizam suas funções psíquicas ao participar dessas atividades em colaboração com os estagiários. Com base nos fundamentos da Teoria Histórico-Cultural, realizamos estudos teóricos para compreender os processos de formação humana, as necessidades de aprendizagem e desenvolvimento na primeira infância e as formas mais adequadas de ensinar.

A Teoria Histórico-Cultural, proposta por Vygotsky (2000), constitui uma base sólida para compreender os processos de formação humana e as necessidades de aprendizagem e desenvolvimento das crianças na primeira infância. Essa perspectiva destaca que o desenvolvimento ocorre por meio das interações sociais e da mediação cultural, em que o professor desempenha um papel essencial ao criar situações de ensino intencionais que favoreçam o avanço das funções psíquicas superiores.

A partir dessa perspectiva, desenvolvemos diversas ações práticas no estágio supervisionado, sendo a intervenção didática o foco deste relato. Diante dessas reflexões, levantamos a seguinte questão: **quais as contribuições da intervenção didática, sistematizada na prática de estágio supervisionado, para o processo de formação docente?**

Para responder a essa questão, discutimos inicialmente os desafios enfrentados na elaboração e execução da intervenção pedagógica em um Centro de Educação Infantil (CMEI), localizado na região noroeste do estado do Paraná, com uma turma de 25 crianças do Infantil 3. Em seguida, apontamos as possibilidades de ações voltadas à promoção da aprendizagem e do desenvolvimento infantil, desde que intencionalmente orientadas pelo professor formador e realizadas com sentido e significado pelos professores-estagiários.

Os resultados evidenciam que é possível desenvolver intervenções pedagógicas significativas e eficazes nas práticas de estágio supervisionado, tanto para as crianças quanto para os estagiários. Isso requer considerar, no processo de formação docente, as necessidades de aprendizagem dos acadêmicos e as condições objetivas em que o ensino ocorre.

Concluimos que os estudos apresentados neste relato de experiência podem mobilizar formas mais adequadas de aprender a ser professor e, conseqüentemente, de ensinar na educação infantil.

2 O PLANEJAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

O planejamento para a prática pedagógica no estágio curricular supervisionado em Educação Infantil desempenha um papel crucial na garantia de uma abordagem estruturada, significativa e eficaz no processo de ensino e aprendizagem. Trata-se de uma etapa indispensável para a formação dos futuros educadores, pois possibilita a delimitação clara dos objetivos a serem alcançados, tanto do ponto de vista da formação dos estagiários quanto no desenvolvimento integral das crianças (Libâneo, 1994).

Ao estruturarmos o planejamento, temos a oportunidade de vivenciarmos a articulação entre teoria e prática, essencial para consolidar aprendizagens pedagógicas que respondam aos desafios educacionais contemporâneos. Além disso, o processo de planejar auxilia no desenvolvimento de aprendizagens como organização, criatividade, resolução de problemas e adaptabilidade, que são imprescindíveis na atuação docente. De acordo com Libâneo (1994), para as crianças, um planejamento bem delineado oferece um ambiente acolhedor e estruturado, no qual o aprendizado se torna significativo, promovendo seu crescimento cognitivo, emocional, social e cultural.

O planejamento pedagógico, quando orientado por objetivos claros e fundamentado em princípios teóricos consistentes, também tem um impacto direto na qualidade do ensino e na preparação das crianças para os desafios do século XXI. Ao propor atividades que favorecem a construção de conhecimentos, a autonomia e o pensamento crítico, contribui-se para a formação sujeitos conscientes, engajados, atuantes e transformadores da realidade circundante (Libâneo, 1994).

Para Libâneo (1994), além de enriquecer a experiência educativa, o planejamento pedagógico tem repercussões positivas no desenvolvimento social e cultural das comunidades em que os estudantes e as instituições de ensino estão inseridos. Por meio de práticas pedagógicas bem estruturadas, os educadores em formação podem colaborar para a transformação social, promovendo valores como inclusão, diversidade e sustentabilidade.

Nesse contexto, é fundamental que educadores, gestores e instituições de ensino priorizem a intencionalidade e a sistematização em seus processos de planejamento e práticas pedagógicas. Essa priorização não apenas fortalece a formação inicial dos professores, mas também contribui para a construção de uma Educação Infantil de qualidade, que respeite as especificidades das crianças e atenda às demandas de uma sociedade em constante transformação.

Portanto, investir no planejamento pedagógico é investir na formação de profissionais mais preparados e comprometidos, bem como no desenvolvimento integral das crianças. É por meio desse processo que se constrói uma educação que vai além da instrução, formando indivíduos que aprendem e se desenvolvem, na direção de transformar e contribuir positivamente para o mundo em que vivem.

3 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS, DOS PROFESSORES E ESTAGIÁRIOS

A aprendizagem na Educação Infantil é um processo dinâmico e multifacetado que abrange tanto o desenvolvimento das crianças quanto a formação contínua dos educadores, especialmente dos professores-estagiários. Nesse contexto, as intervenções pedagógicas assumem um papel essencial, sendo indispensável a atenção à qualidade do espaço físico e às práticas de acolhimento e brincadeira para proporcionar experiências significativas. Estudos de Magalhães e Lazaretti (2019) evidenciam que a ambientação e as interações estabelecidas no ambiente escolar têm o potencial de impulsionar o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil, além de enriquecer a formação dos estagiários.

O espaço físico da sala de aula e do ambiente escolar desempenha uma função determinante na Educação Infantil. Um ambiente bem planejado e organizado promove a autonomia, estimula a criatividade e favorece interações significativas entre

crianças e educadores. Quando o espaço é acolhedor e estruturado, as crianças sentem-se mais seguras e valorizadas, o que é essencial para o aprendizado. Assim, o ambiente escolar deixa de ser apenas um local físico e passa a ser um espaço pedagógico ativo, que contribui para a construção de saberes e o desenvolvimento integral (Magalhães; Lazaretti, 2019).

Na Educação Infantil, o aprendizado vai além da simples transmissão de conteúdos, configurando-se como um processo de construção de conhecimentos que integra experiências e práticas pedagógicas. Esse processo se sustenta em três pilares fundamentais. Primeiramente, o aprendizado deve estar conectado à realidade das crianças, valorizando seu cotidiano e suas vivências, de modo que o conhecimento se torne significativo e relevante. Em segundo lugar, as interações sociais têm papel central, já que o conhecimento é construído no relacionamento com os outros. Ao promover o trabalho em grupo e as discussões coletivas, é possível ampliar as perspectivas das crianças e ajudá-las a articular seu pensamento (Pasqualini, 2020). Por fim, o registro das experiências, por meio de fotos, desenhos ou relatos, permite refletir sobre o que foi aprendido e possibilita que educadores e famílias acompanhem o desenvolvimento infantil de maneira mais efetiva (Magalhães; Lazaretti, 2019).

De acordo com Magalhães e Lazaretti (2019), a Educação Infantil deve ser um espaço onde acolher, brincar e conhecer se entrelaçam de forma harmônica. Esses elementos não apenas favorecem o desenvolvimento integral das crianças, mas também encorajam os educadores a adotar práticas reflexivas e sensíveis. Ao priorizar o acolhimento, o brincar e a construção do conhecimento, cria-se um ambiente educativo rico e transformador, que prepara as crianças para os desafios futuros e contribui para a formação de cidadãos críticos, criativos e respeitosos.

Por outro lado, a ausência de planejamento pedagógico pode trazer diversas consequências negativas, tanto para os alunos quanto para os educadores. A falta de objetivos claros pode comprometer a qualidade das experiências educativas, resultando em atividades que não atendem às necessidades e interesses das crianças, conforme apontam Magalhães e Lazaretti (2019). Além disso, sem um planejamento estruturado, há maior dificuldade na organização do tempo e das tarefas, o que pode prejudicar a fluidez do trabalho pedagógico e gerar desmotivação. Para o professor-estagiário, a falta de planejamento limita o desenvolvimento de aprendizagens essenciais, como a capacidade de refletir e ajustar práticas

pedagógicas às demandas do contexto escolar (Libâneo, 1994).

Portanto, o planejamento pedagógico não deve ser visto apenas como um recurso técnico, mas como um elemento fundamental para garantir a qualidade do processo educativo. Ele potencializa o aprendizado das crianças, fortalece a formação dos educadores e contribui para a construção de uma Educação Infantil significativa e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre o planejamento pedagógico na Educação Infantil destacam que ele não se limita a ser uma ferramenta organizacional, mas constitui um componente essencial para a prática educativa eficaz. O planejamento permite que os educadores desenvolvam ações intencionais que promovem aprendizagens significativas, atendendo não apenas ao desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também às suas necessidades emocionais, sociais e culturais. Nesse contexto, planejar vai além de organizar atividades; significa criar oportunidades que integrem teoria e prática, considerando a singularidade de cada criança e o contexto em que ela está inserida.

Os pilares **acolher, brincar e conhecer** são fundamentais na construção de uma abordagem pedagógica que respeite as especificidades da infância. O acolhimento, entendido como o ato de criar um ambiente afetivo, seguro e receptivo, é a base para que as crianças se sintam confiantes e abertas ao aprendizado. Um ambiente acolhedor mobiliza a construção de vínculos positivos e favorece a interação entre crianças e educadores, promovendo o bem-estar emocional e fortalecendo a relação entre todos os envolvidos no processo educativo.

O brincar, reconhecido como uma das principais formas de expressão e aprendizagem na infância, também ocupa um lugar central. Por meio do brincar, as crianças exploram o mundo ao seu redor, experimentam novas possibilidades, desenvolvem habilidades motoras, cognitivas e sociais e constroem significados. Brincar não é apenas uma atividade lúdica, mas um direito essencial, conforme preconizado nos marcos legais da Educação Infantil, como as Diretrizes Curriculares Nacionais. O planejamento pedagógico, nesse sentido, deve valorizar e incluir atividades que incentivam o brincar livre e orientado, considerando-o como um meio legítimo para o desenvolvimento integral.

Por fim, o pilar do **conhecimento** nos lembra que o aprendizado na Educação Infantil vai além da simples transmissão de informações. Trata-se de um processo de construção ativa de experiências e vivências, no qual as crianças são mobilizadas a explorar, questionar, experimentar e refletir sobre o mundo à sua volta. A integração entre acolher, brincar e conhecer reflete a necessidade de criar experiências educativas que articulem as dimensões afetiva, cognitiva e social do desenvolvimento infantil.

A prática pedagógica bem planejada não beneficia apenas as crianças; ela também contribui significativamente para a formação dos educadores. Ao planejar, o professor tem a oportunidade de refletir sobre suas próprias práticas, analisar os resultados de suas ações e ajustar estratégias para melhor atender às necessidades do grupo. Essa postura reflexiva é essencial para a construção de uma prática pedagógica intencional e transformadora, que valorize o potencial das crianças e promova aprendizagens significativas.

Além disso, o planejamento desempenha um papel fundamental na organização do trabalho pedagógico em contextos desafiadores, como a Educação Infantil. A ausência de um planejamento adequado pode gerar desorganização, atividades desconexas e falta de propósito, comprometendo tanto o engajamento das crianças quanto o desenvolvimento profissional dos educadores. Por outro lado, um planejamento bem estruturado é capaz de otimizar o tempo, os recursos e as relações no ambiente escolar, promovendo um processo educativo coerente e eficaz.

Assim, o planejamento pedagógico na Educação Infantil deve ser entendido como um instrumento estratégico, que articula os objetivos educacionais aos interesses e necessidades das crianças. Ele não apenas organiza as ações pedagógicas, mas cria um alicerce sólido para a construção de um ambiente de aprendizagem que seja inclusivo, acolhedor e estimulante. Quando guiado pelos pilares acolher, brincar e conhecer, o planejamento pedagógico transforma-se em um meio poderoso para assegurar uma educação de qualidade, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e para a formação de cidadãos críticos, criativos e éticos.

REFERÊNCIAS

LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MAGALHÃES, C; LAZARETTI, L. M. Acolher, explorar, brincar e conhecer: reflexões sobre o espaço como potencializador das aprendizagens de bebês e crianças na Educação Infantil. *In*: MAGALHÃES, C.; EIDT, N. M. (Org.). **Apropriações Teóricas e suas Implicações na Educação Infantil**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 149-162.

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da Escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. *In*: MARSIGLIA, A. C. G. (et al). **Infância e Pedagogia Histórico Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2020, p. 35-70.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIVÊNCIAS COM A NATUREZA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

FLORENÇO, Beatriz Nogueira¹³¹
CUSTÓDIO, Isadora Lopes¹³²
LAZARETTI, Lucinéia Maria¹³³

RESUMO: O estágio supervisionado na Educação Infantil proporciona interações significativas dos acadêmicos com as crianças, com as práticas de ensino e, especificamente, neste relato, as vivências com a natureza, promovendo aprendizagens para os envolvidos. O objetivo, deste resumo, é relatar as experiências com uma turma de crianças de 3 a 4 anos de idade com a natureza e as implicações para o desenvolvimento da criança. Esse relato está organizado nas seguintes etapas: observação e participação na turma selecionada; planejamento e proposição das ações com o espaço, por meio de atividades realizadas ao ar livre enfatizando as percepções sensoriais, habilidades motoras e a imaginação das crianças, fundamentais para o desenvolvimento neste período; intervenções focadas na exploração dos elementos naturais, como gravetos, folhas, terra e minhocas, permitindo que as crianças manipulassem e expressassem a criatividade na brincadeira de papéis. Organizadas em pequenos grupos, as crianças exploraram o espaço externo, participando de atividades que incentivaram manipular a terra, conhecer os insetos e outros animais como minhocas e criar comidinhas imaginárias com terra e água, como vivências que ampliaram as aprendizagens e o conhecimento sobre a natureza. Os resultados indicam que atividades não envolveram apenas a exploração sensorial, mas também desafiaram as crianças a superarem receios e desenvolverem habilidades motoras. Essas experiências foram fundamentais para favorecer a criatividade e a imaginação, características essenciais neste período. Os resultados do estágio foram significativos, fortalecendo o vínculo das crianças com o ambiente natural e incentivando uma concepção mais ampla sobre a importância da natureza no cotidiano e prática docente. Essa experiência demonstrou a necessidade de incorporar o meio externo nas práticas pedagógicas, destacando o valor do ambiente no desenvolvimento infantil. O estágio supervisionado revela-se como essencial para a formação docente, proporcionando vivências que complementam o aprendizado teórico e promovem uma compreensão mais integrada do ensino com foco na natureza e na brincadeira.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Natureza. Educação Infantil. Desenvolvimento Infantil.

¹³¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), beatriznogueira061@gmail.com.

¹³² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), isadoralopescustodio26@gmail.com.

¹³³ Professora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lucylazaretti@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado na Educação Infantil é uma oportunidade para os acadêmicos vivenciarem práticas pedagógicas que integram teoria e prática. Na formação em pedagogia, o estágio é essencial para a formação docente, pois permite ao futuro professor desenvolver habilidades práticas que complementam sua formação teórica.

Este artigo relata as ações realizadas com uma turma de crianças de 3 a 4 anos, explorando vivências com a Natureza, durante as vivências de estágio, no segundo semestre de 2024, no curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná.

Essa experiência teve como objetivo relatar as experiências com uma turma de 3 a 4 anos de idade com a natureza e as implicações para o desenvolvimento da criança. Esse relato está organizado nas seguintes etapas: observação e participação na turma selecionada; planejamento e proposição das ações com o espaço, por meio de ações realizadas no espaço externo enfatizando as percepções sensoriais, habilidades motoras e a imaginação das crianças, fundamentais para o desenvolvimento neste período; intervenções direcionadas na exploração dos elementos naturais, como gravetos, folhas, terra e minhocas, permitindo que as crianças manipulassem e explorassem a criatividade na brincadeira de papéis.

Consideramos que as práticas de ensino precisam ampliar as aprendizagens infantis por meio da exploração do espaço externo, com as atividades sensoriais e manipulatórias, fundamentais para o desenvolvimento das crianças. A interação com ambiente incentiva a curiosidade das crianças, isso reforça a importância do brincar e o contato com a natureza no processo de aprendizagem na primeira infância.

2. A NATUREZA COMO CONTEÚDO PARA AS VIVÊNCIAS INFANTIS

A relação da criança com a natureza desempenha de um papel crucial no seu desenvolvimento integral. O contato direto com o ambiente natural estimula a curiosidade, a criatividade e o aprendizado prático, aspectos indispensáveis na formação infantil.

A partir desses elementos, consideramos que as práticas pedagógicas precisam ampliar interação das crianças com o meio ambiente, promovendo experiências que integrem o brincar e a investigação (Bauru, 2016).

Nesta direção, a exploração de elementos naturais é essencial para estimular a curiosidade infantil. As experiências práticas auxiliam as crianças a desenvolver habilidades de observação e manipulação, contribuindo para seu desenvolvimento. Essas práticas valorizam a natureza como conteúdo para o desenvolvimento infantil, fortalecendo a relação das crianças com o mundo ao seu redor.

Ao brincar com os gravetos preparar comidinhas terra e folhas as crianças não apenas exercitam a imaginação, mas também ampliam seu repertório social, formando significados a partir das interações com o mundo. Segundo Lazaretti e Magalhães (2019), o espaço natural amplia as possibilidades pedagógicas, desafiando as crianças a explorarem e superarem o medo, que contribuem para a construção da autonomia e da autoconfiança.

3. AS PRÁTICAS DE ENSINO DO ESTÁGIO E A INTERAÇÃO COM A NATUREZA

As ações durante o estágio supervisionado foram integradas com o espaço externo do cotidiano das crianças, enfatizando o contato com a natureza. Este relato envolveu uma experiência com crianças da turma de 3 a 4 anos, durante o segundo semestre de 2024. Dentre as diferentes ações desenvolvidas no estágio, iremos destacar a relação entre o espaço externo e a exploração da natureza. Neste sentido, este relato incluiu as seguintes etapas: Exploração do espaço externo; Manipulação com elementos naturais; Ampliação de repertórios;

A etapa sobre a exploração espaço externo, as crianças exploraram o ambiente e coletaram gravetos, folhas, tiveram a oportunidade de tocar e sentir as minhocas e se divertiram ao fazer comidinhas com a terra. Isso fez com que as crianças vivenciassem momentos de criatividade e conexão com o ambiente escolar e a natureza. As imagens abaixo registram esses momentos no qual as crianças tiveram contato com o espaço externo.

Imagem 1: explorando o espaço externo



Fonte: arquivo das autoras 2024

Quando falamos de espaço, não nos referimos apenas ao espaço físico, mas ao ambiente da escola em sua totalidade e as relações estabelecidas naquele lugar; por isso, é fundamental perceber o espaço como componente da organização de ensino (Lazaretti e Magalhães, 2019, p. 150).

Explorar o espaço externo em ambientes naturais, oferece às crianças oportunidades valiosas para o desenvolvimento integral. As atividades ao ar livre estimulam a criatividade e fortalecem habilidades sociais, é fundamental que os adultos incentivem as crianças a explorarem ambientes externos, proporcionando experiências enriquecedoras que contribuam no seu crescimento saudável e equilibrado.

Na etapa que envolveu a manipulação com elementos naturais, durante as brincadeiras, as crianças criaram comidinhas imaginárias com terra e água desenvolvendo habilidades motoras.

Imagem 2: brincando de comidinha com elementos naturais



Fonte: arquivo das autoras 2024

Se brincar é coisa séria, precisamos questionar o quanto, em nossas instituições, ela é ampliada, planejada e reconhecida como uma das

formas de a criança conhecer e interpretar o mundo (Broering, 2012, p 112).

Brincar é uma atividade fundamental no desenvolvimento da criança, reconhecida por sua capacidade de promover habilidades motoras. Ao se envolver em brincadeiras que utilizam elementos naturais, como terra e água, as crianças têm a capacidade de explorar o mundo ao seu redor de maneira sensorial e criativa.

Na etapa sobre a ampliação de repertório, consideramos que as experiências permitiram as crianças ampliarem experiências, com o contato à novas possibilidades de exploração tátil, tais como minhocas, folhas, que desafiaram as possibilidades formativas.

Imagem 3: explorando o ambiente natural



Fonte: arquivo das autoras 2024

Uma alternativa rica que contém todos os elementos que vão produzindo transição de motivos para novas ações e relações com os objetos e os elementos naturais (Lazaretti e Magalhães, 2019, 156).

O contato com a natureza pode fortalecer a memória e a capacidade de aprendizagem, as atividades ar livre é essencial para o desenvolvimento motor da criança.

A partir do exposto, as ações desenvolvidas revelaram um resultado significativo no desenvolvimento infantil. Além de provocar a curiosidade e a criatividade, essas experiências desafiaram as crianças a superarem os seus medos, desenvolvendo habilidades sociais. Esse processo facilita o aprendizado da criança para elas lidarem com situações desafiadoras, isso contribuiu no desenvolvimento de habilidades sociais como a comunicação que é fundamental para convivência em grupo.

A Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de

informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações
(Gisela Wajskop, 2022, p. 9).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências com a natureza durante o estágio supervisionado mostraram um desenvolvimento integral das crianças. A exploração com a natureza incentivou as crianças há explorar a criatividade, o sensorial e superar o receio, promovendo uma aprendizagem significativa e fortalecer o vínculo das crianças com o ambiente natural.

Essa experiência destacou a importância de incorporar a natureza ao cotidiano escolar. A valorização do espaço externo deve ser um ponto central na Educação Infantil, contribuindo para a formação das crianças com a natureza e com o mundo ao seu redor.

Essa experiência evidenciou o papel crucial do estágio supervisionado na formação docente. Ele não apenas conecta teoria e prática, mas reforça a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem o brincar e a integração com o meio ambiente. Incorporar a natureza ao processo de ensino é um caminho potente para promover aprendizagens significativas e formar professores mais conscientes e preparados para lidar com as complexidades do desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL. Ciências da Natureza: Práticas Educativas na Educação Infantil / Gisela Wajskop. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2022.

BAURU. Secretaria Municipal da Educação. Currículo Comum de Bauru para Educação Infantil e Ensino Fundamental. Bauru: Secretaria Municipal da Educação, 2022.

BROERING, A. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2008, p 107 – 126.

LAZARETTI, L. M.; MAGALHAES, C. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: Reflexões sobre o Espaço Como Potencializador das Aprendizagens de Bebês e Crianças na Educação Infantil. In: Cassiana Magalhães, Nadia Mara Eidt. (Org). **Apropriações Teóricas e suas Implicações na Educação Infantil**. 1ed. Curitiba: Editora CRV, 2019, v. 1, p. 1 – 247.

VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONHECENDO E APRENDENDO SOBRE OS ELEMENTOS NATURAIS

VICENTE, Isabela Vitória Vieira ¹³⁴

LAZARETTI, Lucinéia Maria ¹³⁵

RESUMO: O presente resumo destaca as experiências realizadas durante o Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil, no segundo ano do curso de Pedagogia da UNESPAR - (campus Paranavaí). Foi realizado no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), em uma turma com 12 crianças do Infantil IV, o objetivo foi narrar o desenvolvimento do estágio em relação com a vivência com os elementos da natureza e suas implicações para o desenvolvimento das crianças. Partimos do pressuposto que a aprendizagem da criança acontece de forma eficaz quando o ensino é organizado com experiências que consideram as características do desenvolvimento infantil de cada período da vida. Assim, este relato apresenta uma das três intervenções realizadas durante o período do 3º bimestre no estágio, com o propósito de incentivar as crianças a interagirem com o ambiente, promovendo a curiosidade e a cooperação, além do cuidado e respeito pelas plantas e outros elementos naturais. Deste modo, em pequenos grupos, as crianças, juntamente com a acadêmica, percorreram o espaço externo, coletando elementos naturais e, por meio de desenhos, produziram impressões, exploraram cores, texturas das folhas, das flores, dos galhos secos, das sementes e desenharam suas impressões e vivências. Os resultados indicam que organizar as práticas em pequenos grupos de crianças favorece a mediação docente, a interação com o espaço e a exploração das ações de ensino, de modo a contribuir com o desenvolvimento das crianças. Assim, o estágio supervisionado favorece que a compreensão da educação infantil e da docência seja significativa para a formação e atuação profissional.

Palavras-chave: Educação Infantil. Estágio Curricular Supervisionado. Elementos da Natureza.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo evidencia uma observação detalhada sobre a relação entre a organização do espaço na Educação Infantil e o desenvolvimento das crianças em contato com os elementos naturais. Explorando a natureza diante do olhar

¹³⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), belinhaiv28@gmail.com..

¹³⁵ Professora Doutora; Professora orientadora do Estágio em Educação Infantil do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lucineia.lazaretti@unespar.edu.br.

pedagógico, para ampliar seu conhecimento sobre como estes elementos e o espaço externo influencia a aprendizagem na infância.

Este artigo é fruto de uma experiência de Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil, do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, no ano de 2024. Realizamos diferentes ações: estudos teóricos, períodos de observação, planejamento e intervenção; propostas de organização do espaço; entre outras. Dessas ações, elegemos para aprofundar a discussão, o tema sobre as vivências com os elementos da natureza e a intervenção didática em uma turma de Infantil IV, com crianças de 3 a 4 anos de idade, em um Centro Municipal de Educação Infantil da região Noroeste do Paraná.

Consideramos que o estágio é uma **experiência de aprendizagem** fundamental no processo de formação dos futuros profissionais, principalmente na área da educação. O estágio não é visto apenas como uma **atividade obrigatória**, mas sim como uma vivência de **ensino e de aprendizagem**.

O estágio é fundamental na formação do novo educador, e quanto mais sistematizado, mais resultados positivos e aprendizagens significativas haverá. (BROERING, 2008, p.109).

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é narrar o desenvolvimento do estágio em relação com a vivência com os elementos da natureza e suas implicações para o desenvolvimento das crianças. A Metodologia parte dos estudos teóricos da disciplina associada ao estágio em campo no Centro Municipal em Educação Infantil, com crianças de 4 anos, em um CMEI, no qual organizamos as ações em diversos momentos. Aqui destacaremos alguns aspectos dessas vivências: a) organização das crianças em pequenos grupos; b) criar e produzir registros a partir dos elementos da natureza.

com a organizado em pequenos grupos com as crianças e juntamente com a acadêmica, percorreram o espaço externo, coletando elementos naturais e, por meio de desenhos, produziram impressões, exploraram cores, texturas da folhas, das flores, dos galhos secos, das sementes e desenharam suas impressões e vivências. Na sequência, apresentaremos os resultados e discussões da experiência vivenciada.

2. VIVÊNCIAS COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O contato com a natureza estimula os cinco sentidos de maneira única. As crianças podem ouvir os sons dos pássaros e do vento, ver a diversidade de cores e formas, sentir o cheiro de flores e plantas, e até mesmo experimentar diferentes sabores com frutos e ervas. Além de incentivar a explorar diferentes texturas e a percebê-las por si próprio, como foi o caso de uma criança, que percebeu a diferente textura entre o papel que estava na calçada crespada e a bolacha de madeira lisa.

As práticas educativas precisam promover ambientes de experiências nos quais as crianças possam construir conhecimentos sobre esse mundo em transformação. Isso é feito por meio da observação do entorno, da elaboração de perguntas e da investigação científica desses questionamentos. (WAJSKOP, Gisela. 2022, p. 13).

Na experiência de estágio aqui relatada, com crianças de 4 anos, em um CMEI, organizamos as ações em diversos momentos. Aqui destacaremos alguns aspectos dessas vivências: a) organização das crianças em pequenos grupos; b) criar e produzir registros a partir dos elementos da natureza.

Para a proposição da intervenção do estágio, adotamos como estratégia, organizar crianças em pequenos grupos. Essa pode ser uma estratégia eficaz tanto para fins educacionais quanto em atividades recreativas, promovendo um aprendizado mais eficiente e uma socialização mais tranquila. Essa organização permite que os alunos interajam de forma mais direta, participem ativamente das atividades e desenvolvam habilidades importantes. Em grupos pequenos, todos têm mais oportunidade de se expressar e de se envolver nas tarefas, os alunos aprendem a se comunicar, negociar, dividir responsabilidades e trabalhar em equipe. Trabalhar com grupos pequenos permite uma atenção mais personalizada. Os professores podem identificar rapidamente as necessidades e dificuldades de cada aluno, oferecendo orientações mais direcionadas.

Na instituição de educação infantil, esse espaço de acolhimento e educação deve impulsionar aprendizagens e, conseqüentemente, o desenvolvimento das crianças. Para tanto, não apenas o olhar atento do adulto/professor, mas a consciência da ação de ensino intencional, planejado, com finalidades claras, pode conduzir práticas pedagógicas desvolventes para bebês e crianças. (Lazaretti; Schmitt. 2024, p. 12).

Quando as crianças estão organizadas em grupos menores, a gestão de comportamento e atividades tende a ser mais fácil e os alunos terão o pensamento coletivo incentivado, onde as crianças são incentivadas a trocar ideias e apresentar soluções diferentes para um problema ou tarefa. Isso estimula tanto o raciocínio crítico quanto a criatividade

Em nossa sociedade, há um conjunto de experiências humanas que precisa tornar-se riqueza individual das crianças e, para isso, elas necessitam entrar em contato e apropriarem-se do conhecimento nas suas formas mais elaboradas: científica, estética e ética; se relacionarem com os outros, adultos e crianças de diferentes idades; utilizarem recursos variados da fotografia, das artes visuais, teatral, de literatura, das narrativas orais e escritas, da exploração da natureza, seus elementos e fenômenos, dos espaços internos e externos, de modo a ampliar a experiência com o mundo e com a natureza. (Lazaretti; Schmitt. 2024, p. 12).

Em grupos grandes, algumas crianças podem acabar se afastando ou não participando tanto das propostas feitas. Isso significa que cabe ao professor compreender quem é a criança e como ela aprende em cada momento do seu desenvolvimento, para adotar estratégias favoráveis as aprendizagens infantis.

Definida a finalidade educativa, implica compreender quem é a criança que aprende, enquanto sujeito do processo educativo, e que precisa ter contemplado suas condições de aprendizagem. O princípio orientador é pensar essa criança como um sujeito ativo, que no processo de aprendizagem, na execução de qualquer ação, 33 coloca em movimento todas as capacidades psíquicas e, portanto, é em atividade que essa criança pode aprender e desenvolver. (Lazaretti; Schmitt. 2024, p. 33).

A divisão das crianças em grupos grandes ou pequenos pode impactar diretamente o seu aprendizado, assim como, a interação e o desenvolvimento.

Em grupos pequenos, os professores podem focar mais individualmente nas necessidades de cada criança, com as crianças participando mais ativamente, pois têm mais oportunidades de falar e serem ouvidas, favorecendo a colaboração, troca de ideias e soluções criativas, tornando assim, as dinâmicas são mais gerenciáveis, conforme ilustra a imagem 1.

Ser professor de bebês e de crianças pequenas exige que compreendamos esse movimento de como a criança aprende, como ela começa a saber das coisas no mundo, e que esse saber é

dependente de intervenções qualificadas na experiência cultural da humanidade. (Lazaretti; Schmitt. 2024, p. 33).

Já quando os grupos são maiores o professor tem menos tempo para atender as necessidades de cada criança, o que pode limitar a aprendizagem e desenvolvimento, e com mais alunos, o controle do ambiente e a dinâmica de grupo podem se tornar mais desafiadores.

Essa diversidade e riqueza – natural e cultural – podem e devem ser apresentados às crianças, a depender dos objetivos orientadores, de modo a ampliar sua experiência no mundo, explorando e agindo com esses recursos e objetos, mediados pela ação intencional do professor. No entanto, a depender do objetivo, o professor organiza o tempo e o espaço, seleciona os materiais e, precisa organizar o grupo de crianças. Algumas ações de ensino são mais favoráveis de maneira coletiva como rodas de conversas, brincadeiras dirigidas, contação de história; Outras ações são mais adequadas em pequenos grupos, como por exemplo, direcionar o uso de algum instrumento e aprender uma nova ação (uso da tesoura e o recorte e colagem); e outras mais adequadas de forma individual (momento da troca, da alimentação e de uma conversa). (LAZARETTI, L. M. 2022, p. 11).

Imagem 1: organização de pequenos grupos



Fonte: arquivo das autoras, 2024.

A partir dessa organização em pequenos grupos, fizemos a proposição de coletar elementos naturais, explorar o ambiente externo, para produzir registros e marcas dessas vivências. Assim, as crianças, em pequenos grupos, coletaram vários elementos da natureza como pequenos gravetos, folhas das árvores, pequenas vagens secas, entres vários outros. As pequenas vagens secas causaram curiosidade nos alunos, por ser uma folha, mas de madeira e fazer barulho ao quebrar. Nos registros foi possível perceber que eles conheciam outros elementos da natureza, além dos que encontraram. Na imagem abaixo, percebemos as crianças produzindo seus registros, a partir da coleta de elementos naturais que realizaram.

O espaço comunica como as crianças ocupam ou não os ambientes, se participam ou não da sua composição e produção, expressa e revela como as crianças e seu grupo, junto com o professor, planejam e organizam, considerando que o espaço conta a história deste grupo. (Lazaretti, 2022, p. 11).

Imagem 2: criar e expressar



Fonte: arquivo das autoras, 2024.

No decorrer desta produção dessa criação, durante a utilização das bolachas de madeira no desenho, um aluno percebe que a bolacha é mais lisa que o papel craft, que estava embaixo da calçada de concreto, então ele começa a desenhar na bolacha de madeira.

Então pedi para que ele parasse, para que o papel craft não saísse voando com o vento.

- Não, desenha no papel, se você tirar a bolacha o papel vai sair voando.

Então ele me respondeu: - Mas tia, o papel tá ruim pra desenhar, e aqui tá lisinho olha!, Diz me entregando a bolacha.

Demonstrando que organizar as práticas em pequenos grupos de crianças favorece a mediação docente, a interação com o espaço e a exploração das ações de ensino, de modo a contribuir com o desenvolvimento das crianças.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil permitiu observar como a interação com os elementos naturais e a organização do espaço favorecem o desenvolvimento das crianças. A divisão em pequenos grupos facilitou a interação, a colaboração e a aprendizagem, permitindo que as crianças explorassem de forma mais direta o ambiente ao seu redor. As atividades práticas com a natureza, incentivaram a curiosidade, a criatividade e o respeito pelo meio ambiente, promovendo o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Este estágio demonstrou a importância de uma abordagem educativa que valorize a interação com a natureza e que favoreça a aprendizagem de forma lúdica e significativa, sendo essencial para a formação de futuros educadores e para a prática pedagógica na educação infantil.

4 REFERÊNCIAS

WAJSKOP, Gisela. Ciências da natureza: práticas educativas na educação infantil. Gisela Wajskop. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal: 2022.

LAZARETTI, Lucinéia Maria; SCHMITT, Silvana Lazzarotto. **Didática na Educação Infantil: possibilidades educativas com bebês e crianças pequenas.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 183p.

LAZARETTI, L. M. Didática e Educação Infantil: princípios para o ensino desenvolvedor. *Obutchénie. Revista De Didática E Psicologia Pedagógica*, 6(3),

721–734. 2022. <https://doi.org/10.14393/OBv6n3.a2022-67175>

BROERING, Adriana de Souza. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 107-126.

TERCEIRO ANO

A IMPORTÂNCIA DE UTILIZAR RECURSOS LÚDICOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

VIEIRA, Bruna Gabriela Lima¹³⁶

VITORINO, Gabrieli da Silva Martins¹³⁷

RODRIGUES, Adriana Aparecida¹³⁸

RESUMO: O presente artigo relata as vivências e experiências obtidas no período do Estágio Curricular Supervisionado do curso de pedagogia (UNESPAR/Campus Paranavaí), realizado em uma escola municipal do ensino fundamental, sendo está na área periférica do município de Paranavaí. Enfoca as práticas de ensino e o processo formativo dos acadêmicos e acadêmicas para a docência. Assim, temos como objetivo narrar as experiências das práticas de ensino na educação básica dos anos iniciais (observação, planejamento e intervenção), no qual evidenciamos a importância da utilização dos recursos lúdicos durante as práticas realizadas em sala de aula. O estudo mostrou que os recursos lúdicos contribuem para os processos de aprendizagem das crianças e para a nossa formação enquanto docentes, desde que usados corretamente. Além disso, compreendemos a importância do elo teoria e prática, propiciada pela realização do estágio supervisionado.

Palavras-chave: Recursos lúdico. Estágio supervisionado. Anos iniciais do ensino fundamental.

1 INTRODUÇÃO

A ludicidade tem um grande papel quando falamos do processo de ensino e aprendizagem das crianças, pois promove um ambiente em que o aprendizado ocorre de forma prazerosa e significativa. Ao envolver as crianças em atividades lúdicas, é possível estimular não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também habilidades

¹³⁶ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), brunagabivieira@gmail.com

¹³⁷ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), gabimarvir123@gmail.com

¹³⁸ Doutora em Educação; Professora orientadora e supervisora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) e do Centro Universitário UniFatecie, drikarodrigues66@hotmail.com.

sociais, emocionais e motoras. Vygotsky (2007) defende que o brincar facilita o avanço do pensamento abstrato e simbólico, permitindo que a criança explore conceitos complexos de maneira acessível. Além disso, o jogo promove a interação social e a resolução de problemas, essenciais para a construção do conhecimento e o desenvolvimento integral da criança.

A partir dessas afirmativas, e mediante das observações e participações realizadas no campo estagiado (uma escola de anos iniciais do ensino fundamental, localizado em uma região periférica, na cidade de Paranavaí), evidenciamos a falta da ludicidade no ambiente escolar, o que tornava dificultosa e sem significado a aprendizagem dos alunos, uma vez que a faixa etária indicada, trata-se de **CRIANÇAS**, que necessitam brincar, explorar, vivenciar, sentir, entrar e estar no lúdico, faz de conta.

É notório que é papel do educador trazer para a sala de aula um embasamento teórico, pedagógico e com formação lúdica para que o mesmo possa aplicar a sua metodologia de forma produtiva com os seus educandos. Contudo, consideramos que o lúdico só será qualitativo no processo de ensino aprendizagem se houver o conhecimento da teoria juntamente com a prática (Silva; Oliveira; Pereira; Almeida, 2019).

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 LÚDICO E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Para que o aprendizado por meio de recursos lúdicos seja qualitativo e significativo, é essencial considerar que o desenvolvimento mental e cognitivo da criança ocorre de maneira integrada, fundamentados em suas vivências e na interação com a escola. A criança, com seu potencial formativo, constrói seu conhecimento científico a partir de experiências práticas e atividades de experimentação. Desta forma, os conteúdos escolares não precisam apenas transmitir informações, mas também promover elementos essenciais para o desenvolvimento integral da criança. É fundamental que o processo de ensino e

aprendizagem seja estruturado com práticas que permitam à criança explorar, vivenciar e integrar os conceitos científicos de maneira significativa, facilitando seu desenvolvimento global.

Os conceitos científicos, com suas atitudes totalmente distintas para o objeto, mediados através de outros conceitos com o seu sistema hierárquico interno de relações mútuas, constituem a esfera em que a tomada de consciência os conceitos, ou seja, sua generalização e domínio, surgem, ao que parece, em primeiro lugar. Uma vez que é a nova estrutura da generalização surge em uma esfera do pensamento, se transfere depois, como qualquer estrutura, como um determinado princípio de atividade, sem necessidade de aprendizagem alguma, a todas as restantes esferas do pensamento e dos conceitos deste modo, a tomada de consciência vem pela porta dos conceitos científicos (Sforni; Galuch, 2006a, p. 151).

Conforme Sforni e Galuch (2006) sabe-se que ao ingressar na escola o aluno possui um saber espontâneo, adquirido nas experiências vividas em diferentes situações e espaços sociais. A escola trabalha com o conhecimento científico e, ao transmitir determinado conteúdo, transmite, também, formas de pensar, analisar, reelaborar e agir. É importante ressaltar, ainda, que para se posicionar conscientemente diante de qualquer fato, fenômeno ou conceito, é imprescindível o saber sistematizado. É difícil, por que não dizer impossível, o aluno emitir opiniões que ultrapassem o conhecimento empírico, imediato, se os conceitos espontâneos, que ele adquiriu em situações da sua vida cotidiana, forem tomados como pontos de partida e de chegada.

Nesse direcionamento, os conceitos científicos não podem ser deixados de lado, pois também são essenciais para o desenvolvimento da criança na idade escolar, podemos destacar que a formação dos conceitos científicos na idade escolar, deve ser um processo dinâmico, e que não seja respaldado ou apoiado apenas em Transmissão de palavras, ou memorização. pode-se dizer que o processo acontece na escola aos poucos, onde os estudantes podem realizar um trabalho mental para identificação dos objetos de estudo, construindo novos conceitos, pois estes conceitos não são adquiridos de forma rápida ou simplesmente vem pronto, eles precisam da mediação do professor e das relações que ocorre dentro da sala de aula, para que

sejam guiados para descobri-los por conta própria, sendo de responsabilidade da escola e do professor guiar o estudante até essa compreensão (Sforni; Galuch, 2006).

Logo, é imprescindível que para chegar à construção do conhecimento científico é necessário ter como ponto de partida o conhecimento empírico, fazendo uma relação entre os conceitos existentes, tais como, científico e empírico. Sendo assim o professor resgata os conhecimentos prévios e os transforma em científicos, sem desconsiderar as redes culturais que o aluno carrega consigo, para isso, é necessário que exista atividades de ensino que contribua no desenvolvimento dos estudantes levando ele a reflexão, o saber crítico frente ao novo conhecimento, raciocínio lógico baseado nos conceitos adquiridos e a facilidade de percepção e mudanças, tudo isso fazendo com que exista um movimento do pensamento dos estudantes.

Aprender, portanto, não significa recitar um número cada vez maior de conceituações formais, mas elaborar modelos, articular conceitos de vários ramos da ciência, de modo a cada conhecimento apropriado pelo sujeito aplicar-lhe a rede de informações e lhe possibilitar tanto a atribuição de significados como o uso dos conceitos como instrumentos de pensamento. Enfim, a aprendizagem promove uma transformação cognitiva no indivíduo que envolve reflexão, análise e síntese (Sforni; Galuch, 2006b, p. 221).

Vale lembrar, que segundo o Vygotsky (2007) os conceitos cotidianos “crescem” com os conceitos científicos, pois estes oferecem estruturas para o desenvolvimento ascendente dos conceitos espontâneos. Vygotsky (2007) afirma também, que, para o desenvolvimento da criança não ser afetado, é necessário que os conceitos científicos e os conceitos corriqueiros sejam interligados na hora da construção da aprendizagem da criança. Com isso, percebe-se que a prática em sala de aula, requer a utilização de diferentes procedimentos e recursos que proporcione ao aluno a formação da sua autonomia intelectual e do pensamento crítico.

A partir do apresentado, destacamos que

A ação pedagógica coerente deve estar de acordo com os interesses e necessidades da criança. Normalmente não é isso o que ocorre, pois o planejamento ocorre à revelia das crianças, ou seja, é feito sem a

observação das crianças. Outro esclarecimento: na instituição educativa, até o brincar livre requer um planejamento da instituição: tempo, espaço, materiais e disponibilizar interações. O brincar livre não significa espontaneísmo e disponibilizar interações. O brincar livre requer muito planejamento do adulto, para que a criança possa usufruir de sua liberdade de ação, para se manifestar, escolher e expressar a cultura lúdica. No curso de Pedagogia todos, gestores e professores, devem ter acesso aos conhecimentos sobre a criança. Um bom professor é um bom gestor e vice-versa. (Lombardi, 2010, p. 128).

Enfatizado dessa forma, que a aplicação de recursos lúdicos exige uma avaliação do papel da escola e da educação no contexto atual, embora essa não seja a intenção principal deste estudo. No entanto, isso nos leva a considerar a importância de refletir sobre as estratégias impostas nas instituições de ensino em relação à utilização do lúdico como um recurso significativo para a aprendizagem.

A escolha da atividade lúdica e dos meios mais apropriados para oferecê-la à criança é definida de acordo com os objetivos educativos pretendidos, visando atender às suas necessidades sócio-afetivas e psíquicas da criança. Por isso é fundamental promover, na escola, motivações semelhantes às que ela encontra no jogo em ambiente não-escolar (Pimentel, 2008, p.126).

Nesse patamar frisamos a importância de selecionar cuidadosamente atividades lúdicas que sejam adequadas aos objetivos educativos, levando em consideração as necessidades sócio-afetivas e psíquicas das crianças. Essa abordagem é essencial para criar um ambiente de aprendizagem que ressoe com as experiências que as crianças vivenciam fora da escola, especialmente durante os jogos. Quando as atividades lúdicas na escola refletem as motivações que as crianças encontram em contextos não escolares, como a liberdade de explorar, a criatividade.

Esse alinhamento entre as experiências lúdicas na escola e fora dela não apenas enriquece o processo de aprendizagem, mas também contribui para o desenvolvimento integral da criança, pois favorece a expressão emocional, a colaboração e a construção de vínculos afetivos. Além disso, ao integrar elementos do jogo na educação, a escola pode promover um ambiente mais dinâmico e motivador, que estimula a curiosidade e o desejo de aprender. Portanto, considerar

as necessidades e interesses das crianças ao planejar atividades lúdicas é fundamental para garantir que a educação seja uma experiência

2.2 A UTILIZAÇÃO DO LÚDICO NO COTIDIANO ESCOLAR: VIVÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A partir do apresentado, enfatizamos nesse momento, a utilização do lúdico no cotidiano escolar, a partir das vivências no campo estagiado, tanto nas observações e participações, como na intervenção pedagógica. Pudemos observar três turmas do ensino fundamental anos iniciais de uma escola de período integral, sendo estas: primeiro, segundo e terceiro ano.

No primeiro ano, logo após acordarem da hora da soneca, as crianças com o auxílio do professor guardaram seus colchonetes, cobertores e demais utensílios, arrumaram as mesas e cadeiras de acordo com a organização da sala de aula. O professor iniciou a aula colocando a data no quadro para que eles pudessem copiar e explicou que naquele dia iriam trabalhar os personagens do folclore brasileiro, em seguida, distribuiu desenhos de cada personagem acompanhado de um texto explicativo que falava sobre as características de cada um dos personagens e pediu para que os alunos colorirem o desenho, logo deu a hora do recreio e as crianças foram lanchar, quando retornaram, foi realizada uma leitura compartilhada dos textos, após, os alunos recortaram e o professor grampeou os desenhos em forma de livro.

Na turma do segundo ano do ensino fundamental - anos iniciais, durante um período de 4 horas de aula, realizamos observação e participação. Neste dia, a rotina das crianças consistiu na mesma forma como nos outros dias, organização da sala e depois iniciar a aula. o conteúdo abordado foi leitura e escrita. As crianças deveriam ler um texto aplicado pela professora regente e, em seguida, realizar algumas atividades que foram passadas no quadro negro. Eles tinham que anotar no caderno e responder conforme a leitura do texto distribuído.

Após a leitura do texto “O Sapo e a Estrela”, a professora fez algumas perguntas problematizadoras, relacionando-as ao conhecimento prévio dos alunos. Essas questões levaram as crianças a refletir sobre seus próprios desejos e curiosidades, que são naturais do ser humano, abordando como lidar com frustrações

e aceitar que nem sempre podemos ter tudo o que queremos. Essas perguntas e diálogos incentivaram a reflexão e o compartilhamento de experiências entre as crianças. Os procedimentos metodológicos incluíram explicações da professora, que, após a leitura, discutiu com os alunos a moral da história. Os alunos foram convidados para discutir em grupos o que achavam mais interessante. As crianças demonstraram interesse e conseguiram relacionar o tema abordado com suas experiências cotidianas, compartilhando-as com os colegas.

Todos participaram da aula dialogada, e, quando alguém se dispersava, a professora regente fazia perguntas norteadoras para trazê-los de volta ao foco. Os registros utilizados foram o caderno, o quadro negro e a interação oral. Na aula descrita, a falta de atividades lúdicas é notável, o que poderia ter tornado o aprendizado mais dinâmico e envolvente. O uso de jogos, dramatizações ou atividades mais interativas poderia ter complementado a leitura do texto, ajudando as crianças a se conectarem de forma mais criativa e prática com os conceitos trabalhados. Embora o diálogo e a reflexão tenham sido bem explorados, a inserção de elementos lúdicos, como atividades de grupo com materiais visuais ou brincadeiras que simulassem os desafios do texto, teria potencializado ainda mais a participação e o engajamento das crianças, tornando o aprendizado mais prazeroso e significativo.

Na turma do 3º ano do ensino fundamental. No primeiro momento as crianças acordaram, organizaram os seus colchonetes, fazendo uma organização geral da sala de aula. Inicialmente, após a organização, a professora trabalhou com leitura e interpretação de texto. Ela distribuiu um texto impresso, onde as crianças pintaram as ilustrações e depois fizeram a leitura, dividida entre elas. A história falava de um peixe perdido no mar, e os alunos foram desafiados a criar um final para ele. Uma criança perguntou por que o peixe fugiu de casa, e a professora aproveitou esse momento para discutir sobre a desobediência, ligando o tema à realidade das crianças. O diálogo fluiu de forma natural, conectando as experiências delas com a história. Embora a aula tenha promovido a participação e o diálogo, percebemos a falta de atividades lúdicas que poderiam tornar o aprendizado mais dinâmico e envolvente. O uso de jogos, dramatizações ou atividades mais interativas teria enriquecido a aula, permitindo que as crianças assimilassem o conteúdo de forma mais divertida e prática. O lúdico é essencial para a educação infantil, pois estimula a imaginação, facilita a aprendizagem e torna o ambiente de ensino mais atrativo.

Diante desse contexto, nossas intervenções, partiram da utilização do lúdico, de forma significativa e conceitual. Levamos em consideração antes de planejar as nossas intervenções que a escola funciona como período integral, de certa forma tornando a rotina das crianças cansativa. Uma turma de 25 alunos e uma carga horária exorbitante, pois trata-se de crianças, que querem brincar e se desenvolver como tais, porém, com o excesso de conteúdos e pouca interação, percebemos durante as nossas observações participativa que as crianças acabavam não desenvolvendo atividades nenhuma, onde eles ficavam desatentos e bastante agitados, impedidos de desenvolverem uma aprendizagem significativa.

Essa realidade nos levou a questionar o quanto as aulas tornaram-se automatizadas e sem significado para as crianças, fazendo com que buscássemos tornar o ambiente que iremos trabalhar mais envolvente e prazeroso para a aprendizagem. Pois, segundo estudos, a infância é um momento único e de total importância para o desenvolvimento humano, é nela que aprendemos, que nós desenvolvemos enquanto seres humanos em sua totalidade. Por isso, se faz necessário existir uma busca incansável de alternativas para ensinar essas crianças, agarrando a sua curiosidade e desejo para aprimorar os conhecimentos científicos e empíricos para por fim, acontecer o desenvolvimento integral.

Quando partimos do princípio de que estamos ensinando crianças, e que estas necessitam de um olhar cuidadoso durante o processo de aprendizagem, se faz necessário refletir acerca do lúdico enquanto método para ensinar. O lúdico pode ser conceituado como brincadeiras criativas, atividades recreativas e desafios que tornam o momento prazeroso e qualitativo. O lúdico pode ser uma porta de entrada para desenvolver habilidades nas crianças que vão impactar em sua natureza. Diante disto, na convivência em sala de aula nesta turma observada, as crianças demonstraram durante todo o período o cansaço e a lentidão em realizar as atividades. Conseguimos ao longo deste período conversar com algumas crianças que disseram que estavam cansadas de fazer tarefas na “folhinha”, que eles querem apenas brincar na quadra. Com esses relatos levantamos discussões do quanto estamos perdendo oportunidades de desenvolver nestas crianças coisas incríveis e de total importância.

Para isso, observamos a rotina da turma onde podemos observar como ocorria o processo de ensino e aprendizagem, com isso percebemos que as cenas ali

vivenciadas eram desafiadoras, partindo de uma via de mão única por parte do professor que sempre utilizava uma metodologia tradicional com pouco uso de recursos para aplicação das suas aulas. Podemos citar também que as nossas intervenções enquanto professoras-estagiárias, percebemos que a interação das crianças na aula foi incrível e impactante, a felicidade e desejo de participar de atividades diferentes eram de um tamanho absurdo, elas ficavam agitadas e por muitas vezes tivemos que interferir para que houvesse um bom andamento das aulas. Mas o nosso objetivo estritamente era desenvolver algo diferente do habitual, permitindo que essas crianças conhecessem o lado bom de se aprender algo.

Levando em consideração o exposto, vamos detalhar algumas ações realizadas enquanto estávamos na condução das aulas. Com isso, realizamos uma intervenção em uma turma do terceiro ano do ensino fundamental, trabalhando o componente curricular de Língua Portuguesa. A unidade temática foi a leitura e análise linguística. O objetivo da aprendizagem foi apreciar poemas, observando rimas e diferentes divisões de versos e estrofes, explorando seu efeito de sentido. Trabalhamos também a leitura e escrita de palavras com encontros consonantais, relacionando grafemas e fonemas.

A aula foi dividida em vários momentos, buscando ser sempre dinâmica e diversificada para as crianças. Começando pela acolhida e uma explicação oral com uso do quadro negro. Em seguida, realizamos a leitura compartilhada do poema “O Menino Azul”, de Cecília Meireles, permitindo que as crianças compartilhassem suas vivências, dando espaço para um diálogo, promovendo a interação das crianças, identificando aspectos da poesia que refletiam em experiências pessoais. Utilizamos também de forma lúdica, a história “A Letra Intrometida” para explicar aos alunos como e por que os encontros consonantais ocorrem nas palavras, esse momento fugiu um pouco do habitual que as crianças estavam acostumadas, onde elas escutaram uma história e se divertiram com ela, sendo permitido que essas crianças desenvolvem a imaginação. Um momento de aprendizagem e descontração entre os alunos. Percebemos que ao longo desta interação ele demonstrava interesse, participava o tempo todo. Para finalizar, realizamos uma atividade de recorte, onde os alunos buscaram palavras com encontros consonantais e as apresentaram para a turma. A metodologia utilizada foi bastante interativa e atrativa, o que ajudou a manter os alunos engajados durante toda a realização das atividades.

Durante a aula, eles participaram ativamente, interpretando o significado das poesias e compartilhando as emoções que sentiram ao lê-las. Foi um momento importante, pois todos os alunos demonstraram compreensão e interesse ao responder às perguntas orais. A introdução ao conceito de poesia foi feita de forma clara e objetiva, acessível a todos. Utilizamos o quadro negro para explicar elementos como ritmo, métrica e rima, o que facilitou a visualização e entendimento dos conceitos. A leitura do poema foi um sucesso, e as crianças gostaram de participar, principalmente quando associamos o conteúdo a uma contação de história, tornando o aprendizado mais lúdico, atrativo e impactante. O uso do “bingo consonantal” foi uma atividade prática e em grupo, que ajudou os alunos a identificarem encontros consonantais de forma lúdica e colaborativa.

No encerramento, as crianças apresentaram seus trabalhos e participaram de uma discussão sobre o que aprenderam, reforçando os conceitos e refletindo sobre a importância dos encontros consonantais na língua portuguesa. Através destas atividades lúdicas percebemos que a interação das crianças durante este processo foi proveitosa e de extrema importância, pois nos permitiu vivenciar os efeitos do lúdico em uma sala de aula, e o quanto este momento traz reflexos positivos para a aula, sendo este utilizado de forma correta.

No dia 26 de julho de 2024, realizamos a segunda intervenção em uma turma de segundo ano do ensino fundamental. A aula de Língua Portuguesa focou no uso adequado de ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação. O objetivo era reler e revisar textos, corrigindo e aprimorando-os com a ajuda do professor e dos colegas. Para desenvolver esta aula, buscamos alternativas de jogos, brincadeiras e atividades criativas para envolver as crianças e priorizar a sua aprendizagem, oportunizando que seja realizado a transmissão de conhecimento e trocas dentro de sala de aula, sem descaracterizar que estamos lidando com crianças e que necessitam de respeito nesta faixa etária tão primordial para o desenvolvimento humano. Para isso, desenvolvemos atividades lúdicas.

Entretanto, neste segundo dia de intervenção, a aula começou com uma apresentação coletiva, seguida da brincadeira “batata quente”, onde as crianças, em círculo, passavam uma bola e completavam frases com o sinal de pontuação correto. Utilizamos o quadro negro para corrigir as frases e garantir a participação de toda a

turma de forma colaborativa. Os “balões da pontuação” foram um recurso didático eficaz, onde os alunos estouravam os balões e usavam os sinais de pontuação em frases previamente preparadas. Trabalhando em duplas, eles puderam cooperar e trocar conhecimentos, tornando o aprendizado prático e divertido. A criação de histórias em grupos foi outro ponto importante, permitindo que os alunos aplicassem os conceitos de forma criativa, reforçando o uso correto dos sinais de pontuação. O processo de ensino foi encerrado com uma discussão em grupo sobre as histórias criadas, além da elaboração de cartazes. Esse momento de reflexão coletiva consolidou o aprendizado, garantindo que os alunos compreendessem a importância da pontuação na construção de sentido nos textos. Buscamos tornar a aula envolvente, marcada pela interação constante entre alunos e professoras, e pela utilização de estratégias lúdicas que tornaram o aprendizado mais significativo e prazeroso para os alunos.

Em outro momento, numa turma de 1 ano, realizamos a terceira intervenção. Neste dia, realizamos algumas atividades lúdicas, um exemplo, foi a “dança da cadeira com perguntas e respostas”, as crianças brincaram e desenvolveram suas habilidades de responder perguntas orais conforme fosse solicitado pela professora. Outra atividade que podemos citar é quando levamos na sala um recipiente com farinha para que eles utilizassem os seus próprios dedos para desenhar a letra “G”.

Este momento único nos oportunizou, tanto para as crianças, quanto para nós enquanto professoras, um dia divertido e rico em aprendizagem, em um dia o cenário era triste, sem parecer que estávamos lidando com crianças. Mas quando tivemos a oportunidade de realizar atividades lúdicas com essas crianças do ensino fundamental, foi notório a qualidade da aula, e o quanto esse processo em sala de aula pode impactar na vida dessas crianças. Devemos enquanto professores, avaliar as nossas ações, estabelecer objetivos que se apliquem a faixa-etária, e que possam desenvolver momentos incríveis e cheios de aprendizagem.

Vale ressaltar que o cenário das escolas ainda é preocupante, tendo em vista esse relato de experiência que realizamos, percebemos que esta realidade é real em muitas instituições de educação. Deveríamos enquanto educadores tirar do anonimato as brincadeiras e jogos lúdicos, para alcançarmos não apenas bons resultados, mas também excelentes. Diante disto, segundo Wajskop (2001, apud

Bacelar, 2009, p. 26) vem afirmar que “A maioria das escolas tem dedetizado a atividade lúdica das crianças, restringindo-as a exercícios repetidos de discriminação viso motora e auditiva, através do uso de brinquedos, desenhos coloridos ou mimeografados e músicas ritmada”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto ao longo do estudo, que tem como objetivo compreender a importância do uso do lúdico nos anos iniciais do ensino fundamental e as consequências da falta do mesmo, evidenciamos que, através do lúdico com objetivo e significado, a criança desenvolve seu cognitivo, físico motor, criatividade, comunicação e socialização dentre vários outros benefícios, se faz necessário que o educador aplicador do método tenha um bom embasamento teórico metodológico, pois “o lúdico pelo lúdico” não obtém resultados se tornando apenas uma brincadeira sem funcionalidade.

Partindo dos conhecimentos prévios, científicos e observações, começamos a pensar e planejar intervenções lúdicas, que venha trazer o conteúdo científico sem deixar de lado as brincadeiras e práticas onde os próprios alunos pudessem participar, explorar e chegar na situação desencadeadora de aprendizagem, sem respostas prontas. Foi desafiador para ambos os lados (estagiárias e alunos), tirarmos eles de uma rotina, na qual foram condicionados durante todo o ano letivo, porém quando compreenderam que estavam estudando obtivemos resultados significativos, no qual crianças puderem ser crianças, sem renunciar ao conhecimento.

Essa experiência prática, alinhada aos referenciais teóricos proporcionou um fortalecimento das ideias de que o docente em sua atuação deve ser sempre reflexivo, criativa e comprometida com o desenvolvimento integral dos alunos. Durante o estágio percebemos como a educação tem um grande impacto na vida da criança, influenciando na formação integral dos alunos, esses aspectos nos fazem refletir que as experiências construídas ao longo do estágio nos proporcionam de maneira geral, um olhar cauteloso em relação a nossa prática docente.

Ao longo das atividades, sejam nas observações ou nas intervenções, podemos naquele momento presenciar o quanto as crianças podem contribuir no processo de ensino e aprendizagem. Em um dado momento, durante a nossa primeira intervenção, as crianças relataram a leitura do poema, “O Menino azul-Cecília Meireles”, como algo que eles vivenciam em seu cotidiano.

Uma das crianças muito animado, pediu para falar, que ele se sentia diferente dos outros, pois, ele tinha os cabelos enrolados, porém, ele não se sentia menos que os amigos, ele disse que assim como o menino azul era diferente, ele também era, e todos os seus amigos, independente da sua característica eram crianças cheios de beleza (Relato individual das autoras).

Logo, reafirmamos a importância do lúdico no processo educativo nos anos iniciais, destacando seu papel no desenvolvimento integral das crianças. As atividades lúdicas não apenas facilitam a aquisição de conhecimentos, mas também promovem o desenvolvimento do psiquismo infantil. Ao integrar a brincadeira ao currículo escolar, os educadores proporcionam um ambiente de aprendizagem mais envolvente e significativo, que respeita as particularidades de cada criança e suas formas de interação com o mundo.

Além disso, é fundamental que as instituições de ensino adotem práticas que valorizem o lúdico, incentivando uma formação docente que compreenda e utilize essas estratégias em suas abordagens pedagógicas. Dessa forma, a educação se torna um espaço onde o brincar e aprender andam de mãos dadas, formando cidadãos mais bem preparados para enfrentar os desafios do futuro.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009. 144 p. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/23789/1/LudicidadeEduca%C3%A7%C3%A3oInfantil_VeraL%C3%B4ciaDaEncarna%C3%A7%C3%A3oBacelar_EDUFBA.pdf Acesso em: 20 outubro de 2024. ISBN 978-85-232-0617-8. Acesso em: 21 out. 2024.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. O brincar na formação inicial de pedagogos. *In*: KISHIMOTO, Tizuku Morchida; SANTOS, Maria Walburga dos (Orgs.). **Jogos e brincadeiras**: tempos, espaços e diversidades. São Paulo: Cortez, 2010. p. 125-150.

PIMENTEL, Alessandra. **A ludicidade na educação infantil**: uma abordagem histórico-cultural. *Psicologia da Educação* n. 26, p.109 -133 jun. 2008.

SFORNI, Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda: Conteúdos Escolares e desenvolvimento humano: qual a unidade? **COMUNICAÇÕES Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP**, ano 13, n. 2, p. 150-158. nov. 2006a.

SFORNI, Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda: Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental. **Editora UFPR Educar**, Curitiba, n. 28, p. 217-229, 2006b.

SILVA, Isabel Martins; OLIVEIRA, Juarana Ribeiro; PEREIRA, Natali Farias; ALMEIDA, Frairon César Gomes. **O uso da ludicidade nos anos iniciais do ensino fundamental**: desafios e postura docente. 2019. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD4_SA17_ID9125_07082019152908.pdf. Acesso em: 17 out. 2024.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

LIMA, Henrique Matos¹³⁹

PAINSSO, Leticia Petyk¹⁴⁰

RODRIGUES, Adriana Aparecida¹⁴¹

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade descrever a importância do estágio supervisionado para a formação de professores, a partir das experiências obtidas durante o período de estágio no curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR). Sabemos que o estágio supervisionado é uma etapa essencial na formação de professores, em específico para os que atuarão nos anos iniciais do ensino fundamental, ele permite que o futuro professor vivencie a prática pedagógica de acordo com estudos teóricos realizados em sala de aula na universidade. Durante o estágio desenvolvemos prática consideradas importantes para tal formação, como: estudos teóricos, planejamentos de aulas e adaptações de metodologias de ensino, além de proporcionar uma compreensão mais elevada dos desafios e das responsabilidades que devemos ter enquanto acadêmicos, para que possamos nos tornar profissionais preparados e conscientes no papel educacional. A partir das concepções teóricas estudadas em sala de aula na instituição de ensino superior, podemos compreender a relação que pode ser estabelecida entre teoria educacional e a prática pedagógica, esse processo de estudos teóricos e estágios como prática pedagógica fazem parte de uma formação de professores que busca preparar os alunos do curso de pedagogia para que se tornem profissionais adequados.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Planejamento. Prática Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

¹³⁹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) leticiapainssso3@gmail.com

¹⁴⁰ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) henriquelim2000@gmail.com.

¹⁴¹ Doutora em Educação; Professora orientadora e supervisora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) e no Centro Universitário UniFatecie, drikarodrigues66@hotmail.com.

O estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental compõe a grade curricular do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR), com uma carga horária total de 244 horas divididas entre teoria e prática que são realizadas no campo de estágio em uma determinada instituição de ensino. O estágio oportuniza aos acadêmicos do curso de pedagogia uma articulação entre a teoria e a prática, frente às dificuldades e desafios presentes no cotidiano escolar, contribuindo dessa forma, para o desenvolvimento de uma formação inicial por um viés crítico e reflexivo.

Sobre o estágio supervisionado Almeida (2008) afirma que:

A questão do estágio supervisionado na formação de professores tem sido discutida historicamente, a partir do entendimento de que seria este o elemento curricular dos cursos de formação de professores responsável por assegurar a unidade teoria e prática desta formação. O estágio é entendido, desta forma, como um elemento decisivo no que diz respeito a qualidade do ensino (Almeida, 2008, p. 219).

Nesse patamar pontuamos que,

[...] o estágio supervisionado é uma etapa fundamental na formação acadêmica, possibilita a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, além de promover o desenvolvimento de habilidades profissionais em um ambiente real de trabalho (Silva, 2020, p. 45).

Essa perspectiva reforça a ideia de que o estágio supervisionado não é apenas um requisito formal, mas uma oportunidade muito importante para que os futuros docentes desenvolvam competências pedagógicas de forma prática, refletindo sobre os conteúdos teóricos vivenciados no campo de estágio, ao ser visto como um elemento decisivo na qualidade de ensino, o estágio supervisionado se posiciona como um elemento fundamental para assegurar a preparação eficiente dos professores. O estágio supervisionado realizado nos anos iniciais do ensino fundamental demonstra a articulação entre teoria e prática, evidenciando a importância de o planejamento estar ancorado em uma perspectiva crítica, que vise o significado do aprendizado para o desenvolvimento humano.

Diante desse relato, o presente artigo tem como objetivo descrever a importância do estágio supervisionado no processo de formação do acadêmico do curso de Pedagogia. Pontuamos que além de ser um componente essencial para a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, oferece ao futuro docente a oportunidade de ir para o campo de estágio e vivenciar a dinâmica da sala de aula e tudo que abrange o meio escolar, aprendendo práticas pedagógicas e estar frente a frente com os desafios do ambiente escolar, sendo considerado um período de aprendizado que abrange observação, problematização e reflexão sobre o exercício docente.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O estágio supervisionado realizado nos anos iniciais é a oportunidade do acadêmico de fazer relações da prática com aquilo que estudou na teoria, sendo assim, esse momento visa inserir o acadêmico no meio escolar para que o mesmo possa fazer observações das aulas ministradas pela professora regente para que posteriormente ele possa fazer um planejamento e aplicar sua aula sob a supervisão da professora regente da turma e da coordenadora do estágio.

É importante frisar que,

O estágio supervisionado é um espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional. Assim, ele é compreendido como campo de conhecimento e a ele deve ser atribuído um estatuto epistemológico indissociável da prática, concebendo-o como práxis, o que o define como uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção em questões educacionais (Silva; Gaspar, 2018, p. 206).

Ainda sobre o estágio, destacamos que o mesmo

É [...] um importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência - fazer bem o que lhe compete (Januario, 2010 apud Andrade, 2005, p. 04).

Nesse patamar, ressaltamos que enquanto componente curricular, o estágio curricular nos cursos de licenciatura está amparado por legislações. Dentre elas temos, a Lei n.º 11.788, de 25 de setembro de 2008, que assinala que,

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. § 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando. § 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. (Brasil, 2008, p. 01).

Contudo, faz-se necessário ressaltar que, o estágio possui duas modalidades, sendo elas: o obrigatório e o não obrigatório,

[...] conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso. § 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma. § 2º Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória. (Brasil, 2008, p. 01).

Assim, o estágio como elemento curricular incluso no curso de licenciatura se baseia em marcos legais que ampara suas funções e obrigações enquanto professor, estagiário e instituição. Dessa maneira, “O estágio curricular supervisionado é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma

atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico.” (Brasil, 2015, p. 12). Além de ter uma carga horária determinada legalmente.

Art. 13. Os cursos de formação inicial de professores para a educação básica em nível superior, em cursos de licenciatura, organizados em áreas especializadas, por componente curricular ou por campo de conhecimento e/ou interdisciplinar, considerando-se a complexidade e multirreferencialidade dos estudos que os englobam, bem como a formação para o exercício integrado e indissociável da docência na educação básica, incluindo o ensino e a gestão educacional, e dos processos educativos escolares e não escolares, da produção e difusão do conhecimento científico, tecnológico e educacional, estruturam-se por meio da garantia de base comum nacional das orientações curriculares. § 1º Os cursos de que trata o caput terão, no mínimo, 3.200 (três mil e duzentas) horas de efetivo trabalho acadêmico, em cursos com duração de, no mínimo, 8 (oito) semestres ou 4 (quatro) anos, compreendendo: I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, distribuídas ao longo do processo formativo; II - **400 (quatrocentas) horas dedicadas ao estágio supervisionado, na área de formação e atuação na educação básica, contemplando também outras áreas específicas, se for o caso, conforme o projeto de curso da instituição;** III - pelo menos 2.200 (duas mil e duzentas) horas dedicadas às atividades formativas estruturadas pelos núcleos definidos nos incisos I e II do artigo 12 desta Resolução, conforme o projeto de curso da instituição; IV - 200 (duzentas) horas de atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas de interesse dos estudantes, conforme núcleo definido no inciso III do artigo 12 desta Resolução, por meio da iniciação científica, da iniciação à docência, da extensão e da monitoria, entre outras, consoante o projeto de curso da instituição. (Brasil, 2015, p. 11, **negrito nosso**).

Além disso, ressaltar que,

[...] durante a graduação, para que o estágio supervisionado também se constitua um momento de produção de conhecimentos, esse processo de preparação profissional do licenciado não pode ser limitado a uma atividade meramente vivencial, prática, ou conceitual, teórica. Ao contrário, essa experiência deve ser entendida como um momento de contemplação, de investigação, como uma forma metodológica de pesquisa-ação da práxis [...] (Mesquita, 2010, p. 22).

Portanto, durante o curso de graduação, em especial de licenciatura, começam a ser construídos os conhecimentos e

[...] atitudes que formam o profissional. Em período de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho que, ao longo da vida profissional, vão sendo reconstruídos no exercício da profissão [...] (Pimentel; Pontuschka, 2014, p. 73).

A partir dessa citação, podemos entender que a teoria e a prática são diferentes, mas andam lado a lado, ou seja, precisam uma da outra. É impossível realizar as mesmas separadamente, pois estão em constante interação se influenciando mutuamente e formando um ciclo contínuo de aprendizagem e desenvolvimento, sendo assim a prática e a teoria não são apenas uma etapa do processo educacional, mas ambas fazem parte do mesmo processo de construção do conhecimento. O fato é que “O estágio curricular pode ser o ápice do percurso formativo, pois insere o estudante na vida e prática docente” (Possebon; Amestoy, 2016, p. 280).

2.2 PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA VIVÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Durante o estágio supervisionado, tivemos a oportunidade de trabalhar em dupla nas turmas de 2º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental. Essa experiência nos permitiu observar de perto as diferentes fases de desenvolvimento dos alunos e como podemos adaptar nossas práticas pedagógicas para atender às necessidades de cada turma, além de perceber como o interesse da criança pelo estudo e pela escola se manifesta de formas diversas, sendo fundamental criar um ambiente estimulante e acolhedor que favoreça a curiosidade e o prazer pela aprendizagem.

Quando observamos crianças pequenas, ao final da pré-escola ou nos anos iniciais do ensino fundamental (primeiro e segundo anos), facilmente percebemos seu interesse inicial pelo estudo e pela escola. Ingressam com a expectativa de aprender a ler e a escrever, de modo

geral gostam das tarefas propostas e estabelecem com o professor uma relação de autoridade: as crianças ingressam na escola com o desejo de estudar, de conhecer o novo, com interesse pelo próprio conhecimento (Asbahr, 2022, p. 174).

Ainda sobre esse assunto evidenciado acima, podemos ressaltar um aspecto muito importante no desenvolvimento infantil nos anos iniciais, que é o entusiasmo inicial das crianças pelo processo do aprendizado, algo que para eles é novidade, dessa forma eles se envolvem naquilo que é proposto e sobretudo na expectativa de aprender a ler e escrever e o professor é encarregado de fazer com que isso aconteça da forma mais coerente possível, pois a relação que elas estabelecem com o professor é um ponto primordial nesse processo, pois o professor é visto como a principal referência de saber. Essa relação de confiança e respeito permite que as crianças se sintam seguras para explorar conteúdos e desafios propostos pelo professor, colaborando para uma base sólida de um aprendizado eficiente.

Como mencionamos, a entrada na escola representa um marco importante no desenvolvimento da criança, que pode modificar de forma radical sua personalidade. Uma das transformações mais importantes refere-se à mudança de sua posição social. É exigido que o estudante em formação assuma novas obrigações, organize seu trabalho de forma sistemática, assuma novos deveres e direitos. Essas condições fazem com que a escola torne-se potencialmente o centro da vida das crianças (Asbahr, 2022, p. 173).

Ao longo desse processo os acadêmicos vão além da prática de estar ali apenas observando, pois tem como dever localizar ali no meio em que está inserido ações problematizadoras encontradas no dia a dia. Esse exercício crítico de análise é fundamental para que os acadêmicos não apenas identifiquem os problemas, mas para que os mesmos possam agir de forma coerente e aplicar as teorias estudadas em sala de aula como ferramenta útil de interpretação e intervenção, pois fazendo assim ele conseguirá desenvolver uma compreensão mais profunda da realidade em que o aluno está inserido, permitindo que sua própria atuação seja eficaz e embasada nas buscas de soluções para os desafios escolares. Dessa forma, os acadêmicos tornam-se capazes de propor estratégias pedagógicas que atendam às necessidades

específicas do contexto que atuam fazendo com que a teoria deixe de ser algo distante e abstrato e passa a ser uma aliada prática no processo de ensino aprendizagem.

A seguir, compartilhamos as intervenções e reflexões de nossa trajetória, exemplificando a ação pedagógica no cotidiano escolar.

IMAGEM 01: OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA



Fonte: acervo pessoal dos autores.

IMAGEM 02: INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA



Fonte: acervo pessoal dos autores

É de grande relevância ressaltar que essas práticas pedagógicas mencionadas acima estão em sintonia com as teorias abordadas durante o estágio, fundamentando-se na ideia de que a interação social e o papel mediador do educador são fundamentais para enfrentar os desafios presentes no processo de ensino, sendo decisivas para promover um aprendizado mais profundo e significativo, colaborando diretamente para o desenvolvimento do aluno, especialmente na sua formação psicológica e cognitiva. Nesse contexto, a estratégia de intervenção adotada está diretamente ligada a atividade de estudo, que é considerada uma das atividades principais no desenvolvimento infantil no período dos anos iniciais do ensino fundamental.

Nesse sentido, ao optar pelo termo “atividade de estudo”, enfatizamos especialmente uma atividade de aprendizagem que ocorre na escola, instituição cuja particularidade é a transmissão da cultura humana elaborada, com a mediação do professor, o qual tem papel central na organização do ensino de maneira que possibilite ao estudante apropriar-se dessa cultura. A atividade de estudo, dessa forma, tem como especificidade a constituição de neoformações psicológicas, tais como a consciência e o pensamento teórico (Asbahr, 2022, p.173).

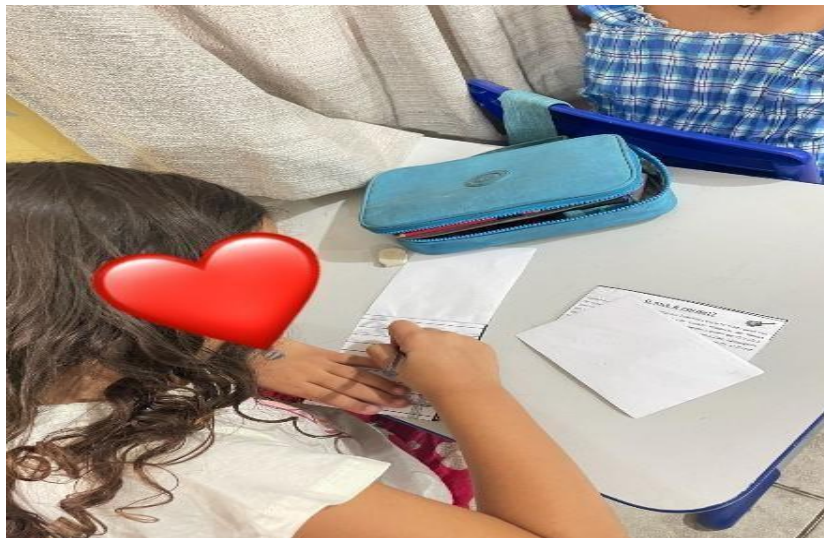
A partir do exposto acima, apontamos a relevância da atividade de estudo no contexto escolar, especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental, destacando a escola como um espaço privilegiado para a transmissão da cultura humana, não atuando somente como um local de instrução. Mas sim como um ambiente no qual o conhecimento cultural dos alunos é mediado de maneira planejada pelo professor que é uma figura chave nesse processo. Logo, promovendo não só a aquisição de conteúdo, mas o desenvolvimento de habilidades cognitivas mais complexas, enfatizando a dimensão psicológica envolvida nesse processo sendo fundamental para o desenvolvimento integral dos estudantes permitindo que eles compreendam e interpretem o mundo de maneira mais aprofundada, tornando-se atentos ao conhecimento que estão adquirindo.

A partir desse ponto de vista, os acadêmicos devem proporcionar aos alunos um ambiente adequado para que os mesmos se apropriem do conteúdo, com aulas inovadoras, utilizando recursos pedagógicos que estejam de acordo com a faixa etária da turma em que eles irão aplicar as atividades propostas. Diante dessa abordagem acima, planejamos e executamos os dias de regência, com a finalidade de

proporcionar aos alunos um ambiente de aprendizagem adequado e motivador para não perdermos o foco da aula, sempre levando em consideração a faixa etária e as necessidades da turma, uma vez que as regências ocorreram em turmas diferentes.

Na turma do 2º ano, após dois dias de observação, percebemos que os 25 alunos tinham diferentes níveis de alfabetização. Com base nessa percepção, planejamos uma sequência didática voltada para o gênero textual convite, cujo objetivo principal era o desenvolvimento da oralidade e da escrita. Iniciamos a aula com uma roda de conversa, questionando os alunos sobre o que sabiam sobre convites e se já tinham recebido algum. Esse momento de troca foi importante para criar um ambiente de diálogo e também para avaliarmos o conhecimento prévio da turma. Notamos que alguns alunos já tinham familiaridade com o gênero, enquanto outros ainda estavam se familiarizando com o tema. Para engajar todos, sugerimos que cada aluno criasse seu próprio convite, que seria trocado com um colega da sala.

IMAGEM 03: TRABALHANDO A PRODUÇÃO DE CONVITES



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Essa proposta despertou o interesse da turma e permitiu que todos participassem ativamente da atividade. A troca de convites foi uma maneira divertida de praticar a escrita, ao mesmo tempo que estimulou a socialização e a cooperação entre os colegas, proporcionando a eles a oportunidade de desenvolver habilidades de comunicação, expressando suas ideias de forma criativa e respeitosa. Dessa

forma, a atividade não apenas aprimorou as competências de escrita, mas também contribuiu para o desenvolvimento social dos alunos.

Já na turma do 4º ano, em colaboração com a professora regente, decidimos explorar a Literatura de Cordel. Nossa proposta foi apresentar aos alunos esse gênero popular do Nordeste, valorizando a oralidade, a rima e a criatividade. Para iniciar, fizemos uma roda de conversa perguntando se os alunos conheciam cordéis ou se já tinham visto algo parecido. A maioria não conhecia, mas ao explicarmos que se tratava de "historinhas em versos", muitas vezes engraçadas ou cheias de aventuras, o interesse começou a crescer. Trouxemos exemplos de folhetos de cordel ilustrados e lemos alguns versos em voz alta, para que pudessem sentir o ritmo e a musicalidade das rimas. Em seguida, dividimos a turma em grupos e propusemos que eles criassem suas próprias histórias em versos, usando a estrutura do cordel. Os temas eram livres, mas sugerimos que pensassem em algo do cotidiano ou aventuras inventadas.

IMAGEM 04: PRODUÇÃO DE CORDEL



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

O resultado foi muito positivo: os alunos se envolveram, mesmo aqueles que apresentavam maior dificuldade com a escrita. A atividade em grupo incentivou a colaboração, e cada grupo apresentou seus cordeis com muito entusiasmo.

Sobre a prática de atividades em grupo, Torres e Irala (2014) relatam que,

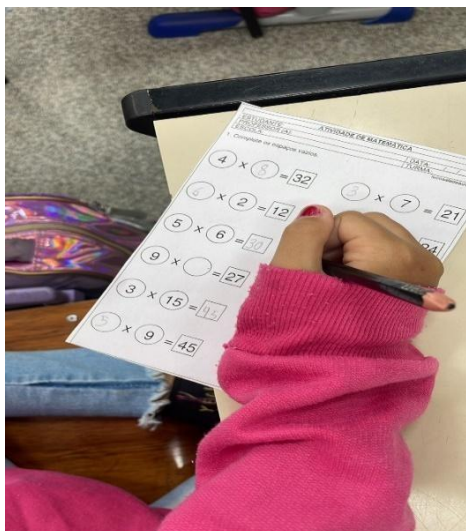
No trabalho em colaboração os alunos assumem na sala de aula, a responsabilidade por sua própria aprendizagem e desenvolvem habilidades metacognitivas para monitorar e dirigir seu próprio aprendizado e desempenho. Quando há a interação entre pessoas de forma colaborativa, por meio de uma atividade autêntica, elas trazem seus esquemas próprios de pensamento e suas perspectivas para a atividade. (Torres; Irala, 2014, p. 90).

Os autores mencionados acima, relatam a importância que o trabalho colaborativo tem na vida e aprendizagem dos nossos alunos, promovendo o fortalecimento do conhecimento e experiências, visando estimular a reflexão sobre suas práticas e estratégias de aprendizado.

Na turma do 3º ano, focamos em matemática, trabalhando com decomposição de números e multiplicação. A professora regente já havia introduzido esses conceitos, mas alguns alunos ainda apresentavam dificuldades. Decidimos iniciar com uma revisão da decomposição de números no quadro, e em seguida pedimos aos alunos que sugerissem números para decompor. Para tornar a aula mais dinâmica e participativa, utilizamos exemplos concretos e convidamos os alunos a resolverem exercícios em duplas. Depois, conectamos o conceito de decomposição à multiplicação, mostrando como essa técnica facilita o cálculo mental. A estratégia de "distribuir" os números surpreendeu muitos alunos, que perceberam que a multiplicação se tornava mais simples com a decomposição. Para tornar o aprendizado mais lúdico, propusemos um jogo de dominó da multiplicação, que estimulou a prática do conceito de forma divertida e colaborativa.

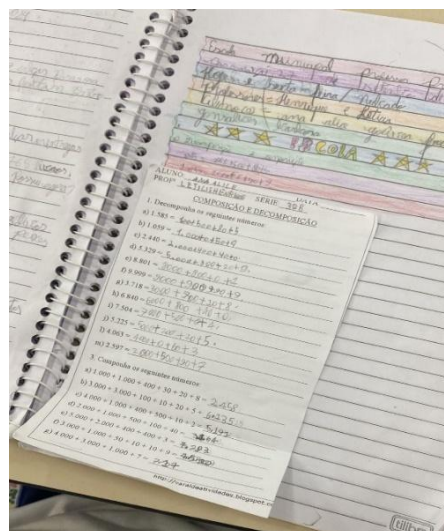
Jornada de Pedagogia (JORPED) e Encontro Integrador do Estágio
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí

IMAGEM 05: ATIVIDADE DE MULTIPLICAÇÃO



Fonte: arquivo pessoal dos autores

IMAGEM 06: ATIVIDADE DE DECOMPOSIÇÃO



Fonte: arquivo pessoal dos autores

Com base nessa análise sobre a teoria e a prática de estudo a partir das vivências do estágio supervisionado entendemos que esse momento é importante para preparar o acadêmico quanto à prática docente. Cabe ao acadêmico se envolver simultaneamente nesse processo buscando compreender da melhor forma possível o processo educacional, fazendo relações da teoria com a prática e sabendo que ambas estão interligadas e caminham sempre lado a lado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi apresentado ao longo do estudo que teve como objetivo descrever a importância do estágio supervisionado na formação docente, por meio dos relatos das experiências vivenciadas ao longo desse período no curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná - Campus de Paranavaí (Unespar) notamos a complexidade da prática pedagógica nos primeiros anos, que requer um planejamento adaptável e sensibilidade para lidar com as diferenças entre os estudantes.

A vivência de planejar e executar atividades reais, sob a orientação de uma docente experiente, nos ofereceu a chance de adquirir conhecimento sobre a administração da sala de aula, a criação de atividades únicas e a relevância de reflexões constantes sobre o nosso próprio método de ensino. Este estágio fortaleceu nosso compromisso em criar um ambiente de ensino inclusivo, onde cada estudante possa se sentir integrado e aprimorar suas competências de maneira relevante. Ademais, foi importante para que compreendêssemos a importância do retorno contínuo dos estudantes e da professora orientadora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M. de. **Prática de formação: estágio supervisionado: ideias iniciais**. In: PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Fundamentos teóricos metodológicos das disciplinas da proposta pedagógica curricular, do curso de formação de docentes**: curso de formação de docente – normal, em nível médio. Curitiba: SEED, 2008. p. 219-226.

ANDRADE, E. S. O estágio na formação de professores: compromisso com a prática. In: JANUARIO, G. (Org.). **Estágio Supervisionado**: Caminhos e Desafios. São Paulo, 2005. p. 04.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. Idade Escolar e Atividade de Estudo: Educação, Ensino e Apropriação dos Sistemas Conceituais. In: MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias (Orgs.). **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico**: Do Nascimento à Velhice. Campinas, SP: Autores Associados, 2022. p. 171-192.

BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei n.º 11.788, de 25 de setembro de 2008**: dispõe sobre o estágio. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 23 out. 2024.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO; CONSELHO PLENO. **Resolução n.º 02, de 01 de julho de 2015**: define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. 2015. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 23 out. 2024.

MESQUITA, D. N. de C. Teoria, prática, estágio supervisionado e formação. **Polyphonía**, v. 21, n. 01, p. 21-37, jan./jun. 2010.

PIMENTEL, Carla Silvia; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estágios supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos. *In*: ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs.). **A construção da profissionalidade docente em atividades de estágio curricular**: experiência na educação básica. São Paulo: Cortez, 2014.

POSSEBON, N. B.; AMESTOY, M. B. A importância do estágio no desempenho da docência. **CCNEXT – Revista de Extensão**, Santa Maria, v. 3, n. Ed. Especial, p. 278-281, 2016.

SILVA, D. S. O estágio supervisionado é uma etapa fundamental na formação acadêmica, possibilita a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos na sala de aula, além de promover o desenvolvimento de habilidades profissionais em um ambiente real de trabalho. São Paulo: Acadêmica, 2020.

SILVA, H, I; GASPAR, M. Estágio Supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de licenciatura em pedagogia. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, v. 99, n. 251, p. 205-221, jan./abr. 2018.

TORRES, Patrícia Lupion; IRALA, Esrom Adriano F. (Eds.). **Complexidade**: redes e conexões na produção do conhecimento. Curitiba: SENARPR, 2014.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO PROCESSO DA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL

CASIANO, Daniane Lopes¹⁴²
SANTOS, Luara Alexandre dos¹⁴³

RESUMO: Este relato refere-se a experiência vivenciada por meio do estágio supervisionado, desenvolvido na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, da grade curricular do 3º ano do curso de Pedagogia da Unespar (Campus de Paranavaí). Acessar o espaço escolar, agora na condição de estudante de graduação, permite-nos ressignificar o olhar sobre o fazer docente, o ensino e a aprendizagem das crianças que estão na educação básica. Assim, temos como objetivo relatar o percurso realizado, desde a observação, planejamento até a intervenção pedagógica, a fim de refletir sobre a relevância de pensar uma prática pedagógica consciente e fundamentada em uma perspectiva histórico-cultural. Segundo Pimenta (1994), a separação entre teoria e prática no ensino tem sido um desafio constante nas reformas dos cursos de licenciatura. Isso reafirma a necessidade de destacarmos o campo de estágio enquanto uma oportunidade valiosa na formação do futuro professor. Esse momento permite-nos nos aproximar de todas as tarefas que caracterizam o fazer docente e que, em breve, se constituirá em nossa profissão. As observações deste ano de 2024 aconteceram em uma escola municipal de Paranavaí/PR, sendo realizado dez encontros presenciais de 4h/a cada em uma turma de 1º ano do ensino fundamental I. Em consonância, participamos de aulas teóricas na universidade, que refletiram a alfabetização em seu contexto histórico, social, político e econômico, trazendo como elementos de análise as observações e intervenções realizadas no campo de estágio. A partir deste breve contexto, discutimos o estágio supervisionado como um potencial elemento articulador da relação entre teoria e prática. O estágio nos aproxima da realidade educativa, onde vivenciamos o dia a dia de uma sala de aula, possibilitando o conhecimento e reflexão sobre o trabalho docente. Portanto, é possível afirmar que é no movimento de estudos teóricos, observações práticas e intervenções pedagógicas que compreendemos um pouco da dinâmica que consiste o ensinar e o aprender, possibilitando a oportunidade de construir saberes e fortalecer uma identidade enquanto profissional.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Teoria e Prática. Alfabetização.

1 INTRODUÇÃO

¹⁴² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), danylopesyasi@gmail.com.

¹⁴³ Mestre em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luara.santos@unespar.edu.br.

O estágio supervisionado no processo da formação docente inicial é um período importante para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, pois promove oportunidades de vivenciar na prática os conteúdos teóricos, propiciando a aquisição de conhecimentos em sua totalidade. É nele que podemos ter uma base mais completa de como será o futuro profissional, bem como a prática educativa. Com o estágio adquirimos experiências e desenvolvimento profissional, fazendo com que nos tornemos mais aptos a nossa função.

Uma das principais importâncias do estágio na formação docente é a integração da teoria com a prática. Durante o curso de licenciatura, somos expostos a muitas de teorias educacionais, metodologias de ensino e conhecimentos específicos das disciplinas que iremos lecionar. No entanto, é no estágio que temos a oportunidade de aplicar esses conhecimentos em situações reais de ensino, observando como as teorias se concretizam na prática e são ajustadas conforme a necessidade do contexto escolar.

A prática de ensino mediada pelo estágio supervisionado promove a unidade entre a teoria e a prática. O contexto relacional entre prática-teoria-prática apresenta relevância na formação do professor, visto que promove a compreensão do conceito de unidade, isto é, a relação necessária entre teoria e prática e não apenas sua justaposição ou dissociação. Além de que, o conhecimento da realidade escolar favorece reflexões sobre a prática do estagiário, possibilitando o desenvolvimento de prática criativa e transformadora pela aplicação de teorias que sustenta o trabalho do professor. Assim, a sua práxis educativa concretiza-se mediante a aplicação de metodologias de ensino, planejamento e verificação da aprendizagem em um processo de ação-reflexão-ação, revela a educação como prática questionadora, que tem como base os seguintes aspectos: a intencionalidade, a natureza social, a necessária ação conjunta, e a sua realização como trabalho humano. (BARROS, SILVA, VÁSQUEZ, 2011, p. 511)

Este período de estágio é essencial para que, enquanto acadêmicos, possamos consolidar nossos conhecimentos, desenvolver habilidades pedagógicas e nos preparar efetivamente para os desafios da carreira docente. Neste sentido, o estágio proporciona um ambiente onde futuros professores podem desenvolver e aprimorar práticas pedagógicas essenciais, tais como: planejamento de aulas, gestão de sala de aula, avaliação de desempenho dos alunos, comunicação eficaz e compreensão do contexto escolar. Durante esse período, podemos experimentar

diferentes técnicas de ensino, receber feedback de professores experientes e refinar nossas práticas pedagógicas. Essa vivência prática é vital para que possamos enfrentar com confiança os desafios do ensino, adaptando-nos a diferentes situações e necessidades dos alunos.

Portanto, de acordo com Almeida (2008) o objetivo do estágio é capacitar o aluno de formação de professores para construir sua práxis pedagógica, entendida, no sentido marxiano, como uma ação humana que transforma a natureza e a sociedade. Inspirado em Marx, busca-se não apenas interpretar o mundo, mas também transformá-lo. Na prática docente, isso significa entender criticamente as relações no processo educativo e agir para realizar as transformações necessárias para que a escola cumpra sua função social.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estágio supervisionado de acordo com Almeida (2008) é uma etapa crucial na formação docente, oferecendo uma ponte entre teoria e prática. Segundo Pimenta (1994), a separação entre teoria e prática no ensino tem sido um desafio constante nas reformas dos cursos de formação de professores. Inicialmente, a prática era vista apenas como "aquisição de experiência". Com o tempo, surgiu a tendência de tratar os problemas práticos observados no estágio como determinantes da formação teórica, postura criticada por Freitas apud Pimenta, (1994), que argumenta que a questão não é simplesmente aumentar a prática ou a teoria, mas adotar uma nova forma de produzir conhecimento na formação dos professores.

A partir deste contexto, Almeida (2008) discute o estágio supervisionado como um possível elemento articulador da relação entre teoria e prática. A primeira questão a considerar é a definição do perfil do professor que se deseja formar e para qual tipo de escola. Esse processo de formação deve levar em conta os saberes necessários para atuar principalmente nas escolas públicas, que atendem a maioria da população brasileira.

Outro aspecto fundamental do estágio é a compreensão do contexto escolar. Estar imerso no ambiente escolar permite aos estagiários observar e participar da dinâmica da escola, entender a cultura institucional, as relações interpessoais e os desafios específicos que podem surgir, pois o trabalho é uma prática humana.

A prática docente é um trabalho humano e, por isso, construída por sujeitos inseridos em um espaço histórico e socialmente localizado. Nesta perspectiva, torna-se essencial compreender o trabalho como uma dimensão fundamental na vida humana, capaz de transformar qualitativamente o meio tanto em seus aspectos objetivos como subjetivos. A prática de ensino deve ter a preocupação de permitir o acesso à realidade produzida, pela compreensão do sistema conceitual e pela familiarização das técnicas, procedimento e normas que caracterizam o conhecimento (CARVALHO, 1988, apud BARROS, SILVA, VÁSQUEZ, 2011, p. 514).

Ou seja, a prática docente é uma atividade profundamente humana, realizada por sujeitos que estão inseridos em um contexto histórico e social específico. Isso significa que o trabalho do professor vai além da simples transmissão de conteúdo, pois envolve uma interação constante com as condições do ambiente em que ocorre. A prática de ensino deve, portanto, possibilitar ao aluno o acesso ao conhecimento de forma crítica e significativa, promovendo não apenas a compreensão dos conceitos, mas também o entendimento das técnicas, procedimentos e normas que formam a base desse saber.

Assim, a educação se torna um meio de transformação tanto objetiva (no mundo concreto) quanto subjetiva (no desenvolvimento pessoal e intelectual do aluno). Essa experiência é essencial para que os futuros docentes possam desenvolver uma visão holística do papel da escola na comunidade e da importância da colaboração entre professores, alunos, pais e a administração escolar.

Saviani apud Almeida (2008) destaca que é a educação que determina os saberes na formação do professor. A educação é entendida como um fenômeno humano fundamental, que se realiza no processo de produção da existência humana, e envolve a adaptação da natureza ao homem, definida como trabalho.

O conceito de trabalho é confundido com o de emprego ou, como afirma Martins (2004:71), iguala-se “o trabalho, condição para a humanização dos homens, e o emprego, condição para a venda da força de trabalho e sua decorrente coisificação”. Desse modo, empobrece-se qualquer possibilidade de questionamento sobre “a historicidade da existência humana e as possibilidades de transformação”. Nesse processo o que é particular e, portanto, mediação na constituição do humano, passa a ser considerado universal e, desta forma, é assumido como objetivo final na formação dos sujeitos envolvidos no processo de educação escolar. Uma vez

que na sociedade capitalista o trabalho passa a ser fim e não mais meio no processo de produção, parece-nos que a condição de ser humano, construída historicamente pela humanidade, é negada ao trabalhador. (MORETTI; MOURA, 2010, s/p.)

Portanto, o trabalho educacional se enquadra na categoria de trabalho não-material, onde o produto (aula) é consumido no momento de sua produção. Saviani apud Almeida (2008) categoriza os saberes necessários na formação do professor em cinco tipos: saber atitudinal, saber crítico-contextual, saberes específicos, saber pedagógico e saber didático-curricular. O saber atitudinal envolve comportamentos adequados ao trabalho educativo, como disciplina e respeito. O saber crítico-contextual compreende a compreensão das condições sócio-históricas que influenciam o trabalho educativo. Os saberes específicos referem-se às disciplinas curriculares, enquanto o saber pedagógico engloba conhecimentos das ciências da educação. O saber didático-curricular diz respeito às formas de organização e realização da atividade educativa.

O estágio supervisionado de acordo com Almeida (2008) deve ser visto como o momento de integração entre teoria e prática na formação do professor, abordando questões como o que ensinar, como ensinar, para quem e para quê. A relação teoria-prática deve ser compreendida como um processo unitário, onde a teoria orienta a ação prática e esta, por sua vez, reorienta a teoria, promovendo avanços e progressos contínuos.

Segundo Barros, Silva e Várquez (2011) o contato superficial e formal dos alunos com a escola limita a compreensão profunda da realidade educativa. Para uma formação coerente, é necessário refletir sobre o cotidiano e as dúvidas dos professores, promovendo a unidade entre teoria e prática. A prática docente, vista como trabalho humano, deve reconhecer o contexto histórico e social e contribuir para a transformação qualitativa do meio.

Ao longo do ano, foram realizadas ações de observação e intervenção em uma turma de 1º ano, as quais permitiram identificar as metodologias de ensino adotadas pela professora, bem como acompanhar o desenvolvimento e o progresso dos alunos. Durante as observações, foi possível constatar que a professora regente não se limita a um único método de alfabetização, adotando diferentes abordagens conforme as necessidades individuais de cada aluno e as especificidades dos conteúdos trabalhados. Essa prática foi corroborada pela própria docente, que afirmou: “Utilizo o

que mais facilitará a aprendizagem naquele momento ou de acordo com o que a criança precisa”.

De modo geral, para o ensino da leitura, escrita e avaliações, a professora recorre predominantemente ao método fônico, complementando-o com sondagens baseadas no método construtivista. No entanto, observa-se que os métodos tradicionais continuam amplamente presentes na sala de aula. Os alunos iniciam o processo de alfabetização aprendendo as letras e seus nomes (método de soletração), os sons correspondentes (método fônico) e as famílias silábicas (também pelo método de soletração). Após o domínio dessas etapas, as letras ou sons são combinados em sílabas, que por sua vez formam palavras e, posteriormente, frases completas.

No aspecto da escrita, foi perceptível a ênfase na caligrafia e na ortografia. Em várias ocasiões, a professora apagou palavras escritas pelos alunos, justificando que “não dava para entender a letra”. Contudo, durante as observações, não foi identificado o uso do caderno de caligrafia, e não foi possível confirmar se esse material faz parte das práticas pedagógicas da turma.

A intervenção pedagógica foi planejada com o objetivo de fomentar a criatividade e utilizar metodologias inclusivas, de modo a atender a diversidade de crianças que a sala apresenta. As propostas realizadas buscaram valorizar os conhecimentos prévios trazidos pelos alunos, promovendo sua reorganização do conhecimento por meio de uma intencionalidade pedagógica, com vistas à introdução e ao aprofundamento de conceitos científicos. Dessa forma, o planejamento das intervenções considerou não apenas o nível de desenvolvimento dos alunos, mas também as potencialidades individuais, de modo a assegurar um processo de aprendizagem significativo e inclusivo para todos os envolvidos.

Almeida (2008) ressalta que a organização do estágio supervisionado deve ser fundamentada no método dialético materialista, que envolve uma postura crítica, a construção de novo conhecimento e a síntese no plano do conhecimento e da ação. Ao realizar as observações e participações nesse estágio, tivemos um olhar crítico à complexidade do processo de alfabetização, e também analisar as metodologias que estudamos em sala de aula na universidade

Portanto, o estágio supervisionado, quando organizado a partir de uma perspectiva dialética, pode efetivamente integrar teoria e prática, possibilitando a construção de uma práxis pedagógica criativa e comprometida com a transformação

necessária para a realização plena da função social da escola no contexto capitalista brasileiro. “Se entendermos práxis, a partir da perspectiva de Várquez, como uma atitude transformadora da natureza, uma abordagem materialista histórico dialético do real. Será uma práxis na medida em que não apenas interpretar, mas sim transformar” (ALMEIDA, 2008, p. 225)

Sendo assim consideramos estágio um momento propício para a reflexão e o crescimento profissional. Por meio da observação e da prática, somos levados a refletir sobre nossas próprias práticas pedagógicas, identificar áreas de melhoria e desenvolver um compromisso com a formação contínua. Essa reflexão crítica é fundamental para o desenvolvimento de uma postura profissional reflexiva, que valoriza o aprendizado constante e a adaptação às novas demandas educacionais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta vivência trouxe uma experiência rica de conhecimentos para nossa formação como futuros professores, podendo ver de perto o processo de alfabetizar uma turma e discussões sobre as mediações que de fato funcionam na realidade das escolas públicas. Neste sentido, o estágio supervisionado constitui uma etapa indispensável no processo de formação docente, promovendo a articulação entre teoria e prática e permitindo uma compreensão ampliada sobre o papel do professor no contexto escolar. Fundamentado em uma abordagem dialética, ele oportuniza a reflexão crítica acerca das condições históricas e sociais que permeiam o trabalho educativo, contribuindo para a formação de profissionais capazes de responder às demandas de uma sociedade em constante transformação.

Conforme observado, o estágio supervisionado é mais do que uma atividade complementar nos cursos de formação de professores. Ele é um espaço de síntese entre os conhecimentos teóricos adquiridos na academia e as práticas observadas e vivenciadas no ambiente escolar. Essa experiência fomenta a análise das metodologias de ensino empregadas, a compreensão das especificidades dos alunos e o reconhecimento do papel transformador da educação. Assim, somos convidados a superar a visão fragmentada da prática docente, avançando em direção à construção de uma práxis pedagógica efetiva.

Os relatos apresentados evidenciam a riqueza desse processo, destacando o uso de metodologias diversificadas e adaptáveis às necessidades dos alunos, bem como o esforço da professora regente em adotar estratégias que favoreçam a aprendizagem significativa. Tal abordagem demonstra que o ensino não é apenas a aplicação de métodos padronizados, mas sim um exercício dinâmico e criativo que requer sensibilidade para atender à diversidade presente em sala de aula.

Entretanto, os desafios do estágio também são marcantes. O distanciamento entre teoria e prática ainda persiste em muitos casos, sendo necessário um esforço coletivo para garantir que a formação docente contemple uma abordagem unitária e integradora. Como afirmam Almeida (2008) e outros autores citados, a prática pedagógica só se efetiva em sua plenitude quando compreendida como um trabalho humano, inserido em um contexto histórico, social e cultural que deve ser continuamente analisado e transformado.

O estágio supervisionado também evidencia a importância de uma formação docente que privilegie os saberes múltiplos, tais como o saber crítico-contextual, o pedagógico, o didático-curricular e o atitudinal. Esses saberes, conforme discutidos, são essenciais para que o professor atue de maneira consciente, crítica e transformadora. A observação e a prática proporcionadas pelo estágio permitem ao futuro professor desenvolver uma visão ampliada da realidade escolar, favorecendo não apenas a compreensão dos conteúdos, mas também a relação destes com a função social da escola.

Portanto, é possível concluir que o estágio supervisionado, quando bem estruturado e orientado por uma perspectiva crítica, promove o crescimento profissional, amplia o horizonte teórico-prático e potencializa a capacidade do futuro docente de atuar como agente de transformação social. Ele é, em última instância, um espaço de aprendizado que ultrapassa o simples domínio técnico, configurando-se como um momento de formação integral, no qual o professor é chamado a refletir, criar e inovar em prol de uma educação emancipadora e comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Claudia Mara de. Prática de formação: estágio supervisionado: idéias iniciais. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Fundamentos teóricos-**

metodológicos das disciplinas da proposta pedagógica curricular, do curso de formação de docentes: curso de formação de docente – normal, em nível médio. Curitiba: SEED, 2008. p. 219-226.

BARROS, José Deomar de Souza; SILVA, Maria de Fátima Pereira da; VÁSQUEZ, Silvestre Fernández. **A prática docente mediada pelo estágio supervisionado. *Atos de Pesquisa em Educação - PPGE/ME FURB***, v. 6, n. 2, p. 510-520, mai./ago. 2011. ISSN 1809-0354.

MORETTI, Vanessa Dias; MOURA, Manoel Oriosvaldo de. **A formação docente na perspectiva histórico-cultural: em busca da superação da competência individual.** *Revista Psicologia Política*, v. 10, n. 20, São Paulo, dez. 2010.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

SILVA, Laiza Lorraine Rosa da¹⁴⁴

SANTOS, Luara Alexandre dos¹⁴⁵

RESUMO: O presente trabalho tem como campo de estudo o estágio curricular supervisionado, desenvolvido na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, durante o 3º ano do curso de Pedagogia, da UNESPAR/Campus Paranavaí. O movimento da disciplina se consistiu em discussões teóricas ocorridas nas aulas, na universidade e o estágio obrigatório, ocorrido em uma turma de 1º ano do ensino fundamental I, em uma escola pública do município de Paranavaí, tendo estas duas etapas: observação participativa e intervenção pedagógica. A observação da prática pedagógica e o planejamento adequado para uma intervenção de qualidade se mostraram centrais para a compreensão do processo de ensino e aprendizagem de crianças em etapa de alfabetização. O objetivo deste trabalho é mostrar a importância de observar as especificidades da turma para se pensar um planejamento consciente e intencional sobre o conteúdo a ser ofertado, neste caso, a alfabetização, ressaltando como é fundamental ter um ensino organizado e ajustado às necessidades dos alunos. Por meio das observações foi possível entender como a professora regente organiza o ensino e pensa todo o processo de alfabetização dos alunos, assim como conhecer a rotina da turma, suas especificidades e em que momento o grupo se encontrava no movimento de apropriação da leitura e da escrita. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, aplicou-se a metodologia qualitativa, voltada primeiramente para o estudo teórico e histórico do desenvolvimento da linguagem oral e escrita e posteriormente, uma reflexão a partir das bibliografias estudadas, da prática observada e vivenciada na escola. Os resultados mostraram que, ao observar com atenção o comportamento e as dificuldades das crianças, o professor pode pensar seu planejamento e escolher intencionalmente formas mais adequadas de ensino, com o intuito de ofertar as máximas possibilidades de aprendizagem para todas as crianças. É possível observar que o planejamento que leva em conta o coletivo, sem desconsiderar a individualidade de cada criança e o contexto socioeducacional dos alunos, o que contribui para avanços mais significativos na alfabetização. Além disso, é importante destacar que o estágio possibilitou uma melhor compreensão da importância de ter um planejamento real das aulas, já que a prática de ensinar dinâmica deve se adaptar

¹⁴⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), laizalorrainerosa@gmail.com;

¹⁴⁵ Mestre em Educação/UEM; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luara.santos@unespar.edu.br.

continuamente às necessidades da sala de aula. É possível afirmar que o estágio supervisionado é uma experiência valiosa para a formação do pedagogo, especialmente na área da alfabetização. A prática de observar e planejar permite que o professor atue de forma mais eficaz, focando em um ensino de qualidade e no desenvolvimento completo do aluno.

Palavras-chaves: Estágio supervisionado. Alfabetização. Planejamento.

1 INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é um dos momentos mais aguardados pelos estudantes, independentemente de sua área de estudo. Para os estudantes de licenciatura, este é o momento de aplicar o conhecimento teórico adquirido na universidade na prática. Como estudantes e pesquisadores, compreendemos que o estágio é crucial, uma vez que proporciona experiências práticas dos temas acadêmicos anteriormente abordados.

As observações de aulas auxiliam na identificação dos comportamentos de estudantes e docentes durante o processo de ensino e de aprendizagem, além de revelar a interação entre professor e aluno, os métodos e técnicas empregados e os eventos que ocorrem no ambiente de sala de aula. É crucial para o estagiário vivenciar esse momento, pois fornece um exemplo de prática profissional que pode ser questionada em suas análises. Ao observar aulas e refletir sobre essas observações, o estagiário pode adquirir conhecimentos sobre como se comportar em certas circunstâncias, como lidar com obstáculos de aprendizagem, métodos e táticas de ensino mais adequadas para cada matéria e classe, como solucionar conflitos e construir relações interpessoais com colegas de trabalho e estudantes.

Batista (2006), afirma que a apropriação da escrita é um processo intrincado e multifacetado, que engloba a compreensão e a utilização eficaz e independente da língua escrita em diversas práticas sociais. Compreendendo essa complexidade, fala-se em alfabetização e letramento, como fenômenos distintos e complementares. Inicialmente, a alfabetização pode ser definida como o processo específico e essencial de assimilação do sistema de escrita, a aquisição dos princípios alfabéticos e ortográficos que permitem ao estudante ler e escrever de forma autônoma. Em outras

palavras, alfabetização se refere ao entendimento e ao domínio do chamado "código" escrito, que se estrutura em torno de conexões entre o som da fala e as letras.

Para Palangana (2015), a principal meta do projeto pedagógico das escolas de educação básica é proporcionar à criança oportunidades para aprender e adquirir conhecimentos em diversas linguagens, além de assegurar o direito de conviver e interagir com outras crianças. Esta visão sobre a conexão entre ambiente, educação e criança é baseada na perspectiva histórico-crítica, que defende que é através da relação social que o indivíduo não apenas adquire o conhecimento acumulado pelos seus ancestrais, mas também se forma como indivíduo. Assim, essas relações sociais em geral, e particularmente as que acontecem no ambiente escolar, são apontadas como um meio de potencializar o processo de aprendizado, tornando mais eficaz o impacto da aprendizagem.

O presente trabalho tem como campo de estudo o estágio curricular supervisionado, desenvolvido na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, durante o 3º ano do curso de Pedagogia, da UNESPAR/Campus Paranavaí. O movimento da disciplina se consistiu em discussões teóricas ocorridas nas aulas, na universidade e o estágio obrigatório, ocorrido em uma turma de 1º ano do ensino fundamental I, em uma escola pública do município, tendo estas 3 etapas: observação participativa, planejamento e intervenção pedagógica. O objetivo deste trabalho é mostrar a importância de observar as especificidades da turma para se pensar um planejamento consciente e intencional ao conteúdo a ser ofertado, neste caso, a alfabetização, ressaltando como é fundamental ter um ensino organizado e ajustado às necessidades dos alunos.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, aplicou-se a metodologia qualitativa, voltada primeiramente para o estudo teórico e histórico do desenvolvimento da linguagem oral e escrita e posteriormente, uma reflexão a partir das bibliografias estudadas, da prática observada e vivenciada na escola. Os resultados mostraram que, ao observar com atenção o comportamento e as dificuldades das crianças, o professor pode pensar seu planejamento e escolher intencionalmente formas mais adequadas de ensino, com o intuito de ofertar as máximas possibilidades de aprendizagem para todas as crianças.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 Fundamentação teórica

A vivência do estágio é um processo ininterrupto e dinâmico de aprendizado sobre a profissão de professor, onde o estudante estagiário irá explorar todos os campos educacionais, observando as práticas e metodologias dos professores da escola-campo e todos os profissionais da instituição, percorrendo diversos territórios, os modos de ser, agir e estar na profissão, fundamentando-se em uma visão histórico-crítica, com uma posição consciente diante das tarefas realizadas e executadas, demonstrando interesse e engajamento no processo de formação.

O período de estágio é crucial para observar as particularidades do ambiente escolar e identificar os fenômenos associados a esse cenário. Segundo Lima (2008), o estagiário deve aprender a desenvolver um olhar pedagógico e atento para identificar o que é incomum nas coisas cotidianas. Ao observarmos a movimentação da sala e seu dia a dia, conseguimos identificar o que é aprendido, o que é ensinado, a interação entre os estudantes, as possibilidades e contradições entre estudantes e docentes.

Conforme Pimenta e Lima (2006), o estágio vai além de tarefas meramente práticas, sendo o resultado da interação entre os programas de formação e o ambiente social onde as práticas pedagógicas se desenvolvem. De acordo com as autoras, o estágio é definido como uma área de estudo, já que é o instante em que a teoria é posta em prática, e a vivência prática resulta na aquisição de novos conhecimentos teóricos. As mesmas autoras também nos informam que o estágio é uma atividade de pesquisa, pois, ao conduzir um trabalho de campo, o profissional necessita de conhecimento científico e de uma adequada capacitação técnica para alcançar sucesso em suas ações. Assim, o estágio se transforma em um ambiente adequado para a investigação e para a aprendizagem.

Neste cenário, o estágio vai além da simples aplicação do conhecimento obtido, abrangendo também a habilidade de pesquisa e a procura por soluções inovadoras. O estagiário tem a chance de explorar o campo, examinar e entender diversas

realidades, formulando perguntas e elaborando táticas que possam auxiliar na melhoria de práticas já existentes ou até mesmo na concepção de novas formas de pensar o fazer docente.

Portanto, o estágio surge como uma chance de formar professores aptos a lidar com desafios, procurar soluções e contribuir para o progresso do conhecimento em seu campo de trabalho. Ao combinar pesquisa e estágio, os professores em formação expandem sua habilidade de entendimento e intervenção, fomentando uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a prática, consolidando sua fundamentação teórica para o desenvolvimento de novos métodos e estratégias de trabalho.

A alfabetização é uma ferramenta importante para melhorar as habilidades linguísticas das crianças ao longo da sua educação. Começando pela alfabetização, as crianças concebem a linguagem e ganham uma base para explorar a escrita, o que afeta o desenvolvimento de suas habilidades.

A aquisição da escrita e da leitura pode ocorrer de diversas formas, e a alfabetização começa antes mesmo do aluno ingressar na escola, por meio de vivências, e histórias no ambiente familiar. Portanto, a aquisição da leitura e da escrita ocorre por meio de um processo em que os alunos são os autores de sua aprendizagem e esse processo ocorre envolvendo a criança com o objeto-social e sujeitos mais experientes.

É importante destacar que o Plano Nacional de Educação, estipulado em 2014 e válido até 2024, tem como objetivo "alfabetizar todas as crianças até o término do terceiro ano do ensino fundamental". Por outro lado, a Base Nacional Comum Curricular estabelece que "a criança deve ser alfabetizada nos primeiros e segundos anos do ensino fundamental, procedimento que será reforçado no terceiro ano, chamado "ortografização".

Segundo Almeida (2014), a alfabetização fará parte da vida da criança e desenvolver estratégias sobre esse tema nesta etapa da educação básica trará muitos benefícios, pois envolve também a brincadeira como principal recurso de aplicação. Neste sentido, é sabido que o processo de alfabetização desempenha um papel importante na vida estudantil do aluno, e é fato que quando o processo de alfabetização é ineficaz pode ter consequências que prejudicam o desempenho futuro do aluno.

É crucial reconhecer que a educação não é considerada um esforço individual, pois somos criaturas sociais e nossa relação com o outro e com o espaço afetam o processo de aprendizagem. No entanto, as tradições sociais, bem como o conhecimento social, não são aprendidos facilmente pelas crianças. Em última análise, o jovem aluno não é considerado um participante passivo que simplesmente absorve tudo o que é falado a ele/ela; em vez disso, ele/ela aprende por meio da relação, discussão e do jogo simbólico, tudo o que leva à criação de seu próprio mundo. Isso é realizado por meio da realidade que sua mente pode perceber.

Ainda, segundo a mesma autora outro equívoco que muitos professores têm sobre a alfabetização é que ela faz parte de uma progressão que a criança atingirá em um momento específico durante seu ciclo escolar. No entanto, essa é uma noção incorreta, pois a alfabetização é parte integrante de um processo que é composto de estágios de aprendizagem, que dependem das experiências recebidas antes da escola, além de ter um período específico para terminar.

Soares (2004) define alfabetização como o aprendizado das técnicas, domínio da escrita, leitura e da conexão entre grafemas e fonemas, além do uso de diversos instrumentos de escrita. Em outras palavras, é um procedimento que ultrapassa a simples decodificação de letras e sílabas. Conforme descrito anteriormente por Magda Soares, a UNESCO define alfabetização como:

[...] conhecimento básico, necessário a todos num mundo em transformação; em sentido amplo, é um direito humano fundamental. Em toda a sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. Existem milhões de pessoas, a maioria mulheres, que não têm a oportunidade de aprender [...] a alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante a vida (UNESCO, 1999, p. 23).

De acordo com Cagliari (1993), o processo de alfabetização é complexo e depende de diversos fatores, incluindo a compreensão da escola sobre o processo de aquisição do conhecimento, o desenvolvimento emocional da criança, o desenvolvimento de suas interações sociais e a natureza da realidade linguística presente no momento em que o professor precisa guiar o processo de aprendizagem

de maneira prazerosa e produtiva, sem o sofrimento habitual. É reconhecido que os três primeiros anos do ensino fundamental não cobrem todas as habilidades linguísticas e comunicativas adquiridas ao longo do processo educacional e as demandas sociais.

Para que esse saber se desenvolva de maneira eficaz, é imprescindível um ambiente letrado na sala de aula. Este ambiente se destaca pela tentativa de direcionar as crianças em processo de alfabetização para o uso da escrita, antes mesmo de dominar as "primeiras letras". A aula é estruturada em torno da escrita, com registros de rotinas, listas de referências, calendário, alfabeto portátil, uso de etiquetas para a organização do material e uso de quadros para o controle de presença, por exemplo.

A formação de um ambiente de alfabetização envolve a compreensão do propósito da escrita (como registro, comunicação à distância, entre outros) e a compreensão de como ela é aplicada nas práticas sociais (como organizar a sala de aula, estabelecer normas de conduta na escola, por exemplo). Isso auxilia no processo de alfabetização das crianças. Todos os anos do ciclo de alfabetização são projetados para que os estudantes alcancem níveis claramente estabelecidos.

O ambiente escolar deve promover o aprendizado, sendo visto como o centro das relações pedagógicas. Este ambiente precisa cultivar uma cultura de leitura e escrita, utilizando recursos e materiais que favoreçam esse processo. Um ambiente de alfabetização deve apoiar o progresso da criança.

Silva e Duarte (2013), ao discutirem o ambiente de alfabetização, afirmam que o professor, de acordo com seus projetos e metas, pode optar por esses espaços para realizar diversas ações, que podem ou não se tornar parte de sua rotina semanal, tais como jogar, ler, aprender arte e expressões corporais, entre outros. Sempre em busca de ambientes onde a criança possa se socializar e ser estimulada pela novidade do lugar, pelo prazer do novo e felicidade na interação com o ambiente em que vive.

2.2 Resultados e discussões

Durante a observação-participativa foi possível perceber que a docente da classe se dedica intensamente à alfabetização e letramento das crianças, por meio dos projetos, leitura e interpretação. Ela identifica o contexto cultural dos estudantes e a maneira como eles produzem e reproduzem leitura e escrita, entendendo os significados que a alfabetização deve abranger. Assim, Soares (1998) caracteriza o letramento como o resultado do ato de se alfabetizar, se atribuirmos ao verbo alfabetizar o significado de se tornar letrado. Letramento é a consequência do ato de ensinar e re-aprender as práticas sociais de leitura e escrita; é a condição ou estado que um grupo social ou indivíduo adquire ao se apropriar da escrita e de suas práticas sociais.

O planejamento foi executado conforme o proposto e pesquisado, com o objetivo de proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa, rica em possibilidades de relação com a linguagem oral e escrita. Para isso, foi preciso revisitar por diversas vezes quem eram nossos alunos, quais suas necessidades e habilidades e como dialogar essas informações com o conteúdo definido para a aula.¹⁴⁶

De acordo com Craidy (1998), o planejamento das ações didáticas e a organização do trabalho proporcionam ao professor um direcionamento nas tarefas que pretende realizar, além de proporcionar segurança às crianças, que desde cedo percebem que vivemos em um mundo estruturado, onde as coisas se sucedem no tempo: antes, durante e depois. É crucial que o docente seja organizado e saiba preparar suas aulas, para não ficar indeciso ou até mesmo desorientado na execução das ações de ensino. Um planejamento eficaz é essencial para o bom rendimento de um docente competente.

Com base nas observações realizadas na escola, podemos ressaltar que os projetos desenvolvidos com a turma envolvem leituras e propostas recreativas que incentivam a criança a codificar e decodificar códigos, além de realizar uma análise detalhada de todos os componentes presentes, aproximando o estudante da fantasia ou do contexto social em que está inserido. A professora interage com seus estudantes, ajudando-os a se sentirem seguros durante o aprendizado, com toques

¹⁴⁶ Conteúdo definido previamente pela professora regente da turma.

de carinho, para que possam, além de dominar a leitura e a escrita, aprender a interpretar o mundo.

A alfabetização e o letramento são fundamentais para o mundo social, já que é por meio deles que o indivíduo se envolve diretamente no mundo no desempenho de suas funções sociais, com o objetivo de se tornar um cidadão informado, com domínio do código convencional de leitura e escrita em suas atividades sociais. Já o ato de alfabetizar e letrar são ações separadas, contudo, precisam ser combinadas para terem significado, o ideal seria alfabetizar letrando.

Sob a ótica da professora da escola campo em estágio, podemos examinar a intersecção desses conceitos, isto é, ela os ensina a ler e escrever no contexto de suas práticas sociais de leitura e escrita. O objetivo vai além de apenas ler e escrever, visa entender os significados do que foi lido e registrado. Neste sentido, o processo de alfabetização e letramento auxilia a criança a reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética, reforçando a relevância de saber ler e escrever, bem como compreender o que foi escrito.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que o estágio supervisionado é crucial nos cursos de licenciatura, especialmente aqui destacado, o curso de Pedagogia, pois nos permite conciliar a teoria aprendida em sala de aula com as práticas vivenciadas na instituição observada, identificando assim qual postura adotar frente às futuras práticas. Também notou-se que ao escolher o método de alfabetização, devemos considerar que cada estudante possui particularidades que devem ser levadas em consideração, ainda que o ensino seja pensado de maneira coletiva. Com isso, a metodologia de ensino para cada estudante pode precisar ser distinta, pois uma estratégia pode ser eficaz para a alfabetização de uma criança, mas pode não ser o mais adequado para o aprendizado de outra.

Ao observar com atenção o comportamento e as dificuldades das crianças, o professor pode pensar seu planejamento e escolher intencionalmente formas mais adequadas de ensino, com o intuito de ofertar as máximas possibilidades de

aprendizagem para todas as crianças. É possível observar que o planejamento que leva em conta o coletivo, sem deixar a individualidade de cada criança e o contexto socioeducacional dos alunos, contribui para avanços mais significativos na alfabetização.

As experiências no estágio permitem entender as necessidades educacionais dos estudantes, o que nos guiará na elaboração do nosso projeto de intervenção que estamos preparando. Por isso, a vivência adquirida durante a realização das práticas de estágio foi crucial para o desenvolvimento acadêmico e de futura profissional. A experiência, aliada ao conhecimento, foram cruciais no processo de ensino das crianças e também no futuro em sala de aula, orientando-as adequadamente para que possam adquirir as habilidades necessárias.

Para o estudante de graduação em formação, a experiência prática no campo do estágio e da pesquisa é crucial para a sua formação como profissional da educação. Essas duas vivências fornecem ao acadêmico a compreensão necessária para lidar com a tarefa educativa em toda a sua complexidade. Isso permite que ele atue de maneira crítica, flexível e rigorosa, garantindo assim uma educação eficiente. Além disso, é importante destacar que o estágio possibilitou uma melhor compreensão da importância de ter um planejamento real das aulas, já que a prática de ensinar é dinâmica e deve se adaptar continuamente às necessidades da sala de aula. É possível afirmar que o estágio supervisionado foi uma experiência valiosa para a formação do pedagogo, especialmente na área da alfabetização. A prática de observar e planejar permite que o professor atue de forma mais eficaz, focando em um ensino de qualidade e no desenvolvimento completo do aluno

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. S. **Educação infantil e alfabetização: consensos e controvérsias.** (Monografia). Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2014. 33f. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4021/1/PDF%20-Almeida-pdf->> Acesso em 02 de dez de 2024.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização, leitura e escrita**. Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86f. Disponível em: <<http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2016/creditacao/PNE%20142024.pdf>> Acesso em 03 de dez de 2024.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A mediação do professor na alfabetização. IN: CAGLIARI, Gladis Massini. **Diante das letras**: a escrita na alfabetização. Campinas: Mercado das letras, 1999.

CRAIDY, Carmem Maria. **O educador de todos os dias:convivendo com crianças de 0 a 6 anos**. Porto Alegre. Mediação, 1998.

SILVA, E. C; DUARTE, S. F. **Ambiente alfabetizador além da sala de aula**. Portal Educação. Anápolis, 2013. Disponível em: <<https://portaleducacao.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wpcontent/uploads/2013/03/Sidneya-Ferreira-e-Edil%C3%A2nia-Cardoso.pdf>>. Acesso em 29 de nov de 2024.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista brasileira de educação, 2004.

PALANGANA IC. **Desenvolvimento & aprendizagem em Piaget e Vygotsky** – a relevância do social. São Paulo: Summus Editorial; 2015.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**: diferentes concepções. Revista Poiesis, 2005/2006.

UNESCO. **Conferência Internacional de EJA**. Alemanha, Hamburgo, 1999.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE UM ESTUDO DE CAMPO

ALMEIDA, Grazielle Maria de Arcanjo¹⁴⁷

RODRIGUES, Adriana Aparecida¹⁴⁸

RESUMO: O estudo aborda as experiências no campo de Estágio Supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, enfatizando a importância do Estágio Supervisionado na formação docente. Partimos do pressuposto que o Estágio é um elo entre teoria e prática, sendo um elemento fundamental para o conhecimento dos desafios e embates no cotidiano concreto escolar. Nesse sentido, torna-se um elemento fundamental para a formação docente, no qual enfatizamos nesse estudo, sua presença no curso de pedagogia. Logo o estudo tem como objetivo analisar a relevância do Estágio Supervisionado para uma formação docente de forma significativa, a partir da ação prática, realizada em uma escola municipal, localizada na região noroeste do Estado do Paraná. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de um estudo bibliográfico, documental e de campo, por um viés qualitativo. O mesmo encontra-se subdividido em dois momentos, a saber: primeiramente conceituamos o Estágio Supervisionado no curso de licenciatura, em específico de Pedagogia, destacando sua abrangência legal; e por último, identificamos a teoria e prática no Estágio Supervisionado, a partir da realização do Estágio Supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR). O estudo mostrou que o Estágio Supervisionado, vai além de uma prática obrigatória, em decorrência de sua amplitude na formação do graduando. Além disso, o Estágio Supervisionado favorece o conhecimento concreto do possível campo de atuação profissional do graduando em Pedagogia.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado. Formação docente. Elo teoria e prática.

¹⁴⁷ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR) e graduada em Serviço Social, pela UNESPAR. E-mail: graziellyalmeida@outlook.com.

¹⁴⁸ Pós-doutorado e Doutora em Educação, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); graduada em Pedagogia e História pela Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR). Professora do Colegiado de Pedagogia da UNESPAR e do Centro Universitário UniFatecie. E-mail: adriana.rodrigues@ies.unespar.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a experiência e vivência das ações desenvolvidas no Estágio Supervisionado, vinculado com a disciplina Ensino e Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, do curso de Pedagogia da UNESPAR. Ocorrido no período de 19 de abril a 27 de setembro de 2024, em uma escola da rede municipal de educação de Paranavaí, a realização do Estágio Supervisionado, de caráter obrigatório, tem como função articular a teoria e a prática. Nesse patamar, o estudo tem como finalidade discutir a importância do Estágio Supervisionado para a formação docente.

Vale pontuar que o Estágio Supervisionado é importantíssimo para a formação de professores, por estabelecer a relação da teoria e a prática. Ao desenvolver as atividades que compreendem o estágio, aprendemos brevemente maneiras de como ensinar, de qual forma a criança aprende, respeitando a sua necessidade e individualidades, para transmitir o conhecimento científico, entre outros. Logo, compreende as metodologias, o papel que ocupa no processo de ensino e aprendizagem, entre outros.

A escolha da temática decorre pelo fato que o Estágio Supervisionado “[...] na formação de professores tem sido discutida historicamente, a partir do entendimento de que seria este o elemento curricular dos cursos de formação de professores responsável por assegurar a unidade teoria e prática desta formação” (Almeida, 2008, p. 219). Dessa maneira, almejamos ao longo do estudo, mostrar sua relevância para formação docente, que ultrapassa a perspectiva prática e de obrigatoriedade.

Diante disso, a organização do artigo está organizada em dois momentos, primeiramente discutimos sobre o conceito de Estágio Supervisionado no curso de licenciatura, em específico de Pedagogia, salientando sua abrangência legal. E por último, identificamos a teoria e prática no Estágio Supervisionado, a partir da realização do Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do curso de Pedagogia da UNESPAR. Explanando sobre os conteúdos, o processo do planejamento de aula, metodologias, relação aluno e professor e como são efetuadas as propostas pedagógicas.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: CONCEITO E ABRANGÊNCIA LEGAL

No processo de formação de professores é imprescindível o Estágio Supervisionado, no qual é o momento para discutir sobre as expectativas, possibilidades de ações pedagógicas e construir experiências, estabelecer a relação da teoria e a prática, rompendo com o pensamento de que na prática a teoria não tem sentido. Visto que, “[...] sem a teoria a prática fica cega. Por sua vez, a teoria sem a prática é mera abstração, então é preciso saber dosar” (Jacinto, 2014 apud UNESPAR, 2019, p. 42).

Segundo Almeida (2008), o estágio é compreendido como elemento na qualidade de ensino, na profissionalização e qualificação do exercício profissional. Possibilitando articular os encaminhamentos necessários. É nesse processo de formação de estágio que vai haver reflexão sobre qual professor formar e para qual escola, com análise críticas, agindo para a transformação do sistema educacional, construir novos conhecimentos, explicando, indicando formas para a construção das práxis pedagógica. Nesse viés, os conhecimentos e ações pedagógicas profissionais se estabelecem na articulação teoria e prática no processo de trabalho e nas relações profissionais.

E nesse processo de formação docente por meio do Estágio Supervisionado, as atribuições ao estudante, são:

Art. 15 - Compete ao aluno nas atividades de Estágio Supervisionado: cumprir as etapas previstas para a realização do estágio, a saber: observação / participação / colaboração na Direção de sala de aula; Regência de classe; realização das atividades prevista para a disciplina; registro das atividades desenvolvidas; elaboração do relatório parcial e final. organizar sua disponibilidade de tempo para o desenvolvimento das atividades teóricas e práticas, conforme instruções do professor orientador; preparar e realizar as atividades de estágio previamente definidas, responsabilizando-se pelos

recursos didáticos necessários para o desenvolvimento do trabalho; organizar o registro pessoal das atividades desenvolvidas; comparecer à instituição onde desenvolve as atividades de estágio nos dias e horários previamente fixados; observar as normas e regulamentos da instituição em que realiza o estágio; não divulgar, para terceiros, dados observados ou informações fornecidas pela Instituição onde realiza o estágio; discutir com o orientador/supervisor as dificuldades surgidas durante a realização das atividades de estágio; fazer uma permanente auto avaliação do trabalho desenvolvido, tendo em vista o constante aprimoramento das atividades de estágio; elaborar e apresentar os relatórios e demais trabalhos acadêmicos solicitados (UNESPAR, 2019, p. 103).

Os aspectos sobre o estágio na formação docente, é o contato com a realidade escolar, desenvolver e aprender as práticas educativas relacionando com a teoria e a relação do estagiário com os docentes, pedagogos, e diretores e supervisores. Assim é no Estágio Supervisionado vinculado com os estudos da disciplina, se dará condições ao estudante que está em formação docente para ensinar o conhecimento científico. Porém, cabe ressaltar, que a formação não é somente para o mercado de trabalho, mas também “[...] os estudantes são formados pela inserção social, política, cultural e educacional, que vai além da formação para o mercado de trabalho” (UNESPAR, 2019, p.43).

Segundo o documento normativo do curso de Pedagogia, a Proposta Pedagógica Curricular (PPC), para formar um bom profissional é preciso que,

Assim deverá ser um profissional comprometido com a formação pedagógica que envolve um processo intencional e sistematizado de transmissão de conhecimentos, indo além dos conhecimentos cotidianos, de modo que esse conhecimento possa ser superado pela incorporação dos conhecimentos científicos. (UNESPAR, 2019, p. 40).

Para formar um professor crítico, ativo, participativo, comprometido, compreensivo, para promover através do conhecimento o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, tendo consciência do seu papel e responsabilidade. E esse perfil de profissional, é no processo da teoria e prática, “[...] um profissional que transcende a realidade posta/imediata, transpondo-se para o pensamento o movimento real do objeto e situações que se deparar, interpretando-as

conscientemente.” (UNESPAR, 2019, p.40). Por isso, a importância do Estágio Supervisionado na formação docente.

Sobre a organização legal, ressaltamos a Lei n.º 11.788 de 2008, que pontua que:

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. § 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando. § 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. (Brasil, 2008, p. 01).

No entanto, faz-se necessário ressaltar que, o estágio possui duas modalidades, que são o obrigatório e o não obrigatório,

[...] conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso. § 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma. § 2º Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória. (Brasil, 2008, p. 01).

Nesse cenário, destacamos entre as legislações vigentes a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n.º 9.394, de 1996, que diz,

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço. (Brasil, 2020, p. 25).

A partir desses dados, enfatizamos que é essencial considerar o objetivo dos cursos de licenciatura, promovendo uma ação integradora entre todos os setores da escola. Além disso, deve-se dar atenção à prática pedagógica, proporcionando aos estudantes uma compreensão prática do ensino. Esses direcionamentos estão previstos na LDBEN, que determinam que a formação de profissionais da educação deve ter um sólido embasamento teórico, aliado à articulação entre teoria e prática, consolidado por meio do Estágio Supervisionado.

2.2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A ARTICULAÇÃO TEORIA PRÁTICA

Durante essa experiência do Estágio Supervisionado é preciso realizar as reflexões: Quais maneiras as crianças aprendem? pra qual escola? para quem? Quais metodologias utilizar? Qual é o papel que o professor? Qual papel da escola? Por isso, a importância da teoria, para estudar estas questões e realizar uma prática de qualidade com conhecimento científico.

Não tem como se formar e não passar pelo processo de estágio, é preciso ver esse momento, como produção e aplicação do conhecimento, é essencial que os estagiários dialogam sobre as vivências dos alunos com os professores das instituições de estágio e professores da Universidade, e também com demais estagiários, para maior compreensão no exercício profissional. E nesse processo da prática de Estágio Supervisionado vinculado com a disciplina Ensino e Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, é preciso as observações, participação, planejamento, intervenção e leitura e discussões dos textos em sala de aula.

Vale ressaltar que o método de observar é uma estratégia para verificar melhor os aspectos e concepções aplicadas, é por intermédio da observação que com olhar mais crítico, torna mais fácil as reflexões e a compreensão da realidade escolar. Pensar em propostas pedagógicas que realmente promovam o desenvolvimento das crianças, observar as atividades que tenham intencionalidade e objetivo. O desenvolvimento não é só biológico, mas sim por estímulos adequados e precisa estar em atividade a criança, e ações essas que despertem o interesse delas. Por essa

razão, é necessário construir uma proposta educativa para a formação da criança, que seja a potencialidade de enriquecer e humanizar a atividade da criança desenvolvendo a formação da criança.

Foi observado no período da prática de Estágio Supervisionado que a turma não realiza questionamentos sobre o conteúdo, porque não veem sentido nas atividades. Segundo Almeida (2008), é necessário desenvolver atividades que fazem sentido, com objetivo para que o aluno tenha razão para realizar a ação. A teoria não transforma por si só é preciso que a prática conscientize os indivíduos. Além disso, os alunos só realizam atividade individualmente, não são aplicadas propostas pedagógicas em grupos.

Considerando essa problemática, foi realizado planejamento com propostas pedagógicas dinâmica em grupos, para as crianças aprenderem a trabalhar no coletivo.

FIGURA 01 – INTERVENÇÃO



Fonte: Compilação da autora (2024).

Segundo Asbahr (2016), as atividades realizadas em grupo são essenciais na organização do ensino, pois permite o aluno a aprendizagem, nos momentos coletivos irão discutir para pensar em resoluções de problemas. Com isso, contribui para a formação das funções psicológicas superiores, de acordo com a Teoria Histórico-Crítica.

Foi elaborado o plano de aula com propostas pedagógicas dinâmicas, com objetos do cotidiano, e sempre questionando qual era o uso social do objeto, quem

tinha o nome ou sobrenome com a inicial da letra. As crianças ficaram entusiasmadas, queriam todos falar ao mesmo tempo, queriam mostrar que sabem o conteúdo. Segundo Sforini e Galuch (2006), o professor precisa entender o conteúdo que vai planejar/ensinar. Compreender a atividade de estudo é uma atividade com várias tarefas, planejadas e organizadas.

É na escola que a criança deve aprender o conhecimento científico de maneira que possa aprender o conteúdo, mas infelizmente não é a realidade escolar, não têm ações para explorar, lúdica, que promovem o desenvolvimento. Realizam muitas atividades de folhinha, ficam sempre na mesma rotina, de forma mecanizada, e ainda tem que ficar sempre sentado. Segundo Asbahr (2016), os conhecimentos espontâneos são adquiridos no cotidiano, e as crianças não conseguem realizar muitas vezes a descrição de definições de conceitos. Por outro lado, o conhecimento científico, é adquirido na escola, de maneira sistematizada e organizada, começando pela apropriação do objeto, atividade com intencionalidade.

FIGURA 02 – INTERVENÇÃO



Fonte: Compilação da autora (2024).

Para adquirir o conhecimento científico, são necessárias novas aprendizagens conceituais, ou seja, novas informações. É um processo de conhecimento do conteúdo e não um resultado. O aluno vai formando conceitos e hipóteses, até alcançar na conclusão do conteúdo. Diante disso, a Sforini e Galuch (2006) diz sobre o conhecimento prévio:

A compreensão é evidenciada quando o aluno consegue transpor o conteúdo escolar para explicar cientificamente os fenômenos com os quais se depara diariamente, ou seja, quando o pensamento ascende ao concreto, tal como afirma Vygotsky. Esse deve ser o objeto da avaliação da aprendizagem. (Sforzi; Galuch, 2006, p. 227).

Por isso, o papel da escola deve propor meios para as novas aprendizagens, realizar questionamentos que exige que o educando dê respostas sobre o que pensam, para buscar respostas para avaliar o conhecimento do aluno.

É essencial os estudos e a compreensão sobre o desenvolvimento infantil, para construir uma proposta educativa para a formação da criança, que seja a potencialidade de enriquecer e humanizar a atividade. Para superar a ideia que na prática a teoria não funciona. É importante o estudo do conteúdo e o planejamento, para ter uma ação de qualidade que promova o desenvolvimento infantil.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse exposto, o estágio é importante para refletir em qual professor queremos formar, ser professor crítico, ensinar o conhecimento científico para tornar o aluno ativo e não mecanizado. Relacionar teoria e prática, superar a ideia que o aluno constrói seu próprio conhecimento e comportamento.

Infelizmente, ainda é utilizada uma organização escolar arcaica, com atividades mecanizadas, sem estudo para o planejamento, são poucos professores que buscam romper com essa ideologia ultrapassada. Pois impactam o aprendizado e desenvolvimento da criança, ainda mais que estudam em período integral, a rotina escolar se torna mais cansativa. É preciso menos papel A4 e mais experiência, vivência, ensinar o conteúdo de maneira lúdica, para que as crianças possam se envolver, participar e questionar, ou seja, ver sentido na proposição do professor.

A teoria dará para a formação docente subsídio para o ensino e aprendizagem, como observar e buscar métodos adequados para cada aluno/turma.

Enfim, é em sala de aula, que o estagiário adquirirá os conhecimentos profissionais, compreendendo o processo de ensinar, a organização das instituições

escolares, as metodologias. Além disso, saber o papel da escola e do professor, não só no contexto escolar, mas no social, político e econômico. O estágio vai proporcionar contato com as ações pedagógicas, para observar as atividades que fazem sentido, que tem objetivos. Além disso, a construção do conhecimento sobre a pedagogia como um todo, proporciona alternativas às necessidades do ensino e aprendizagem de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cláudia Mara de. Prática de formação: estágio supervisionado: ideias iniciais. In: PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Fundamentos teórico-metodológicos das disciplinas da proposta pedagógica curricular, do curso de formação de docentes**: curso de formação de docente – normal, em nível médio. Curitiba: SEED, 2008. p. 219-226.

ASBAHR, Flávia. **Idade escolar e atividade de estudo**: educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. In: MARTINS, Ligia; ABRANTES, A; FACCI, M. (Org). Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico. São Paulo: Autores associados, 2016.

BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei n.º 11.788, de 25 de setembro de 2008**: dispõe sobre o estágio. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 03 out. 2024.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONSELHO PLENO. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 03 out. 2024.

SFORNI, Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. Conteúdos escolares e desenvolvimento: qual unidade? **Comunicações, Revista do Programa de pós-graduação em Educação da UNIMEP**, n. 02, p. 150-158, nov. 2006. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/comunicacoes/article/view/946/454>.

SFORNI; Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. **Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental**. Educar, Curitiba, n. 28, p. 217-229, 2006.

UNESPAR, Universidade Estadual do Paraná. **Proposta Pedagógica Curricular do curso de Pedagogia**. Paranavaí: s/e, 2019.

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA DISCIPLINA DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS

GONÇALVES, Leticia Pereira¹⁴⁹

FARIAS, Maria Rita Martins de Mendonça¹⁵⁰

RODRIGUES, Adriana Aparecida¹⁵¹

RESUMO: O presente resumo refere-se à experiência vivenciada no estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental, em uma Escola Municipal da região do Noroeste do Paraná, em determinadas turmas sendo elas de 1º ano 2º ano e 4º ano do ensino fundamental, no qual foram desenvolvidas ações lúdicas para mobilizar as aprendizagens das crianças no processo de ensino da disciplina da língua portuguesa utilizando o lúdico como aliado. Assim, o nosso objetivo é analisar a contribuição do lúdico no processo de ensino e aprendizagem na língua portuguesa nos anos iniciais a partir do estágio supervisionado, com isso o lúdico surge como ferramenta pedagógica que nos ajuda a internalizar o aprendizado e a desenvolver habilidades importantes, o lúdico em nossa perspectiva se torna um dos principais aliados e sendo de suma importância como a leitura, escrita o raciocínio e a coordenação motora, principalmente quando se trata da língua portuguesa. Abordamos nesse artigo nossa perspectiva, ademais dividimos em três momentos: começamos com a leitura de artigos e textos em sala de aula, depois planejamos e preparamos os recursos para determinadas aulas, e concluímos com a realização das intervenções e ações em sala de aula com os alunos. Consideramos que os resultados mostram que a proposta de ensino desenvolvida engajou as crianças, e as ações lúdicas foram essenciais para fomentar a aprendizagem delas no movimento de reconstrução lógica do conceito histórico. Com isso, concluímos que essa experiência de estágio proporcionou vivências fundamentais para a nossa formação docente, pois possibilitou o contato direto com a realidade escolar, permitindo-nos acompanhar, observar, planejar e atuar nas situações de ensino e de aprendizagem no ensino fundamental e no curso de graduação.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Lúdico. Processo de Ensino e Aprendizagem.

¹⁴⁹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), leti.pereira.w.w@gmail.com.

¹⁵⁰ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), maria.mendonca.unespar@gmail.com.

¹⁵¹ Doutora em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) e do Centro Universitário UniFatecie, drikarodrigues66@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este presente artigo tem por objetivo relatar a importância do lúdico na disciplina da língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental, com base nas nossas experiências e vivências que tivemos ao longo do período de estágio em uma instituição de ensino localizada no município de Paranavaí, no qual podemos relacionar a teoria aprendida durante o curso de formação acadêmica docente de pedagogia com a prática da rotina da educação nas escolas no ensino fundamental. Estivemos com as determinadas salas de aula, sendo elas o 4º ano G do ensino fundamental; 1º ano A do ensino fundamental e 2º ano D do ensino fundamental, no período vespertino, nas sextas-feiras em determinados dias.

Relatamos as experiências, intervenções e aprendizados que tivemos no ensino fundamental e todo o processo em que utilizamos o lúdico como alicerce no ensino da língua portuguesa e quais foram as contribuições de utilizar o lúdico nos anos iniciais do ensino fundamental. Logo, pontuamos que o estágio foi um momento de descobertas e de adquirir conhecimento na prática, pois podemos aprender o que para nós era um universo desconhecido, na busca do aperfeiçoamento e interação da teoria com a prática.

É por meio do estágio que passamos a conviver e conhecer melhor o cotidiano dos alunos e professores na escola em que estagiamos, podendo assim adquirir novas experiências propondo um melhor envolvimento nas práticas educativas do ensino fundamental e novos métodos de aprendizagem de uma maneira mais leve, sem que os alunos se sintam saturados de tantas folhas de atividades, buscamos exemplificar aos leitores deste artigo a importância do lúdico recurso como pedagógico a nós professores e principalmente aos alunos.

Nesse sentido, apontamos os olhares e reflexões de experiências adquiridas a partir do estágio no ensino fundamental e a utilização do lúdico e das intervenções que realizamos nesta instituição, no qual desencadearam campos de investigação e análises sobre a importância de trabalhar recursos lúdicos na língua portuguesa nos anos iniciais, adaptações foram necessárias para que os conteúdos fossem

transpassados de forma que os alunos realmente compreendessem o que lhes estava sendo ensinados para assim haver realmente aprendizado, tanto dos alunos, quanto nosso, pois todos os dias que estagiamos nesta instituição aprendemos gradativamente com eles, principalmente as relações de teoria e prática que andam conjuntamente oferecendo aos estagiários diferentes percepções do ler, ver, conviver e contribuir a partir do contexto inserido para formação docente.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA

A princípio tratamos sobre a contribuição do lúdico na disciplina da língua portuguesa nos anos iniciais, sendo assim traremos como todo esse processo foi utilizado nas intervenções que aplicamos em sala de aula ligados ao estágio supervisionado no ensino fundamental. Sua relevância se dá pelo fato de a língua portuguesa ser o principal aliado como componente curricular das nossas intervenções, devido a sua importância essencial para o processo de formação humana. Dessa forma, ao dominar a linguagem oral e escrita, o cidadão consegue expor e defender as suas ideias, construir conhecimentos, se posicionar de maneira crítica, articular respostas, e exercer a sua plena cidadania.

No meio escolar não seria diferente, uma vez que,

É responsabilidade da escola promover durante o Ensino Fundamental a ampliação de competências linguísticas que permitam ao aluno ler e compreender os diferentes textos que circulam na sociedade. Além de ser capaz de se expressar de forma eficaz por meio da oralidade e da escrita, nos mais variados contextos (Querido, 2009, p. 13).

A linguagem oral é fundamental na formação e organização do pensamento, cabendo à escola auxiliar a desenvolver a capacidade de expressar a oralidade do

aluno, lhe ensinando as formas corretas das expressões linguísticas, conforme as exigências das modificações do grau de formalidade, podendo fazer uso de práticas pedagógicas que incentivem a comunicação na sala de aula. É importante que no decorrer dessas práticas, o aluno seja ouvido, pois dessa forma terá maior segurança ao dizer o que pensa. Porém, o momento da escuta também é necessário, uma vez que escutar com atenção e refletir sobre a fala do outro, são normas básicas de convivência e do intercâmbio comunicativo.

A escrita por sua vez está relacionada à leitura, pois são práticas que se complementam e se modificam no decorrer do processo de letramento. Dessa forma, o objetivo da escola é fazer com que o aluno utilize a escrita em diferentes situações de comunicação, para isso o professor deve mediar o conhecimento, se dispondo dos mais variados recursos, a fim de proporcionar experiências significativas aos alunos.

O uso de recursos lúdicos contribui de forma direta com o processo de apropriação do conhecimento, uma vez que a atividade lúdica se caracteriza pela ação e participação da criança, não tendo total foco em seu resultado. Vale pontuar que,

Os jogos e as brincadeiras promovem a possibilidade da expressão do mundo imaginário, realizando fantasiosamente os sentimentos que não puderem ser verbalizados, tais como desejos, medos, ansiedade e agressividade. A imaginação infantil é fundamental para o desenvolvimento cognitivo possibilitando a criação de ideias novas e resolução de problemas intelectuais. É por meio das fantasias, da imaginação e do jogo de papéis que a criança irá brincar e se relacionar consigo mesma e com o mundo que a cerca. (Ayres, 2012, p. 160).

Neste contexto, destacamos a perspectiva de Vygotsky sobre a importância das atividades lúdicas no desenvolvimento infantil, ao apontar que a ludicidade permite à criança agir e pensar de forma mais elaborada do que em outras situações (Pimentel, 2008). Dessa forma, ele defende que o brincar e a aprendizagem formal são aspectos complementares ao desenvolvimento infantil, funcionando como espaços de crescimento cognitivo e emocional. Assim, o envolvimento em atividades lúdicas promove um desenvolvimento psíquico ativo e significativo para a criança.

Ao desenvolver tais práticas em sala de aula, o professor de língua portuguesa deve se atentar em conciliar o conteúdo da disciplina proposto pela Base Nacional

Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), com a atividade lúdica, de modo haja todo um planejamento por trás da ação e que fique

[...] evidente que o professor de Língua Portuguesa deve planejar, revisar e até mesmo reelaborar suas atividades, para que haja um bom desempenho da proposta aplicada em sala de aula, para que possa ser algo prazeroso, organizado e que efetivamente contribua para o aprendizado dos discentes (Antunes; Cordeiro; Vasconcelo, s/d, p. 07).

Nesse sentido, tais propostas contribuem para que o aluno “aprenda brincando”, e “brinque de aprender”, uma vez que muitos profissionais da educação não possuem o discernimento de ensinar por meio do lúdico.

A aprendizagem da criança pode se dividir em 3 momentos segundo Vygotsky (1998 apud Antunes; Cordeiro; Vasconcelo, s/d, p. 07), sendo eles: a Zona de Desenvolvimento Potencial, ou seja, tudo o que a criança ainda não domina, mas que futuramente irá aprender; a Zona de Desenvolvimento Real, que é tudo o que a criança consegue realizar sozinha; e a Zona de Desenvolvimento Proximal que seria o intervalo entre esses dois níveis. Ao interferir nessa última citada, o educador consegue movimentar o processo de desenvolvimento das funções mentais complexas da criança, mas se faz necessário que tal intervenção ocorra de maneira cuidadosa, a fim de que possa ocorrer a estruturação do conhecimento. Dessa forma, ao serem realizados os jogo e brincadeiras na sala de aula, o professor deve ter total atenção aos detalhes buscando:

[...] observar particularidades de cada aluno como: dificuldade na matéria envolvida, comportamento, interação, timidez e assimilação do conhecimento. Essas minúcias captadas pelo professor o ajudarão a lidar melhor com a turma e com cada aluno, individualmente (Antunes; Cordeiro; Vasconcelo, s/d, p. 07).

Sendo assim, o uso de recursos lúdicos no ensino da língua portuguesa visa proporcionar uma educação inovadora, na qual enriqueça o conhecimento, tornando-o mais divertido, interessante e de qualidade.

2.2 EVIDÊNCIAS NA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Em conjunto, fundamentamos nossa intervenção com base no Referencial Curricular do Paraná, na BNCC e na Proposta Pedagógica de Paranavaí, de modo que o conteúdo abordado se deu por meio dos conceitos de encontro vocálico e de gênero textual, em especial o gênero textual fábula, sendo assim, como recurso principal, utilizamos a fábula chamada “O Urso e as Abelhas”, na qual este trecho foi retirado do livro “Fábulas de Esopo” (Ash; Highton, 1994).

Essa obra narra a história de um urso que procurava alimento para sua refeição matinal, quando de repente se depara com uma árvore caída próxima de si. Nela havia um grande enxame de abelhas que guardavam o seu precioso favo de mel. Faminto, o urso começa então farejar o tronco para ver se as abelhas se encontravam, mas para a sua tristeza, uma abelha que voltava do campo se depara consigo e lhe feriu dolorosamente. Furioso, o urso pula sobre o tronco com unhas e dentes, disposto a destruir a casa das abelhas, o que não acontece, pois toda a colmeia o expulsa de lá, e para fugir delas, o mesmo se esconde mergulhando-se em um pequeno lago.

Organizamos e dividimos a nossa regência em sete momentos, sendo eles: acolhida dos alunos, apresentação e explicação de como seriam desenvolvidas as atividades durante a tarde; contação da fábula juntamente com a explicação mais detalhada sobre suas características; interpretação da fábula e correção coletiva; reorganização da fábula de acordo com a escuta e compreensão no momento da história, e correção coletiva; introdução ao conteúdo dos encontros vocálicos, perguntando se os alunos já conheciam o conteúdo e se poderiam nos dar exemplos de encontros vocálicos retirados do texto; bingo dos encontros vocálicos; e por fim, perguntas para retomar o conteúdo.

Ao chegarmos na sala de aula, iniciamos a aula perguntando aos alunos se conheciam o gênero textual: fábula. Como dito pela professora da turma, os alunos já tinham uma noção do conteúdo, portanto tivemos um bom resultado em relação às respostas. Em seguida, fizemos a leitura da fábula “O Urso e as Abelhas” e posteriormente começamos a explicar o conteúdo. Nesse momento enquanto explicamos o conteúdo, os alunos tiveram um momento para fazerem perguntas se caso não houvesse a compreensão da parte deles, porém permaneceram em silêncio.

Dito isso, seguimos para a primeira atividade, na qual consistia na interpretação da fábula que acabamos de ler. Algumas perguntas foram escritas na lousa, a fim de que os alunos pudessem copiá-las e logo em seguida respondê-las.

Figura 01: Interpretação da fábula

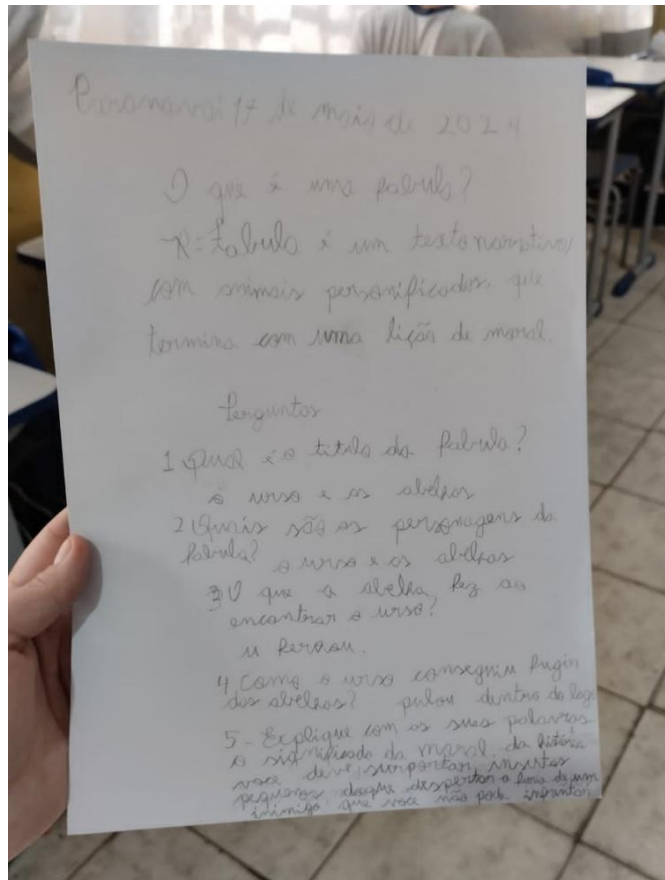


Fonte: compilação das autoras (2024).

Nesse momento, percebemos a facilidade dos alunos em realizar as cópias, porém no momento da leitura e interpretação da fábula e das perguntas, a dificuldade se fez presente ali. Visto isso, fizemos a leitura da fábula novamente juntamente com a leitura das perguntas. Logo em seguida, os alunos conseguiram interpretar a maioria delas, mas ainda assim, a pergunta sobre o significado da moral da história ainda apresentava uma difícil compreensão.

Com isso, tentamos explicar de outra maneira, a fim de que o processo de assimilação ocorresse de uma forma mais clara. Enquanto alguns alunos respondiam a última questão, outros ainda apresentaram um pouco de dificuldade, visto isso, pedimos para que os que já haviam terminado as perguntas compartilhassem com os demais colegas as suas respostas, fazendo assim, com que todos conseguissem realizar a atividade.

Figura 02: Interpretação da fábula.



Fonte: compilação das autoras (2024).

Em seguida, partimos para a realização da segunda atividade proposta para a tarde, “O Pote das Frases”. Dividimos a sala em 4 grupos, de modo que cada grupo foi nomeado com elementos que faziam parte da fábula, como: ursos, abelhas, mel e árvores. Antes disso, buscamos entrar em contato com a estagiária responsável pela turma, a fim de nos certificarmos se havia alunos com algum tipo de transtorno e necessidades especiais, ou dificuldades em relação a realização das atividades.

Foi nos dito que alguns alunos da turma apresentavam um certo nível de dificuldade em realizar certas atividades, e por isso, ao fazer a divisão, buscamos colocar esses alunos em diferentes grupos, pois se algum deles não conseguisse realizar o exercício, os demais colegas poderiam ajudar. A leitura da fábula foi feita novamente, a fim de que os alunos pudessem relembrar da história e executarem a

atividade proposta. Dito isso, passamos em cada grupo com o pote das frases em mãos, e pedimos para que cada criança pegasse um papel e fizesse a leitura do mesmo.

Em seguida, orientamos os grupos de como montariam a fábula de acordo com os parágrafos que tinham. Graças ao trabalho em equipe, a atividade foi realizada com êxito e em pouco tempo levando em consideração a atividade anterior.

Figura 03: Reorganização da fábula



Fonte: compilação das autoras (2024).

Com o retorno do intervalo, retomamos a intervenção com a introdução do conteúdo sobre os encontros vocálicos. Perguntamos aos alunos se eles sabiam sobre o conteúdo, se sabiam o que eram encontros vocálicos e se poderiam nos dar alguns exemplos. Novamente os alunos já tinham noção sobre a matéria, conseguindo nos dar vários exemplos, por isso explicamos brevemente sobre o conteúdo. E para finalizar, partimos para a última atividade proposta para tarde, “o bingo do encontro vocálico”.

Figura 04: Bingo do encontro vocálico.



Fonte: compilação das autoras (2024).

As cartelas foram entregues para cada criança e logo o bingo começou. Enquanto uma de nós “cantava o bingo”, a outra escrevia na lousa os encontros vocálicos que já haviam saído, a fim de facilitar aos alunos o encontro das palavras na cartela e a correção do possível ganhador. Conforme o tempo passava, os alunos ficavam mais empolgados para descobrir quem seria o ganhador, e com isso nós ficávamos ainda mais animados e nos empolgamos cada vez mais com a animação deles.

Figura 05: Bingo do encontro vocálico



Fonte: compilação das autoras (2024).

Depois de uma longa rodada, ouvimos alguém gritar “bingo!”, e prontamente fomos corrigir a cartela com o auxílio das crianças, descobrindo que o aluno do qual havia gritado, realmente havia completado a cartela. Nesse momento, um dos alunos acabou se chateando dizendo que essa brincadeira era muito injusta, pois só um seria o ganhador, tentamos explicar que naquele momento realmente havia só um ganhador, mas o prêmio seria entregue para todos e outra rodada poderia ser feita, pois ainda havia tempo. Mas não teve outro jeito, o aluno não quis permanecer na sala e para não causar nenhum conflito, a estagiária pediu para que o mesmo se sentasse ao lado de fora. Outra rodada se iniciou, mas não conseguimos finalizá-la, pois outra professora precisava assumir a turma. Nos despedimos com muitos abraços e sorrisos, e com isso finalizamos a aula.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso período de estágio nos possibilitou muitas experiências que certamente ajudarão a garantir nosso êxito profissional enquanto professoras. Descobrimos o real sentido em ser professoras e acreditamos que todo esse sentimento, só é possível graças às experiências que tivemos até o presente

momento, que colaboraram com o desenvolvimento da nossa identidade como docentes e um dos principais objetivos se dá por relatar a importância do lúdico na disciplina da língua portuguesa nos anos iniciais, com base nas nossas experiências e vivências que tivemos ao longo do período de estágio em uma instituição de ensino localizada no município de Paranavaí.

Com o âmbito vivenciamos, participamos e desenvolvemos todo o período em que estivemos estagiando, de forma que concluímos que ser professor é um grande desafio, pois estaremos lidando com o futuro do país e por isso temos plena consciência de que daremos o nosso melhor. O estágio nos possibilitou a ter uma ampla visão sobre organização escolar e também sobre as metodologias utilizadas em sala de aula observadas durante os dias em que estivemos estagiando.

Depreende-se que há um grande conflito entre a teoria e a prática, uma vez que podemos visualizar nas experiências em sala, diversos conceitos e dificuldades que foram apresentados durante todo o período em que estivemos acompanhando os alunos, proporcionado a nós, estudantes, a realidade que podemos esperar nos próximos anos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ciro Carlos; CORDEIRO, Ana Antunes; VASCONCELO, Vanessa Nascimento. O lúdico como ferramenta didática e o seu uso no ensino de língua portuguesa. **Inesul**, Londrina, p. 01-10, s/d. Disponível em:

https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_48_1490045656.pdf. Acesso em: 13 out. 2024.

ASH, Russell, HIGTON Bernard. **Fábulas de Esopo**. 1. ed. Companhia das Letrinhas, 1994.

AYRES, Sonia Nunes. **Educação infantil**: teorias e práticas para uma proposta pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

PARANAVAÍ. **PPC:** língua portuguesa. 2021. Paranavaí: SEDUC/PVAÍ, 2021.

PIMENTEL, Alessandra. **A ludicidade na educação infantil:** uma abordagem histórico-cultural. Psicologia da Educação n. 26, p.109 -133 jun. 2008.

QUERIDO, Valéria do Nascimento. **Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa.** Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2009, p. 9-40.

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

SANTANA, Amanda dos Santos¹⁵²

RODRIGUES, Adriana Aparecida¹⁵³

RESUMO: Esse artigo refere-se sobre a contribuição do estágio no âmbito do ensino fundamental, em particular, nos anos iniciais e de que a forma a prática pedagógica pode ser ampliada pela utilização de lúdico como recurso de aprendizagem. Partimos do pressuposto que o lúdico pode ser utilizado com recurso no processo educativo, tornando-o mais inovador e instigante, permitindo ainda contribuir para a evolução da cognição, sociabilidade e das emoções das crianças. Portanto, ao integrar o lúdico no currículo, os docentes proporcionam promover uma dinamicidade na aula e incentivar o protagonismo, propondo atividades assertivas em grupo. Além de conseguir fixar uma aprendizagem de forma mais significativa, garantindo a retenção maior das informações. O objetivo principal deste estudo é demonstrar como a utilização de atividades lúdicas pode transformar o ambiente escolar, tornando-o mais envolvente e motivador para os alunos. A justificativa para essa investigação é a necessidade crescente de metodologias que tornem o aprendizado mais dinâmico e significativo. O uso de atividades lúdicas no contexto educacional se mostra essencial, pois essas práticas não apenas tornam o ensino mais prazeroso, mas também estimulam o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças. A metodologia empregada neste estudo envolve pesquisa bibliográfica e de campo, a partir das experiências no estágio supervisionado dos anos iniciais do ensino fundamental, que evidencia como as atividades lúdicas favorecem a construção do conhecimento de forma ativa e integrada. O estudo mostrou que o lúdico proporciona um ambiente de aprendizagem interativo, no qual os alunos podem explorar, experimentar e aplicar o que aprenderam, o que resulta em uma aprendizagem mais significativa e conceitual. Além disso, busca-se destacar da importância a inserção de abordagens lúdicas no cotidiano escolar, justamente por promover um aprendizado que respeite as necessidades e ritmos individuais de cada estudante.

Palavras-chave: Lúdico. Processo de ensino e aprendizagem. Estágio supervisionado.

¹⁵² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), amandaunespar@gmail.com

¹⁵³ Possui pós-doutorado e doutorado em Educação, professora do colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), drikarodrigues66@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Durante a disciplina de estágio no ensino fundamental, voltada para os anos iniciais do ensino fundamental, tivemos a oportunidade de realizar estágios supervisionados em uma instituição municipal na região noroeste do Paraná. Instituição na qual é de carácter periférico e atende crianças em tempo integral. Essa experiência, aliada às teorias abordadas em sala de aula, enriqueceu nosso olhar crítico ao observar como crianças de 6 a 10 anos interagem com o ambiente escolar e como a utilização de recursos lúdicos, pode potencializar o desenvolvimento de diversos conhecimentos. A aprendizagem se revela de forma mais qualitativamente quando contemplada por meio de práticas lúdicas.

Ponderamos que nos primeiros anos do ensino fundamental, as crianças estão em uma fase importante do desenvolvimento do psiquismo, e as atividades pedagógicas precisam considerar as etapas desse processo. Nesse contexto, o uso de práticas lúdicas se destaca como uma ferramenta educativa capaz de despertar o interesse dos alunos pelo aprendizado. Quando inserido em uma abordagem crítica e reflexiva, o lúdico promove um aprendizado vinculado à prática social dos estudantes. No entanto, por falta de conhecimento, muitos professores utilizam recursos lúdicos apenas como forma de entretenimento ou para cumprir exigências burocráticas, principalmente na educação infantil, sem reconhecer que esses recursos contribuem significativamente para o desenvolvimento integral das crianças e respeitam suas fases de crescimento.

Nesse sentido, indagamos: Qual a importância do lúdico como recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem? Para tanto, objetivamos analisar a utilização do lúdico no contexto da prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental, ressaltando como as ações educativas podem atuar como promotoras de novas oportunidades de aprendizagem significativa e conceituais.

Logo, o desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de um estudo bibliográfico e campo, dividido em dois momentos, a saber: compreendemos primeiramente a utilização do lúdico como recurso pedagógico, e conseqüentemente, apresentamos os resultados de intervenções lúdicas nos anos iniciais do ensino fundamental, a partir da realização do estágio supervisionado. Além disso, o estudo

se encontra embasado teoricamente na Teoria Histórico-Cultural, mostrando que a formação docente é permeada de reflexão e criticidade.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 O USO DO LÚDICO COMO RECURSO PEDAGÓGICO

A utilização de lúdico como ferramenta pedagógica tem se mostrado uma estratégia qualitativa no processo de aprendizagem, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Atividades lúdicas oferecem aos alunos uma maneira interativa de desenvolver habilidades cognitivas, sociais e emocionais, tornando o processo de aquisição de conhecimento mais dinâmico e significativo. No ambiente escolar, o ato de jogar transcende o entretenimento e se transforma em uma oportunidade de aprendizado colaborativo e contextualizado. Estudos na área da educação apontam que o lúdico pode facilitar o desenvolvimento de habilidades importantes, como o raciocínio lógico, a resolução de problemas, a criatividade e a capacidade de trabalhar em equipe. Além disso, eles permitem a criação de um ambiente de aprendizagem prazeroso, no qual os alunos se sentem mais motivados e engajados.

Vale ressaltar que

A brincadeira, o jogo e o movimento natural e espontâneo (que ocorre na recreação) são fatores fundamentais em toda e qualquer escola de educação infantil e fundamental, uma vez que os mesmos contribuem e muito na educação e formação geral do educando. É através do lúdico que ela abandona o seu mundo de necessidade e constrangimento e se desenvolve, criando e adaptando uma nova realidade a sua personalidade [...]. Brincando a criança se torna espontânea, desperta sua criatividade e interage com o seu mundo interior e exterior (Queiroz; Martins, 2002, p. 07).

Nesse mesmo direcionamento, Tredezini e Castro (2016, p. 167) afirmam que “[...] o lúdico, como ferramenta pedagógica, favorece o desenvolvimento cognitivo,

afetivo e social das crianças, além de proporcionar um ambiente de aprendizagem mais significativo e motivador”. Quando as autoras afirmam que o lúdico favorece o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, elas indicam que os jogos não apenas estimulam o raciocínio lógico e a resolução de problemas, mas também ajudam as crianças a desenvolverem suas emoções, aprendendo a lidar com frustrações e a celebrar conquistas. Esse aspecto é essencial para a formação de indivíduos capazes de trabalhar em equipe, respeitar regras e conviver em sociedade.

Outro ponto relevante das citações é que o jogo permite à criança ser protagonista na construção do conhecimento. Isso é fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois quando o estudante assume uma postura ativa, ele se envolve mais profundamente com o conteúdo, o que resulta em uma aprendizagem mais significativa. Nesse sentido, as atividades lúdicas criam um ambiente no qual o aluno se sente motivado e engajado, transformando a escola em um espaço de prazer e descoberta.

A ideia de que o jogo integra aspectos emocionais e cognitivos também é crucial. Ao jogar, a criança não apenas pensa, mas sente, experimenta e vive situações que a ajudam a desenvolver habilidades socioemocionais importantes, como a empatia, a cooperação e a resiliência. Esses são aspectos que contribuem para a formação de indivíduos mais equilibrados e preparados para enfrentar desafios dentro e fora da sala de aula. De acordo com Rego (2000), a utilização dos jogos oferece ambientes desafiadores que têm a capacidade de “estimular o intelecto”, permitindo que os indivíduos alcancem níveis mais elevados de raciocínio. Essa afirmação aponta para a ideia de que o pensamento conceitual é uma conquista que depende não somente do esforço individual, mas principalmente do contexto em que o indivíduo se insere, que define, aliás, seu ponto de chegada.

Vygotsky (2006) enfatiza a importância da reconstrução e da adaptação dos significados que cada indivíduo recebe do seu grupo cultural. No contexto escolar, isso se torna ainda mais claro, pois a interação entre os alunos tem um papel fundamental no desenvolvimento de cada criança. Os grupos de crianças são sempre diversos em relação ao conhecimento que já possuem em diferentes áreas, e uma criança que tem mais conhecimento sobre um assunto específico pode ajudar as outras a se desenvolverem. Assim como os adultos, as crianças também podem atuar

como mediadoras, facilitando a compreensão entre elas e ajudando a transmitir os significados e valores que são relevantes na sua cultura.

A posição de Vygotsky (2006), acerca da relevância da intervenção tanto do professor quanto das próprias crianças para o desenvolvimento de cada indivíduo no contexto escolar nos leva a reconsiderar quais formas de interação podem ser vistas como legítimas promotoras de aprendizado. Ao compararmos a dinâmica escolar com a do jogo, à primeira vista, o ambiente lúdico pode parecer menos estruturado e sem uma função explícita na promoção de processos de desenvolvimento, no entanto é reconhecido que o jogo desempenha um papel fundamental como recurso pedagógico. Por meio do brincar, as crianças são capazes de articular teoria e prática, elaborar hipóteses e acumular experiências, o que torna o processo de aprendizagem mais atrativo e significativo. Essa conexão entre teoria e prática, facilitada pelo jogo, destaca sua importância na formação dos indivíduos.

O fato é que com o jogo e demais brincadeiras lúdicas,

[...] a criança aprende a agir numa esfera cognitiva ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das maturações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos. Isso significa que a criança começa a lidar com o significado das coisas, projetando nos objetos sua fantasia criativa. Por exemplo, uma panela pode se tornar um tamborim, um lenço comprido amarrado à cabeça se torna rapidamente em um cabelo comprido. (Tredezini; Castro, 2024, p. 173).

Vygotsky (2000) afirma que o brinquedo desempenha um papel importante no desenvolvimento da distinção entre ação e significado. À medida que a criança se desenvolve, ela começa a criar uma conexão entre o seu brincar e a compreensão que possui sobre ele, tornando-se menos dependente dos estímulos físicos do ambiente ao seu redor.

O desenvolvimento cognitivo das crianças é direcionado pelas interações que têm com as pessoas ao seu redor, um ponto essencial da teoria de Vygotsky é a Zona de Desenvolvimento Proximal, que basicamente descreve a distância entre o que uma criança já consegue fazer sozinha e o que ela consegue alcançar com a ajuda de alguém. Além disso, Vygotsky destaca a importância do brincar no processo de

desenvolvimento. Logo, o brinquedo ou o jogo não é apenas uma forma de diversão, mas também um meio para que a criança comece a diferenciar as ações e seus significados. Conforme vai crescendo, a criança aprende a conectar suas brincadeiras com novas ideias, tornando-se menos dependente dos estímulos físicos do mundo ao seu redor, esse processo ajuda a moldar seu entendimento e a expandir suas habilidades.

2.2 INTERVENÇÕES LÚDICAS: ESTUDO A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A importância do lúdico ficou claro durante a realização das atividades desenvolvidas durante o estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental. As atividades de intervenção pedagógica foram desenvolvidas em uma escola localizada em uma cidade do noroeste do Paraná, em um bairro periférico da cidade. As atividades, ocorreram especificadamente no primeiro e terceiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental.

Sobre essa experiência, frisamos que a primeira intervenção ocorreu em uma turma do terceiro ano. O momento de prática foi dividido em duas etapas: a primeira consistiu em dois dias de observação da turma, enquanto a segunda envolveu a intervenção propriamente dita. Diante do exposto, iniciamos as observações no ensino fundamental, especificamente nos anos iniciais. A partir dessas observações com as turmas, tivemos a oportunidade de vivenciar a rotina das crianças, bem como suas experiências no processo de ensino e aprendizagem. A partir das observações realizadas com as turmas, foi possível iniciar os estudos de planejamento para a elaboração do plano de aula.

A intervenção ocorreu no dia 05 de julho de 2024 no período vespertino, e teve como tema central o gênero textual fábula. A partir desse conteúdo, a estagiária propôs uma contação da história “A Cigarra e a Formiga”, utilizando palitoches com o intuito de tornar a narrativa mais atrativa para os alunos

FIGURA 01: CONTAÇÃO DA FÁBULA



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Após a contação da fábula, a estagiária iniciou uma roda de conversa, questionando os alunos sobre suas experiências prévias com a fábula e suas percepções acerca das atitudes da formiga e da cigarra durante o verão, além de outras indagações. A interação durante a roda de conversa revelou-se bastante dinâmica, com as crianças demonstrando um bom nível de participação e um conhecimento prévio sobre o que caracteriza as fábulas.

Vygotsky, enfatiza a importância da mediação para o desenvolvimento da criança, assim, o professor parte do conhecimento que os alunos já possuem sobre o conteúdo a ser trabalhado, ou seja, enquanto mediador do conhecimento, trabalhará na zona de desenvolvimento proximal da criança, para que esta se aproprie do conhecimento científico sistematizado (Vygotsky, 2000, p. 110).

Subsequentemente, os alunos foram convidados a participar de um jogo temático, intitulado “A Trilha da Fábula”. Neste jogo, cada aluno lança um dado, avançando pelas casas da trilha de acordo com o número obtido. Cada casa

representa questionamentos relacionados ao gênero textual, bem como à fábula “A Cigarra e a Formiga”, tais como: Quais são os personagens da fábula? Onde a fábula se passa? Qual é o nome do gênero textual em que os animais falam nas histórias? Entre outras questões.

FIGURA 02: REALIZAÇÃO DA TRILHA



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

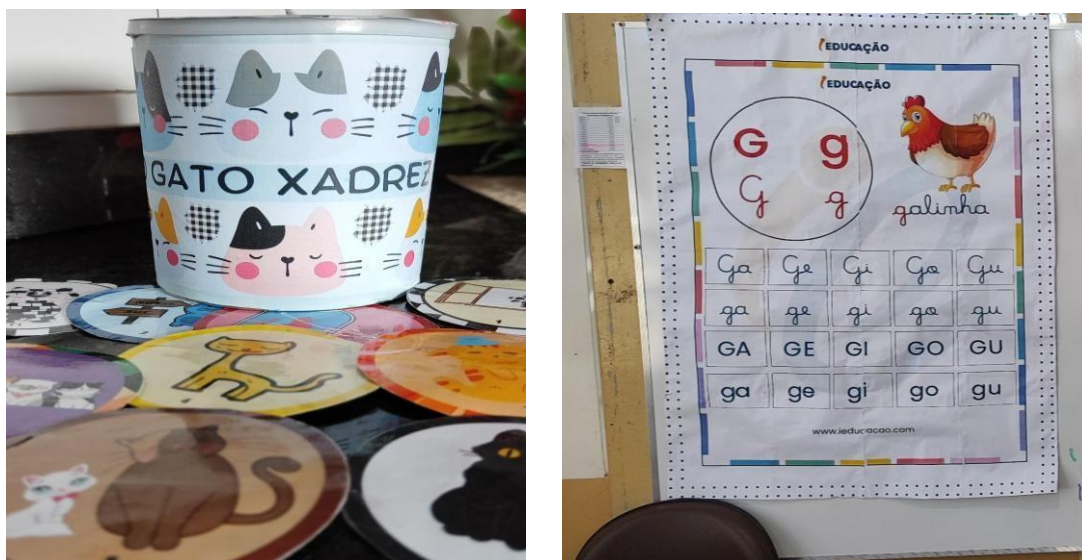
Durante a execução do jogo, os alunos mostraram-se altamente engajados e entusiasmados. A estrutura lúdica da trilha permitiu explorar a narrativa de forma interpretativa, além de abordar outros gêneros textuais. As atividades recreativas proporcionaram às crianças experiências diversificadas, promovendo a interação social, a organização do pensamento, a tomada de decisões e o desenvolvimento do raciocínio abstrato, ao mesmo tempo em que incentivaram a criação de maneiras variadas de jogar, brincar e adquirir conhecimento.

O segundo momento de intervenção ocorreu em 27 de setembro de 2024, em uma instituição municipal localizada em uma área periférica do município de Paranavaí. Assim como no primeiro momento, as intervenções foram realizadas na mesma instituição, mas em séries e datas diferentes. A prática se desenrolou em uma turma de 1º ano do período vespertino e foi estruturada de maneira semelhante à

anterior, consistindo em dois dias de observações seguidos de um dia de intervenção. O objetivo da aula foi a identificação da letra G em palavras e frases.

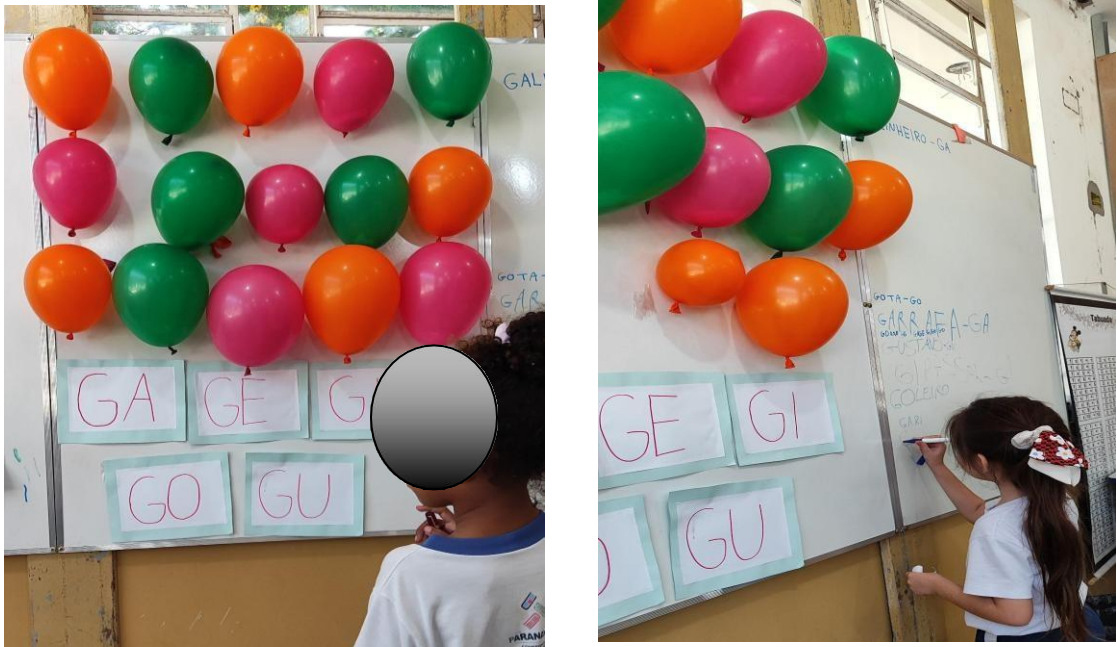
Para a realização desta prática, a estagiária propôs uma contação de história que incorporasse personagens cujo nome contivesse a letra G. A narrativa escolhida para essa atividade foi “Gato Xadrez”, de Bia Villela. Com o intuito de tornar a contação mais envolvente e prazerosa para os alunos, a estagiária utilizou o recurso didático da “história na lata”. Após a narração, a estagiária incentivou a participação dos alunos, promovendo um diálogo sobre a história e desafiando-os com a seguinte questão: Vocês conhecem alguma palavra que comece com a letra G? Quais? As palavras mencionadas foram anotadas no quadro, criando um ambiente colaborativo de aprendizagem. Em seguida, a estagiária apresentou à turma uma leitura da família silábica da letra G, auxiliada por um cartaz.

FIGURA 03: HISTÓRIA NA LATA e CARTAZ



Depois dessa fase, foi realizado um ditado estourado da letra G, em que balões continham imagens relacionadas a palavras iniciadas com essa letra. O exercício foi conduzido de forma individual, com a estagiária chamando um aluno por vez. O aluno estourava o balão, identificava a imagem contida nele e, em seguida, indicava a sílaba inicial correspondente. Com a orientação da estagiária, as palavras foram escritas no quadro, destacando sua respectiva sílaba inicial.

FIGURA 04: DITADO ESTOURADO



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

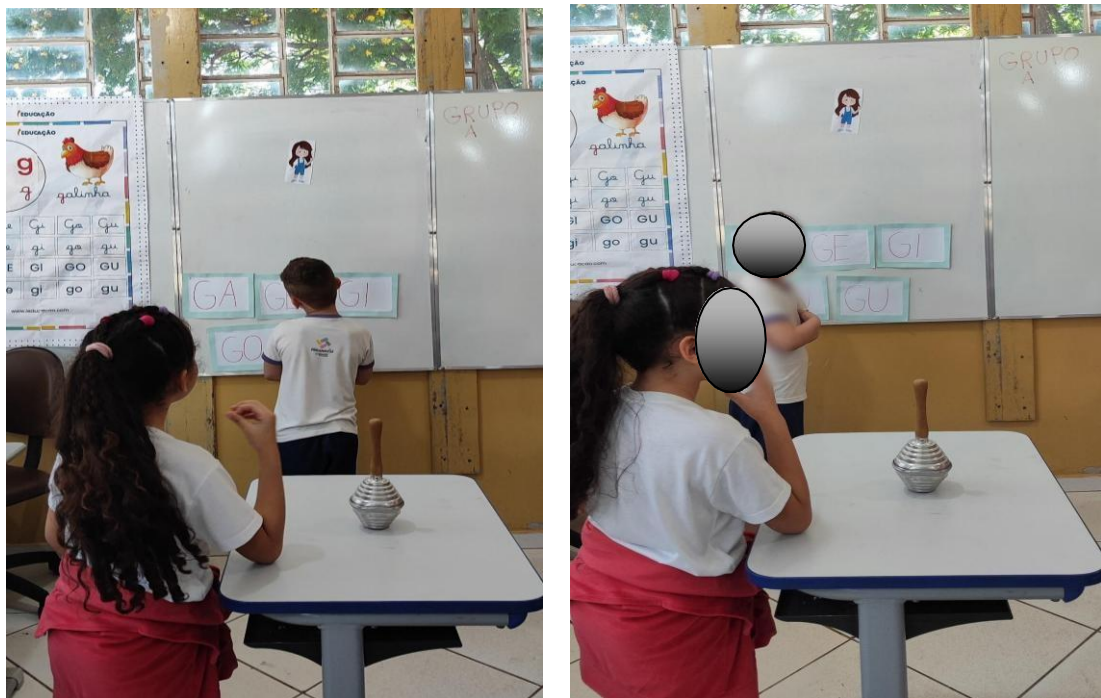
A partir dessa dinâmica, os alunos demonstraram interesse e envolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

O brincar se relaciona com a aprendizagem. Brincar é aprender. Na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo ensino-aprendizagem (Tredezini; Castro, 2024, p.169-170).

Portanto, incorporar o brincar no ambiente educacional não apenas torna a aprendizagem mais agradável, mas também é crucial para o desenvolvimento integral das crianças. O segundo momento de prática foi realizado por meio de um jogo denominado "Quiz", que consiste em uma dinâmica de perguntas e respostas. Nesta atividade, foi realizado um Quiz centrado na letra G. A turma foi dividida em dois grupos, cada um com 11 alunos. O jogo envolvia imagens associadas à letra G, as quais eram coladas no quadro abaixo dos "botões" correspondentes às sílabas com

essa letra. Cada equipe selecionava um representante para competir. A estagiária era responsável por fixar as imagens no quadro, enquanto os dois alunos, posicionados um em frente ao outro, precisavam tocar um sino para sinalizar sua intenção de responder, pressionando a tecla de sílaba correspondente à imagem apresentada. O grupo que fizesse mais pontos era o campeão.

FIGURA 05: QUIZ DA LETRA G



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Durante o processo do jogo a sala se mostrou muito entusiasmada e competitiva entre os grupos. Na sequência, foi introduzido à turma um jogo da memória, com foco na letra previamente estudada. Este jogo consistia em um conjunto de cartões, um contendo uma imagem e o outro a palavra correspondente. Por exemplo, um cartão apresentava uma imagem que simbolizava uma gaiola, enquanto o cartão correspondente exibia a palavra "Gaiola".

Os alunos eram desafiados a identificar e associar a imagem à sua palavra respectiva.

FIGURA 06: JOGO DA MEMÓRIA



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

O jogo da memória foi realizado em pequenos grupos e duplas, o que propiciou um ambiente colaborativo. Essa atividade não apenas estimulou a leitura e a concentração dos alunos, mas também promoveu um aprendizado lúdico, integrando a diversão ao processo educacional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto ao longo do estudo, evidenciamos a importância do uso de uma teoria crítica e reflexiva no desenvolvimento da prática pedagógica. Além disso, que a utilização de atividades lúdicas tende a favorecer o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem e do psiquismo infantil. Tais afirmativas são decorrentes das atividades desenvolvidas ao longo da disciplina estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental.

Mediante as relações que observamos dentro de sala de aula, marcado pela interação e participação dos alunos, quando os mesmos realizaram atividades de cunho lúdico por intervenção pedagógica, que as atividades lúdicas quando planejadas e atreladas a uma perspectiva sólida (como a Teoria Histórico-Cultural), favorece a participação ativa do aluno, pois as mesmas além de levarem em consideração o nível de desenvolvimento infantil, estão pautadas no contexto social do aluno, ou seja, relaciona o conteúdo ao seu significado social.

Logo, as experiências realizadas favoreceram a articulação entre o lúdico e as disciplinas curriculares ofertadas no contexto escolar. Esse enfoque evidenciou a importância de se trabalhar a relação entre teoria e prática, bem como a necessidade de planejar atividades que reflitam a realidade dos alunos, para que sejam atingidos os objetivos propostos no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

QUEIROZ, Tânia Dias; MARTINS, João Luiz. **Jogos e brincadeiras de A a Z**. 1. ed. São Paulo: Rideel, 2002.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TREDEZINI, Lanna de Malta Adriana; CASTRO, Flávia de. A importância do jogo/lúdico no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Perquirere**, v. 11, n. 2, p. 123-135, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Aleksandr Romanovich; LEONTIEV, Aleksei Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2006. p. 103-117.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

SANTANA, Amanda dos Santos¹⁵⁴

SANTOS, Luara Alexandre dos¹⁵⁵

RESUMO: Este trabalho buscou investigar as contribuições do jogo enquanto uma ferramenta pedagógica no processo de alfabetização de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I – Anos iniciais. A justificativa para este estudo está na relevância deste recurso enquanto uma possibilidade de aprendizagem mais significativa para a criança, considerando que o desenvolvimento do pensamento nesse período é intensamente favorecido por ações lúdicas. Os jogos intencionalmente organizados podem criar um ambiente de aprendizado mais dinâmico e motivador. Mas, para além disso, podem proporcionar a oportunidade de construção do conhecimento de maneira interativa e significativa entre os pares, facilitando a apropriação de conteúdos relacionados à leitura e à escrita. Neste sentido, a alfabetização pode ser enriquecida quando os jogos são utilizados como uma estratégia que dialogue com as necessidades do aluno. Para isso, é preciso conhecer esse sujeito de forma integral, considerando o seu período de desenvolvimento. A metodologia deste estudo foi baseada em uma pesquisa bibliográfica atrelada a um relato de experiência. Foi analisado autores que apresentam o uso de jogos pedagógicos no ensino, além de estudos mais recentes, que relacionam os jogos ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Como exemplo empírico, relata-se uma intervenção pedagógica desenvolvida em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental I, realizada dentro da disciplina de Estágio de Metodologia do Ensino de Alfabetização, no 3º ano do Curso de Pedagogia. Os dados levantados e observados permitem refletir como as práticas lúdicas, envolvendo jogos, influenciam a motivação, o engajamento e o desempenho dos alunos, além de identificar as dificuldades e desafios encontrados no uso de jogos como ferramenta de ensino e aprendizagem para a alfabetização. O estudo demonstrou que a utilização dessa ferramenta nos anos iniciais do Ensino Fundamental I constitui uma estratégia eficaz para a apropriação da fala e escrita. Além disso, pôde-se constatar que os jogos favorecem um ambiente de aprendizado mais leve, colaborativo e produtivo, o que enriquece as vivências da criança no espaço educacional.

Palavras-chave: Alfabetização. Jogos pedagógicos. Ensino Fundamental I.

¹⁵⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), amandaunespar@gmail.com.

¹⁵⁵ Mestre em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luara.santos@unespar.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Durante a disciplina de Estágio de Metodologia da Alfabetização, com foco nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I I, tivemos a oportunidade de realizar estágios supervisionados em uma instituição municipal situada na região noroeste do Paraná. Essa instituição pública possui como público-alvo crianças do Infantil 5 (5-6 anos) e crianças que estejam no Ensino Fundamental I I (1º ao 5º ano), ofertando o ensino em período parcial, com turmas no período matutino e vespertino.

Essa vivência prática, aliada às teorias discutidas em sala de aula, contribuíram significativamente para o desenvolvimento do nosso olhar crítico, permitindo-nos observar de maneira mais aprofundada como crianças de 6 anos, que frequentam o 1º ano do Ensino Fundamental I I, interagem com o ambiente escolar. Ademais, notamos que a utilização de jogos se revela eficaz na potencialização do desenvolvimento de diversos conhecimentos, uma vez que a aprendizagem se manifesta de forma mais qualitativa quando mediada por práticas lúdicas.

Consideramos que, nos primeiros anos do Ensino Fundamental I, as crianças atravessam uma fase crucial para o desenvolvimento do psiquismo. Portanto, as ações pedagógicas devem estar atentas às diferentes etapas desse processo formativo. Neste contexto, o uso de práticas lúdicas se destaca como uma ferramenta educativa eficaz, capaz de provocar o interesse dos alunos pelo aprendizado. Quando inserido dentro de uma abordagem crítica e reflexiva, o lúdico não apenas facilita a aprendizagem, mas também a vincula à prática social dos estudantes.

No entanto, é preocupante observar que, devido à falta de conhecimento e formação adequada, muitos professores tendem a empregar os jogos meramente como instrumentos de entretenimento ou para atender a exigências burocráticas, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Essa visão reduz o potencial transformador das práticas lúdicas, que poderiam contribuir significativamente para o desenvolvimento integral das crianças e, ao mesmo tempo, respeitar suas fases de crescimento.

Nesse sentido, trazemos à tona a indagação: qual é a importância do jogo como recurso pedagógico no processo de alfabetização? Para responder a essa questão, propomos uma análise da utilização do lúdico, aqui destacado o jogo, no âmbito da prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, enfatizando como as

ações educativas podem servir como catalisadoras de novas oportunidades de aprendizagem significativa e conceitual.

Para isso, o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado por meio de um estudo que combina revisão bibliográfica e pesquisa de campo, estruturado em duas etapas: inicialmente, exploramos a utilização do jogo como recurso pedagógico e, em seguida, apresentamos os resultados das intervenções lúdicas implementadas durante o estágio supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Além disso, o referencial teórico que embasa este estudo é pautado na Teoria Histórico-Cultural, a qual estabelece que a formação docente deve ser permeada por reflexão crítica e consciente das realidades sociais que influenciam a prática educativa. A pesquisa visa contribuir para a formação de professores mais preparados, capazes de reconhecer e valorizar o potencial do lúdico em suas práticas pedagógicas, favorecendo, assim, um aprendizado mais significativo e contextualizado.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 JOGO E ALFABETIZAÇÃO: INTEGRANDO O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO

A utilização de jogo como ferramenta pedagógica tem se mostrado uma estratégia qualitativa no processo de aprendizagem, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Ações lúdicas oferecem aos alunos uma maneira interativa de desenvolver habilidades cognitivas, sociais e emocionais, tornando o processo de aquisição de conhecimento mais dinâmico e significativo. No ambiente escolar, o ato de jogar transcende o entretenimento e se transforma em uma oportunidade de aprendizado coletivo e contextualizado. Além disso, estudos na área da educação apontam que o lúdico pode facilitar o desenvolvimento de habilidades importantes, como o raciocínio lógico, a resolução de problemas, a criatividade e a capacidade de trabalhar em equipe. Eles permitem a criação de um ambiente de aprendizagem prazeroso, no qual os alunos se sentem mais motivados e engajados.

Vale ressaltar que

A brincadeira, o jogo e o movimento natural e espontâneo (que ocorre na recreação) são fatores fundamentais em toda e qualquer escola de educação infantil e fundamental, uma vez que eles contribuem e muito na educação e formação geral do educando. É através do lúdico que ela abandona o seu mundo de necessidade e constrangimento e se desenvolve, criando e adaptando uma nova realidade a sua personalidade [...]. Brincando a criança se torna espontânea, desperta sua criatividade e interage com o seu mundo interior e exterior. (Queiroz; Martins, 2002, p. 07).

Nesse mesmo direcionamento, Tredezini e Castro afirmam que “[...] o lúdico, como ferramenta pedagógica, favorece o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças, além de proporcionar um ambiente de aprendizagem mais significativo e motivador” (2016, p. 167). Quando as autoras afirmam que o lúdico favorece o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, elas indicam que os jogos não apenas provocam o raciocínio lógico e a resolução de problemas, mas também cria nas crianças a necessidade de desenvolverem suas emoções, aprendendo a lidar com frustrações e a celebrar conquistas. Esse aspecto é essencial para a formação de indivíduos capazes de trabalhar em equipe, respeitar regras e conviver em sociedade.

Outro ponto relevante das citações é que o jogo permite à criança ser protagonista na construção do conhecimento. Isso é fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois quando o estudante assume uma postura ativa, ele se envolve mais profundamente com o conteúdo, o que resulta em uma aprendizagem mais significativa. Nesse sentido, as ações lúdicas criam um ambiente no qual o aluno se sente motivado e engajado, transformando a escola em um espaço de prazer e descoberta.

A ideia de que o jogo integra aspectos emocionais e cognitivos também é crucial. Ao jogar, a criança não apenas pensa, mas sente, experimenta e vive situações que a ajudam a desenvolver habilidades socioemocionais importantes, como a empatia, a cooperação e a resiliência. Esses são aspectos que contribuem para a formação de indivíduos mais equilibrados e preparados para enfrentar desafios dentro e fora da sala de aula. De acordo com Rego (2000), a utilização dos jogos oferece ambientes desafiadores que têm a capacidade de provocar o uso do intelecto, permitindo que os indivíduos alcancem níveis mais elevados de raciocínio. Essa afirmação aponta para a ideia de que o pensamento conceitual é uma conquista que depende não somente do esforço individual, mas principalmente do contexto em que o indivíduo se insere, que define, aliás, seu ponto de chegada.

Vygotsky (2006) enfatiza a importância da reconstrução e da adaptação dos significados que cada indivíduo recebe do seu grupo cultural. No contexto escolar, isso se torna ainda mais claro, pois a interação entre os alunos tem um papel fundamental no desenvolvimento de cada sujeito. Os grupos de crianças são sempre diversos em relação ao conhecimento que já possuem em diferentes áreas. Dessa forma, uma criança que tem mais conhecimento sobre um assunto específico pode ajudar as outras a se desenvolverem. Assim como os adultos, as crianças também podem atuar como sujeitos mais experientes, facilitando a compreensão entre elas e ajudando a transmitir os significados e valores que são relevantes na sua cultura.

A posição de Vygotsky (2006), acerca da relevância da intervenção tanto do professor quanto das próprias crianças para o desenvolvimento de cada indivíduo no contexto escolar nos leva a reconsiderar quais formas de interação podem ser vistas como legítimas promotoras de aprendizado. Ao compararmos a dinâmica escolar com a do jogo, à primeira vista, o ambiente lúdico pode parecer menos estruturado e sem uma função explícita na promoção de processos de desenvolvimento, no entanto é reconhecido que o jogo desempenha um papel fundamental como recurso pedagógico. Por meio do brincar, as crianças são capazes de articular teoria e prática, elaborar hipóteses e acumular experiências, o que torna o processo de aprendizagem mais atrativo e significativo. Essa conexão entre teoria e prática, facilitada pelo jogo intencionalmente organizado, destaca sua importância na formação dos indivíduos.

O fato é que com o jogo e demais brincadeiras lúdicas,

[...] a criança aprende a agir numa esfera cognitiva ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das maturações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos. Isso significa que a criança começa a lidar com o significado das coisas, projetando nos objetos sua fantasia criativa. Por exemplo, uma panela pode se tornar um tamborim, um lenço comprido amarrado à cabeça se torna rapidamente em um cabelo comprido. (Tredezini; Castro, 2024, p. 173).

Vygotsky (2000) afirma que o brinquedo desempenha um papel importante no desenvolvimento da distinção entre ação e significado. À medida que a criança se desenvolve, ela começa a criar uma conexão entre o seu brincar e a compreensão que possui sobre ele, tornando-se menos dependente dos estímulos físicos do ambiente ao seu redor.

O desenvolvimento cognitivo das crianças é direcionado pelas interações que têm com as pessoas e objetos culturais, ao seu redor. Além disso, Vygotsky destaca a importância do brincar no processo de desenvolvimento. Logo, o brinquedo ou o jogo não é apenas uma forma de diversão, mas também um meio para que a criança comece a diferenciar as ações e seus significados. Conforme se relaciona com o mundo social, a criança aprende a conectar suas brincadeiras com novas ideias, tornando-se menos dependente do exterior, para então internalizar de maneira significativa as aprendizagens, logo, esse processo ajuda a moldar seu entendimento e a expandir suas habilidades.

2.2 INTERVENÇÕES LÚDICAS POR MEIO DE JOGOS NA ALFABETIZAÇÃO: UM ESTUDO BASEADO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O recorte do estágio vivenciado será do dia 15 de outubro de 2024, ocorreu a intervenção pedagógica, em uma instituição pública municipal de Paranavaí, no período matutino. Esta intervenção faz parte do estágio em Metodologia do Ensino de Alfabetização, vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, no campus de Paranavaí. A proposta foi realizada com uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental I, composta por 26 alunos. A aula teve início com uma revisão do conteúdo abordado anteriormente, com o intuito de facilitar a transição para os novos temas a serem abordados.

Vygotsky, enfatiza a importância da mediação para o desenvolvimento da criança, assim, o professor parte do conhecimento que os alunos já possuem sobre o conteúdo a ser trabalhado, ou seja, enquanto mediador do conhecimento, trabalhará na zona de desenvolvimento proximal da criança, para que esta se aproprie do conhecimento científico sistematizado (Vygotsky, 2000, p. 110).

A partir disto, enquanto professora-estagiária, iniciamos o conteúdo sobre a letra D¹⁵⁶, que tinha como objetivo identificar as palavras que são constituídas por pequenas unidades sonoras denominadas fonemas, e aprender as regras básicas relacionadas ao uso da letra D. A aula começou com a explicação do jogo “Pule a Família Silábica”, que se assemelha a uma amarelinha, mas com quadros representando a família silábica da letra D. Dividimos os alunos em dois grupos para

¹⁵⁶ Conteúdo determinado pela professora-regente da turma.

promover uma melhor interação durante o jogo. Cada aluno jogava o dado e, dependendo do número que caísse, precisava pular as casas silábicas, ao cair em uma casa, o aluno tinha que recolher as imagens posicionadas ao lado do jogo que correspondiam à sílaba em questão.

Se um aluno não conseguisse encontrar a imagem correspondente ou pensasse em uma palavra diferente das expostas, ele poderia escrever uma palavra que incluísse a sílaba correspondente em uma folha de papel, utilizando giz de cera.

BLOCO DE FIGURAS 01: “PULE A FAMÍLIA SILÁBICA”



Fonte: Compilação da autora (2024)

Os alunos mostraram-se muito participativos e entusiasmados durante a proposta pedagógica. Quando um colega apresentava dificuldades para encontrar a imagem adequada, os demais ofereciam dicas até que ele conseguisse encontrá-la. Houve, ainda, várias ocasiões em que preferiram escrever palavras diferentes das imagens disponíveis.

BLOCO DE FIGURAS 02: “PULE A FAMÍLIA SILÁBICA”



Fonte: Compilação do autor (2024)

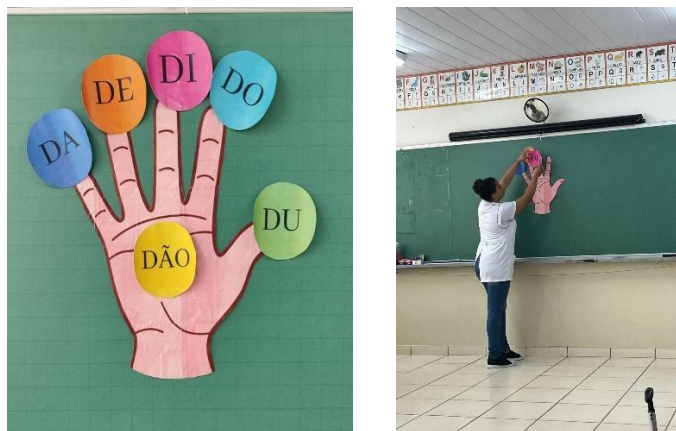
A intervenção pedagógica pode nos mostrar que que brincar e aprender estão profundamente conectados, pois o ato de brincar vai além da simples diversão: é uma maneira essencial de aprendizagem. Quando uma criança brinca, ela experimenta, cria, descobre e desenvolve habilidades fundamentais, como a criatividade, o julgamento lógico e a resolução de problemas. Habilidades formam a base para aprendizagens mais avançadas que ela encontrará na escola e na vida. Além disso, o lúdico, ou seja, o uso de brincadeiras e jogos, é apresentado como uma ferramenta importante na educação, pois ajuda a tornar o processo de ensino mais leve, significativo e eficaz, especialmente para lidar com as dificuldades que podem surgir na aprendizagem. Dessa forma, brincar não é apenas uma ação de lazer, mas um pilar essencial para o desenvolvimento intelectual.

O brincar se relaciona com a aprendizagem. Brincar é aprender. Na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo ensino-aprendizagem (Tredezini; Castro, 2024, p.169-170).

Portanto, incorporar o brincar no ambiente educacional não apenas torna a aprendizagem mais agradável, mas também é crucial para o desenvolvimento integral das crianças.

No segundo momento da aula, o foco foi conhecer a família silábica da letra D e os sons de cada sílaba. Para tornar essa experiência mais envolvente, trouxemos uma mão de papel e fixamos no quadro, fazendo a seguinte pergunta: "Vocês conseguem ver algo nessa mão que comece com a letra D?" Após alguns minutos de reflexão, um aluno respondeu que era o "dedo", que realmente começa com a letra D e está presente na mão. A partir dessa resposta, posicionamos a família silábica da letra D em cada dedo da mão representativa e, junto com a turma, fizemos a leitura das sílabas, incentivando os alunos a compartilharem palavras que contivessem as sílabas discutidas.

BLOCO DE FIGURAS 03: "FAMÍLIA SILÁBICA DA LETRA D

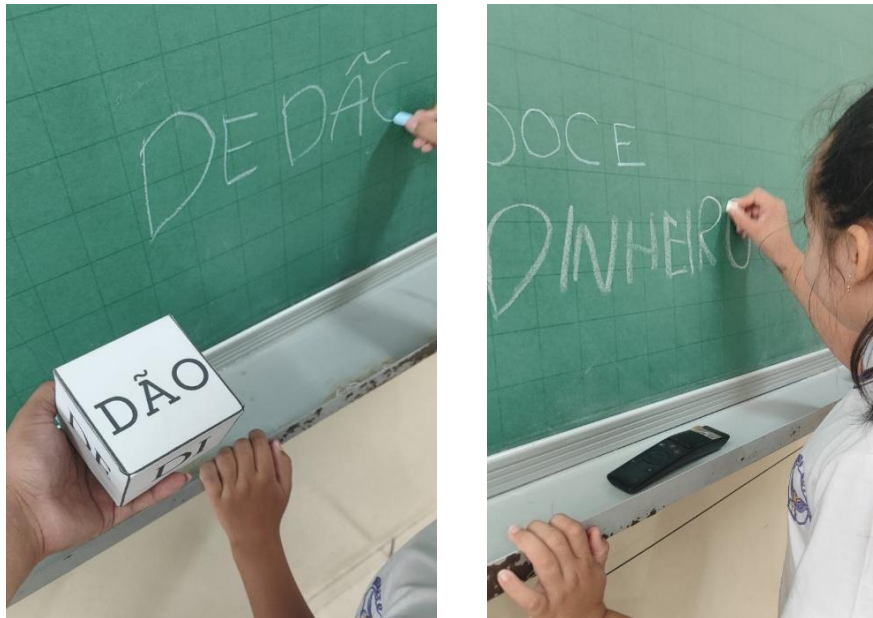


Fonte: Compilação do autor (2024)

Em seguida, propomos a turma um desafio relacionado à família silábica da letra D, onde as crianças deveriam retirar um desafio de uma caixa, que incluía ações como:

- Jogar o dado e escrever no quadro uma palavra correspondente à sílaba que caiu.
- Jogar o dado e formar uma frase utilizando a sílaba que saiu.
- Jogar o dado e escolher um colega para ditar uma frase que o aluno escreveria, entre outras propostas.

BLOCO DE FIGURAS 04: “DESAFIO DA LETRA D”



Fonte: Compilação do autor (2024)

Durante essa dinâmica, os alunos demonstraram compreensão sobre as questões abordadas. Auxiliamos, quando necessário, na escrita das palavras e frases, buscando garantir que se sentissem seguros ao escrever no quadro. Neste sentido, por meio das ações propostas, a criança se afasta de um ambiente de necessidades e restrições, favorecendo seu desenvolvimento pessoal e cognitivo. O brincar permite que ela explore e crie realidades, desenvolvendo a criatividade e especialmente o pensamento. Além disso, essas práticas promovem a interação da criança com seu mundo interior (emoções, pensamentos) e exterior (relações sociais e com o ambiente), sendo essenciais para a formação de sua personalidade e para o seu aprendizado de maneira geral.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto ao longo do estudo, evidenciamos a importância do uso de uma teoria crítica e reflexiva no desenvolvimento da prática pedagógica. Além disso, que a utilização de ludicidade tende a favorecer o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem e do psiquismo infantil. Tais afirmativas são decorrentes das

ações desenvolvidas ao longo da disciplina estágio supervisionado em metodologia do ensino da alfabetização.

Mediante as relações que observamos dentro de sala de aula, marcado pela interação e participação dos alunos, que quando os mesmos realizaram ações de cunho lúdico, por meio de uma intervenção pedagógica planejada e atreladas a uma perspectiva sólida (como a Teoria Histórico-Cultural), favoreceram-se as participações ativas dos alunos, pois as mesmas além de levarem em consideração o nível de desenvolvimento infantil, foram pensadas no contexto social do aluno, ou seja, relaciona o conteúdo e ao seu significado social.

Logo, as experiências realizadas favoreceram a articulação entre o lúdico e as disciplinas curriculares ofertadas no contexto escolar. Esse enfoque evidenciou a importância de se trabalhar a relação entre teoria e prática, bem como a necessidade de planejar ações de ensino que reflitam a realidade dos alunos, para que sejam atingidos os objetivos propostos no processo de ensino e aprendizagem voltados para a alfabetização.

REFERÊNCIAS:

QUEIROZ, Tânia Dias; MARTINS, João Luiz. **Jogos e brincadeiras de A a Z**. 1. ed. São Paulo: Rideel, 2002.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TREDEZINI, Lanna de Malta Adriana; CASTRO, Flávia de. A importância do jogo/lúdico no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Perquirere**, v. 11, n. 2, p. 123-135, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Aleksandr Romanovich; LEONTIEV, Aleksei Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2006. p. 103-117.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALFABETIZAÇÃO LÚDICA: O IMPACTO DA BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA

PEREIRA, Emilly Cristina Teles da Silva¹⁵⁷

NOGUEIRA, Isabela Beatriz Rugeri¹⁵⁸

SANTOS, Luara Alexandre dos¹⁵⁹

RESUMO: O artigo aborda sobre as experiências no campo de estágio em Ensino da Alfabetização, sobre o exercício profissional nessa área e a importância das ações lúdicas no processo de alfabetização. Assim, o objetivo é investigar como a utilização da brincadeira no processo de alfabetização potencializa o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nas crianças do 1º ano do ensino fundamental I, com foco no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. A metodologia adotada foi qualitativa, envolveu pesquisa bibliográfica e a aplicação de ações lúdicas intencionais em um contexto escolar. Foram realizadas observações em sala de aula com alunos do 1º ano, em que se aplicaram metodologias que trabalhavam o lúdico, buscando explorar as múltiplas possibilidades de aprendizagem por meio das brincadeiras. As ações foram planejadas para promover o engajamento e provocar o interesse das crianças, desenvolvendo a assimilação de conceitos de leitura e escrita de forma divertida e significativa. A análise dos dados coletados demonstra que o uso de estratégias lúdicas na alfabetização favorece um desenvolvimento cognitivo mais significativo e consciente para as crianças, além de possibilitar práticas de aprendizagem mais prazerosas e em conjunto. Conclui-se que as práticas brincantes são ferramentas eficazes para potencializar a alfabetização, permitindo que as crianças aprendam de maneira ativa e criativa. Os resultados indicam que as a brincadeira possibilita uma aprendizagem potencializadora para o processo de desenvolvimento das crianças. Mediante dessas ações vivenciadas, desenvolvemos conhecimentos que o estágio nos possibilita por meio de experiências para aperfeiçoarmos nossa percepção na docência sobre a alfabetização e uma prática enriquecedora que exhibe a importância desse processo e como o professor possui um papel importante em suas ações de ensino intencionais.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado, Alfabetização, Brincadeira; Lúdico.

¹⁵⁷ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), emmy_teles@hotmail.com.

¹⁵⁸ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), isaunespar@gmail.com.

¹⁵⁹ Mestre em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luara.santos@unespar.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo emerge das práticas desenvolvidas na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino em Alfabetização, no 3º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus Paranavaí. O foco do estudo recai sobre o desenvolvimento da leitura e escrita mediado pela ludicidade. Assim, o objetivo deste artigo é apresentar a utilização de ações lúdicas, como as brincadeiras, no processo de alfabetização, que potencializam o desenvolvimento da leitura e da escrita. Isso porque entende-se que estas são ferramentas simbólicas essenciais para o desenvolvimento do pensamento teórico (ELKONIN, 2017).

Segundo Gomes (2019), é preciso que a escola desenvolva práticas pedagógicas que possibilitem condições de apropriação da linguagem oral e escrita preocupada com o desenvolvimento pessoal, mas também responsável com o desenvolvimento coletivo, garantindo vivências significativas que envolvam o mundo da escrita. Neste sentido, a alfabetização não deve ficar presa apenas ao conceito de codificação e decodificação da língua escrita, é preciso mais. É necessário criar condições para que o aluno possa fazer uso da língua falada e escrita em diversos contextos sociais, desde situações ligadas ao cotidiano até oportunidades de apropriação do conhecimento social e historicamente elaborado. Isso é possível quando lhe é proporcionado contato com diferentes livros, revistas, rótulos, receitas, materiais gráficos de diferentes fontes e tipos, desenvolvendo na criança o interesse e a necessidade de aprofundamento dessa importante ferramenta simbólica.

Assim, será possível promover reflexões e formular hipóteses diante da leitura e da escrita, construindo o conhecimento a partir dessa interação. Ou seja, é imprescindível adotar métodos e estratégias para que a criança consiga aprender de forma intencional, significativa e lúdica, no processo de alfabetização. Dessa forma, será possível promover experiências valiosas e conscientes para aluno e professor, já que, o conhecimento teórico poderá ser desenvolvido a partir da brincadeira.

Por fim, trazemos o campo do estágio enquanto uma possibilidade de experimentar a práxis, já que é neste espaço que podemos colocar em prática, a teoria discutida na universidade. Foi possível evidenciar que a articulação entre teoria e prática se torna fundamental para uma organização do ensino de qualidade, assim como um aprender a docência. É em vivências como essa, durante a formação inicial, que podemos refletir sobre a nossa trajetória acadêmica e sobre a alfabetização, um

processo importantíssimo na fase escolar da criança, em que ela descobre o mundo da leitura e da escrita.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ludicidade é uma estratégia essencial no processo de alfabetização, pois integra elementos do imaginário e do prazer, tornando a aprendizagem significativa e envolvente. Quando aplicada de forma planejada, promove a interação ativa das crianças, potencializando o desenvolvimento de habilidades como leitura, escrita e comunicação. Nesse sentido, as práticas lúdicas não apenas facilitam a assimilação de conceitos, mas também criam um ambiente que estimula a criatividade, o pensamento crítico e a autonomia.

De acordo com Elkonin (2017), a brincadeira é uma das ferramentas simbólicas mais eficazes para a construção do pensamento teórico, especialmente na infância, quando a imaginação desempenha um papel crucial no aprendizado. A ludicidade, ao permitir que a criança aprenda por meio do faz de conta e da exploração sensorial, enriquece o processo de alfabetização, aproximando o conhecimento formal das experiências cotidianas. Assim, as ações lúdicas conectam o universo da escrita à vivência prática, ampliando o repertório cultural e linguístico dos alunos.

Freire (1996) também enfatiza a importância de uma abordagem pedagógica que valorize o prazer de aprender. Para ele, ensinar é um ato criativo que exige envolvimento mútuo entre professor e aluno, com o diálogo como eixo central do processo educativo. Ao incorporar o lúdico na alfabetização, o professor cria um espaço que favorece a interação social, a troca de experiências e o aprendizado coletivo, elementos indispensáveis para uma formação integral.

A utilização da ludicidade no ensino da alfabetização também possibilita uma aprendizagem interdisciplinar. Por meio de jogos, histórias e dinâmicas, os alunos desenvolvem não apenas a escrita e a leitura, mas também habilidades cognitivas e socioemocionais, como resolução de problemas, trabalho em equipe e respeito às diferenças. Além disso, a ludicidade fortalece a autoconfiança das crianças, isso porque, elas podem se sentir mais encorajadas a experimentar, errar e acertar de maneira leve, em um ambiente acolhedor e organizado para este fim.

No contexto escolar, ações como contação de histórias, dramatizações, jogos de construção de palavras e brincadeiras tradicionais tornam-se ferramentas pedagógicas valiosas. Ao trabalhar esses elementos, o professor transforma a sala de aula em um espaço onde o aprendizado não é imposto, mas conquistado por meio da curiosidade e do interesse genuíno das crianças. Dessa forma, o lúdico vai além de uma técnica de ensino; ele se torna uma filosofia educacional que prioriza o protagonismo do aluno e o torna agente de seu próprio aprendizado.

A ludicidade na alfabetização é muito mais do que uma estratégia metodológica; ela é um meio poderoso de conectar as crianças ao mundo da leitura e da escrita de maneira significativa e transformadora. Por meio dela, o professor exerce seu papel de mediador, criando um ambiente que não só ensina, mas também encanta e desperta nos alunos o desejo de aprender, fortalecendo o vínculo entre o ato de alfabetizar e o prazer de descobrir.

O uso de estratégias lúdicas no contexto escolar tem se mostrado uma ferramenta poderosa para a alfabetização, pois transforma o processo de ensino e aprendizagem em uma experiência dinâmica e participativa. Ao integrar elementos como jogos, histórias, dramatizações e práticas, o professor consegue criar um ambiente motivador, que respeita as particularidades de cada criança, mas também, que motiva a necessidade de novas aprendizagens.

De acordo com Soares (2004), “o brincar é uma linguagem da infância, uma forma natural de a criança se comunicar com o mundo, de interagir com os outros e de expressar suas emoções e pensamentos”. Quando o lúdico é utilizado na alfabetização, ele promove essa comunicação de maneira mais significativa, permitindo que a criança se aproprie das habilidades de leitura e escrita de forma prazerosa.

No campo de estágio, foi possível observar que ações que envolviam histórias com recursos visuais e o faz de conta, capturaram rapidamente a atenção das crianças, incentivando-as a participar ativamente do processo de aprendizagem. A ludicidade, enquanto prática pedagógica, assume um papel central no processo de alfabetização, especialmente durante os primeiros anos do ensino fundamental I. Por meio do brincar, as crianças podem desenvolver aspectos motores e cognitivos, que contribuem significativamente para a aprendizagem da leitura e da escrita. Neste sentido, a relação entre o lúdico e a alfabetização vai além da simples diversão,

configurando-se como um método eficaz de ensino, capaz de tornar o processo educativo mais significativo e prazeroso.

De acordo com Vygotsky (1998), o brincar é uma atividade essencial para o desenvolvimento infantil, pois permite à criança experimentar papéis, compreender regras e interagir com o mundo que a cerca. Assim, ao incorporar propostas lúdicas na alfabetização, o professor cria condições para que o aluno não apenas aprenda, mas também ressignifique os conteúdos escolares a partir de sua própria vivência. O ato de brincar é, portanto, um recurso pedagógico que conecta o universo simbólico da criança à construção do conhecimento formal.

Nesse contexto, as estratégias lúdicas no ambiente escolar surgem como ferramentas fundamentais para a relação entre o professor e o aluno. O uso de recursos como jogos de palavras, dramatizações e arte, possibilita a exploração de diferentes linguagens, promovendo uma aprendizagem mais integrada e dinâmica. Dessa forma, as práticas lúdicas permitem que a alfabetização seja vivenciada de maneira ativa, engajando as crianças no processo de construção do saber.

O planejamento intencional das estratégias lúdicas é um aspecto essencial para o sucesso dessas práticas. A aplicação de jogos que explorem o alfabeto, como o “Bingo de letras” ou as “Dinâmicas de rimas”, contribuem para o desenvolvimento fonológico e para a associação entre o som e a grafia das palavras. Além disso, ações como a contação de histórias com apoio de recursos visuais, o uso de fantoches e a exploração sensorial por meio de tintas e modelagem ampliam as possibilidades de aprendizado, conectando a escrita ao universo cultural e emocional das crianças.

Observando a realidade vivenciada no estágio supervisionado, ao transformar a sala de aula em um ambiente lúdico e imersivo, utilizando histórias, faz de conta, imagens e tintas, foi possível observar um engajamento significativo dos alunos. Essa experiência reforçou o potencial das estratégias lúdicas para tornar o processo de alfabetização mais inclusivo e intencional, promovendo não apenas o aprendizado técnico, mas também o desenvolvimento da criticidade e da autonomia.

Portanto, é imprescindível destacar que a ludicidade na alfabetização não deve ser vista como uma prática isolada ou opcional, mas como uma metodologia integrada ao planejamento pedagógico. Além de favorecer a assimilação de conceitos acadêmicos, o lúdico contribui para a formação integral do aluno, permitindo que ele vivencie o aprendizado de forma ativa e prazerosa. A educação, como propõe Freire (1996), deve ser um ato de liberdade, em que o professor se torna um mediador entre

o saber e o mundo, criando oportunidades para que as crianças aprendam a ler, escrever e, acima de tudo, interpretar a realidade que as cerca.

A prática realizada no estágio supervisionado em alfabetização destacou-se pela intencionalidade de unir o processo de ensino da leitura e da escrita ao universo lúdico das crianças. Por meio da proposta “O Mundo Mágico da Letra T”, foi possível criar um ambiente de aprendizagem que valorizava a interação, a criatividade e o faz de conta como elementos centrais para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

A escolha por uma abordagem lúdica partiu do reconhecimento de que a alfabetização não se limita à decodificação de palavras, mas envolve a construção de significados em um processo dinâmico e contextualizado. Com base nesse princípio, a prática pedagógica foi planejada para estimular a autonomia e o protagonismo das crianças por meio de aprendizagens significativas e interativas.

A proposta do “Mundo Mágico da Letra T” envolveu a criação de um cenário imaginativo, no qual as crianças foram convidadas a explorar histórias relacionadas à letra em questão. Utilizando recursos como imagens, dramatizações e materiais artísticos, (tintas e pincéis), foi possível transformar o aprendizado da letra T em uma experiência encantadora. Durante as intervenções pedagógicas, os alunos participaram ativamente, demonstrando interesse e engajamento ao associar os sons, formas e significados da letra ao contexto lúdico apresentado.

A ludicidade foi essencial para criar um ambiente acolhedor, onde os erros eram percebidos como parte do processo de aprendizado e a curiosidade era constantemente estimulada. Por meio do faz de conta, as crianças se sentiram livres para explorar possibilidades e construir hipóteses sobre a língua escrita, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia. Além disso, o uso de histórias com recursos visuais ajudou a ampliar o vocabulário e a incentivar a oralidade, aspectos fundamentais para a alfabetização inicial.

Essa prática confirmou que o lúdico é uma ferramenta poderosa no processo de alfabetização, pois conecta a criança ao aprendizado de forma natural e prazerosa. Quando integrado ao ensino da leitura e da escrita, o brincar, não apenas facilita a aquisição de habilidades cognitivas, mas também promove o desenvolvimento emocional e social dos alunos.

A experiência também evidenciou o papel do professor como o sujeito que pode ressignificar esse processo. Ao planejar ações lúdicas com intencionalidade

pedagógica, o docente consegue criar oportunidades para que as crianças aprendam de forma ativa e significativa, conectando o conteúdo escolar às suas vivências. Essa relação é essencial para garantir que as práticas lúdicas transcendam o entretenimento, tornando-se instrumentos eficazes de construção do conhecimento.

Por fim, a prática pedagógica realizada mostrou que o uso do lúdico na alfabetização não é apenas uma alternativa metodológica, mas uma necessidade para atender às especificidades do desenvolvimento infantil. Ao proporcionar um ambiente de aprendizado rico em interações, desenvolvimento e significados, o lúdico se consolida como um caminho poderoso para potencializar as habilidades de leitura e escrita, garantindo que as crianças se apropriem do universo da linguagem de forma significativa e prazerosa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de alfabetização é uma etapa fundamental na formação das crianças, pois envolve não apenas o aprendizado da leitura e da escrita, mas também o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. A prática pedagógica realizada no estágio supervisionado evidenciou que a ludicidade é um recurso essencial para potencializar essa aprendizagem, permitindo que os alunos interajam de maneira criativa, ativa e prazerosa com os conteúdos.

Por meio da proposta elaborada, foi possível demonstrar que o uso intencional de ações lúdicas, como histórias, recursos visuais, materiais artísticos e o faz de conta, promove um ambiente de aprendizagem significativo, em que as crianças não apenas aprendem, mas se encantam pelo processo. Essa abordagem reafirma a importância de planejar estratégias que respeitem as características do desenvolvimento infantil, garantindo que o ensino seja acessível, envolvente e transformador.

A experiência de estágio também revelou o papel crucial do professor como o sujeito mais experiente, responsável pelo processo educativo. Ao aliar o lúdico à intencionalidade pedagógica, o docente consegue desenvolver o interesse dos alunos, favorecendo a construção de conhecimentos sólidos e a autonomia no aprendizado. Como defendido por Freire (1996), a educação deve ser um ato criativo

e libertador, que respeite a curiosidade e as potencialidades dos aprendizes, ajudando-os a interpretar e transformar o mundo ao seu redor.

Conclui-se, portanto, que as práticas lúdicas na alfabetização não são apenas desejáveis, mas indispensáveis para promover uma aprendizagem integral e significativa. Ao reconhecer o brincar como um caminho poderoso para a apropriação da linguagem escrita, o professor contribui para a formação de sujeitos críticos, criativos e apaixonados pelo conhecimento. Que a ludicidade continue sendo uma ferramenta central no trabalho docente, transformando o ato de aprender em uma experiência única e marcante para cada criança.

REFERÊNCIAS

DAVYDOV, V. V.; IKHALOV, V. M. (Org). **Ensino desenvolvimental: antologia**. Livro I. Tradução de Neide Noffis. São Paulo: Instituto Cultural Lourenço Catanho, 2017.

GOMES, E. S. **A ludicidade como elemento motivador do processo de alfabetização**. A alfabetização, o lúdico e as práticas educativas. Rio de Janeiro, 2019. p. 36-46.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APRENDER BRINCANDO: O PAPEL DOS MATERIAS CONCRETOS NA EDUCAÇÃO

SILVÉRIO, Mariana Luiza Silvério¹⁶⁰

SANTANA, Milena Muniz de Araújo¹⁶¹

RODRIGUES, Adriana Aparecida¹⁶²

RESUMO: Este artigo tem como finalidade investigar o papel dos materiais concretos no processo de ensino e aprendizagem, com foco nos anos iniciais do ensino fundamental. Baseando-se em observações realizadas durante o estágio supervisionado, o estudo explora como esses materiais, como o ábaco, contribuem para a compreensão de conceitos abstratos, especialmente na área da matemática. A abordagem considera o impacto dos objetos tangíveis no aprendizado dos alunos, facilitando o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, como raciocínio lógico, memória visual e interação em grupo. O papel do professor é enfatizado como mediador fundamental, responsável por orientar o uso desses recursos para garantir um aprendizado significativo. O artigo também investiga o uso de metodologias lúdicas, como a atividade “torta na cara”, que torna a avaliação dos conhecimentos adquiridos mais leve e participativa. Conclui-se que o estágio supervisionado é uma oportunidade indispensável para que futuros docentes articulem teoria e prática, compreendendo a importância de estratégias pedagógicas que integrem materiais concretos e práticas lúdicas no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Materiais concretos. Processo de ensino e aprendizagem. Anos iniciais do ensino fundamental. Mediação pedagógica.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca evidenciar a importância do estágio supervisionado como um elemento essencial na formação de futuros professores, articulando teoria

¹⁶⁰ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), marianaluizasilverio@gmail.com.

¹⁶¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), Milena_mun@icloud.com

¹⁶² Possui pós-doutorado e doutorado em Educação, professora do colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), drikarodrigues66@hotmail.com.

e prática em um ambiente real de trabalho. Justifica-se a relevância do estágio por sua capacidade de proporcionar ao estudante a aplicação dos conhecimentos adquiridos durante o curso, preparando-o para enfrentar os desafios do contexto educacional e do mercado de trabalho. Neste estudo, será analisado o estágio supervisionado realizado em uma escola pública, destacando-se como um espaço estratégico para o aprimoramento das práticas pedagógicas e para a reflexão sobre o papel social do professor.

O problema central investigado neste trabalho é como a experiência do estágio supervisionado contribui para o desenvolvimento de conhecimentos profissionais essenciais à prática docente. Para tanto, os objetivos incluem o relato das atividades realizadas, as aprendizagens adquiridas e a análise das contribuições do estágio para a formação de uma prática pedagógica crítica e reflexiva.

A metodologia adotada baseia-se na observação e na aplicação prática em sala de aula, apoiada por uma revisão da literatura fundamentada em autores como Almeida (2008), que explora o estágio como um momento de reflexão sobre a atuação docente, e Sforzi e Galuch (2006), que destacam a importância da mediação do professor no processo de aprendizagem, visando uma formação conceitual e significativa. Dessa forma, o trabalho também se insere na perspectiva histórico-cultural, que defende uma educação humanizadora e integral, capaz de formar indivíduos críticos e conscientes.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DO MATERIAL CONCRETO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Quando falamos de concreto, referimo-nos a algo palpável, que a criança pode observar e tocar. Esse método de ensino, que faz uso de materiais concretos, mostra-se particularmente eficaz na compreensão de conteúdos por parte das crianças, especialmente no ensino de matemática. A experiência relatada neste artigo busca explorar como o uso de materiais concretos pode auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, a partir de uma observação direta em sala de aula.

A utilização de materiais concretos em atividades pedagógicas proporciona uma série de benefícios ao desenvolvimento infantil, tais como a socialização, a concentração, a memória visual e o raciocínio lógico. Contudo, é fundamental que o uso desses materiais seja mediado pelo professor, que atua como um orientador, organizando e direcionando a aprendizagem do aluno. O papel do professor, nesse contexto, é de extrema importância para que os materiais concretos sejam utilizados de forma qualitativa, potencializando as capacidades dos estudantes e promovendo um aprendizado mais significativo.

Na realidade,

A formação de conceitos é um processo, não um resultado de transmissão de palavras ou definições que expressam a generalização compreendida nos conceitos, (...) portanto, a formação de conceitos, que deve estar presente na proposta de conhecimento da escola, é movimento de pensamento com oscilações, que vai aos poucos se constituindo – pelo uso das palavras, por combinações entre operações mentais, isolando atributos comuns entre objetos, abstraindo determinados traços, simbolizando, chegando a sínteses. Síntese ou conceito não se mede, mas se persegue para que os alunos possam chegar lá. (Sampaio; Silva, 1998 apud Sforzi; Galuch, 2006, p. 228).

Logo, entendemos baseado nos autores que a formação de conceitos é um processo dinâmico e não meramente um resultado da transmissão de definições. Essa visão é fundamental para a prática pedagógica, pois sugere que o ensino deve ir além da simples memorização de palavras ou fórmulas. Em vez disso, é necessário criar um ambiente educacional que favoreça o movimento de pensamento, no qual os alunos possam explorar, experimentar e construir conhecimento de forma ativa. A formação de conceitos envolve um conjunto de operações mentais, como abstração e simbolização, que permite aos estudantes isolar atributos comuns entre diferentes objetos e buscar paisagens significativas.

Portanto, o papel do educador é mediar os alunos nessa jornada, promovendo atividades que estimulem a reflexão e a análise crítica. Ao adotar essa abordagem, a escola se torna um espaço em que o conhecimento é construído coletivamente, permitindo que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda e

significativa do mundo ao seu redor. Essa construção do conhecimento não é um objetivo final, mas um processo contínuo que deve ser incentivado e valorizado, tendo em vista que,

A educação é entendida, [...] como um fenômeno próprio dos seres humanos. Seres humanos que se constituem enquanto tal processo de produção de sua existência. Esta produção se dá no processo de adaptação da natureza ao próprio homem, o que significa agir na e sobre esta natureza promovendo sua transformação. (Saviani, 1992 apud Almeida, 2008, p. 220).

Nesse patamar, ressaltamos que durante a experiência em sala de aula nas atividades desenvolvidas no campo estudado, observamos que os alunos se mostraram mais participativos e engajados quando era utilizado algum material concreto. Essa observação motivou-nos a desenvolver um plano de aula que incorpora uma abordagem mais lúdica, valorizando a espontaneidade dos alunos e o aprendizado ativo. O uso lúdico no ensino, quando associado a materiais concretos, promove um ambiente mais dinâmico, no qual as crianças podem explorar conceitos de maneira mais prática e intuitiva.

A utilização de materiais concretos no ensino nos anos iniciais facilita a compreensão de conceitos abstratos. Segundo Rojas e Lopes (2021, p. 45), “[...] a manipulação de objetos concretos favorece a construção do conhecimento, pois permite que as crianças estabeleçam relações entre a teoria e a prática, tornando o aprendizado mais significativo”. Essa abordagem é especialmente relevante no contexto da educação matemática, onde as crianças podem explorar noções como quantidade, medidas e formas de maneira lúdica e interativa. Ao interagir com materiais concretos, os alunos têm a oportunidade de desenvolver habilidades cognitivas e motoras, além de promover a autonomia na resolução de problemas.

Os diferentes campos da matemática devem interagir, de forma articulada, com as atividades que serão desenvolvidas pelos alunos no ensino fundamental, não apenas as questões algébricas, mas são também de suma importância os trabalhos geométricos e os que envolvem o raciocínio combinatório e probabilístico e as análises estatísticas (Santos; Oliveira; Oliveira, 2013, p. 13).

A abordagem do ensino de matemática que privilegia a integração entre conteúdos ao invés de tratar cada um de forma isolada tem se mostrado efetiva para o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla e profunda por parte dos alunos. Ao propor atividades que estabeleçam articulações entre diferentes conceitos matemáticos, cria-se um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e significativo, no qual os alunos podem explorar as interconexões entre os tópicos, permitindo que desenvolvam uma visão global e integrada da disciplina. Essa metodologia também contribui para que os estudantes desenvolvam habilidades como a resolução de problemas, o pensamento crítico e a capacidade de aplicar os conceitos aprendidos em diferentes contextos.

Além de promover a aprendizagem ativa, o uso de materiais concretos contribui para a inclusão e a diversidade na sala de aula. De acordo com Silva (2020, p. 112), “[...] os materiais concretos possibilitam a adaptação de atividades para diferentes estilos de aprendizagem, favorecendo a participação de todos os alunos, incluindo aqueles com necessidades educativas especiais”. Essa flexibilidade no ensino permite que cada estudante, independentemente de suas particularidades, possa acessar o conhecimento de forma equitativa. Assim, ao integrar materiais concretos nas práticas pedagógicas, os educadores não apenas enriquecem o processo de ensino-aprendizagem, mas também criam um ambiente mais inclusivo e acolhedor.

Nesse sentido, elaboramos uma sequência de atividades para explorar o conceito de valores absolutos e relativos, utilizando uma abordagem participativa e interativa com os alunos. O processo começou com uma conversa inicial, na qual os estudantes foram convidados a refletir sobre a matemática, expressar suas percepções sobre a disciplina e identificar as principais dificuldades que enfrentavam. Esse momento inicial é fundamental para estabelecer um diálogo com os estudantes e compreender quais são as barreiras e os conceitos que necessitam de maior atenção, além de permitir que o professor ajuste suas estratégias pedagógicas conforme as necessidades e expectativas dos alunos.

Após essa conversa inicial, foi introduzido o conteúdo de forma gradual, utilizando uma metodologia baseada em questionamentos. As perguntas iniciais, direcionadas pelo professor, buscaram instigar os alunos a refletir sobre os conceitos

de valor absoluto e relativo, o que favoreceu a construção de um conhecimento ativo, em que os estudantes participam ativamente da construção de seu entendimento, partir das respostas dos alunos, novas perguntas eram formuladas, o que possibilita um aprofundamento contínuo do tema.

Um dos momentos mais significativos dessa sequência de atividades foi a construção e o uso de um ábaco pelos próprios alunos. A confecção de um instrumento manipulativo como o ábaco oferece uma oportunidade prática para os alunos explorarem conceitos matemáticos de forma tangível. O ábaco, além de ser uma ferramenta para a compreensão dos valores absolutos e relativos, também possibilita o desenvolvimento de habilidades motoras e visuais, além de reforçar o entendimento de sistemas de numeração e operações básicas. Durante a atividade, os alunos foram desafiados a utilizar o ábaco para responder às questões propostas, o que exigiu deles não apenas a aplicação dos conceitos teóricos, mas também a experimentação prática e a visualização dos processos matemáticos.

Essa abordagem interativa e prática oferece diversos benefícios para a aprendizagem dos alunos. Primeiramente, ela permite que os estudantes desenvolvam um senso de responsabilidade pelo próprio processo de aprendizado, uma vez que são convidados a participar ativamente da construção do conhecimento. Além disso, o uso de materiais manipulativos como o ábaco favorece a compreensão de conceitos abstratos, tornando-os mais concretos e acessíveis para os alunos. Por meio dessas atividades, os alunos não apenas aprendem os conceitos matemáticos em si, mas também desenvolvem uma compreensão mais profunda sobre como esses conceitos se relacionam com o mundo ao seu redor e como podem ser aplicados em situações do dia a dia.

A sequência de atividades descrita exemplifica uma prática pedagógica que visa o desenvolvimento integral dos estudantes, focando não apenas na transmissão de conteúdos, mas também na construção de um ambiente de aprendizagem colaborativo e participativo. O diálogo constante entre professor e alunos, a utilização de questionamentos reflexivos e a integração de práticas manipulativas são elementos que contribuem para um ensino de matemática mais significativo e conceitual. Dessa forma, os alunos são capacitados a não apenas memorizar fórmulas

e procedimentos, mas a desenvolver um entendimento crítico e aplicado dos conceitos matemáticos, que poderá ser utilizado em diferentes contextos de suas vidas.

Assim, ao adotar uma metodologia que articule conteúdos e favoreça a participação ativa dos estudantes, a escola contribui para a formação de indivíduos com uma visão mais ampla e integrada da matemática, capazes de enfrentar os desafios propostos pela disciplina de maneira confiante e criativa

Incluir metodologias que busquem inovar e contextualizar o ensino na sala de aula no intuito de levar o estudante a construir e compreender a matemática e seus procedimentos que o auxilie na formalização de diferentes conceitos da disciplina parece ser uma alternativa para desmistificar ou “descomplicar” a matemática (Santos; Oliveira; Oliveira, 2013, p. 04).

A atividade demonstrou que o uso do ábaco facilitou o entendimento dos conceitos trabalhados, permitindo aos alunos visualizarem e manipular os números de forma concreta, o que é especialmente importante para tornar mais palpáveis os conceitos abstratos da matemática.

Durante essa atividade, observamos um aumento significativo no engajamento dos alunos. Muitos deles se mostraram mais empolgados e interessados em participar da resolução das questões, em comparação com atividades exclusivamente teóricas. A manipulação do ábaco proporcionou uma interação prática e lúdica com os conceitos de valor absoluto e relativo, o que contribuiu para que a maioria dos alunos compreendessem o conteúdo de maneira mais profunda e duradoura. A empolgação demonstrada pelos estudantes evidencia a importância de diversificar as metodologias de ensino, especialmente em disciplinas que tradicionalmente enfrentam resistência por parte dos alunos, como é o caso da matemática.

Para consolidar o aprendizado de maneira leve e motivadora, realizamos, ao final das atividades, uma dinâmica conhecida como “torta na cara”. Essa atividade foi conduzida com o objetivo de revisar os conteúdos trabalhados de forma divertida, mantendo o foco no desenvolvimento do raciocínio lógico dos alunos. Nessa dinâmica, os estudantes foram confrontados com perguntas referentes ao conteúdo estudado, e quem errasse recebia uma tortada como forma de incentivo lúdico. As perguntas foram cuidadosamente elaboradas para que os alunos precisassem refletir e se

questionar sobre os conceitos de valor absoluto e relativo, estimulando a construção de respostas fundamentadas e a aplicação prática do conhecimento adquirido.

Essas práticas contribuem para criar um ambiente de aprendizagem mais engajador e significativo, no qual os alunos se sentem motivados a participar e a aprofundar seu conhecimento. Em última análise, esse tipo de abordagem permite que os estudantes desenvolvam um entendimento sólido dos conteúdos, ao mesmo tempo em que se divertem e aprendem de forma colaborativa.

O fato é que,

[...] não é o domínio de uma lista de conteúdos, de programas fragmentados em anos e séries lineares e cumulativos, mas sim de 'chaves de leitura' desse mundo, traduzidos por eixos ou núcleos organizadores [...], capaz de abrigar e dar sentido às novas afirmações que os alunos venham a obter de diferentes fontes (Sampaio, 1998 apud Sforzi; Galuch, 2006, p. 221).

A partir dessa afirmativa, evidenciamos a importância de uma abordagem educativa que vá além da mera transmissão de conteúdos fragmentados e sequenciais. Em vez de se concentrar exclusivamente na acumulação de informações, a educação deve ser compreendida como um processo que fornece aos alunos "chaves de leitura" para interpretar o mundo ao seu redor. Essa perspectiva enfatiza a necessidade de um currículo flexível e interconectado, organizado em torno de eixos ou núcleos que facilitem a compreensão das complexas relações entre os diversos saberes. Assim, ao invés de apenas memorizar dados, os estudantes são incentivados a desenvolver habilidades críticas e reflexivas que lhes permitam integrar conhecimentos oriundos de múltiplas fontes, ampliando seu repertório e sua capacidade de análise.

Além disso, essa abordagem promove a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para enfrentar os desafios contemporâneos. A construção do conhecimento, quando realizada através de eixos organizadores, estimula a interdisciplinaridade e a contextualização, elementos fundamentais para uma educação que realmente faz sentido na vida dos alunos. Em um mundo em constante transformação, é essencial que os educadores criem espaços de aprendizagem que

possibilitem aos alunos não apenas adquirir informações, mas também desenvolver a capacidade de pensar criticamente sobre essas informações e aplicá-las em contextos variados. Portanto, a proposta de um currículo orientado por núcleos organizadores reflete uma visão educativa mais holística e significativa, que contribui para a formação de indivíduos aptos a se adaptarem e contribuir de forma consciente e responsável para a sociedade.

2.2 IDENTIFICAÇÃO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS QUE FAVOREÇAM A APRENDIZAGEM CONCEITUAL NO COTIDIANO ESCOLAR.

No cotidiano escolar, ações pedagógicas qualitativas são fundamentais para promover a aprendizagem conceitual dos alunos. Uma abordagem bem-sucedida envolve a utilização de métodos que estimulem a participação ativa dos estudantes e a contextualização do conhecimento. Em uma experiência prática, observamos que a organização da sala de aula desempenha um papel importante na preparação dos alunos para a aprendizagem, que se introduz desde o início da aula com um mapeamento na sala que foi utilizado para estruturar o ambiente, facilitando a comunicação para as atividades planejadas.

Para introduzirmos os conceitos “valor absoluto” e “valor relativo”, foi fundamental estabelecer um diálogo inicial com os alunos. As perguntas feitas geraram um ambiente de curiosidade e encorajaram os estudantes a expressarem o que já sabiam sobre o tema. Essa estratégia de ativação do conhecimento prévio é reforçar o que o autor afirma que “[...] o aprendizado significativo acontece quando novas informações se conectam a conhecimentos anteriores” (Ausubel, 1980, p. 18). Essa interação inicial também permitiu identificar lacunas no conhecimento, ajustando a abordagem de ensino para melhor atender às necessidades da turma.

Essa estratégia de ativação do conhecimento prévio é importante no processo de ensino e aprendizagem, pois permite que os educadores compreendam o ponto de partida de seus alunos em relação a um determinado tema. Para que os alunos assimilem novos conceitos de forma significativa, é necessário relacioná-los a experiências já existentes em suas mentes, essa conexão transforma informações abstratas em aprendizados concretos, quando os alunos compartilham o que já

sabem, eles reforçam seu entendimento e contribuem para o aprendizado dos colegas, criando um senso de comunidade na sala de aula.

A utilização de recursos visuais, como uma tabela posicional, foi uma ação pedagógica significativa para esclarecer os conceitos de valor absoluto e relativo. Ao apresentar exemplos concretos, os alunos puderam visualizar a ordem dos números e compreender melhor sua aplicação. Além disso, o envolvimento dos alunos na resolução conjunta de um exercício proporcionou uma experiência de aprendizagem colaborativa, no qual a troca de ideias e a discussão coletiva enriqueceram o processo de entendimento.

O fato é que quando os alunos se engajam em discussões, trabalham em grupo ou até mesmo colaboram em atividades práticas, eles não apenas compartilham informações, mas também confrontam diferentes perspectivas e desafios. Essa interação promove um ambiente de aprendizagem mais rico, no qual os estudantes são incentivados a refletir criticamente sobre suas próprias ideias e a considerar as opiniões dos outros. Portanto, ao planejar atividades pedagógicas, é essencial incluir estratégias que fomentem a interação social.

Para consolidar o aprendizado, a introdução do ábaco como ferramenta didática, destacamos como uma prática inovadora e motivadora. Muitos alunos se depararam com o ábaco pela primeira vez, o que gerou uma curiosidade genuína, a proposta de confeccionar seus próprios ábacos não apenas estimulou a criatividade, mas também promoveu uma experiência de aprendizado ativo, onde os alunos puderam manipular os objetos e explorar as operações matemáticas de forma lúdica. Segundo Freire (1996, p. 25), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Essa perspectiva foi evidente na atividade, onde os alunos não apenas aprenderam sobre números, mas também vivenciaram a construção do conhecimento de forma prática e engajada.

A aplicação de situações-problema, contextualizadas em uma temática como a festa junina, gerou o pensamento crítico e a resolução de problemas. Ao utilizar um contexto familiar com o que eles estavam vivendo no momento na escola, a atividade se tornou mais significativa, promovendo um ambiente em que o aprendizado se conecta à realidade dos estudantes. Essa estratégia é baseada pela ideia de que o ensino deve partir da realidade do aluno, buscando torná-lo agente de seu próprio

conhecimento e assim, a aula não apenas se limitou a transmitir informações, mas também proporcionou uma oportunidade para os alunos refletirem e aplicarem conceitos matemáticos em situações do cotidiano.

Trazer como avaliação conceitos aprendidos por meio de uma atividade lúdica, como “torta na cara”, foi uma estratégia interessante para avaliar a compreensão dos alunos. A dinâmica não apenas trouxe leveza ao final da aula, mas também estimulou a competição saudável e a colaboração entre os alunos, isso permitiu que eles expressassem o que aprenderam de maneira divertida, reforçando o conteúdo de forma positiva e memorável. Aqui está um texto mais focado na brincadeira “torta na cara”.

A atividade lúdica de “torta na cara” se revelou uma estratégia inovadora para a avaliação dos conceitos aprendidos em sala de aula. Esta dinâmica, que utiliza humor e interação, não apenas tornou o encerramento da aula mais leve e divertido, mas também incentivou a participação ativa dos alunos. A competição saudável, aliada ao caráter lúdico da atividade, permitiu que os estudantes expressassem o que aprenderam de maneira descontraída, reforçando o conteúdo de forma positiva e memorável. Em vez de uma avaliação tradicional e estressante, a atividade “torta na cara” proporcionou um ambiente seguro, onde o foco estava na aprendizagem e na colaboração.

Essa abordagem se contextualiza ao que Vygotsky (1986, p. 110) destaca sobre a importância do brincar no processo de aprendizagem, enfatizando que “[...] o jogo é a forma mais elevada da atividade infantil”. Ao se unirem para responder às perguntas e se divertirem com a dinâmica, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver habilidades sociais, como a empatia e a comunicação, a competição entre grupos não só promoveu um clima de cooperação, mas também incentivou a motivação e o engajamento dos alunos, elementos fundamentais para uma aprendizagem significativa.

A avaliação dos conceitos aprendidos por meio da “torta na cara” foi, portanto, uma experiência enriquecedora que contribuiu para o fortalecimento do aprendizado. Ao unir diversão e aprendizado, essa estratégia demonstrou que a aprendizagem pode ser um processo significativa, onde os alunos não apenas retêm informações, mas também as internalizam de forma significativa, esse tipo de atividade lúdica, que

envolve prazer e interação, pode se tornar uma prática recorrente no cotidiano escolar, facilitando o aprendizado de conhecimentos conceituais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, entendemos que a formação em escolas públicas merece destaque, uma vez que essas instituições representam a realidade de grande parte do sistema educacional brasileiro. Assim, o estágio supervisionado em escolas públicas assume uma função estratégica, contribuindo para o enriquecimento cultural dos futuros professores e para a ampliação do acesso ao ensino de qualidade.

A Teoria Histórico-Cultural destaca que o processo de aprendizagem da criança não ocorre de forma isolada, mas requer a intervenção de um adulto, capaz de mediar a apropriação do conhecimento acumulado pela cultura humana. No ambiente escolar, a mediação realizada pelo professor é fundamental para a promoção de uma educação humanizadora, que visa ao desenvolvimento integral dos estudantes. Essa perspectiva reflete uma visão de progresso, tanto no âmbito do desenvolvimento individual quanto no da sociedade como um todo. A educação escolar, ao se fundamentar em conhecimentos históricos, científicos e culturais, contribui para o processo intencional de humanização, preparando os alunos para uma participação ativa e consciente na sociedade.

Dessa maneira, o papel do professor vai além da simples transmissão de conteúdos. Ele precisa planejar suas atividades de forma a estimular o pensamento crítico e criativo dos estudantes, promovendo uma formação que não se limita ao âmbito acadêmico, mas que também os prepara para a vida em sociedade. O planejamento pedagógico, portanto, deve ser cuidadosamente estruturado, visando ao desenvolvimento de competências que permitam ao aluno enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com autonomia e autodesenvolvimento.

É importante ressaltar que, apesar dos benefícios evidentes, o uso de materiais concretos precisa ser planejado de forma cuidadosa. A mediação do professor é essencial para garantir que as atividades com materiais concretos não se limitem a uma mera manipulação dos objetos, mas que contribuam efetivamente para o

desenvolvimento cognitivo dos alunos. O professor deve orientar a exploração dos materiais, propondo desafios e questões que estimulem a reflexão e o raciocínio lógico dos estudantes.

Durante a aplicação do nosso plano de aula, percebemos que os momentos de interação com os materiais concretos também contribuem para o desenvolvimento da socialização entre os alunos. As atividades em grupo, que faziam uso desses materiais, incentivaram a troca de ideias e a cooperação entre os estudantes, permitindo que eles aprendessem uns com os outros e construíssem juntos o entendimento dos conceitos matemáticos. Além disso, a espontaneidade das crianças foi valorizada, proporcionando um espaço em que elas podiam expressar suas ideias de maneira livre e criativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cláudia Mara de. Prática de formação: estágio supervisionado: ideias iniciais. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Fundamentos teórico-metodológicos das disciplinas da proposta pedagógica curricular, do curso de formação de docentes**: curso de formação de docente - normal, em nível médio. Curitiba: SEED, 2008. p. 219-226.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Terra e Paz, 1996.

ROJAS, Fernanda; LOPES, Ana. **Material didático concreto e sua importância na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Educação, 2021.

SANTOS, Anderson; OLIVEIRA, Camila; OLIVEIRA, Guilherme. Material concreto: uma estratégia pedagógica para trabalhar conceitos matemáticos nas séries iniciais do ensino fundamental. **Itinerários Reflections**. Uberlândia, v. 09, n. 01, p. 01-14, maio, 2013.

SILVA, João. **Práticas pedagógicas inclusivas**: desafios e possibilidades. Rio de Janeiro: Editora Inclusão, 2020.

SFORNI; Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 217-229, 2006.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ESTÁGIO EM ALFABETIZAÇÃO: UM MOVIMENTO TEÓRICO E PRÁTICO A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

VIEIRA, Bruna Gabriela Lima¹⁶³
SILVA, Gabrieli Martins Vitorino¹⁶⁴
SANTOS, Luara Alexandre¹⁶⁵

RESUMO: O presente trabalho visa analisar, por meio das vivências e experiências adquiridas durante o estágio supervisionado, realizado na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, do curso de Pedagogia (UNESPAR/Campus de Paranavaí), a importância e as contribuições da literatura infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, especialmente no processo de alfabetização. Essa análise ocorreu por meio dos dados levantados e discutidos após as observações e intervenções pedagógicas desenvolvidas em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola municipal da cidade de Paranavaí-PR. Este relato procura enfatizar a relevância do estágio supervisionado para a formação docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental I e investigar o papel da literatura infantil no processo de alfabetização, destacando a importância de práticas lúdicas na sala de aula. Isso porque, acreditamos que a prática pedagógica preocupada com a ludicidade, pode enriquecer o processo de ensino e aprendizagem de crianças em etapa de alfabetização. A metodologia adotada para essa pesquisa foi de natureza qualitativa, envolvendo pesquisa bibliográfica, observação de campo, planejamento e intervenção pedagógica. Caminho este, percorrido durante o estágio supervisionado e baseado em estudos teóricos realizados na disciplina. Através deste movimento que engloba teoria e prática, percebemos que a literatura infantil pode influenciar os alunos e provocá-lo a desenvolver as suas ações em sala de aula, possibilitando uma aprendizagem mais significativa e consciente. Após o desenvolvimento das intervenções pedagógicas foi possível constatar que o uso da literatura infantil, de maneira intencional, promoveu uma relação significativa e interessada das crianças com a leitura e escrita, permitindo um ambiente educacional propício para o desenvolvimento da linguagem atrelado às necessidades específicas do período de desenvolvimento da criança. Como resultado, elas demonstraram avanços significativos no reconhecimento de letras e palavras, atingindo os objetivos programados para a prática. Por fim, percebemos que literatura infantil planejada para o processo de ensino e aprendizagem, se mostrou, como um recurso fundamental para o desenvolvimento psíquico dos alunos.

¹⁶³Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), brunagabivieira@gmail.com.

¹⁶⁴Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), gabrielivitorino1997@gmail.com.

¹⁶⁵Mestre em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luara.santos@unespar.edu.br.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Alfabetização. Ensino Fundamental I. Ensino e aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil desempenha um importante papel quando falamos do processo de alfabetização, trazendo consigo uma ligação entre a linguagem oral e a escrita, mudando a ideia de apenas ensinar a decodificar letras e palavras. A alfabetização envolve a construção de sentidos, o desenvolvimento do pensamento crítico e a inserção da criança no universo cultural e social da linguagem. Desta forma, a literatura infantil se apresenta como um recurso pedagógico importantíssimo, não somente pelo seu potencial pedagógico, mas também pela sua capacidade de desenvolver a imaginação, a criatividade e o prazer pela leitura, por meio de histórias que capturam o imaginário infantil e exploram temas diversos.

A literatura infantil contribui para que as crianças desenvolvam habilidades linguísticas de maneira significativa e prazerosa. Os livros ilustrados, por exemplo, ajudam a ligar as imagens ao texto, promovendo a compreensão e possibilitando a aprendizagem de novas palavras, expressões e estruturas narrativas. Além disso, os livros de literatura infantil permitem que os alunos se identifiquem com personagens e situações, promovendo a empatia e o entendimento de valores como solidariedade, respeito e convivência.

Através das observações realizadas em sala de aula, em uma escola municipal nos anos iniciais do Ensino Fundamental I I, situada na área periférica da cidade de Paranavaí-PR, planejamos nossas intervenções de maneira que a literatura infantil tivesse um papel significativo no desenvolvimento do lúdico como recurso pedagógico. E, é possível afirmar que esse movimento demonstra que, professores que utilizam histórias em sala de aula criam oportunidades de aprendizagem integradas, onde o lúdico se encontra com o pedagógico, enriquecendo o vocabulário e a interpretação textual e ajudam a construir uma relação afetiva com a leitura, essencial para que a criança continue explorando o universo literário ao longo de sua vida (BECK, CAPELETTE, ARCANJO, 2023).

Por meio dessas afirmativas o presente artigo pretende analisar como a literatura infantil pode ser utilizada de maneira estratégica no processo de

alfabetização, destacando seus benefícios cognitivos, emocionais e culturais, ao compreender seu impacto, busca-se evidenciar o papel das histórias infantis como ferramenta fundamental para o desenvolvimento pleno da leitura e escrita significativa.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No primeiro bimestre da disciplina Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, nos debruçamos sobre temas fundamentais para entender a complexidade do processo de ensino da leitura e da escrita, abordando desde o desenvolvimento histórico da escrita até a análise crítica dos métodos tradicionais de alfabetização utilizados no Brasil. Iniciamos com uma reflexão sobre a história da escrita e seu desenvolvimento histórico. Esse estudo nos permitiu compreender que a escrita é uma invenção humana, criada para atender necessidades sociais, políticas e econômicas específicas de cada época.

Por meio da análise dos textos discutidos em aula, vimos que a escrita não surgiu de forma homogênea em todas as culturas, mas sim como resposta a diferentes contextos socio-históricos. Esse aspecto nos ajudou a entender que a alfabetização é um processo que vai além da mera decodificação de letras e palavras, pois envolve a inserção dos sujeitos em práticas sociais letradas.

Em seguida, discutimos a origem do alfabeto que compõe a língua portuguesa, uma reflexão importante para entender como nosso sistema de escrita se estruturou ao longo dos séculos. A partir dos textos estudados, ficou claro que o alfabeto que usamos hoje é resultado de um longo processo de evolução, influenciado por diferentes civilizações, como os fenícios, gregos e romanos. Compreender essa trajetória histórica nos ajuda a valorizar o alfabeto como uma ferramenta poderosa de comunicação e a refletir sobre o seu papel na formação da identidade cultural de um povo.

Outro tema central foi a função social da alfabetização. A partir das bibliografias discutidas em sala, analisamos como a alfabetização não deve ser vista apenas como uma habilidade técnica, mas sim, como um processo que tem profundas implicações sociais. Alfabetizar é, portanto, incluir o indivíduo em uma sociedade letrada, possibilitando sua participação ativa e crítica nas diversas práticas sociais que envolvem a escrita. Essa discussão nos levou a refletir sobre a importância de um

ensino da alfabetização que considere as realidades e as necessidades dos alunos, indo além da simples transmissão de códigos e palavras.

No estudo dos métodos tradicionais de alfabetização na educação brasileira, exploramos suas concepções teórico-metodológicas e como elas influenciam o trabalho pedagógico do professor. A análise desses métodos, como o sintético e o analítico, nos permitiu perceber as vantagens e limitações de cada abordagem. Por exemplo, o método sintético, que se concentra na decodificação de letras e sílabas, pode ser eficiente em determinados contextos, mas tende a desconsiderar o uso significativo da língua escrita. Já o método analítico, que parte do texto para a palavra e depois para as sílabas e letras, busca integrar a leitura e a escrita de maneira mais contextualizada, mas pode apresentar desafios em relação à sistematização dos conteúdos.

Por fim, aprofundamos nossa análise no processo de alfabetização, focando nos conceitos e nas características dos métodos tradicionais e na problemática histórica relacionada a eles. Um dos exercícios mais enriquecedores desse bimestre foi a análise da cartilha “Caminho Suave”, um material didático amplamente utilizado no Brasil durante o século XX. Através desse trabalho, podemos identificar as influências teóricas por trás dessa cartilha, que se baseia fortemente no método sintético, e discutir suas implicações para o processo de alfabetização. Embora “Caminho Suave” tenha sido um recurso importante em uma época de massificação do ensino, percebemos que a dependência excessiva de materiais que priorizam a decodificação pode limitar o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla e crítica da língua escrita.

Em síntese, o primeiro bimestre nos proporcionou uma base teórica sólida para entender o processo de alfabetização em suas diversas dimensões, desde a histórica até a pedagógica. As discussões e os trabalhos realizados em grupo foram fundamentais para aprofundar esses conhecimentos e para nos preparar para as etapas seguintes da disciplina, onde continuaremos a explorar as complexidades do ensino da leitura e da escrita.

No segundo bimestre, realizamos uma leitura que teve como base teórica as discussões de Magda Soares sobre alfabetização e letramento, conforme apresentados no texto “Letramento: um tema em três gêneros” (2009). Esta obra nos trouxe uma compreensão mais profunda sobre o processo de alfabetização, para além

da aquisição técnica de ler e escrever, observar como uma inserção em práticas sociais que vão além do decifrar e reproduzir palavras.

A alfabetização, segundo Soares (2009), deve transcender a simples decodificação de símbolos, e o ideal é que ocorra de forma integrada ao letramento, permitindo que as crianças não só aprendam a ler e escrever, mas que compreendam o valor social e prático dessas habilidades. Em nossas ações de ensino, buscamos aplicar essa perspectiva ao oferecer oportunidades para que os alunos utilizem a leitura e a escrita em contextos significativos, como na criação de pequenas narrativas, listas de palavras e leitura compartilhada (CHRISTAN, 2019).

Essas práticas pedagógicas foram desenvolvidas visando formar alunos não apenas alfabetizados, mas letrados, inserindo-os em práticas que simulam o uso cotidiano da leitura e escrita. Ao longo do bimestre, observamos que esse enfoque, fundamentado teoricamente, promoveu maior engajamento dos alunos e uma compreensão mais ampla do valor comunicativo da linguagem escrita, alinhando-se aos objetivos de formar leitores e escritores críticos, como proposto por Soares (2009) e outros teóricos da área.

O processo de alfabetização é um percurso fundamental na formação do indivíduo, no qual ele aprende a decodificar e a atribuir sentido ao sistema de escrita. Historicamente, diversos métodos foram empregados para conduzir esse processo, cada um com abordagens e resultados distintos. Os métodos tradicionais, como o método silábico, focavam em ensinar as sílabas como unidades principais de leitura e escrita, enquanto o método alfabético concentrava-se em ensinar as letras individualmente, construindo as palavras a partir delas. Essas abordagens, embora eficazes para muitos, frequentemente desconsideravam o contexto social e as práticas de letramento, resultando em uma alfabetização restrita ao aprendizado mecânico das letras e sílabas.

A cartilha “Caminho Suave”, um marco da alfabetização brasileira por muitos anos, representa bem esses métodos tradicionais. Ela simplificava o processo de aprendizagem das letras e sílabas por meio de repetições e associações visuais. No entanto, sua utilização também refletia uma problemática histórica: a ênfase na repetição e na decodificação mecânica, muitas vezes sem uma conexão com o contexto social e o uso prático da leitura e da escrita. Isso levou a uma alfabetização limitada, onde os alunos aprendiam a decodificar, mas não necessariamente a compreender o valor social e crítico da leitura.

Analisar esses métodos hoje nos permite reconhecer a importância de uma abordagem que vá além do ensino técnico das letras e sílabas, integrando o letramento ao processo de alfabetização. Essa visão busca não apenas ensinar a ler e escrever, mas também inserir os alunos em práticas reais de leitura e escrita, que os preparem para uma participação ativa e crítica na sociedade.

Dessa forma, a partir dessas observações e discussões teóricas, planejamos nossa intervenção para que acontecesse de forma divertida e significativa através da literatura infantil, que ocorreu da seguinte forma.

No primeiro dia da intervenção pedagógica, realizado em 5 de outubro, abrimos a aula com muito cuidado para criar um ambiente acolhedor para as crianças. Ao chegarem, foram recepcionadas com uma música suave, que ajudou a criar uma atmosfera tranquila. Em seguida, começamos uma conversa breve, perguntando como cada um estava e convidando-os a compartilhar alguma novidade da semana deles. Esse momento de acolhimento inicial foi essencial para que todos se sentissem à vontade e conectados com a proposta do dia. Assim, criamos um ambiente acolhedor para que pudessemos trabalhar juntos.

O tema da aula foi baseado no gênero textual “receita” e no uso da consoante “NH”. Começamos a aula com uma situação desencadeadora, utilizando a **história** “Bartimeu, um bolo e um sonho”, contada com personagens de E.V.A. A narrativa foi cuidadosamente planejada para introduzir de forma lúdica a letra “NH” e despertar a curiosidade das crianças em relação ao gênero textual “receita”. As crianças acompanharam a história com entusiasmo, fazendo perguntas sobre o enredo e os personagens, especialmente sobre o momento em que Bartimeu tenta fazer um bolo e algo inesperado acontece. A história gerou interesse nas crianças, que nos permitiram abrir uma conversa sobre a importância de seguir uma sequência em uma receita, para chegar neste ponto principalmente, conversamos com as crianças o que elas achavam que aconteceu que o personagem da história não conseguiu fazer o bolo. Neste momento muitas crianças responderam: *“ele não usou a receita”*.

Para então completar essa resposta, convidamos eles para uma ação diferente, e de forma lúdica, decidimos fazer uma receita especial de “massinha” com creme capilar e maisena. As crianças ficaram animadas com a ideia de poder participar e colocar a “mão na massa”. Cada uma teve a oportunidade de ajudar em uma etapa: algumas colocaram a maisena, outras misturaram o creme, e todas participaram da transformação dos ingredientes em uma massinha divertida. Esse momento de

descontração fez com que eles se dividissem e se desenvolvessem em relação ao gênero textual receita.

Ao final do preparo, cada criança recebeu um pouco da massinha e teve seu momento para explorar e brincar, criando formas, objetos e até inventando suas próprias receitas com a massinha. Esse momento de experimentação foi muito especial, pois permitiu que as crianças expressassem sua criatividade e reforçassem a importância do passo a passo e da organização ao seguir uma receita.



Acervo das autoras (2024)

A proposta foi encerrada com uma breve conversa, onde perguntamos às crianças sobre o que acharam de fazer a massinha e como imaginariam outras receitas criativas. Elas compartilharam ideias e até se inspiraram umas nas outras, mostrando como o trabalho com receitas pode ir além da culinária e incentivar a criação e o trabalho em equipe. Foi um dia de aprendizado prático e divertido, onde todos participaram ativamente, e o conceito de “seguir uma receita” ganhou um significado concreto e lúdico para o grupo.

Difícilmente teremos a certeza de que houve a apropriação dos conceitos exatamente do modo como é a expectativa da escola, mas a inserção do estudante em um movimento de reflexão, mesmo que ainda oscilando entre o velho e o novo conhecimento, é um indício de que ele está em atividade de aprendizagem. (SFORNI, GALUCH, 2006, p. 228).

Neste sentido, podemos afirmar, por meio das análises feitas durante e após a intervenção, que as crianças estavam em atividade de aprendizagem, por meio da

participação, envolvimento com o que foi proposto e questionamentos realizados. Dessa forma, para reforçar o objetivo da aula, o segundo momento foi dedicado a trabalhar com as crianças o gênero textual “receita”. Realizamos a leitura de uma receita no quadro, explicando passo a passo e mostrando como uma receita é organizada, incluindo ingredientes, modo de preparo e instruções de sequência. Nesse momento, nós, como professoras estagiárias, apresentamos cada parte da estrutura de uma receita, explicando a importância de seguir a ordem correta dos passos para obter o resultado desejado. Durante esse momento, as crianças participavam ativamente, e até relatavam que em casa ajudavam os pais na cozinha. As crianças ficaram curiosas e engajadas, fazendo perguntas sobre o que aconteceria se alterássemos a ordem dos ingredientes ou se trocássemos algum item, até comparava essa situação com a história ouvida.

Em seguida, propusemos uma ação interativa, onde as crianças tiveram a oportunidade de criar uma receita coletiva. Para isso, utilizamos um varal e grampos para fixar os ingredientes, representados por cartões desenhados e coloridos pelas próprias crianças. Dividimos a turma em grupos, e cada grupo ficou responsável por um ingrediente, como “farinha”, “açúcar” ou “ovos”. Com canetinhas e papel, cada grupo desenhou e escreveu o nome do ingrediente, usando a criatividade para ilustrar cada item da receita. Depois que todos os ingredientes foram desenhados, as crianças foram chamadas uma a uma para colocar seus cartões no varal, discutindo a ordem em que achavam que os ingredientes deveriam ser usados. Perguntamos por que escolheram aquela ordem e o que achavam que aconteceria se a sequência fosse alterada, desenvolvendo o pensamento crítico, no movimento do pensamento teórico para o científico, e a compreensão da importância da sequência em uma receita.

Observamos, ainda, que a aprendizagem não ocorre de forma linear e mecânica, ou seja, não basta que novos conhecimentos científicos sejam ensinados para que o aluno os internalize. As múltiplas vozes presentes nas atividades coletivas – as explicações do professor, a troca de experiência com os colegas, as leituras de textos de diferentes naturezas sobre o tema, a observação de vídeos explicativos, a realização de experimentos – provocaram uma espécie de diálogo interno, que apontava para uma reorganização do pensamento dos alunos. (SFORNI, GALUCH, 2006, p. 228).

Para encerrar, fizemos uma revisão da receita pendurada no varal. Lemos cada ingrediente e o modo de preparo em voz alta, enquanto as crianças acompanharam,

corrigindo e reorganizando os ingredientes quando necessário. Esse momento final serviu como uma reflexão sobre o que haviam aprendido, reforçando a ideia de que a ordem e a organização dos ingredientes são essenciais para o sucesso de qualquer receita. As crianças mostraram bastante entusiasmo e compreensão, e foi gratificante ver como cada uma contribuiu para a construção desse conhecimento coletivo de forma prática e divertida. Para finalizar, eles puderam escrever num papel disponibilizado pelas professoras estagiária a sua própria receita, e seguindo o exemplo do quadro, apresentando uns para os outros o que tinham produzido, ao final.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises e reflexões apresentadas, fica evidente que a literatura infantil é um recurso valioso no processo de alfabetização, indo muito além da simples decodificação de letras e palavras, ao integrar a linguagem oral e escrita de maneira lúdica e significativa, a literatura infantil contribui não apenas para o desenvolvimento da linguagem, mas também para a formação do pensamento crítico, a compreensão de valores essenciais e a inserção das crianças em um universo cultural diversificado.

As intervenções realizadas em sala de aula, demonstraram como o uso estratégico da literatura infantil, aliado a ações lúdicas, podem potencializar a aprendizagem e gerar experiências afetivas e significativas com a leitura. Portanto, professores que adotam essa abordagem promovem uma educação mais envolvente, que desenvolve a imaginação, a criatividade e o prazer em ler, estabelecendo uma base sólida para que os alunos se tornem leitores críticos e engajados. Além disso, os livros de literatura infantis promovem uma relação afetiva com a leitura, ao permitir que os alunos se identifiquem com personagens, enredos e situações, essa identificação é fundamental para o desenvolvimento da empatia, do respeito e de valores sociais importantes, como a solidariedade e a convivência harmoniosa. Quando a criança vê na história uma extensão de sua própria realidade ou uma janela para novos mundos, ela compreende que a leitura pode ser uma experiência transformadora, que expande horizontes e promove o autoconhecimento.

Portanto, reconhecer a literatura infantil como ferramenta pedagógica essencial significa valorizar práticas educativas que respeitam o desenvolvimento integral da criança, proporcionando-lhe não apenas o domínio técnico da leitura, mas também

uma conexão profunda e prazerosa com o ato de ler, ao investir em estratégias que unam o lúdico e o pedagógico, a educação dá passos significativos rumo a uma formação mais humanizada e eficaz.

REFERÊNCIAS

BECK, Eliane Maria Cabral; CAPELETTE, Paula Cristina; ARCANJO, Fernanda da Silva: **A importância da ludicidade no Ensino Fundamental I I**. RMulti: Revista Multiversa – Rede Multiversa, Foz do Iguaçu – PR, v. 01, n. 01, p. 110-124, 2023.

CHRISTAN, Patrícia. **A interação Professor-aluno no Processo de Ensino e Aprendizagem**. 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias. Campinas, n.2, p. 154-162, jul.2019.

SFORNI, Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. **Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do Ensino Fundamental I**. Editora UFPR Educar, Curitiba, n. 28, p. 217-229, 2006.

ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS: INTERVENÇÃO E APRENDIZAGEM DOS ADVÉRBIOS

HEREDIA, Amanda Carvalho¹

BORGES, Denise Santos²

PIZOLI, Rita de Cássia³

RESUMO: Este relato de estágio descreve as experiências vividas durante a intervenção didática em uma escola municipal do noroeste do Paraná, na sala do quarto ano dos anos iniciais. A partir da teoria de Elkonin sobre a periodização do desenvolvimento, observamos como as crianças problematizavam conceitos e interagem, revelando curiosidade e desejo de compreensão. A interação entre alunos e professora foi notável, com discussões em grupo que favoreciam a troca de ideias. Baseados nas teorias de Vygotsky, compreendemos que o pensamento teórico vai além da aplicação de regras, envolvendo a articulação entre conceitos para uma visão crítica do mundo. Nossa intervenção principal, planejada a partir do conteúdo de língua portuguesa, a pedido da professora regente, centrou-se no conceito de "advérbio", buscando mobilizar as funções psíquicas dos alunos através de situações-problema. Iniciamos com perguntas sobre advérbios no cotidiano, seguidas de atividades práticas como "Seu Mestre Mandou", que ilustravam a aplicação dos advérbios em ações. Além disso, utilizamos tirinhas para exemplificar o uso humorístico dos advérbios e incentivamos a produção textual, onde os alunos criaram histórias incorporando esses elementos. As atividades, culminando com a leitura de "A Gramática da Emília", promoveram um aprendizado envolvente, facilitando a aplicação prática dos advérbios em contextos diversos. Essas experiências não apenas consolidaram o aprendizado, mas também prepararam os alunos para utilizar os advérbios em novas situações, tornando a aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Anos iniciais. Atividade de estudo. Estágio supervisionado. Ensino de Língua Portuguesa. Advérbio.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo relata sobre o estágio curricular obrigatório do curso de pedagogia da UNESPAR campus Paranavaí, na disciplina de Ensino e Estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Objetiva refletir sobre experiências que tivemos no período de estágio, onde pudemos relacionar a teoria aprendida durante o curso de formação

¹ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), autor1@email.com.

² Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), dehtaa@hotmail.com.

³ Professor orientadora de estágio nos anos iniciais do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí), rita.pizoli@ies.unespar.edu.br.

acadêmica docente com a prática da rotina da educação na escola. Também enfatiza a importância do estágio na formação inicial de professores, bem como mostrar os resultados do estudo período em estágio e como este impactou a formação e atuação na qualidade de professora dos anos iniciais.

Como base teórica, trazemos as autoras: Almeida (2008), sobre Prática de formação: estágio supervisionado: ideias iniciais e Sforzi e Galuch (2006), que trata sobre a formação dos conceitos científicos na idade escolar. Em seguida apresentaremos as atividades de observação e intervenção, procurando relacionar a prática com a teoria estudada.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1.O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

O estágio supervisionado vai além de simplesmente cumprir requisitos acadêmicos, ele é uma chance para o desenvolvimento pessoal e profissional. Além disso, serve como um importante meio de integração entre a universidade e a escola.

Conforme Almeida (2008), o estágio supervisionado na formação de professores é historicamente discutido como o componente que integra teoria e prática, crucial para a qualidade do ensino. No entanto, interpretações inadequadas da prática podem levar a uma formação docente deficiente.

É essencial definir que tipo de professor se deseja formar e para qual escola, considerando os conhecimentos envolvidos na formação do educador. Saviani (1996 apud Almeida, 2008, p. 221) identifica cinco saberes importantes: atitudinal, crítico-contextual, específicos, pedagógico e didático-curricular.

Saber atitudinal: refere-se a comportamentos e atitudes adequadas ao trabalho educativo, como disciplina e respeito pelos alunos.

Saber crítico-contextual: envolve a compreensão das condições socio-históricas que afetam a tarefa educativa.

Saberes específicos: correspondem ao conhecimento das disciplinas integradas ao currículo escolar.

Saber pedagógico: abrange os conhecimentos sistematizados pelas ciências da educação.

Saber didático-curricular: diz respeito à organização e realização da atividade educativa.

A intenção é preparar os futuros professores para desenvolver sua prática pedagógica de forma transformadora, seguindo a perspectiva marxiana de que a prática deve ir além da teoria para efetuar mudanças na sociedade. Isso envolve analisar criticamente o contexto escolar e promover as transformações necessárias.

Essa prática representa o primeiro contato do futuro professor com seu campo de atuação. Através da observação, participação e condução de atividades, o estagiário terá a oportunidade de desenvolver e planejar futuras ações pedagógicas.

Para Almeida (2008), organizar o estágio supervisionado, o método dialético-materialista pode ser útil, pois promove a construção do pensamento crítico necessário para a prática pedagógica. Este método, embora complexo, pode esclarecer a integração entre teoria e prática durante a formação docente. Em resumo, o estágio deve ser visto como um meio de articulação entre teoria e prática, preparando profissionais capazes de analisar e agir conforme o contexto educacional em que estão inseridos.

2.2.A FORMAÇÃO DOS CONCEITOS CIENTÍFICOS NA IDADE ESCOLAR

A cultura é essencial para o desenvolvimento das pessoas, desafiando a ideia de que todos desenvolvem cognição da mesma forma. Embora a teoria Histórico-Cultural tenha mudado a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem, pesquisas mostram que ela afetou mais as interações entre professores e alunos do que a organização dos conteúdos. A falta de discussão sobre os conteúdos escolares pode refletir o receio de retrocesso pedagógico ao enfatizar o conhecimento sistematizado (Sforni; Galuch, 2006).

Conforme Sforni e Galuch (2006), existem duas formas de ensino que predominam na educação básica devido à falta de estudos acadêmicos sobre abordagens para trabalhar com conteúdos, uma vai seguir o ensino tradicional, enquanto a outra, escola nova, prioriza saberes para estimular o pensamento crítico e a cidadania. Ambas não são baseadas e interpretações equivocadas da THC pois, podem justificar práticas pedagógicas tradicionais. A ideia de que essa teoria, por ser baseada em Marx, promove automaticamente o pensamento crítico é falsa.

As autoras ainda observaram a evolução do pensamento dos alunos diante de situações problema, permitindo a transição entre conceitos espontâneos e científicos.

A aprendizagem não é linear, requerendo mais do que apenas ensinar novos conhecimentos para sua internalização. As interações durante atividades coletivas promovem um diálogo interno que reorganiza o pensamento dos alunos. Embora não possamos ter certeza absoluta da apropriação dos conceitos conforme as expectativas da escola, a participação dos alunos em reflexões indica que estão ativamente envolvidos na aprendizagem. (Sforni; Galuch, 2006)

Para a autora Flávia Asbahr (2016), ao explicar sobre o período da atividade de estudo, destaca que há uma forma de aprendizagem que ocorre na escola, onde a transmissão da cultura humana elaborada é mediada pelo professor. Esta atividade não se limita à sistematização de conhecimentos, mas também promove o desenvolvimento psicológico. O ingresso na educação escolar é uma mudança significativa na vida da criança, não apenas socialmente, mas também internamente, promovendo a assimilação de formas mais avançadas de consciência social. A atividade de estudo é essencial para a formação do pensamento teórico, representando uma atividade humana presente em diversas formas de consciência social desenvolvida (Asbahr, 2016).

Para a autora Asbahr (2016), a atividade de estudo não ocorre de forma natural; é necessário preparar a criança para organizar sua atividade cognitiva, papel crucial da escola nos primeiros anos, formando uma postura de estudante. Essa formação é essencial para que a criança assimile conhecimento de maneira sistemática e voluntária, sendo a formação de motivos para o estudo um dos elementos centrais desse processo. Ao entrar na escola, as crianças demonstram interesse inicial pelo estudo e pela aprendizagem, o que é socialmente valorizado e produzido pela entrada na escola. Surge então a necessidade cognitiva de adquirir conhecimento e habilidades, transformando a curiosidade infantil em motivos para a aprendizagem. A atividade de estudo promove a formação desses novos motivos, inicialmente baseados em motivações afetivas, mas que evoluem para o desejo de aprender conforme a criança se engaja na atividade de estudo.

3. ANÁLISE DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM OCORRIDO NA AULA DA TURMA DO 4º ANO

No contexto da aula desenvolvida sobre advérbios, planejamos algumas atividades que poderiam proporcionar aos alunos uma compreensão do conceito

nuclear e ao mesmo tempo prática desse elemento da Língua Portuguesa. A abordagem pedagógica adotada envolveu uma sequência de atividades planejadas, cada uma com o objetivo de explorar diferentes aspectos dos advérbios e suas funções.

A aula teve início com a realização da brincadeira "Seu Mestre Mandou", que é uma introdução lúdica e estimulante ao tema. Durante essa atividade, os alunos receberam comandos como "Bata palmas rapidamente" e "Pule lentamente", o que lhes permitiu vivenciar, de forma prática, a aplicação dos advérbios no contexto de ações. Esta atividade inicial não apenas engajou os alunos, mas também ajudou a estabelecer uma conexão clara entre a função dos advérbios e sua utilização cotidiana.

A segunda atividade consistiu na problematização do conceito de advérbios. Iniciamos a discussão perguntando aos alunos sobre seu conhecimento prévio acerca dos advérbios e exemplos de expressões coloquiais, como "rapidão" e "super-rápido". A partir das respostas, foi possível explicar a importância dos advérbios na comunicação formal e a diferença entre expressões informais e a linguagem padrão, como "muito rápido" e "rapidamente". Embora essas palavras pareçam ser antigas e outras modernas dominem nossa linguagem atual, porque as antigas ainda têm importância? Após perceber o entendimento deles sobre a utilização de palavras específicas para dar sentidos diversos às falas e frases escritas nos textos, mediante as específicas necessidades de comunicação oral ou escrita, neste caso, a modificação da ação mediante determinada circunstância, explicamos sobre o uso do advérbio na frase e sua função. A explicação detalhada sobre os diferentes tipos de advérbios – de modo, intensidade, lugar, tempo, negação, afirmação, dúvida, exclusão e inclusão, foi acompanhada de exemplos práticos que facilitaram a compreensão dos alunos.

Na terceira atividade, utilizamos tirinhas para explorar o uso dos advérbios de uma maneira visual e humorística. A leitura das tirinhas despertou o interesse dos alunos e permitiu que eles observassem advérbios em contextos cotidianos. Esta abordagem proporcionou um aprendizado mais leve e envolvente, facilitando a assimilação dos conceitos discutidos e tornando o processo de aprendizagem mais prazeroso.

A quarta atividade consistiu na produção textual com advérbios. Os alunos receberam tirinhas impressas e foram incentivados a criar histórias, utilizando diversos

advérbios. Essa atividade estimulou a criatividade dos alunos e promoveu uma aplicação prática dos advérbios em textos, permitindo que os alunos experimentassem e reforçassem o conhecimento adquirido. A leitura das histórias para a turma e a identificação dos advérbios utilizados pelos colegas consolidaram a compreensão dos conceitos.

E a quinta atividade envolveu a leitura do capítulo X do livro “A Gramática da Emília”, de Monteiro Lobato. Os alunos leram o texto em duplas e discutiram os advérbios presentes na história. Essa leitura foi seguida pela produção de histórias próprias, que foram lidas em sala de aula. A atividade não apenas reforçou a compreensão dos advérbios, mas proporcionou a leitura de um clássico da literatura que abordou a gramática da língua portuguesa de uma forma genial.

Após a leitura, fizemos uma discussão sobre os principais advérbios encontrados no capítulo e pedimos que, em duplas, escrevessem uma pequena história usando o máximo de advérbios possível. As duplas então leram suas histórias para a turma, que identificou os advérbios utilizados.

Essas atividades ajudaram a ensinar os advérbios de maneira divertida e prática. As tirinhas tornam o aprendizado mais interessante e mostram advérbios em situações do dia a dia. Ler e discutir o capítulo do livro permitiu que os alunos vissem os advérbios em histórias e praticassem escrevendo suas próprias histórias com advérbios.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio de observação oportuniza ao graduando analisar a prática de outro profissional, as diferentes interações que acontecem na escola, proporciona um momento de relacionar a teoria apresentada na faculdade, à prática utilizada nas salas de aula. Durante o estágio, podemos observar que as aulas foram dinâmicas, em que as atividades propostas pela professora foram realizadas. Assim como de acordo com Almeida (2008), o estágio deve ser considerado um ponto de ligação entre teoria e prática, capacitando os profissionais a analisar e agir conforme o contexto educacional em que atuam.

À medida que a criança avança no desenvolvimento educacional, ela passa por

um processo de transição de conhecimentos espontâneos para científicos. Essa mudança é um reflexo do desenvolvimento cognitivo e da maturação das habilidades de pensamento crítico e analítico.

O estágio vivido fora da faculdade nos permite enquanto alunos e futuros profissionais da educação, uma grande contribuição para a nossa formação, na medida em que nos possibilita conhecer e vivenciar o cotidiano de uma escola e refletir sobre as práticas pedagógicas. O estágio é uma fase também temida pelos estagiários, com muitos relatos negativos e poucos positivos tanto de graduandos quanto de professores já veteranos. Inclusive com as professoras que estagiamos, nenhuma falou bem em ser professora e falou para nós termos um plano b. Apesar da desmotivação provocada por alguns professores regentes, o dia a dia na sala de aula nos proporciona conhecimentos e oportunidades. Quando conseguimos realizar algo com sucesso, o desejo de consolidar nossa identidade profissional aumenta ainda mais. Assim, o modo como essas experiências foram observadas, contribuíram para o nosso processo de estágio e para aprendizagem na docência.

O ensino desenvolvido nessas aulas foi abrangente e estruturado, combinando teoria e prática. Baseado nos pressupostos da Teoria histórico-cultural, o processo de ensino considerou tanto o pensamento empírico quanto o teórico, promovendo uma aprendizagem mais significativa. A participação ativa dos alunos e a aplicação prática desses conceitos evidenciaram o sucesso da abordagem metodológica adotada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Claudia Mara de. **Prática de formação: estágio supervisionado: idéias iniciais.** In: **PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação.** Fundamentos teóricos-metodológicos das disciplinas da proposta pedagógica curricular, do curso de formação de docentes: curso de formação de docente – normal, em nível médio. Curitiba: SEED, 2008. p. 219-226.

ASBAHR, Flávia. Idade escolar e atividade de estudo: educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. In: MARTINS, Lígia; ABRANTES, A; FACCI, M. (Org). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico.** São Paulo: Autores associados, 2016.

LOBATO, Monteiro. **Emília no País da Gramática**. SP: Círculo do Livro. Disponível em: https://www.fortaleza.ce.gov.br/images/Cultura/Monteiro_Lobato_-

[_Em%C3%ADlia_no_Pa%C3%ADs_da_Gram%C3%A1tica.pdf](#). Acesso em: 22 de junho de 2024.

SFORNI, Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 217-229, 2006.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ALFABETIZAÇÃO: A FORMAÇÃO DOCENTE NA PRÁTICA

SILVÉRIO, Mariana Luiza¹⁶⁶
SANTOS, Luara Alexandre dos¹⁶⁷

RESUMO: Este artigo aborda a experiência vivenciada no estágio supervisionado, realizado na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, no terceiro ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, Campus Paranavaí. A convivência no ambiente escolar permite observar, de forma prática, o processo de ensino e aprendizagem de crianças que estão em etapa de alfabetização. O que também possibilita um aprofundamento do conhecimento teórico sobre o desenvolvimento dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental I. Essa vivência ajudou na compreensão dos desafios e possibilidades da alfabetização, isso porque, foi a partir das observações-participativas, que identificamos diferentes níveis de compreensão da leitura e escrita entre os alunos e podemos dialogar como isso se apresenta na teoria. Tivemos encontros presenciais, realizados em uma escola municipal de Paranavaí/PR com uma turma de 1º ano do ensino fundamental I, na qual realizamos a observação-participativa durante oito encontros de 4 horas cada e duas intervenções pedagógicas, de 4 horas cada, totalizando dez idas ao campo de estágio, a escola. Durante essas observações, podemos perceber como é a relação das crianças com o processo de aprendizagem e como ocorre o desenvolvimento e apropriação de todo o processo que envolve a leitura e a escrita, desde a articulação das letras, como a formação de sílabas e palavras. Nesse momento também observamos a especificidade de cada criança e a necessidade do professor, enquanto quem organiza o ensino, em criar adaptações metodológicas para atender a todas elas. Essa reflexão nos acompanhou até o momento de planejamento da intervenção pedagógica. Então, é possível afirmar que estar na escola e poder colocar em debate a teoria e a prática diretamente, foi fundamental para compreender que a alfabetização é um processo dinâmico e diverso, que requer estratégias significativas e bem pensadas para o contexto de cada criança. O estágio supervisionado, portanto, revelou-se como uma etapa essencial para consolidar o vínculo entre teoria e prática, aproximando-nos da realidade educativa e do cotidiano da sala de aula. Por meio das observações, conseguimos identificar o progresso e as dificuldades dos alunos e também pensar um plano de aula significativo para quem ensina, como para quem aprende, compreendendo a alfabetização como um processo que exige atenção às especificidades de cada criança. Concluimos que as observações realizadas durante

166 Graduada Mariana Luiza Silvério do Curso de PEDAGOGIA da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), marianaluizasilverio@gmail.com

167 Mestre em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luara.santos@unespar.edu.br.

o estágio foram fundamentais para a construção de uma prática pedagógica mais consciente e plena no processo de alfabetização.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Alfabetização. Ensino Fundamental. Ensino e aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A prática pedagógica vivenciada no estágio supervisionado representa uma etapa importante na formação docente, especialmente no que diz respeito à alfabetização, por proporcionar um contato direto com o ambiente escolar e todas as suas dinâmicas reais do processo de ensino e aprendizagem. Essa experiência permitiu observar, participar e refletir sobre as estratégias de ensino utilizadas, as respostas dos alunos e os desafios enfrentados no contexto da sala de aula, ampliando nossa compreensão sobre o papel do professor e também a necessidade de uma organização do ensino consciente e significativa. Durante o estágio, foi possível identificar as especificidades do desenvolvimento da leitura e da escrita, que são apropriadas de maneiras diversas pelas crianças em processo de alfabetização, bem como conhecer diferentes estratégias de ensino que buscam atender às diferentes demandas e promover um aprendizado qualitativo.

A vivência prática vai além da simples aplicação de teorias aprendidas na formação acadêmica durante as aulas teóricas, funcionando como um espaço para relacionar o conhecimento teórico com situações concretas do cotidiano escolar. Essa relação é fundamental para compreender que a alfabetização é um processo complexo e diversificado, que exige estratégias planejadas e reflexivas para considerar as particularidades de cada criança, desde a articulação das letras até a construção de sílabas e palavras. O estágio também evidenciou a importância do professor como o sujeito mais experiente, organizador do ensino, responsável por criar um ambiente de aprendizagem que favoreça o desenvolvimento integral dos alunos.

A importância dessa experiência está em proporcionar ao futuro docente uma formação mais sólida e contextualizada, relacionada às demandas contemporâneas da educação, onde a prática pedagógica se torna mais consciente e é voltada para a realidade da sala de aula. Este artigo, portanto, reflete sobre como o estágio supervisionado contribuiu para ampliar a visão sobre a alfabetização como um processo dinâmico e essencial, destacando a importância de estratégias pedagógicas

significativas, adaptadas e contextualizadas para promover o desenvolvimento pleno dos alunos nos anos iniciais.

O artigo está estruturado em diferentes partes que abordam aspectos fundamentais do estágio supervisionado em alfabetização. Na introdução contextualizamos a importância do estágio para a formação do pedagogo, destacando a vivência prática como essencial para a compreensão dos desafios e possibilidades no ensino da leitura e escrita. Em seguida, no subtítulo "O estágio obrigatório e a formação do pedagogo", abordamos como o estágio ocupou a tarefa de relacionar a teoria e a prática, permitindo que como futuros docentes observemos e participemos ativamente do processo de ensino, além de pensar intencionalmente estratégias pedagógicas que dialoguem com as necessidades dos alunos.

Também destacamos aqui as contribuições de autores como Paulo Freire (1982, 1996) e Magda Soares (2009, 2016), que influenciam a prática pedagógica de forma significativa, ressaltando a importância de uma alfabetização que vai além da simples decodificação de palavras, englobando o letramento e as práticas sociais de leitura e escrita. Pensar o papel do professor no processo de alfabetização de crianças em idade escolar trata-se de compreender teoricamente a necessidade de garantir práticas pedagógicas que direcionem a aprendizagem às vivências significativas para os alunos, utilizando métodos que favoreçam a construção de leitores e escritores críticos. Por fim, nas considerações finais sintetizamos como a experiência adquirida no estágio foi importante e necessária para integrar teoria e prática, assim como, dialogar sobre e como as ações realizadas em sala de aula contribuíram para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais consciente e significativa para os alunos.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

O estágio em alfabetização é uma etapa crucial na nossa formação como futuros pedagogos, funcionando como um elo entre a teoria e a prática pedagógica, permitindo-nos aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso em situações reais de ensino, possibilitando a observação direta do desenvolvimento dos alunos e a análise de estratégias didáticas conforme as necessidades do grupo. Esse

processo também nos ajudou a compreender de forma mais aprofundada os desafios da alfabetização, desenvolvendo caminhos fundamentais para atuar de maneira reflexiva e consciente em sala de aula. Como destaca o Referencial Curricular do Paraná, “a prática pedagógica, nos seus múltiplos processos, se configura como elemento essencial para a aprendizagem dos alunos” (PARANÁ, 2018, p. 65).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), o estágio vai além de uma exigência legal, sendo considerado uma parte essencial da formação docente. Ele não é apenas uma formalidade acadêmica, mas uma oportunidade prática de vivenciar o cotidiano escolar e, assim, colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos. A LDB reafirma que “o estágio supervisionado é parte do processo de formação, sendo necessário para a qualificação profissional do futuro docente” (BRASIL, 1996).

Essa experiência é importante para desenvolver condições pedagógicas de atuação profissional, tais como a capacidade de planejar e conduzir aulas, avaliar o processo de aprendizagem e adaptar estratégias de ensino às necessidades dos alunos. Além disso, o estágio incentiva a reflexão crítica sobre a prática educativa, possibilitando-nos a pensar de maneira mais consciente sobre nossas ações em sala de aula, nossas decisões pedagógicas e o impacto que isso tem na formação dos alunos. A partir de uma abordagem crítica e reflexiva, é possível perceber como “o estágio contribui diretamente para que o futuro docente se torne um profissional preparado para lidar com as especificidades da educação” (SOARES, 2016, p. 74). Isso contribui para a formação de professores mais preparados e aptos a enfrentar os desafios do ensino na educação básica.

Durante o estágio, tivemos a chance de estar em sala de aula, observar e participar ativamente do processo de alfabetização dos alunos do 1º ano. Isso nos deu uma visão mais profunda e contextualizada dos desafios que enfrentaremos no dia a dia escolar, além de conhecer quais estratégias pedagógicas funcionam melhor no processo de ensino e de aprendizagem, a fim de garantir que as crianças desenvolvam suas habilidades de leitura e escrita. Ver na prática como as crianças aprendem a escrever e identificar as diferentes etapas de desenvolvimento nos ajudou a adaptar nossas intervenções para apoiar esse processo de forma mais eficiente. “A alfabetização é uma construção contínua, que depende da interação e da organização de práticas pedagógicas sensíveis e inovadoras” (MORTATTI, 2000, p. 102).

Essa vivência prática não só reforçou o que aprendemos na teoria, mas também nos permitiu testar e avaliar diferentes metodologias de ensino, o que enriqueceu muito nossa prática pedagógica. Foi possível afirmar que, por meio da interação direta com os alunos, podemos observar a sensibilidade educativa, um compromisso ético e uma capacidade de inovação pedagógica, essenciais para lidar com os desafios da educação atual.

No estágio em Alfabetização, a teoria de Paulo Freire (1982, 1996) destaca-se como uma orientação fundamental para uma prática pedagógica que valorize o papel ativo do aluno na construção do conhecimento. Freire critica a “educação bancária”, onde o aluno é um mero receptor passivo, dizendo que essa abordagem “dociliza a criança” e impede seu desenvolvimento crítico (FREIRE, 1982, p. 36). Ele enfatiza que o papel do educador é provocar a necessidade do uso do pensamento autônomo, ao invés de impor “um conhecimento parado, como se fosse pacote que se estende à criança” (FREIRE, 1982, p. 36).

A alfabetização deve criar um espaço para o diálogo, no qual “o professor e o aluno aprendem juntos” (FREIRE, 1993, p. 25). Essa relação de diálogos permite que o estágio se torne um momento de aprendizado em potencial, em que o professor em formação pode vivenciar o papel de sujeito mais experiente, responsável pelo processo de humanização da criança, a partir da apropriação de diferentes ferramentas simbólicas. Com isso, o estágio passa a ser não apenas um momento de aplicação de teorias, mas um processo de crescimento e transformação tanto para o aluno quanto para o professor.

2.2 O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR

A alfabetização é um processo essencial na formação de indivíduos, que vai além da simples aquisição das habilidades técnicas de ler e escrever. Trata-se de uma prática social que possibilita ao aluno se inserir em contextos onde a leitura e a escrita são usadas de forma significativa, promovendo sua autonomia e participação crítica na sociedade. Essa concepção amplia o conceito de alfabetização ao integrá-la ao letramento, como defendido por Magda Soares (2009). Para a autora, alfabetizar é ensinar as habilidades básicas de leitura e escrita, mas também envolver os alunos em práticas sociais letradas, nas quais essas habilidades ganham um propósito prático e cultural. Soares (2009) ressalta que “o letramento deve envolver práticas

sociais nas quais a leitura e a escrita ganham um papel significativo na vida do sujeito” (SOARES, 2009, p. 88).

Historicamente, a alfabetização no Brasil foi marcada por métodos tradicionais, como o silábico e o alfabético, que focavam na decodificação mecânica de letras, sílabas e palavras. Embora esses métodos tenham se mostrado eficazes em determinados contextos, muitas vezes negligenciavam o significado e o uso social da língua escrita. Um exemplo clássico é a cartilha "Caminho Suave", amplamente utilizada no século XX. Esse material didático simplificava a aprendizagem por meio de repetições e associações visuais, mas priorizava a memorização em detrimento de uma compreensão mais ampla e contextual da escrita. Como afirma Mortatti (2000), “os métodos tradicionais, como o silábico, priorizavam a técnica de leitura sem integrar os significados que a escrita carrega nas práticas sociais” (MORTATTI, 2000, p. 65). Essa limitação reforça a necessidade de um ensino que vá além da técnica, integrando o uso da leitura e da escrita a situações reais e significativas para os alunos.

Atualmente, o processo de alfabetização é pensado como um caminho para formar leitores e escritores críticos. Esse avanço teórico se reflete em práticas pedagógicas que buscam tornar o aprendizado mais próximo da realidade dos alunos, desenvolvendo habilidades de leitura e escrita em contextos que eles reconheçam como úteis e familiares. Isso pode ser feito por meio de atividades lúdicas e dinâmicas, que transformam a sala de aula em um espaço de aprendizado interativo e prazeroso. Utilizar jogos, brincadeiras, escrita de histórias e interpretação de textos são formas de estimular os alunos a perceberem a funcionalidade da leitura e da escrita, conectando o aprendizado com suas vivências cotidianas. O Referencial Curricular do Paraná (2018) enfatiza que “a prática pedagógica deve aproximar o conteúdo da realidade do aluno, para que ele perceba o valor da leitura e escrita em seu cotidiano” (PARANÁ, 2018, p. 73).

Uma alfabetização eficaz também exige que o professor compreenda a história da escrita e sua função social. O alfabeto que utilizamos hoje, por exemplo, é o resultado de um longo processo de desenvolvimento histórico, influenciado por civilizações como os fenícios, gregos e romanos. Essa trajetória revela que a escrita é uma invenção humana criada para atender necessidades sociais específicas, e que continua desempenhando um papel central na comunicação e na formação da identidade cultural. Compreender isso ajuda o professor a valorizar o alfabeto não

apenas como um sistema técnico, mas como uma ferramenta que conecta os indivíduos às práticas culturais e sociais de sua época. Como afirmam Soares (2016), “a escrita não é apenas técnica, mas um produto cultural, moldado pela história e pelas necessidades sociais” (SOARES, 2016, p. 92).

Além disso, Magda Soares destaca que o letramento deve andar junto com a alfabetização. Isso significa que ensinar a decodificar palavras é apenas o primeiro passo; o ideal é que os alunos sejam envolvidos em práticas sociais que envolvam leitura e escrita com propósito. Durante as intervenções realizadas em sala de aula, como as ações de busca por palavras e criação de frases contextualizadas, percebemos a importância de tornar o processo de alfabetização significativo. O uso de cartas da personagem fictícia “Chico” e de brincadeiras como mímicas e caça-palavras mostrou-se uma estratégia eficiente para inserir os alunos em práticas letradas, permitindo que compreendessem o conteúdo de maneira mais envolvente e prática. Como observam Mortatti (2000), “estratégias lúdicas, como jogos e atividades interativas, são essenciais para envolver os alunos nas práticas letradas de maneira prazerosa e eficaz” (MORTATTI, 2000, p. 116).

Essa abordagem também se conecta com os princípios de Paulo Freire (1996), que critica a “educação bancária” e defende um ensino em que o aluno seja o sujeito ativo na construção do conhecimento. Para Freire (1996), alfabetizar é mais do que ensinar a ler e escrever; é preparar os alunos para “ler o mundo” e atuar de maneira consciente e crítica na sociedade. Por isso, ao propor ações que envolvem interação, descoberta e contextualização, o professor cria as condições para que os alunos desenvolvam uma compreensão mais ampla e funcional da língua escrita. Freire (1996) defende que “a educação deve ser um ato de liberdade, onde o aluno se torna sujeito do seu processo de aprendizagem, atuando ativamente na construção do conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 49).

A alfabetização, portanto, deve ser vista como um processo dinâmico e contínuo, no qual os métodos e estratégias precisam dialogar com a realidade dos alunos e suas necessidades. Além de ensinar as habilidades e técnicas, é fundamental oferecer oportunidades para que os alunos usem a leitura e a escrita de forma criativa, reflexiva e transformadora, a fim de que superem a alfabetização que limita a decodificação de grafemas e fonemas. É preciso garantir uma perspectiva que amplia o impacto da alfabetização, preparando os alunos para a vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo destacando que ao longo do estágio, foi possível vivenciar de perto o processo de alfabetização e refletir sobre como os alunos se desenvolvem em suas habilidades de leitura e escrita, o estágio foi uma experiência fundamental para a nossa formação como pedagogos, pois nos proporcionou a oportunidade de aplicar teorias e práticas aprendidas ao longo do curso, nos mostrando, na prática, a importância de uma alfabetização que vai além da simples decodificação de letras e sons.

A partir das ações realizadas, como o uso da personagem Chico e dinâmicas lúdicas, como caça-palavras e mímicas, podemos observar como o ensino da leitura e da escrita pode ser significativo para os alunos. Essas práticas, baseadas nos princípios de Magda Soares (2009, 2016) sobre alfabetização e letramento, trouxeram uma compreensão mais profunda de como a alfabetização deve ser tratada de forma integrada ao letramento, ou seja, não apenas como a técnica de ler e escrever, mas como uma inserção dos alunos em práticas sociais letradas, que façam sentido para eles.

Ao ofertar os conteúdos estudados, percebemos a importância de conectar as práticas pedagógicas com a realidade dos alunos, isso fica evidente nas ações de leitura, escrita e brincadeiras, nas quais os alunos não só aprenderam a decodificar palavras, mas também o sentido da oralidade e escrita. A reflexão sobre os métodos de alfabetização, como o método sintético e analítico, discutidos em aula, também se mostrou importante para o estágio. Ao observar essas teorias em sala de aula, percebemos as vantagens e limitações de cada abordagem, sendo fundamental ressignificar as estratégias de acordo com as necessidades dos alunos.

Enfim, esse estágio, não só reforçou o que já havia aprendido teoricamente, mas também ampliou nossa compreensão sobre como as práticas pedagógicas podem ser ajustadas para atender às diversas necessidades de aprendizagem. A experiência de observar e interagir diretamente com os alunos nos mostrou que o papel do pedagogo vai além do ensino técnico da leitura e da escrita e é preciso ser flexível, criativo e atento às realidades da turma, sempre buscando maneiras de tornar o aprendizado mais significativo e conectado à vida dos alunos. A integração dos fundamentos teóricos com a prática pedagógica, com foco nos processos de

alfabetização, foi a chave para que pudéssemos ter o preparo suficiente para os desafios e oportunidades que se apresentaram neste momento.

REFERÊNCIAS

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. **Referencial Curricular do Paraná:** princípios, direitos e orientações. Curitiba: SEED-PR, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 nov. 2024.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento:** Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2016.

EXPLORANDO GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: DESENVOLVENDO HABILIDADES ORTOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Adrieli Carolini¹

BORDIN, Vitoria Maria Marucci²

PIZOLI, Rita de Cássia³

RESUMO: Este relato visa apresentar a experiência didático formativa de alunas do 3º Ano de Pedagogia na disciplina de Estágio dos anos iniciais, numa escola municipal do noroeste do Paraná, com alunos do Ensino Fundamental. Especificamente feitos a partir de observações na sala de aula, desenvolvemos planos de aula para trabalhar com os alunos, partindo dos pressupostos de desenvolvimento da Teoria de Estudo de Davidov, para alunos na idade escolar, no qual utilizamos a metodologia da teoria Histórico cultural para nos fundamentarmos a partir de textos nesta perspectiva teórica. Durante a fase de desenvolvimento do Ensino Fundamental, os alunos estão em uma etapa importante de aquisição e consolidação de habilidades cognitivas e sociais. Nesse período, a atividade de estudo desempenha um papel central, pois é por meio dela que as crianças começam a desenvolver competências de leitura, escrita e interpretação de diferentes gêneros textuais e regras da ortografia da Língua Portuguesa. Na intervenção, o foco principal recaiu sobre os gêneros jornalístico e instrucional (receita), que foi aprofundado nas atividades práticas com os alunos, reforçando a importância de compreender e interpretar os diferentes tipos de textos no cotidiano. Nosso plano foi estruturado com base nesses pressupostos, incorporando atividades requeridas pelo planejamento da professora regente da sala. Por isso, trabalhamos também as regras ortográficas como verbos de comando no imperativo, separação de sílabas, abordando palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas. e a acentuação tônica das palavras, ajudando os alunos a identificarem a sílaba tônica – aquela que recebe a maior ênfase na pronúncia. Essas práticas contribuíram para o desenvolvimento da consciência fonológica e da compreensão mais ampla das estruturas da língua, enquanto incentivavam a leitura e a escrita de forma mais dinâmica e contextualizada.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Teoria Histórico cultural. Gêneros textuais.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte da disciplina de estágio nos anos iniciais e tem como objetivo apresentar as ações realizadas no estágio obrigatório realizado numa escola da rede municipal do noroeste do Paraná nas turmas do 3º C e 4º B, no período

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), adrielicarolini12@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), vitoriamariambordim@gmail.com

³ Professora orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rita.pizoli@unespar.edu.br.

vespertino. Este artigo visa documentar e refletir sobre a experiência vivenciada durante o estágio, explorando os objetivos, as práticas observadas bem como as intervenções realizadas.

Vemos que o estágio possibilita uma imersão no ambiente profissional, ajudando os alunos a compreenderem a dinâmica do setor em que desejam atuar e a cultura organizacional. Essa vivência não só enriquece o currículo, mas também contribui para a construção de uma rede de contatos e para a definição de objetivos profissionais, tornando o aluno mais preparado e confiante para sua futura carreira, desta forma aqui relatamos tudo o que absorvemos perante o primeiro e segundo bimestre.

O artigo será composto por diversos tópicos, como os objetivos, que delineia as metas principais do estágio, que incluem a integração de teoria e prática, o desenvolvimento de competências pedagógicas, e a adaptação de estratégias de ensino às necessidades dos alunos. Depois discutiremos o papel do estágio na formação docente, ressaltando como essa experiência prática é fundamental para o desenvolvimento profissional.

Os pressupostos teóricos aos quais organizamos nossos planos de aula e prática pedagógica, partem do entendimento sobre a formação dos conceitos científicos na idade escolar, como planejar estratégias pedagógicas para ensinar conceitos científicos que contribuem para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Relataremos nossa observação, intervenção, e em seguida encerraremos com as considerações finais, que sintetizará as principais descobertas e reflexões do estágio, destacando os aprendizados e as contribuições para a prática docente.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1. A ATIVIDADE DE ESTUDO.

A atividade de estudo, fundamentada nos pressupostos da teoria histórico-cultural de Vigotski e desenvolvida por autores como Davidov e Reptkin, vai além do conceito de aprendizagem como mera reprodução de conhecimento. Esta abordagem compreende o estudo como um processo consciente e intencional, onde o aluno, mediado pelo professor, se apropria dos conceitos científicos, superando o

pensamento cotidiano. Para Vigotski (2001), o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da internalização das ferramentas culturais, e o estudo é uma dessas ferramentas que promove a formação de conceitos abstratos e generalizáveis. Davidov e Reptkin, ao expandirem as ideias de Vigotski, propõem o estudo como um meio de desenvolver o pensamento teórico. Diferente do aprendizado empírico, centrado na memorização e na experiência direta, a atividade de estudo, segundo esses autores, visa promover o desenvolvimento de capacidades de generalização e reflexão teórica, permitindo que os alunos compreendam os princípios subjacentes aos conteúdos. O estudo, assim, é uma atividade formativa, onde os alunos são levados a resolver problemas que exigem o domínio de princípios teóricos amplos, em vez de se limitarem a respostas prontas ou soluções práticas imediatas,

As ações de aprendizagem examinadas estão dirigidas a que, mediante sua realização, os escolares descubram as condições de surgimento do conceito que eles vão assimilando (para que e como se separa o seu conteúdo, por que e em quê ele se pode ser identificado? Por que este conteúdo é registrado e de que forma? Em que casos particulares se manifesta depois?). É como se os próprios escolares construíssem o conceito, ainda que sob a direção sistemática do professor, (embora a natureza desta direção mude gradualmente e cresça, também gradualmente, o grau de autonomia exibido pelo escolar). (Davidov, 1988 p.190)

A visão de Davidov (1988) está alinhada a uma concepção de sociedade em que a educação não se restringe a preparar indivíduos para o mercado de trabalho, mas sim para a participação ativa e crítica na vida social. O estudo, nesse contexto, é visto como uma forma de preparar os alunos para compreender as estruturas sociais e científicas que moldam a realidade, promovendo sua emancipação intelectual. A abordagem de Reptkin complementa essa visão ao destacar o papel central da mediação pedagógica no desenvolvimento de habilidades complexas, como o pensamento abstrato, que é essencial para o enfrentamento das questões sociais e culturais contemporâneas.

2.2. A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS.

A importância dos gêneros textuais no contexto escolar, especialmente no

ensino da Língua Portuguesa, é um tema que merece uma análise crítica, dado seu potencial transformador na prática pedagógica. Os gêneros textuais, como ferramentas de ensino, não apenas facilitam a comunicação, mas também promovem um aprendizado mais significativo e contextualizado. Segundo Rocha (2020), "a inserção dos gêneros textuais como objeto de ensino tem se mostrado um importante aliado neste processo", pois acredita-se que eles colaboram no desenvolvimento da linguagem e ampliam tanto a competência leitora quanto a capacidade de produção textual.

A abordagem dos gêneros textuais permite que os alunos se familiarizem com diferentes formas de comunicação, refletindo a diversidade da língua em uso. Como afirmam Rocha (2020, p.2), "a abordagem e estudo da língua devem ser feitos por meio dos textos", sugerindo que a prática pedagógica deve se basear em textos reais, que os alunos possam encontrar em seu cotidiano. Essa perspectiva é corroborada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, que reconhecem os gêneros textuais como ferramentas essenciais para a prática de leitura e produção de texto, funcionando como aliados no processo de ensino-aprendizagem da língua materna.

Além disso, o trabalho com gêneros textuais não deve ser visto como uma mera substituição de métodos tradicionais, mas sim como uma reformulação que busca resultados mais satisfatórios. O ensino deve se preocupar com o uso efetivo da linguagem, adotando uma abordagem sociointeracionista que considera a linguagem como um processo de interação em diferentes contextos. Essa abordagem é fundamental para que os alunos compreendam a língua não apenas como um conjunto de regras gramaticais, mas como uma ferramenta viva e dinâmica que se adapta às necessidades comunicativas de cada situação.

Os gêneros são histórico-culturais, isto é, sedimentam-se em momentos e em espaços da vida das comunidades; isto é, cada lugar e cada época são marcados pela predominância de certos gêneros, os quais, nesta contingência, podem aflorar permanecer, modificar-se, transmutar-se, desaparecer; na verdade, os grupos sociais é que regulam as condições do percurso que os gêneros realizam. (Rocha, 2020, p.6)

Portanto, ao integrar os gêneros textuais no ensino da Língua Portuguesa, os educadores têm a oportunidade de enriquecer a experiência de aprendizagem,

tornando-a mais relevante e conectada à realidade dos alunos. A inserção desses gêneros no currículo escolar é, portanto, essencial para o desenvolvimento da linguagem e para a formação de indivíduos mais críticos e competentes em suas práticas comunicativas. Como conclui Rocha (2020, p.17), "a inserção dos gêneros textuais apresenta-se como essencial, uma vez que colabora para o desenvolvimento da linguagem e funciona como instrumento de trabalho para professores de Língua Portuguesa". Essa visão crítica e integrada do ensino da língua é fundamental para preparar os alunos para os desafios da comunicação no século XXI.

2.3. A INTERVENÇÃO NA SALA DE AULA.

2.3.1 GÊNERO TEXTUAL: RECEITA

Na intervenção na Turma do 3º C, o ensino foi cuidadosamente planejado para proporcionar uma experiência pedagógica alinhada à Teoria Histórico-Cultural (THC), com o objetivo de promover uma compreensão profunda e contextualizada dos conteúdos abordados. O plano de aula foi desenvolvido a partir de uma análise das necessidades e conhecimentos prévios dos alunos, considerando as orientações da professora e a relevância dos conceitos a serem explorados. O conteúdo central da aula foi sobre gêneros textuais, com foco específico no gênero receita. A escolha desse tema permitiu uma abordagem que unisse o cotidiano dos alunos com a estrutura formal do texto prescritivo. O objetivo principal foi incentivar a reflexão, análise e entendimento das situações propostas, utilizando a receita como um mediador para que os alunos pudessem responder às problematizações de forma crítica e consciente.

Durante a problematização inicial, buscamos ativar os conhecimentos empíricos dos alunos, questionando-os sobre o que sabiam sobre receitas. Esse momento foi crucial para identificar as concepções prévias dos estudantes e para contextualizar o novo conteúdo. Por exemplo, ao perguntar "Qual a receita preferida de vocês?" e "Vocês ajudam seus pais a cozinhar?", conseguimos estabelecer uma ponte entre a vivência dos alunos em casa e o conteúdo escolar, criando um ambiente de aprendizagem significativo.

A metodologia desenvolvida durante a aula incluiu atividades que foram além da simples memorização mecânica. Utilizamos exemplos práticos e cotidianos, como

a leitura de embalagens e a comparação com outros tipos de "receitas", como a médica. Esse diálogo com os alunos permitiu perceber que eles estavam internalizando os conceitos de forma mais profunda, refletindo sobre a utilidade prática das receitas em diferentes contextos. Discutimos as diferentes partes de uma receita, como o título, os ingredientes e o modo de preparo, sempre relacionando essas partes com exemplos do cotidiano.

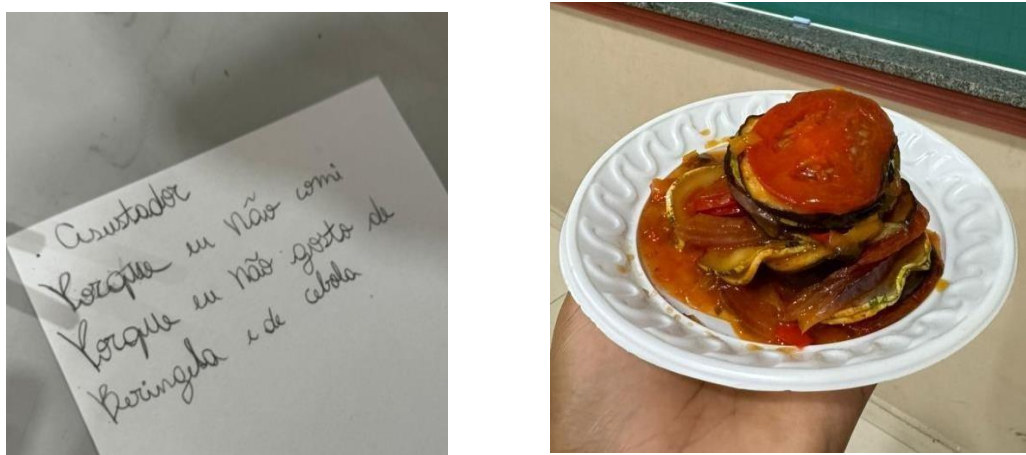
FIGURA 1 – Recursos



Fonte: Compilação das autoras (2024)

A metodologia da aula foi cuidadosamente planejada para ir além da simples memorização. Um dos momentos mais marcantes foi quando os alunos assistiram a trechos do filme "Ratatouille". O filme não apenas capturou a atenção dos alunos, mas também preparou o terreno para a atividade prática que se seguiu: a degustação da receita de Ratatouille. Após assistirem ao filme, os alunos foram convidados a experimentar a receita pronta e a tentar identificar os ingredientes utilizados. Durante essa atividade, surgiram questionamentos que indicaram um processamento crítico do conteúdo. No entanto, muitos alunos hesitaram em provar o prato devido à sua aparência, e alguns que experimentaram não gostaram. Um aluno até escreveu que achou o prato "assustador" e deu nota zero. A maioria dos alunos não gostou da receita, principalmente porque não apreciam berinjela.

Figura 2 – Degustação do Ratatoulli



Fonte: Compilação das autoras(2024)

Na segunda parte da aula, intensificamos a prática com uma atividade de análise da receita de bolo de chocolate. Propusemos uma questão para os alunos compararem a receita escrita com a receita encontrada na internet em formato de vídeo, avaliando qual delas lhes parecia mais fácil de seguir. A maioria dos alunos preferiu a receita virtual, considerando-a mais simples de realizar. Em seguida, realizamos uma atividade de transformação de verbos comuns em verbos de comando, como “colocar” transformado em “coloque”. Finalizamos a aula com uma tarefa em que os alunos formaram frases utilizando esses verbos de comando.

Figura 3- Atividades

receita de bolo de chocolate

Observe a receita a seguir:

BOLO DE CHOCOLATE

INGREDIENTES

2 Ovos
1 xícara de óleo
1 xícara de leite
1 xícara de açúcar
1 xícara de chocolate em pó
2 xícaras de farinha de trigo
1 colher de fermento em pó

MODO DE PREPARO

EM UMA VASILHA ADICIONE OS INGREDIENTES E DEPOIS BATA POR 5 MINUTOS. ADICIONE O FERMENTO E MISTURE COM UMA COLHER DELICADAMENTE. DESPEJE EM UMA FORMA E COLOQUE PARA ASSAR NO Forno EM TEMPERATURA 180° POR 40 MINUTOS.

3) Para você, qual é a forma mais fácil de aprender a fazer o bolo: com o vídeo ou com a receita escrita? Por quê?

a receita. Por ser mais fácil de ler e seguir.

4) Leia abaixo o trecho das instruções da receita "Bolo de chocolate" e sublinhe as palavras que indicam comando.

EM UMA VASILHA ADICIONE OS INGREDIENTES E DEPOIS BATA POR 5 MINUTOS. ADICIONE O FERMENTO E MISTURE COM UMA COLHER DELICADAMENTE. DESPEJE EM UMA FORMA E COLOQUE PARA ASSAR NO Forno EM TEMPERATURA 180° POR 40 MINUTOS.

3) Escreva os verbos no imperativo:

Colocar *Coloque*
Levar *Leve*
Retirar *Retire*
Aquecer *Aqueça*
Ferver *Ferva*
Bater *Bata*
Servir *Servir*
Partir *Parta*
Abrir *Abra*

4) Faça frases com o verbo destacados de modo que eles expressem comando

A) Cortar *Corte o bolo e*
separe em pedaços de bolo
para o lanche.

B) Dividir *Divida o bolo*
em partes iguais e
deixe a cada um
dever.

Receita de bolo

Observe a receita a seguir:

BOLO DE CHOCOLATE

INGREDIENTES

2 Ovos
1 xícara de óleo
1 xícara de leite
1 xícara de açúcar
1 xícara de chocolate em pó
2 xícaras de farinha de trigo
1 colher de fermento em pó

MODO DE PREPARO

EM UMA VASILHA ADICIONE OS INGREDIENTES E DEPOIS BATA POR 5 MINUTOS. ADICIONE O FERMENTO E MISTURE COM UMA COLHER DELICADAMENTE. DESPEJE EM UMA FORMA E COLOQUE PARA ASSAR NO Forno EM TEMPERATURA 180° POR 40 MINUTOS.

3) Para você, qual é a forma mais fácil de aprender a fazer o bolo: com o vídeo ou com a receita escrita? Por quê?

com o vídeo, porque é mais fácil.

4) Leia abaixo o trecho das instruções da receita "Bolo de chocolate" e sublinhe as palavras que indicam comando.

EM UMA VASILHA ADICIONE OS INGREDIENTES E DEPOIS BATA POR 5 MINUTOS. ADICIONE O FERMENTO E MISTURE COM UMA COLHER DELICADAMENTE. DESPEJE EM UMA FORMA E COLOQUE PARA ASSAR NO Forno EM TEMPERATURA 180° POR 40 MINUTOS.

3) Escreva os verbos no imperativo:

Colocar *Coloque*
Levar *Leve*
Retirar *Retire*
Aquecer *Aqueça*
Ferver *Ferva*
Bater *Bata*
Servir *Servir*
Partir *Parta*
Abrir *Abra*

4) Faça frases com o verbo destacados de modo que eles expressem comando

A) Cortar *Corte os biscoitos*
em pedacinhos.

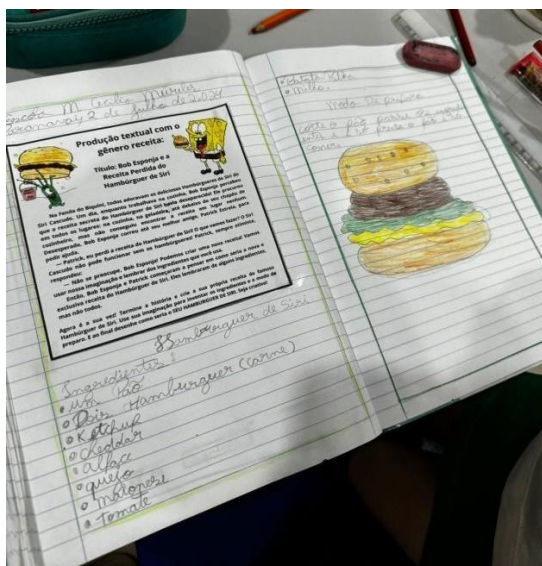
B) Dividir *Divida o biscoito*
em partes iguais.

Fonte Compilação das autoras (2024)

A participação ativa dos alunos foi um indicativo de que o conteúdo estava sendo bem compreendido e internalizado. Ao final da aula, os alunos foram convidados a escrever sua própria receita de hambúrguer baseada no tema "Bob Esponja e a Receita Perdida do Hambúrguer de Siri". Essa atividade final demonstrou que os alunos foram capazes de aplicar o conhecimento adquirido de maneira criativa, mostrando uma compreensão sólida do gênero textual.

Ao final da atividade, ficou claro que os alunos não apenas memorizaram o conteúdo, mas começaram a entender como aplicar o conceito de receita em diferentes contextos. A produção textual que seguiu a atividade prática, onde os alunos criaram suas próprias versões do famoso Hambúrguer de Siri, revelou criatividade e compreensão dos conceitos discutidos.

Figura 4 – Produção textual



Fonte: Compilação das autoras (2024)

Essa experiência foi enriquecedora tanto para os alunos quanto para nós estagiárias. Através da interação, observação e prática, foi possível perceber que os alunos conseguiram internalizar os conceitos científicos abordados, aplicando-os de forma prática e reflexiva. A avaliação da aprendizagem, baseada nas atividades realizadas e na produção final, mostrou que o ensino atingiu os objetivos propostos no plano de aula.

2.3.2 GÊNERO TEXTUAL: JORNAL

Na intervenção na Turma do 4º C a aula começou com a contação de uma versão adaptada da história de "Chapeuzinho Vermelho", em que a narrativa incluía diferentes gêneros textuais ao longo do enredo, como diálogos em forma de carta, bilhetes, receitas, entre outros. Essa adaptação serviu para introduzir aos alunos a diversidade de formas de se contar uma história, além de ilustrar como os gêneros textuais se manifestam em diferentes situações. No entanto, o foco principal foi o gênero jornalístico. Ao longo da história, houve uma interrupção onde a mãe da Chapeuzinho Vermelho aparecia com uma manchete de jornal, como se os acontecimentos de sua comunidade fossem reportados por uma equipe de jornalismo. Assim foi explicado que o gênero jornal é utilizado para informar fatos, trazendo uma visão objetiva sobre os eventos, diferentemente de uma narrativa de conto, que se

foca mais em uma história fictícia.

Conceituamos com os alunos a estrutura do jornal que é composta por diversos elementos que organizam as informações de forma clara e objetiva. A **manchete**, ou título, é o primeiro elemento e tem a função de chamar a atenção do leitor, sendo curta e impactante. Logo abaixo, temos o **lide**, que resume as informações principais e responde às perguntas essenciais: o quê, quem, onde, quando, como e por quê. O **corpo da notícia** desenvolve o conteúdo com mais detalhes, organizando as informações de forma decrescente em importância, com as mais relevantes aparecendo no início. **Subtítulos** podem complementar a manchete, oferecendo mais contexto, e **imagens** ou **ilustrações**, acompanhadas de **legendas**, ajudam a tornar a notícia mais atraente e de fácil compreensão. Por fim, há os **créditos**, que indicam as fontes das informações ou das imagens, e a **data e local**, que situam o fato no tempo e espaço. Essa estrutura visa informar de maneira objetiva e direta, sendo possível trabalhá-la de forma simplificada com crianças, destacando a identificação da manchete, do lide e das informações mais importantes. Explicamos que o estilo de escrita jornalística é direto e impessoal, buscando relatar os fatos com objetividade. Não há espaço para opiniões pessoais no corpo da notícia, diferentemente de outros gêneros, como contos ou crônicas.

Depois da explicação, foi distribuído aos alunos uma folha de jornal real. Eles foram orientados a encontrar uma manchete, ler o lide e identificar o corpo da notícia. Na parte prática da aula, os alunos foram orientados a encontrar palavras no jornal e recortaram para a atividade de **divisão silábica**. Após o recorte, cada aluno colocou as palavras escolhidas em uma folha e fez a divisão das sílabas, identificando se as palavras são **monossílabas** (uma sílaba), **dissílabas** (duas sílabas), **trissílabas** (três sílabas) ou **polissílabas** (quatro ou mais sílabas). Assim, explicamos que as sílabas são as unidades sonoras que compõem as palavras e que a contagem de sílabas é importante para compreender como elas se organizam na língua. Durante a atividade, foi esclarecidos os conceitos de monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas, usando exemplos retirados do próprio jornal. Os alunos, então, analisaram as palavras recortadas e fizeram a classificação com base no número de sílabas. Além de promover a compreensão da estrutura silábica, essa atividade permitiu que os alunos se familiarizassem com o gênero jornalístico de forma prática e divertida. Ressaltamos que este conteúdo de análise linguística foi requerido pela professora regente.

Jornada de Pedagogia (JORPED) e Encontro Integrador do Estágio
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí

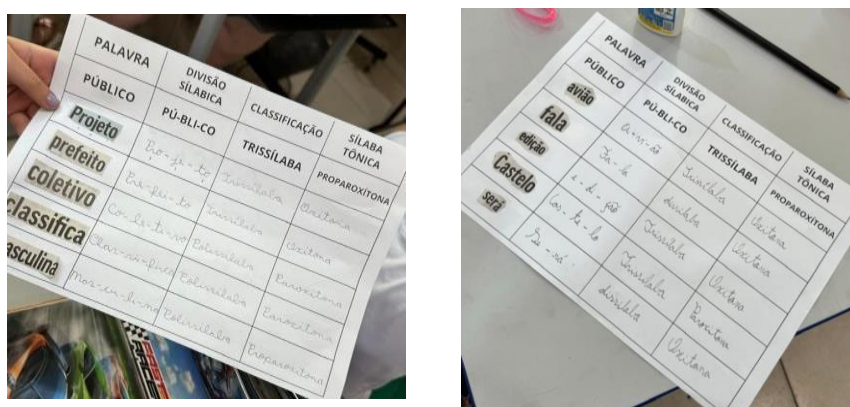
Figura 5 – Exposição do Jornal



Fonte: Compilação das autoras
(2024)

A atividade de recorte e divisão silábica foi muito desafiadora para nós. Utilizando palavras retiradas do jornal, os alunos classificaram-nas como monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas, além de identificarem a sílaba tônica e aplicarem as regras de acentuação gráfica. Ao trazerem palavras recortadas na hora para ajudarmos a definir a sílaba tônica percebemos a necessidade de mais estudo do campo da análise linguística.

Figura 6 - Atividades



Fonte: Compilação do autor
(2024)

A produção textual de uma manchete de jornal, seguida pela apresentação dos jornais produzidos pelos alunos, foi um momento de culminância da aula. Os alunos se mostraram bastante entusiasmados ao criar suas manchetes e ao apresentar suas produções em uma simulação de noticiário televisivo, aplicando os conceitos sobre a objetividade e a impessoalidade do gênero jornalístico.

Entretanto, observamos que alguns alunos ainda apresentaram dificuldades em realizar as divisões silábicas corretamente e nós estagiárias também, então seria necessário maior tempo de estudo para estruturar maior conhecimento para transmitir. Para garantir um maior aprofundamento, seria interessante revisar esses conteúdos em aulas subsequentes, utilizando mais exemplos práticos e atividades que estimulem a reflexão sobre a aplicação dos conceitos no dia a dia.

De maneira geral, a aula foi bem planejada e executada, proporcionando aos alunos uma experiência rica e multifacetada, que abordou questões culturais e linguísticas de forma integrada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste artigo evidencia a importância do trabalho com gêneros textuais no ensino fundamental, aliando teoria e prática para desenvolver habilidades ortográficas e de compreensão textual nos alunos. A abordagem fundamentada na Teoria Histórico-Cultural permitiu uma intervenção pedagógica significativa, em que os estudantes não apenas aprenderam sobre a estrutura dos gêneros receita e jornal, mas também vivenciaram a aplicação desses conhecimentos de maneira contextualizada e dinâmica.

As atividades propostas, como a degustação da receita de Ratatouille e a produção de uma notícia a partir da história da Chapeuzinho Vermelho, mostraram-se importantes para estimular a participação ativa dos alunos e despertar seu interesse pela leitura e escrita. Além disso, a utilização de recursos audiovisuais e materiais concretos contribuiu para um aprendizado mais interativo e acessível.

Outro ponto relevante foi a integração entre o desenvolvimento das práticas textuais e ortográficas, por meio de exercícios que trabalharam verbos no imperativo, separação silábica e acentuação tônica. Essa abordagem contribuiu para fortalecer a consciência fonológica dos alunos e aprimorar suas habilidades linguísticas de

forma significativa.

Por fim, a experiência de estágio proporcionou um aprendizado valioso para nós, estagiárias, reforçando a necessidade de metodologias contextualizadas no ensino de Língua Portuguesa. O contato direto com os alunos e a aplicação dos conceitos estudados em sala de aula demonstraram que o ensino vai além da simples transmissão de conteúdos, sendo um processo mediado pela interação, experimentação e construção coletiva do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ROCHA, Anna Gabrielle Amorim. A importância dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 03, Vol. 10, pp. 18-32. Março de 2020. ISSN: 2448-0959. Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/letras/importancia-dos-generos>

DAVYDOV, V. V. **Problemas do ensino desenvolvimental**: A experiência da pesquisa teórica e experimental na psicologia. Tradução: José Carlos Libâneo e Raquel A. M. Freitas. Educação soviética, n.8, ago. 1988.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE DE ESTUDO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS, A PARTIR DA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

CASIANO, Daniane Lopes¹⁶⁸

RODRIGUES, Adriana Aparecida¹⁶⁹

PIZOLI, Rita de Cássia

RESUMO: Este artigo, tem como temática atividade de estudo, sendo que a finalidade do mesmo é apresentar a importância da atividade de estudo no processo de ensino e aprendizagem, em específico nos anos iniciais do ensino fundamental, a partir da realização das atividades desenvolvidas na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado dos anos iniciais do ensino fundamental, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Partindo do estudo teórico sobre atividade de estudo no desenvolvimento cognitivo e psicológico, as ações desenvolvidas no campo de estágio, visou a formação humana e o ensino significativo e crítico. Vygotsky enfatiza que o aprendizado é um processo intersíquico e intrapsíquico, dependente da interação com a cultura e mediado por adultos, professores e a comunidade. Nesse contexto, as práticas desenvolvidas no ambiente escolar, devem visar uma aprendizagem conceitual, pautadas em uma perspectiva crítica e reflexiva. Logo, a partir de um estudo bibliográfico e de campo, embasado na Teoria Histórico-cultural, apontamos inicialmente o conceito e encaminhamentos da atividade de estudo, para posteriormente, descrevermos suas evidências na ação prática no campo escolar, durante as observações, participações e intervenções pedagógicas.

Palavras-chave: Atividade de estudo. Processo de ensino e aprendizagem. Estágio.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão do desenvolvimento infantil em idade escolar é um tema de grande relevância, especialmente à luz das contribuições da Teoria Histórico-Cultural

¹⁶⁸ Graduanda Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), danianelcsilva@outlook.com.

¹⁶⁹ Doutora em Educação; Professora orientadora e supervisora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) e do Centro Universitário UniFatecie, drikarodrigues66@hotmail.com.

(THC). A proposta deste trabalho é investigar como os conceitos da THC, particularmente os desenvolvidos por Vygotsky, ajudam a entender os processos de aprendizagem e desenvolvimento no contexto escolar, destacando a transição entre as atividades de brincadeira de papéis e a atividade de estudo, que marca o desenvolvimento da criança ao longo dos anos iniciais. O principal objetivo é discutir a importância da mediação pedagógica e cultural no desenvolvimento das capacidades psicológicas das crianças, com ênfase na formação do pensamento teórico, que permite a apropriação de conceitos científicos e abstrações.

A questão central que orienta este estudo é: como a atividade de estudo, mediada pela intervenção do professor, contribui para o desenvolvimento do pensamento teórico nas crianças em idade escolar? Para responder a essa problemática, a metodologia adotada inclui a análise de textos teóricos e observações práticas realizadas em sala de aula, em que o processo de ensino foi analisado sob o olhar da THC. Assim, busca-se articular teoria e prática pedagógica, investigando como a intervenção educacional pode promover um desenvolvimento integral e consciente das crianças.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 ATIVIDADES DE ESTUDO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Na lei de desenvolvimento geral, Vygotsky mostra que a aprendizagem é um processo interpessoal e intrapessoal, ou seja, depende das interações com a cultura. Quanto maiores as oportunidades de aquisição cultural, melhor as possibilidades de desenvolvimento das capacidades psíquicas. Por isso a importância da mediação do adulto, dos irmãos, da comunidade, dos livros, da arte, e do professor.

Há uma periodização no desenvolvimento entendida como um processo que se dá em espiral, em saltos qualitativos se não de forma evolutiva como se entendia na psicologia tradicional. Nos anos iniciais a criança encontra-se na transição entre a atividade de brincadeira de papéis, onde está conquistando autonomia pela

aquisição de regras, e a atividade de estudo, que perdura até a adolescência. Esta fase é marcada pela aquisição dos conhecimentos científicos, ou seja, a maneira como a humanidade resolve os problemas de forma científica, e isso é ensinado gradualmente na escola por meio da metodologia de ensino gradual, que vai proporcionar o crescimento intelectual no entendimento dessas resoluções. É o processo de consolidação do pensamento teórico.

De acordo Asbhar (2016), a atividade de estudo é entendida a partir de alguns pontos principais: transformações internas e externas, diferenciação entre aprendizagem e atividade de estudo, papel da escola e do professor e objetivo da atividade de estudo. A partir desta reflexão, Asbhar (2016) relata que a atividade é fundamental para o desenvolvimento da criança ao entrar na escola. Ela provoca profundas mudanças no desenvolvimento psicológicos, promovendo a formação de novas capacidades psicológicas e a assimilação de formas mais desenvolvidas de consciência social.

Embora a aprendizagem esteja presente em todas as atividades humanas, Asbahr (2016) afirma que a atividade de estudo é específica e possui uma estrutura própria. Ela não deve ser confundida com a simples aprendizagem, pois está relacionada diretamente ao processo de apropriação da cultura humana elaborada, mediada pelo professor.

A atividade de estudo ocorre principalmente no contexto escolar, onde o professor tem um papel central na organização do ensino.

[...] O papel do professor nesse processo é propor tarefas de estudo que possibilitem aos estudos a reconstrução do movimento dialético do pensamento, ou seja, a reprodução do caminho histórico de elaboração do conceito, como se fossem “coparticipantes da busca científica” (Asbahr, 2016, p.180).

Vale pontuar que a escola é vista como o espaço privilegiado para a transmissão da cultura humana elaborada, sendo a atividade de estudo um meio para a constituição de consciência e pensamento teórico dos estudantes. Buscando o desenvolvimento integral do estudante podemos compreender com base em Asbahr (2016) que a atividade de estudo promove a formação de uma personalidade

completa, e não apenas o desenvolvimento de habilidades isoladas. Ela contribui para o processo de humanização dos estudantes, valorizando a função educativa da escola e do professor. Contudo ressalta a autora que a atividade de estudo é composta pela estrutura específica de ações realizadas na escola, com o objetivo de promover o desenvolvimento psicológico e a apropriação da cultura, mediada pela relação com o professor e o ambiente escolar.

De acordo com Davidov e Markova (apud Asbahr, 2016), a atividade de estudo é composto por três elementos principais:

- Compreensão das tarefas de estudo: O estudante deve entender as tarefas de estudo, o que implica a capacidade de generalização teórica. Isso não só facilita a compreensão dos conceitos, mas também transforma a criança em sujeito ativo da atividade de estudo, sendo essencial para a motivação;

- Realização de ações de estudo: As ações de estudo são realizadas pelos estudantes sob a orientação do professor, que desempenha um papel central ao organizar as tarefas e promover a autonomia dos estudantes. Esse processo inclui tanto a execução das tarefas quanto a colaboração coletiva, fundamental para a assimilação do conhecimento;

- Realização de ações de controle e avaliação: Os estudantes realizam ações de controle e avaliação, que envolvem reflexão, análise e planejamento. Isso contribui para o desenvolvimento de capacidades psíquicas como a autorregulação e a metacognição, fundamentais para a formação do pensamento teórico.

Nesse sentido, Davidov (apud Asbahr, 2016) é caracterizada como uma atividade conjunta e coletiva, mediada tanto pela interação com o professor quanto pela colaboração entre os estudantes. A evolução dessa atividade acompanha o desenvolvimento escolar do estudante, levando à formação de neoformações psicológicas que incluem a base da consciência e do pensamento teórico. A formação desse pensamento teórico é considerada a finalidade principal do ensino escolar, diferenciando-o do pensamento empírico mais comum nas práticas pedagógicas atuais.

Na mesma direção, entendemos o conceito de pensamento teórico explicado por Vygotsky (apud Sforzi; Galush, 2006a), ao afirmar que o conceito de pensamento

teórico, segundo Vygotsky, refere-se ao tipo de pensamento que permite ao indivíduo transcender o concreto e o particular para alcançar a generalização e a abstração. Esse tipo de pensamento é caracterizado pela capacidade de operar com conceitos científicos, ou seja, conceitos que são sistematicamente organizados e que possuem um nível elevado de generalização.

A formação de conceitos é um processo, não um resultado de transmissão de palavras ou definições que expressam a generalização compreendida nos conceitos, [...] portanto, a formação de conceitos, que deve estar presente na proposta de conhecimento da escola, é movimento de pensamento com oscilações, que vai aos poucos se constituindo – pelo uso das palavras, por combinações entre operações mentais, isolando atributos comuns entre objetos, abstraindo determinados traços, simbolizando, chegando a sínteses. Síntese ou conceito **não se mede, mas se persegue para que os alunos possam chegar lá.** (Sampaio; Silva, 1998 apud Sforzi; Galuch, 2006b, p. 228).

Nesse contexto, entendemos que o pensamento teórico é distinto do pensamento empírico, que se baseia em experiências sensoriais e situações concretas do cotidiano. Enquanto o pensamento empírico está ligado às percepções diretas e à formação de conceitos baseados em observações específicas, o pensamento teórico se desenvolve a partir da interação com conceitos científicos, que exigem uma maior capacidade de abstração e sistematização.

Na perspectiva de Vygotsky, o desenvolvimento do pensamento teórico é fundamental para a aprendizagem escolar, pois ele permite que os estudantes compreendam as relações subjacentes aos fenômenos e não apenas os fatos isolados. Esse tipo de pensamento é promovido por meio da mediação do ensino, no qual o professor desempenha um papel central ao introduzir e organizar os conceitos científicos de maneira que os alunos possam assimilá-los e aplicá-los em contextos diversos.

2.2 ANÁLISE DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E INTERVENÇÃO

Com relação ao ensino e aprendizagem compreendemos que esta deve estar em consonância com o desenvolvimento psicológico da criança que nesta fase está sendo guiada pela atividade principal que é a atividade de estudo e foi possível perceber durante as observações de estágios em uma turma de quarto ano, no qual a professora tem total entendimento e se preocupa em desenvolver o pensamento teórico de seus alunos.

Em um dos dias de observação a professora estava trabalhando “Gênero Textual Notícia”. Para trabalhar este conteúdo e gerar uma situação desencadeadora de investigação e aprendizagem a professora trouxe vários jornais impressos. Foi feito duplas e a professora pediu que folhassem os jornais, observando como era a escrita e sobre qual assunto abordar todos aqueles textos. Após conhecerem o material a ser trabalhado fez a seguinte pergunta: o que é manchete? Nenhum aluno sabia responder.

Todas as crianças conheciam o jornal, mas apenas alguns alunos já tiveram contato com o jornal impresso. Nenhum aluno sabia responder as perguntas da professora, como o que era manchete? O que era reportagem? E o que é classificado? As crianças apenas observavam e ouviam a explicação da professora. Era notável que a metodologia de trazer o jornal e as crianças estarem em contato com o objeto de estudo fez toda diferença para alcançarem o conceito científico daquele conteúdo.

Em outro momento de observação, o conteúdo trabalhado era separação de sílabas, que foi enviado como atividade de casa. Durante a correção tinham duas palavras que gerou uma situação desencadeadora para a professora e alunos. Foi dado a figura de uma bandeja e um caranguejo. Quase todos os alunos escreveram bandeja e caranguejo, apenas um aluno tinha escrito corretamente e a professora observou que durante a correção o aluno tinha apagado e escrito da forma que os colegas ditaram. A professora escreveu no quadro de acordo com a maioria, para gerar uma problematização. Ao suposto término da correção a professora pediu a um aluno que buscasse dicionários para a turma e pesquisassem as palavras da tarefa, com a pesquisa os alunos entenderam a ortografia correta das palavras e aquele

aluno que tinha apagado gritou “- eu escrevi correto, mas apaguei porque achei que estava errado”.

Uma reflexão sobre esse ensino surgiu, sobre análise linguística, pois apenas um aluno trouxe esse exercício resolvido corretamente, fiquei pensando sobre a forma como a professora encaminhou a correção, pois quando questionados, apenas um aluno tinha escrito correto, mas durante a correção ele apagou e escreveu igual a professora passou no quadro sem questionar. Mas a professora observou e pode questioná-lo e orientá-lo para que sempre que tivesse dúvida, que ele perguntasse. Será em que outras situações os alunos irão escrever essas palavras corretamente, irão lembrar da regra, o porquê das palavras serem escritas sem o (i). A professora é excelente em buscar situações desencadeadoras de investigações e aprendizagem, sempre que surgir uma situação que pode levar as crianças a investigar e aprender.

Em outra situação, durante a leitura de um texto, tinha duas palavras diferentes. A professora novamente buscou os dicionários e fizeram pesquisas em busca do significado destas palavras. Nenhuma criança sabia o significado, eles ficaram muito ansiosos e curiosos com a pesquisa, por estar em posse dos dicionários observamos que vários alunos aproveitavam e buscavam várias outras palavras para saber seu significado, questionavam e discutiam entre eles.

Para a realização da intervenção na sala de aula visando experienciar o ensino na perspectiva teórica da THC e considerando as observações e a metodologia da professora regente da sala, foi dado início ao planejamento. O plano de aula foi realizado, a partir do questionamento sobre o conceito nuclear do conteúdo sugerido pela professora da sala: análise linguística, oralidade leitura e escrita. O objetivo principal era promover a reflexão, a análise e o entendimento das situações propostas pelo conteúdo. Este, deveria atuar como mediador das respostas, juntamente com a explicação das professoras. Tarefas que pudessem pôr em curso o pensamento que impulsionaram a relação teórica com o conteúdo escolar, proporcionando a aprendizagem decorrente da apropriação do conceito científico planejado.

Para trabalhar o conteúdo, sinais de pontuação as estagiárias trabalharam com um conto que aborda vários sinais de pontuação sendo possível retirar daquele texto vários sinais de pontuação, e trabalhando também a leitura, interpretação e a escrita.

A primeira pergunta desencadeadora: o que é conto? Muitos alunos responderam que era história de heróis e que tinha magias, aproveitamos este conhecimento dos alunos e então falamos do conceito científico de “conto” explicando que era isto mesmo, e que conto era um gênero literário com histórias fictícias. O texto foi apresentado e explicado que aquele texto se tratava de um conto. Foi feita uma leitura coletiva onde cada aluno lia um parágrafo, assim já trabalhamos a leitura e a interpretação feita oralmente. Os alunos gostaram e percebemos que foi bem interpretado.

Por meio de cards fixados na lousa, com sinais de pontuação impressos. A primeira pergunta antes de iniciar o conteúdo foi: Por que se utiliza sinais de pontuação? Muitas respostas foram obtidas, os alunos não sabiam responder de forma científica, mas sabiam de fato porque utilizavam os sinais. Apesar de ser uma turma de quarto ano ainda existia bastante dúvida quanto ao nome e utilização de vários sinais.

Fato este comprovado durante a realização de uma dinâmica. Onde foi proposto uma dinâmica onde alguns alunos estariam com uma letra e uma pontuação fixados ao tórax e outros alunos iriam montar frases e escolher a pontuação que melhor caberia, houve muitas dúvidas e foi necessário muitas intervenções da Professora-estagiária.

Esta atividade foi proposta para que os alunos praticassem o conteúdo mais fugissem dos modelos tradicionais de aprendizagem. Já ressalta Asbar: “A atividade de estudo não se forma de maneira natural. É preciso preparar a criança para a organização de sua atividade cognoscitiva, e esse é um dos papéis da escola nos anos iniciais” (Asbahr, 2016, p. 174). Portanto, o pensamento teórico é uma forma avançada de compreensão que se baseia na capacidade de agir com abstrações e conceitos generalizados, sendo muito importante para o desenvolvimento intelectual promovido pela educação escolar.

O fato é que,

[...] não é o domínio de uma lista de conteúdos, de programas fragmentados em anos e séries lineares e cumulativos, mas sim de ‘chaves de leitura’ desse mundo, traduzidos por eixos ou núcleos organizadores [...], capaz de abrigar e dar sentido às novas afirmações

que os alunos venham a obter de diferentes fontes (Sampaio, 1998 apud Sforzi; Galuch, 2006, p. 221).

Nesse sentido, o ensino deve ser significativo, ter uma perspectiva crítica e reflexiva. Situação essa que ficou clara, durante a realização do estágio supervisionado, ao oferecer a oportunidade de experimentar e refletir sobre práticas que promovam o desenvolvimento crítico e reflexivo dos alunos, preparando-os para interpretar e agir no mundo de maneira independente e consciente. Assim, o estágio se torna uma ferramenta indispensável para formar educadores que compreendem a educação como um processo dinâmico e conectado à realidade social.

Assim, entendemos que a atividade de estudo nos anos iniciais, realizada no contexto do estágio supervisionado, é de fundamental importância para a formação dos futuros professores. Durante o estágio, os acadêmicos têm a oportunidade de vivenciar a prática pedagógica em sala de aula, o que permite a aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia.

Além disso, essa experiência proporciona uma visão real das dinâmicas escolares, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades didáticas e metodológicas essenciais para o ensino nos primeiros anos da educação básica. Por meio da observação e da intervenção direta no processo de ensino e aprendizagem, o estagiário pode refletir sobre suas práticas, identificar desafios e buscar estratégias que promovam uma educação qualitativa e inclusiva, preparando-se para atuar de forma mais consciente e competente em suas futuras carreiras docentes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado confirma a importância da Teoria Histórico-Cultural para a compreensão do desenvolvimento infantil, especialmente no contexto escolar. A mediação, proporcionada pelo professor e pelos materiais didáticos, desempenha um papel crucial na formação do pensamento teórico, que permite às crianças transcenderem a simples experiência empírica e alcançarem a generalização

científica. A atividade de estudo, com suas características específicas, é fundamental nesse processo, pois promove transformações psicológicas profundas e a apropriação da cultura elaborada.

Concluimos que a intervenção pedagógica, baseada na mediação e na criação de tarefas que estimulem a reflexão e a abstração, é essencial para o desenvolvimento intelectual dos estudantes, mostrando que a escola, enquanto espaço privilegiado de transmissão de conhecimento teórico, pode transformar significativamente as capacidades cognitivas e sociais das crianças.

Sob a análise dos três componentes principais de atividade de estudo incluem é possível perceber que os alunos compreenderam as tarefas e realizaram as ações mas o controle e abstração dessas ações só é possível perceber pela vivência com estes alunos. O que firma a importância da atividade de estudo, no processo de ensino e aprendizagem, no qual enfatizamos nos anos iniciais do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia. Idade escolar e atividade de estudo: educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. *In*: MARTINS, Lígia; ABRANTES, A; FACCI, M. (Org). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico**. São Paulo: Autores associados, 2016.

SFORNI, Marta Sueli de Faria, GALUCH, Maria Terezinha Bellanda Conteúdos escolares e desenvolvimento: qual unidade? **Comunicações, Revista do Programa de pós-graduação em Educação da UNIMEP**, n. 02, p. 150-158, nov. 2006a.

SFORNI; Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. **Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental**. Educar, Curitiba, n. 28, p. 217-229, 2006b.

IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

SILVA, Laiza Lorraine Rosa da¹⁷⁰

RODRIGUES, Adriana Aparecida¹⁷¹

RESUMO: Desde a criação da vida humana, o planejamento tem sido essencial para a progressão de diferentes partes da sociedade. Neste contexto, esta prática é significativa na formação docente. A partir desta perspectiva, o professor deve ter uma compreensão completa do contexto em que está situado, isso permitirá que ele ganhe consciência e assuma a responsabilidade pela instrução dos alunos. A formação de professores e sua prática tem sido um dos tópicos mais controversos da atualidade devido aos aprimoramentos desejados e necessários ao processo de ensino e aprendizagem. Como resultado, esse conflito é enfatizado tanto nas iniciativas de educação inicial quanto continuada. Este relato se justifica na necessidade de se destacar o valor do estágio e do planejamento de todo o currículo de formação docente. Tendo em vista o cenário atual, este estudo busca elucidar qual a contribuição do planejamento para a formação docente, apresentando por objetivo geral analisar a importância do planejamento para a formação docente, a partir da realização das atividades desenvolvidas no estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental. O intuito é conceituar o planejamento e sua relevância na formação docente e identificar na prática a importância do planejamento a partir do estágio, que neste processo foi realizado nos anos iniciais, a partir da observação participação, planejamento e intervenção no período matutino na Escola Municipal Professor Pedro Real. O procedimento de estágio supervisionado durante os cursos de graduação é desenvolvido nos alunos não apenas uma compreensão das teorias estudadas durante o curso de graduação, mas também sua aplicação e reflexão sobre a prática que começa a partir do momento em que o aluno de graduação entra na sala de aula para estagiar. Neste ponto, o estagiário deve ser capaz de assumir o papel de professor. Para isso, o planejamento é necessário, isso ajudará a contribuir para o ensino e a aprendizagem das crianças. No projeto educacional de um programa de graduação, a prática do ensino como componente curricular e o estágio supervisionado devem ser considerados como únicos e significativos na formação de um futuro professor. Logo, entendemos que o estágio supervisionado é mais significativo, pois é durante esse período que o acadêmico tem a oportunidade de expandir seus conhecimentos sobre o sistema educacional e o ensino, eles têm um relacionamento direto com os alunos e a escola.

¹⁷⁰ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), laizalorrainerosa@gmail.com.

¹⁷¹ Pós-doutora e doutora em Educação. Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) e do Centro Universitario UniFatecie, drikarodrigues66@hotmail.com.

Palavras-chave: Planejamento. Formação. Docente. Estágio.

1 INTRODUÇÃO

Recentemente, a sociedade tem passado por mudanças significativas, principalmente no que se refere à educação, que deve acompanhar os vários aspectos da mudança social. Para responder adequadamente às demandas do momento e entender a sociedade, uma pessoa deve ter reflexão e planejamento. Por meio da reflexão, o ser humano adquire progressivamente habilidades mais refinadas para diferenciar, entender e julgar a realidade, o que facilita o comportamento inteligente em novas situações. Por meio do planejamento, ele organiza e regula suas ações, sempre com o intuito de atingir objetivos mais complexos.

Ao discutir o processo de planejamento, falar sobre ele especificamente no que se refere ao trabalho do professor não é novidade, a sala de aula e as pesquisas sobre ensino levam ao conceito de planejamento de aula como um componente do processo. Silva (2013) afirma que o planejamento é um componente fundamental do ensino que também é um gesto pedagógico significativo. Para o autor, as ações e intervenções dos professores durante o processo de planejamento constituem métodos de ensino específicos para o planejamento, que é o gesto docente de planejar.

O planejamento é o processo pelo qual um objeto de ensino experimenta pela primeira vez uma transformação que facilitará o ensino efetivo no contexto da sala de aula. Tomar o planejamento como um gesto de ensino facilita o foco nos componentes primários do planejamento para o ensino de um assunto de conhecimento e o desenvolvimento das habilidades dos alunos.

Neste contexto, esta prática é significativa na formação docente. A partir desta perspectiva, o professor deve ter uma compreensão completa do contexto em que está situado, isso permitirá que ele ganhe consciência e assuma a responsabilidade pela instrução dos alunos. A formação de professores e sua prática tem sido um dos tópicos mais controversos da atualidade devido aos aprimoramentos desejados e

necessários ao processo de ensino e aprendizagem. Como resultado, esse conflito é enfatizado tanto nas iniciativas de educação inicial quanto continuada.

Na área educacional, a formação de professores e o planejamento de aulas são processos cruciais que são atualmente muito promovidos, tanto dentro das escolas quanto na esfera acadêmica. A profissão de professor é considerada uma prática educacional; isso é semelhante a outras profissões, pois é uma forma de participar da realidade social, neste caso, por meio da educação.

Este relato se justifica na necessidade de se destacar o valor do estágio e do planejamento de todo o currículo de formação docente. Tendo em vista o cenário atual, este estudo busca elucidar qual a contribuição do planejamento para a formação docente, apresentando por objetivo geral analisar a importância do planejamento para a formação docente, a partir da realização das atividades desenvolvidas no estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental.

O intuito é conceituar o planejamento e sua relevância na formação docente e identificar na prática a importância do planejamento a partir do estágio, que neste processo foi realizado nos anos iniciais, a partir da observação participação, planejamento e intervenção no período matutino na Escola Municipal Professor Pedro Real na cidade de Paranaíba/PR. O procedimento de estágio supervisionado durante os cursos de graduação é desenvolvido nos alunos não apenas uma compreensão das teorias estudadas durante o curso de graduação, mas também sua aplicação e reflexão sobre a prática que começa a partir do momento em que o aluno de graduação entra na sala de aula para estagiar. Neste ponto, o estagiário deve ser capaz de assumir o papel de professor. Para isso, o planejamento é necessário, isso ajudará a contribuir para o ensino e a aprendizagem das crianças.

No projeto educacional de um programa de graduação, a prática do ensino como componente curricular e o estágio supervisionado devem ser considerados como únicos e significativos na formação de um futuro professor. Logo, entendemos que o estágio supervisionado é mais significativo, pois é durante esse período que o acadêmico tem a oportunidade de expandir seus conhecimentos sobre o sistema educacional e o ensino, eles têm um relacionamento direto com os alunos e a escola.

2 PLANEJAMENTO E A FORMAÇÃO DOCENTE: PRESSUPOSTOS TEORICOS

Segundo Nóvoa e Finger (2010), a formação docente envolve refazer ou recriar o conhecimento ensinado em cursos, com base nas experiências que foram adquiridas como aluno, bem como durante o regime de treinamento inicial, essas experiências são então adicionadas durante o desempenho de deveres profissionais. Atualmente, há um interesse significativo no treinamento contínuo de professores. Pode-se dizer, de modo geral, que o treinamento de professores começa antes de sua entrada nos cursos preparatórios para o ensino e continua durante sua carreira profissional. As compreensões dos alunos sobre os cursos de treinamento profissional são aprimoradas por conceitos e imagens do papel do professor. Essas imagens e experiências anteriores têm um efeito na educação do professor. Além disso, durante a prática da profissão, o professor ganha novos conhecimentos sobre sua profissão a partir da prática diária.

Segundo os autores, isso aumenta o conceito de que o treinamento é derivado diretamente da preparação de professores para as escolas. Esse treinamento agora é considerado algo complexo, e não é baseado somente no conhecimento do processo de ensino/aprendizagem ou como organizá-lo. No entanto, também necessita da seleção desse conhecimento e experiências com base em valores, atitudes e preferências pessoais, que cada professor terá seu próprio e único estilo.

Tomando essa abordagem, então, a formação pode ser considerada um processo dinâmico que envolve melhoria crescente, isso também significa que é um processo contínuo. Nesse sentido, a prática profissional pode ser considerada parte da educação continuada de profissionais. No entanto, educação continuada ou treinamento de proficiência, que é mais rigoroso em sua definição, é chamado de todo aprimoramento profissional deliberado e formalizado de professores.

Esses cenários podem ocorrer por meio de palestras, seminários, cursos, workshops ou outras iniciativas. Como resultado, a educação continuada mencionada aqui é composta por iniciativas que visam qualificar professores com base nas potenciais melhorias de sua prática por meio do domínio de conhecimentos e métodos em seu campo específico de atuação. Esses tópicos, que foram implementados em diferentes formatos educacionais, podem ter relação com o enfrentamento de

problemas ou lacunas na metodologia de ensino. Alternativamente, talvez a introdução de um novo tipo de conhecimento, de natureza teórica ou prática, derivado da produção de novos conhecimentos em diferentes disciplinas.

Nesse sentido, é crucial considerar os passos que você já deu, as considerações que você fez e os traços da prática docente, tentando conectar os elementos da formação continuada e a prática do ensino em si. É comum na literatura educacional que se diga algo sobre atividades de ensino que requerem inicialmente conhecimento sobre uma área ou disciplinas específicas, chamado por Tardif (2002) de 'conhecimento das disciplinas'. Esse entendimento é adquirido, durante a graduação, em departamentos ou instituições associadas ao ensino superior que correspondem a diferentes campos do conhecimento, como física, matemática, geografia, entre outros.

O docente precisa, ainda, compreender as teorias relacionadas ao processo de aprendizagem, as aptidões curriculares, às metodologias e as estratégias, para que possa efetuar o planejamento de suas tarefas e organizar as ferramentas de ensino que serão implementadas em sala de aula. Tais conhecimentos podem ser denominados, segundo Tardif (2002), de “saberes pedagógicos”, pois englobam saberes oriundos de áreas como psicologia, didática e currículo. Ademais, atualmente, há um amplo debate em torno dos chamados saberes práticos ou saberes da experiência, que se referem às competências e conhecimentos que o professor adquire por meio do exercício de sua profissão.

O conhecimento em questão é adquirido por meio da prática e pode ser descrito como um saber implícito, permitindo que as pessoas respondam a situações no ambiente profissional de maneira quase intuitiva, muitas vezes sem conseguir articular ou explicar esse conhecimento. Isso é evidente no caso de professores com vasta experiência que, por exemplo, não conseguem explicar a maneira pela qual conseguem prender a atenção de uma turma ou acalmar um grupo inquieto.

Conforme Tardif (2002), esses conhecimentos podem ser divididos em duas categorias de competências. A primeira categoria abrange as competências organizacionais ou relacionais, enquanto a segunda se refere aos conhecimentos sobre as normas e valores que permeiam a cultura da escola. Além disso, é importante mencionar que o professor precisa conhecer as características dos alunos de sua

turma, o que lhe proporciona critérios e princípios para reestruturar tanto os conteúdos da disciplina quanto os saberes pedagógicos.

Pode-se notar que o conhecimento pertencente ao segundo grupamento proporciona ao professor as bases para recontextualizar ou traduzir diversos saberes, conforme a realidade do ambiente em que atua. Isso é algo que acontece frequentemente na elaboração de planejamentos, atividades e avaliações educacionais. Nesse contexto, Tardif (2002) destaca que a experiência oferece ao docente um retorno que lhe permite filtrar, selecionar e recuperar os conhecimentos essenciais para sua prática pedagógica.

Para Russo (2016), embora o planejamento não tenha se originado especificamente no contexto educacional, ele é essencial para a educação, visto que está ligado à formação humana, além de englobar a elaboração, implementação e avaliação das práticas educativas. O autor ressalta que o planejamento educacional, em todas as suas formas (curricular, institucional, pedagógica, etc.), é um ato político e pedagógico que demanda a colaboração de todos os educadores da instituição. De maneira geral, ele enfatiza a importância de que esse planejamento ocorra de forma coletiva, permitindo que os educadores juntos definam qual tipo de escola desejam proporcionar a seus alunos.

Dessa forma, o planejamento se configura como uma condição fundamental nas atividades do ensino, que requerem uma compreensão teórica dos conteúdos, uma reflexão sobre a própria vivência, além de uma análise da realidade dos sujeitos envolvidos e das influências político-pedagógicas presentes na instituição.

Segundo Farias et al. (2009), a prática educacional, sendo intencional e sistemática, requer uma organização prévia, que se materializa por meio do planejamento das atividades didáticas e pedagógicas da instituição. Dessa forma, o ato de planejar não é fundamental apenas para o professor, mas para toda a equipe escolar, pois é através desse planejamento que se pode estabelecer e desenvolver novas propostas de ensino que contribuam para uma educação de qualidade superior.

Partindo desses elementos intrínsecos ao trabalho do professor, acreditamos que, em um percurso de formação docente, é fundamental que esses gestos sejam verbalizados e convertidos em práticas didáticas, para que os futuros educadores possam adquirir as ferramentas necessárias para atuar em situações de ensino.

Nesse sentido, destaca-se a importância do gesto de planejamento como um componente essencial.

Franco (2012), entende por prática pedagógica as ações planejadas para satisfazer as expectativas educacionais solicitadas ou exigidas por uma determinada comunidade social. A prática pedagógica requer escolhas, princípios, ideologias, táticas, ou seja, planejamento. Portanto, o ato de planejar, sem dúvida, estrutura e estrutura o trabalho pedagógico, prevenindo a improvisação. Acreditamos que planejar é antecipar o futuro, ao prever ações a serem executadas para alcançar metas estabelecidas.

3 AÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTIDIANO ESCOLAR: ANÁLISE DE DADOS

Segundo Pimenta e Lima (2004), o objetivo do estágio é aproximar o estudante da realidade em que ele irá trabalhar, servindo também como um espaço para reflexão sobre a formação e o posicionamento da figura do professor. Menezes e Santos (2002), declaram que a finalidade do estágio é atenuar o "salto" da transição da vida estudantil para a de professor iniciante, com o intuito de favorecer uma melhor compreensão das matérias do currículo. De acordo com Costa et al. (2007), o objetivo do estágio é introduzir o estudante à realidade em que irá trabalhar, evitando que o estágio seja visto como um momento prático do curso, mas como uma forma de se familiarizar com a prática.

Nesse patamar, pontuamos que o estágio se deu nos setores de observação e participação, planejamento e intervenção na escola municipal professor pedro real, no período matutino. No que diz respeito à experiência profissional, a estagiária foi o centro deste processo. No entanto, não foi a única participante. Existe uma equipe de profissionais que inclui a equipe pedagógica da escola, os estudantes, os docentes universitários, o supervisor de estágio da universidade e o professor coordenador, que desempenhou um papel importante na supervisão e na ajuda na transição de aluno para docente.

Pimenta (2001), destaca que a capacitação do docente através da observação e replicação da prática exemplar representa a apreciação do êxito com a aproximação

do que foi observado. Isso resulta na preservação de “tendências”, hábitos, valores e comportamentos em geral. Portanto, o estágio se limita a reproduzir os modelos já estabelecidos, sem realizar uma avaliação crítica baseada no processo de ensino vigente. Para uma preparação mais adequada para a docência, o estágio na licenciatura deve ultrapassar a mera reprodução de práticas, alcançando a análise e reflexão sobre a prática docente.

Para alterar essa situação de reprodução da prática modelo, procura-se um aprimoramento de qualidade no planejamento. No método mais usual de organização da prática pedagógica dos docentes, orientado por formulários pré-definidos, conteúdos, estratégias de ensino, avaliação, entre outros, observa-se um trabalho mecânico que pode ser replicado pelos professores ao longo de sua carreira docente.

Levando em conta a necessidade de professores mais críticos e criativos em relação aos conteúdos e métodos de ensino, torna-se essencial desenvolver métodos e estratégias mais adequadas à realidade dos estudantes que frequentam a escola atual. Assim, este estágio funcionou como um componente da formação docente, permitindo a estagiária observar sua participação no dia a dia escolar, conhecendo o trabalho do professor e a dinâmica da escola, além da interação que se estabelece entre os indivíduos que ali atuam.

Segundo Pimenta e Lima (2004), o estágio é definido na literatura como o período em que o estagiário visita a escola para conhecer a realidade escolar sob a perspectiva de um profissional em formação. Portanto, os desafios são muitos: entender a realidade dos estudantes; entender que, na mesma classe, existem crianças com dificuldades de aprendizado e outras que conseguem progredir no conteúdo; gerir os variados tempos existentes na escola. No entanto, o maior desafio, que está ligado a todos os outros, é se posicionar como docente, abandonando o papel de estudante que sempre teve e se reconhecendo como um profissional em formação. Então, começa a transição de estudante para docente, incorporando os rituais dos alunos.

É sob essa ótica que o curso de Pedagogia da UNESPAR – Campus Paranavaí prevê o estágio, propiciando uma articulação entre processos teóricos e práticos. Especificadamente o estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental foi uma experiência enriquecedora, fundamental para a formação docente. As

atividades desenvolvidas incluíram momentos de observação e participação, que antecederam as regências. Essas etapas foram importantes para conhecer a dinâmica da sala de aula, compreender as particularidades da turma, identificar os métodos de ensino utilizados pelo professor regente e refletir sobre as práticas pedagógicas. Essa análise inicial proporcionou uma base sólida para a realização das regências.

Foram realizadas três regências, cada uma planejada cuidadosamente, tendo como foco a atividade de estudo. Essa abordagem buscou proporcionar uma aprendizagem conceitual e significativa, incentivando os alunos a compreenderem e aplicarem os conceitos trabalhados de maneira reflexiva e contextualizada. O fato é que a atividade de estudo “[...] corresponde a atividade humana representada nas formas desenvolvidas de consciência social” (Asbahr, 2016, p. 172). Sendo que a mesma deve ser planejada, pois “[...] não é em qualquer atividade de estudo que se forma o pensamento teórico. Torna-se necessário que essa atividade seja planejada, tendo como finalidade a apropriação do conhecimento teórico.” (Asbahr, 2016, p. 187). Na realidade, as atividades planejadas visavam não apenas a aquisição de conhecimento, mas também o desenvolvimento de habilidades críticas e a construção de um ambiente de aprendizagem dinâmico e envolvente.

O planejamento, elemento central dessa experiência, destacou-se como uma etapa necessária para o sucesso das práticas pedagógicas. Ele permitiu a antecipação de estratégias, a adaptação dos conteúdos às necessidades dos alunos e a definição de objetivos claros e alcançados. Além disso, possibilitou a criação de um ambiente de ensino organizado, favorecendo o desenvolvimento das competências docentes e fortalecendo a segurança do futuro professor em sala de aula.

O estágio supervisionado reafirmou sua relevância como um momento privilegiado de articulação entre teoria e prática, possibilitando que a vivência acadêmica a realidade escolar e desenvolva competências essenciais para a docência. Por meio dele, foi possível não apenas aplicar os conhecimentos adquiridos na formação inicial, mas também refletir sobre a prática educativa e construir uma identidade profissional sólida, fundamentada em um ensino de qualidade e sem compromisso com a formação integral dos alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado provou ser um processo crucial para a formação da identificação profissional, que se forma através da evolução com a atuação. Se configura como local de interação entre o conhecimento institucional e a atividade profissional, ou seja, o estágio foi vivenciado como um local para conectar a teoria à prática. A docência e outras profissões relacionadas demandam um aprendizado contínuo e renovação, o que se torna particularmente claro quando se iniciam as regências no estágio.

Durante as diretrizes para o estágio supervisionado, percebemos a necessidade de explorar uma variedade de materiais, especialmente textos e escritores que abordassem a importância e aplicabilidade do planejamento em diferentes esferas da formação docente. Notou-se que o planejamento deve ser a base para a execução de qualquer tarefa, seja ela de curto, médio ou longo prazo. No âmbito educacional, ele desempenha um papel crucial no progresso das práticas pedagógicas, com o objetivo de aprimorar a formação de novos educadores. No entanto, não basta apenas debatermos sobre a relevância do planejamento e suas facetas. É crucial estarmos receptivos a novos saberes que nos permitam inovar as práticas de ensino. O planejamento deve ser, acima de tudo, um meio para atingirmos objetivos propostos.

Este processo possibilitou um entendimento mais aprofundado do processo de reconstrução das experiências adquiridas no estágio, ao estabelecer um espaço para reflexão sobre a prática de ensino, especificamente sobre a elaboração do projeto didático a partir de um trabalho literário. Além disso a vivência proporcionou um olhar mais atento às particularidades da formação, frequentemente exigidas pela execução de estágios, além de uma escuta atenta às vozes sociais que compõem o cenário da sala de aula, (re)estruturando, dessa maneira, nossa percepção e experiência com a docência.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia. Idade escolar e atividade de estudo: educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. In: MARTINS, Ligia; ABRANTES, A; FACCI, M. (Org). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico**. São Paulo: Autores associados, 2016.

COSTA, F.N. do A.; GUARNIERI, M.R.; MONTEIRO, H.M.; RIBEIRO, E. 2007. Estágio Curricular Supervisionado: Universidade e Escola. In: UNESP/PROGRAD. **Núcleos de Ensino da Unesp**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 84-99.

FARIAS, Isabel Maria sabino de. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. Brasília: Líder livro, 2009.

MENEZES, E. de; SANTOS, T.H. dos. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. 2002 Disponível em:
<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=317>. Acesso em out. 2024.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo, Cortez, 2004.

RUSSO, Miguel Henrique. Planejamento e burocracia na prática escolar: sentidos que assumem na escola pública. **RBPAE**, v. 32, n. 1, p. 193-210, jan./abr. 2016.

SILVA, C. M. R. **O agir didático do professor de Língua Portuguesa e sua reconfiguração em textos de autoconfrontação**. 2013. 384f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em:
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13673>. Acesso em: 05 nov. 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS: REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA EM DUAS TURMAS

DOTTO, Flávia Perin Da Costa ¹

PIZOLI, Rita De Cássia²

RESUMO: Este artigo apresenta a reflexão sobre duas intervenções pedagógicas realizadas durante o estágio nos anos iniciais do ensino fundamental, com o objetivo de ensinar os conceitos científicos por meio de atividades que promovam o pensamento reflexivo e a análise crítica. A intervenção foi planejada com base na Teoria Histórico- Cultural (THC), a partir da observação da turma e a partir dos conteúdos selecionados pela professora. Na primeira, o conteúdo foi desenvolvido na turma de quarto ano envolvendo: leitura, escrita, oralidade e análise linguística. A tarefa proposta teve como foco o uso de sinais de pontuação a partir da leitura de uma crônica. A intervenção começou com o questionamento sobre o conceito de crônica, proporcionando uma análise interativa que envolveu leitura coletiva e interpretação oral do texto. Em seguida, os alunos participaram de uma dinâmica com cartazes fixados na lousa para trabalhar os sinais de pontuação, onde, usando letras e sinais no tórax, montaram frases e escolheram a pontuação adequada. Na intervenção realizada com a turma de segundo ano, o conteúdo requerido pela professora exigiu um olhar interdisciplinar entre os conteúdos de matemática e de ciências, envolvendo a noção de movimento de rotação da Terra e o tempo e sua medição. A partir da problematização sobre os conceitos espontâneos dos alunos, apresentamos diferentes tipos de relógio e de instrumentos para medir o tempo, além de atividades que abordaram os movimentos de rotação e translação. Com o auxílio de recursos visuais, como globo terrestre, lanterna e abajur, foi possível criar uma simulação lúdica do dia e da noite. As atividades práticas, como o desenho do movimento da Terra e a confecção de relógios de papelão, permitiram que os alunos consolidassem a compreensão do conteúdo de maneira significativa. O conceito de pensamento teórico, conforme explicado pela THC é um aspecto central na formação dos conceitos científicos. O pensamento teórico não é apenas a aplicação de regras ou fórmulas, mas sim a capacidade de compreender e articular as relações entre diferentes conceitos, permitindo uma visão mais ampla e crítica do mundo. Os resultados das intervenções indicam que o planejamento da aula envolve elementos essenciais como a problematização do conhecimento empírico e a definição do conteúdo nuclear, bem como a escolha de tarefas adequadas, que façam os alunos pensarem.

Palavras-chave: Estágio nos anos iniciais. Teoria Histórico cultural. Conhecimento Científico.

¹ Graduando(a) do Curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), flaviaperindotto2@gmail.com.

² Professor(a) do Curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rita.pizoli@unespar.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é uma fase fundamental na formação de futuros educadores, permitindo que o conhecimento teórico adquirido na graduação seja colocado em prática dentro do contexto escolar. Este artigo reflete sobre a importância do estágio na formação docente, integrando os conceitos teóricos de educação com as experiências práticas vivenciadas nas observações e intervenções em turmas do 2º e 4º ano do ensino fundamental. A partir de diferentes práticas pedagógicas, como a mediação da leitura, escrita e conceitos científicos, a análise das observações realizadas nas turmas revela como as abordagens pedagógicas podem ser aprimoradas para atender às necessidades cognitivas e afetivas dos alunos, promovendo uma educação crítica e transformadora.

2.RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

O estágio supervisionado desempenha um papel essencial na formação docente, Almeida (2006) enfatiza que essa prática deve funcionar como um elo integrador entre teoria e prática, proporcionando aos futuros professores uma experiência prática que enriquece sua compreensão teórica. Essa integração é fundamental para que o educador desenvolva uma prática pedagógica crítica e transformadora, que vá além da simples aplicação de conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Historicamente, o estágio é considerado um meio de conectar teoria e prática, mas, segundo Almeida (2006) , interpretações errôneas sobre a "prática" têm resultado em programas de formação desatualizados. Ela revisita os estudos de Pimenta (1994) que também questiona a separação rígida entre teoria e prática, argumentando que o estágio deve promover uma prática reflexiva e contextualizada. A necessidade de abordar o estágio como uma prática crítica é respaldada por autores como Saviani, que vê a educação como uma ferramenta de transformação social (Saviani, 1996).

Saviani (1996) categoriza os tipos de saberes que devem compor a formação do educador: atitudinais, críticos, específicos e pedagógicos. O estágio supervisionado, então, não deve ser apenas uma atividade técnica, mas uma

oportunidade para o professor em formação desenvolver uma práxis que una teoria e prática, garantindo que o aprendizado em sala de aula não seja desvinculado das complexidades da realidade educacional. Essa prática reflexiva é essencial para o desenvolvimento de uma atuação pedagógica significativa, capaz de promover uma transformação social no ambiente escolar.

2.2. A FORMAÇÃO DOS CONCEITOS CIENTÍFICOS NA IDADE ESCOLAR

Segundo Sforni e Galush (2006), a formação de conceitos científicos em crianças é um processo mediado por interações culturais e sociais, ancorado na teoria de Vygotsky. Para esses autores, o conhecimento científico não é adquirido de maneira linear ou mecânica, mas por meio de um processo de internalização e generalização a partir do conhecimento espontâneo. Isso significa que o desenvolvimento cognitivo da criança é intensificado quando ela interage ativamente com o meio cultural e social que a cerca, em um processo de construção contínua de significados (Sforni e Galush, 2006).

A aprendizagem, segundo a teoria histórico-cultural, acontece em um processo dinâmico de interação com o ambiente, onde os signos e instrumentos culturais desempenham um papel fundamental na mediação do conhecimento.

Aprender, portanto, não significa recitar um número cada vez maior de conceituações formais, mas elaborar modelos, articular conceitos de vários ramos da ciência, de modo a cada conhecimento apropriado pelo sujeito ampliar-lhe a rede de informações e-lhe possibilitar tanto a atribuição de significados como o uso dos conceitos como instrumentos de pensamento. (Sforni e Galush, 2006, p. 221).

Dessa forma, o processo educativo não se limita à aquisição de informações, mas envolve a capacidade de articular e aplicar conhecimentos de forma significativa e integrada.

Além disso, Vygotsky (1984) propõe que o desenvolvimento infantil envolve tanto a capacidade de realizar tarefas de forma independente (desenvolvimento real) quanto a possibilidade de realizar atividades com ajuda (desenvolvimento proximal). Essa concepção reforça a importância da mediação por parte de adultos e colegas mais experientes, que possibilitam à criança avançar em seu desenvolvimento ao apresentar novas formas de interagir com o mundo. A mediação, seja de familiares,

professores ou a própria comunidade, facilita a internalização de conceitos e contribui para o desenvolvimento de habilidades cognitivas complexas, como memória lógica, atenção e capacidade de abstração (Sforni e Galush, 2006).

Para Vygotsky, o pensamento teórico não se limita à memorização de regras ou fórmulas, mas inclui a compreensão e associação de conceitos diversos, o que permite ao indivíduo construir uma visão crítica e abrangente do mundo (Vygotsky, apud Sforni e Galush, 2006). Essa visão é complementada por Leontiev e Davidov, que consideram a atividade de estudo como uma oportunidade para os alunos desenvolverem uma compreensão teórica e conceitual dos conteúdos. Davidov (apud Asbhar, 2016), em particular, defende que a atividade de estudo permite uma relação vital entre o conhecimento empírico e o conceitual, capacitando os alunos a desenvolverem um entendimento mais profundo e abrangente dos temas abordados. Em suma, o estágio supervisionado, aliado a uma pedagogia que valorize a mediação cultural e o desenvolvimento de conceitos científicos, é fundamental para a formação de professores capacitados a lidar com a complexidade do ambiente escolar. A prática reflexiva e crítica, juntamente com a compreensão teórica, são elementos essenciais para promover uma educação que não apenas ensine conteúdos, mas que prepare os alunos para serem indivíduos críticos, capazes de compreender e transformar a realidade que os cerca.

2.3 OBSERVAÇÃO E INTERVENÇÃO NA TURMA DO 4º ANO

A compreensão do processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais exige que se leve em consideração o desenvolvimento psicológico das crianças, que nesta fase é guiado pela atividade principal: a atividade de estudo. Com essa perspectiva, foram realizadas observações em uma turma do 4º ano para explorar a relação entre ensino e desenvolvimento, proporcionando insights sobre práticas pedagógicas que promovem a construção de conceitos científicos e a apropriação de novos conhecimentos.

No primeiro dia de observação, acompanhamos uma aula de ensino religioso, uma disciplina obrigatória, mas trabalhada de maneira breve pela professora. A aula começou com um vídeo sobre ritos e rituais religiosos, seguido por uma breve explicação no quadro sobre a diferença entre ambos. Observamos também que a sala de aula é decorada com banners de gêneros textuais, sílabas e dicas ortográficas,

enriquecendo o ambiente educacional com referências visuais que estimulam a aprendizagem contínua.

Em outra observação, a professora iniciou a aula de português distribuindo o cronograma das avaliações e introduzindo o gênero textual "notícia". Para tornar o conteúdo mais acessível e significativo, a professora trouxe jornais impressos para a sala, onde apresentou o conceito de notícia, reportagem e manchete. Essa abordagem permitiu aos alunos uma experiência concreta com um tipo de comunicação pré-digital, ampliando seu repertório sobre diferentes formas de obtenção de informação.

Durante essa atividade, os alunos demonstraram grande entusiasmo ao explorar os jornais, observando imagens, figuras e identificando pessoas conhecidas nas fotos. A professora aproveitou o interesse dos alunos para aprofundar o entendimento sobre os componentes do jornal impresso, como manchetes, reportagens e classificados, incentivando-os a relacionar esses elementos com suas próprias experiências e conhecimento prévio. Essa interação prática com o material impresso fomentou uma aprendizagem mais dinâmica e contextualizada, levando-os a compreender como as pessoas acessavam informações e comercializavam produtos antes da era digital.

2.4. INTERVENÇÃO DA TURMA DO 4º ANO

Para desenvolver uma proposta de intervenção alinhada com a teoria histórico-cultural, o planejamento das atividades foi baseado nas observações iniciais. A partir do conteúdo fornecido pela professora, que incluía análise linguística, oralidade, leitura e escrita, o objetivo central era facilitar uma apropriação crítica e reflexiva dos conceitos linguísticos, conectando teoria e prática. De acordo com a perspectiva de Asbahr (2016), a atividade de estudo, fundamental para o desenvolvimento infantil, não ocorre de forma espontânea, exigindo uma estruturação metódica que oriente a organização cognitiva da criança.

Para alcançar esse objetivo, o conteúdo "sinais de pontuação" foi trabalhado a partir de uma crônica rica em pontuações, o que permitiu que a turma exercitasse não apenas a leitura e a interpretação, mas também a análise da função dos sinais de pontuação no texto. A pergunta desencadeadora "Vocês sabem o que é uma crônica?" trouxe à tona o conhecimento prévio dos alunos, revelando uma

familiaridade superficial, mas uma compreensão limitada sobre o gênero textual e suas distinções em relação ao conto. Esse exercício foi complementado com uma dinâmica prática, onde os alunos, com o apoio de cartazes e frases coladas na lousa, puderam explorar o uso dos sinais de pontuação em situações reais.

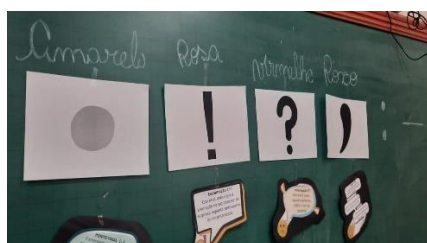
Figura 1. Atividade



Fonte: Compilação das autoras (2024).

Para tornar o aprendizado mais interativo, organizamos uma atividade em que cada aluno usava etiquetas com palavras e sinais de pontuação e, ao serem combinados com os colegas, formavam frases completas. Esse exercício prático permitiu que os alunos percebessem como a pontuação altera o sentido das frases, um aprendizado essencial para o domínio da língua escrita. Embora tenham surgido dúvidas e pedidos de ajuda, os alunos conseguiram construir, de forma colaborativa, um entendimento mais claro das funções dos sinais de pontuação.

Figura 2 – Atividade 2



Fonte: Compilação das autoras (2024).

2.5. OBSERVAÇÕES DA TURMA DO 2º ANO

Durante as observações na turma do 2º ano, acompanhamos o desenvolvimento das aulas de matemática e ciências. Em um primeiro episódio, após a correção das tarefas de casa, a professora deu continuidade ao conteúdo de matemática, focando no sistema monetário por meio de atividades que ligavam valores a cédulas e moedas representadas. No entanto, os alunos demonstraram desinteresse e encontraram dificuldades na compreensão desse tema, apesar das explicações claras da professora.

Em um segundo momento, a professora propôs uma atividade com figuras geométricas em diferentes livros didáticos de matemática, permitindo que os alunos explorassem o conteúdo de maneira prática, colorindo as figuras, mas a receptividade também foi moderada.

No terceiro episódio, observamos maior engajamento dos alunos durante a aula de ciências, em que produziam um livro sobre meio ambiente e sustentabilidade. Com o uso de palavras-chave fornecidas pela professora, os alunos foram incentivados a produzir textos e ilustrações, mostrando entusiasmo ao poder expressar suas ideias e criatividade livremente. Isso sugere que, enquanto as atividades mais mecânicas de matemática enfrentavam resistência, tarefas que valorizavam a liberdade criativa e a expressão pessoal despertaram maior interesse e participação ativa.

2.6. INTERVENÇÃO NA TURMA DO 2º ANO

A intervenção pedagógica realizada na turma foi planejada para abordar dois conteúdos interdisciplinares: o movimento de rotação e translação (ciências) e a medida de tempo (matemática). Com o auxílio de recursos visuais e práticos, como um globo terrestre, um projetor e uma lanterna, introduzimos o conceito de rotação e translação para demonstrar a alternância entre dia e noite. A apresentação visual, somada aos questionamentos guiados, permitiu aos alunos relacionarem as explicações científicas com fenômenos observáveis, como o ciclo diário. A atividade prática de desenho que se seguiu permitiu que expressassem o entendimento sobre os movimentos da Terra, facilitando a internalização dos conceitos.

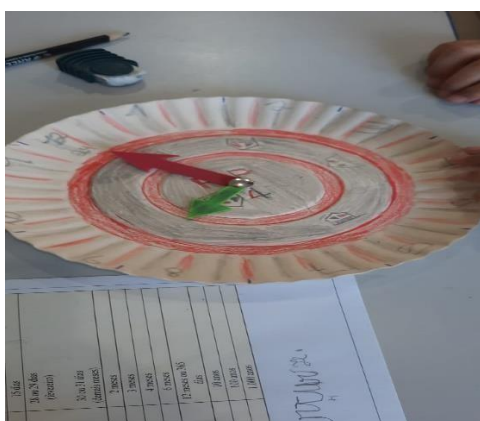
Figura 3. Projetor



Fonte: Compilação das autoras (2024).

Em seguida, ao abordar a medida de tempo, apresentamos diferentes tipos de relógios, mostrando sua evolução desde o relógio de sol até modelos modernos, como os digitais. Isso contextualizou o conteúdo no tempo histórico e despertou o interesse dos alunos para os usos práticos da contagem do tempo. Questionamentos sobre a importância de saber as horas provocaram reflexões pessoais, com respostas variadas sobre atividades diárias, evidenciando a compreensão do tempo como ferramenta prática no cotidiano.

Figura 4 – Relógio



Fonte: Compilação das autoras (2024).

Para consolidar o aprendizado, realizamos uma atividade prática onde cada aluno construiu seu próprio relógio de papelão com ponteiros de EVA, decorando-o livremente. Esta etapa foi um sucesso, pois a prática lúdica contribuiu para que os

alunos internalizassem os conceitos de maneira envolvente. Ao final, solicitamos que identificassem e escrevessem as horas em uma atividade impressa, o que ainda gerou algumas dúvidas e pedidos de ajuda, sinalizando a necessidade de mais prática na representação escrita das horas.

2.7. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

A observação das turmas do 2º e 4º ano revela tanto semelhanças quanto diferenças nas dinâmicas de ensino e aprendizagem, refletindo as diferentes necessidades cognitivas e características das crianças em cada fase do desenvolvimento. As duas turmas demonstraram maior engajamento com atividades criativas e práticas. No 2º ano, isso foi evidenciado durante a construção do livro sobre o meio ambiente e a confecção dos relógios de papelão. No 4º ano, a utilização de jornais impressos e atividades práticas de pontuação também despertaram maior interesse. Essas atividades, que conectam o conteúdo à expressão pessoal e ao uso de materiais concretos, estimulam um aprendizado mais dinâmico e participativo em ambas as turmas.

No entanto, as duas turmas também compartilharam dificuldades em conteúdos mais abstratos ou mecânicos. No 2º ano, as atividades relacionadas ao sistema monetário, como a associação de valores a cédulas e moedas, não despertaram grande interesse nem compreensão, apesar das explicações claras da professora. Na turma do 4º ano, apesar da abordagem prática para trabalhar os sinais de pontuação, os alunos ainda demonstraram dúvidas e dificuldades para entender as funções desses sinais dentro do texto. Isso revela a necessidade de adaptar os conteúdos e torná-los mais acessíveis e contextualizados, especialmente quando envolvem conceitos abstratos.

Ambas as turmas se beneficiaram de estratégias visuais e práticas. No 2º ano, o uso de recursos como o projetor para explicar os movimentos de rotação e translação e a construção dos relógios de papelão facilitaram a compreensão dos alunos. No 4º ano, a utilização de jornais, cartazes e etiquetas para a pontuação também contribuiu para uma aprendizagem mais concreta e próxima da realidade dos estudantes, tornando os conceitos mais acessíveis. A utilização de recursos visuais tem se mostrado eficaz em ambas as turmas, auxiliando na internalização dos conteúdos de forma mais envolvente.

Entretanto, existem diferenças notáveis entre as turmas em termos de complexidade dos conteúdos. O conteúdo abordado com os alunos do 4º ano é mais avançado, refletindo seu nível de desenvolvimento cognitivo mais complexo. A introdução ao gênero textual "notícia", a análise de sinais de pontuação e o trabalho com crônicas exigem habilidades de leitura e interpretação mais sofisticadas, além da capacidade de refletir sobre aspectos linguísticos e estruturais do texto. Por outro lado, no 2º ano, os conteúdos abordados são mais concretos, como o sistema monetário e os movimentos de rotação e translação, focando em noções iniciais de matemática e ciências. Essa diferença de complexidade está diretamente relacionada ao nível de desenvolvimento dos alunos e à forma como cada conteúdo é estruturado para atender às necessidades dessa faixa etária.

Outro aspecto que se destaca é o nível de engajamento com o conteúdo. Na turma do 2º ano, o maior engajamento foi observado durante as aulas de ciências, onde os alunos produziram um livro sobre o meio ambiente, demonstrando entusiasmo ao expressar suas ideias e criatividade. Já no 4º ano, o maior interesse ocorreu durante atividades com jornais e a exploração das crônicas, que, embora mais teóricas, se conectaram diretamente ao cotidiano dos alunos. Isso sugere que, em cada faixa etária, o engajamento está relacionado à forma como o conteúdo é apresentado e à possibilidade de os alunos relacionarem o aprendizado com suas experiências práticas.

Além disso, a turma do 4º ano mostrou mais autonomia nas atividades em comparação com os alunos do 2º ano, que, apesar de participativos, precisaram de mais apoio para realizar atividades como a escrita das horas ou entender conceitos abstratos, como o sistema monetário. No 4º ano, os alunos estavam mais preparados para explorar conceitos de forma mais autônoma, como ao manusear jornais e analisar as diferenças entre reportagem e manchete, refletindo um nível mais avançado de habilidades cognitivas.

Por fim, as turmas também se diferenciaram na interação com o conteúdo digital e tradicional. Na turma do 4º ano, a interação foi mais direta com o conteúdo tradicional, como os jornais impressos, o que proporcionou uma reflexão histórica sobre como as informações eram acessadas antes da era digital. No 2º ano, embora o conteúdo de ciências tenha sido abordado com recursos como o projetor e lanterna, o foco estava mais em experiências observáveis no momento presente, sem a necessidade de contextualização histórica.

Em resumo, as duas turmas, apesar de compartilharem algumas características no que diz respeito ao engajamento com atividades criativas e práticas, apresentam diferenças significativas em relação ao nível de complexidade dos conteúdos, ao nível de autonomia dos alunos e à maneira como os conteúdos são apresentados. A turma do 2º ano, com seu foco em conteúdos concretos e no desenvolvimento de noções iniciais, contrastou com a turma do 4º ano, que trabalhou com conteúdos mais abstratos e exigiu maior reflexão e análise. Ambas as turmas, porém, se beneficiaram de uma abordagem pedagógica que favoreceu a conexão entre teoria e prática, utilizando recursos visuais e estratégias interativas que facilitaram o aprendizado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de estágio nos anos iniciais é um pilar fundamental na formação de futuros professores, pois proporciona uma integração prática e concreta entre o conhecimento teórico adquirido durante a graduação e a complexa realidade da sala de aula. Ao permitir que o professor em formação vivencie o ambiente escolar, o estágio vai além de ser um requisito para a conclusão do curso, tornando-se uma etapa de desenvolvimento crítico e reflexivo. Nessa prática, o professor estagiário aprende a adaptar e a inovar nas estratégias pedagógicas, ajustando-as às necessidades específicas dos alunos e aos contextos diversos das turmas em que atua.

As atividades de mediação realizadas durante o estágio, especialmente em leitura, escrita e análise linguística, oferecem ao futuro professor uma compreensão profunda dos processos de apropriação de conceitos científicos. Ao trabalhar esses conteúdos de forma contextualizada e interativa, o estagiário percebe a importância da mediação pedagógica na construção do conhecimento. Como destacado por Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo infantil está profundamente enraizado nas interações sociais e culturais. Sua teoria da zona de desenvolvimento proximal evidencia que a criança, ao interagir com um mediador, alcança níveis de compreensão que não conseguiria de forma isolada, sublinhando a importância do papel do professor como facilitador da aprendizagem (Vygotsky apud Sforni e Galush, 2006).

Além disso, o estágio supervisionado proporciona ao futuro docente um

espaço para experimentar abordagens pedagógicas inovadoras, que conectam teoria e prática de maneira dinâmica e transformadora. Nesse processo, o professor em formação é incentivado a refletir sobre o impacto de suas ações educativas e a desenvolver práticas adaptativas e inclusivas. Esse período de imersão na realidade escolar permite que ele compreenda as necessidades e particularidades de cada aluno, preparando-o para atuar de maneira efetiva e significativa.

Em suma, o estágio nos anos iniciais não apenas enriquece a formação docente, mas também contribui para a construção de educadores mais sensíveis e preparados para lidar com a diversidade e complexidade da educação básica.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia. **Idade escolar e atividade de estudo:** educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. In: MARTINS, Ligia; ABRANTES, A; FACCI, M. (Org). Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico. São Paulo:Autores associados, 2016.

SFORNI, Marta Sueli de Faria, GALUCH, Maria Terezinha Bellanda
Conteúdos escolares e desenvolvimento: qual
unidade? **Comunicações, Revista do**
Programa de pós-graduação em Educação da UNIMEP, n. 02, p. 150-158, nov.
2006. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/comunicacoes/article/view/946/454>.

SFORNI; Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda.
Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental. **Educar**,
Curitiba, n. 28, p. 217- 229, 2006.

JOGOS EM SALA DE AULA: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE E DA ESCRITA

ALMEIDA, Grazielle Maria de Arcanjo¹⁷²
SANTOS, Luara Alexandre dos¹⁷³

RESUMO: O presente trabalho aborda as experiências no/do campo de estágio curricular supervisionado, desenvolvido na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR). Apresentando reflexões referentes a alfabetização, com destaque ao jogo, enquanto uma ferramenta pedagógica potente para o desenvolvimento da oralidade e escrita pelas crianças. Um estudo baseado nas vivências realizadas em uma turma de 1º ano, do município de Paranavaí, onde ocorreram desde observações até intervenções pedagógicas, pensando o processo de alfabetização. Portanto, o desenvolvimento dessa pesquisa ocorreu por meio de um estudo bibliográfico, documental e de campo, por um viés qualitativo, como intuito de perceber na instituição escolar, os jogos, nesse contexto, como uma oportunidade para provocar o uso da linguagem, de maneira lúdica, mas especialmente, significativa para alunos e professores. Diante dessas afirmativas, o estudo tem como objetivo observar a influência do jogo, enquanto uma ferramenta pedagógica, no desenvolvimento da oralidade e escrita de crianças do 1º ano do ensino fundamental I. Para isso, o trabalho foi organizado em dois momentos. Primeiramente, explicaremos a importância da oralidade e da escrita por meio de autores contemporâneos e clássicos, estudados durante este ano. E, o segundo momento se caracteriza na discussão especificamente sobre o uso dos jogos durante o período de alfabetização. O estudo teórico, atrelado à prática desenvolvida no campo de estágio mostraram que os jogos podem ser uma ferramenta pedagógica eficaz para alfabetização, promovendo o desenvolvimento da oralidade e escrita de maneira mais prazerosa e significativa. Propostas pedagógicas com a presença da ludicidade desenvolvem não só a oralidade e escrita, mas também o raciocínio lógico e diferentes relações interpessoais. Com isso, é possível afirmar que os jogos são um importante recurso didático para o processo de ensino e aprendizagem de crianças em processo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Jogos. Escrita e Oralidade.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a experiência das ações desenvolvidas no Estágio Supervisionado, vinculado com a disciplina Estágio e Metodologia do Ensino de

¹⁷² Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR). E-mail: graziellyalmeida@outlook.com.

¹⁷³ Mestre em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná. E-mail: luara.santos@unespar.edu.br

Alfabetização, do 3º ano do curso de Pedagogia da UNESPAR/Campus Paranavaí. Ocorrido no período de 24 de maio a 27 de outubro de 2024, em uma escola da rede municipal de educação de Paranavaí, na turma de 1º de ano do ensino fundamental I. Nesse viés, o estudo tem como finalidade e a influência do jogo, enquanto uma ferramenta pedagógica, no desenvolvimento da oralidade e escrita de crianças.

Discutiremos neste trabalho a importância dos jogos para o desenvolvimento da alfabetização e conseqüentemente o desenvolvimento da criança em sua totalidade. “É através do jogo que a criança aprende a agir, sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração”. (Vygotsky, 1991, p.55 apud Bueno, 2022, p. 101). Além disso, segundo Bueno os jogos auxiliam nas dificuldades cognitivas dos alunos, portanto se torna uma ferramenta importante para o professor no processo de ensino e aprendizagem.

Diante disso, o artigo está dividido em três momentos, primeiramente será discutido o desenvolvimento da linguagem, da oralidade, escrita e também a linguagem não verbal (as expressões). Posteriormente, será discutido sobre a importância do jogo enquanto recurso para o desenvolvimento da linguagem. Por fim, será apresentado o relato de experiência do estágio supervisionado.

A realização do estágio supervisionado, de caráter obrigatório, tem como função articular a teoria e a prática. Neste sentido, é possível afirmar que é imprescindível no processo de formação docente, pois é o momento de relacionarmos efetivamente a teoria e a prática e refletir sobre a atuação do professor com bases teóricas e refletir sobre quais propostas pedagógicas são adequadas para a alfabetização.

Sendo assim, é preciso analisar qual proposta pedagógica de fato pode promover o desenvolvimento da criança, pois é preciso ações com intencionalidade e objetivos coesos. Nessa perspectiva, é preciso compreender que o desenvolvimento infantil não é unicamente biológico. Ao contrário disso, quando se discute a humanização, é preciso considerar que esse processo deve ser rico em apropriações adequadas do conhecimento acumulado historicamente. Ou seja, a relação entre o professor e a criança necessita ser rica em significado e intencionalidade.

Ao desenvolver as ações que compreendem o estágio, aprende-se teoricamente as diferentes metodologias de ensino e as diversas maneiras de como ensinar, de como a criança demonstra sua aprendizagem e qual a importância de respeitar as particularidades de cada criança, a fim de pensar a transmissão do

conhecimento científico, de maneira mais adequada. Logo, também foi realizada uma discussão sobre a função social que cada sujeito ocupa nessa relação: professor-aluno-conhecimento.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

A linguagem é o meio para os indivíduos se comunicarem, seja pela linguagem oral, linguagem escrita ou também pela linguagem não verbal. É essencial esse aprendizado para a alfabetização e comunicação. Isso porque, a linguagem é imprescindível para o relacionamento em sociedade, pois é na troca de experiências e na comunicação a criança se desenvolve. Segundo Gomes (2016), a linguagem é importante para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, portanto é importante pensar um ensino que considere a relação da mesma com seus pares e com sujeitos mais experientes, assim como, disponibilizar diferentes formatos da linguagem.

A linguagem oral não é só importante para a comunicação, mas também para observar e analisar os acontecimentos, assim “a linguagem assegura a formação dos conceitos oportunizando a mediação entre o homem e o objeto de conhecimento”. (Gomes, 2016, p. 39). Ou seja, linguagem oral é importantíssima para a comunicação, para falar, realizar leitura e principalmente organizar o pensamento, fatores essenciais para o processo de alfabetização. Gomes (2016) ressalta que

[...] por meio da linguagem oral, o homem consegue ter acesso à experiência do gênero humano, além disso, é através dela que a percepção e a memória da criança se organizam de maneira mais complexa; o processo de reflexão, de elucubrar, fazer deduções se estabelece, fazendo com que todas as potencialidades do pensamento sejam utilizadas. (Gomes, 2016, p. 36).

Diante disso, o professor deve pensar em propostas pedagógicas para desenvolver a oralidade, como ações que envolvam a leitura e escrita, pois a criança precisa descobrir a necessidade de ler para ter interesse em aprender.

A linguagem não verbal é maneira de se comunicar sem a necessidade do uso da oralidade ou da escrita, limitando-se as expressões, tais como as emoções, gestos, expressões faciais e ações. Segundo Gomes (2016), a linguagem se origina do pensamento e pode ser através do sentimento e emoções, influenciando na comunicação. Ou seja, antes da criança aprender a ler e a escrever é necessário compreender a função da linguagem não verbal e entender como usá-la, isso porque se trata do primeiro acesso a linguagem. “[...] Os anos que antecedem a entrada da criança na escola preparam seu futuro desenvolvimento na leitura e na escrita, o que mostra a importância de propiciar as mais variadas vivências para a criança durante esse período” (Gomes, 2016, p.43).

Já a linguagem escrita é caracterizada pela forma de comunicação por meio de caracteres, letras, palavras, frases, símbolos gráficos que registram uma ideia, conceitos, pensamento, sentimento etc. Segundo Costa-Hubers (2014) apud Gomes (2016), a linguagem escrita tem uma grande relevância e função social durante todo o seu processo de apropriação, desde quando se aprende o traçado da letra pela primeira vez, até aprender a escrever e realizar uma leitura.

Quando o indivíduo aprende é um processo de humanização, portanto, para que ocorra esse aprendizado a criança deve perceber as necessidades de aprender a escrever. [...] “aprender a escrever é um processo de humanização” (Ferreira e Schlickmann, 2022 apud Gonçalves et al, 2023, p.4). Compreender essa afirmação é entender a importância de se pensar um processo de alfabetização consciente, preocupado com as necessidades de ensino e também de aprendizagem de professor e de aluno.

2.2 JOGOS ENQUANTO RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

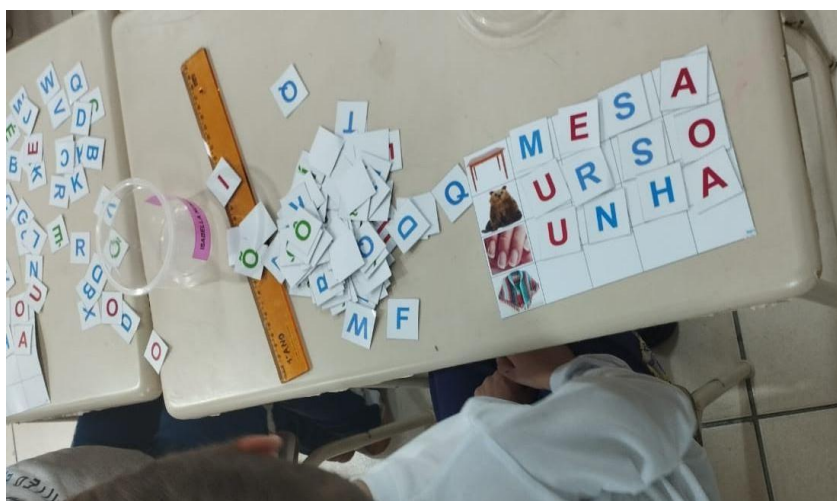
Para Vygotsky (1984), os jogos têm funções efetivas no desenvolvimento da criança. Seguindo a teoria de que o aprendizado se dá por meio das relações, o jogo permite que a criança aprenda dentro da sua zona de desenvolvimento proximal, momento em que ela ainda não sabe realizar de maneira independente determinada tarefa, mas que, é capaz de aprender com a ajuda de um sujeito mais experiente, ou seja, trata-se da possibilidade de ensinar, sendo então onde o professor deve desenvolver suas propostas de ensino.

O estudo de jogos e brincadeiras no processo de alfabetização é fundamental no trabalho pedagógico; o uso dessas práticas proporciona ao professor diversas possibilidades para ajudar no desenvolvimento cognitivo da criança, na superação de problemas e dificuldades de aprendizagem (Bueno, 2022, p. 96).

Por isso a importância do estudo de jogos e brincadeiras no processo de alfabetização, visto que essas práticas são essenciais para o trabalho pedagógico. O uso de jogos e brincadeiras no ambiente escolar oferece ao professor diversas oportunidades para apoiar o desenvolvimento cognitivo das crianças, ajudando-as a superar desafios e dificuldades de aprendizagem de maneira mais envolvente e eficaz. Essas propostas lúdicas facilitam a compreensão de conteúdos, desenvolvem o pensamento, o raciocínio, a criatividade e a relação com o outro, criando um ambiente mais dinâmico e motivador para o aprendizado, o que pode potencializar o processo de alfabetização de forma significativa.

Na instituição em que foi realizado o estágio supervisionado, observou-se que os jogos são desenvolvidos na turma, especialmente devido a um projeto – Plugados – que está em desenvolvimento durante o período letivo, em todas as escolas do município, no qual as crianças aprendem especificamente por meio de ações lúdicas.

FIGURA 01 – JOGO FORMANDO PALAVRAS



Fonte: Compilado da autora durante a observação-participativa (2024).

Cabe ressaltar, que os jogos além de ser uma ferramenta importante para o desenvolvimento da linguagem oral e da linguagem escrita, também são potencializadores para o desenvolvimento de outras áreas, como: “os sentidos, a

fruição das habilidades artísticas e estéticas, a afetividade, a vivência de regras éticas e melhora o relacionamento social” (Oliveira et al., 2013, p. 27).

Observou-se também que apesar do desenvolvimento da linguagem como um todo ser essencial no processo de alfabetização, os professores por vezes focam mais na escrita, já a oralidade fica a cargo das relações sociais, especialmente aquelas em que ocorre de maneira espontânea e não intencional. Porém, é importante refletir sobre a necessidade do professor em pensar propostas pedagógicas que envolvam o uso da oralidade da criança, a fim de provocar a expressão do pensamento através na fala. Observado essa característica em sala de aula na etapa de intervenção do estágio supervisionado, foi refletido que um jogo que pode desenvolver essa proposta é o jogo do “Telefone sem fio”.

FIGURA 01 – JOGO DO “TELEFONE SEM FIO”



Fonte: Compilado da intervenção pedagógica da autora (2024).

Antes de iniciar o jogo, foi indagado ao grupo de alunos se já havia ocorrido uma situação em que alguma fala deles não foi compreendida pelo outro, ou vice e versa, devido ao barulho, a distância, ou similaridade dos sons. Em seguida, o jogo telefone sem fio, desenvolvido em grupos, teve esse intuito de trazer a brincadeira para a sala, mas para além disso, de maneira intencional, provocar o uso da oralidade por todas as crianças.

Com o uso de jogos o professor pode perceber quais conhecimentos prévios o aluno tem. Por meio dele o docente conhece como a criança entende os conceitos e o mundo em que ela vive, pois é nesse momento que a criança irá transmitir suas emoções e saberes. Logo, o professor pode observar o que o aluno conseguiu se apropriar até aquele processo de ensino e o que ele não conseguiu compreender do conteúdo que foi proposto. Podendo pensar os passos seguintes a partir dali.

Considerando essa importância no processo de alfabetização e também as diversas discussões feitas em sala de aula, foi planejado para a intervenção pedagógica propostas de ensino envolvendo jogos que considerassem as diferentes formas de explorar o uso da linguagem.

FIGURA 01 – JOGO DESAFIO DA LETRA “D”¹⁷⁴



Fonte: Compilado da intervenção pedagógica da autora (2024).

Neste jogo as crianças tinham que cumprir desafios, como: “Jogue o dado, escreve no quadro uma palavra com sílaba que caiu”, “jogue o dado, fale uma frase com a sílaba que caiu”, “jogue o dado, escreva o nome de uma profissão com a sílaba que caiu”, “jogue o dado, escreva um objeto com a sílaba que caiu”, etc.

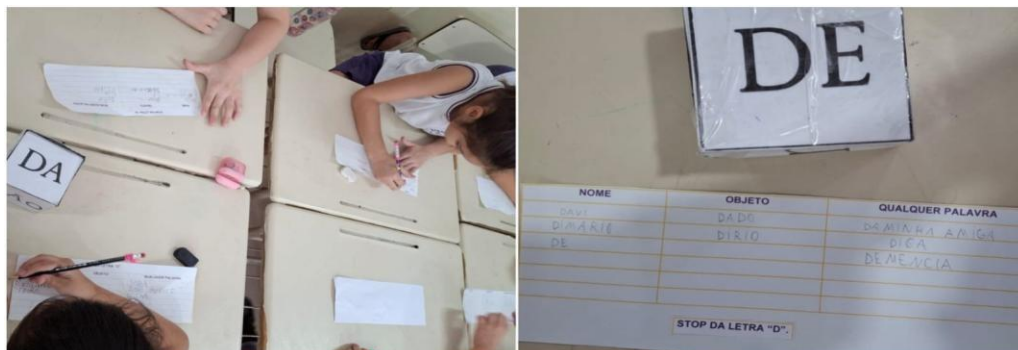
De acordo com Almeida (1984) apud Paula e Souza, (2019)

A melhor maneira de direcionar a criança para uma tarefa a ser realizada é possibilitando a expressão e a socialização, para isso os jogos se apresentam como uma interessante ferramenta, no qual a criança irá interagir com os outros naturalmente e aos poucos criar laços afetivos. Dessa maneira, ela irá desenvolver suas habilidades ao mesmo tempo em que tem um momento prazeroso e satisfatório, pois jogos são essenciais para as crianças. (Almeida, 1984 apud Paula e Souza, 2019)

Os jogos possibilitam relacionar diferentes situações (reais ou não), exige seguir as regras, e exercita o brincar de representar papéis. Por meio do jogo a criança tem a oportunidade de desenvolver a atenção, afetividade, concentração, raciocínio, etc.

¹⁷⁴ Conteúdo: “Letra D”, determinado previamente pela professora regente da turma.

FIGURA 01 – JOGO STOP



Fonte: Compilado da intervenção da autora (2024).

O jogo do Stop ou Adedonha, foi adaptado para o conteúdo da aula e para faixa-etária da turma. As crianças tiveram interesse em participar, criaram hipóteses, questionaram entre o grupo se determinada palavra realmente era um objeto, pensaram e chegaram ao resultado esperado pelo jogo. Por isso, o professor que está na etapa de alfabetização, deve ter o jogo como ferramenta pedagógica. Para que as crianças pratiquem a linguagem oral e linguagem escrita, como esse jogo na foto acima.

Ensinar por meio de jogos é um caminho para o educador desenvolver aulas mais interessantes, descontraídas e dinâmicas, podendo competir em igualdade de condições com os inúmeros recursos a que o aluno tem acesso fora da escola, despertando ou estimulando sua vontade de frequentar com assiduidade a sala de aula e incentivando seu envolvimento no processo ensino e aprendizagem, já que aprende e se diverte, simultaneamente. (SILVA, 2004, p. 26 apud SOUZA, 2022, p.9).

Outro elemento importante que foi considerado na intervenção pedagógica foi pensar o da tecnologia enquanto uma ferramenta de ensino. Segundo Arena (2024), em sua palestra sobre “Alfabetização Humanizadora” no evento da JORPED – Jornada da Pedagogia, ocorrida na UNESPAR/Campus Paranavaí, é preciso inserir a criança no mundo digital, para promover oportunidade dela de se colocar no mundo atual, que é o mundo digital. As crianças devem compreender o que são caracteres, saber usar e manipular essa ferramenta. Isso porque, aprender os caracteres que estão no celular, também trata-se de considerar uma unidade de escrita e a forma como a cultura letrada se apresenta neste espaço e também humaniza.

Diante disso, foi pensado durante o processo de planejamento de aula, um jogo para imitar o uso da tecnologia, a fim de conhecer o teclado utilizado em celular, computador, tablet. Os alunos simulavam que estavam escrevendo e depois escreviam na “tela”. Ao final era possível apagar a escrita e recomeçar a brincadeira.

FIGURA 01 – JOGO ESCRITA NO “TABLET”



Fonte: Compilado da intervenção pedagógica da autora (2024).

Trata-se de um processo de desconstrução para construir. Não se conformar com o que está padronizado e possibilitar uma aprendizagem com um conhecimento que pode estar distante das vivências da criança. Nessa perspectiva:

[...] o jogo é um instrumento eficaz para a formação da identidade e a diferenciação do indivíduo. Porém, os professores precisam ser muito cautelosos e sensíveis para não reproduzirem através de seus valores, os papéis culturais tradicionais (Kishimoto, 1999 apud Oliveira et al., 2013, p. 24).

Enfim, os jogos é uma ferramenta muito importante para o processo de ensino e aprendizado, a criança aprende de maneira mais significativa e socializa com outras crianças, promovendo um desenvolvimento mais qualitativo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse exposto, o estudo teórico, atrelado à prática desenvolvida no campo de estágio mostraram que os jogos podem ser uma ferramenta pedagógica

eficaz para alfabetização, promovendo o desenvolvimento da oralidade e escrita de maneira significativa.

O jogo é uma ferramenta pedagógica imprescindível no processo de alfabetização e para promover o desenvolvimento da criança, isso porque desafia a criança a buscar meios para encontrar maneiras para vencer, seguindo regras, brincando. Trata-se de desenvolver o raciocínio, a curiosidade, o pensamento, a concentração e portanto, o conteúdo. Com isso, é possível afirmar que os jogos são um importante recurso didático para o processo de ensino e aprendizagem de crianças em processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

ARENA, Dagoberto Buim. **Alfabetização Humanizadora na Era Digital**. YouTube, 27 de agosto de 2024. 01h53min14s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cyOsH7H3hPM>>. Acesso em: 27 de ago. de 2024.

BUENO, Aline. **A Importância de Jogos e Brincadeiras na Alfabetização de Alunos do Primeiro Ano do Ensino Fundamental**. Curitiba: UNINTER. 2022.

GOMES, Tatiane Andressa de Almeida. **O desenvolvimento da linguagem oral e a sua relevância no processo de alfabetização: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural e da Fonoaudiologia**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2016.

COSTA, Sônia Santana da; GODOY, João Paulo; Wanessa, MANHENTE. **Alfabetização e Letramento em uma Perspectiva Histórico Cultural**. Uberlândia: Obutchénie, 2017.

GONÇALVES, Kalyandra Khadynelmai; LOPES, Paulo; RODRIGUERO, Celma Regina Borghi. **O Desenvolvimento da Leitura e da Escrita: Contribuições da Teoria Histórico-Cultural para a Prática Pedagógica**. Maringá: Universidade Estadual do Paraná, 2023.

OLIVEIRA, Daniela Beatriz de; MENEZES, Nayara Soares Camargo, PRADO, Valéria C. Gimenes. **Jogos e Brincadeiras na Alfabetização**. São Sebastião do Paraíso: Faculdade Calafiori, 2013.

PAULA, Ellen Prado Bueno de; SOUZA, Maria de Fátima Proença. **A Contribuição dos Jogos no Processo de Alfabetização**. Itapeva: Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias, 2019.

SOUZA, Alexandra Francisca de. **Jogos no Processo de Alfabetização de Alunos da Primeira Série do Ensino Fundamental:** Proposta de Intervenção Pedagógica para ser aplicada durante o Estágio Supervisionado. Viana: Instituto Federal do Espírito Santo, 2022.

LEITURA E A ESCRITA: O MOVIMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ALFABETIZAÇÃO

MOREIRA, Sabrina Borges¹⁷⁵
SANTOS, Luara Alexandre dos¹⁷⁶

RESUMO: A apropriação da leitura e da escrita se resume em um processo fundamental na vida de uma criança em fase de alfabetização, prioritariamente nos anos iniciais do ensino fundamental, isso porque, a relação que a criança tiver com as letras e o seu papel definirá como também poderá se relacionar com o mundo ao seu redor. Neste sentido, o presente trabalho se refere ao relato da experiência vivenciada no estágio supervisionado curricular da disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, do curso de Pedagogia, da UNESPAR/Campus Paranavaí e tem como objetivo refletir acerca da importância de entendermos, ainda enquanto acadêmicos, de maneira teórica e prática o processo de alfabetização de crianças que estudam no 1º ano do ensino fundamental I. O estágio foi realizado em uma escola pública do município de Paranavaí, tendo 10 encontros presenciais, organizados em observações-participativas e intervenções pedagógicas, de modo a permitir uma visão da sala de aula e de práticas educacionais voltadas à alfabetização. Podemos então dizer que a relevância de tal relato reside na importância de entender o estágio obrigatório enquanto uma oportunidade de aprendizagem e reflexão crítica da organização e prática de ensino. Somente vivenciando o chão da escola foi possível projetar a relação entre teoria e prática, o que é fundamental para a formação inicial do professor. Além disso, ainda apontamos que a alfabetização é a chave para o acesso a diferentes conhecimentos científicos, uma vez que se torna o principal meio de obter a cultura em nossa sociedade. Desta forma, este trabalho se propõe a descrever e analisar alicerces da experiência vivenciada no estágio, abordando as metodologias de ensino da leitura e da escrita e interação entre alunos e professores. Foi adotado o caminho metodológico qualitativo para realização de observações, discussões teóricas e análise de registro de práticas educacionais vivenciadas. Este relato contempla as etapas de planejamento, execução e avaliação de práticas didáticas voltadas ao desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita entre os alunos. A apresentação dos resultados demonstrou que a participação efetiva do aluno nas propostas pedagógicas, somada a ações lúdicas planejadas, possibilitou um envolvimento significativo com o conteúdo apresentado. As dificuldades apresentadas foram abordadas à luz da teoria histórico-cultural, destacando a necessidade da formação continuada do professor em práticas educacionais que constantemente refletem o fazer docente. Portanto, a experiência registra a

¹⁷⁵ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), sabrinaborges3015@gmail.com.

¹⁷⁶ Mestre em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luara.santos@unespar.edu.br.

importância do estágio supervisionado para a formação de um pedagogo, que demonstra a teoria previamente estudada em prática no ensino da leitura e escrita.

Palavras-chave: Alfabetização; Estágio supervisionado; Práticas Pedagógicas.

1- INTRODUÇÃO

A apropriação de leitura e escrita é um processo de significativa importância para a formação de uma criança, por todo o período de alfabetização, sobretudo, durante a frequência dos primeiros anos do ensino fundamental I. É nesse período que o discente desenvolve a sua relação com a linguagem e, conseqüentemente, com o mundo. Assim, o presente trabalho tem como finalidade principal a reflexão acerca da importância do acadêmico compreender a teoria e a prática de todo o processo de alfabetização de uma criança do 1º ano do ensino fundamental.

O relato de experiência em questão é baseado na experiência de estágio curricular supervisionado da disciplina Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, do curso de pedagogia da UNESPAR/Campus Paranavaí. Nessa etapa, composta por 10 encontros, foram realizadas observações-participativas e intervenções pedagógicas em uma escola pública do município de Paranavaí. Durante o período, pôde-se analisar o trabalho pedagógico por meio da observação, interação com o processo de ensino e de práticas educativas envolvendo a aprendizagem de leitura e escrita.

O estágio supervisionado foi uma oportunidade de aprendizagem e de reflexão crítica que permitiu a integração entre teoria e prática. Assim, revelou-se fundamental para a formação inicial do pedagogo, contribuindo para a compreensão do processo de alfabetização e da elaboração de práticas pedagógicas mais significativas, conforme o relato que se segue.

[...] durante a graduação, para que o estágio supervisionado também se constitua um momento de produção de conhecimentos, esse processo de preparação profissional do licenciado não pode ser limitado a uma atividade meramente vivencial, prática, ou conceitual, teórica. Ao contrário, essa experiência deve ser entendida como um momento de contemplação, de investigação, como uma forma metodológica de pesquisa-ação da práxis [...] (Mesquita, 2010, p.22).

Para tal, temos como finalidade descrever experiências vivenciadas, destacando a sua importância em compreender o quanto o processo de alfabetização é a chave para a efetivação de acesso à ciência e à cultura em nossa sociedade real. Através de um método qualitativo, podemos acompanhar, observar, discutir teoricamente, analisar a aula e entender que a ludicidade presente em nosso planejamento foi essencial para um aprendizado significativo. Além disso, também foi caminho para identificar dificuldades encontradas, embasadas na teoria histórico-crítico afim de compreender que a formação do professor é a ferramenta fundamental para práticas educativas reflexivas e críticas.

Leontiev (2006) elucida que a aprendizagem promove o desenvolvimento humano. Ao aprender, a criança se desenvolve. Com base nessa vertente, em se tratando da aquisição da leitura e da escrita, para Campos e Almeida (2020), por meio de atividades com a literatura, cria-se o desejo e a necessidade de ler.

Segundo o mesmo autor acima, o aprender desempenha um importante papel no processo do desenvolvimento humano, já que essa ação é a espécie de motor por trás do processo do desenvolvimento da criança. Essas considerações tornam essencial a discussão da importância das atividades de literatura para a aprendizagem. As brincadeiras de faz de conta presentes na trama das narrativas literárias exercem, então, um grande destaque na prática criativa, isso porque, favorecem o desenvolvimento da função simbólica. Para poder avançar no domínio da leitura e da escrita, antes de tudo, deve-se possibilitar as condições para que ocorra o desenvolvimento da função simbólica durante a infância. Faz-se necessário, para tanto, enriquecer o cotidiano da educação com ações realmente orientadas ao sentido e significado correspondentes às necessidades próprias ao período de desenvolvimento da criança.

2- RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o período de observação-participativa, tornou-se evidente que a abordagem adotada pela professora-regente em sala de aula estava predominantemente centrada na codificação (escrita) e decodificação (leitura). Suas ações visavam assegurar, de maneira prática, que todos os alunos estivessem alfabetizados ao término do ano letivo, em conformidade com as diretrizes da equipe

diretiva. Um exemplo de suas práticas foi a exploração da leitura coletiva do alfabeto e do silabário, numa tentativa de promover a memorização e a compreensão da relação entre som e símbolo.

Durante as observações participativas, constatou-se que a prática dos ditados coletivos era conduzida de maneira que promovia a autonomia dos alunos. Eles eram incentivados a escrever livremente, de acordo com a própria pronúncia, o que lhes conferia liberdade para expressar-se conforme sua fala. Essa abordagem permitia que os estudantes explorassem a relação entre a oralidade e a escrita, facilitando a compreensão das correspondências fonéticas e ortográficas. Além disso, ao valorizar as particularidades linguísticas de cada aluno, a professora fomentava um ambiente inclusivo que respeitava as diversidades culturais e regionais presentes na sala de aula. Essa metodologia está alinhada com princípios educacionais que defendem a autonomia e o protagonismo dos estudantes, promovendo um aprendizado mais significativo e contextualizado.

Paulo Freire (2013) enfatiza a importância de respeitar a autonomia dos educandos, afirmando que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Essa perspectiva reforça a relevância de práticas pedagógicas que promovam a liberdade de expressão e a valorização das particularidades linguísticas dos alunos, como observado na abordagem dos ditados coletivos.

A prática mediadora é essencial não apenas na alfabetização inicial, mas ao longo de toda a trajetória escolar do indivíduo. É crucial reconhecer que as atividades propostas nas salas de alfabetização precisam ser reformuladas, considerando que os alunos ingressam no ambiente educacional já inseridos em uma sociedade letrada. Portanto, é necessário oferecer propostas que os levem a refletir sobre a verdadeira função da leitura e da escrita, facilitando sua integração nessa cultura letrada. Dado que as crianças estão em contato cada vez mais cedo com diversas formas de registro escrito, a alfabetização desses alunos deve ocorrer na esfera escolar para que seja realmente significativa, abordando temas que possibilitam reflexões e ações necessárias para efetivar esse aprendizado tão importante na vida humana.

A organização de uma estrutura educacional tem como objetivo primordial promover a aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento integral do ser humano, por isso é fundamental considerar o desenvolvimento em sua totalidade, abrangendo aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos, para que elas possam

se apropriar da cultura e participar ativamente do processo de aprendizagem. Dessa forma, é necessário repensar as dinâmicas das ações propostas nas salas de alfabetização, reconhecendo que os alunos já fazem parte de uma sociedade letrada. Eles precisam de experiências que os levem a refletir sobre a verdadeira função da leitura e da escrita, facilitando sua inserção nessa cultura.

[...] O fundamental da escola é justamente a criança aprender o novo, por isso é a zona de desenvolvimento próximo que determina o campo das mudanças acessíveis à criança, é ela que representa o momento mais importante na relação da aprendizagem com o 97 desenvolvimento, por esse motivo é imprescindível que a intervenção do professor se dê em nível prospectivo (FACCI, 2010, p.136).

A importância da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conceito introduzido por Lev Vygotsky, na educação infantil, é definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real da criança, caracterizado pela capacidade de resolver problemas de forma independente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela resolução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com pares mais capazes. Isso implica para que a aprendizagem eficaz ocorra quando o ensino é direcionado a funções que ainda estão em processo de desenvolvimento, mas que podem ser realizadas com a mediação adequada. Portanto, a intervenção do professor deve ser prospectiva, focando não apenas no que a criança já sabe, mas principalmente no que ela está em vias de aprender, promovendo, assim, seu desenvolvimento cognitivo e ampliando suas capacidades.

O professor desempenha um papel crucial como quem possibilita uma aprendizagem significativa. Para que a mediação seja eficaz, é essencial que o docente compreenda o estágio atual de desenvolvimento de seus alunos e onde espera que o mesmo chegue. Com base nesse entendimento, ele pode elaborar estratégias pedagógicas que promovam uma aprendizagem significativa, facilitando o progresso cognitivo dos estudantes. Ao atuar dessa maneira, o professor não apenas transmite conhecimento, mas também incentiva a autonomia e o pensamento crítico, elementos fundamentais para o desenvolvimento integral do aluno.

É uma etapa crucial na formação de professores, pois permite a integração entre o planejamento pedagógico e a prática docente. Durante essa fase, os futuros professores enfrentam diversos desafios ao transformar teorias em ações concretas em sala de aula. Um dos principais obstáculos é a articulação entre o conhecimento

teórico adquirido na universidade e sua aplicação prática, no ambiente escolar. Além disso, fatores como a dinâmica escolar, a diversidade dos alunos e as variáveis contextuais podem interferir no processo de ensino e aprendizagem, exigindo do acadêmico flexibilidade e capacidade de adaptação. Por meio de um planejamento, é essencial para superar essas dificuldades e promover uma formação docente sólida e reflexiva. Cada atividade foi meticulosamente planejada, levando em conta o conteúdo e o contexto histórico e social da turma. Realizamos adaptações conforme as orientações da professora de estágio, visando atender às necessidades específicas dos alunos e implementar estratégias que incentivem a motivação e o interesse das crianças pela aprendizagem.

O planejamento de suas práticas depende fundamentalmente de você ter clareza das metas - habilidades e conhecimentos – a alcançar, para que haja continuidade no desenvolvimento e aprendizagem das crianças e para que as habilidades e os conhecimentos sejam desenvolvidos e aprendidos com integração das metas em cada ano (Soares, 2021, p. 300).

No planejamento pedagógico claro e direcionado, focado no desenvolvimento contínuo das crianças, ao estabelecer metas específicas de habilidades e conhecimentos para cada ano letivo, o professor assegura uma progressão integrada e coerente no processo de ensino e aprendizagem. Essa abordagem permite que os conteúdos sejam trabalhados de forma articulada, promovendo uma construção sólida do saber e facilitando a apropriação pelos alunos. Além disso, um planejamento bem estruturado possibilita ao professor monitorar o progresso dos estudantes, identificar necessidades individuais e ajustar suas estratégias de ensino conforme necessário, garantindo, assim, uma educação de qualidade que atende às demandas de cada etapa do desenvolvimento infantil.

Tivemos a oportunidade de identificar diversos aspectos enriquecedores. Observamos, por exemplo, a importância fundamental da escrita e como o processo de alfabetização vem sendo cuidadosamente transmitido às crianças, desempenhando um papel crucial em sua formação. Essas vivências permitiram uma reflexão profunda sobre o campo da alfabetização, evidenciando a relevância e a eficácia das abordagens utilizadas para fomentar o desenvolvimento integral dos alunos.

Através dos estudos realizados, refletimos sobre a importância de adotar propostas metodológicas que contribuam efetivamente para a aprendizagem infantil. As metodologias aplicadas no ambiente escolar devem ser organizadas de modo a motivar as crianças a desejarem aprender continuamente. A escolha apropriada de estratégias pedagógicas desempenha um papel significativo no desenvolvimento educacional dos alunos, promovendo sua participação ativa, engajamento e conexão com a realidade, o que estimula um ambiente propício à aprendizagem significativa e ao avanço nos diferentes níveis de conhecimento.

O desenvolvimento humano não ocorre de forma isolada, ou seja, é frequentemente influenciado por diversos fatores. Por meio das interações sociais, o indivíduo consegue evoluir, promovendo um desenvolvimento de qualidade. A interação social é a origem e o motor da aprendizagem e do desenvolvimento intelectual.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das considerações apresentadas ao longo deste estudo, cujo objetivo foi descrever a importância do estágio supervisionado na formação docente, a partir das experiências e saberes adquiridos no estágio supervisionado metodologia do ensino de alfabetização do ensino fundamental, conclui-se que essa vivência desempenha um papel preponderante na formação profissional do futuro professor. Trata-se de um momento essencial para que os acadêmicos se preparem de maneira concreta para a prática pedagógica em sala de aula, desenvolvendo habilidades fundamentais para o exercício da docência.

Ao vivenciar essa experiência prática, os estagiários tornam-se mais capacitados para enfrentar os desafios inerentes à profissão docente, adquirindo maior segurança, senso crítico e autonomia no planejamento e na condução das aulas. Nesse sentido, o estágio curricular de ensino e metodologia do ensino de alfabetização como já discutido, deve ser considerado um instrumento indispensável na formação do professor, pois proporciona elementos essenciais para a compreensão da realidade escolar, além de favorecer a construção de uma identidade profissional pautada em reflexões e aprimoramentos contínuos. A experiência em sala de aula revela que tanto alunos quanto professores enfrentam desafios significativos

no processo de alfabetização. É comum que educadores se sintam frustrados quando suas estratégias de ensino não resultam no progresso esperado dos alunos. Embora tenha ocorrido avanços no campo educacional, ainda há muito a ser aprimorado para garantir que todos os estudantes sejam plenamente integrados ao universo da leitura e escrita.

É fundamental que o professor, juntamente com suas estratégias de ensino, atue diretamente na zona de desenvolvimento proximal, auxiliando o aluno a realizar de forma independente tarefas que antes necessitavam de apoio. Nesse contexto, a perspectiva histórico-cultural oferece uma base teórica sólida para compreender o desenvolvimento infantil, permitindo a elaboração de propostas pedagógicas eficazes que promovam a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos educandos.

Além disso, as aprendizagens oriundas dessa experiência prática exercem uma influência direta no cotidiano profissional, uma vez que cada turma apresenta particularidades que exigem abordagens pedagógicas diferenciadas. A cada novo ciclo escolar, surgem novas situações que desafiam o professor a buscar atualizações constantes, aprimorando sua prática docente por meio de formações continuadas, trocas de experiências e reflexões sobre suas próprias práticas. Dessa forma, o estágio metodologia do ensino de alfabetização não apenas capacita o futuro docente para atuar com mais segurança e competência, mas também fomenta uma postura profissional crítica, investigativa e inovadora, essencial para acompanhar as transformações do cenário educacional contemporâneo.

REFERÊNCIAS

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Vigotski e o processo ensino-aprendizagem: a formação de conceitos. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; MILLER, Stela (Orgs.) Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. 2ª edição, 2010.p.49-51.

SOARES, M. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2022.

VIGOTSKI. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII L.S.; LURIA, A.R; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. S. P. Ícone, 2006, p. 103-117.

Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire
– 46ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL, COM JORNADA AMPLIADA

PEREIRA, Emilly Cristina Teles da Silva¹⁷⁷

RUGERI, Isabela Beatriz Nogueira¹⁷⁸

RODRIGUES, Adriana Aparecida¹⁷⁹

RESUMO: O presente artigo investiga como ocorre o desenvolvimento da criança no contexto de uma escola de tempo integral que adota a jornada ampliada. O objetivo geral é analisar o impacto desse modelo no processo de aprendizagem das crianças, observando como o tempo prolongado na escola contribui para o seu desenvolvimento. O artigo também se dedica a entender, de forma específica, como a estrutura e organização de uma escola de tempo integral com jornada ampliada afetam o desempenho e o desenvolvimento integral dos estudantes, considerando aspectos pedagógicos, sociais e emocionais. O objetivo geral da pesquisa é compreender como o processo de aprendizagem se desenvolve em um contexto de tempo integral, onde os alunos passam mais tempo na escola e têm acesso a atividades educativas, culturais e recreativas complementares. Além de analisar o impacto no desenvolvimento cognitivo e acadêmico das crianças, o artigo também se propõe a observar como esse modelo influencia o desenvolvimento emocional e social dos estudantes. A metodologia utilizada no estudo será baseada em pesquisa qualitativa, além da observação direta das práticas do estágio supervisionado dos anos iniciais do ensino fundamental, pedagógicas em sala de aula e em atividades extracurriculares. A pesquisa tem como base a análise de dados coletados em uma escola de tempo integral, buscando identificar como a ampliação da jornada escolar pode contribuir para um maior rendimento acadêmico e um desenvolvimento mais equilibrado. Essa investigação visa, assim, fornecer uma análise aprofundada sobre as vantagens e desafios da educação em tempo integral, com foco nas experiências de ensino/aprendizagem proporcionadas pelo tempo estendido, bem como nos impactos no desempenho escolar e no desenvolvimento integral das crianças.

¹⁷⁷ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), emmy_teles@hotmail.com.

¹⁷⁸ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), isaunespar@gmail.com.

¹⁷⁹ Pós-doc e doutora em Educação; Professora orientadora e supervisora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) e do Centro Universitário UniFatecie, drikarodrigues66@hotmail.com.

Palavras-chave: Ensino em tempo integral, Jornada ampliada, Processo de aprendizagem e Atividades extracurriculares.

1 INTRODUÇÃO

A educação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, sendo um dos principais fatores que influenciam seu crescimento cognitivo, emocional e social. Nos últimos anos, o modelo de ensino em tempo integral, especialmente nas escolas que adotam a jornada ampliada, tem ganhado destaque como uma abordagem que visa enriquecer o processo de aprendizagem. Esse modelo oferece uma estrutura que vai além das aulas tradicionais, incorporando atividades extracurriculares.

Este artigo tem como objetivo investigar como ocorre o desenvolvimento da criança no contexto de uma escola de tempo integral com jornada ampliada. Busca-se entender de que forma a ampliação da jornada escolar contribui para o aprendizado e o desenvolvimento integral dos alunos, abordando não apenas o aspecto acadêmico, mas também as dimensões emocionais e sociais.

De acordo com Sforzi e Galuch (2006), a construção de conceitos nas séries iniciais do ensino fundamental é essencial para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos ao longo de sua trajetória escolar, portanto, este estudo busca responder de que forma a ampliação da jornada escolar contribui para o aprendizado e o desenvolvimento integral dos alunos, abordando não apenas o aspecto acadêmico, mas também as dimensões emocionais e sociais. A importância de compreender esses impactos se torna evidente, uma vez que as práticas educacionais devem se adaptar às necessidades de um mundo em constante mudança.

Dessa forma, compreender os efeitos da jornada ampliada sobre a aprendizagem das crianças vai além de uma análise meramente acadêmica; trata-se de um passo crucial para a transformação das práticas educacionais nas escolas de tempo integral. Ao explorar as interações entre os diversos componentes do ambiente escolar, espera-se que esta pesquisa contribua para o aprimoramento das práticas

pedagógicas, promovendo um ensino que não apenas enriqueça o conhecimento acadêmico, mas também favoreça o crescimento social e emocional dos alunos.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 O QUE É A JORNADA AMPLIADA?

A jornada ampliada é um modelo educacional que visa aumentar o tempo que os alunos passam na escola, integrando atividades acadêmicas e extraclasse de maneira harmoniosa. Esse formato é parte de uma proposta mais ampla de educação integral, que busca não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o social, emocional e físico dos estudantes. A ideia central da jornada ampliada é criar um ambiente de aprendizagem que possibilite experiências diversificadas, favorecendo a formação integral do aluno e preparando-o para os desafios do mundo contemporâneo.

O desenvolvimento da jornada ampliada tem suas raízes na necessidade de criar um ambiente escolar mais inclusivo e diversificado. A proposta surgiu como uma resposta às demandas contemporâneas por uma educação que não se limite ao ensino de conteúdos, mas que promova o desenvolvimento integral do aluno. Com a ampliação da jornada escolar, as instituições de ensino têm a oportunidade de oferecer uma gama mais ampla de atividades, como educação artística, esportiva, cultural e tecnológica, permitindo que os alunos explorem diferentes áreas do conhecimento e desenvolvam habilidades essenciais para a vida.

Uma das principais características da jornada ampliada é a ênfase na interdisciplinaridade. Em vez de abordar as disciplinas de forma isolada, a jornada ampliada propõe que os alunos relacionem conteúdos e conceitos, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. Esse enfoque ajuda os estudantes a compreenderem melhor a realidade ao seu redor e a desenvolverem um pensamento crítico.

O desenvolvimento da jornada ampliada também se relaciona com a necessidade de atender às demandas das comunidades e das famílias. Muitas vezes, as escolas que adotam esse modelo se tornam um ponto de apoio para as famílias,

oferecendo um espaço seguro e estimulante para os alunos após o horário escolar tradicional. Isso é especialmente importante em contextos em que as crianças podem enfrentar desafios, como a falta de supervisão em casa ou a necessidade de apoio adicional em suas atividades escolares.

“Temos que ter claro que um programa feito em uma instância distante do chão da escola, para atender de forma massiva todas as regiões do Brasil, não contemplará realidades e necessidades que se mostram tão diversas em cada contexto educativo” (Cordeiro, 2017, p. 1127). Logo, a jornada ampliada é uma estratégia educacional que amplia o tempo dedicado ao aprendizado, permitindo uma abordagem mais dinâmica e integrada ao ensino. Assim, ao repensar os espaços e tempos do educar, a jornada ampliada não só amplia o tempo disponível para o aprendizado, mas também transforma a maneira como os alunos interagem com o conhecimento e com o mundo ao seu redor.

A implementação de programas educacionais em nível nacional apresenta desafios importantes, especialmente quando se considera a diversidade cultural, social e econômica que caracteriza as escolas brasileiras. Embora a ampliação da jornada escolar seja uma iniciativa promissora, quando aplicada de forma generalizada e desconsiderando as especificidades locais, pode acabar se tornando ineficaz ou, em alguns casos, contraproducente.

Cada contexto escolar possui particularidades que refletem as vivências e necessidades dos alunos e da comunidade em que está inserido. Programas formulados em instâncias distantes da realidade escolar muitas vezes falham ao não contemplar essas nuances. O que pode operar em uma escola de uma grande capital, com mais recursos e infraestrutura, pode não ser viável em regiões rurais ou periféricas, onde os desafios são benéficos diferentes. As realidades locais pedem soluções personalizadas e flexíveis, que levam em consideração não apenas o aumento do tempo escolar, mas também o modo como esse tempo será utilizado.

Sem um planejamento que dialoga diretamente com as necessidades específicas de cada contexto, a ampliação da jornada corre o risco de se tornar uma simples extensão de horas, sem uma contribuição real para o desenvolvimento integral dos alunos. Nessas circunstâncias, os educadores e gestores locais precisam

adaptar essas propostas, considerando os recursos disponíveis, o perfil dos estudantes e os desafios específicos da comunidade.

O verdadeiro sucesso de programas educacionais como uma jornada ampliada depende, portanto, da capacidade de ajustar políticas amplas às particularidades locais. Sem essa adaptação, o risco é que os alunos, em vez de se beneficiarem de um ensino enriquecido, sejam submetidos a uma rotina cansativa e desestimulante, que não atendem às suas reais necessidades de aprendizagem e desenvolvimento.

2.2 JORNADA AMPLIADA NA PRÁTICA

Durante as observações e interação que o Estágio Supervisionado dos anos Iniciais do ensino fundamental, em uma escola de jornada ampliada situada em um bairro periférico, na cidade de Paranavaí, observamos as nuances desse modelo educacional na prática. Ao chegar à escola, percebemos que a implementação da jornada ampliada era completamente diferente do que esperávamos. Embora a proposta visava oferecer mais tempo para a aprendizagem e atividades diversificadas, a realidade mostrava-se desafiadora.

A forma de dar aula era maçante e cansativa, em específico no período vespertino. As aulas, muitas vezes, eram conduzidas de maneira tradicional, com pouca interação e estímulo para os alunos. As crianças, que já passavam muitas horas na escola, mostravam-se visivelmente cansadas e sem interesse no conteúdo. O ambiente, que deveria ser acolhedor e dinâmico, carecia de recursos adequados e de uma infraestrutura que facilitasse as atividades propostas pela jornada ampliada.

Além disso, a falta de professores qualificados se tornou evidente ao longo das observações. Os educadores, que se esforçaram para cumprir a carga horária, enfrentavam dificuldades em engajar os alunos e diversificar as metodologias de ensino. Essa situação não apenas impactava a qualidade do aprendizado, mas também refletia na motivação das crianças, que frequentemente pareciam desinteressadas e desconectadas do que estava sendo ensinado.

Enfim, reconhecer a presença da tríade indivíduo/sociedade/espécie nas pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento umas das outras, respeitando e valorizando as características do território, tendo as instituições de ensino como articuladores de todo o trabalho a ser desenvolvido sob a égide da Educação Integral, sendo em tempo parcial ou por meio da Educação em jornada ampliada. (Ribeiro; Araújo; Simões, 2021, p. 55).

A jornada ampliada, quando implementada de forma efetiva, tem o potencial de promover a formação integral do aluno, conforme destacado na citação, essa visão teórica contrasta significativamente com a realidade que vivenciamos durante a experiência de estágio.

Nas observações, a escola apresentava uma abordagem de jornada ampliada que carecia de estrutura e recursos adequados, resultando em aulas maçantes e cansativas. Enquanto a citação enfatiza a importância de uma articulação inteligente entre tempo, espaço e formação docente, a realidade que testemunhamos mostrava professores sobrecarregados e sem a qualificação necessária para utilizar o tempo extra de maneira criativa e engajadora. Essa falta de formação prejudicou a capacidade dos educadores de adaptar suas práticas às necessidades dos alunos, levando a um ambiente de aprendizagem desinteressante.

Além disso, a citação aponta para a importância de respeitar a diversidade e as especificidades do contexto educacional. No entanto, na escola que observamos, as estratégias de ensino não levavam em conta a realidade das crianças e suas vivências, resultando em um desinteresse evidente por parte dos alunos. Essa desconexão entre a proposta da jornada ampliada e a prática cotidiana levou ao cansaço e à desmotivação das crianças, contrastando com a ideia de que um ambiente educativo dinâmico e respeitoso pode potencializar o aprendizado.

Sabemos que são muitos os fatores que incidem sobre a qualidade da educação, como infraestrutura, formação docente, condição de trabalho, currículo escolar etc. No caso dos programas de educação em tempo integral, um fator que deixa a desejar é a falta de planejamento, com muita rotatividade de professores e monitores, comumente voluntários ou com o elo empregatício muito frágil e, por vezes, até sem formação (Mól; Barbosa; Santos, 2021, p. 133).

A ampliação da jornada escolar é uma estratégia que, quando bem implementada, pode transformar o processo educacional. No entanto, em muitas escolas, incluindo a que observamos, a falta de diretrizes e de formação adequada compromete a eficácia da jornada ampliada. Sem um planejamento claro, os educadores enfrentam dificuldades em oferecer atividades que realmente engajem os alunos. Além disso, a ausência de um comprometimento conjunto entre professores, gestores e a comunidade escolar resulta em práticas pedagógicas que não atendem às necessidades das crianças, levando ao desinteresse e ao cansaço. Portanto, é imprescindível que a ampliação da jornada escolar seja acompanhada por um compromisso coletivo que valorize a formação dos educadores e a criação de um ambiente de aprendizado dinâmico e inclusivo.

Durante a prática pedagógica em dupla, tivemos a oportunidade de explorar atividades lúdicas e criativas com turmas de diferentes anos, adaptando o conteúdo de maneira a atender às necessidades e interesses específicos de cada grupo.

No 1º ano, ganhamos com o conceito de sequência numérica, utilizando como base o livro *Dez Sacizinhos*. A contação de histórias foi uma das ferramentas mais eficazes que utilizamos. Para tornar a atividade mais envolvente, utilizamos recursos visuais e materiais manipuláveis que representavam os personagens da história, como pequenos sacis, o que despertou a curiosidade e cativou a atenção das crianças. O encantamento pelo enredo, somado à manipulação dos objetos, fez com que os alunos se envolvessem com o processo de contagem de forma espontânea. Eles não apenas seguiram a sequência numérica, mas também internalizaram o conceito de maneira prazerosa, interagindo e participando durante toda a atividade.

Figura 01: Contação de história



Fonte: acervo das autoras.

No 3º ano, o foco foi trabalhar com regras de jogo, utilizando brincadeiras tradicionais e antigas. Apresentamos jogos que muitos dos alunos não conheciam, como amarelinha, pião e pega-pega, conectando-os à cultura popular. Foi surpreendente ver como as crianças se engajaram ao aprender as regras desses jogos, demonstrando interesse em entender e aplicar as instruções. Essa abordagem não só proporcionou diversão, mas também ensinou lições importantes sobre respeito às regras, cooperação e trabalho em equipe. A atividade foi extremamente participativa, e os alunos, além de se divertirem, aprenderam a importância do cumprimento das normas para que o jogo funcionasse melhor.

Figura 02: Organização do jogo



Fonte: Acervo das autoras.

No 4º ano, obtivemos substantivos de uma maneira que oferecesse espaço para a expressão pessoal dos alunos. Criamos atividades que incentivam os estudantes a identificar e utilizar substantivos em diferentes contextos, sempre de forma lúdica. Eles tiveram a oportunidade de expressar suas próprias ideias, criando frases e histórias curtas, o que proporcionou um ambiente sonoro e interativo. As crianças não apenas aprenderam sobre o conteúdo, mas também desenvolveram suas habilidades de comunicação, enquanto interagiam de maneira criativa com a língua portuguesa. Essa atividade foi especialmente gratificante, pois os alunos participaram de forma aberta, contribuindo com suas percepções e demonstrando um grande interesse em compartilhar suas histórias.

Figura 03: Jogo dos substantivos



Fonte: Acervo das autoras.

A jornada ampliada tem o potencial de transformar a experiência educacional, mas sua implementação deve ser pensada de maneira crítica e cuidadosa. Idealmente, essa proposta deveria ser muito mais do que apenas aumentar o tempo que os alunos passam na escola, deveria ser uma oportunidade para reimaginar a educação, promovendo práticas pedagógicas inovadoras e integradoras que atendam às diversas necessidades dos estudantes.

Primeiramente, é essencial que a jornada ampliada seja acompanhada de uma infraestrutura adequada. Escolas precisam de recursos físicos, como espaços adaptáveis e bem equipados, que permitam a realização de atividades diversificadas, como aulas práticas, artísticas e esportivas. Um ambiente de aprendizado estimulante deve ser uma prioridade, garantindo que os alunos se sintam motivados e engajados.

Além disso, a formação contínua e qualificada dos educadores é fundamental. Para que a jornada ampliada cumpra seu papel, os professores devem ser capacitados para desenvolver metodologias que integrem conhecimento teórico e prático, respeitando as particularidades de cada aluno. Sem essa formação, os educadores podem se sentir despreparados para enfrentar os desafios dessa abordagem, resultando em aulas repetitivas e desinteressantes.

A jornada ampliada também deve contemplar a interdisciplinaridade, permitindo que os alunos conectem diferentes áreas do conhecimento. As atividades não podem ser tratadas de forma isolada; é preciso promover projetos que envolvam várias disciplinas, estimulando o pensamento crítico e a criatividade. Isso não apenas enriquece a aprendizagem, mas também a torna mais significativa para os alunos.

A jornada ampliada é abordada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como uma estratégia para promover uma educação integral e de qualidade. A BNCC reconhece que a ampliação do tempo escolar pode proporcionar aos alunos mais oportunidades de aprendizado, permitindo a integração de diferentes áreas do conhecimento e o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para a formação cidadã.

Na BNCC, a jornada ampliada é vista como um espaço propício para a construção de conhecimentos, experiências e vivências que vão além do currículo tradicional. Ela enfatiza a importância de um currículo flexível e que respeite a diversidade dos estudantes, promovendo atividades que incluam não apenas conteúdos acadêmicos, mas também artes, esportes e projetos interdisciplinares. A ideia é que o tempo adicional na escola seja utilizado de maneira a enriquecer a formação dos alunos, preparando-os para os desafios do século XXI (Brasil, 2017).

No entanto, na prática, a implementação da jornada ampliada muitas vezes enfrenta desafios significativos. Muitas escolas carecem de infraestrutura adequada e de recursos que possibilitem a realização de atividades diversificadas e engajadoras. Além disso, a formação dos professores nem sempre é suficiente para que eles possam utilizar efetivamente o tempo ampliado de forma criativa e significativa.

“Entendemos que a educação integral e(m) tempo integral vai muito além da ampliação de tempo e exige uma ampliação dos conhecimentos e de oportunidade de aprendizagem. É preciso ter a ampliação do espaço onde se dão as atividades” (Mól; Barbosa; Santos, 2021, p.138). Logo, entendemos que a jornada ampliada é uma proposta que, quando implementada de forma competente, pode ser uma ferramenta poderosa para a transformação educacional. Contudo, para que essa transformação ocorra, é necessário que a abordagem não se restrinja apenas ao aumento da carga horária escolar, mas que também promova uma reestruturação significativa nas práticas pedagógicas e na cultura escolar.

Um dos pontos centrais a se considerar é a infraestrutura das escolas. Em muitas instituições, especialmente em áreas periféricas, a falta de recursos físicos adequados prejudica o desenvolvimento de um ambiente de aprendizado diversificado. Na escola que observei, por exemplo, a falta de laboratórios, espaços para atividades artísticas e áreas recreativas limitou as possibilidades de aprendizado. A jornada ampliada, nesse contexto, transforma-se em mais horas de aulas tradicionais, sem a oferta de experiências ricas e variadas que poderiam estimular a curiosidade dos alunos. É fundamental que as escolas invistam em sua estrutura física, criando espaços que incentivem a experimentação e a interação.

A flexibilidade curricular é outro ponto que merece atenção. O currículo deve ser adaptável e respeitar a diversidade cultural e as particularidades dos alunos. No relato de experiência, a desconexão entre o conteúdo abordado e as vivências dos estudantes levou ao desinteresse nas aulas. A jornada ampliada deveria ser um momento para integrar diferentes áreas do conhecimento, promovendo projetos que envolvessem a realidade local e as experiências dos alunos. A interdisciplinaridade não apenas enriquece o aprendizado, mas também ajuda a construir um sentido de pertencimento e relevância, fundamentais para o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo juvenil.

Em síntese, a jornada ampliada deve ser entendida como uma oportunidade de reconfiguração da educação, que ultrapasse o simples aumento da carga horária. Para que essa proposta alcance seu verdadeiro potencial, é necessário um comprometimento coletivo que envolva a melhoria da infraestrutura, a formação contínua dos educadores, a flexibilidade curricular e a participação ativa da comunidade escolar. Somente assim poderemos garantir que a jornada ampliada se torne um espaço rico em aprendizado, capaz de formar cidadãos críticos e autônomos, preparados para os desafios do século XXI.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada ampliada representa uma estratégia significativa para transformar a educação, oferecendo uma oportunidade de repensar as práticas pedagógicas e a

estrutura escolar. No entanto, sua efetividade depende de uma implementação cuidadosa e crítica que vá além do aumento da carga horária. Conforme discutido, a integração de um planejamento pedagógico sólido, que considere as realidades dos alunos, é fundamental para promover um ambiente de aprendizado engajador e dinâmico.

As experiências observadas em escolas, especialmente em contextos periféricos, revelam que a falta de infraestrutura adequada e de formação contínua dos educadores compromete o potencial da jornada ampliada. Muitas vezes, os alunos enfrentam aulas repetitivas e desmotivantes, o que reforça a necessidade de repensar a proposta de ensino. Um currículo flexível e interdisciplinar, aliado à promoção da autonomia e do protagonismo juvenil, deve ser o cerne desta abordagem.

Além disso, a participação ativa da comunidade escolar é vital. O diálogo entre pais, alunos, educadores e gestores fortalece a construção de um ambiente educativo que respeite as singularidades de cada estudante e atenda às demandas locais. Para que a jornada ampliada seja uma realidade transformadora, é imprescindível que haja um comprometimento coletivo que una esforços para melhorar a infraestrutura, capacitar os educadores e fomentar a inclusão da comunidade no processo educativo.

Em suma, a jornada ampliada pode ser uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento integral dos alunos, desde que seja acompanhada de ações concretas que garantam uma educação de qualidade, equitativa e que prepare os jovens para os desafios do futuro. Somente assim será possível garantir que essa proposta não se torne apenas um prolongamento da jornada escolar, mas um verdadeiro espaço de aprendizado significativo e enriquecedor.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2017.

CORDEIRO, Salete de Fátima Noro. Jornada Ampliada e Cultura Digital: cotidiano e espaços-tempos do educar. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 03, p. 1123-1142, 2017.

MÓL, Saraa César, BARBOSA, Thaysa Cristina Alves de Oliveira, SANTOS, Suzeane Chrislaine Vieira da Silva. Ampliação da jornada escolar na contemporaneidade: proposta formativa e metodológica em voga. **Ways Educ.**, Franca, SP, v. 13, n. 01, p. 131-154, 2021.

Ribeiro, Diovane de César Resende, Araujo, Marcus Vinicius Neves, Simões, R. M. Regina Maria Rovigati. Educação Integral, Jornada Ampliada e o Pensamento Complexo: Ensaios sobre os Territórios Educativos. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 02, p. 53-68, 2022.

SFORNI, Marta Sueli de Faria, GALUCH, Maria Terezinha Bellanda Conteúdos escolares e desenvolvimento: qual unidade? Comunicações, **Revista do Programa de pós-graduação em Educação da UNIMEP**, n. 02, p. 150-158, nov. 2006.

O DESENVOLVIMENTO DOS CONCEITOS CIENTÍFICOS ATRAVÉS DO ENSINO DO CICLO DA ÁGUA NO 5º ANO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

NASCIMENTO, Aline Rocha do¹
SANTOS, Beatriz Maira Mendonça²
PIZOLI, Rita de Cassia³

RESUMO: Este artigo relata uma intervenção pedagógica realizada no 5º ano do Ensino Fundamental, com foco no ensino do conceito de ciclo da água. A experiência de estágio supervisionado permitiu aplicar teorias sobre a formação de conceitos científicos, conforme proposto pela Teoria Histórico-cultural, em uma sequência didática que combinou atividades práticas e visuais. A intervenção começou com uma sondagem inicial sobre o que os alunos sabiam acerca do ciclo da água. A maioria demonstrou apenas um conhecimento empírico, limitado a noções básicas sobre o uso da água no cotidiano, questionamos sobre a importância da renovação da água, o que ativou os conhecimentos prévios dos alunos. Utilizando slides com imagens e conteúdo científico, os processos de evaporação, condensação, precipitação e infiltração, destacando as transformações físicas e químicas envolvidas. A inclusão de uma maquete facilitou a compreensão do ciclo de forma concreta e prática. A aula também discutiu a importância ambiental do ciclo, as interferências humanas e ações para a preservação. A exibição de um vídeo explicativo e atividades que envolveram perguntas e representações artísticas permitiram consolidar o conhecimento e estimular a criatividade dos alunos. O relato evidencia a importância da mediação no ensino para uma compreensão do conteúdo nuclear sobre o ciclo hidrológico e suas implicações ambientais.

Palavras-chave: Conceitos científicos. Ciclo da água. Ensino de ciências. Estágio supervisionado. Mediação pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

A formação dos conceitos científicos é um processo gradual e fundamental no Ensino Fundamental, principalmente nos anos iniciais. No contexto do estágio supervisionado na escola municipal, foi desenvolvida uma intervenção com o 5º ano, cujo foco foi a construção do conceito do ciclo da água. Conforme defendido por Vygotsky (1982, apud SFORNI E GALUSH, 2006), os conceitos científicos envolvem

¹ Graduando(a) do Curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), alinerdn33@gmail.com.

² Graduando(a) do Curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), beatrizmaira2015@gmail.com.

³ Professor orientador e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí), orientadorousupervisor@email.com.

um sistema hierárquico e inter-relacionado que se desenvolve por meio da mediação do professor e de materiais didáticos adequados. Para a elaboração do plano de aula, seguimos os conceitos do ensino desenvolvimental, buscando o conteúdo dos conceitos científicos, os autores analisam como planejar

Essa análise deve contemplar três elementos que são estruturantes do modo de organização do ensino: conteúdo, sujeito e forma. Em outras palavras, faz parte das ações para a elaboração de um planejamento de ensino a análise do que ensinar (conteúdo de ensino), para quem ensinar (sujeito da aprendizagem) e a forma de ensinar (percurso metodológico). (SFORNI et al, 2024, p.2)

Essa intervenção teve como base a teoria histórico-cultural e as contribuições de autores como Sforni e Galush (2006), que destacam a importância de conectar os conteúdos escolares às experiências dos alunos, utilizando exemplos do cotidiano para facilitar a construção dos conceitos científicos.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 O CICLO DA ÁGUA COMO CONTEÚDO NUCLEAR

A intervenção pedagógica realizada no 5º ano teve como eixo o ensino do ciclo da água, um tema essencial para a compreensão das dinâmicas ambientais e do impacto humano sobre os recursos hídricos. O estudo desse conteúdo permite aos alunos desenvolverem um pensamento científico mais elaborado, partindo de suas experiências cotidianas para a construção de conceitos mais abstratos e complexos. Inicialmente, aplicamos uma sondagem para identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o ciclo da água. Observamos que muitos deles possuíam apenas uma compreensão empírica do tema, associando a água às suas atividades diárias, como beber, tomar banho e regar plantas. No entanto, a compreensão sobre os processos naturais que envolvem a circulação da água na natureza ainda era limitada.

Segundo Sforni e Galush (2006), a apresentação de conceitos científicos deve partir da análise do conhecimento empírico dos alunos, proporcionando uma evolução gradual para uma compreensão mais teórica e sistemática.

A metodologia empregada foi baseada na Teoria Histórico-Cultural, de Vygotsky, que enfatiza a importância da mediação do professor e das interações sociais no processo de aprendizagem. Assim, buscamos relacionar o conteúdo com situações do cotidiano dos alunos, como o impacto da poluição e do desperdício de água, para tornar a aprendizagem mais significativa. De acordo com Libâneo e Freitas (2016), a formação de conceitos científicos ocorre por meio da abstração e da generalização, permitindo que os alunos transcendam suas experiências imediatas e compreendam a relação entre os fenômenos estudados.

Para adentrar no conteúdo nuclear explicamos que o ciclo da água é o movimento contínuo da água na Terra, envolvendo evaporação, condensação, precipitação e infiltração. Ele redistribui água doce e regula o clima, também citamos a transformação da matéria refere-se às mudanças físicas (como mudança de estado) e químicas (como reações que formam novas substâncias). No ciclo da água, ocorrem transformações físicas, como a mudança entre estados sólido, líquido e gasoso, que contribuem para o ciclo hidrológico e influenciam transformações químicas na natureza,

A análise do movimento lógico-histórico permite identificar o que é nuclear para a compreensão do sistema conceitual objeto de ensino, bem como reconhecer os diversos objetos e características que podem ganhar inteligibilidade por meio de sua apropriação. (SFORNI; GALUCH, 2006, p. .24)

Tiramos dúvidas, além disso, levamos uma maquete simplificando as etapas, para que eles assimilassem melhor o processo, levantando que o ciclo da água além dos rios, também passam pelo solo animais e geleiras, quanto é importante para o meio ambiente que esse ciclo aconteça, quais as interferências do homem e como podemos ajudar o meio ambiente diminuindo a poluição e o desperdício assim, levando o conteúdo nuclear do ciclo da água.

O ensino que se propõe a promover o desenvolvimento do pensamento do estudante atinge esse objetivo desde que favoreça a aprendizagem conceitual. Para isso, é necessário organizar o ensino de modo a garantir o movimento do pensamento, identificando os nexos essenciais e o nuclear do conceito a ser ensinado. (SFORNI; GALUCH, 2006, p. 220).

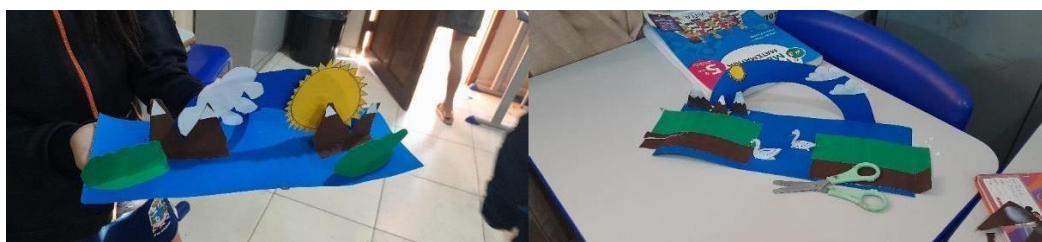
Figura 1. Maquete do ciclo da água



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

No final assistimos o vídeo explicativo e realizamos uma atividade com algumas questões para verificar se nossa intermediação havia sido assimilada pela classe. A culminância das atividades ocorreu com a produção de representações artísticas do ciclo da água, utilizando papéis coloridos, algodão e outros materiais, consolidando o aprendizado de forma lúdica e interativa. Essa abordagem permitiu que os alunos expressassem seu entendimento de maneira criativa e participativa.

Figura 2. Maquetes



Fonte: arquivo pessoal (2024)

Ao final da aula, fizemos uma síntese no quadro, utilizando a técnica “colcha de retalhos”, o objetivo foi consolidar os conhecimentos adquiridos e promover a reflexão individual sobre os conteúdos, conforme recomendado por Vygotsky (2001), que acredita que a escrita é uma ferramenta poderosa para a organização e expressão do pensamento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação pedagógica é um elemento essencial no processo de ensino e aprendizagem, especialmente quando se trata da formação de conceitos científicos. Segundo Vygotsky (1984, apud Sforzi e Galush, 2006), os conceitos científicos se desenvolvem por meio da interação social e da mediação do professor, que atua como facilitador na construção do conhecimento. No estágio supervisionado realizado no 5º ano do Ensino Fundamental, o uso de materiais concretos e atividades práticas mostrou-se fundamental para promover um ensino significativo.

De acordo com Libâneo e Freitas (2016), a formação de conceitos exige a abstração e a generalização dos fenômenos estudados. Nesse sentido, atividades que promovem a manipulação de materiais e a exploração visual são essenciais para garantir a construção de conceitos de maneira significativa. Durante a aula, os alunos participaram ativamente da discussão, levantando hipóteses sobre os processos de evaporação, condensação e precipitação. Essa interação reforçou a importância do diálogo e da mediação docente para a compreensão dos conteúdos escolares. Segundo Davidov (apud Asbahr, 2016), a atividade de estudo deve possibilitar a apropriação ativa dos conceitos, conectando-os a experiências reais e promovendo o desenvolvimento do pensamento teórico.

Outro aspecto relevante da mediação pedagógica foi a adequação dos materiais e das estratégias às necessidades específicas da turma. A presença de um aluno com deficiência auditiva foi um fator importante a ser considerado no planejamento da intervenção. Para garantir a inclusão, utilizamos recursos visuais detalhados e reforçamos as explicações por meio de legendas e imagens, permitindo que todos os alunos tivessem acesso ao conteúdo de forma equitativa.

O impacto da mediação pedagógica e do uso de recursos concretos foi evidente na participação ativa dos alunos e na qualidade das respostas durante as atividades avaliativas. Conforme apontam Sforzi e Galush (2006), o ensino deve favorecer o movimento do pensamento dos estudantes, garantindo que eles compreendam os nexos essenciais do conceito ensinado. Ao final da aula, os alunos demonstraram um avanço significativo na compreensão do ciclo da água, conseguindo explicar suas etapas e relações de maneira estruturada.

Portanto, a experiência do estágio supervisionado reforçou a importância da mediação pedagógica e do uso de recursos concretos no processo de ensino. A

interação entre teoria e prática, mediada por atividades dinâmicas e materiais acessíveis, favoreceu a construção do conhecimento científico de maneira significativa, atendendo às necessidades e ao desenvolvimento cognitivo dos alunos.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia. **Idade escolar e atividade de estudo:** educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. In: MARTINS, Ligia; ABRANTES, A; FACCI, M. (Org). Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico. São Paulo: Autores associados, 2016.

LIBÂNEO, J. C; FREITAS, R.M. **Abstração, generalização e formação de conceitos no processo de ensino e aprendizagem.** In: PUENTES, R. V.; LONGAREZI, A. M. (Orgs.). Ensino desenvolvimental, sistema Elkonin, Davidov, Repkin. Campinas: Mercado das Letras; Uberlândia: EDUFU, 2019. p. 213-239.

SFORNI; Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. **Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental.** Educar, Curitiba, n. 28, p. 217-229, 2006.

SFORNI, M. S. F.; SERCONEK, G. C.; BELIERI, C. M. (Orgs.). **Aprendizagem conceitual e organização do ensino: experimentos didáticos na educação básica.** Curitiba: Editora CRV, 2019.

O LÚDICO COMO ALIADO NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO

GONÇALVES, Leticia Pereira¹⁸⁰

FARIAS, Maria Rita Martins de Mendonça¹⁸¹

SANTOS, Luara Alexandre dos¹⁸²

RESUMO: O presente resumo refere-se à experiência vivenciada na prática da disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, do 3º ano do curso de Pedagogia da UNESPAR/Campus Paranavaí, desenvolvida em uma Escola Municipal localizada na região Noroeste do Estado do Paraná, em uma turma de 1º ano do ensino fundamental I, onde foram desenvolvidas ações lúdicas para mobilizar as aprendizagens das crianças no processo de alfabetização e letramento. Assim, o objetivo deste artigo é observar a relevância do lúdico no processo de alfabetização de alunos do primeiro ano do ensino fundamental I, tendo em vista que todo o processo de desenvolvimento das crianças é essencial e necessário para a sua inserção na sociedade. Sendo assim, com a alfabetização e o letramento não seriam diferentes, uma vez que em nossa perspectiva o lúdico surge como ferramenta pedagógica que ajuda internalizar o aprendizado, a desenvolver habilidades importantes como a leitura, a escrita, o raciocínio e a coordenação motora, sendo de suma importância na busca por um melhor desempenho no processo de ensino e aprendizagem. Deste modo, organizamos as ações em três momentos: leitura de artigos e aprendizagens em sala de aula, a fim de nos apropriarmos de conhecimentos relacionados a alfabetização e letramento e compreender melhor como o uso de recursos lúdicos auxiliam na aprendizagem da criança. O segundo momento foi marcado pelo planejamento e desenvolvimento de jogos e ações de ensino. Por fim, a realização das ações em sala, mobilizando os estudantes a criar estratégias e engajamento para os conteúdos do sistema alfabético por meio dos recursos lúdicos. Os resultados mostram que a proposta de ensino desenvolvida mobilizou as crianças para a ação de aprender, sendo as ações lúdicas essenciais para fomentar essa tarefa de reconstrução lógica do conceito histórico. Com isso, concluímos que essa experiência de estágio proporcionou vivências fundamentais para a nossa formação docente, pois possibilitou o contato direto com a realidade escolar, permitindo-nos acompanhar, observar, planejar e atuar nas situações de ensino de aprendizagem no ensino fundamental I e no curso de graduação.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Lúdico.

¹⁸⁰ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), leti.pereira.w.w.w@gmail.com.

¹⁸¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), maria.mendonca.unespar@gmail.com.

¹⁸² Mestre em Educação; Professora orientadora e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luara.santos@unespar.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Neste presente artigo relatamos as experiências da prática de estágio que tivemos no ensino fundamental I - anos iniciais, constatando como é organizada a estrutura física nesse espaço escolar, bem como as metodologias utilizadas para organizar os ensinamentos em uma instituição de ensino municipal, localizada no interior do estado do Paraná. Nesse espaço, realizamos a prática de estágio por meio das ações de observação, participação e regência.

Sendo assim, falamos sobre a nossa experiência em que foram desenvolvidas ações lúdicas para mobilizar as aprendizagens das crianças no processo de alfabetização e letramento. Por isso, buscamos criar uma problemática, como uma proposta de ensino, que foi desenvolvida, mobilizando as crianças para a ação de aprender, utilizando as ações lúdicas que foram essenciais para fomentar essa tarefa de reconstrução lógica do conceito histórico. Fizemos estudos e leituras de artigos para centralizar nossos conhecimentos, a fim de melhor transpassar o conteúdo aos nossos alunos, de modo que houvesse a compreensão de ambos os lados. Nosso artigo fala sobre o processo de alfabetização e o letramento, uma vez que em nossa perspectiva o lúdico surge como ferramenta pedagógica que ajuda internalizar o aprendizado, a desenvolver habilidades importantes como a leitura, a escrita, o raciocínio e a coordenação motora, sendo essas apropriações, de suma importância na busca por um melhor desempenho no processo de ensino e aprendizagem.

Utilizamos uma metodologia que foi dividida em três momentos, sendo eles: leitura de artigos e aprendizagens em sala de aula, a fim de nos apropriarmos de conhecimentos relacionados à alfabetização e letramento e compreender melhor como o uso de recursos lúdicos auxiliam na aprendizagem da criança. O segundo momento foi marcado pelo planejamento e desenvolvimento de jogos e ações de ensino. Por fim, a realização das ações em sala, mobilizando os estudantes a criar estratégias e engajamento para os conteúdos do sistema alfabético por meio dos recursos lúdicos. Os resultados mostram que a proposta de ensino desenvolvida mobilizou as crianças para a ação de aprender, sendo as ações lúdicas essenciais para fomentar essa tarefa de reconstrução lógica do conceito histórico. Segundo a BNCC (2016) e o Referencial Curricular do Paraná (2018), a Língua Portuguesa é apontada em diversos momentos como uma oportunidade de garantir a relação com os direitos gerais de aprendizagem. Isso se dá pela abordagem teórico metodológica

pela qual se definiram os campos de atuação, as práticas de linguagem e os objetos de conhecimento.

O tema escolhido previamente pela professora regente da turma foi “reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala, identificando fonemas e a sua representação por letras, em especial a família silábica da letra G, com o foco nas sílabas GA, GO e GU”. Ao retratarmos sobre esse conteúdo, evidenciamos a importância de possibilitar o desenvolvimento da consciência fonológica, uma vez que a mesma não ocorre de maneira natural como a fala. Desse modo, compreendemos que a consciência fonológica auxilia a criança a perceber o som que cada letra possui, possibilitando o reconhecimento da relação fonema-grafema, que é crucial no processo da apropriação da leitura e escrita.

Para isso, compreendemos que a consciência fonológica possui três níveis, sendo eles: o silábico, o intrassilábico e o fonêmico. Com isso, destacamos como estratégia de ensino o método silábico, uma vez que fizemos uso dele em boa parte da nossa intervenção. Tal método surgiu na França adquirindo o modelo de alfabetização a partir de Galhardo, que criticava o método de soletração, dizendo que o método analítico era muito avançado para a realidade brasileira.

Entretanto, é importante destacar que, apesar de utilizarmos essa metodologia em parte de nossa intervenção não limitamos o ensino à relação grafema-fonema. Isso porque, entendemos que aprender a ler e escrever no processo de alfabetização é o foco principal do professor, portanto existem inúmeras maneiras para que esse processo seja atraente para os alunos, de modo que ele aprenda de forma significativa e brinque ao mesmo tempo, assim tendo um melhor aproveitamento de conhecimento. Dessa forma, o lúdico pode ser utilizado de maneira interdisciplinar, envolvendo diferentes conteúdos para motivar os alunos e alcançar melhores resultados no processo ensino e de aprendizagem.

Com isso, podemos dizer com clareza que

O lúdico é o ato de brincar, ensinar através das brincadeiras e assim mostrar para os alunos que aprender também pode ser algo divertido, é um método importante para o processo de aprendizagem, sendo um alicerce para auxiliar o professor principalmente nos anos iniciais quando o aluno será alfabetizado. (Monteiro, Menezes, s/d, p.03)

Contudo, podemos afirmar que “as atividades lúdicas possibilitam o desenvolvimento cultural, a assimilação de novos conhecimentos, o desenvolvimento da sociabilidade e da criatividade”. (Macedo, 2010, p.07 apud Monteiro, Menezes, s/d, p. 03). Sendo uma forma de ensinar e intencionalmente provocar os alunos a se socializar e desenvolver valores para serem inseridos na sociedade. Buscamos sintetizar nossas teorias na prática, com isso realizamos uma intervenção consciente preocupada em possibilitar uma práxis.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 O LÚDICO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Inicialmente evidenciamos sobre a importância do lúdico no processo de alfabetização dos anos iniciais do ensino fundamental I, e relatamos como todo esse processo foi utilizado nas ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, relacionadas a disciplina de estágio. Desse modo, enfatizamos a importância do lúdico no processo de alfabetização e letramento, uma vez que em nossa perspectiva, o lúdico surge como ferramenta pedagógica que auxilia no desenvolvimento de novas habilidades, como a leitura, a escrita, o raciocínio e a coordenação motora, sendo fundamental na busca por um melhor desempenho no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, a alfabetização é um processo de apropriação "tecnológico da escrita", ou seja, é um conjunto de técnicas fundamentais que visam a prática da leitura e escrita. Alfabetizar, é demonstrar quais são os instrumentos utilizados para a escrita; qual a postura corporal correta para ler e escrever; quais são os modos de ler e escrever, a direção correta da escrita na página, a organização espacial de um texto, ou a manipulação correta de papéis, livros, jornais, e entre outros materiais. E enfim, com o uso dessas técnicas, o aluno precisa dominar o sistema de escrita alfabética e as suas normas ortográficas. Já o letramento, consiste no indivíduo dominar e ter a capacidade de escrever, para então ser inserido nas práticas sociais e pessoais, na qual a linguagem está envolvida. Para que isso ocorra, é necessário ter capacidade de ler e escrever em diferentes cenários, interagir com os outros, se informar, ter

habilidades em interpretar e produzir diferentes tipos de gêneros textuais, entre outras ações.

Dessa forma, segundo Soares a

[...] alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e do outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização - a aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2021, p. 27).

Embora alfabetização e letramento sejam processos distintos em termos cognitivos e linguísticos, eles são interdependentes e ocorrem simultaneamente no contexto educacional. A alfabetização refere-se à aquisição da tecnologia da escrita, ou seja, ao aprendizado das habilidades de ler e escrever, enquanto o letramento envolve o uso dessas habilidades em contextos reais de leitura e produção de textos dentro das práticas sociais. Soares (2021) destaca que a alfabetização não deve ser vista como pré-requisito para o letramento; pelo contrário, a criança aprende a ler e escrever justamente ao se envolver com tarefas de letramento, que são baseadas em textos reais e em práticas sociais autênticas de leitura e escrita.

Dessa forma, o ensino dessas duas dimensões deve ser tratado de maneira integrada e contextualizada, uma vez que ambas se alimentam e se reforçam mutuamente no processo de formação do aluno. Ao ser inserido no meio escolar, nos anos iniciais do ensino fundamental, a criança começa a ter contato com o processo de alfabetização, que é fundamental para o seu desenvolvimento e para a sua formação social, uma vez que nessa fase os princípios abordados e trabalhados em sala de aula ajudarão a construir a conduta moral e ética do seu eu, enquanto cidadão, tornando-o um ser consciente e crítico, livre de qualquer tipo de preconceito ou discriminação social.

Nesse sentido, é de suma importância que

[...] o professor dos anos iniciais do ensino fundamental, ofereça estratégias pedagógicas que auxiliem o educando a construir conhecimentos, valores, atitudes e competências necessárias à sua

formação cidadã diante sua cultura (ALVES; TEIXEIRA, 2022, p. 602 e 603).

O lúdico surge então, como ferramenta pedagógica que oferta ao aluno uma forma de estudar mais prazerosa e diversificada, visto que o ensino por meio da ludicidade proporciona uma forma de aprender brincando, a fim de auxiliar no processo de desenvolvimento da mente da criança, uma vez que instiga a pensar, desenvolver as suas habilidades, expor as suas dificuldades, se relacionar com o outro, revelar os seus problemas, superar dificuldades e traumas, além de contribuir para a aquisição de autoconfiança e para o aprimoramento da coordenação motora, bem como das noções de tempo e espaço. Com isso, é por meio do brincar a criança se apropria de novos conhecimentos, de aprendizagem, de desenvolvimento, brincando a criança adquire novas informações e conceitos, e tem um crescimento saudável. Vale pontuar que

O ato de brincar nos anos iniciais é muito importante para o desenvolvimento e alfabetização do aluno, e deveria ser adotado por todos os professores e profissionais de ensino como um método de alfabetizar, porém alguns profissionais da educação, ainda na atualidade, acreditam que o lúdico é algo de pouca importância e serve apenas para perder tempo (MONTEIRO; MENEZES, s/d, p. 6).

Nesse contexto, ao se desenvolver uma proposta lúdica em sala de aula, o profissional da educação deve programá-la, planejá-la e desenvolvê-la. Não se esquecendo de observar se é apropriada para o conteúdo que está sendo abordado em sala de aula; de realizar uma boa execução; e ao final, essa ação precisa ser avaliada, com o intuito de confirmar se o aluno conseguiu se apropriar do conhecimento.

Dessa maneira, ao realizar tais práticas pedagógicas, o professor proporciona desenvolvimento e uma aprendizagem mais prazerosa e significativa, se preocupando em ofertar uma educação de qualidade, fazendo com que as crianças se sintam livres, que expressem os seus interesses, as suas necessidades, utilizando as diferentes formas de linguagem, promovendo a criatividade, valorizando o respeito e a brincadeira no ambiente escolar.

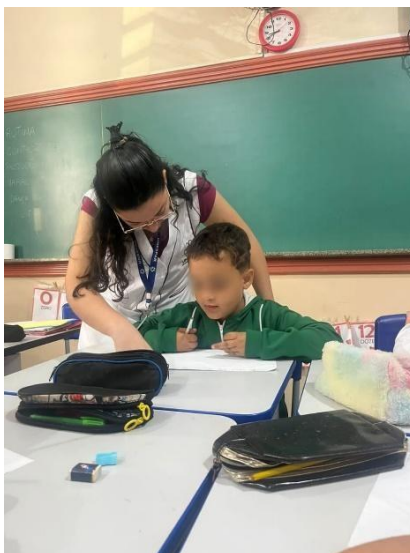
2.2 EVIDÊNCIAS NA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DE ENSINO.

Destacamos para esse artigo o primeiro dia de intervenção pedagógica. Chegamos na sala de aula, dialogamos com os alunos explicando como seria a rotina do dia. Após esse momento de conversa sobre como cada momento seria realizada, levamos como proposta inicial uma contação de história. Antes de iniciarmos a contação, pedimos para que os alunos dessem as mãos e fizessem uma grande roda, se sentando no chão logo após, pois naquele momento eles iriam ouvir a história que nós iríamos contar. No primeiro momento apresentamos o livro, mostrando a sua capa, o seu autor, o seu ilustrador e a sua editora. Em seguida, iniciamos a contação da história com o auxílio de fantoches.



Acervo das autoras (2024).

Ao final da história trouxemos a seguinte problemática à turma: Qual animal vocês acham que deveria ficar com o pêssego? A lagarta merecia ter ficado com a fruta? Qual característica os animais têm em comum, sem ser levado em consideração o físico? Tais perguntas foram feitas com o intuito dos alunos chegarem à conclusão de que a característica que ambos os animais possuíam, seria a fala, e por isso o animal com o melhor vocabulário deveria ficar com o pêssego.



Acervo das autoras (2024).

Nesse instante os alunos apresentaram uma certa dificuldade para chegar a tal conclusão. Portanto, adaptamos as perguntas novamente, a fim de que o processo de assimilação ocorresse de uma forma mais clara. Ao concluírem esse pensamento, pedimos para que os alunos escrevessem um novo final para a história considerando o novo cenário, e logo em seguida poderiam ilustrá-la. Enquanto realizavam essa ação, íamos passando de grupo em grupo para auxiliar os alunos com dificuldade na escrita e conversar sobre os novos finais para a história. Após esse momento, fomos chamando um por um para frente da sala, a fim de que pudessem compartilhar com a turma os seus diferentes finais criados para a história, contando também sobre as suas ilustrações.



Acervo das autoras (2024).

Por fim, finalizamos a nossa intervenção realizando a dança das cadeiras com as sílabas GA, GE, GI, GO, GU e GÃO. Nessa proposta as crianças precisavam jogar um dado, que em seus lados continha a família silábica da letra G. Ao identificar a sílaba, os alunos precisavam observar as imagens que começavam com a sílaba sorteada, para então colá-las nas cadeiras identificadas pelas mesmas sílabas. Essa ação foi realizada com facilidade por alguns alunos, mas outros já apresentavam um pouco mais de dificuldade. Dessa forma, fomos auxiliando os alunos até que todos conseguissem realizar a proposta.

Esse movimento permitiu analisarmos a importância do ato de brincar nos anos iniciais como um recurso valioso para o desenvolvimento e alfabetização dos alunos. O brincar, no contexto educacional, não é apenas uma atividade recreativa, mas uma prática que promove a criatividade, a socialização e o aprendizado de maneira significativa. Contudo, assim como afirma Monteiro e Menezes (s/d), apesar dos seus benefícios amplamente reconhecidos, ainda existem uma resistência de professores em utilizar o lúdico enquanto uma ferramenta pedagógica, causando inclusive uma que desvalorizam o uso da ludicidade, considerando-o uma perda de tempo. Isso revela uma resistência a integrar abordagens mais dinâmicas e envolventes no processo de alfabetização, subestimando o potencial do lúdico como uma ferramenta pedagógica eficaz.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos este artigo com pensamento de que o curso de Pedagogia se destina à formação inicial de profissionais para o exercício da docência na educação infantil, uma vez que o estágio supervisionado tem por objetivo relacionar teoria à prática para a construção e reconstrução do saber pedagógico, que sabemos até o presente momento, no qual abrange a possibilidade de experimentar na vivência da prática educativa todo o processo de formação acadêmica nos espaços da educação escolar, tais quais nas escolas.

Sendo assim, neste artigo trazemos nossas reflexões sobre as atividades aplicadas em uma instituição pública municipal, tal como as crianças exigiram muita atenção, pois precisamos estar muito atentas, por conta de algumas atitudes que as crianças tinham no ambiente de sala de aula, visto que era uma turma que não tinha tantas vivências com o lúdico, porém foi perceptível perceber que eram muito receptivos às propostas feitas.

Desenvolvemos o conteúdo de uma forma lúdica que buscasse a atenção dos alunos e que assim por ascendência a sua compreensão daquilo que estava sendo proposto para eles. Com o nosso olhar, podemos observar que foi bastante produtivo. Já que conseguimos proporcionar para a turma um aprendizado envolvendo reflexão, pensamento, linguagem oral e escrita de maneira lúdica e de forma interativa.

Acreditamos que o estágio nos proporcionou aprendizagens significativas para a profissão, da cultura de aproximação investigativa e da realidade do nosso contexto social. Reafirmamos o conceito de estágio, como campo de conhecimento, que envolve estudos, análise, problematização, reflexão e proposição de soluções sobre o ensinar e o aprender, e ressaltamos a intervenção como algo de extrema importância para nós.

Os resultados mostram que a proposta de ensino desenvolvida mobilizou as crianças para a ação de aprender, sendo as ações lúdicas essências para fomentar essa tarefa de reconstrução lógica do conceito histórico. Com isso, concluimos que essa experiência de estágio proporcionou vivências fundamentais para a nossa formação docente, pois possibilitou o contato direto com a realidade escolar, permitindo-nos acompanhar, observar, planejar e atuar nas situações de ensino e de aprendizagem no ensino fundamental e no curso de graduação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mariana Silva; TEIXEIRA, Verônica Rejane Lima. **A Importância da Ludicidade no Processo de Alfabetização e Letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. ID. on line. Revista de Psicologia. v. 16, n. 63, p. 596-610, 2022. Disponível em:

<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/download/3608/5664>

Acesso em: 05 dez. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. In: Magda Soares. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2021, p. 15-40.

MONTEIRO, Lucimeire Jacó. MENEZES, Ivanir Olegário de. **O lúdico no processo de alfabetização**. FIMCA, Jarú, p. 01 - 17, s/d. Disponível em:

<https://jaru.fimca.com.br/gerenciador/data/uploads/2022/01/O-LUDICO-NO-PROCESSO-DE-ALFABETIZACAO-2017.pdf>

Acesso em: 17 nov. 2024.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações**. Curitiba, PR: SEED/PR, 2018.

REFLEXÕES E APRENDIZADOS: VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO NA PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO

LIMA, Henrique Matos¹⁸³

PAINSSO, Leticia Petyk¹⁸⁴

SANTOS, Luara Alexandre dos¹⁸⁵

RESUMO: Este artigo tem como finalidade descrever a importância da vivência do estágio supervisionado em alfabetização, a partir das experiências e conhecimentos obtidos na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino em Alfabetização, realizada no 3º ano, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR). Sabemos que essas foram momentos fundamentais para o desenvolvimento de futuros professores, durante esse período, isso porque foi neste momento que tivemos a oportunidade de por em situações concretas de ensino, o conhecimentos adquiridos na teoricamente, além de vivenciar o espaço escolar, agora na postura de futuros professores. De acordo com estudos teóricos realizados em sala de aula, podemos analisar diferentes metodologias, abordagens didáticas, pesquisas sobre alfabetização e desenvolvimento infantil, além de conhecer legislações importantes que direcionam a educação pública brasileira. Esse movimento foi essencial para a compreensão das práticas pedagógicas e para que possamos refletir sobre os métodos e desafios da educação. Desse modo, realizamos o estágio supervisionado em alfabetização em uma turma de 1º ano do ensino fundamental I, em uma instituição pública de Paranavaí. A fim de organizarmos teoricamente a análise dos dados obtidos, optamos quanto ao encaminhamento do planejamento e intervenção, os estudos feitos sobre ensino e aprendizagem na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. Além disso, procuramos entender de maneira mais aprofundada como esta teoria exerce influência e de que maneira ela contribui efetivamente para o desenvolvimento de práticas pedagógicas no campo da alfabetização. O objetivo é analisar o impacto da teoria histórico-cultural na formação dos professores, nas metodologias adotadas em sala de aula e no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. É importante pontuar que o estágio nos ofereceu uma perspectiva ampla sobre o processo de alfabetização, proporcionando um aprendizado enriquecedor que contribuiu de forma significativa para o nosso crescimento acadêmico e profissional.

¹⁸³ Graduando do Curso de da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), autor1@email.com.

¹⁸⁴ Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), autor2@email.com.

¹⁸⁵ Mestre em Educação/UEM; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luara.santos@unespar.edu.br.

Palavras-chave: Alfabetização. Estágio Supervisionado. Planejamento. Teoria Histórico-Cultural. Metodologia.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva relatar as experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado em alfabetização, realizado na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino em Alfabetização, realizada no 3º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR). Fundamentando-se na Teoria Histórico-Cultural, que destaca a relevância do contexto social e cultural para a aprendizagem, o estágio nos permitiu vivenciar práticas de ensino em uma turma de 1º ano do ensino fundamental I, integrando conhecimentos teóricos à prática pedagógica.

Esse processo foi enriquecedor para a formação docente, pois promoveu reflexões sobre os desafios e metodologias da alfabetização e sobre a importância do planejamento no ensino infantil. Sendo assim, nessa perspectiva observamos que a alfabetização é um processo que vai além da simples decodificação de letras e palavras, envolvendo a amplitude do psiquismo da criança, emergindo das práticas sociais e culturais. Desse modo, esse processo se desenvolve de forma estratégica que possibilita aos alunos participarem ativamente do seu processo de aprendizagem e humanização, tendo como auxiliares o uso de recursos diversificados e estratégicos disponíveis no ambiente escolar e organizados junto as práticas pedagógicas.

Durante o período de observação no campo de estágio, percebeu-se que a apropriação da leitura e da escrita está ativamente ligada as vivências dos alunos, suas particularidades e o contexto em que estão inseridas. Nesse sentido, fez-se necessário que nós, enquanto professores-estagiários conhecêssemos a turma e os desafios que se manifestam no dia a dia da sala de aula.

Isto é importante para que seja possível compreender que o processo de alfabetização não é apenas aprender o domínio técnico do código escrito, mas também compreender os usos sociais da leitura e da escrita e a atribuição de inumeráveis significados, dentro de um determinado contexto histórico. O alfabetizando não deve ser apenas alguém que reconheça letras e palavras, ele

também deve entender o que elas significam e o que elas querem dizer, desenvolvendo habilidades que o tornem um sujeito ativo na sociedade.

É importante destacar que,

[...] a primeira coisa que a criança precisa saber é o que representam aqueles risquinhos pretos em uma página branca. Esse conhecimento não é tão simples quanto parece e quem já o incorporou a muitos anos ao seu saber. Observe que, para entender os risquinhos pretos no papel são símbolos de sons da fala, é necessário compreender o que é um símbolo. (LEMLE, 2001, p.7).

Ou seja, estamos falando da complexidade que é o processo de alfabetização, começando pelo entendimento das letras e símbolos escritos. A criança, ao iniciar a aprendizagem da leitura e escrita, precisa compreender que os "risquinhos pretos" em uma página não são apenas marcas, mas representam sons da fala. Esse movimento de compreensão exige um conhecimento prévio do conceito de símbolo, ou seja, a capacidade de associar um símbolo visual (como uma letra) a um som específico. Lemle (2001) enfatiza que essa habilidade não é simples e exige uma construção cognitiva, isso porque envolve a compreensão da relação entre o mundo escrito e falado, um conceito fundamental para o desenvolvimento da leitura e escrita.

Essa perspectiva fortalece a ideia de que a criança, antes de ser capaz de aprender a ler e escrever, primeiro precisa ser confrontada com a realidade de que letras e palavras são meramente símbolos de sons e ideias de algo. Um processo que, para um determinado indivíduo, que já desenvolveu a capacidade de ler e escrever, pode parecer algo simples, mas que, para a criança, que ainda não domina essa ferramenta, pode ser uma tarefa difícil e cheia de desafios. É neste processo que ela irá se relacionar com a linguagem em suas diferentes formas.

Sobre a alfabetização Ferreiro (2014) afirma que:

O processo de alfabetização deve proporcionar situações nas quais os alunos sejam colocados em contato com as práticas sociais de leitura e de escrita, onde o professor que lida com a alfabetização, prioritariamente, conheça a psicogênese da língua escrita para entender a forma e o processo pelos quais a criança se apropria do ler e do escrever (Ferreiro, 2014, p.14).

Ou seja, o processo de alfabetização deve envolver os alunos em situações que os conectem com as práticas sociais de leitura e escrita, isso quer dizer, com o

uso real e funcional da língua escrita no dia a dia. Para isso, é essencial que o professor compreenda, o processo de desenvolvimento da criança ao aprender a ler e escrever. Esse conhecimento permite que o professor entenda as diferentes etapas e formas pelas quais a criança se apropria dessa ferramenta simbólica, ajustando suas estratégias pedagógicas de acordo com o processo de aprendizagem de cada aluno. Assim, o professor deve ser capaz de proporcionar experiências significativas que ajudem as crianças a internalizar esses processos de maneira eficaz e contextualizada.

Neste sentido, reforça-se a importância da alfabetização para o desenvolvimento do estudante, da mesma forma do contexto em que a criança deve ser apresentada a leitura e a escrita como práticas sociais reais e contextualizadas em seu dia a dia. Além disso, podemos reforçar a questão da relação professor-criança-conhecimento. É preciso que o professor saiba como a criança aprende a ler e escrever, para então organizar o ensino de maneira que essa apropriação ocorra de maneira intencional, apoiando-se em cada passo do desenvolvimento, promovendo um aprendizado amplo e significativo.

Nesse processo, o planejamento da aula torna-se fundamental para o professor, pois a partir disso que ele poderá organizar as ações didáticas de maneira que dialoguem com as necessidades e objetivos determinados previamente. Esse caminho é o que tornará aprendizado mais eficaz e ao mesmo tempo flexível, possibilitando um ensino e uma aprendizagem mais consciente para professor e aluno.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o período de observação, ficou evidente que o método utilizado pela professora em sala de aula era majoritariamente focado na codificação (escrita) e decodificação (leitura). Suas ações buscavam garantir, de maneira prática, que todos os alunos estivessem alfabetizados ao final do ano letivo, seguindo orientações da equipe diretiva. Um exemplo de suas práticas foi a exploração da leitura coletiva do alfabeto e silabário, em uma tentativa de decorar e perceber a relação entre som e símbolo.

Também percebemos em nossas observações-participativas, o uso de ditados coletivos e individuais, momentos em que os alunos eram chamados individualmente

para escrever as palavras ditadas por ela. Essa abordagem está alinhada ao método fônico, amplamente discutido por autores como Emília Ferreira e Ana Teberosky, que destacam a importância da correspondência entre sons e letras no processo de alfabetização e descrevem o modelo tradicional de aquisição da linguagem, enfatizando a imitação e o reforço como mecanismos centrais no processo de aprendizado linguístico. Segundo essa perspectiva, uma criança tende a imitar os sons presentes em seu ambiente, enquanto os adultos ao seu redor reforçam seletivamente as emissões que correspondem.

o modelo tradicional associacionista da aquisição da linguagem é simples: existe na criança uma tendência à imitação (tendência que as diferentes posições associacionistas justificarão de maneira variada), e no meio social que a cerca (os adultos que a cuidam) existe uma tendência a reforçar seletivamente as emissões vocálicas da criança que correspondem a sons ou pautas sonoras complexas (palavras) da linguagem própria desse meio social (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985, p. 21).

Trata-se de uma visão do modelo associacionista da aquisição da linguagem, sugerindo que a criança adquire a linguagem por imitação e reforço seletivo de sons emitidos, enfatizando a interação com os adultos que a cercam. Do ponto de vista da teoria histórico-cultural, proposta por Vygotsky (2007), essa visão é limitada, pois subestima o papel da mediação social e da interação com o ambiente cultural de maneira mais ampla.

Para Vygotsky (2007), o desenvolvimento da linguagem não ocorre apenas por imitação ou reforço, mas sim por meio de interações sociais significativas, nas quais a criança internaliza as ferramentas culturais, como a linguagem, por meio das relações obtidas com essa ferramenta histórica e o contexto social. Além disso, a linguagem é um processo dinâmico e coletivo, que não se restringe a um simples mecanismo de imitação e reforço, mas envolve a construção de significados dentro de um contexto social e histórico, onde o aprendizado é mais ativo e dialógico.

Portanto, essa compreensão simplifica a aquisição da linguagem, desconsiderando as dimensões sociais, culturais e históricas que são essenciais para a compreensão do desenvolvimento linguístico segundo a perspectiva histórico-cultural. Embora eficiente para o aprendizado inicial da leitura e escrita, percebemos que o uso do lúdico poderia ser mais integrado às práticas, isso porque trará

significado à aprendizagem, especialmente considerando a importância do brincar no desenvolvimento infantil, conforme destacado por Vygotsky (2007).

2.1 Estágio supervisionado: do planejamento às ações de ensino

O planejamento das intervenções foi elaborado com base nos métodos discutidos durante a formação acadêmica, buscando integrar contribuições da teoria histórico-cultural. Utilizamos materiais disponibilizados no ambiente virtual da universidade e consultamos autores contemporâneos para enriquecer o embasamento teórico. Neste sentido, cada proposta foi cuidadosamente planejada e pensada considerando o conteúdo¹⁸⁶ e o contexto histórico e social da turma. Realizamos ajustes conforme as orientações da professora de estágio, com o intuito de garantir um planejamento preocupado com as necessidades da turma e especialmente com o intuito de garantir estratégias que promovessem a motivação e o interesse das crianças em aprender.

Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 2009, p. 12).

Neste sentido, o processo de aprendizagem é muito mais do que a simples aquisição de conteúdos; ele é também uma forma de apropriação das práticas sociais, como destaca Soares (2009). Ao planejar as intervenções, buscamos integrar o conteúdo, o contexto histórico e social da turma, e promover uma aprendizagem que não se limite à repetição mecânica, mas que envolva a criança na vivência ativa e contextualizada das práticas de leitura e escrita. Esse enfoque permite que a criança se aproprie de um saber que vai além do simples ensino técnico, reconhecendo a escrita como uma prática social e cultural, e não apenas como um conjunto de regras e símbolos a serem imitados. A busca pela motivação e pelo interesse das crianças em aprender está, assim, diretamente relacionada a esse processo de internalização das práticas de leitura e escrita enquanto elementos significativos em seu contexto de vida.

¹⁸⁶ Determinado previamente pela professora regente da turma.

Soares (2009) enfatiza que o letramento não é apenas o aprendizado das habilidades de ler e escrever, mas envolve a transmissão e a aprendizagem das práticas sociais. Isso significa que a leitura e a escrita são aprendidas dentro de um contexto social, ou seja, as práticas de leitura e escrita têm um sentido e uma função social em determinados grupos ou culturas. Por exemplo, saber ler um jornal, entender um contrato, escrever um bilhete ou usar a escrita na internet são práticas sociais que vão além de apenas decifrar letras e palavras.

No dia primeiro dia de intervenção, trabalhamos com o gênero literário, utilizando a história *O Caso do Bolinho* de Tatiana Belink. Iniciamos o dia acompanhando as crianças até a sala e realizando a saudação inicial, explicando o motivo de nossa presença. Posteriormente, iniciamos a contação de história. As crianças demonstraram atenção durante todo este momento e em seguida, organizamos uma roda de conversa, incentivando os alunos a compartilharem suas impressões e reflexões sobre a história. Ao final, trouxemos como encaminhamento metodológico o questionamento de: para que serve um bolinho? Como poderíamos ter um bolinho para nós?

Os alunos apresentaram respostas oralmente, até chegarmos na ideia de que era preciso fazer uma receita como a “Vovó da história fez”. Então, para tornar a experiência mais significativa, propusemos uma ação prática: a produção de bolinhos. Levamos ingredientes, corantes alimentícios e forminhas, permitindo que os alunos modelassem suas massas e criassem finais alternativos para a história. Ao final do dia, os alunos elaboraram, por meio da escrita espontânea, a sua receita de bolinhos. Essa proposta teve o intuito de evidenciar as diferentes formas de apresentação da linguagem (não verbal, verbal e escrita), além de relacionar o trabalho manual ao desenvolvimento da linguagem. Por fim, as crianças brincaram com suas criações, promovendo momentos relação entre os pares, com o objetivo de possibilitar a vivência prática e o desenvolvimento do imaginário no desenvolvimento infantil (VYGOSTKY, 2007)

No segundo dia de intervenção tínhamos como conteúdos as letras P e B e suas famílias silábicas. Após os momentos iniciais de organização e saudação, realizamos uma proposta lúdica com uma “Caixa surpresa”, contendo fichas de palavras com P e B incompletas. Cada aluno retirava uma ficha e tentava adivinhar a palavra, completando com a sílaba que faltava. Quando necessário o grupo ajudava

com a descoberta. E em seguida, as crianças tinham como desafio: criar frases oralmente em que fosse considerado a palavra descoberta. Essa ação foi muito interessante, gerando diversas frases criativas e especialmente, a participação de todo o grupo durante toda a proposta realizada.

Importante destacar também que as relações interpessoais foram um ponto positivo durante as intervenções. Observamos que os alunos, embora necessitassem de lembretes constantes sobre as regras, mantinham-se atentos e respeitosos. As ações lúdicas, como a produção dos bolinhos, geraram maior engajamento, enquanto as escritas demandaram maior atenção voluntária para manter o interesse nas tarefas. Essa interação reforça a importância do ambiente colaborativo e do respeito mútuo, elementos centrais para um aprendizado significativo, conforme enfatizado por Vygotsky (2007).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Soares (2009) destaca que o processo de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita não se restringe à simples aquisição de habilidades técnicas, mas envolve um processo de apropriação cultural e social. Neste sentido, o estágio nos levou a refletir que o ensino da leitura e da escrita, deve ser visto como uma ação que vai além da decodificação de símbolos, envolvendo a compreensão e a vivência das práticas sociais que esses símbolos representam.

Ao entendermos que esse processo de apropriação está diretamente ligado ao contexto histórico e social em que a criança vive, tornando o ensino da leitura e da escrita uma prática dinâmica e contextualizada, que visa não só a formação de indivíduos alfabetizados, mas de sujeitos críticos e participativos na sociedade, o trabalho pedagógico deve se preocupar em oferecer experiências que permitam aos alunos vivenciar a escrita de forma significativa, compreendendo seu papel social e transformador.

Além disso, o estágio supervisionado em alfabetização foi uma oportunidade única de vivenciar a prática docente e compreender a complexidade do ensino nos anos iniciais. A experiência mostrou a importância de um planejamento cuidadoso e de uma abordagem crítica, que inclua práticas lúdicas, mas com embasamento teórico.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BELINK, Tatiana. **O Caso do Bolinho**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

REFLEXÕES E DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

MOREIRA, Sabrina Borges¹⁸⁷

RODRIGUES, Adriana Aparecida¹⁸⁸

RESUMO: O artigo traz a prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental, a partir de uma experiência de estágio supervisionado. O estágio é fundamental para a formação de professores, proporcionando uma visão prática do ambiente escolar, a interação com alunos e a aplicação de teorias. Este estudo analisa as metodologias de ensino observadas, os desafios enfrentados e as contribuições do estágio supervisionado para a formação docente. Durante o estágio, foi realizado observações e participações em atividades pedagógicas, proporcionando uma visão prática no dia a dia da escola. As crianças apresentam diferentes níveis de dificuldades na aprendizagem e social, algumas aprendem mais rápido e outras precisam de mais tempo e apoio. Nesse sentido, a prática pedagógica deve ser planejada para conectar os conteúdos escolares com a experiência cotidiana dos alunos, facilitando a assimilação e a retenção de informações. Uma prática pedagógica significativa também se preocupa com o desenvolvimento integral do aluno, incluindo aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Ela visa não apenas o desenvolvimento do aluno, mas também a formação de cidadãos críticos e participativos. Para alcançar isso, é importante que os professores adotem metodologias que vise mediar o conhecimento científico tendo em vista os desdobramentos desse conhecimento na formação do psiquismo infantil.

Palavras-chave: Prática pedagógica. Estágio supervisionado; Anos iniciais do ensino fundamental.

1 INTRODUÇÃO

¹⁸⁷ Graduando(a) Sabrina Borges Moreira do Curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), sabrinaborges3015@gmail.com.

¹⁸⁸ Doutora em Educação; Professora orientadora e supervisora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) e no Centro Universitário UniFatecie, drikarodrigues66@hotmail.com.

A prática pedagógica nos primeiros anos do ensino fundamental tem um papel essencial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, pois é nesse período que se estabelecem os fundamentos para a aprendizagem ao longo da vida. O estágio supervisionado, parte integrante da formação de futuros professores, oferece uma oportunidade valiosa para que eles compreendam os desafios e explorem as possibilidades de uma prática educativa qualitativa.

A partir da realização das atividades desenvolvidas ao longo da disciplina de Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR), ficou evidente o elo teoria e prática. Esse estágio possibilitou que os acadêmicos em formação conhecessem o ambiente escolar, observando e realizando intervenções pedagógicas em prol do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem significativos, tanto para os alunos da escola estagiada, como para os acadêmicos da UNESPAR.

Vale apontar que uma prática pedagógica significativa vai além da simples transmissão de conteúdo, ela busca envolver os alunos em atividades que façam sentido para suas vidas, tendo em vista que ensinar,

[...] não é o domínio de uma lista de conteúdos, de programas fragmentados em anos e séries lineares e cumulativos, mas sim de 'chaves de leitura' desse mundo, traduzidos por eixos ou núcleos organizadores [...], capaz de abrigar e dar sentido às novas afirmações que os alunos venham a obter de diferentes fontes (Sampaio, 1998 apud Sforzi; Galuch, 2006, p. 221).

Logo, ausência de discussões em torno do conteúdo escolar, não decorre da impossibilidade de problematizá-lo, mas pode repousar na ideia de que valorizar a transmissão do conhecimento sistematizado significaria o retrocesso à prática e a ideários pedagógicos já superados (Sforzi; Galuch, 2006). Nesse viés, é necessário que a apropriação do conhecimento seja realizada levando em consideração sua relevância para o desenvolvimento do psiquismo infantil. Isso exige levar em conta os interesses, os conhecimentos prévios e o contexto social dos alunos, promovendo uma aprendizagem que vá além da memorização e que incentive o pensamento crítico, a criatividade e a autonomia.

Neste artigo, buscamos examinar a importância de uma prática pedagógica significativa nos anos iniciais do ensino fundamental, com base em experiências e observações realizadas durante o estágio supervisionado. Vamos discutir os principais desafios para garantir uma educação de qualidade, bem como as estratégias que podem tornar o aprendizado mais envolvente e relevante para os alunos. Além disso, abordamos a necessidade de uma formação contínua e reflexiva dos educadores, para que possam lidar com a diversidade e as exigências do ambiente escolar. Dessa maneira, objetivamos contribuir para a compreensão das práticas pedagógicas que podem transformar a educação nos primeiros anos, proporcionando uma base sólida e significativa para o desenvolvimento integral dos alunos.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE

O estágio supervisionado na pedagogia busca conectar os fundamentos teóricos aprendidos na universidade com a prática do dia a dia. Voltado para os acadêmicos na graduação de formação de professores, esse componente curricular proporciona uma realidade profissional, inserindo os alunos em uma instituição de ensino para atuarem como observadores. O principal objetivo dessa experiência é compreender a dinâmica escolar em suas diversas dimensões e principalmente estabelecer o elo teoria e prática. Além de instrumentalizar “[...] o aluno do curso de formação de professores na construção de sua práxis pedagógica” (Almeida, 2008, p. 222).

Os estudos de PIMENTA (1994) ao fazer uma retrospectiva histórica da configuração do estágio supervisionado nos mostram que a problemática da separação entre a teoria e as questões práticas do processo de ensino se fez desafio constantes reformas dos cursos de formação de professores. Num primeiro momento a prática foi organizada a partir do entendimento de que seria o mesmo que aquisição de experiência (Almeida, 2008, p. 219).

Contudo, o estágio supervisionado estabelece a relação teoria e prática, além de partir das dimensões: “[...] o que ensinar, como ensinar, para quem e para que” (Almeida, 2008, p. 221). Nesse patamar, Almeida (2008, p. 223) afirma que “[...] para compreender qualquer objeto de estudo, é necessária a consciência de que os fatos ou fenômenos não existem em si mesmos, são determinações sociais atreladas ao modo de produção da vida material”, conseqüentemente, no estágio, temos a presença da prática e da teoria, como processos inseparáveis.

Para que ocorra estas experiências a universidade está interligada com o município junto com escola desta forma possa fluir as práticas em conjunto e teoria. É fundamental ressaltar que a prática pedagógica no contexto escolar deve estar profundamente ancorada em processos de reflexão e criticidade. As atividades direcionadas ao cotidiano escolar devem englobar não apenas a observação e participação, mas também o desenvolvimento de intervenções pedagógicas intencionais, que visem a melhoria contínua do processo de ensino e aprendizagem.

Por se tratar de uma atividade de formação docente, na qual os acadêmicos são inseridos no ambiente escolar, torna-se indispensável que esses sejam orientados pelo professor responsável pela disciplina, de modo a desenvolverem suas ações sob uma perspectiva qualitativa e significativa, garantindo a articulação entre teoria e prática, e promovendo uma educação que vá além do conteúdo, priorizando o desenvolvimento integral dos estudantes.

A questão do estágio supervisionado na formação de professores tem sido discutida historicamente, a partir do entendimento de que seria este o elemento curricular dos cursos de formação de professores responsável por assegurar a unidade teoria e prática desta formação. O estágio é entendido, desta forma, como um elemento decisivo no que diz respeito a qualidade do ensino. (Almeida, 2008, p. 219).

Conforme evidenciado acima, podemos observar a importância do estágio supervisionado na formação docente, destacando seu papel essencial entre a teoria e a prática, pois a partir dessas duas vertentes o acadêmico irá aplicar o conhecimento teórico em situações práticas adquiridas no ambiente escolar. Ao interligar teoria e prática, os futuros professores poderão estar mais preparados para um futuro profissional, pois essas situações oferecem uma vivência real possibilitando ao

professor em formação refletir sobre suas ações e adaptar suas abordagens em sala de aula, contribuindo para uma aprendizagem crítica e reflexiva.

2.2 PRÁTICA PEDAGÓGICA E AS AÇÕES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Durante o período de observação do estágio supervisionado, os acadêmicos realizaram anotações e registros, com o objetivo de registrar situações relevantes que serão discutidas posteriormente em sala de aula. Essa iniciativa visa promover uma análise crítica dessas vivências, estimulando uma reflexão aprofundada sobre os desafios e práticas observadas durante o estágio supervisionado. Ao final, os acadêmicos assumem a regência das aulas, vivenciando plenamente o processo de ensino e aprendizagem.

No estágio supervisionado, tivemos a oportunidade de atuar com turmas de 2º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental. Essa vivência nos possibilitou observar de perto as distintas fases de desenvolvimento dos alunos e compreender como adaptar nossas práticas pedagógicas para atender às necessidades específicas de cada turma. Além disso, pudemos perceber que o interesse das crianças pelo estudo e pela escola se manifesta de maneiras variadas, evidenciando a importância de criar um ambiente acolhedor e estimulante que promova a curiosidade e o prazer pela aprendizagem.

A realização do estágio, embasado em uma fundamentação teórica sólida, enriquece a formação dos futuros professores. Essa prática, sustentada pelo conhecimento teórico, não apenas prepara o graduando para o ambiente escolar, mas também aprofunda sua compreensão sobre os desafios e as demandas da docência, proporcionando uma visão mais completa e crítica do ensino.

Saviani (1992), afirma que, “A educação é entendida, [...] como um fenômeno próprio dos seres humanos. Seres humanos que se constituem enquanto tal processo de produção de sua existência. Esta produção se dá no processo de adaptação da natureza ao próprio homem, o que significa agir na e sobre esta natureza promovendo sua transformação. Esta ação intencional é definida como trabalho” (Saviani, 1992 apud Almeida, 2008, p. 220).

Saviani (1992 apud Almeida, 2008) sugere que a educação é um processo único da experiência humana, visto como parte fundamental da produção de nossa existência. Segundo ele, a educação envolve a adaptação e transformação do meio natural em algo que atenda às necessidades humanas, um processo que se caracteriza como trabalho intencional. Essa perspectiva destaca a educação não apenas como um meio de transmitir conhecimento, mas como uma atividade essencial que molda o ser humano e o seu modo de existir, interligando educação e trabalho de forma inseparável.

Na formação docente se destaca como um componente essencial do currículo, exigindo uma compreensão profunda das dinâmicas em sala de aula e reforçando a responsabilidade na formação prática dos futuros professores. Durante as observações participativas, os acadêmicos se integram às atividades cotidianas da escola, sendo incentivados a interagir e a vivenciar ativamente a prática docente. Essa experiência envolve uma ampla gama de aspectos do ambiente escolar, incluindo as interações entre alunos e professores, as metodologias utilizadas, os desafios e conflitos que surgem no ambiente da sala de aula, e as variadas formas de ensinar e aprender.

Por meio dessa imersão, os futuros docentes desenvolvem uma percepção mais apurada sobre a complexidade da prática pedagógica e a adaptabilidade necessária para atender à diversidade educacional presente no contexto escolar.

A transferência, em seu sentido mais simples, refere-se à aplicação de conhecimentos, habilidades e atitudes a situações reais cotidianas. Essa noção pode ser, também, facilmente constatada na prática dos professores em todos os níveis de ensino, pela presença de entendimentos como: os estudantes transferem automaticamente para a vida cotidiana os conceitos abstratos aprendidos na aula; o professor passa a matéria, os estudantes aprendem e aplicam o aprendido; a aprendizagem deve ocorrer dedutivamente, ou seja, a teoria antes da prática - o professor faz as generalizações para o aluno; a aprendizagem relevante é aquela voltada para a vida prática, que desenvolve competências para a vida cotidiana; para aprender bem é preciso exercitar, treinar as faculdades mentais como memória, atenção, vontade (Sawrey; Telford 1971 apud Mouly, 1973, p. 293).

Essas noções refletem uma perspectiva linear e direta da aprendizagem, onde o professor apresenta generalizações e os alunos, supostamente, aplicam e internalizam o conteúdo para a vida cotidiana. A importância do exercício mental para o aprendizado, como treino de memória, atenção e força de vontade, o que corresponde a uma visão mais clássica do desenvolvimento de competências. No entanto, em práticas educativas mais contemporâneas, muitos teóricos defendem que a transferência de conhecimento nem sempre é automática e requer métodos que incentivem a reflexão crítica, o engajamento e a contextualização dos conteúdos, para que de fato ocorram em situações reais.

No desenvolvimento do estágio, os estudantes de pedagogia foram orientados a elaborar planejamentos de aulas, fundamentando-se em documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Planejamento Curricular Municipal, de modo a alinhar suas práticas ao modelo adotado nas escolas. Esse processo de planejamento não se limita apenas ao cumprimento de diretrizes, mas diferencia-se pela necessidade de projetar e executar ações pedagógicas que considerem o desenvolvimento psicológico e cognitivo das crianças. A construção das aulas, então, exige que os acadêmicos integrem teorias do desenvolvimento infantil, garantindo que as atividades propostas sejam adequadas às etapas de crescimento e aprendizado dos alunos. Tal abordagem permite que os futuros docentes desenvolvam um olhar mais atento e reflexivo sobre as necessidades pedagógicas de cada faixa etária, promovendo uma formação mais completa e conectada à realidade escolar.

Levamos em consideração que o ensino deve “[...] tomar como ponto de partida os conhecimentos prévios dos alunos acerca dos conteúdos das diferentes áreas do conhecimento.” (Sforni; Galuch, 2006, p. 219). Na realidade o processo de ensino e aprendizagem deve sempre valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, pois são eles que servem de base para a construção de novos conhecimentos. Conforme defendem Sforni e Galuch (2006), a partir desses conhecimentos iniciais é possível integrar as diferentes áreas do conhecimento de maneira mais significativa. Essa prática de ensino centrada no aluno permite que o processo educativo se torne mais fluido, pois considera a experiência e as percepções que cada estudante já possui, facilitando a introdução e compreensão de novos conceitos.

Ao estabelecer uma relação entre os conceitos espontâneos e os científicos, o processo de aprendizagem se torna mais robusto e dinâmico. Asbahr (2016) destaca que os conceitos espontâneos, formados a partir das experiências cotidianas e da interação social, são a base para a aquisição de conceitos científicos. À medida que o aluno aprende novos conceitos científicos, os conceitos espontâneos se reconfiguram e se ampliam, permitindo uma compreensão mais profunda e sistematizada do mundo. Assim, o ensino passa a ser um processo de continuidade contínua, onde a prática pedagógica deve ser sensível a essas interações entre os tipos de conceitos.

Esses princípios ressaltam a importância de uma prática pedagógica que integra o conhecimento do aluno com as exigências acadêmicas, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e participativo. Quando o ensino parte do conhecimento prévio e trabalha a partir da interdependência entre conceitos espontâneos e científicos, ele se alinha a uma abordagem mais dialógica e crítica. Dessa forma, o estudante é incentivado a refletir sobre suas percepções, ampliando suas habilidades de análise e crítica, e possibilitando que seu aprendizado se torne cada vez mais profundo e significativo.

Com essa visão, espera-se que os acadêmicos criem condições que realmente possibilitem ao aluno apropriar-se do conteúdo de forma significativa. Isso envolve desde a criação de aulas inovadoras, que utilizem recursos pedagógicos diversificados e estimulantes, até gestos mais simples, como uma escuta atenta e genuína. A capacidade de ouvir o aluno, valorizar suas dúvidas e respeitar o seu tempo de aprendizado são atitudes que reforçam a conexão entre o professor e o estudante. A humanização desse processo de ensino transforma a experiência educativa em algo mais próximo e acolhedor, proporcionando um ambiente onde o aluno se sinta seguro para explorar, questionar e construir seu próprio conhecimento.

O estágio prepara para um trabalho coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais (Pimenta; Lima, 2004, p. 56).

Pimenta e Lima (2004) ressalta que o ensino é essencialmente uma atividade coletiva, que ultrapassa o trabalho isolado de um único professor. O estágio supervisionado, nesse contexto, não apenas forma o futuro professor nas competências individuais, mas também o insere em uma dinâmica de trabalho colaborativo, fundamental para o ambiente escolar. Ao participar de um coletivo, os estagiários têm a oportunidade de entender como as práticas de ensino são moldadas e influenciadas pelas interações entre colegas de profissão, pela cultura institucional da escola e pelos contextos sociais e históricos que envolvem a educação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das considerações apresentadas ao longo deste estudo, cujo objetivo foi descrever a importância do estágio supervisionado na formação docente, a partir das experiências e saberes adquiridos no estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental, conclui-se que o estágio desempenha um papel preponderante na formação profissional do futuro professor. Esta experiência é essencial para que os futuros docentes se preparem adequadamente para a prática pedagógica em sala de aula.

Após vivenciar essa prática, os estagiários sentem-se mais capacitados a enfrentar os desafios inerentes à profissão docente. Nesse sentido, o estágio curricular supervisionado, como já discutido, deve ser considerado um instrumento crucial na formação do professor, pois oferece elementos indispensáveis para o exercício diário da profissão em formação.

Durante o estágio supervisionado, o acadêmico, futuro educador, tem a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos, refletindo sobre cada aula com vistas a promover melhorias e transformações ao longo do processo. As aprendizagens dessa experiência prática influenciam o cotidiano profissional, uma vez que cada turma apresenta particularidades que demandam posturas pedagógicas diferenciadas. A cada novo ciclo escolar, surgem novas situações, as quais exigem do professor atualizações constantes, bem como a flexibilidade necessária para

adaptar sua metodologia e práticas pedagógicas de acordo com as necessidades específicas dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia. Idade escolar e atividade de estudo: educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. In: MARTINS, Ligia; ABRANTES, A; FACCI, M. (Org). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico**. São Paulo: Autores associados, 2016.

ALMEIDA, C. M. de. Prática de formação: estágio supervisionado: ideias iniciais. In: PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Fundamentos teóricos-metodológicos das disciplinas da proposta pedagógica curricular, do curso de formação de docentes**: curso de formação de docente – normal, em nível médio. Curitiba: SEED, 2008. p. 219-226.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004

SILVA, D. S. **O estágio supervisionado é uma etapa fundamental na formação acadêmica, possibilita a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos na sala de aula, além de promover o desenvolvimento de habilidades profissionais em um ambiente real de trabalho**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2020. p. 45.

SILVA, H, I; GASPAR, M. **Estágio Supervisionado**: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de licenciatura em pedagogia. Revista brasileira de estudos pedagógicos, v. 99, n. 251, p. 205-221, jan./abr. 2018.

SFORNI; Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 217-229, 2006.

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA MULTIPLICAÇÃO NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

LIMA, Lorena Azevedo de¹
SILVA, Mariana Zanelato da²
PIZOLI, Rita de Cassia³

RESUMO: Este relato tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas no estágio nos anos iniciais na sala do segundo ano de uma escola municipal do noroeste do Paraná. Com a intenção de refletir a transição do processo dos jogos de papéis para a construção do conhecimento científico, a aprendizagem conceitual nas séries iniciais deve ser estimulada de forma significativa e contextualizada, para que os alunos possam atribuir sentido aos conceitos e aplicá-los em diferentes situações do cotidiano. A partir da compreensão teórica sobre o período denominado “atividade de estudo” (ELKONIN, 1998) direcionamos nossa observação para perceber suas características no desenvolvimento das crianças e percebemos a necessidade de organizarmos uma atividade que mobilizasse a atividade principal desse período. O objetivo da observação das aulas foi perceber quais situações foram desencadeadoras de investigação e aprendizagem, despertando a curiosidade das crianças, bem como a forma como foram encaminhadas os procedimentos metodológicos de resolução de problemas, realizados de forma individual e coletiva. A aula foi direcionada para o ensino da ideia de multiplicar por meio da adição internalizando o conceito de parcelas iguais por meio da malha quadriculada. Concluímos que organizar o ensino de forma a motivar os estudantes a se engajarem na atividade de estudo e apropriarem-se do pensamento teórico é um desafio e portanto, apontamos também as dificuldades que tivemos ao longo deste processo.

Palavras-chave: Atividade de estudo. Anos iniciais. Ensino de matemática. Adição de parcelas iguais.

1 INTRODUÇÃO

No decorrer da disciplina de Ensino Estágio nos anos iniciais do ensino fundamental, realizamos estágios supervisionados com as crianças do 2º ano do ensino fundamental, em uma instituição municipal de Paranavaí na região noroeste

1 Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lorenaazevedopedagogia@email.com.

2 Graduando(a) do Curso de XXXXX da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), autor2@email.com.

3 Titulação; Professor orientador e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), orientadorousupervisor@email.com.

do Estado do Paraná. Esta experiência associada aos autores estudados (Asbahr, 2016), (Sforni, 2006a), (Sforni, 2006a) permitiu ampliar o nosso olhar sobre a docência e o ensino nos anos iniciais da educação básica.

Estudos baseados na teoria histórico cultural nos levou a ter reflexões sobre ensinar de forma significativa, internalizando o conceito científico para os alunos. Abordaremos então nossas observações e intervenção partindo desses pressupostos teóricos metodológicos. Serão apresentadas as vivências, as metodologias adotadas e as lições aprendidas, destacando a importância desse processo formativo para a atuação profissional futura.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estágio é uma etapa fundamental na formação docente, pois ele permite ao estudante vivenciar a realidade da sala de aula, colocando em prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso. Dessa forma, o estágio se apresenta como uma oportunidade de integrar teoria e prática, além de possibilitar a reflexão sobre a própria prática pedagógica, pois segundo Almeida (2008, p.225) “[...] a teoria, que por si só não transforma o mundo real, torna-se prática quando penetra na consciência dos homens”.

De acordo com a teoria histórico-cultural (THC) o professor deve levar em consideração questões sociais do convívio do aluno ao ensinar algo, enfatizando a importância das interações sociais e culturais no processo de aprendizado e desenvolvimento humano.

Além disso, o estágio nos permite entrar em contato com a realidade da escola, compreendendo as demandas e desafios enfrentados pelos professores no dia a dia.

Desta forma, se destaca que trabalhamos na formação daqueles que muito provavelmente atuarão na escola pública, escola que na realidade brasileira, capitalista, atende à maioria da população, ou seja, os filhos das camadas trabalhadoras. Assim, nos interessa discutir, em que sentido e de que forma, a organização do estágio supervisionado na formação dos professores pode colaborar para sua “elevação cultural” (Almeida, 2008, p.220).

Cabe a nós, que seremos os novos profissionais na educação, nos questionarmos o “para quê e para quem vamos ensinar”. A THC nos fornece uma estrutura rica para entender o complexo processo de desenvolvimento da criança em

idade escolar, destacando a importância das relações sociais, da cultura e da mediação no aprendizado. Essa abordagem não só enriquece a prática pedagógica, mas também possibilita um olhar mais atento e compreensivo sobre as necessidades e potencialidades dos alunos.

A aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental refere-se ao processo de construção do conhecimento por meio da compreensão e internalização de conceitos fundamentais em diversas disciplinas. Essa etapa da educação básica é crucial para o desenvolvimento cognitivo e intelectual das crianças, pois é nela que são estabelecidas as bases para o aprendizado futuro. Com estudos baseados na teoria histórico-cultural, na lei de desenvolvimento geral, Vigotski mostra que a aprendizagem é um processo interpsíquico e intrapsíquico, ou seja, depende das interações com a cultura. Quanto maiores as oportunidades de aquisição cultural, melhor as possibilidades de desenvolvimento das capacidades psíquicas. Nesse sentido, direcionamos as observações das aulas para perceber a metodologia da professora em questionar e provocar a problematização geradora de curiosidade para a busca do conhecimento científico.

Consideramos que há uma periodização no desenvolvimento entendida como um processo que se dá em espiral, em saltos qualitativos se não de forma evolutiva como se entendia na psicologia tradicional. Nos anos iniciais a criança encontra-se na transição entre a atividade de brincadeira de papéis, onde está conquistando autonomia pela aquisição de regras, e a atividade de estudo, que perdura até a adolescência.

É importante ressaltar que a aprendizagem conceitual nas séries iniciais deve ser estimulada de forma significativa e contextualizada, para que os alunos possam atribuir sentido aos conceitos e aplicá-los em diferentes situações do cotidiano. Esta fase é marcada pela aquisição dos conhecimentos científicos, ou seja, a maneira como a humanidade resolve os problemas de forma científica, e isso é ensinado gradualmente na escola por meio da metodologia de ensino gradual, que vai proporcionar o crescimento intelectual no entendimento dessas resoluções. É o processo de consolidação do pensamento teórico. Além disso, é fundamental que os educadores estejam sempre atentos ao desenvolvimento cognitivo e emocional de cada estudante, adaptando suas práticas pedagógicas de acordo com as necessidades individuais. Quanto maiores as oportunidades de aquisição cultural, melhor as possibilidades de desenvolvimento das capacidades psíquicas.

Em nossos estágios de observação, os dias conciliavam com as aulas de matemática e ciências. Foi decidido pela professora regente que nossa intervenção seria sobre o conteúdo de matemática, especificamente sobre a multiplicação do número cinco. Pensamos em planejar uma aula que de fato fizesse a diferença na aprendizagem e internalização da ideia de multiplicar. Pesquisamos várias técnicas nos livros didáticos e decidimos trabalhar com a malha quadriculada.

A turma já havia passado por várias trocas de professores ao longo do ano letivo, o que acaba contribuindo para uma problemática no ritmo da sala. Mas assim como estudado em sala na universidade sabemos que para uma aprendizagem crítica significativa é necessário adotar métodos onde os alunos consigam internalizar o conhecimento científico, relacionar com sua utilização no cotidiano, a partir de uma didática afirmativa, estimulando o pensamento por meio de uma problemática do assunto.

A partir do conjunto de informações, constatamos que a tarefa de pensar a organização de um ensino que mobiliza as funções psíquicas e promova aprendizagem, pressupõe também a ação por parte do professor, de pensar quais conteúdos o estudante já domina e quais não domina, bem como pensar que pode mobilizá-lo para a aprendizagem. (NAVI e SFORNI, 2019, p.95).

Acreditamos que o ensino deve partir dos comentários dos alunos após a problematização do conteúdo, conseguindo explorar aquilo que a criança já sabe e explorar novos conceitos. Assim, iniciamos a aula perguntando às crianças a importância de se estudar a multiplicação e como podemos observar sua utilização em nosso dia a dia, utilizamos exemplos de como seria difícil fazer uma compra grande e somente chegar ao resultado por meio da adição, seria demorado e não muito eficaz.

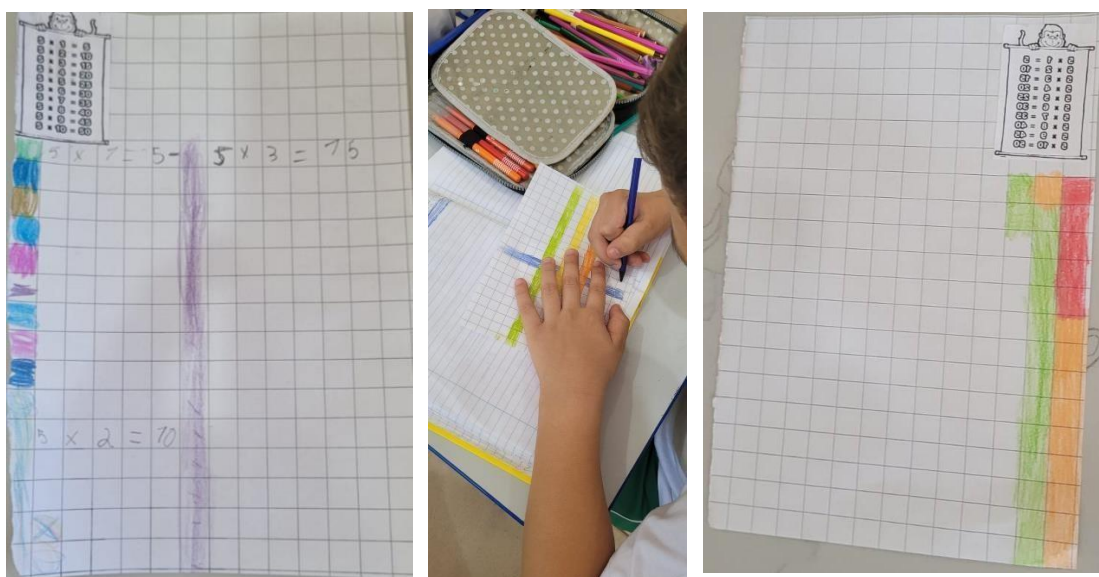
Dentre os conceitos matemáticos, destaca-se a multiplicação, isso porque, segundo Rosa (2012), é uma das operações básicas da aritmética que implica em multiplicar sucessivas vezes um mesmo número a fim de se chegar a um resultado ou produto quando se deseja calcular grandes quantidades. Desse modo, a multiplicação torna possível dobrar, triplicar, quadricular e assim sucessivamente grandes

quantidades. (Gil e Arrais, 2021, p.77). Se não tivesse a necessidade de se somar grandes quantidades não haveria necessidade de se aprender a multiplicação, pois é a soma de parcelas.

A multiplicação é utilizada em diversas situações do dia a dia e poderia ser mais explorado nas escolas, com problematizações mais próximas a real necessidade de multiplicar, por exemplo, se 10 países disputarem uma competição esportiva com 22 atletas em cada equipe, a contagem um a um levaria tempo e não seria tão eficaz. (Gil e Arrais, 2021, p.80).

Ensinaamos o multiplicar por meio da adição das parcelas iguais e, para o registro escrito, contamos com o apoio do material dourado e da pintura na malha quadriculada. A primeira atividade foi registrar a tabuada do 5 na malha. Desenhamos na lousa uma malha em tamanho grande para melhor visualização, e explicamos passo a passo de como utilizá-la. Nesse momento observamos os alunos confusos, pois estavam acostumados com atividades mecânicas, sem de fato compreender o processo. Ensinaamos a como representar a operação na malha quadriculada, enfatizando a ideia da soma da adição das parcelas. Neste momento ficamos bem apreensivas pois percebemos que os alunos não compreendiam o comando da atividade e estavam realizando de forma incorreta, como apresentado em alguns exemplos abaixo.

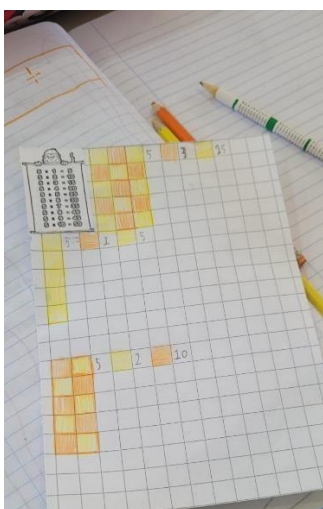
Figura1. Atividade efetuada de maneira incorreta



Fonte: Arquivo próprio (2024)

Ao percebermos que não estavam compreendendo a proposta de desenhar colunas com quantidades iguais, tentamos retomar a reflexão e alguns conseguiram fazer de forma correta, como podemos ver na figura abaixo:

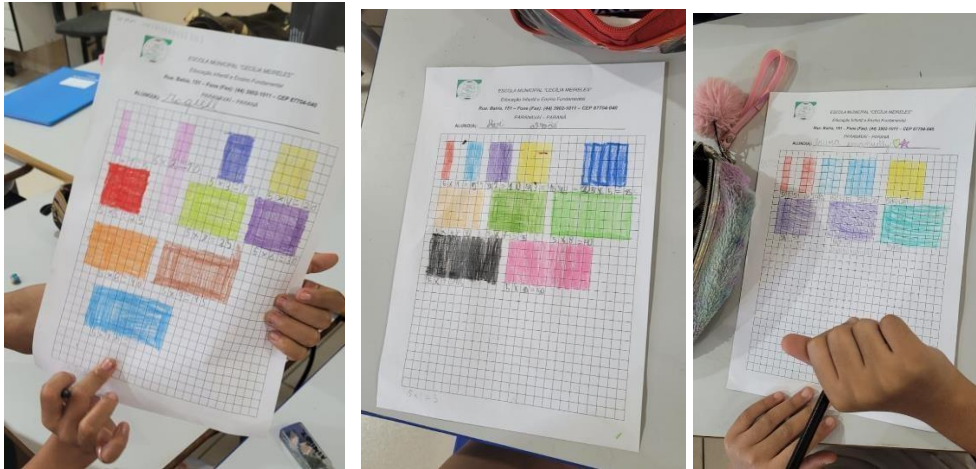
Figura 2: Atividade correta



Fonte: Arquivo próprio (2024)

Ressaltamos que muitos fatores interferem nesse resultado, podemos citar algumas questões comportamentais da turma, que se dispersam facilmente com a presença de estagiárias. Outro aspecto levantado pela professora orientadora do estágio é que nós como professoras regentes não tivemos comandos claros, ficando algumas vezes de costas para os alunos e voltadas para a malha do quadro. Ela tinha pedido que fizéssemos em forma de cartaz em tamanho bem grande e ao desenharmos no quadro em tamanho pequeno, isso resultou em problema de entendimento dos alunos, que não estavam acostumados com o manuseio da malha quadriculada. Resultado oposto ocorreu na sala ao lado onde estava sendo aplicada a mesma atividade. Com certeza, a presença firme da professora da sala desde o início do ano e a condução do comportamento rotineiro foi muito importante, no entanto, a postura no quadro, a malha em tamanho maior e os comandos em voz alta e clara, pedindo para trocar de cor a cada problema e operação fizeram a diferença, como vemos no exemplo abaixo.

Figura 3. Atividade realizada na outra sala



Fonte: Arquivo próprio (2024)

Nesta sala todas as crianças fizeram a atividade correta depois de cada comando e situação problema. Constatamos que a professora tinha trabalhado com esse conceito outras vezes, com outras estratégias. Essa reflexão nos leva a descrever essas dificuldades neste relato porque temos que refletir sobre a aula planejada e compreender os reais motivos da não aprendizagem. Quando a maior parte da turma faz a atividade de forma incorreta, precisamos pensar nos fatores envolvidos, principalmente como foi o ensino, o direcionamento da aula e não apenas nos fatores de comportamento da turma que está defasada na atenção por causa da alta rotatividade de professores nas salas, o que gera dificuldades de aprendizagem na maioria dos alunos.

Depois do intervalo decidimos continuar com a atividade que havia sido planejada, na tentativa de, mais uma vez, trabalharmos algumas situações problemas de forma oral e depois fazer o registro da multiplicação na malha quadriculada com escrita do algoritmo na frente da figura. Após a entrega dos problemas, realizamos a leitura com os alunos, e questionamos o resultado sempre impulsionadas pela necessidade de pôr os alunos a pensarem nas várias alternativas para a resolução.

É evidente, portanto, que o fato de compreender as especificidades da atividade de estudo oferece caminhos para pensar o ensino que promova essa mobilização subjetiva. Sendo assim, torna-se necessário pensar em tarefas que põem em curso o pensamento e que impulsionem o aluno a uma relação teórica com o conteúdo escolar

e que, assim, suas relações possam ser menos diretas e mais mediadas pelo conceito aprendido. (NAVI e SFORNI, 2019, p.97).

Acreditamos, como as autoras que a atividade escolhida ou elaborada pelo professor deve ser analisada em seu potencial para a mobilização das funções psíquicas. Em nossa intervenção tivemos a intenção de relacionar as ações trabalhadas com esta necessidade, por isso, nos preocupamos não apenas em estimularmos a resolução de problemas matemáticos e operações matemáticas, mas sobretudo, tentamos enfatizar qual o conceito principal que deveria ser ensinado. Exemplo dos problemas matemáticos:

1) A professora mandou Joana organizar os livros de matemática de todos os alunos no armário que está no fundo da sala de aula. Ela disse para Joana colocar 6 livros em cada prateleira. Sabendo que Joana utilizou 5 prateleiras para guardar todos os livros, qual o total de alunos nesta turma? A resolução por meio da malha quadriculada e o algoritmo: $5+5+5+5+5+5= 30$ ou $6 \times 5 = 30$.

Para finalizar a aula, preparamos um jogo de multiplicação, confeccionado por nós mesmas, um jogo parecido com um “bingo”, Ex.: se na roleta parasse no número 7, os alunos deveriam assinalar em sua cartela a resposta da operação $5 \times 7 = 35$. Foi um momento divertido onde todos participaram e interagiram. Deixamos disponível o material dourado, em caso de dúvidas, para resolverem. Por meio do jogo notamos bastante acertos nas respostas das operações, o que nos deixou mais animadas. Sabemos que é impossível depreender o aprendizado em apenas uma aula, teríamos que ter um espaço maior de tempo para observar se o conteúdo, de fato, foi internalizado em seu conceito nuclear, ou seja, a soma de parcelas iguais para resolver problemas que envolvem multiplicação. No entanto, pudemos refletir sobre os elementos que envolvem a organização do ensino na sala de aula, sobre o conteúdo, estratégias e, sobretudo, a necessidade de aprimorarmos nossa docência. As experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado na sala do segundo ano nos proporcionaram uma visão prática das contradições e desafios enfrentados nos anos iniciais do ensino fundamental. A transição dos jogos de papéis para a construção do conhecimento científico, especialmente nas séries iniciais, deve ser realizada de maneira contextualizada e significativa para os alunos permitindo que

eles se apropriem dos conceitos e consigam aplicá-los em situações cotidianas. Assim, o estágio não apenas nos ofereceu uma oportunidade de aplicar teorias, mas também nos desafiou a repensar nossas práticas pedagógicas, contribuindo de maneira significativa para nossa formação como futuros docentes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação das aulas de matemática no segundo ano nos estimulou a desenvolver uma prática de ensino que se aproximasse da THC, discutidas em sala de aula na universidade, onde a aprendizagem significativa e a resolução de problemas deveriam ser centrais.

Com base nisso, nossa intervenção pedagógica buscou mobilizar a internalização de conceitos por meio de uma abordagem interativa, utilizando a adição para introduzir a multiplicação, com o uso da malha quadriculada. Essa escolha teve como objetivo tornar o conteúdo mais compreensível, proporcionando uma oportunidade para que as crianças construíssem o conhecimento de maneira significativa.

Por fim, este estágio nos ensinou que organizar o ensino de forma que motive e estimule a atividade de estudo é desafiadora, mas essencial para consolidar a aprendizagem e formar estudantes mais autônomos e reflexivos.

Assim, o estágio não apenas nos ofereceu uma oportunidade de aplicar teorias, mas também nos desafiou a repensar nossas práticas pedagógicas, contribuindo de maneira significativa para nossa formação como futuros docentes.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, F. S. **Idade escolar e atividade de estudo**: Educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2016.

GIL e Arrais. Maria Luiza Evangelista, Luciana Figueiredo Lacanallo. **A multiplicação e o ensino**: um estudo a partir das proposições de Davydov. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 18, p.77-85 jan/dez 2021.

SFORNI; Marta Sueli de Faria; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda.

Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental. Educar, Curitiba, n. 28, p. 217-229, 2006b.

SFORNI, M. S. F.; SERCONEK, G. C.; BELIERI, C. M. (Orgs.). **Aprendizagem conceitual e organização do ensino:** experimentos didáticos na educação básica. Curitiba: Editora CRV, 2019.